

ANAIIS DO

III CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PRÁTICAS
CLÍNICAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS

&

IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

“RESGATANDO O CARÁTER SENSÍVEL DA EXISTÊNCIA.”



Brasil • Rio de Janeiro • 10, 11 e 12 de abril de 2017
UERJ - IFEN



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E ESTUDOS DA
PSICOLOGIA EXISTENCIAL

ANAIS DO

**III CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE
PRÁTICAS CLÍNICAS FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAIS**

&

**IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
PSICOTERAPIA EXISTENCIAL:**

Resgatando o caráter sensível da existência

**BRASIL
RIO DE JANEIRO
2017**

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NÚCLEO MID

- C 749 Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais (3.:2017: Rio de Janeiro)
Anais do 3. Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais; [e] 9. Congresso Latino-Americano de psicoterapia existencial: Resgatando o caráter sensível da existência / [Coordenação geral] Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2017.
432p.

ISBN 978 -85-5676-013-5

1. Psicologia fenomenológica – Congressos – Brasil . 2. Psicologia existencial – Congressos - Brasil. I. Resgatando o caráter sensível da existência. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de psicologia. Laboratório de fenomenologia e estudos da psicologia existencial - LAFEPE/UERJ. III. Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de.
CDU 159.9:165.62

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ruy Garcia Marques

Vice-reitor: Maria Georgina Muniz Washington

Sub-reitoria de Graduação: Tânia Maria de Castro Carvalho Neto

Sub-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Egberto Gaspar de Moura

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Diretora: Márcia Mota Peruzzi

Vice-diretora: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E ESTUDOS DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL - LAFEPE/UERJ

Coordenadora: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais & IX Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial: Resgatando o caráter Sensível da Existência .

O conteúdo dos resumos é de inteira responsabilidade de seus autores.

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Psicologia (IP), Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia Existencial (LAFEPE/UERJ) e Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN)

COORDENAÇÃO GERAL:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – *UERJ*

COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA

Elaine Lopez Feijoo - *IFEN*

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – *IFEN*

Myriam Moreira Protasio – *UERJ e IFEN*

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – *UERJ*

Alexandre Trzan - *UERJ e IFEN*

Bernardo Rocha de Farias - *UERJ e IFEN*

Carolina Mendes Campos - *IFEN*

Carolina Freire de Araújo Dhein - *UERJ e IFEN*

Elaine Lopez Feijoo - *IFEN*

Fernando Magliano - *UERJ e IFEN*

Lorena Léa Braga - *IFEN*

Lúcia Regina da Silveira Scarlati - *UERJ e IFEN*

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – *IFEN*

Myriam Moreira Protasio – *UERJ e IFEN*

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Alexandre Trzan - *UERJ e IFEN*

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo - *UERJ*

Bernardo Rocha de Farias - *UERJ e IFEN*

Carolina Mendes Campos - *IFEN*

Carolina Freire de Araújo Dhein - *UERJ e IFEN*

Fernando Magliano - *UERJ e IFEN*

Lúcia Regina da Silveira Scarlati - *UERJ e IFEN*

Myriam Moreira Protasio - *UERJ e IFEN*

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa - *IFEN*

CONSULTORES AD HOC:

Alberto de Castro - *ALPE e Uninorte - Colombia*

Daniel Sousa – *ISPA e SPPE – Portugal*

Emílio Rometo - *ALPE - Brasil*

Esperanza Abadjuieff - *ALPE - Argentina*

Gabriela Florez - *ALPE - México*

Marta Beatriz Guberman - *ALPE - Argentina*

Max Jiménez - *ALPE - México*

Ramiro Gómez - *ALPE e UIGV - Peru*

Susana Signorelli - *ALPE - Argentina*

Teresa Cherman - *ALPE - Argentina*

Victor Amorim – *ISPA e SPPE - Portugal*

Yaqui Martínéz - *ALPE - México*

MONITORES

Adriana Silva Queiroz - *UERJ*

Alisson Francisco Saraiva - *UERJ e IFEN*

Deany Yukari Komesu - *UFRJ*

Guilherme da Silva Sant'Anna - *UERJ*

Flávia Moreira Protasio - *IBMR e IFEN*

Isabela Ferreira Lopes Xavier - *UERJ*

Jessica Melo Lima - *UERJ*

Loíse Lorena Silva do Nascimento - *UERJ*

Mariana Carneiro Silva - *UERJ*

Tayane Cristina Campista Muniz - *UFRJ*

Thayane Gaspar Jorge - *UERJ*

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DOS ANAIS:

Myriam Moreira Protasio

EQUIPE EDITORIAL:

Deany Yukari Komesu - *UFRJ*

Flávia Moreira Protasio - *IBMR e IFEN*

Tayane Cristina Campista Muniz - *UFRJ*

APOIO:

FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

CRP – Conselho Regional de Psicologia

SPPE – Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial - PORTUGAL

ISPA – Instituto Universitário: Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida de Lisboa. – PORTUGAL

ALPE – Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial

APRESENTAÇÃO

O Rio de Janeiro - mais especificamente, a UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - acolhe, mais uma vez, um grupo internacional de pesquisadores da psicologia fenomenológico-existencial, unindo dois grandes eventos: o **III Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais** e o **IX Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**. Foram dois os motivos que levaram à realização destes dois eventos ao mesmo tempo. Primeiramente, estes eventos são itinerantes e o Rio de Janeiro foi escolhido como sede dos dois congressos internacionais para o ano de 2017. Em segundo lugar, porque estamos em fase de preparação para o **II Congresso Mundial de Terapia Existencial**, que ocorrerá em Buenos Aires entre os dias 8 e 11 de maio de 2019 e nossa expectativa é que este encontro de 2017. Ao unir estes dois grandes congressos internacionais, acreditamos que daremos mais força a este movimento, incrementaremos parcerias e consolidaremos uma rede de colaboração mundial.

Um pouco da história destes dois grandes eventos dará a dimensão dos trabalhos que vêm sendo realizados. O **I Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Diálogo entre a Filosofia e a Psicologia** teve sua primeira edição, no período de 24 a 26 de outubro de 2012, e inaugurou a parceria UERJ/IFEN e SPPE (Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial). Desta parceria resultou o convênio internacional entre o Instituto de Psicologia da UERJ e o Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – ISPA, de Lisboa. O **II Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Casos Clínicos e Aplicabilidade em Contextos Profissionais**, ocorreu em Lisboa, nos dias 24 e 25 de outubro de 2014, tendo sido acolhido pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISPA), que sediou o evento.

Com relação aos congressos Latino-Americanos, devemos começar por esclarecer que a ALPE - Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial é uma associação sem fins lucrativos que foi criada por ocasião do **III Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, ocorrido em Buenos Aires, em 2010, promovendo a união dos países latinos ao redor da temática existencial em psicologia. Em 2011 o Rio de Janeiro sediou o **IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, entre os dias 16 e 18 de novembro, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O **V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** ocorreu na Cidade do México nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2012. O **VI Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** ocorreu, novamente, na Argentina, porém dessa vez na cidade de Mendoza nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2013 e contou com cerca de 200 profissionais oriundos de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru. Em 2014 sucedeu-se

em Bogotá, na Colômbia, na sede da Universidad Santo Tomás Sede em Claustro, o **VII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**. No ano de 2015 a ALPE optou por não realizar um evento próprio como forma de estimular seus membros a participarem do **Primeiro Congresso Mundial de Psicoterapia Existencial** que aconteceu em Londres, Reino Unido, nos dias 13, 14, 15 e 16 de maio de 2015. Em 2016 ocorreu em Lima, no Peru, o **VIII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, entre os dias 15 a 17 de setembro.

Agora, em 2017, ao unirmos estas duas forças no **III Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais & IX Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, escolhemos como tema central **Resgatando o caráter sensível da existência**. Em torno deste tema se organizaram pesquisadores do pensamento de Heidegger, Kierkegaard, Sartre, Merleau-Ponty e outros pensadores, oriundos de diversas áreas de estudo como a Psicologia, a Filosofia, a Literatura e vindos de diversas regiões do Brasil e do mundo. O tema **Resgatando o caráter sensível da existência** surge de forma relevante na medida em que abre a oportunidade de repensarmos os pressupostos e métodos clínicos que vêm sendo amplamente problematizados e pesquisados na atualidade. Tendo a tradição positivista de pensamento capturado a Psicologia de forma majoritária, buscando definir a vida em sistemas explicativo-causais, a experiência sensível imediata humana ficou relegada a uma consideração de menor importância. Vale trazermos à lembrança que Søren Kierkegaard (1813-1855), que tem sido considerado o pai do existencialismo, acenou amplamente para a importância de retomada do sensível numa época em que a filosofia tentava suplantar a experiência sensível (estética) em nome da necessidade de controle e de certezas absolutas. Assim, o tema **Resgatando o caráter sensível da existência** explicita o objetivo deste congresso de congregar a diversidade do pensamento existencial como uma possibilidade de se ampliar o debate em Psicologia para além da tradição hegemônica, constituindo-se no comprometimento de resgate do movimento contingente da vida, abafado pelos discursos tecnicistas. Através do diálogo com professores e alunos de universidades brasileiras e internacionais esperamos manter acesa a lembrança do caráter mais originário da existência, o qual tende a ser pensado separado e submetido às ordens normativas da ciência ou mesmo do senso comum.

Com esta publicação o público tem acesso ao resumo das conferências, palestras, mesas redondas, sessões coordenadas e pôsteres que compuseram a vasta programação do **III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais & IX Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** e que foi dividida pelos três dias do encontro. Com este material os interessados podem conhecer todas as temáticas que fizeram parte do congresso e se aproximarem dos temas que mais lhe atraírem. Na medida de seus interesses, podem se dirigir aos autores em busca de mais informações.

Desejamos a todos um bom congresso e uma feliz estadia no Rio de Janeiro.

Sumário

1. CONFERÊNCIAS	26
1.1. COMPRENDIENDO EL PROCESO DE EXPERIENCIA EN PRIMERA PERSONA	26
Alberto Mario De Castro Correa	
1.2. CUIDADO DE SI EM KIERKEGAARD EM SUA RELAÇÃO COM A CLÍNICA PSICOLÓGICA	28
Myriam Moreira Protasio	
1.3. HYBRIS E PSICOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DA MEDIDA EXISTENCIAL	30
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	
1.4. MISERIA Y GRANDEZA DEL SER HUMANO	32
Susana Signorelli	
1.5. O VISÍVEL E O INVISÍVEL NO MUNDO DOS SONHOS – OS PROBLEMAS SUSCITADOS DESDE UMA PERSPECTIVA HERMENÊUTICA COMPREENSIVA.....	34
Emilio Romero	
1.6. PRINCÍPIOS DE EFICIÊNCIA PSICOTERAPÊUTICA E PSICOTERAPIA EXISTENCIAL.	36
Daniel Sousa	
1.7. SÉCULO 21: QUE DESAFIOS PARA A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL?	37
Victor Amorim Rodrigues	
2. PALESTRAS	38
2.1. A ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM INSTITUIÇÕES COMO PROPICIADORA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	38
Vera Engler Cury	
2.2. A CRISE PSÍQUICA ENQUANTO PARADIGMA FENOMENOLÓGICO DO SOFRIMENTO HUMANO: DA CLÍNICA DO CUIDADO (ÔNTICO) AO EXISTIR HUMANO (ONTOLÓGICO)...	40
Ileno Izídio da Costa	
2.3. A EXISTÊNCIA HUMANA: DA INEXORABILIDADE DO DESTINO À ESPERANÇA	41
Carmem Lucia Brito Tavares Barreto	
2.4. A EXISTÊNCIA HUMANA PARA ALÉM DOS ESTÁGIOS DA VIDA	42
Ana Maria Monte Coelho Frota	
2.5. A INCLUSÃO PRÉ-ONTOLÓGICA DO DASEIN COMO CERNE DA DASEINANALYSE DE ALICE HOLZHEY-KUNZ.....	44
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista	
2.6. ANGÚSTIA E ANSIEDADE: UM ESBOÇO HISTÓRICO-CONCEITUAL E UMA PERSPECTIVA SARTREANA	46
André Barata	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
2.7. A PARANÓIA COMO EXPRESSÃO DAS CONTRADIÇÕES ENTRE O SINGULAR E O UNIVERSAL: REFLEXÕES A PARTIR DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO	48
Daniela Ribeiro Schneider	
2.8. CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE OS SONHOS E SUAS RELAÇÕES COM A PSICOTERAPIA.....	50
Roberto Novaes de Sá	
2.9. CORPOS EM QUEDA: SOBRE SUICÍDIOS EM PONTES E AS DETERMINAÇÕES DA EXISTÊNCIA NA ERA DA TÉCNICA	52
Elza Dutra	

2.10. FENOMENOLOGIA, PSICOTERAPIA E CLÍNICA: DESAFIOS ENTRE O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO	54
Adriano Furtado Holanda	
2.11. INTERCORPOREIDADE E CLÍNICA	56
Mônica Botelho Alvim	
2.12. MICHEL HENRY E A INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL	58
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez	
2.13. MUNDO DO TRABALHO, SUBJETIVIDADE SEM VALOR E A NECESSIDADE DE RESGATE DA DIMENSÃO ESTÉTICA.....	59
Fernando Gastal de Castro	
2.14. OS AFETOS: ASPECTOS SENSÍVEIS DA EXISTÊNCIA	61
José Paulo Giovanetti	
2.15. PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO CARTOGRÁFICA CLÍNICA: ACONTECER CLÍNICO.....	62
Henriette Tognetti Penha Morato	
2.16. UMA FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA NO CORPO A CORPO ESPORTIVO: DO CASO DO MMA A UM CRITÉRIO NORMATIVO	63
Cristiano Roque Antunes Barreira	
2.17. VIDA AFETIVA.....	57
Josefina Daniel Piccino	
2.18. VIKTOR FRANKL E A DOCILIDADE MESSIÂNICA: UM ENSAIO DE ARTICULAÇÃO DO SENTIDO	59
Josemar de Campos Maciel	
3. MESAS REDONDAS.....	68
3.1. A ANGÚSTIA ENTRE HEIDEGGER E KIERKEGAARD: CONSONÂNCIAS	68
Leosir Santin Massarollo Junior	
3.2. A CLÍNICA AMPLIADA SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA DA AMBIGUIDADE DE MERLEAU-PONTY.....	70
Anna Karynne Melo	
3.3. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE.....	72
Elina Eunice Montechiari Pietrani	
3.4. A DIMENSÃO SENSÍVEL NA PRÁTICA CLÍNICA GESTÁLTICA: CONVOCAÇÕES DE UMA CIÊNCIA NO FEMININO.....	73
Laura Cristina de Toledo Quadros	
3.5. A EXPERIÊNCIA DA ARTE E A PSICOTERAPIA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS ..	75
Crisóstomo Lima do Nascimento	
3.6. A EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO DE ALUNOS EM INÍCIO DE GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA CLÍNICA.....	77
Cesar Dias de Oliveira	
Laiz Maria Silva Chohfi	
3.7. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO FAZER ARTESANAL EM DIÁLOGO COM O CONTEXTO DE TRABALHO HIPERMODERNO	79
Giovana Fagundes Luczinski	
3.8. A HISTORICIDADE NA PESQUISA EM PSICOLOGIA: DISCUTINDO O SENTIDO METAFÓRICO E ALEGÓRICO NO PESQUISAR.....	80
Henriette Tognetti Penha Morato	
Pedro Vitor Barnabé Milanese	
3.9. A PRÁTICA DA SUPERVISÃO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DO SERTÃO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	82

Sílvia Raquel Santos de Moraes	
3.10. A SAUDADE COMO REPETIÇÃO: A NOVA EXPERIÊNCIA EM REGRESSO AO PARAÍSO DE TEIXEIRA DE PASCOAES.....	84
Eduardo da Silveira Campos	
3.11. A TEATRALIZAÇÃO NA VIDA E NA ARTE: DIÁLOGOS E TENSÕES EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA	85
Michelle Thieme de Carvalho Moura	
3.12. “A VIDA TAMBÉM É PARA SER LIDA”: ARTICULAÇÕES ENTRE CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA E LITERATURA.....	86
Lúcia Regina da Silveira Scarlati	
3.13. AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO: UMA PSICOLOGIA NA RUA EM ARRU(A)ÇÃO87	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Suely Emilia de Barros Santos	
3.14. AÇÃO PSICOLÓGICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS: HISTORICIDADE, PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E IMPLICAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS	89
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
3.15. ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: COMPREENDENDO O CUIDADO A PARTIR DE HEIDEGGER.....	91
Marciana Gonçalves Farinha	
3.16. ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO: UNA HERRAMIENTA DE REFORMA EN SALUD MENTAL DESDE UNA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	92
Thaís de Sá Oliveira	
3.17. CLÍNICA E POLIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICA.....	93
Luis Eduardo França Jardim	
Maíra Mendes Clini	
3.18. CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM ADOLESCENTE: UM ESTUDO DE CASO.....	95
Bianca Borges de Azevedo	
Edson Ribeiro de Andrade	
3.19. CORPO E INTERSUBJETIVIDADE NA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL DO LUTO	97
Joanneliese de Lucas Freitas	
3.20. DA CRÍTICA À CLÍNICA: O PENSAMENTO DO SENTIDO E A PSICOTERAPIA.....	99
Fernando da Rocha Magliano	
3.21. DE-PARAR: EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO DE PLANTÃO NA IMERSÃO DA CRISE NO CONTEXTO HOSPITALAR	101
Jailton Bezerra Melo	
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	
3.22. ENTRAVES À SUSPENSÃO DO MUNDO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA – PROCESSOS DE AUTOENGANO	103
Alexander de Carvalho	
3.23. EXISTÊNCIA E FINITUDE: DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO	105
Paulo Victor Rodrigues da Costa	
3.24. FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E A “CLÍNICA DOS TRANSBORDAMENTOS”	106
Myrna Coelho	
3.25. FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE: REFLEXÕES DA AÇÃO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS	107
Sáshenka Meza Mosqueira	

3.26. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA, FENOMENOLOGIA E NARRATIVA: PERCURSO METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA EM PSICOLOGIA CLÍNICA.....	108
Marcus Tulio Caldas	
Rafael Auler de Almeida Prado	
3.27. IMPACTOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO EXISTIR COTIDIANO DO BRASILEIRO.....	110
Luis Eduardo França Jardim	
3.28. LA VEJEZ Y EL DILEMA EXISTENCIAL DEL 'ADULTO MAYOR'	111
María Estela Alvarez de Spano	
3.29. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE JEAN-PAUL SARTRE: ESBOÇOS PARA UMA PSICOLOGIA NORMATIVA?.....	112
Carolina Freire de Araújo Dhein	
3.30. NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIOS SOBRE PLANTÃO PSICOLÓGICO NOS ANOS INICIAIS: FUNDAMENTOS E MODO DE REALIZAÇÃO	113
André Prado Nunes	
Henriette Tognetti Penha Morato	
3.31. O HABITAR E A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA NA CONTEMPORANEIDADE. CONSIDERAÇÕES EXISTENCIAIS E ÉTICAS.....	115
Luiz José Veríssimo	
3.32. O PESQUISAR FENOMENOLÓGICO: CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA A PARTIR DO PRÓPRIO PESQUISAR.....	117
Henriette Tognetti Penha Morato	
Vitor Sampaio	
3.33. O OLHAR FENOMENOLÓGICO NO ATENDIMENTO INFANTIL PELA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA	118
Karla Galvão Cerávolo Suassuna Martins Costa	
Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa	
3.34. PENSANDO A CLÍNICA A PARTIR DO ROMANCE "A NÁUSEA": CONTIGÊNCIA, LIBERDADE E TEMPORALIDADE	120
Carolina Mendes Campos	
3.35. PENSANDO A ONTOLOGIA DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA NA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SUS	121
Alessandro Gemino	
3.36. PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIVASF (CEPPSI): CONTRIBUIÇÕES, CONQUISTAS E DESAFIOS.....	123
Barbara Eleonora Bezerra Cabral	
Silvia Raquel Santos de Moraes	
3.37. PLANTÃO PSICOLÓGICO: AÇÃO DE CUIDADO À EDUCAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO	124
Anne Crytie da Silva Miranda	
Erika Hofling Epiphany	
3.38. POR UM SILÊNCIO DO SER.....	126
Maria Madalena Magnabosco	
3.39. PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: COMPREENSÃO AO LUME DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	127
Ana Maria de Santana	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
3.40. PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: DAS DISTINTAS APROPRIAÇÕES AO OBSCURECIMENTO DO FUNDAMENTO. AFINAL, O QUE É EXISTÊNCIA?	128
Bernardo Rocha de Farias	
3.41. PSICOLOGIA, PSIQUIATRIA E FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA	129

Milene Lucila Lamanauskas	
3.42. QUESTÕES METODOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: COMPONDO O CAMINHO PELA VIA DO HÓDOS-METÁ.....	130
Henriette Tognetti Penha Morato	
Suely Emilia de Barros Santos	
3.43. RE-PENSAR O DITO HUMANO NA PSICOTERAPIA A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER.....	132
Débora Gill	
3.44. SERVIÇO DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CEPESI/UNIVASF: DESAFIOS E IMPASSES FRENTE A DEMANDAS EMERGENCIAIS	133
Melina Pereira	
Shirley Macêdo	
3.45. SUBJETIVIDADE E LITERATURA NO PENSAMENTO SARTREANO E PIRANDELLIANO.....	135
Lucrecia Corbella	
3.46. SUPERVISÃO DE CAMPO A ESTAGIÁRIOS NOS ANOS INICIAIS: DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO	136
Andrea Cristina Morganti	
Joyce Cristina de Oliveira Rezende	
3.47. UMA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA DOS DIREITOS HUMANOS.....	138
Alexandre Trzan Ávila	

4. PESQUISAS 139

4.1. POR UM NÚCLEO DE ATENDIMENTO CLÍNICO A PESSOAS EM RISCO DE SUICÍDIO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO ATO DE PÔR FIM À VIDA	139
4.1.1. A (IN) DECISÃO DE PÔR FIM À VIDA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS DISCURSOS CLÍNICOS.....	139
Isabela Ferreira Lopes Xavier	
4.1.2. A EXPERIÊNCIA DO VER EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	140
Flávia Moreira Protasio	
4.1.3. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE CARTAS DE SUICÍDIO	141
Mariana Carneiro Silva	
4.1.4. DOR, SOFRIMENTO E PÔR FIM À VIDA: UMA ANÁLISE CRÍTICA	142
Guilherme da Silva Sant'Anna	
4.1.5. ENCAMINHAMENTOS PSICOTERÁPICOS COM JOVENS QUE PENSAM EM SUICÍDIO.....	143
Elaine Lopez Feijoo	
4.1.6. MORTE VOLUNTÁRIA: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA MÍDIA VIRTUAL SOBRE SUICÍDIOS.	144
Loíse Lorena Silva do Nascimento	
4.1.7. O SOL POENTE: SUICÍDIO, MEMÓRIA E SAUDADE NA OBRA DE CARLOS CASARES	145
Thayane Gaspar Jorge	
4.1.8. PERFIL E DEMANDAS DOS ALUNOS ATENDIDOS NO NÚCLEO DE ACOLHIDA AO ESTUDANTE – NACE (2011-2016)	146
Débora Helena do Nascimento	
Maria Christina Paixão Maioli	
Rachel Alonso de Azevedo	
4.1.9. PREVENÇÃO AO ATO DE POR FIM À VIDA E A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	148

Adriana Silva Queiroz	
4.1.10. SUICÍDIO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	149
Jessica Melo Lima	
4.1.11. UM ESTUDO SOBRE A (DES)MORALIZAÇÃO DO SUICÍDIO	150
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa	
4.2. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO	151
4.2.1. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 1.....	151
Johana Carolina De La Ossa Sierra	
4.2.2. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 2.....	152
Jennifer Paola Flórez Donado	
4.2.3. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 3.....	154
Alberto Mario De Castro Correa	
4.3. FENOMENOLOGIA DESCRITIVA E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA EM CLÍNICA PSIQUIÁTRICA E EXISTENCIAL	156
4.3.1. A AÇÃO CLÍNICA A PARTIR DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E ANALÍTICA DO SER-AÍ	156
Fabíola Pozuto Josgrilberg	
4.3.2. PSICOPATOLOGIA E TRANSTORNO DA EXISTÊNCIA	158
Josefina Daniel Piccino	
4.3.3. PSICOLOGIA, PSIQUIATRIA E FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA.....	159
Milene Lucila Lamanauskas	
4.4. USO DE DROGAS: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS	160
4.4.1. DIALÉTICA UNIVERSAL-SINGULAR E USO DE DROGAS: REFLEXÕES A PARTIR DE SARTRE	160
Daniela Ribeiro Schneider	
4.4.2. FENOMENOLOGIA DO USO DE DROGAS	162
Marcelo Sodelli	
4.4.3. USO DE DROGAS E PÓS-MODERNIDADE	163
Lucas Francis e Silva Ong	
4.5. PESQUISA QUALITATIVO-FENOMENOLÓGICA: MODOS DE PROCEDER NA COMPREENSÃO DE POSSIBILIDADES CLÍNICAS.....	164
4.5.1. COMPREENDENDO AS TÉCNICAS PROJETIVAS PELA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: PODEMOS PENSAR UMA NOVA METODOLOGIA DE ANÁLISE?.....	164
Débora Candido de Azevedo	
Marcos Alberto Taddeo Cipullo	
4.5.2. PROCEDIMENTOS EM PESQUISA QUALITATIVA: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.....	166
Maria Aparecida Viggiani Bicudo	
4.5.3. SÉCULO XXI: A MORTE DA MORTE – POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA MÉDICA COM OS PROCESSOS DE PERDA NO CONTEXTO HOSPITALAR.....	168

5. SESSÕES COORDENADAS.....	170
5.1. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA E A SUPERAÇÃO DA INGENUIDADE HERMENÊUTICA DE HUSSERL	170
Lucas Francis e Silva Ong	
5.2. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE CURTA DURAÇÃO E SUA EFICÁCIA.....	171
Bianca Maturana Sala	
5.3. A CONSTRUÇÃO DE UM SERVIÇO DE ATENÇÃO EM SAÚDE PARA ALUNOS VIA CARTOGRAFIA CLÍNICA.....	172
Cesar Dias de Oliveira	
Laiz Maria Silva Chohfi	
5.4. A ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA COMO DESAFIO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: EXPERIÊNCIA DE QUINTANISTAS	174
Ingrid Farrenkopf Wolff	
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	
Rosa Elisa Madeira	
5.5. A EXISTÊNCIA FÁTICA E A “VIDA SECA”: CONTRIBUIÇÕES DE MARTIN HEIDEGGER.....	176
Camila Pacheco Gomes	
Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens	
5.6. A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E A CLÍNICA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA.....	178
Myrna Coelho	
5.7. A INTERLOCUÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES NO ATENDIMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL À CRIANÇA IMIGRANTE EM VULNERABILIDADE	179
Isaac da Silva Alves	
Sáshenka Meza Mosqueira	
5.8. A LUDOTERAPIA NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS HOSPITALIZADAS SOBRE A ÓTICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	181
Aline Cadurini Pezzin	
Joselaine Lopes de Oliveira	
Karolyne Fagundes de Paula	
Kenya Fischer Belo	
5.9. A NOÇÃO DE INCONSCIENTE NAS OBRAS PÓSTUMAS DE MERLEAU-PONTY	183
Juliana Ribeiro de Paiva	
Virginia Moreira	
5.10. A POSSIBILIDADE DE UMA DASEINANÁLISE COMO UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	185
Katyana Martins Weyh	
5.11. A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL	186
Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
5.12. A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA ESCOLA: ARTE COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA DISCUSSÃO DE TEMAS FUNDAMENTAIS	188
Fabíola Freire Saraiva de Melo	
Raquel Saad de Avila Morales	
5.13. A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA NO TRATAMENTO DO PACIENTE GRAVE, CONTRIBUIÇÕES DE BINSWANGER E CALLIERI.....	190
Andrés Eduardo Aguirre Antunéz	
José Tomás Ossa Acharán	

5.14. A PSICOTERAPIA DE GRUPO NO PROCESSO DA ADAPTAÇÃO ACADÊMICA: UM ENFOQUE EXISTENCIAL	192
Carla Cristine Vicente	
Daiane Bocard do Couto	
5.15. A VIVÊNCIA DA PSICOTERAPIA DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS	194
Luís Henrique Fuck Michel	
Joanneliese de Lucas Freitas	
5.16. ACOLHIMENTO NO LUTO ANTECIPATÓRIO: UMA COMPREENSÃO DASEINSANALÍTICA DE MEDARD BOSS	196
Bruna Sena Gaino	
Candido Jeronimo Flauzino	
5.17. ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO DE GRUPO E A PSICOPATOLOGIA FENÔMENO-ESTRUTURAL: UM ESTUDO DE CASO	197
Demétrius Alves de França	
5.18. ACONTECÊNCIA HUMANA: REFLEXÕES SOBRE O MODO DE SER-PARA-INÍCIO .	198
Marcelo Sodelli	
Priscilla Andrea Glaser	
5.19. AMBULATÓRIO DE OBSTETRÍCIA: ACOLHIMENTO ÀS GESTANTES –ESPAÇO DE DIÁLOGO E REFLEXÃO.....	199
Andréa Cristina Tavelin Biselli	
5.20. ANGÚSTIA E PENSAMENTO: O PROBLEMA DO NADA EM HEIDEGGER E O CAMPO DO CONHECIMENTO.....	201
Matheus de Siqueira Talão	
5.21. A QUESTÃO DO FEMININO EM EDITH STEIN: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO .	202
Élida Francisca Leal Guimarães	
Tommy Akira Goto	
5.22. ARTES E EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE: MAPEANDO DEMANDAS, PROMOVENDO SAÚDE E CAPACITANDO ESTUDANTES DE PSICOLOGIA	204
Ana Soares Teixeira Leite	
Melina de Carvalho Pereira	
Shirley Macêdo	
Vanessa Rodrigues Lima	
5.23. AS FLORES DE PLÁSTICO NÃO MORREM: IMPESSOALIDADE E ANGÚSTIA EM UMA SUPERVISÃO FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	206
Aguinaldo José da Silva Gomes	
5.24. AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS – IAA´s PARA COMPREENSÃO DE FENÔMENOS CLÍNICOS E PSICOPATOLÓGICOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	207
Jean Marlos Pinheiro Borba	
5.25. AS PESQUISAS QUALITATIVAS HERMENÊUTICAS EM PSICOLOGIA	208
Marciana Gonçalves de Farinha	
Sashenka Meza Mosqueira	
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
5.26. AS RESSONÂNCIAS DO “PROJETO PROJÓVEM” NA EXISTÊNCIA DO ADOLESCENTE.....	210
Gabriel Felipe Justino	
Josefina Daniel Piccino	
Marlene Marchi de Sousa	
5.27. ATELIÊ DE DESENHO DE LIVRE-EXPRESSÃO COM CRIANÇAS ABRIGADAS: INTERLOCUÇÃO COM MICHEL HENRY	212
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez	

Erika Rodrigues Colombo	
5.28. ATENÇÃO PSICOLÓGICA À FAMÍLIA ENLUTADA DE PACIENTES EM MORTE ENCEFÁLICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	214
Priscila de Lima Souza	
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
Susan Gomes Coutinho de Jesus	
5.29. ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: UMA COMPREENSÃO EXISTENCIAL.....	216
Érica Andrade Rocha	
Tommy Akira Goto	
5.30. ATENDIMENTO CONJUNTO A ASSISTIDOS DE JUSTIÇA GRATUITA: EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	218
Henriette Tognetti Penha Morato	
Joyce Cristina de Oliveira Rezende	
5.31. ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	220
Marciana Gonçalves de Farinha	
Sashenka Meza Mosqueira	
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
5.32. ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM UM CAPSAD: TENSÕES, AMBIGUIDADES E AVANÇOS NA REFORMA PSIQUIÁTRICA	222
Marciana Gonçalves de Farinha	
Sashenka Meza Mosqueira	
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
5.33. AVANÇOS NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA DO TRABALHO NA SUPERVISÃO DE ESTÁGIOS NO CEPESI/UNIVASF	224
Shirley Macêdo	
5.34. COMUNICAÇÃO POR CARTAS ENTRE CRIANÇAS E ESTUDANTES DE PSICOLOGIA.....	226
Fabíola Freire Saraiva de Melo	
5.35. CONCEPÇÕES DE UMA EQUIPE DE SAÚDE SOBRE A PERMANÊNCIA DE FAMILIARES NA EMERGÊNCIA HOSPITALAR.....	227
Priscila de Lima Souza	
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
Susan Gomes Coutinho de Jesus	
5.36. CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A DIMENSÃO AFETIVA DO PROCESSO PSICOTERÁPICO	229
Maitê Sartori Vieira	
Roberto Novaes de Sá	
5.37. CONSIDERAÇÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE O TEMPO E A CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	231
Fernando da Rocha Magliano	
Maitê Sartori Vieira	
5.38. CONSOLIDAÇÃO DA ATENÇÃO PSICOLÓGICA NO SETOR DE EMERGÊNCIA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	233
Priscila de Lima Souza	
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
Susan Gomes Coutinho de Jesus	
5.39. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA A TUTORIA EM PSICOLOGIA INTENSIVA.....	235
Priscila de Lima Souza	
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
Susan Gomes Coutinho de Jesus	

5.40. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA UMA ATUAÇÃO CRÍTICA DO PSICÓLOGO NA EDUCAÇÃO	237
Fabíola Freire Saraiva de Melo	
5.41. CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTREANO PARA A PRÁTICA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO.....	238
Franciele Cabral Leão	
Marina Meneguetti Vaccaro	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
5.42. CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO ARENDTIANO PARA O ATENDIMENTO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO –EXISTENCIAL ÀS CRIANÇAS E PAIS	240
Fabíola Freire Saraiva de Melo	
5.43. CORPO EM QUESTÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O CORPO AMPUTADO E AÇÃO CLÍNICA.....	241
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Jailton Bezerra Melo	
5.44. DASEINSANÁLISE: POSSIBILIDADES INICIAIS PARA SE PENSAR UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM BASES EXISTENCIAIS	242
Luiz Henrique Birck	
5.45. (DES)ABRIGANDO ANGÚSTIAS: AMPLIAR CUIDADOS AO RESIDIR DA PRÁTICA PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE	243
Ana Maria Sá Barreto Maciel	
Ana Paula Gaudino de Oliveira	
José Leandro Aleixo	
5.46. DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA CLÍNICA EM ESTAGIÁRIOS DO CEPESI/UNIVASF.....	245
Jean Carlos de Sá	
Luanna Santos	
Shirley Macêdo	
5.47. DIÁLOGOS ENTRE ARTE, TERAPIA E A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE.....	247
Cristiana Fernandes Moura	
Isabel Maria de Araújo Botelho	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
5.48. EMPATIA, CORPOREIDADE E AUTENTICIDADE EM EDITH STEIN.....	249
Achilles Gonçalves Coelho Júnior	
Cristiano Roque Antunes Barreira	
5.49. ENLUTAMENTO POR SUICÍDIO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA	251
Edson Pilger Dias Sbeghen	
Lucia Cecília da Silva	
5.50. ENSINANDO FENOMENOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO INSITUTO SEDES SAPIENTIAE.....	253
Fabiola Freire	
Myrna Coelho	
5.51. ENTRE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA: O SENTIDO DO TRABALHO PARA UM EGRESSO PENITENCIÁRIO	255
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	
Rafaella Andreeta	
5.52. ESBOÇO DE UMA COMPREENSÃO DE INFÂNCIA EM MERLEAU-PONTY: POSSÍVEL FUNDAMENTO PARA A PSICOTERAPIA INFANTIL.....	256
Rosa Angela Cortez de Brito	
Virginia Moreira	

5.53. ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE OS MOTIVOS E MOTIVAÇÃO: BUSCA DE HOMENS POR PROFISSIONAIS DO SEXO	257
Bruna Alves Schievano	
Tommy Akira Goto	
5.54. EUTANÁSIA ASSISTIDA E POLÍTICAS PÚBLICAS: QUESTÕES QUE TANGEM A POSTURA DO PSICOTERAPEUTA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL	259
Marcelo Fernandes Costa	
Sane Masson Costa	
5.55. EXPERIÊNCIA DE ABANDONO E ACOLHIMENTO: QUESTIONAMENTOS DE UMA CRIANÇA NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	260
Mirella Karina Agochian	
Sáshenka Meza Mosqueira	
5.56. EXPERIÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO EM HOSPITAIS: FORMAÇÃO E AÇÃO CLÍNICA	262
Carlos de Sousa Filho	
Kleiton Aparecido de Oliveira	
Marciana Gonçalves Farinha	
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
5.57. EXPRESSÕES DA ANGÚSTIA NA CLÍNICA PSICOLÓGICA	264
Carmem Lucia Brito Tavares Barreto	
Ellen Fernandes Gomes da Silva	
5.58. FENOMENOLOGIA E SAÚDE MENTAL: UM APELO AO RESGATE DA EXPERIÊNCIA DO SUJEITO EM SOFRIMENTO PSÍQUICO	266
André Pimenta de Melo	
Bruno Bauer Saracino	
5.59. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL SOBRE A IDENTIDADE DA JOVEM MÃE	267
Aléxya Cristal Brandão de Lima	
Halaine Cristina Pessoa Bento	
Talitha Lúcia Macêdo da Silva	
5.60. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DOS SENTIDOS DA MATERNIDADE PARA JOVENS RORAIMENSES	269
Aléxya Cristal Brandão de Lima	
Halaine Cristina Pessoa Bento	
Talitha Lúcia Macêdo da Silva	
5.61. INFÂNCIA E MORTE: EXPERIÊNCIA EM UBS COM CRIANÇAS QUE FALAM EM SUICÍDIO.	271
Livia Peretti Duarte	
5.62. INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS DE ORIENTAÇÃO LOGOTERAPÊUTICA COM PACIENTES ONCOLÓGICOS E FAMILIARES: RELATOS DE EXPERIÊNCIA	272
Achilles Gonçalves Coelho Júnior	
Dionete Maria Mendes Nogueira	
5.63. LITERATURA E INFÂNCIA: A COMPREENSÃO DO LUGAR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	274
Alessandra Marques	
Cynthia Prado	
Debora Andrade	
Luciana Szymanski	
Nathália Machado	
5.64. MATERNIDADE COMO ESCOLHA EXISTENCIAL EM J. P. SARTRE	276

Deise Gabriela Bays	
5.65. O CORPO VIVIDO NA ANOREXIA SOB A LENTE DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY.....	277
Lucas Guimarães Bloc	
Márcia Helena Nogueira da Silva	
Virginia Moreira	
5.66. O CUIDAR NO ESPORTE: UM ESTUDO COM ATLETAS DE FUTSAL FEMININO	279
Matheus Vasconcelos Torres	
5.67. O ESPAÇO COMO HORIZONTE E INTERPRETAÇÃO DO SER SEGUNDO HEIDEGGER.....	280
Maria Lucivane de Oliveira Moraes	
Roberto S. Kahlmeyer-Mertens	
5.68. O ESPAÇO COMO HORIZONTE E O HABITAR COMO EXPERIÊNCIA: A FENOMENOLOGIA COMO (DES)CAMINHO.....	281
Victor Tinoco Delgado	
5.69. O ESTIGMA DO USO DE DROGAS ENQUANTO MEDIDA HISTÓRICA DO PROIBICIONISMO	283
André Pimenta de Melo	
5.70. O LUTO NA PERDA GESTACIONAL PRECOCE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	284
Joanneliese de Lucas Freitas	
Luiza Sionek	
5.71. O PROJETO DOS PAIS COM O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO DE SEUS FILHOS.....	285
Lúcia Cecília da Silva	
Renata Rodrigues Penha de Souza	
5.72. O QUE TEMOS A DIZER? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO PELO OLHAR DO PSICÓLOGO.	287
Naiana Carvalho da Cunha	
5.73. O RASTRO DO CORPO DOBRADO: ENSAIO TEÓRICO SOBRE CORPOREIDADE E FENOMENOLOGIA EM MERLEAU PONTY	288
Caroline Petersen	
Lucia Marques Stenzel	
5.74. O SENTIDO DO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DA PERSPECTIVA DE MÃES E PROFESSORAS	290
Lia Spadini da Silva	
Luciana Szymanski	
5.75. O TEMA DO AMOR PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA E PARA A FENOMENOLOGIA..	292
Marcello Furst de Freitas Accetta	
5.76. O VERBO SE FEZ IMAGEM: CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA PELA COLAGEM	293
Ana Karoline Leite Valadão	
Marta Carmo	
5.77. OFICINA DE DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA: PRÁTICA DE CAPACITAÇÃO E CUIDADO AO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA.....	295
Gledson Wilber de Souza	
Monzitti Baumann Lima	
Shirley Macêdo	
5.78. OLHANDO PARA O AUTISMO: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES A PARTIR DE SARTRE.....	297
Camila Leão Gadelha	

Carolina Mendes Campos	
5.79. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO POSSIBILIDADE VISLUMBRANDO POSSIBILIDADES NO CONTEXTO CLÍNICO.....	299
Cleina Roberta Biagi	
5.80. PARA ALÉM DO CASO CLÍNICO - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROCESSO DE SUPERVISÃO CLÍNICA	300
Camila Stefan de Andrade	
Julia Novaes Silva	
Marcello Furst de Freitas Accetta	
5.81. PENSAR A CLÍNICA A PARTIR DE IDEIAS DO SEGUNDO HEIDEGGER: ARTE E ESPAÇO	302
Maíra Mendes Clini	
5.82. PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO “XI DE AGOSTO”: POSSIBILIDADES DE ESCUTA E INTERVENÇÃO	303
André Prado Nunes	
Andrea Cristina Morganti	
Carla Carminholi	
Joyce Cristina de Oliveira Rezende	
5.83. PLANTÃO PSICOLÓGICO: AS AFETAÇÕES NO PLANTONISTA	305
Mauro Lana Vieira	
Priscila dos Santos Menegatti	
Vívian Bearzotti Pires	
5.84. PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: COMPREENSÃO AO LUME DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	307
Ana Maria de Santana	
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
5.85. PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO EM CLÍNICA-ESCOLA: CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA ...	308
Michelle Ribeiro Duarte	
Patricia Riquelme de Souza	
Sáshenka Meza Mosqueira	
5.86. PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA	310
Jadhy Walkirene Santos Correa	
5.87. PSICOTERAPIA DE GRUPO: AS PRIMEIRAS SESSÕES COM ADOLESCENTES EM VIOLAÇÃO DE DIREITO	311
Glenda Fernandes Nascimento Magalhães	
Marta Carmo	
5.88. REFLETINDO A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL E A SUPERVISÃO CLÍNICA EM PSICOLOGIA.....	313
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Celina Maria Aragão Ximenes	
5.89. REFLEXÕES ACERCA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DO ORGANIDRAMA	315
Deany Yukari Komesu	
Fernando Gastal de Castro	
Tayane Cristina Campista Muniz	
5.90. REFLEXÕES ACERCA DE UMA CLÍNICA PSICOLÓGICA DE INSPIRAÇÃO HEIDEGGERIANA	317
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Celina Maria Aragão Ximenes	

5.91. REFLEXÕES ACERCA DO SER PSICÓLOGA EM FORMAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	319
Allany Freitas Souza	
Suely Emilia de Barros Santos	
5.92. REFLEXÕES NA CONSTRUÇÃO DO SER MATERNO E PATERNO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	321
Silvileny Dayanne Poncette Neves	
5.93. REFORMA PSIQUIÁTRICA E SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	322
Marciana Gonçalves Farinha	
Sashenka Meza Mosqueira	
Tatiana Benevides Magalhães Braga	
5.94. RELAÇÕES FAMILIARES FRAGILIZADAS: ANÁLISE DO DISCURSO PSICOTERÁPICO DE ADOLESCENTES COM DIREITOS VIOLADOS	324
Andressa Tavares e Silva	
Marta Carmo	
5.95. REPERCUSSÕES SENSÍVEIS DA MÚSICA EM MUSICOTERAPIA: UMA REFLEXÃO EM DIÁLOGO COM MERLEAU-PONTY	326
Bárbara Penteado Cabral	
Mônica Botelho Alvim	
5.96. TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A CRISE EXISTENCIAL	328
Hinayana Leão Motta	
Valdir Barbosa da Silva Junior	
5.97. “TIRANDO OS SAPATOS”: UMA SUPERVISÃO CLÍNICA EM PSICOLOGIA COMO MEDITA-AÇÃO DE PEREGRINOS	329
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto	
Celina Maria Aragão Ximenes	
5.98. TOMADA DE CONSCIÊNCIA E FENOMENOLOGIA.....	331
Edson Ribeiro de Andrade	
Érica Henrique Ribeiro-Andrade	
5.99. UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE CORPO E AFETO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	333
Camila Stefan de Andrade	
5.100. UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA E SUA INSERÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS.....	334
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Priscila Neves Moreira	
5.101. UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA “CRACOLÂNDIA EM SOFRIMENTO”.....	335
Danilo Paiva Pescarmona	
Myrna Coelho	
5.102. UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO LUTO POR MORTE DE ANIMAL DE ESTIMAÇÃO	337
Sophia Porto Kalaf	
5.103. UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE A PSICOTERAPIA NA ERA DA TÉCNICA.....	338
Julia Novaes Silva	
Pedro Victor Castro Novaes de Sá	
5.104. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA TEMPORALIDADE NA FENOMENOLOGIA FILOSÓFICA.....	340

6. PÔSTERES	342
6.1. A CONSCIÊNCIA DE SER-NO-MUNDO ATRAVÉS DA LITERATURA.....	342
Letícia Aydos da Silva	
6.2. A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM E SUA IMPORTÂNCIA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA.....	343
Ana Paula Queiroz Campos	
6.3. A “CORPORALIZAÇÃO DO CORPO VIVIDO” NA DEPRESSÃO MELANCÓLICA: O OLHAR DE THOMAS FUCHS.....	344
Camila Souza	
Victor Leite	
Virginia Moreira	
6.4. A DANÇA COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY	346
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Ingrid de Souza Manhães	
6.5. A DESOCUPAÇÃO EM JOVENS RECÉM GRADUADOS: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA	348
Elza Dutra	
Malu Nunes de Oliveira	
6.6. A ESCOLHA PROFISSIONAL EM QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE O POP – PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	350
Adria de Lima Sousa	
Emilly Lima De Sousa	
Janaína Duarte Dos Santos Ferreira	
Leandro Calixto Magalhaes	
Luana Potira Aviz Da Silva	
Renato Lima Dos Santos	
6.7. A EXISTÊNCIA DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO CUIDADA PELO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT)	352
Ana Celeste de Araújo Pitiá	
Camila Góes	
Janaína Faria de Souza	
Josefina Piccino	
Marlene de Cássia Trivellato Ferreira	
Silmara Bastos Dias	
6.8. A EXPERIÊNCIA DA TRAVESTILIDADE NA REDE DE ATENDIMENTO DO SUS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA	354
Adria de Lima Souza	
Caio César de Alcântara Bonates	
Cleison Guimarães Pimentel	
Denys de Paula Almeida	
Gabriela Medeiros Reis	
Ingrid Mariana de Holanda Pinto Sarraff	
Kennedy Ferreira da Silva	
6.9. A EXPERIÊNCIA VIVENCIAL DIANTE DA EXPECTATIVA DA APOSENTADORIA.....	356
Josefina Daniel Piccino	
Keila Cristiane Maniero Peraçoli	
Marlene Marchi de Sousa	

Norma Regina Spiri Figueiredo	
6.10. A LEITURA E A ESCRITA COLETIVAS DE HISTÓRIAS À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL SARTREANA.....	358
Cristiana Fernandes Moura	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
Giovanni Perruci Ribeiro	
Vannessa Brasil Fernandes de Oliveira	
6.11. A PESSOA HUMANA À LUZ DA TERAPIA DE INTEGRAÇÃO PESSOAL/ABORDAGEM DIRETA AO INCONSCIENTE	360
Ana Carolina Duarte Valadares	
Célia Auxiliadora dos Santos Marra	
Janaina Aparecida Mendonça Santos	
Jocielle Alexandre Figueiredo	
Laura Helena Silva	
Luiza Orlandi Bonela Gomes	
6.12. A PSICOTERAPIA INFANTIL NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	362
Rosa Angela Cortez de Brito	
Sarah Montezuma Pinheiro Cabral	
Virginia Moreira	
6.13. ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA INTERVENÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RORAIMA	364
Aléxya Cristal Brandão de Lima	
Halaine Cristina Pessoa Bento	
Talitha Lúcia Macêdo da Silva	
6.14. ADOLESCÊNCIA NO CONTEXTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: VIVÊNCIAS E DESDOBRAMENTOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA	366
Crisóstomo Lima Nascimento	
Wayne Hamony Santana Barbosa	
6.15. ANGÚSTIA E CONJUGALIDADE: AS RELAÇÕES CONJUGAIS CONTEMPORÂNEAS SOB A PERSPECTIVA DE JEAN-PAUL SARTRE	368
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
Marcela Romero de Souza	
Rafaelle Fernanda Costa Benevides	
6.16. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DE UMA EDUCADORA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE SEU PROJETO PEDAGÓGICO	370
Fernanda Marques De Souza Ingarano	
6.17. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÁ-FÉ NA FILOSOFIA EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE.....	371
Cristiana Fernandes Moura	
Georges Daniel JanjaBloc Boris	
Giovanni Perruci Ribeiro	
Marcela Romero de Souza	
6.18. CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE CUIDADO E ATENÇÃO À COMUNIDADE DO CRUSP	373
Henriette Tognetti Penha Morato	
Jade Caparroz de Almeida	
Morgana Vaz Dantas	
Terumy Reybaud de Oliveira	

6.19. CONTRIBUIÇÕES DO PET-SAÚDE GRADUASUS PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS NO NORDESTE BRASILEIRO	375
Bianca Santos Souto Daniel Muller da Silva Edjan Santos Layta Sena Ribeiro Lilian Karla Siqueira Reginaldo Lima Sílvia Raquel Santos de Moraes Willian Augusto Araújo	
6.20. CONVERGÊNCIAS ENTRE CONSIDERAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL NA PSICOTERAPIA INFANTIL HUMANISTA E REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA EM MERLEAU- PONTY.....	377
Marissa Lima da Silva Rosa Angela Cortez de Brito	
6.21. DANÇA E IMPROVISACÃO COMO EXPRESSÃO DE SUBJETIVIDADES: REVISÃO DE LITERATURA E PERSPECTIVA SARTREANA	379
Cristiana Fernandes Moura Ingrid Coelho Borges Pragmácio Isabel Maria de Araujo Botelho Georges Daniel JanjaBloc Boris	
6.22. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE TRANSCENDER A PARTIR DA PSICOTERAPIA INFANTIL	381
Beatriz Regina Terrão Sanches Franciele Cabral Leão Machado	
6.23. DIFICULDADES E DESAFIOS DO ATENDIMENTO INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	383
Carina Cavalcanti Malu Nunes de Oliveira	
6.24. “EU QUERO MINHA LIBERDADE!”: O CASO DE MARIA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SARTREANA	385
Débora de Sousa Rodrigues Georges Daniel Janja Bloc Boris Ingrid Coelho Borges Pragmácio	
6.25. FATORES QUE PERMEIAM O SUICÍDIO DE HOMOSSEXUAIS - ANÁLISE DE FILME	387
Maria Larissa Castro de Almeida	
6.26. GRUPO TERAPÊUTICO COM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NO CAPS –AD: RELATO DE EXPERIÊNCIA	388
Anna Karynne Melo Célio Darlan Veras e Silva	
6.27. LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E ENGAJAMENTO: CONTRIBUIÇÕES SARTREANAS À COMPREENSÃO DO PODER FEMININO	390
Georges Daniel Janja Bloc Boris Marcela Romero de Souza Rafaelle Fernanda Costa Benevides	
6.28. LUTO ANTECIPATÓRIO: BREVE DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO SOFRIMENTO EM FAMILIARES DE PACIENTES EM UTI	392
Maiara de Jesus Palácios	
6.29. MAPEANDO OS ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL.....	393

Anna Karynne Melo	
Davi Rodrigues Barreto	
João Marcos Leite	
Virgínia Moreira	
6.30. O CASO FRANCISCO: AS CONTRIBUIÇÕES DE THOMAS FUCHS PARA UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA ESQUIZOFRENIA	395
Raone Saraiva	
Valdízia Mendonça	
Virgínia Moreira	
6.31. O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE NO FENÔMENO DA DEPRESSÃO POR MEIO DA ADI/TIP	397
Ana Carolina Duarte Valadares	
Célia Auxiliadora Santos Marra	
Janaina Aparecida Mendonça Santos	
Jocielle Alexandre Figueiredo	
Laura Helena Silva	
Luiza Orlandi Bonella Gomes	
6.32. O DESVELAMENTO DAS FRAGILIDADES EMOCIONAIS POSSIBILITANDO A CONSTRUÇÃO DE NOVAS MANEIRAS DE SER-NO-MUNDO	399
João Antonio Gonçalves	
Marlene Marchi de Sousa	
6.33. O PEQUENO PRÍNCIPE E SER E TEMPO: REFLEXÕES SOBRE ANGÚSTIA E CUIDADO DE SER	401
Thaís Alanna Alves Soares	
6.34. O SENTIDO DA VIDA NO COMBATE AO TABAGISMO	402
Ana Paula Pereira da Silva	
Anderson Nunes Pinto	
6.35. O SOFRIMENTO PSÍQUICO E SEUS MÚLTIPLOS CONTORNOS: TRANSTORNO BIPOLAR A PARTIR DE MERLEAU PONTY	407
Daniel Marcio Pereira Melo	
Deborah Fernandes Vieira Lôbo	
Raquel Moura da Conceição	
Sarah Montezuma Pinheiro Cabral	
6.36. PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA PROPOSTA DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA (NARRATIVAS DE UMA DUPLA DE PLANTONISTAS)	409
Ana Flávia Pereira Souto	
Tainara Gomes Targino	
Ronny Francy Campos	
6.37. PROJETOS IDEAIS E PROJETOS REAIS: SENTIMENTOS DE CULPA EM ANÁLISE EXISTENCIAL	411
Franciele Cabral Leão Machado	
Izabella Cardoso Da Silva	
6.38. PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA ..	413
Anna Karynne Melo	
João Marcos de Araújo Leite	
Virgínia Moreira	
6.39. PSICOLOGIA NO CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES SOB UM OLHAR FENOMENOLÓGICO	415
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Laís dos Santos Almeida	

6.40. QUANDO A DOR CORTA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA AUTOMUTILAÇÃO NA CLÍNICA	414
Dalila Lopes	
Fágner de Jesus Nascimento	
Géssica Larissa Barbosa	
Sílvia Raquel Santos de Moraes	
6.41. REDESCOBRINDO O VIVER: SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES À EXPERIÊNCIA DO DIAGNÓSTICO DE HIV/AIDS	416
Cleison Guimarães Pimentel	
6.42. RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA: A COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA DO BRINCAR A LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL.....	417
Adller da Silva de Oliveira	
Adria de Lima Sousa	
Andreya da Silva Cabral	
Ruth da Silva Oliveira	
6.43. TRANSTORNOS ALIMENTARES: POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO ATRAVÉS DO OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NA PSICOLOGIA CLÍNICA	419
Bruna Mota Vieira	
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Fernanda Galo Gentilin	
6.44. UMA COMPREENSÃO DO FENÔMENO DO SUICÍDIO A PARTIR DO CUIDADO-DE-SI NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA.....	421
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Ingrid de Souza Manhães	
Laís dos Santos Almeida	
Priscila Neves Moreira	
6.45. UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO FILME MALÉVOLA RELACIONADA AOS TEMAS DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL	423
Camila Zimmer de Souza Beuter	
Cleina Roberta Biagi	
Débora Soares	
6.46. UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SARTREANA ACERCA DO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA CONTEMPORANEIDADE	425
Débora de Sousa Rodrigues	
Georges Daniel Janja Bloc Boris	
Ingrid Coelho Borges Pragmácio	
Isabel Maria de Araujo Botelho	
6.47. UMA LENTE FENOMENOLÓGICA NA COMPREENSÃO DA DEPENDÊNCIA DE INTERNET	427
Louise Macedo	
Raone Saraiva	
Virgínia Moreira	
6.48. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, COMO ISSO AINDA É POSSÍVEL? UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA	429
Gabriela Barcellos de Oliveira	
6.49. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REFLEXÕES E DESNATURALIZAÇÕES FENOMENOLÓGICAS.....	430
Crisóstomo Lima do Nascimento	
Herbert de Moraes Vieira	
Ingrid de Souza Manhães	

Rafaela Werneck Arenari

1. CONFERÊNCIAS

1.1. COMPRENDIENDO EL PROCESO DE EXPERIENCIA EN PRIMERA PERSONA

Alberto Mario De Castro Correa

(Universidad del Norte – Barranquilla, Colombia)

Desde la psicoterapia existencial se pretende comprender a la persona, antes que explicarla. Esto implica ser capaces de captar las necesidades afectivas de la persona, para a partir de ahí clarificar los aspectos metodológicos y técnicos que aplican a dicha persona. Así, el terapeuta debe tratar de comprender la forma en que cada ser humano ha estructurado su experiencia, lo cual debe subyacer siempre a toda técnica. De esta manera, los psicoterapeutas existenciales insisten en que debemos preocuparnos por la comprensión del mundo interno y privado de cada ser humano, antes que concentrarnos en las desviaciones que cada persona presenta con respecto a nuestro marco teórico particular, en el cual están basadas nuestras concepciones del ser humano y la psicopatología. Los psicoterapeutas existenciales sostienen que la técnica y la teoría deben tener sentido en función de la persona, y no al contrario, para lo cual es necesario que la psicología se preocupe primeramente por comprender antes que por explicar todas las experiencias del ser humano. Nótese que se dice que se debe comprender antes que explicar, lo cual no quiere decir que se deban desatender los aspectos técnicos y teóricos implícitos en toda relación terapéutica, sino mas bien, que todos estos aspectos no deben oscurecer la captación de la intencionalidad particular de cada persona, así como tampoco deben interferir en la comprensión del sentido de la experiencia de la persona a quien se está atendiendo. En este proceso, se hace énfasis en la necesidad de estar presente ante los valores experienciales que la persona pretende afirmar en la relación terapéutica con el terapeuta. Al centrarse en la experiencia de afirmar dichos valores, la persona puede hacerse consciente tanto de sus intenciones y necesidades afectivas, como de las decisiones que toma a partir de dichas intenciones y necesidades. Este proceso debe llevar a la persona a que sea capaz de vivenciarse en su vida cotidiana tal como logra hacerlo conscientemente en la relación terapéutica. En este sentido, el terapeuta debe estar atento a cuando atender al proceso de la experiencia y cuando atender al contenido de la misma. Lo ideal es que la consciencia de la persona acerca de su experiencia se logre vivencialmente en la relación terapéutica. A partir de ahí es mas viable que la persona logre clarificar lo que le sucede en su vida cotidiana.

Palabras-clave: Psicoterapia Existencial, proceso experiencial, presencia, intencionalidad-sentido.

COMPREENDENDO O PROCESSO EXPERIENCIAL EM PRIMEIRA PESSOA

A psicoterapia existencial se pretende a compreender a pessoa, em lugar de explicá-la. Isso implica ser capaz de captar as necessidades afetivas da pessoa para, a partir daí, tornar claros os aspectos metodológicos e técnicos que se aplicam a esta pessoa. Assim, o terapeuta deve buscar compreender de que forma cada pessoa estruturou sua experiência, o que deve pavimentar toda técnica. Desta maneira, os psicoterapeutas existenciais insistem que devemos nos preocupar com a compreensão do mundo interno e privado de cada ser humano, e não nos concentrar nos desvios que cada pessoa apresenta em relação a nosso marco teórico particular, no qual estão baseadas nossas concepções do ser humano e da psicopatologia. Os psicoterapeutas existenciais sustentam que a técnica e a teoria

devem ter sentido em função da pessoa, e não o contrário, e para isso é necessário que a psicologia se preocupe primeiramente em compreender e não explicar todas as experiências do ser humano. Note-se que se diz que deve-se compreender ao invés de explicar, o que não quer dizer que não se deve considerar os aspectos técnicos e teóricos implícitos em toda relação terapêutica, mas sim que todos estes aspectos não devem nos obscurecer de captar a intencionalidade particular de cada pessoa, e nem também interferir na compreensão do sentido da experiência da pessoa a quem se está atendendo. Neste processo, enfatiza-se a necessidade de estar presente diante dos valores existenciais que a pessoa pretende afirmar na relação com o terapeuta. Ao concentrar-se na experiência de afirmar estes valores, a pessoa pode se tornar consciente tanto de suas intenções e necessidades afetivas como das decisões que toma a partir destas intenções e necessidades. Este processo deve levar a pessoa a ser capaz de se vivenciar em sua vida cotidiana tal como consegue fazer-lo conscientemente na relação terapêutica. Neste sentido, o terapeuta deve estar atento a quando atender ao processo da experiência e quando atender ao conteúdo da mesma. O ideal é que a consciência em relação a sua experiência aconteça vivencialmente na relação terapêutica. A partir daí é mais viável que a pessoa consiga ter mais claro o que lhe acontece em sua vida cotidiana.

Palavras-chave: Psicoterapia existencial, processo experiencial, presença, intencionalidade-sentido.

Alberto Mario De Castro Correa

Psicólogo con 20 años de experiencia en el área de psicología clínica con énfasis en tratamiento de personas que vivencian adicciones, trastornos de ansiedad y trastornos de personalidad mediante terapia humanista existencial. Miembro del grupo de investigación de psicología de la Universidad del Norte, en la línea de investigación de Psicología Clínica y de la Salud. Decano de la División de Humanidades y Ciencias Sociales. Ph.D. in Psychology (Saybrook University). Master of Psychology with a clinical concentration (University of Dallas).

Endereço eletrônico: amdecast@uninorte.edu.co

1.2. CUIDADO DE SI EM KIERKEGAARD EM SUA RELAÇÃO COM A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Myriam Moreira Protasio (UERJ/IFEN)

A expressão cuidado de si é tema do conjunto de aulas ministradas por Foucault em *Hermenêutica do sujeito*. Foucault recupera o sentido originário da expressão grega *epiméleia heautoûs* que ele descreve como sendo o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc. Segundo o autor, temos o hábito de relacionar o sentido de *epiméleia heautoû* com a famosa descrição delfica do *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), que aparece na filosofia pela personagem de Sócrates. No entanto, Foucault chama a atenção para o entrelaçamento entre o *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo) e o *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) afirmando que o conhecimento aparece junto com o cuidado de si, como uma das formas e das consequências, quase uma aplicação direta, precisa e particular da regra geral de que é preciso que o si mesmo se ocupe de si, que cuide de si mesmo. Ou seja, mesmo tendo se tornado um princípio filosófico, o cuidado de si era, na antiguidade, uma atividade, uma ocupação, um trabalho e um dever. O *epiméleia heautoû* não designava apenas uma atividade de consciência ou atenção para consigo, mas uma ocupação regrada, um trabalho com procedimentos e objetivos. A tensão entre o pensar e o agir e a necessidade de um exame de si e dos outros aqui mesmo, na vida cotidiana, que fundamentaram as admoestações tanto de Sócrates quanto de Cristo, são centrais no modo como Kierkegaard mantém o movimento da ideia e sustenta o âmbito da pergunta pelo cuidado de si ou exame de si. Esse trabalho não se ocupará dos desdobramentos da questão em Foucault. Em lugar disso, quer investigar se o âmbito do cuidado de si, tal como posto por Kierkegaard, se insere na tradição do *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo) ou se, com seu “exame de si mesmo” e “julgue por si mesmo”, presente em seu texto de 1851, ele permaneceu no âmbito do *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”). Ou seja, se o cuidado de si em Kierkegaard acontece na ordem do conhecimento de si ou da prática e cuidado de si, se o propósito era argumentativo ou apostava na possibilidade de transformação. Essa questão é importante para que se considere a relação entre esse encaminhamento e seus desdobramentos no exercício de uma clínica psicológica. Assim, o propósito deste trabalho é identificar os elementos que suportariam uma clínica psicológica como cuidado de si no pensamento de Kierkegaard. Para tanto, será preciso recuperar o sentido do si na obra deste pensador, buscando explicitar em que âmbito surge, para ele, a pergunta pelo cuidado de si e encaminhando a investigação de forma a explicitar de que forma seria possível construir um pensamento clínico com base em sua compreensão acerca do cuidado de si.

Palavras-chave: Cuidado de si; Exame de si; Psicologia clínica; Kierkegaard;

CUIDAR DE SÍ EM KIERKEGAARD EM SU RELACIÓN CON PSICOLOGÍA CLÍNICA

La expresión de atención en sí es tema conjunto de clases que enseñan Foucault sobre *Hermenéutica del sujeto*. Foucault, recuperar el significado original de los griegos *epimeleia heautoûs* expresión que describe como el cuidado de sí mismo, el hecho de que la mente, para que se preocupe, etc. *heautoû* *epimeleia* con una famosa descripción de un sitio que aparece en la filosofía del personaje Sócrates. Sin embargo, Foucault llama la atención sobre los vínculos entre el *epimeleia heautoû* (cuidar de sí mismo) y *Gnothi Seauton* (“conócete a ti mismo”) estipula que el conocimiento aparece con el cuidado de uno mismo, como una de las formas y en consecuencia, casi una aplicación directa, precisa y en particular la regla general de que es necesario que la misma mente que, cuidar de sí mismo. Es decir, a pesar de que un tornado un principio filosófico, el

cuidado de sí era, en tiempos antiguos, una actividad, una ocupación, un trabajo y un deber. El epimeleia heautou no designa solamente una actividad de la conciencia o atención sobre sí mismo, sino una ocupación regulada, el trabajo con los procedimientos y objetivos. La tensión entre el pensamiento y la acción y la necesidad de un examen del mismo y los demás aquí, en la vida cotidiana, lo que motivó que las advertencias tanto Sócrates y Cristo son fundamentales para la forma en Kierkegaard mantiene el movimiento de la idea y es compatible con el alcance la cuestión de la atención que usted o usted toma. Este trabajo no se ocupa de las consecuencias del mismo Foucault. En cambio, la investigación se realiza para el cuidado de sí mismo, como dijo Kierkegaard, se inserta en la tradición de epimeleia heautou (cuidar de sí mismo) o, con su "auto-examen" y "juzgar por sí mismo", presente en su texto de 1851, que permaneció bajo el Seauton Gnothi. es decir, el cuidado de sí mismos en Kierkegaard sucede en el orden de auto-conocimiento o práctica y el cuidado de sí mismo si el propósito era argumentativa o apuesta en la posibilidad de transformación. Esto es importante tener en cuenta la relación entre esta referencia y sus consecuencias sin el ejercicio de una clínica psicológica. El objetivo de este trabajo es identificar los elementos que soportan una clínica psicológica como cuidar de sí mismos en el pensamiento de Kierkegaard. Por lo tanto, debería ser necesario recuperar el sentido de sí mismo en la obra de este pensador, trata de explicar que surge de ola en él, una pregunta para el cuidado de sí mismo y dirigir una investigación explícitamente que forma severa puede construir un pensamiento clínico con en la base de su comprensión de autocuidado.

Palabras-clave: cuidar de sí mismos; atención a sí mismo; psicología clínica; Kierkegaard;

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ com bolsa FAPERJ nota 10. Doutora e Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sócia fundadora, professora, supervisora e coordenadora de pesquisa no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Membro da Diretoria da Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial (Alpe) e Secretária desta instituição (ALPE), no Brasil. Membro Honorário da Sociedad Peruana de Psicología Fenomenológico Existencial (SPPFE). Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ; Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPq, Brasil, nas linhas de pesquisa Psicologia clínica e Filosofia da existência; Fundamentos fenomenológico-existenciais em diferentes práticas em Psicologia; Psicoterapias Existenciais e Humanistas.

Endereço eletrônico: myprotasio@yahoo.com.br

1.3. HYBRIS E PSICOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DA MEDIDA EXISTENCIAL

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Há muito tempo vimos nos referindo à clínica psicológica relacionada à hybris (desmedida) e à conquista do métron (medida). Essa relação entre hybris e psicoterapia suscita algumas questões: ao mesmo tempo em que nós defendemos o espaço da clínica como aquele lugar que sustenta a possibilidade de conquista da medida existencial, nós não estaríamos posicionando uma medida como critério que indica o lugar a se chegar? Estaríamos desse modo recaindo naquilo que estamos criticando, ou seja, que é a teoria que posiciona como o homem deve ser e o como não deve ser? As noções de medida e desmedida quando compreendidas pelos referenciais modernos nos remetem imediatamente para uma norma externa à existência. Essa norma dita como devemos nos comportar de modo a alcançar o equilíbrio, a saúde a adaptação ou a autenticidade. E o modo de ser dito ajustado, livre ou autêntico é dado pela teoria ou pela moral vigente, seja ela a da ciência, da religião ou do senso comum. Para pensar de modo diverso a esse é que tentaremos esclarecer o que está em jogo quando nos referimos à medida existencial. Para tanto, retornaremos ao modo como os gregos arcaicos se referiam as questões da medida (métron) e da desmedida (hybris). Arcaico no sentido de arché diz do primeiro, do mais originário. Neste caso, ao modo em que esses gregos se relacionavam com a medida, ou seja, em um éthos mais originário em que a medida aparecia na própria vida - na existência. Logo, queremos pensar a medida acompanhando Kierkegaard quando ele nos diz que ela se encontra sempre a nossa frente. Ou ainda como nos diz Hölderlin que na existência não há nenhuma medida dada, por isso, a cada vez, precisamos vê-la, conquistá-la. Heidegger diz que a desmedida ganha relevo no mundo moderno quando todos modos de ocasionamento das coisas se reduz apenas à causa motriz em que o princípio do movimento passa a ser a ação produtora. Para alcançar o nosso objetivo de ver como a hybris pode ser tema da psicoterapia, precisamos primeiramente desconfiar das medidas como sendo algo de uma ordem naturalmente dada; depois pensar demoradamente sobre as verdades postas e, então, poder deixar aparecer aquela que se encontra diante de nós. Essa não é uma tarefa fácil – a medida se encontra sempre em tensão com a desmedida, seja nos gregos ou nos modernos. Na tentativa de esclarecer como isso acontece, vamos recorrer à estética. Os gregos tentavam, por meio da apresentação das tragédias, mostrar como a perda da medida trazia consequências desastrosas. Podemos encontrar essa mesma tensão em diferentes romances modernos. A psicoterapia como possibilidade e resgate da medida existencial será apresentada, mediante o suporte esclarecedor da estética por meio da retomada do caráter sensível da existência. O sensível como aquele que deixa antever a medida existencial, escapando assim do caráter prescritivo dos comportamentos que obnubilam a nossa visão para a medida existencial, que embora sempre se encontre a nossa frente, precisa ser conquistada a cada vez.

Palavras-chave: medida; desmedida; psicoterapia; filosofia da existência; estética.

HYBRIS Y PSICOTERAPIA COMO UNA POSIBILIDAD DE RECUPERACIÓN DE LA MEDIDA EXISTENCIAL

Hace mucho tiempo estamos relacionando la clínica psicológica con la hybris (medida) y la conquista de métron (desmedida). ¿Esta relación entre hybris y la psicoterapia plantea algunas cuestiones: si bien defendemos el espacio de la clínica como ese lugar que sustenta la posibilidad de conquista de la medida existencial, no estamos poniendo una medida como un criterio que indica el

lugar alcanzar? Sería así algo que defendemos y que criticamos al mismo tiempo, o sea, que es la teoría que posiciona como el hombre debe ser y cómo no debe ser? Los conceptos de medida y de desmedida cuando se entiende por referencias modernas nos encaminan de inmediato a una norma externa a la existencia. Esta norma dicta cómo debemos comportarnos para alcanzar equilibrio, adaptación, salud o autenticidad. Y la manera de ser equilibrada o auténtica es dada por la teoría o por la moral, por la ciencia o por el censo común. Para que podamos pensar esas cosas de otra manera, vamos a intentar aclarar lo que está en juego cuando nos referimos a la medida existencial. Para ello, regresamos al modo como los griegos arcaicos se refieren a las cuestiones de la medida (métron) y desmedida (hybris). Arcaico en el sentido de arché dice del primero, del mas original. En este caso, a la manera que estos griegos se relacionaban con la medición, es decir, en un éthos más originario en que la medida apareció en su propia vida- en la existencia. Pronto, queremos reflexionar sobre la medida junto a Kierkegaard cuando el nos dice que ella está siempre delante de nosotros. O como nos dice Hölderlin que en la existencia no hay ninguna medida que nos sea dada, por eso a cada vez, necesitamos verla, conquistarla. Heidegger dice que la desmedida gana más asiento en el mundo moderno cuando todos los modos de ocasionar las cosas se reducen en el principio del movimiento convirtiendo el hombre en el productor de la acción. Para lograr nuestro objetivo de ver cómo el hybris puede ser sujeto de la psicoterapia, tenemos que primeramente mantener la desconfianza de las medidas como algo natural; después debemos pensar sobre las verdades puestas y, por lo tanto, puede dejar aparecer aquella que esta adelante de nosotros. Eso no es una tarea fácil, la medida está siempre en tensión, sea en el griego o en el moderno. En un intento de clarificar cómo esto sucede, hacemos un llamamiento a la estética. Los griegos intentaban, por la presentación de las tragedias, mostrar cómo la pérdida de la medida traería consecuencias desastrosas. Podemos encontrar esta misma tensión en diferentes novelas modernas. La psicoterapia como una posibilidad de redención de la medida existencial será presentada con el apoyo de la estética a través de la reanudación del carácter sensible de la existencia. El sensible como aquel que nos deja ver la medida existencial, escapa así el carácter prescriptivo de los comportamientos que obnubilan nuestra visión de la medida existencial que está siempre por delante, y que tenemos ganarla a cada vez.

Palabras-clave: medida; desmedida; psicoterapia; filosofía de la existencia; estética.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Pro-cientista, Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com pós-doutorado em Filosofia pela UFRJ (2010), doutorado em Psicologia pela UFRJ (2000) e mestrado em Psicologia pela FGV/ISOPE (1983). É sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN), Presidente da Asociación Latino-americana de Psicoterapia Existencial (ALPE), no Brasil, Membro Honorário da Sociedad Peruana de Psicología Fenomenológico Existencial (SPPFE).

Endereço eletrônico: ana.maria.feijoo@gmail.com

1.4. MISERIA Y GRANDEZA DEL SER HUMANO

Susana Signorelli (Fundación CAPAC)

Para analizar el tema que nos convoca: Rescatando el carácter sensible de la existencia, explicitaré qué entiendo por sensibilidad, partiendo de la etimología del término para luego analizarlo desde la visión existencial, a través de la mirada de distintos autores y de la mía de modo personal. La sociedad muestra cotidianamente hechos que conducen a replantearse la existencia y su carácter sensible, no solo la del paciente que concurre a la consulta en búsqueda de ayuda, sino también la del propio terapeuta, que no es un ser ajeno ni distanciado del otro en particular que es su paciente ni de la sociedad en la que vive, ni del mundo que habita, como un gran otro genérico. Otras terapias se centran únicamente en lo que siente el paciente, olvidando el aspecto sensible del terapeuta. Mi trabajo entonces, estará centrado en mi propia persona como terapeuta, en mi propia manera de sentir los hechos de la mundanidad. Lo haré a través de una fotografía tomada por mí en Praga, a una persona que me había llamado la atención por su apariencia, esto despertó un mí una serie de reflexiones que a su vez dieron lugar a mi singular visión sobre la miseria y la grandeza de los seres humanos, lo realicé, analizando la postura corporal con su lenguaje no verbal y cómo dicha manifestación de la corporalidad compromete la acción del otro, movido por las propias miserias o grandezas. El objetivo del presente trabajo es mostrar la necesidad de abrir los horizontes que debe tener un terapeuta existencial para desarrollar su profesión. Este abrir los horizontes está íntimamente relacionado con la capacidad de comprender el mundo del otro con quien se encuentra en relación, partiendo de su sensibilidad y no de teorías acerca del hombre. Finalmente, para concluir, haré hincapié en la importancia que tiene para un terapeuta existencial tener puesta la mirada fenomenológica desde una perspectiva más amplia que las que permiten las paredes del consultorio, ver más allá, ver a través de lo visible, lo que resulta invisible, con la inquietud siempre abierta a la comprensión mundana, para ser aplicable a la terapia.

Palabras-clave: corporalidad; visibilidad; miseria; grandeza.

MISÉRIA E GRANDEZA DO HOMEM

Para analisar o tema que hoje nos convoca: Resgatando o caráter sensível da existência, explicitarei o que entendo por sensibilidade, partindo de sua etimologia para, em seguida, analisa-lo desde a visão existencial, através da perspectiva de distintos autores e da minha. A sociedade mostra cotidianamente fatos que nos levam a repensarmos a existência em seu caráter sensível, não somente a existência do paciente que procura a consulta psicológica em busca de ajuda, mas também a do próprio terapeuta, que não é um ser alheio nem distanciado do outro em particular, que é seu paciente, e sequer do mundo em que habita como um outro em geral. Algumas terapias centram-se apenas naquilo que o paciente sente, esquecendo o aspecto sensível do terapeuta. Meu trabalho, então, estará centrado em minha própria pessoa como terapeuta, em minha própria maneira de sentir os fatos da mundaneidade. Eu o farei a partir de uma fotografia que eu mesma tomei de uma pessoa que havia me chamado a atenção, em Praga. Esta pessoa despertou em mim uma série de reflexões que, por seu turno, deram lugar a minha visão singular sobre a miséria e a grandeza dos seres humanos. Realizei estas reflexões analisando a postura corporal, com sua linguagem não verbal e pensando em como esta manifestação do corpo compromete a ação do outro, movido por suas próprias misérias ou grandezas. O objetivo de apresentar este trabalho é mostrar a necessidade de abriremos os horizontes para o que um terapeuta existencial deve ter para

desenvolver sua profissão. Este abrir os horizontes está intimamente relacionado com a capacidade de compreender o mundo do outro com quem o terapeuta se encontra em relação, partindo de sua sensibilidade e não de teorias acerca do homem. Finalmente, para concluir, irei enfatizar a importância que tem para o psicoterapeuta haver assumido uma visada fenomenológica a partir de uma perspectiva mais ampla que aquelas permitidas pelas paredes do consultório, podem ver além, ver através do visível aquilo que está invisível, com a inquietação sempre aberta à compreensão mundana, aplicando-a à psicoterapia.

Palavras-chave: Corporaralidade; visibilidade; miséria; grandeza.

Susana Signorelli

Lic. en Psicología. Universidad de Buenos Aires. Presidente de ALPE (Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial). Presidente de Fundación CAPAC. Argentina. Autora de varios libros, capítulos en libros y publicaciones en revistas científicas en Argentina, Brasil, Colombia, México, Perú y Reino Unido.

Endereço eletrônico: funcapac@fibertel.com.ar

1.5. O VISÍVEL E O INVISÍVEL NO MUNDO DOS SONHOS ± OS PROBLEMAS SUSCITADOS DESDE UMA PERSPECTIVA HERMENÊUTICA COMPREENSIVA

Emilio Romero (ALPE)

O tema dos sonhos tem sido enfocado pelas maiores figuras da psicologia. As figuras mais consideradas são Freud e Jung, dois monumentos presentes como referência. São autores orientados pela psicanálise. Desde um enfoque Dasein-analítico se destaca Medard Boss, que se inspira na ontologia heideggeriana. O que proponho na primeira edição de meu livro sobre este tema "A compreensão dos sonhos" (2012) são as linhas gerais de meu enfoque, diferente do enfoque bossiano em pontos importantes. Proponho um modelo de hermenêutica baseada em minha concepção das seis grandes modalidades da compreensão. Contudo, nessa edição do livro não entro nos problemas mais delicados que enfrentamos ao abordar este tema. Nesta conferência abordarei só 6 temas inevitáveis, não abordados anteriormente. Os temas propostos são: 1. A importância dos sonhos no conhecimento de si e sua relevância no tratamento psicoterapêutico; 2. A questão da interação existente entre a tripla relação das três expressões da realidade humana: organismo/corpo, mente/experiência histórica e existência; suas manifestações na compreensão dos sonhos; 3. A questão da consciência e do inconsciente no plano da compreensão onírica; 4. A questão do significado e do sentido no campo dos sonhos; 5. Sobre o eu e o ego no plano onírico; 6. Os sonhos e as experiências com alucinógenos: semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: Sonhos; interpretação; questões problemáticas; alucinógenos.

LO VISIBLE Y LO INVISIBLE EN EL MUNDO DE LOS SUEÑOS ±LOS PROBLEMAS SUSSITADOS DESDE UNA PERSPECTIVA HERMENEUTICA COMPRENSIVA

El tema de los sueños ha sido enfocado por las mayores figuras de la psicología. Las figuras más conceptuadas son Freud y Jung. São autores orientados por el psicoanálisis. Desde un enfoque Dasein-analítico se destaca Medard Boss, que se inspira en la ontología heideggeriana. Lo que propongo en la primera edición de mi libro sobre este tema, "La comprensión de los sueños" (2012) son las líneas generales de mi enfoque, diferente del propuesto por Boss en puntos importantes. Propongo un modelo de hermenéutica basada en mi concepción de las seis grandes modalidades de la comprensión. Sin embargo, en esa edición del libro no entro en los problemas más delicados que enfrentamos al abordar este tema. En esta conferencia abordaré sólo seis temas inevitables, no abordados anteriormente. Los temas propuestos son: 1. La importancia de los sueños en el conocimiento de si y su relevancia en el tratamiento psicoterapêutico; 2. La cuestión de la interacción existente entre la triple relación de las tres expresiones da la realidad humana: organismo/cuerpo, mente/experiencia histórica e existencia, sus manifestaciones en la comprensión de los sueños; 3. La cuestión de la conciencia y de lo inconsciente en el plano de la comprensión onírica; 4. La cuestión del significado y del sentido en el campo de los sueños; 5. Sobre el yo y el ego en el plano onírico ; 6. Los sueños y las experiencias con alucinógenos: semejanzas y diferencias.

Palavras-clave: Sueños; interpretación; cuestiones problemáticas; alucinógenos

Emilio Romero

Psicólogo, formado pela U. do Chile em 1970, título revalidado pela Universidade de S.P. 1978. Tem sido prof. de psicopatologia e desenvolvimento na U. franciscana de S.P. e da Fac. Paulista da mesma cidade. É terapeuta faz 40 anos. Tem publicado estes últimos anos 21 livros sobre temas de psicologia, desde sus fundamentos epistemológicos até temas centralizados numa concepção da personalidade e de uma teoria geral dos afetos e os estados de ânimo, etc.

Endereço eletrônico: emiliorom@terra.com.br

1.6. PRINCÍPIOS DE EFICIÊNCIA PSICOTERAPÊUTICA E PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

Daniel Sousa (SPPE / ISPA – Instituto Universitário)

A investigação científica tem salientado quais os factores terapêuticos que mais beneficiam os resultados das intervenções psicoterapêuticas. Alguns desses factores são transversais aos modelos teóricos. Por outro lado, alguns dos factores põem em causa das certas crenças mais antigas dos modelos de psicoterapia. Por exemplo, muitos pacientes deterioram ao longo do processo terapêutico e o psicoterapeuta não se apercebe do nível de deterioração. Entre 40 a 60% das pessoas não beneficiam da intervenção psicológica. Nem sempre mais anos de experiência clínica é sinónimo de melhores resultados terapêuticos. Estas questões levantam desafios que estão actualmente presentes no mundo da psicoterapia. Neste trabalho procuraremos apresentar dados que sustentam estes desafios, bem como, quais as possíveis respostas que podem estar disponíveis para fazer face a esses mesmos desafios. Finalmente iremos procurar explicitar como é que os factores que denominados de princípios de eficiência psicoterapêutica podem ser integrados na prática clínica existencial.

Palavras-chave: princípios de eficiência; psicoterapia; existencial.

PRINCIPIOS DE EFICIENCIA PSICOTERAPÉUTICA Y PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

La investigación científica ha señalado que los factores terapéuticos que más se benefician de los resultados de las intervenciones psicoterapéuticas. Algunos de estos factores son transversales a los modelos teóricos. Por otro lado, algunos de los factores que ponen en tela de antiguas creencias correctas de los modelos de psicoterapia. Por ejemplo, muchos pacientes se deterioran a lo largo del proceso terapéutico y el terapeuta no se da cuenta el nivel de deterioro. Entre el 40 y el 60% de las personas no se benefician de la intervención psicológica. No siempre más años de experiencia clínica es sinónimo de mejores resultados terapéuticos. Estas cuestiones plantean desafíos a los que están actualmente presentes en el mundo de la psicoterapia. En este trabajo tratamos de presentar datos que apoyan estos desafíos, y cuáles son las posibles respuestas que pueden estar disponibles para hacer frente a estos desafíos. Por último, trataremos de explicar cómo los factores llamados principios de eficiencia psicoterapéuticos se pueden integrar en la práctica clínica existencial.

Palabras-clave: principios de eficiencia; psicoterapia; existencial.

Daniel Sousa

Director da Clínica ISPA e Professor Auxiliar no ISPA – Instituto Universitário. É membro fundador da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Acaba de publicar (2017) o livro “Investigação Científica em Psicoterapia e a Prática Psicoterapêutica – Os Dados Mais Relevantes Para os Clínicos (Fim de Século). Em Abril 2017 irá publicar nos Estados Unidos o livro “Existential Psychotherapy – The Genetic Phenomenological Approach” (Palgrave).

Endereço eletrónico: daniel@ispa.pt

1.7. SÉCULO 21: QUE DESAFIOS PARA A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL?

Victor Amorim Rodrigues (ISPA-IU)

O autor procura identificar os principais desafios que a psicoterapia em geral e a psicoterapia existencial em particular enfrentará na Era da Técnica. Da substituição dos psicoterapeutas por dispositivos técnicos até à transformação hodierna quer da filosofia (de pendor analítico, dominante a nível mundial) quer da psicoterapia (estandarizada e manualizada) em procedimentos técnicos. Para o autor o principal desafio para a terapia existencial é o de ser vítima do seu próprio sucesso com a canibalização dos seus temas e especificidades pelas outras tipos de psicoterapia (cognitiva, narrativa humanista e até psicodinâmica). São debatidas respostas adequadas a estes reptos.

EL SIGLO 21: ¿QUÉ DESAFÍOS PARA LA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL?

El autor trata de identificar los principales retos que la psicoterapia en general y la psicoterapia existencial, en particular en la era de la tecnología. Sustitución de psicoterapeutas por dispositivos técnicos hasta la presente atitute en filosofía (la inclinación analítica, dominante en todo el mundo) o psicoterapia (estandarizada y manualizada) en procedimientos técnicos. Para el autor el principal reto para la terapia existencial es ser la víctima de su propio éxito con la canibalización de sus temas y especificidades por otros tipos de psicoterapia (cognitiva, humanista narrativas e incluso psicodinámicas). Se discuten las respuestas adecuadas a estos retos.

Victor Amorim Rodrigues

MD, PhD é médico psiquiatra e professor universitário no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA-IU) em Lisboa. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, Mestre em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa, DEA e Doutorado em Psicologia pela Universidade da Extremadura em Espanha. Pós - graduado em Psiquiatria e ePsicologia Forenses pelo IMLCF. Membro fundador e Dirigente e Supervisor da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Tem cerca de 30 anos de experiência clínica e forense.

Endereço eletrónico: vitoramorimrodrigues43@gmail.com

2. PALESTRAS

2.1. A ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM INSTITUIÇÕES COMO PROPICIADORA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

O Grupo de Pesquisa institucional "Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção" desenvolve investigações acerca de enquadres clínicos diferenciados, efetivados por pesquisadores, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-Campinas em contextos institucionais. A abordagem terapêutica que orienta nossa proposta de intervenção psicológica em instituições diz respeito a um modo específico de conceber a atenção psicológica a partir de referenciais humanistas, mais especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida pelo psicólogo norte americano Carl Rogers. Também está inspirada na fenomenologia de Edmund Husserl. Entendemos ser necessário favorecer a elaboração das vivências emocionais de indivíduos ou grupos, de modo não invasivo, possibilitando a emergência de potencialidades para a saúde, facilitando a retomada da autonomia pessoal e a confiança em si como agentes de transformações no plano pessoal e coletivo. Para tanto, o desenvolvimento de práticas psicológicas de natureza clínica que se propõem a disponibilizar atenção psicológica por meio de encontros terapêuticos dialógicos têm possibilitado problematizar o atendimento como uma forma de intervenção na realidade. Objetiva-se desconstruir um modo de conceber a intervenção psicológica como instrumento a contribuir para a conformidade social a partir de um olhar para seu potencial transformador que poderá construir caminhos para a superação de desafios contemporâneos na esfera da saúde mental. Nesta perspectiva foram implementadas propostas como o plantão psicológico, as oficinas de pintura, os encontros terapêuticos com crianças em creches, o acompanhamento de equipes de trabalho, apresentando-se como enquadres diferenciados de atenção psicológica, cuja inserção prioriza contextos institucionais e propõe-se como uma alternativa às propostas clínicas tradicionais, especialmente as psicoterapias de tempo indeterminado. Por outro lado, fez-se necessária uma adequação metodológica para alicerçar o delineamento das pesquisas, efetivadas com esta temática, contribuindo para preservar a coerência entre o aporte epistemológico e o caminho traçado para o desenvolvimento da investigação. Desta análise resultou a opção por uma estratégia metodológica que consiste na utilização do recurso das narrativas como possibilidade, tanto para contextualizar e descrever os elementos das intervenções, como também para inserir a própria análise e interpretação do pesquisador, a partir de uma perspectiva intersubjetiva. Esta postura metodológica pretende integrar a teoria humanista aplicada à compreensão das práticas psicológicas clínicas em instituições ao modo fenomenológico de condução das investigações, permeando o conjunto de hipóteses, ou questões, cientificamente investigadas.

Palavras-chave: atenção psicológica clínica em instituições; prevenção e intervenção psicológica; abordagem centrada na pessoa; fenomenologia; experiência psicológica.

ATENCIÓN PSICOLÓGICA EN LAS INSTITUCIONES EN PRENDA
TRANSFORMACIÓN SOCIAL

El Grupo de Investigación institucional "Atención Psicológica Clínica en las instituciones: prevención e intervención" ha llevado a cabo investigaciones sobre los diferentes encuadres clínicos, contratados por los investigadores, maestros y estudiantes de doctorado del Programa de Postgrado en Psicología de la PUC Campinas en entornos institucionales. El enfoque terapéutico que guía nuestra propuesta de intervención psicológica en instituciones se refiere a una forma específica de entender la atención psicológica a partir de referencias humanistas. En concreto, el Enfoque Centrado en la Persona desarrollado por el psicólogo norteamericano Carl Rogers. Asimismo, se inspira en la fenomenología de Edmund Husserl. Consideramos necesario promover el desarrollo de las experiencias emocionales de los individuos o grupos, no invasiva, permitiendo la aparición de potenciales para la salud; facilitar la reanudación de la autonomía personal y la confianza en sí mismo como agentes de transformación en el ámbito personal y colectivo. Por lo tanto, el desarrollo de prácticas psicológicas de naturaleza clínica, que pretenden ofrecer atención psicológica a través de encuentros dialógicos terapéuticos, han permitido a problematizar el servicio la atención como una forma de intervención en la realidad. Nuestro objetivo es desconstruir una manera de concebir la intervención psicológica como una herramienta para promover la conformidad social a partir de su potencial transformador que puede construir caminos para superar los desafíos contemporáneos en el ámbito de la salud mental. En este sentido, se han implementado propuestas, como las guardías psicológicas, el taller de pintura, los encuentros terapéuticos con niños en guarderías, el seguimiento de los equipos de trabajo, que se presentan como diferentes encuadres de atención psicológica. Su implementación prioriza los contextos institucionales y se propone como una alternativa a las propuestas clínicas tradicionales, especialmente a las psicoterapias de duración indefinida. Por otro lado, era necesario adecuar la metodología para sustentar el diseño de la investigación y mantener la coherencia entre la contribución epistemológica y el camino trazado para el desarrollo de la investigación. Dicho análisis tuvo como resultado la elección de una estrategia metodológica que consiste en usar los recursos de las narrativas como una forma tanto de contextualizar y describir los elementos de las intervenciones como de insertar su propio análisis y la interpretación del investigador, desde una perspectiva intersubjetiva. Este enfoque metodológico pretende integrar la teoría humanista aplicada a la comprensión de las prácticas clínicas psicológicas en las instituciones por medio de investigaciones realizadas de forma fenomenológica, que impregnan el conjunto de hipótesis o preguntas, científicamente investigadas.

Palabras-clave: atención psicológica clínica en las instituciones; prevención e intervención psicológica; le enfoque centrado en la persona; fenomenología; experiencia psicológica.

Profa. Dra. Vera Engler Cury

Especialista em Psicologia Clínica, Mestre em Psicologia Clínica, Doutora em Saúde Mental; Pró Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da PUC-Campinas; docente titular da Faculdade de Psicologia e docente permanente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Endereço eletrônico: vency2985@gmail.com

2.2. A CRISE PSÍQUICA ENQUANTO PARADIGMA FENOMENOLÓGICO DO SOFRIMENTO HUMANO: DA CLÍNICA DO CUIDADO (ÔNTICO) AO EXISTIR HUMANO (ONTOLÓGICO)

Ileno Izídio da Costa (Universidade de Brasília)

A presente comunicação pretende problematizar a ocorrência das primeiras crises psíquicas graves, enquanto substratos fenomênicos das manifestações chamadas de “psicose e transtornos correlatos”, pensando-as como um dos paradigmas da existência (vivência) humana. Por se focar nas primeiras crises, entendidas como primeiras manifestações de sofrimento psíquico intenso, não serão denominadas de psicoses a priori, posto que as manifestações prodrômicas de tais crises/experiências são antes uma tentativa de organização dos sofrimentos experimentados, vividos, intensificados no indivíduo e nas suas relações, portanto em sua condição existencial e constitutivos de formas-de-ser-no-mundo. Ou seja, nomeando-as como um sentir vivendo e existindo com angústias intensas que demandam compreensão sem cair no “etiologismo simplista”. Objetiva também apontar para o cuidado de, o respeito e o apoio humano a, tais manifestações, sem o império de medicações, internações ou tratamentos invasivos a priori, vez que são plenas de dimensões individuais, relacionais e existenciais ainda preservadas enquanto possibilidades de mudanças (liberdade em Heidegger). O pressuposto aqui é de que a crise psíquica intensa é vivência basilar da angústia do existir, e não como anormalidade ou enfermidade a priori. O ponto de partida, portanto, é que existe uma grande confusão conceitual e categorial (Wittgenstein, e Husserl) no terreno do que seja o “psíquico”, onde grande parte da prática corrente da clínica “psi” acaba por obscurecer o campo. Na fenomenologia podemos dizer que as questões da intencionalidade (derivadas de Brentano) e da vivência psíquica (Husserl) concentram ou podem ser o ponto de partida para nos aproximarmos da complexidade do psíquico, em suas diferentes possibilidades de abordagem deste fenômeno. Por concisão, além de Brentano e Husserl, me aproximarei de fenomenólogos como Heidegger, Lévinas e Henry, não como forma de juntá-los, mas de evidenciar o que eles podem nos ajudar nesta compreensão. Desta feita, o cuidado ôntico, concreto, ou o que podemos fornecer, é previamente limitado por esse cuidado ontológico mais originário, sendo de fundamental importância para o cuidado psicoterapêutico a postura de suspensão e recuo ante as demandas imediatas do sofrimento tal como aparece à experiência cotidiana e um exame do próprio campo experiencial. Esse tipo de atenção permite que o cuidado clínico não se restrinja a uma substituição do outro em suas possibilidades próprias e pessoais, mas possa propiciar ao outro a experiência de sua liberdade essencial, na intersubjetividade, sem perder de vista a característica fundamental da existência humana, a saber, a angústia (Heidegger). O que me faz defender uma “clínica fenomenológica do cuidar da crise psíquica grave”. Finalizando, com Husserl, propõe-se “voltar para as coisas por si mesmas” (a crise psíquica em si, pura), num esforço fenomenológico (constante, epoché) de evitar construções metanarrativas meramente descritivas ou explicativas, quiçá para aceder ao fenômeno da crise psíquica como manifestação genuína do sofrer humano.

Ileno Izídio da Costa

Psicólogo Clínico pela Universidade de Brasília e em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília; Especializado em Psicologia e Psicoterapia Conjugal e Familiar (CEFAM) e em Psicologia Clínica (CRP-01); Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela UnB; Master of Arts in Philosophy and Ethics of Mental Health (University of Warwick/Reino Unido) e Doutor em Psicologia Clínica pela UnB/University of Warwick. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da UnB.

2.3. A EXISTÊNCIA HUMANA: DA INEXORABILIDADE DO DESTINO À ESPERANÇA

Carmem Lucia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Pensar a existência humana é deparar-se com a inexorabilidade do destino que se encontra presente desde o momento em que chegamos ao mundo e iniciamos a grande travessia. Como viajante do tempo o homem está sempre passando, atravessando estradas e escolhendo veredas que parecem levar a algum lugar. Nesse caminhar vai dizendo adeus às pessoas, aos lugares e às coisas, como também aos diversos modos como conseguiu viver a vida, já que ela lhe foi confiada como tarefa a ser realizada. Nessa travessia, a morte o acompanha com a incansável e imperturbável persistência de uma sombra. Seu existir acontece no tempo compreendido como temporalidade - condição de possibilidade da existência do *Dasein*, já que só no tempo se pode encontrar sentido para o *Dasein*, único dos entes que se coloca a questão do ser. Tempo compreendido a partir de Heidegger, não como sucessão de agoras, mas como interrelação e entrelaçamento do passado e do futuro na dinâmica do tempo presente. Daí, o passado não passou, a vigência do ter sido continua presente como também uma abertura para o futuro, na qual se projeta o que está por vir, mas que já está presente como possibilidade. Nessa direção, o homem ao deparar-se com a inexorabilidade do destino – a morte – pode assumir também a possibilidade da impossibilidade de todas as suas possibilidades: assumir-se como “ser para morte”. Todavia, importa não esquecer, que esta impossibilidade também comporta o tempo do possível que pode ser considerado como o tempo da esperança. O “não mais”, vinculado ao passado, comporta um “ainda não”, orientado para o futuro como tempo da esperança, com suas raízes fincadas no solo revigorado do ter sido. Esperança que implica manter-se na abertura, comprometendo-se com um projeto que foi construído e que implica o modo como cada homem/*Dasein* cuida de seu tempo. É a esperança que sustenta a abertura para o futuro do poder-ser que somos e orienta nosso caminhar que pode abrir-se como tempo da esperança. Na travessia da vida, cada estrada ou vereda pode encaminhar para novos caminhos e aventuras já que a alma do homem é uma “alma viajeira”, linguagem poética de Daniel Lima e que bem apresenta a condição humana de passageiro na travessia da vida. Diante de tal compreensão, é possível indicar a esperança também como constitutiva do existir humano, trazendo ressonâncias para pensar a ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial. Possibilidade que pode ser vinculada à “serenidade para com as coisas”, considerada por Heidegger como a possibilidade de estarmos no mundo de um modo diferente: podemos aceitar a inexorabilidade do nosso destino mortal e ao mesmo tempo procurar um novo enraizamento que nos possibilite manter a esperança e a capacidade de sonhar, guardando a abertura ao mistério e ao segredo. A esperança não é esperar sem objetivo, é manter-se na abertura, comprometendo-se com o futuro que se apresenta no presente com a vigência do ter sido.

Palavras-Chave: esperança, ser-para-a-morte, serenidade, ação clínica, *Dasein*.

Carmem Lucia Brito Tavares Barreto

Psicóloga, Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo- USP, Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Coordenadora Geral de Pesquisa e do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial- LACLIFE, da Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP.

2.4. A EXISTÊNCIA HUMANA PARA ALÉM DOS ESTÁGIOS DA VIDA

Ana Maria Monte Coelho Frota (UFC)

Nesta comunicação, irei refletir acerca dos conceitos atuais sobre infância e criança da psicologia do desenvolvimento, confrontando-os com as ideias defendidas pelos filósofos Koan, Larrosa e Agamben. Trago provocações teóricas que, acredito, tenham força para introduzir ressignificações no campo da psicologia e, quem sabe, contribuir para o rompimento definitivo de uma ideia hegemônica de divisão das idades do homem em fases e estágios de desenvolvimento, que se consomem em si mesmo. Para tanto, em primeiro lugar, estarei apresentando o panorama contemporâneo da psicologia do desenvolvimento, à luz de um olhar crítico acerca da perspectiva naturalizante das etapas do ciclo de vida. A Perspectiva que a psicologia do desenvolvimento tem adotado hegemonicamente, desde que se constituiu como um campo de saber, é que a vida humana pode ser dividida em estágios, fases do desenvolvimento. A partir do séc. XX, porém, a Psicologia Sócio-histórica repensa o fenômeno psicológico, tomando-o como imbrincado com a condição histórica, social e cultural na qual vive o homem. Assim, na contemporaneidade coexiste lado a lado um olhar sobre o fenômeno psicológico mais voltado ao natural, biológico; e outro, respaldado na vida concreta. Apesar disso, a divisão da existência da vida humana em fases, determinadas biologicamente, continua com seu primado sobre outras perspectivas. A seguir, apresentarei as ideias centrais da filosofia da educação. Para ela, a infância aparece como o nascimento de uma possibilidade de ruptura com a aridez e infecundidade modernas, uma vez que a considera criança como uma estrangeira no mundo da técnica. Como tal, a criança fala uma língua nova, pensa o que não se pensa, transita por onde não se costuma andar; inventa, cria, rompe. É com este olhar que pretendo iniciar um diálogo entre a concepção de infância e criança, construída à luz das reflexões da Filosofia da Educação e da psicologia do desenvolvimento. Questiono o mito da infância como um tempo cronológico. Duvido da compreensão da criança como um ser da incompletude e da falta, que se contrapõe ao adulto. Indago acerca do mito da criança que deve ser educada, e que não tem muito o que dizer num mundo autocêntrico. Experiência e infância não antecedem cronologicamente à linguagem. Na verdade, elas são condições da linguagem. Neste sentido, o ser humano sem infância seria um indivíduo de pura natureza, repetidor mecânico de um mundo, também mecânico. Finalmente, em um terceiro momento, proponho um diálogo entre a psicologia do desenvolvimento e a filosofia da educação, trazendo um alargamento da compreensão da infância e do ser criança. Lanço o questionamento acerca de se pensar a infância para além de determinações biológicas, universais, cronológicas. Abro o convite para pensarmos a infância como um modo de ser na vida, que pode se fazer presente em qualquer tempo da existência.

LA EXISTENCIA HUMANA MÁS ALLÁ DE LAS ETAPAS DE LA VIDA

En este artículo, voy a reflexionar sobre los conceptos actuales de la infancia y la psicología del desarrollo infantil, confrontando con las ideas defendidas por los filósofos Koan, Larrosa y Agamben. Traigo provocaciones teóricas, creo, tener la fuerza para entrar en nuevos significados en el campo de la psicología y tal vez contribuir a la ruptura definitiva de una idea hegemónica de la división de las edades del hombre en fases y etapas de desarrollo, que se consumen en sí mismo. Por lo tanto, en primer lugar, estaré presentando el panorama contemporáneo de la psicología del desarrollo a la luz de una mirada crítica sobre la perspectiva de la naturalización de las etapas del

ciclo de vida. La perspectiva de que la psicología del desarrollo ha adoptado hegemónicamente, ya que se constituye como un campo de conocimiento, es que la vida humana se puede dividir en etapas, fases de desarrollo. A partir del siglo. XX, sin embargo, la psicología sociohistórica replantea el fenómeno psicológico, tomándolo como imbricado con la condición histórica, social y cultural en que vive el hombre. Así, en el lado a lado contemporánea coexiste un vistazo a la mayor parte de nuevo al fenómeno psicológico natural, biológica; y otro, apoyados en la vida real. Sin embargo, la división de la existencia de la vida humana en etapas, determinado biológicamente, continúa su primacía sobre otras perspectivas. A continuación, voy a presentar las ideas centrales de la filosofía de la educación. Para ella, el niño aparece como el nacimiento de una oportunidad de romper con la aridez y la infertilidad moderna, ya que el niño se siente como un extranjero. Como tal, el niño habla un nuevo lenguaje, piensa que nadie piensa, se mueve en las que no suele caminar; inventa, crea, rompe. Es con este aspecto quiero empezar un diálogo entre la concepción de la infancia y el niño, incorporada a la luz de las reflexiones de la filosofía de la educación y la psicología del desarrollo. Pongo en duda el mito de la infancia como un tiempo cronológico. Dudo que la comprensión del niño como un ser de carácter incompleto y la falta, que es opuesta a la de adultos. Pregunto sobre el mito del niño a ser educado, y no tienen mucho que decir en autocêntrico mundo. La experiencia y la niñez no precede cronológicamente el idioma. De hecho, son las condiciones de la lengua. . En este sentido, no niño humano sería una naturaleza pura individual de un mundo repetidor mecánico, también mecánica. Por último, en un tercer momento, se propone un diálogo entre la psicología del desarrollo y de la filosofía de la educación, con lo que una extensión de la comprensión de la niñez y ser un niño. Lanzo la pregunta sobre el pensamiento más allá de la infancia determinaciones biológicas, universal, cronológicos. Abro invitación a pensar en la infancia como una forma de ser en la vida, que puede estar presente en cualquier momento de la existencia.

Ana Maria Monte Coelho Frota

Psicóloga, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia, Professora da Universidade Federal do Ceará, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN, Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da Anpep.

2.5. A INCLUSÃO PRÉ-ONTOLÓGICA DO DASEIN COMO CERNE DA DASEINANALYSE DE ALICE HOLZHEY-KUNZ

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (Instituto Sedes Sapientiae)

A psicoterapia Daseinsanalítica continua sendo pouco conhecida no Brasil, apesar de muitos estudiosos a mencionarem nos seus estudos. Isso se deve, principalmente, à escassez de traduções em língua portuguesa. O esforço de estudiosos brasileiros de derivarem uma psicologia clínica diretamente da filosofia de Heidegger, além de frequentemente fracassar, contribui para o desinteresse com a obra dos primeiros daseinsanalistas. Isso se desdobra no ínfimo conhecimento da obra da segunda geração de daseinsanalistas. Esta comunicação objetiva mitigar essa situação, apresentando à comunidade científica a Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz (1943 –), expoente da geração de psicoterapeutas que estudaram diretamente com Medard Boss. A filósofa foi aluna no Instituto fundado por Medard Boss, mas sua própria leitura da obra de Heidegger, sobretudo *Ser e tempo*, leva-a a diferenciar-se do fundador da Daseinsanalyse clínica, assim como da de Binswanger (é co-editora da publicação de suas obras). Holzhey-Kunz defende que a Daseinsanalyse é, necessariamente, uma psicopatologia. Com Binswanger, torna-se método investigativo e proposição de concepção do sofrimento chamado de mental. Com Boss, torna-se psicoterapia. Entretanto, a Daseinsanalyse de Boss perde o caráter hermenêutico da psicanálise de Freud e da fenomenologia de Heidegger, segundo ela. Sua proposta é reabilitar a hermenêutica na psicoterapia daseinsanalítica. Para isso, a autora enfatiza o caráter ôntico-ontológico da existência, tal como descrito na analítica existencial, e defende que a inclusão pré-ontológica, ou seja, o entendimento do próprio ser (ontológico) concomitante a todo modo de ser ôntico seja considerado na compreensão das psicopatologias e da psicoterapia. Em sua compreensão da Daseinsanalyse, as psicopatologias são “sofrimento do/pelo próprio ser”, ou seja, modos em que a verdade ontológica de Dasein se manifesta, que a condição humana irrompe, mostrando o peso do ser Preocupação (*Sorge*). Esse mostrar-se é imediatamente ocultado por um comportamento que visa eliminar a (incontornável) condição. Chama-se de isso de manobra ôntica. Tal entendimento do sofrimento existencial exige do terapeuta, além de escuta das dimensões transferencial e interacional na relação com o paciente, “escuta filosófica”, ou seja, o entendimento do ser do Dasein que assim se manifesta. Esta escuta é a tarefa hermenêutica do Daseinsanalyse: investigar e revelar os sentidos ocultos para os sintomas.

Palavras-chave: Daseinsanalyse; Psicoterapia; Existência; Analítica existencial

LA INCLUSIÓN PRE-ONTOLÓGICA DE DASEIN COMO NÚCLEO DE LA DASEINANALYSE DE ALICE HOLZHEY-KUNZ

La psicoterapia daseinsanalítica sigue siendo poco conocida en Brasil, aunque muchos eruditos la mencionan en sus estudios. Esto es debido principalmente a la falta de traducciones en lengua portuguesa. El esfuerzo de investigadores brasileños para derivar una psicología clínica de la filosofía de Heidegger, además a menudo fallaren, contribuye al desinterés con el trabajo de la primera daseinsanalistas. Esto despliega en el poco conocimiento de la obra de la segunda generación de daseinsanalistas. Esta comunicación tiene por objeto disminuir esta situación, presentando a la comunidad científica la daseinsanalista Alice Holzhey-Kunz (1943 -), exponente de la generación de psicoterapeutas que estudió directamente con Medard Boss. La filósofa fue estudiante en el Instituto fundado por Medard Boss, pero su propia lectura de la obra de Heidegger, especialmente *Ser y tiempo*, la diferencia del fundador de la Daseinsanálisis clínica, así como de

Binswanger (ella es co-editora de la publicación de sus obras). Holzhey-Kunz argumenta que la Daseinsanalyse es, necesariamente, una psicopatología. Con Binswanger, se convierte en método de investigación y concepción de sufrimiento llamado mental. Con Boss, se convierte en Psicoterapia. Más, la Daseinsanalyse de Boss pierde el carácter hermenéutico del psicoanálisis de Freud y la fenomenología de Heidegger, según ella. Su propuesta es rehabilitar la hermenéutica en la psicoterapia daseinsanalítica. Para ello, la autora enfatiza la existencia del carácter óntico-ontológico como se describe en la analítica existenciária, y argumenta que la inclusión pre-ontológico, es decir, la comprensión del propio ser (ontológico) concomitante a cualquier modo de ser (óntico) sea considerada en la comprensión de la psicopatología y la psicoterapia. En su comprensión de Daseinsanalyse, las psicopatologías están "sufriendo de por ser propio", es decir, formas en que se manifiesta la verdad ontológica del Dasein, la condición humana se rompe, mostrando el peso de la preocupación (Sorge). Este espectáculo se esconde inmediatamente para un comportamiento que tiende a eliminar la condición (inevitable). Su nombre es el de ôntica maniobra. Tal comprensión del sufrimiento existencial requiere el terapeuta, así como escuchar las dimensiones de la relación transferencial e interacción con el paciente, «escucha filosófica », es decir, la comprensión del ser del Dasein que así se manifiesta. Este cable es la tarea hermenéutica de Daseinsanalyse: investigar y revelar los significados ocultos a los síntomas.

Palabras-clave: Daseinsanalyse; Psicoterapia; Existencia; Analítica existencial

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Doutor em Psicologia pela USP, Mestre em Filosofia e Psicólogo pela PUC-SP. É psicoterapeuta desde 2002 e supervisor clínico desde 2005. É professor no Instituto Sedes Sapientiae. Lecionou e coordenou as disciplinas de Psicologia Fenomenológica na UNIP.

Endereço eletrônico: paulo.e.evangelista@gmail.com

2.6. ANGÚSTIA E ANSIEDADE: UM ESBOÇO HISTÓRICO-CONCEITUAL E UMA PERSPECTIVA SARTREANA

André Barata

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Esta conferência busca definir, diferenciar e discutir, particularmente numa perspectiva sartreana, dois fenômenos psico(pato)lógicos comuns, caracteristicamente humanos, com frequência associados ou confundidos, especialmente na contemporaneidade: angústia e ansiedade. Enquanto a angústia se caracteriza pela inquietação e pelo receio difusos, sem, aparentemente, ter um objeto determinado, a ansiedade é um sintoma da angústia, envolvendo sintomas, como a tensão, a taquicardia e a dispneia. Assim, a ansiedade não ocorre sem angústia, embora haja formas de ansiedade que não mantêm qualquer relação com a situação angustiante. A ansiedade é da ordem comportamental; a angústia é uma situação ou estado psicológico. Fenômenos usuais e característicos da contemporaneidade, angústia e ansiedade têm sido discutidos, ao longo do tempo, por iminentes pensadores, como Kierkegaard, Freud, Jaspers, Heidegger e Sartre. Já na primeira metade do século XIX, Kierkegaard a destacava como o agente motor do ser humano. Por sua vez, a ansiedade era considerada por Kierkegaard equivalente à angústia, ou seja, como uma espécie de vertigem do livre-arbítrio por se ter, à frente, mais de uma possibilidade, comparando-a à sensação de estar à beira de um abismo, temeroso de um vacilo da consciência. Freud, à semelhança de Jaspers, diferenciava a angústia do medo, mas não da ansiedade, pois, enquanto ele se volta a um objeto, ela se caracteriza por sua indefinição, mas ligada à sexualidade. Para Freud, a ansiedade pode ser de três tipos: realística, moral e neurótica. Heidegger considerava que disposição afetiva fundamental do ser-aí é a angústia, não a distinguindo, claramente, da ansiedade. Sem negar as perspectivas anteriores, Jean-Paul Sartre considerava a angústia o sentimento existencial por excelência. Afirmava que “somos angústia”, pois, a partir dela, o homem toma consciência da sua liberdade como consciência do que ele é e do que faz de sua própria vida. A angústia, como uma condição humana, requer ação, sendo um importante catalisador do projeto de ser que o homem constrói ao longo de sua existência. Para Sartre, é a liberdade que o remete a uma condição de desamparo, de desespero ou de angústia. A angústia se manifesta por conta de o homem ter consciência de sua liberdade. As escolhas da pessoa repercutem não apenas em sua vida, mas, também, em toda a humanidade, pois ela se torna responsável por todos os homens. A profundidade de sua responsabilidade por toda a humanidade, com frequência, leva o homem a desenvolver estratégias que o auxiliem a suportar sua angústia. Assim, para Sartre, a liberdade gera angústia e, ao tentar negar o peso da responsabilidade que assume, o homem cria condutas de fuga, que o filósofo denominou de *má-fé*. A *má-fé* é uma escolha de camuflagem de uma condição existencial: a angústia. A angústia é a apreensão reflexiva da condição da liberdade. Por isto, o filósofo afirmava que estamos condenados à liberdade. A consciência da liberdade é consciência da angústia. Para Sartre, o homem não pode deixar de ser livre. Por sua vez, distinguia a angústia dirigida para o futuro (mais próxima da concepção de ansiedade) da angústia dirigida para o passado.

Palavras-chave: angústia; ansiedade; histórico e conceituação; fenomenologia existencial; Jean-Paul Sartre.

André Barata

Filósofo com doutoramento em filosofia contemporânea pela Universidade de Lisboa. Professor da Universidade da Beira Interior. Diretor do Mestrado em Ciência Política. Pesquisador integrado do

Instituto de Filosofia Prática, em Portugal, e do Laboratório de Filosofia Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-presidente da Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica. Membro do Conselho Editorial da edição portuguesa do periódico *Le Monde Diplomatique*.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo, mestre em educação e doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutorado em filosofia prática pela Universidade da Beira Interior, em Portugal. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO. Psicoterapeuta fenomenológico-existencial, supervisor de estágios em psicologia clínica e formador de psicoterapeutas em gestalt-terapia. Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP.

2.7. A PARANÓIA COMO EXPRESSÃO DAS CONTRADIÇÕES ENTRE O SINGULAR E O UNIVERSAL: REFLEXÕES A PARTIR DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

A psicopatologia fenomenológica busca compreender o sujeito integral em relação com o mundo, fornecendo subsídios para uma psicopatologia crítica, que constrói as bases de uma clínica compreensiva. Dessa forma, traz para a cena clínica o sujeito concreto em seu sofrimento, rompendo com a perspectiva individualizante, mecanicista, neurofisiológica da psicopatologia contida nos manuais da psiquiatria e nos catálogos de doenças, que reduzem o sofrimento aos seus sintomas. Sartre, ao partir de influências fenomenológicas, agrega fundamentos do existencialismo e da dialética materialista, a fim de esclarecer as condições de possibilidade da ocorrência dos fenômenos psíquicos, entre eles as vivências psicopatológicas. Utiliza do método progressivo-regressivo, de base dialética, aplicando-o para a compreensão do sofrimento psíquico, exercício desenvolvido em seu livro “O Idiota da Família”, onde busca compreender o que chama de “neurose objetiva” de Flaubert, utilizando-se da proposição metodológica de sua psicanálise existencial: primeiramente, trata de compreender a neurose por dentro, ou seja, reconstituir sua gênese proto-histórica (antes do surgimento do próprio fenômeno psicopatológico) e depois desvelar sua história, visando descobrir nela a intenção teleológica subjetiva que se constitui em seu contexto psicossocial. Depois deve-se ir para as estruturas objetivas, que fornecem as contingências que cercam o processo de sofrimento: o conjunto institucional, produto e expressão das infraestruturas de um certo momento histórico; a conjuntura histórica e a própria família Flaubert, enquanto resultado metaestável das estruturas e da história, sendo que as determinações abstratas e gerais já estão particularizadas na intersubjetividade familiar dos Flaubert. Estas contradições colocam Gustave, ainda criança, em sua ingenuidade e agitação infantil, no redemoinho de suas vivências, buscando superar às cegas, esses condicionamentos em direção a seus próprios fins, fazendo com que a neurose seja uma saída inventada no jogo de forças contraditórias que lhe são impostas, expressão da dialética entre interiorização e exteriorização. O sujeito em sofrimento acaba por jogar o perde-ganha em sua “escolha psicopatológica”, pois sempre há de se responder essa pergunta: Em que medida a psicopatologia prejudica a Flaubert e, em que medida, ela é útil para ele? Esse método será utilizado para compreender o caso clínico de Vadico, pescador, manezinho da ilha, nativo de Florianópolis, paciente que desenvolveu uma esquizofrenia paranoide depois de passar por uma neurocirurgia para cura de um foco epilético. Buscar-se-á compreender a construção de sua paranoia como a saída inventada para as contradições de seu contexto histórico, tendo a gênese em sua longa história de vivências epiléticas, as contradições e pressões da célula familiar e das condições de trabalho. Qual foi seu jogo de perde-ganha com sua saída paranoide? Eis o exercício clínico que buscaremos aqui desenvolver.

Palavras-Chave: Psicologia Existencialista; Psicopatologia Fenomenológica; Jean-Paul Sartre; Dialética; Paranoia.

LA PARANOIA COMO FORMA DE EXPRESIÓN DE LAS CONTRADICCIONES DEL UNIVERSAL SINGULAR: REFLEXIONES DESDE EXISTENCIALISMO

La psicopatología fenomenológica busca entender todo el tema en relación con el mundo, proporcionando soporte para una psicopatología crítica, que construye la base para una clínica

integral. Por lo tanto, lleva a la escena clínica del sujeto concreto en su sufrimiento, rompiendo con la perspectiva individual, mecánica, la psicopatología neurofisiológica descrita en los manuales de psiquiatría y catálogos de enfermedades que reducen el sufrimiento de sus síntomas. Sartre, que tiene como punto de partida las influencias fenomenológicas, añade bases del existencialismo y de la dialéctica materialista, con el fin de aclarar las condiciones de posibilidad de la ocurrencia de los fenómenos psíquicos, incluyendo las experiencias psicopatológicas. Utiliza el método progresivo-regresivo, aplicándolo a la comprensión del sufrimiento mental, ejercicio desarrollado en su libro "El idiota de la familia", que busca comprender lo que llama de "neurosis objetiva" de Flaubert, usando la propuesta metodológica de su psicoanálisis existencial: en primer lugar, el entendimiento de la neurosis en el interior, o la reconstitución de su génesis protohistórico (antes de la aparición del propio fenómeno psicopatológico), para entonces revelar su historia, con el fin de descubrir en ella la intención teleológica subjetiva que se encuentra en su contexto psicosocial. A continuación, se debe ir por las estructuras objetivas, que proporcionan las contingencias que rodean el proceso de sufrimiento: el institucional, el producto y expresión de la infraestructura de un determinado momento histórico; la situación histórica y familiar de Flaubert, como resultado de las estructuras y la historia meta estables, y las determinaciones abstractas y generales ya se particularizan en la intersubjetividad de la familia Flaubert. Estas contradicciones ponen Gustave, un niño, en su ingenuidad y agitación, en el torbellino de sus experiencias, tratando de superar a ciegas, estos condicionamientos hacia sus propios fines. Así, la neurosis es una manera inventada en el juego de fuerzas contradictorias que se imponen, la expresión dialéctica entre la internalización y externalización. El sujeto que sufre termina jugando el "pierde-gana" en su "elección psicopatológica", porque siempre se impone la pregunta: ¿En qué medida la psicopatología afectará a Flaubert y en qué medida, es útil para él? Este método se puede utilizar para comprender el caso clínico de Vadico, pescador, natural de la isla de Florianópolis, que ha desarrollado una esquizofrenia paranoide después de someterse a neurocirugía para curar un foco epiléptico. Vamos a tratar de entender la construcción de su paranoia como la salida inventada para las contradicciones de su contexto histórico, y la génesis de su larga historia de experiencias de epilépticos, las contradicciones y las presiones de la unidad familiar y condiciones de trabajo. ¿Cuál fue su juego de "pierde-gana" con su forma que su vivencia paranoica llevo a cabo? Esta es la práctica clínica que buscaremos desarrollar aquí.

Palabras-Clave: Psicología existencialista; psicopatología fenomenológica; Jean-Paul Sartre; dialéctica; Paranoia

Daniela Ribeiro Schneider

Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

2.8. CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE OS SONHOS E SUAS RELAÇÕES COM A PSICOTERAPIA

Roberto Novaes de Sá (UFF)

O objetivo desta reflexão é perguntar fenomenologicamente o que é o sonho. Para, a partir do desdobramento da questão, articular suas possíveis relações com as práticas psicoterapêuticas. Pensar de maneira fenomenológica sobre o sonho implica deixar em suspenso todas as suas objetivações neurológicas e psicológicas, tomando o sonho como modo de experiência intencional, ou modo de ser do ser-aí como ser-no-mundo. Em geral, nossa compreensão comum do sentido de sonho se dá como tensionamento com o sentido da realidade ordinária. Sonho é, usualmente, sinônimo de ilusão, fantasia, utopia. Como objeto da experiência, sonho indica algo que não tem lugar na realidade efetiva da vigília. Como modo da experiência, designa um estado cognitivo de confusão e ilusão. No entanto, são recorrentes na filosofia antiga, nas tradições espirituais e nas culturas populares concepções do sonho que invertem o sentido dessa tensão e atribuem ao mundo dos sonhos uma realidade própria, muitas vezes superior à do mundo de vigília. De qualquer forma, o sentido de sonho remete, nos dois casos, à nossa compreensão sobre o que é real e o que não é real, ou seja, à nossa compreensão sobre o ser dos entes. Não é apenas o conteúdo objetivável da experiência onírica que pode variar infinitamente, a própria realização do sonho como experiência pode se dar em modos muito diferentes, com uma gradação variável de adormecimento ou lucidez. Sendo, assim, possível se pensar em um espectro de estados atencionais com seus correlativos modos de presença dos entes. Conseqüentemente, a existência nunca seria absolutamente adormecida ou absolutamente desperta, mas seria como um jogo dinâmico de velamento e desvelamento do ser dos entes. Sob essa perspectiva, o interesse de uma hermenêutica dos sonhos para a psicoterapia não recairia apenas nas interpretações de conteúdo, mas, também, na compreensão dessa dinâmica de abertura e velamento que se realiza sempre como “minha” existência. O fato de que o despertar traz ao sonhador alívio de um pesadelo pode ser tomado como situação paradigmática para a reflexão psicoterápica. O que alivia a existência desperta não é o esquecimento do pesadelo, nem uma mudança com relação ao seu sentido material. É, antes, uma mudança com relação ao estatuto ontológico do sonhado: “...foi só um sonho”. A característica distintiva do sonho, neste caso, era a completa absorção na situação vivida, que restringia a liberdade de correspondência ao sonhado. Nessas modulações da experiência o que está em jogo é sempre, portanto, a verdade, a restrição ou a abertura da existência, a liberdade.

Palavras-chave: existência; liberdade; psicoterapia; sonho.

CONSIDERACIONES FENOMENOLÓGICAS SOBRE LOS SUEÑOS Y SUS RELACIONES CON LA PSICOTERAPIA

El objetivo de esta reflexión es preguntar fenomenológicamente lo que es el sueño, para que, a partir del desarrollo de esta pregunta, sea posible articular relaciones con las prácticas psicoterapêuticas. Pensar de forma fenomenológica sobre el sueño implica dejar en suspensión todas las objetivaciones neurológicas y psicológicas, tomando el sueño como modo de experiencia intencional, o modo de ser del “ser-ahí” como “ser-en-el-mundo”. Por lo general, nuestra comprensión común del sentido al respecto del sueño se presenta como tensión con el sentido de la realidad ordinaria. El sueño es usualmente, sinónimo de ilusión, fantasía, utopía. Como objeto de la experiencia, el sueño indica algo que no tiene lugar en la realidad efectiva de la vigilia. Como modo de la experiencia, el sueño aparece como estado cognitivo de confusión e ilusión. Sin embargo, son recurrentes en la filosofía antigua, en tradiciones espirituales y en las culturas populares

concepciones de sueño que invierten el sentido de esa tensión, atribuyendo al mundo de los sueños una realidad propia, muchas veces superior a la del mundo de la vigilia. De cualquier forma, el sentido del sueño se refiere, en los dos casos, a nuestra comprensión sobre lo que es real, o sea, a nuestra comprensión sobre el ser de los entes. No es apenas el contenido objetivado de la experiencia onírica que puede variar infinitamente, la propia realización del sueño como experiencia puede darse de modos muy diferentes, con una graduación variable de adormecimiento o lucidez. Siendo así, es posible pensar en un espectro de estados de atención con sus correlativos modos de presencia de los entes. Consecuentemente, la existencia nunca sería absolutamente adormecida o absolutamente lúcida, sería más bien un juego dinámico de ocultamiento y desocultamiento del ser de los entes. Desde esta perspectiva, el interés de una hermenéutica de los sueños para la psicoterapia no recae solamente en las interpretaciones del contenido, mas también, en la comprensión de esa dinámica de abertura y ocultamiento que se realiza siempre como “mi” existencia. El hecho de que el despertar trae al soñador alivio de una pesadilla, puede ser considerado como una situación paradigmática para la reflexión psicoterapéutica. Lo que alivia la existencia despierta no es el olvido de la pesadilla, ni el cambio en relación a su sentido material. Es, antes, un cambio del estatuto ontológico de lo soñado: “...fue solo un sueño”. La característica distintiva del sueño, en este caso, fue la completa absorción en la situación vivida, que restringió la libertad de correspondencia sobre lo soñado. En estas modulaciones de la experiencia, lo que está en juego es siempre la verdad, la restricción o abertura de la existencia, la libertad.

Palabras-clave: existencia; libertad; psicoterapia; sueño.

Roberto Novaes de Sá

Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Endereço eletrônico: robertonovaes@psicologia.uff.br

2.9. CORPOS EM QUEDA: SOBRE SUICÍDIOS EM PONTES E AS DETERMINAÇÕES DA EXISTÊNCIA NA ERA DA TÉCNICA

Elza Dutra (UFRN)

O suicídio acontece em todo o mundo e tem sido amplamente estudado, inclusive no âmbito da psicologia fenomenológica. Os meios adotados para o suicídio são os mais variados possíveis. No entanto, estudos epidemiológicos mostram que a arma de fogo, o enforcamento e a precipitação de lugares altos são os mais frequentes, refletindo, de alguma forma, a cultura do lugar onde o suicídio ocorre e a historicidade, que constitui o horizonte onde a existência acontece. Este trabalho pretende refletir sobre o suicídio, tomando como base a) algumas ideias contidas na fenomenologia hermenêutica heideggeriana; e b) a observação de dados sobre suicídios em pontes, entre as quais, a ponte Newton Navarro, em Natal, capital do RN. As estatísticas obtidas no Instituto Técnico de Polícia- ITEP-RN mostram que desde a sua inauguração, em 2008, e até 2015, 24 pessoas caíram dessa ponte. Os números propiciam reflexões sobre as condições existenciais presentes no desejo de não viver, numa perspectiva epocal, que na modernidade é nomeada pelo filósofo Martin Heidegger como Era da técnica. Sobre essas bases, refletimos sobre as determinações que constituem um modo de pensar calculante e técnico, que formam o horizonte histórico em que o suicídio acontece.

Palavras-chave: suicídio em pontes; suicídio no RN; fenomenologia hermenêutica heideggeriana; psicologia fenomenológico-existencial.

LA CAÍDA DE LOS CUERPOS: SOBRE LOS SUICIDIOS EN LOS PUENTES Y LAS DETERMINACIONES DE LA EXISTENCIA EN LA ERA DE LA TÉCNICA

El suicidio se produce en todo el mundo y ha sido ampliamente estudiado, incluso dentro de la psicología fenomenológica. Los medios adoptados para el suicidio son los más variados. Sin embargo, los estudios epidemiológicos muestran que las armas de fuego, ahorcamiento y la precipitación de lugares altos son los más frecuentes, lo que refleja, de alguna manera, la cultura del lugar donde se produce el suicidio y la historicidad, que es el horizonte donde la existencia se produce. Esta conferencia tiene como objetivo reflexionar sobre el suicidio, sobre la base de a) algunas ideas contenidas en la fenomenología hermenéutica de Heidegger; y b) los datos de observación sobre los suicidios en puentes, incluyendo el puente Newton Navarro, en Natal, capital de RN. Las estadísticas obtenidas en el ITEP-RN, Instituto Técnico de Policía muestran que desde su inauguración en 2008 y hasta 2015, 24 personas murieron en el puente. Los números proporcionan reflexiones sobre las condiciones existenciales presentes en el deseo de no vivir en una perspectiva de tiempo, que en la modernidad es nombrado por el filósofo Martin Heidegger como la era de la técnica. Sobre esta base, se reflexiona sobre las determinaciones que son una forma de pensar en que el cálculo y la técnica forman el horizonte histórico que ocurre el suicidio.

Palabras-chave: el suicidio en los puentes; El suicidio en RN; fenomenología hermenéutica heideggeriana; la psicología existencial-fenomenológica.

Elza Maria do Socorro Dutra

Professora Titular em Psicologia Clínica Fenomenológica do Departamento de Psicologia e do PPgPsi- UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano-

GESDH/UFRN/CNPq. Coordenadora (2014-2016) e Vice-Coordenadora (2016-2018) do GT-Psicologia & Fenomenologia –Anppep.

2.10. FENOMENOLOGIA, PSICOTERAPIA E CLÍNICA: DESAFIOS ENTRE O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO

Adriano Furtado Holanda (UFPR)

A adjetivação “fenomenológico” tem sido utilizada de modos diversos, para contextos distintos de aplicação, ora como modelo de fundamentação de uma ciência empírica, ora como reflexão epistemológica, ora como metodologia de pesquisa, ora como crítica a apropriações de modelos de ciência que alienam o subjetivo. Ora como filosofia. No esteio da compreensão da consciência como o lugar privilegiado do sujeito no mundo, a Fenomenologia propõe caminhos articulados para a fundamentação tanto de uma ciência empírica quanto de uma filosofia da existência (como assinalam Thévenaz, Merleau-Ponty e Gadamer). O uso desse qualificativo, muitas vezes escamoteia posições díspares com relação ao “fenomenológico”, o que provoca sucessivas confusões nestas mesmas apropriações. A chamada “clínica fenomenológica” se constituiu em paralelo com as formulações de Husserl, notadamente da parte daqueles psiquiatras preocupados tanto com a construção filosófica, quanto com a prática clínica, como observamos em Karl Jaspers e Ludwig Binswanger (dentre outros), como aqueles que procuraram absorver – de modo igualmente distintos, mas a nosso ver complementares – os elementos constitutivos de uma fenomenologia, a partir de Husserl, e aplicá-los à clínica médica. Partiremos de alguns textos pontuais desses dois pensadores (textos seminais de Jaspers e posições sobre psicoterapia de Binswanger), em articulação com as formulações conceituais de Husserl, para tentarmos acessar os desafios e possibilidades de uma clínica e uma psicoterapia “fenomenológicas”. Esses desafios se articulam em torno do binômio ôntico-ontológico, visto a vida humana constituir-se nesta dialética: sujeito é sujeito empírico e sujeito transcendental. Nosso ponto de partida serão as formulações husserlianas de uma Philosophie als strenge Wissenschaft, como fundamento para a compreensão do sujeito como in der Welt sein (sujeito mundano e empírico), em conexão intersubjetiva. A proposta deste trabalho, pois, é: a) Discutir, preliminarmente, a necessária distinção entre uma psicoterapia e uma clínica (o que, para nós, se constitui numa “fenomenologia da clínica e da psicoterapia”); b) Delimitar, a partir de uma revisão crítica de literatura, em bases de dados abertas, a compreensão de uma clínica e uma psicoterapia fenomenológicas no contexto brasileiro; c) Buscar fundamentos na perspectiva husserliana para a formulação de uma clínica “fenomenológica”; e, d) Buscar responder à pergunta se “seria possível uma psicoterapia e uma clínica de base fenomenológica?”. Finalizamos por uma conclusão preliminar que define uma psicoterapia como instrumentalização na onticidade, como espaço de normalização e normatização (na direção da crítica de Canguilhem), no qual a perspectiva funcionalista é prioritária, sendo, portanto, devedora do naturalismo empiricista da medicina tradicional (como destacado por Foucault). Nesta perspectiva, os modelos psicoterapêuticos se apresentam como analíticos e funcionalistas, distantes do modelo compreensivo da Fenomenologia. Mesmo assim, esta, surge como um espaço virtual possível (dentre tantos outros) para uma clínica fenomenológica que sirva de possibilidade para uma ontologia sem, contudo, ser possível assumi-la como tal. Esta clínica, como possibilidade de uma ontologia, se apresenta mais propriamente como uma “antropologia intersubjetiva”, mais claramente observável na experiência da “loucura” – ou da “psicopatologia” – como a experiência da apresentação do ser no mundo como Mit-dasein. A construção de qualquer modelo de clínica “fenomenológica” não dispensa uma “fenomenologia da clínica e da psicoterapia” como tarefa fundamental.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Clínica, Psicoterapia.

Adriano Furtado Holanda

Graduado em Psicologia (1987) com Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (1993) e Doutorado em Psicologia pela PUC-Campinas (2002). Professor Adjunto e Orientador de Mestrado da Universidade Federal do Paraná. Editor Chefe da revista Phenomenological Studies-Revista da Abordagem Gestaltica e Editor Associado da revista Interação em Psicologia (UFPR)

2.11. INTERCORPOREIDADE E CLÍNICA

Mônica Botelho Alvim (UFRJ)

A noção de intercorporeidade proposta por Merleau-Ponty compõe a ontologia desenvolvida no período final de sua obra, quando recusa explicitamente o cogito, a noção de constituição e desenvolve a noção de carne. Propondo uma reabilitação ontológica do sensível, promove uma inflexão que desloca do sujeito a origem do sentido, entendendo que as coisas, como polo das operações do corpo, estão presas no mesmo tecido intencional que ele, comungando de um fundo carnal. O corpo tem dupla pertença ao mundo, sendo único meio para atingir o âmago das coisas; ao mesmo tempo ser vivente e coisa entre as coisas, pode ver e ser visto, tocar e ser tocado, sentir e ser sentido, sendo capaz de um movimento de reversibilidade que une o que é visto e que vê, o objeto e o sujeito, por uma familiaridade primordial e carnal. As coisas percebidas também são carne sensível, parte do Ser, têm dignidade ontológica. É por ser o corpo um ser de duas dimensões capazes de reversibilidade, que nos permite ir às próprias coisas, inacessíveis a quem as queira sobrevoar, só abertas para os que com elas coexistam. Propondo noções tais como coexistência e co-pertencimento Merleau-Ponty opõe-se a concepção da consciência como correlação, reafirmando a primazia da dimensão pré-reflexiva e pré-objetiva do corpo. Concebe uma espécie de aderência entre sujeito e objeto, visível e vidente, apoiado na ideia de uma generalidade do Ser: a carne, que confere ao corpo e às coisas uma Visibilidade em si que não pertence ao corpo de fato nem à coisa de fato. Introduce, assim, uma noção de generalidade que não resulta de uma síntese de múltiplas “consciências de”, mas é sustentada por um fundo carnal, Sentiente e Sensível em geral, que faz a unidade de meu próprio corpo e de meu corpo com outros corpos, definindo um domínio intercorporal. Tal ontologia desloca radicalmente a noção de uma subjetividade compreendida como mundo interior. Dialogando com a psicologia, Merleau-Ponty opõe-se ao subjetivismo psíquico, critica a concepção de uma interioridade que dê ao sujeito singular um mundo privado e exclusivo e uma psicologia na qual o psicólogo instalar-se-ia na posição de espectador absoluto. Isso tem muita ressonância com as concepções da Gestalt-Terapia, na qual o trabalho clínico exige retomar uma implicação com o outro dada na corporeidade, no âmbito pré-reflexivo. A noção de “id da situação” parte da consideração de que terapeuta e cliente não são dois em relação partes extra partes, mas compartilham um domínio comum e pode ser compreendida como aquilo que é dado na situação, envolvendo um caráter de indeterminação e de impessoalidade que não está colocado no interior e subjetivo, mas é deslocado para “fora” do sujeito, para a situação, âmbito de uma indiferenciação originária sujeito-mundo que está na origem de toda experiência. Tal como compreendemos, isso caracteriza uma espécie de aderência ao mundo sensível compartilhado por todos, nos aproximando do domínio intercorporal proposto por Merleau-Ponty. Este trabalho propõe colocar em diálogo a noção gestáltica de id da situação e a noção merleau-pontyana de intercorporeidade, para discutir algumas implicações clínicas daí decorrentes.

Palavras-chave: corpo, id da situação, Merleau-Ponty, Gestalt-terapia.

INTERCORPOREIDAD Y CLÍNICA

La noción de intercorporalidad propuesta por Merleau-Ponty esta en el ámbito de la ontología desarrollada en el último período de su trabajo, cuando el rechaza explícitamente el cogito, la noción de constitución y desarrolla la noción de carne. Propone una rehabilitación ontológica de lo sensible y promueve un cambio que desplaza del sujeto la origen del sentido, introduciendo la comprensión de que las cosas, como polo de las operaciones del cuerpo, están atrapadas en el

mismo tejido intencional que el, en comunión de un fondo carnal. El cuerpo tiene una doble pertenencia al mundo, y es la única manera de llegarse al corazón de las cosas mismas; mientras que ser y lo que vive entre las cosas, se puede ver y ser visto, tocar y ser tocado, sentir y ser sentido, siendo capaz de hacer un movimiento de reversibilidad que une a lo que se ve y lo que es visto, el objeto y el sujeto, por medio de una familiaridad primordial y carnal. Las cosas percibidas también son carne sensible, que forma parte del Ser, tienen dignidad ontológica. Es por el cuerpo ser dotado de dos dimensiones que son reversibles entre sí, que nos es permitido ir a las cosas mismas, inaccesibles para los que quieren sobrevolar, abiertas sólo a aquellos que co-existen con ellas. Con nociones como la co-existencia y co-pertenencia Merleau-Ponty se opone a la concepción de la conciencia como correlación, y reafirma la primacía de la dimensión corporal pre-reflexiva y pre-objetiva. Concibe una especie de vínculo entre el sujeto y el objeto, visible y vidente, apoyando-se en la idea de una generalidad del ser: la carne, lo que le da el cuerpo y las cosas una visibilidad en sí mismo que no pertenece al cuerpo en hecho o a las cosas en hecho. Por lo tanto introduce una noción de generalidad que no sea resultado de una síntesis de múltiples "conciencias de", pero resultante del apoyo en un fondo carnal, Sensible y Sentiente en general, que es la unidad de mi propio cuerpo y de mi cuerpo con otros cuerpos, definiendo un dominio intercorporal. Esta ontología cambia radicalmente la noción de una subjetividad entendida como el mundo interior. Dialogando con la psicología, Merleau-Ponty se opone al subjetivismo psicológico, critica el diseño de una interioridad que le da al sujeto singular un mundo privado y exclusivo y una psicología en el que el psicólogo toma la posición del espectador absoluto. Esto tiene mucha resonancia con los conceptos de la terapia Gestalt, en el que el trabajo clínico requiere retomar una implicación con el otro dada en la corporalidad, en el ámbito pre-reflexivo. La noción de "Id de la situación", parte de la consideración de que el terapeuta y el cliente no son dos relacionados como partes extra partes, pero comparten un dominio común, y puede ser entendida como lo que es dado en la situación, una indeterminación y impersonalidad que no están en el interior y subjetivo, sino que se desplazan a "la fuera" del sujeto, a la situación, lugar de indiferenciación originaria de sujeto-mundo, que es la fuente de toda la experiencia. Tal como la entendemos, esto caracteriza a un tipo de adhesión al mundo sensible compartida por todos, acercándose a la zona entre cuerpos propuesto por Merleau-Ponty. En este trabajo se propone poner en diálogo la noción gestaltica de Id de la situación y la noción merleauPontyana de intercorporalidad para discutir algunas implicaciones clínicas.

Palabras-clave: cuerpo, id de la situación, Merleau-Ponty, terapia Gestalt.

Mônica Botelho Alvim

Psicóloga, mestre e doutora em psicologia e professora adjunta na graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua na clínica com o referencial da Gestalt-terapia. Pesquisa na fenomenologia de Merleau-Ponty e nas obras e escritos de artistas contemporâneos as discussões sobre o corpo, a experiência e a produção de sentidos, subjetivação e cultura.

Endereço eletrônico: mbalvim@gmail.com

2.12. MICHEL HENRY E A INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP)

Procuramos um diálogo entre a fenomenologia da vida de Michel Henry (1922-2002) e a prática clínica, seja em atendimentos clínicos duais e grupais, no acompanhamento terapêutico e na prática em saúde mental. Diálogo que Michel Henry foi desenvolvendo ao longo de sua obra, tendo o texto *Sufrimento e vida* uma das mais completas sínteses de como pensava essas relações. A partir da conferência de Florinda Martins na USP e intitulada *O que pode um sentimento*, cuja desconstrução feita pela fenomenologia do sentir à fenomenologia tradicional motivou-me a desconstruir a prática clínica e de todo um processo clínico sob a convocação da vida e suas leis determinantes, no enredo de nossas vivências e sofrimentos. Realizar-se-á também um diálogo com a psicanálise de Christophe Dejours e a importância do uso do conceito de corporeidade utilizado por Michel Henry a partir da obra de Main de Birain. Dejours deixa clara a importância da obra de Michel Henry no esclarecimento da fenomenalidade do inconsciente ao recapitular as etapas históricas do seu desenvolvimento, no entanto, ele também apresenta as dificuldades e as dissonâncias que este diálogo comporta. Dejours aborda o corpo na interface entre a psicanálise e a fenomenologia da vida e reflete sobre um corpo que se quer de si apropriar. Concluímos a partir de Henry que a interdisciplinaridade é o pão cotidiano dos que entendem que o saber científico se edifica em comunidade. Do ponto de vista clínico, o uso excessivo de teorias, sejam elas psicológicas, psicanalíticas e até mesmo filosóficas, põe em risco a compreensão profunda vinda da linguagem singular e peculiar dos gestos, dos afetos e do verbo, em essência, da sensibilidade humana. Michel Henry capta em sua obra *A Barbárie*, o quanto as Ciências põem em risco a arte, a cultura e a sensibilidade humana. Assim, o afeto traz inscrito em si a sua própria razão de ser e será nele que encontraremos o dinamismo de sua modalização, na dialética dos afetos e nas experiências vividas e compartilhadas, cujas racionalidades são inerentes à afetividade.

Palavras-chave: Michel Henry; Fenomenologia da Vida; Interdisciplinaridade; Afetividade; Psicologia Clínica.

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Psicólogo. Professor Livre-Docente. Vice-Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia – ANPEPP.

2.13. MUNDO DO TRABALHO, SUBJETIVIDADE SEM VALOR E A NECESSIDADE DE RESGATE DA DIMENSÃO ESTÉTICA

Fernando Gastal de Castro (UFRJ)

O mundo do trabalho no século XXI caracteriza-se por um crise do ethos do capital. Diferentemente de outros momentos do tempo histórico capitalista, a crise econômica e social de amplitude global que vivemos não se apresenta segundo a máxima shumpeteriana da destruição criativa mas, ao contrário, como criação destrutiva. A modernidade capitalista, desde seus primórdios, ao ultrapassar formas sociais fundadas no religioso, na tradição e no sagrado, foi capaz de estabelecer um novo ethos, fundando o mundo em novas bases: o industrialismo, o consumo em larga escala de mercadorias, o sistema de mercado auto-regulado e o individualismo, todos esses unificados pelo ideário de acumulação e pela razão instrumental. Logo, a dialética do ethos do capital, desde sua origem, revela uma capacidade de reinventar-se a partir de revoluções culturais e tecnológicas, capaz de expandir a vida social-econômica-cultural a novos patamares. Assim ocorreu com as Cidades Estado Italianas no surgimento do ethos do capital nos séculos XIV ao XVI, com a revolução mercantil protagonizada pelos Países Baixos no século XVII, com a revolução industrial a partir do final XVIII capitaneada pela Grã-Bretanha e com a revolução fordista-taylorista-keynesiana na virada do século XX sob hegemonia americana. Os diversos momentos desse processo histórico, com suas crises econômicas e as formas como foram ultrapassadas, destruindo o modelo anterior e criando novos patamares de acumulação, novos parâmetros à razão instrumental, novas formas de consumo, expandindo o sistema de mercado, pôs em marcha um sistema de metabolismo social no qual a destruição criativa foi capaz de dinamizar o sistema social e manter presente o mito do progresso. Porém, a crise do século XXI ao dar-se como criação destrutiva, coloca as transformações sócio-históricas que estamos vivendo em um patamar qualitativamente novo. As criações tecnológicas e gerenciais, a criação de um novo nível de acumulação baseado na pura especulação financeira, a flexibilização do modo de produção e de consumo, a hegemonia de uma cultura de massa individualista baseada na meritocracia e no empreendedorismo, são expressões de um caráter regressivo e anti-histórico do ethos do capital. Tal caráter regressivo é visível, por um lado, em seu aspecto objetivo, no que diz respeito à produção de condições de existência cada vez mais precárias, caracterizadas pelo crescimento em larga escala da escassez. Por outro, vislumbramos o crescimento, na mesma medida, da precariedade subjetiva, caracterizada pela restrição das possibilidades de temporalização livre do vir-a-ser da existência, limitando o ser-no-mundo a ser recurso e capital. Sustentamos, nesse sentido, a necessidade e a urgência, tanto do ponto de vista teórico como prático, de trabalhar em prol da construção de uma dimensão estética do existir, capaz de criar o além-do-homem, conforme a máxima nietzschiana e o além-do-mundo-da-necessidade, conforme Marx. A reflexão sobre a dimensão estética da existência e suas potencialidades pode assim, relevar-se extremamente enriquecedora do pensar novas possibilidades de mundo e de ser no mundo para além da vontade de verdade que subjulga a contingência da liberdade à técnica e da divisão social do trabalho que subjulga a existência ao capital.

Palavras-chave: trabalho , precariedade subjetiva ; dimensão estética da existência.

EL MUNDO DEL TRABAJO, SUBJETIVIDAD SIN VALOR Y RECUPERACIÓN DE LA DIMENSIÓN ESTÉTICA

El mundo del trabajo en el siglo XXI se caracteriza por una crisis del ethos del capital. A diferencia de otros momentos del tiempo histórico capitalista, la crisis económica y social de

amplitude global en que vivimos no se presenta más por la idea schumpeteriana de destrucción creativa sino más bien como creación destructiva. La modernidad capitalista, desde sus inicios, para superar las formas sociales basadas en la religión, la tradición y el sagrado, fue capaz de establecer un nuevo ethos, fundando el mundo en nuevas bases: la industrialización, el consumo a gran escala de mercancías, en el sistema del mercado autorregulado y en el individualismo, todas estas dimensiones unificadas por la acumulación y por la razón instrumental. Por lo tanto, la dialéctica del ethos del capital desde su origen, revela una capacidad de reinventarse a partir de revoluciones culturales y tecnológicas, capaces de desmenujar la vida social-económico-cultural de la sociedad. Esto sucedió con las Ciudades Estado italianas en los siglos XIV a XVI, con la revolución comercial llevada por los Países Bajos en el siglo XVII, con la revolución industrial del siglo XVIII con el protagonismo de la Inglaterra y con la revolución fordista-keynesiana –taylorista en el comienzo del siglo XX bajo la hegemonía estadounidense. Los distintos momentos de este proceso histórico con sus crisis económicas y con las formas en que se las superaron, destruyendo el modelo anterior y creándose nuevos niveles de acumulación, nuevos parámetros a la razón instrumental, las nuevas formas de consumo y de expansión del sistema de mercado, ponían en marcha un sistema de metabolismo social de destrucción creativa capaz de estimular el sistema social y mantener vivo el mito del progreso. Sin embargo, la crisis del siglo XXI que se da como creación destructiva, pone los cambios sociales-históricos que estamos viviendo en un nivel cualitativamente nuevo. Las creaciones tecnológicas y gestionarias, la creación de un nuevo nivel de acumulación basado en la pura especulación financiera, la flexibilización del modo de producción y consumo, la hegemonía de una cultura de masas individualista basada en la meritocracia y el espíritu empresarial, son expresiones de un carácter regresivo del ethos del capital. Tal carácter regresivo es visible, por una parte, en su aspecto objetivo, en cuanto a la producción de condiciones de existencia cada vez más precarias que se caracterizan por el crecimiento en a gran escala de la rareza. Por otro, observamos el crecimiento en la misma medida, de la precariedad subjetiva, caracterizada por una restricción de las posibilidades de temporalización del venir-a-ser de la vida, y limitando el ser-en-el-mundo a hacerse como "recurso" y como "capital". Sostenemos en este sentido la necesidad y la urgencia, tanto teórica como práctica, de la construcción de una dimensión estética de la existencia, capaz de crear el más allá-del-hombre y el más-allá-do-mundo-de-necesidad. La reflexión sobre la dimensión estética de la existencia y de su potencial, puede pues nos permitir la reflexión de nuevas posibilidades de mundo y de ser en el mundo más allá de la voluntad de verdad – Nietzsche - que subyuga la contingencia de la libertad de la técnica y más allá de la división social del trabajo - Marx- que subyuga la existencia al capital .

Palabras-claves: Trabajo ; precariedad subjetiva ; dimensión estética de la existencia.

Fernando Gastal de Castro

Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutor em Psicologia do trabalho (UFSC-Paris 7), Pós-doutorado na Universidad Autònoma de Barcelona, Mestre em Psicologia (UFSC), Mestre em Sociologia (Paris 7), Especialista em Fenomenologia e Existencialismo (NUCA- Fpolis) e Formação em Psicologia (UFSC) . Professor no Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ com livros publicados nas áreas de Clínica do Trabalho, Psicanálise Existencial e Fenomenologia.

Endereço eletrônico: fernandogastal@gmail.com

2.14. OS AFETOS: ASPECTOS SENSÍVEIS DA EXISTÊNCIA

José Paulo Giovanetti

(UFMG e Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus)

Os afetos são os elementos que dão um colorido à vida humana. Sem os afetos a nossa vida psíquica seria sem qualidade. Os afetos são responsáveis pela intensidade e brilho de nossas reações internas e, ainda, possibilitam que elas sejam específicas e singulares, próprias de cada ser humano. Cada pessoa reage de forma diferente diante dos acontecimentos, isto é, cada pessoa sente e se posiciona de forma pessoal diante do mesmo acontecimento. Uma reage com medo, outras com indiferença, outras com desespero diante de uma ameaça. Essas formas diferenciadas são ditadas pela intensidade e duração da ressonância interna, que nada mais é do que a vivência dos afetos. Podemos dizer que uma das características marcantes de nossa época é que no passado se dava mais importância ao aspecto racional da vida e, hoje, se valoriza mais o aspecto do sentir. A vida contemporânea está sendo dirigida pelos afetos como a raiva, o medo, a angústia, etc. Hoje, valoriza-se mais o sentir do que a dimensão racional da vida. Compreender o lugar dos afetos na nossa existência, passa a ser uma tarefa prioritária do trabalho do psicólogo clínico, que busca entender melhor a dimensão afetiva do ser humano para ajudar de forma mais efetiva o cliente. Assim, nossa reflexão se desenvolverá em três partes. Em primeiro lugar, buscaremos entender o lugar do sentir na existência. Qual a sua importância na organização da vida, buscando estabelecer sua relação com a dimensão “noética” do ser humano, aspecto racional da vida. Em segundo lugar, tentaremos destacar a especificidade do sentir, isto é, como o sentir se manifesta no dia a dia da vida e quais suas características. Finalmente, explicitaremos a importância da dimensão afetiva na maneira de se organizar a vida humana.

Palavras chaves: Afetos, existência, vida contemporânea, ressonância afetiva, afetividade.

José Paulo Giovanetti

Possui graduação em Licenciatura Em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1974), graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), especialização em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Psicologia pela Université Catholique de Louvain (1983), doutorado em Psicologia pela Université Catholique de Louvain (1986) e pós-doutorado pela Université Catholique de Louvain (1991). Professor aposentado da UFMG, atualmente é Professor Titular do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Autor de numerosos artigos e do livro “Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos”. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica. Atuando principalmente nos seguintes temas: fenomenologia, afetividade, psicologia religiosa, psicoterapia, Binswanger.

Endereço eletrônico: jpgiovanetti@terra.com.br

2.15. PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO CARTOGRÁFICA CLÍNICA: ACONTECER CLÍNICO

Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP)

Na direção de compreensão possível entre Plantão Psicológico e ação clínica, este trabalho percorre a história de projetos de extensão universitária como Atenção Psicológica em Instituições, desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Recorre a fragmentos de teses, dissertações, artigos e capítulos de livros publicados em colaboração com alunos de graduação, especialização e pós-graduação como modo de revelar o caminho das reflexões a partir de experiências em campo. Retomando o percurso de Aconselhamento Psicológico e do Plantão no IPUSP, como uma modalidade de prática específica de psicólogos, delineia-se sua possível propriedade de ação clínica como atenção e cuidado à demanda do ser humano por sentido no cotidiano de instituições. Historiando intervenções solicitadas por instituições públicas de áreas de educação, saúde, direito e segurança, mostra como os atravessamentos entre instituído e instituinte demandaram inventividade e plasticidade para compreender a prática em ação: a cartografia clínica, como metodologia interventiva participativa através de diários de bordo. Para compreender a singularidade e a pluralidade de experiências nesse contexto de prática, transita pela fenomenologia existencial e psicologia social clínica. Preocupando-se com a formação do psicólogo em contextos do coletivo, para promover a qualificação de profissionais de saúde e educação, recorre à aprendizagem significativa para promover a responsabilidade social do profissional como agente multiplicador. Por depoimentos de professores e alunos, discute como a tecnicidade de Plantão Psicológico em universidades distanciou seu sentido mais originário: acontecimento clínico atento e cuidadoso para encaminhamento da urgência por poder-ser.

Palavras-chave: atenção psicológica em instituições; plantão psicológico e acontecimento clínico cuidadoso; cartografia e ação clínica; fenomenologia existencial.

Henriette Tognetti Penha Morato

Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo em 1989. Atualmente é Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado na Universidade Paris 7 entre 2005 e 2006, com pesquisa realizada na Universidade de Firenze. Publicou 26 artigos em periódicos especializados e 59 trabalhos em anais de eventos. Possui 33 capítulos de livros e 2 livros publicados. Possui 97 itens de produção técnica. Participou de 29 eventos no Brasil. Orientou 29 dissertações de mestrado e co-orientou 7. Orientou 9 teses de doutorado, além de 10 trabalhos de iniciação científica nas áreas de psicologia, saúde coletiva e educação. Recebeu 11 prêmios e/ou homenagens. Atualmente coordena 2 projetos de pesquisa. Atua na área de psicologia, com ênfase em psicologia do desenvolvimento humano. Em suas atividades profissionais interagiu com 198 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: psicologia clínica, atenção psicológica, plantão psicológico, aprendizagem significativa, aconselhamento psicológico, fenomenologia existencial, experiência, desenvolvimento humano, formação do psicólogo e prática psicológica em instituições. Coordena o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É membro do GT ANPEPP "Práticas psicológicas em Instituições" e líder do Grupo de Pesquisa no Diretório CNPq "Aprendizagem Significativa na formação de profissionais de saúde e educação".

Bolsista Produtividade CNPq: PQ-2 - Vigência: 2011 a 2014; 2014 a 2017.

2.16. UMA FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA NO CORPO A CORPO ESPORTIVO: DO CASO DO MMA A UM CRITÉRIO NORMATIVO

Cristiano Roque Antunes Barreira (USP)

Certas modalidades esportivas estão, certamente, entre aqueles fenômenos cujo testemunho e apreciação públicos podem melhor compartilhar ações que beiram, se confundem com ou franqueiam a violência. Em outras ações sociais, a violência costuma comparecer como o crivo da transgressão, do limite do convívio e da incivilidade. Também pode ser acionada como o uso necessário e legítimo de força – por parte do Estado ou em defesa pessoal – para evitar ou interromper ações de barbárie, opressão e violação que deteriore as relações de caráter humano. Em esportes de contato, situações de corpo a corpo em que a integridade física é ameaçada ou violada são emblemáticas. As primeiras ilustram, por um lado, como os limites tênues do vigor esportivo são interpretados como aceitáveis ou inaceitáveis, podendo insuflar polêmicas públicas que se referem à intenção deliberada, negligência ou imprudência de um esportista. Já as segundas, tendo havido deliberação, negligência ou imprudência, são marcadas pela transgressão que se define como violenta. Vigor e agressividade, portanto, não são estranhos a determinadas modalidades esportivas. Cumpre-se uma exploração fenomenológica de condições que pressionam a prática esportiva a seus limites e, em seu extremo, à ruptura do próprio fenômeno esportivo: dá-se a passagem à violência. Evidencia-se a estrutura das tensões intersubjetivas que tanto concorrem para a excelência esportiva como arriscam ocasionar a ruptura do que lhe é próprio. Toda modalidade esportiva se constitui colocando em disputa um objeto a ser dominado, mediador estruturante da competição. Quando o empenho agressivo atravessa o objeto da disputa e alcança direta e intencionalmente o outro, configura-se o esfacelamento da fronteira do esporte, sua ruptura para a esfera da violência. O conceito, usual em Psicologia do Esporte, de agressão instrumental prova-se impróprio para designar os esportes de combate. Em todo combate esportivo, o objeto da disputa é o domínio físico do corpo do adversário. Em muitas modalidades de combate este domínio ocorre, normativamente, sem causar ferimentos ou lesões entre os oponentes. Não é o caso do MMA (Mixed Martial Arts), adotado aqui como exemplo emblemático. Trata-se de uma, entre outras, modalidades em que a violação da integridade física dos lutadores pode determinar a vitória e a derrota no combate. Torna-se nebulosa a distinção entre o empenho agressivo que afeta apenas o objeto da disputa e aquele que o atravessa e alcança direta e intencionalmente o outro, uma vez que é afetado o corpo próprio e físico. Objetivamente, o MMA adota outra convenção de integridade física. Menos esta objetividade e mais experiência empática de ambos os adversários e de um terceiro, o árbitro, é que será decisiva para a interpretação sobre haver ou não uma ruptura à violência. Emerge das análises o conceito de norma de sensibilidade. Por ela, é possível apreender um critério normativo interno e dinâmico a essas modalidades, pelo qual não a fisicalidade, mas o limite do inaceitável/insuportável e do aceitável/suportável, bem como o do reconhecimento de condições de ação autônoma do lutador por parte do árbitro é que definirão os confins da violência.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, violência, Fenomenologia, Artes Marciais

UMA FENOMENOLOGIA DE LA VIOLENCIA EN EL CUERPO A CUERPO DE LOS DEPORTES: DE EL MMA A UN CRITERIO NORMATIVO

Ciertos deportes estan entre aquellos fenómenos cuyo testimonio público y apreciacion pueden mejor compartir las acciones en el límite de la violencia, que si funden con ella o que sean claramente violentas. En otras acciones sociales, la violencia suele aparecer como el criterio de la

transgresión, del límite de la convivencia y de la incivilidad. También se puede activar como el uso necesario y legítimo de la fuerza - por el Estado o la autodefensa - para prevenir o detener las acciones de barbarie, la opresión y violación que deterioran las relaciones humanas. En los deportes de contacto, situaciones de cuerpo a cuerpo donde la integridad física se ven amenazada o violada son emblemáticas. Quando amenazadas, estan ilustradas como los límites tenues de el vigor deportivo se interpretan como aceptable o inaceptable, lo que puede inflar polémicas públicas que se refieren a una intención deliberada, negligencia o imprudencia de un deportista. Cuando la integridad es violada, habiendo sido causada por deliberación, imprudencia o negligencia, se comprueba la transgresión llamada violencia. La fuerza y la agresión, por lo tanto, no son extranjeras a ciertos deportes. Se llevó a cabo un análisis fenomenológico de condiciones que obligan a la práctica deportiva a sus límites y, en su extremo, a romper el propio fenómeno deportivo: se da paso a la violencia. La estructura de la tensión intersubjetiva conduce a la excelência deportiva pero tambien existe el riesgo de rotura de sus fronteras. Cada deporte ponie en juego un objeto a ser dominado, agente estructurante de la competencia. En los deportes, cuando la fuerza agresiva pasa por el objeto de la disputa y alcanza directa e intencionadamente la outra persona, sucede la desintegración de sus fronteras, su rotura em el ámbito de la violencia. La agresión instrumental, concepto habitual em psicologia del deporte, no es operativo para designar a los deportes de combate. En cualquier combate deportivo, el objeto de la disputa es el dominio del cuerpo físico adversário. En muchas formas de combatir este dominio se produce, normativamente, sin causar daños o lesiones entre los oponentes. No es el caso del MMA (Mixed Martial Arts), ejemplo emblemático, donde la violacion de la integridad física de los contendores puede determinar la victoria. Se hace nebulosa la distinción entre la agresión que afecta sólo a el objeto de la disputa deportiva y la agresión que alcanza directa e intencionadamente el otro, ya que su cuerpo propio y físico es afectado. Objetivamente, el MMA adopta otra convención de integridad física. Menos esta objetividad y más la empatía vivida de los dos oponentes y una tercera, el árbitro, va a determinar la interpretación de si hay o no hay tal ruptura violenta. Emerge de las análisis el concepto de norma de sensibilidad. A través de ella, se llega a un criterio normativa interno y dinámico para estos deportes, donde no la fisicalidad, pero el límite entre inaceptable/intolerable y aceptable/soportable, así como el reconocimiento de el árbitro de las condiciones de acción autónoma en el combate van a definir las fronteras de la violencia.

Palabras-clave: psicología del deporte, la violencia, la fenomenología, artes marciales

Cristiano Roque Antunes Barreira

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

Endereço eletrônico: crisroba@gmail.com

2.17. VIDA AFETIVA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

Este trabalho tratará de duas questões surgidas da prática clínica que desenvolvi e denominei Análise da Relação Existenciária: a) em que consiste o entendimento existencial-existenciário sobre a Vida Afetiva? b) que “teoria” e ação clínica são propícias para lidar com formas de sermos “junto a entes em geral e com pessoas”- facticidade? Pesquisas e práticas que seguem indicações do ‘ser sempre já modos afetivo-compreensivos de respondência ao que interpela o Dasein’- relações “junto a” e “com” - têm que pensar métodos de investigações e intervenções condizentes com esses modos e conceituações específicas sobre várias questões como personalidade, afetos, saúde, doença, ação clínica e suas problemáticas, etc., etc. A ARE consiste em clínica daseinsanalítica, em conjunto de guias paradigmáticos para analisar a estrutura do ‘ocupar-se de’ e ‘preocupar-se com’ - “cura” - do analisado. Foi constituída a partir de ‘indicativos formais’ presentes na Analítica Existencial de Martin Heidegger em “Ser e tempo”. Um ‘indicativo formal’ básico consiste na evidência de que, somente através dos modos de acontecerem configurações cotidianas particulares da abertura originária do Dasein, questões de como pensar a vida afetiva, doença, normalidade, etc. podem se tornar presentes, constatáveis, investigáveis, avaliáveis e tratadas desta ou daquela maneira. Os ‘indicativos’ permitem constituir conhecimentos fenomenais hermenêuticos: conhecer aquilo que se quer conhecer perguntando a ele mesmo o que ele é. Isto diz também que o método de investigação e prática é fenomenal hermenêutico: ‘deixa surgir’ a essência do “objeto” de investigação e prática e determina a forma de entender e conceituar o visto como fenômeno. A ARE analisa as relações cotidianas através do ‘pôr em aberto’ e do falar hermenêutico, põe às claras a estrutura de cada ser “junto a” e “com” que Dasein sempre é. Com isto, elucida o campo de sentido integrado em cada relação cotidiana. Ao ‘deixar’ aparecer a unidade do Dasein (poder-ser, compreensão do ser, tonalidade afetiva, ter de ser, preceder-se a si mesmo) aberta como campo de sentido muitas questões aparecem para serem discutidas. As questões citadas são duas delas.

Palavras-Chave: Fenomenologia-Hermenêutica, Daseinsanálise, Afetividade, Clínica existencial

VIDA AFECTIVA

Este trabajo tratará de dos cuestiones surgidas de la práctica clínica que yo desarrollara e denominé Análisis de la Relación Existenciária: a) En qué consiste lo entendimiento existencial-existenciário sobre la Vida Afectiva? b) Qué “teoría” y acción clínica son propicias para lidiar con formas de ser “junto a entes en general y con personas”- facticidad? Pesquisas y prácticas que siguen indicaciones del ‘ser siempre ya modos afectivo-comprensivos de responder a lo que interpela el Dasein’ - relaciones “junto a” y “con” - tiene que pensar métodos de investigaciones e intervenciones perfectamente de acuerdo con esos modos y concepciones específicas sobre varias cuestiones como personalidad, afectos, salud, enfermedad, acción clínica y sus problemáticas, etc., etc. A ARE consiste en clínica daseinsanalítica, en conjunto de guiones paradigmáticos para hacer análisis de la estructura del ‘ocupar-se de’ y ‘preocupar-se con’ - “cura” - del paciente. Fue formulada a partir de ‘indicativos formales’ presentes en el Analítica Existencial de Martin Heidegger en “Ser y tiempo”. Un ‘indicativo formal’ básico consiste en la evidencia de que, solamente por medio de los modos de aconteceren las configuraciones cotidianas particulares de la abertura originaria del Dasein, cuestiones de como pensar la vida Afectiva, enfermedad, normalidad, etc. pueden tornarse presentes, constatables, investigables, evaluables y tratadas de esta

o de aquella manera. Os ‘indicativos’ permiten constituir conocimientos fenomenales hermenéuticos: conocer aquello que se quiere conocer preguntando a el mismo o que él es. Esto habla también que lo método de investigación y práctica es fenomenal hermenéutico: ‘deja surgir’ la esencia del “objeto” de investigación y práctica y determina la manera de entender y conceptuar el visto como fenómeno. La ARE analiza las relaciones cotidianas por medio del ‘por en abierto’ y do hablar hermenéutico, pone en claro la estructura de cada ser “junto a” y “con” que Dasein siempre es. Con esto, elucida el campo de sentido integrado en cada relación cotidiana. ‘Dejar’ aparecer la unidad do Dasein (poder-ser, comprensión del ser, tonalidad afectiva, tener de ser, precederse a sí mismo) abierta como campo de sentido trae muchas cuestiones para ser discutidas. Las cuestiones citadas son dos de ellas.

Palavras-Clave: Fenomenología-Hermenéutica, Daseinsanalysis, Afectividade, Clínica existencial.

Josefina Daniel Piccino

SOBRAPHE - Instituto de Ensino e Formação em Fenomenologia Hermenêutica e Análise do Existir. São Paulo. SP Br.

Endereço eletrônico: josefina@sobraphe.org.br

2.18. VIKTOR FRANKL E A DOCILIDADE MESSIÂNICA: UM ENSAIO DE ARTICULAÇÃO DO SENTIDO

Josemar de Campos Maciel

Será um clamor aberto a primeira pedra na construção da fábrica do significado? Viktor Frankl, como é bem sabido, manifesta atenção a três grandes categorias da experiência geradora de saúde desde a sua passagem por campos de extermínio até o desenvolvimento da Logoterapia. São elas, em palavras livres: um amor para retornar; uma causa para poder entregar-se; um Deus para desejar. Toda a articulação desses três grandes eixos produtores de sentido, no entanto, padece de uma gratuidade desalentadora, se não articulada com uma grande categoria. Aqui se pretende apresentar essa categoria como sendo a concepção da hospitalidade a uma espécie de vazio messiânico, como concebido entre Edmond Jabès e Jacques Derrida. Assim pretende-se aduzir uma contribuição à leitura do significado de Viktor Frankl para um pensamento a contrapelo, comprometido com uma abertura constitucional do ser humano à esperança como força geradora de saúde e de resiliência.

Palavras-chave: Viktor Emil Frankl. Hospitalidade. Produção da experiência de saúde.

VIKTOR FRANKL E A DOCILIDADE MESSIÂNICA: UM ENSAIO DE ARTICULAÇÃO DO SENTIDO

Será una clamor abierta la primera piedra en la construcción de la fábrica de significado? Viktor Frankl, como es bien sabido, dedica su atención a tres grandes categorías de la generación de la experiencia de la salud, desde su paso por los campos de exterminio hacia el desarrollo de la Logoterapia. Por decir en palabras libres: un amor para volver; una causa para entregarse; un Dios para querer. Toda la relación de estos tres ejes productores de dirección, sin embargo, sufre de una gratuidad de enormes proporciones, si no se articula con una gran categoría. Aquí se desea mostrar esta categoría como el concepto de hospitalidad a un tipo de mesianismo vacío, es decir abierto, tal como se concibe entre Edmond Jabès e Jacques Derrida. Así que tenemos la intención de aportar una contribución a la lectura del significado de Viktor Frankl para un pensamiento contra la corriente, comprometido con la apertura constitucional del ser humano a la esperanza como fuerza que engendra la salud y la resiliencia.

Palabras-clave: Viktor Emil Frankl. Hospitalidad. Producción de experiencia de salud.

Josemar de Campos Maciel

Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (1987); em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1991); mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (1999); mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1993) e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2004). Atualmente, professor na Universidade Católica Dom Bosco: Mestrado em Desenvolvimento Local, Programa Master em Desenvolvimento Territorial Sustentável (Master STEDE) Erasmus Mundus/Erasmus Plus e Licenciatura em Filosofia.

3. MESAS REDONDAS

3.1. A ANGÚSTIA ENTRE HEIDEGGER E KIERKEGAARD: CONSONÂNCIAS

Leosir Santin Massarollo Junior (UNIOESTE)

Em nossa investigação, assumimos o problema: como o conceito de *angústia* é compreendido por Søren Aabye Kierkegaard e por Martin Heidegger? E, como subproblemas: quais as implicações filosóficas da tematização do conceito de *angústia* para a filosofia contemporânea? Pode-se interpretar a *angústia* nos dois pensadores a partir de um ponto característico e comum ao ensinamento sobre o tema proposto nesses autores? Atentos a esse objetivo geral, podemos antecipar que Kierkegaard, em sua obra *O Conceito de angústia* (1844), compreende a *angústia* como “índice” da *interioridade*; ao passo que, Heidegger, em *Ser e tempo* (1927), compreende a *angústia* como uma tonalidade afetiva fundamental do *ser-aí* (*Dasein*), uma disposição que permite que se desvele o processo de constituição *ontológico-existencial* desse ente. Uma hipótese de pesquisa pode ser aqui entrevista: entre Kierkegaard e Heidegger vemos uma abordagem diferenciada do fenômeno, o primeiro ainda o compreende psicologicamente e o segundo se apropria fenomenologicamente do mesmo de modo a incrementar sua analítica existencial. Pertence a ambos os pensadores a ideia de *angústia* como o fenômeno mais arraigado no “mais profundo” do *ser-aí/eu* (da individualidade); também podemos afirmar que nos dois casos, a saber, da filosofia de Heidegger e da filosofia de Kierkegaard, a *angústia* é um elemento essencial da existência. Ainda seguindo esta linha de pensamento, identificamos nas duas correntes filosóficas um arcabouço conceitual onde a *angústia* mostra-se como zênite existencial e objeto fulcral da analítica existencial. Tais afirmações corroboram a ideia de que tratamos de filosofias onde o indivíduo possui um papel fundamental, ou seu ápice não repousaria num elemento “solipsista”, manifesto e compreendido apenas no imo do *ser-aí/eu*. Os pensadores a quem dedicamos nossa atenção neste momento representam um olhar filosófico lançado sobre marcha ininterrupta da existência. Ao pensar a existência o indivíduo vê-se como existente; ao pensar o sistema, o indivíduo vê-se como uma variável. A Fenomenologia não “vê” a *angústia* como uma pecha infame que paira em torno da criação, por isso Heidegger não precisa recorrer a Dogmática para melhor explicá-la. Kierkegaard não é “capaz” de “isolar” a *angústia* em um único *eu/ser-aí*, ele precisa de uma atmosfera que permita que o conceito não se detenha em cada homem em particular (para tal observação ele vale-se da Psicologia), mas que avance sobre todo gênero humano e ainda sobre a criação em geral: a Dogmática. As consonâncias e dispersões identificadas conduzirão a investigação de maneira que a abrangência de suas filosofias demonstrem seu alcance no campo do conhecimento humano. Nesse contexto, observamos na presente pesquisa uma perspectiva não de alinhamento ou justaposição, mas de investigação e reflexão.

Palavras-chave: angústia; indivíduo; ser-aí.

Leosir Santin Massarollo Junior

Doutorando.

Endereço eletrônico: massarollojr@hotmail.com

3.2. A CLÍNICA AMPLIADA SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA DA AMBIGUIDADE DE MERLEAU-PONTY

Anna Karynne Melo

A clínica ampliada é parte dos esforços empreendidos pela Política Nacional de Humanização (PNH) para recolocar o sujeito como foco das suas estratégias de produção de cuidado. Ela opera em dois eixos centrais: o do sujeito enfermo e o do processo de trabalho, e propala a singularização do atendimento, com base no entendimento de que cada caso tem uma especificidade, levando o profissional a abandonar uma atitude de universalização de um padrão de atendimento para a postura da compreensão das necessidades singulares do sujeito. Trata-se da clínica do sujeito, pois se volta para a subjetividade e sua produção de saúde, entendendo o sujeito como ator ou protagonista no mundo. Compreendemos que é com a recuperação do discurso sobre e do sujeito que a clínica ampliada propõe uma nova leitura dos elementos constitutivos da experiência clínica, realizando uma crítica do modelo tradicional, e buscando construir uma nova dialética. Um ponto fundamental da clínica ampliada é a produção de vida, devendo constituir uma atitude, o que implica pensá-la como ética, no âmbito da qual algumas ações são necessárias, como a escuta e o estabelecimento de vínculos e afetos. Esse modelo de clínica considera as várias dimensões do sujeito. Preconiza, ainda, que se estabeleça uma corresponsabilidade entre profissional e usuário, entendidos como sujeitos em relação constante com o mundo. Portanto, se conduzir por essa noção de clínica é produzi-la como espaço de experimentações, aberturas e movimentos dirigidos à afirmação da vida. Tomando como fio condutor a noção de *Lebenswelt* na fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty, propomos pensar a clínica ampliada como experiência da interseção sujeito e mundo, o que nos possibilita reconhecer suas dimensões e significados numa dialética sem síntese, ou seja, uma clínica da implicação sujeito, doença, mundo e processo de trabalho. Este trabalho se trata de um estudo teórico que problematiza e propõe uma clínica ampliada sob o olhar da fenomenologia da ambiguidade. Compreendemos a clínica ampliada como um instante de encontro eu-outro, ou, ainda, o momento da possibilidade de se descrever a experiência vivida do outrem, sem nunca alcançá-la, e que não é separado de nós, nem mesmo representação do que percebemos ou vemos de sua experiência. E, poder dizer sobre essa experiência é poder apreendê-la em curso do vivido, do que é meu, nós e outro ao mesmo tempo. É pensá-la como *quiasma*, como uma clínica da intersubjetividade, do descentramento do sujeito, diferentemente do que conduziu (e ainda conduz) a concepção da clínica ampliada: a subjetividade e o centramento no sujeito. Consideramos que a clínica ampliada sob a perspectiva da fenomenologia da ambiguidade é uma relação de implicação, pois se fosse uma relação de aplicação, deixaria de ser clínica. É, ainda, uma clínica de contínuo movimento e, está sempre na interseção, visto tratar-se de uma experiência mundana. Portanto, discutir e propor uma clínica ampliada sob o olhar da fenomenologia de Merleau-Ponty é pensá-la como uma clínica do *Lebenswelt*.

Palavras-chave: clínica ampliada, fenomenologia da ambiguidade, clínica do *Lebenswelt*.

Anna Karynne Melo

Doutora em Saúde Coletiva pela Associação de IES Ampla (UFC/UECE/UNIFOR). Realizou estágio doutoral na Universidade de Coimbra (Portugal), no Centro de Estudos Sociais (CES) com bolsa CAPES. Professora titular do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pesquisadora convidada do Laboratório de Avaliação e Pesquisa Qualitativa em Saúde (LAPQS) do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora e professora pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia

e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Psicoterapeuta com formação em Gestalt-Terapia.

3.3. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

Elina Eunice Montechiari Pietrani (UVA)

Neste trabalho, teceremos uma reflexão sobre o mundo laboral na atualidade e sua relação empreendida com o analisando na clínica psicológica de base fenomenológico-hermenêutica. O contexto do trabalho, desde as primeiras revoluções industriais e mais intensamente na atualidade, vem apresentando um modo de estabelecimento de sentidos determinado preponderantemente pela produtividade incessante, a qual, por sua vez, se desdobra em metas sempre inalcançáveis, exigências de qualificação constante por parte dos trabalhadores e um fazer e refazer ininterruptos, seguido de posterior descarte, de modo que a produtividade nunca cesse. Nesse horizonte histórico, não há lugar para a moderação, sendo a receita de sucesso profissional, apontada incessantemente pelos “especialistas” em carreira, o envolvimento total com o trabalho, em que o sujeito é tomado em sua imersão de forma desmesurada, desmedida, ilimitada. Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, ao esclarecer sobre as determinações de sentido que se estabelecem na atualidade, dá relevo ao fato de que o homem tende, de início e na maior parte das vezes, a assumir as determinações do mundo que é o seu. Ou seja, o homem passa a comportar-se priorizando um modo de ser respaldado preponderantemente pelas determinações de sua época que lhe vêm constantemente ao encontro e que requerem do homem um modo possível de corresponder a elas. Nesse corresponder do homem àquilo que lhe vem ao encontro e considerando o caráter de desmedida do trabalho vigente, é que esse homem passa a tomar-se também como um ente que vivencia o seu trabalho de forma ilimitada, sem pausas, envolvido exaustivamente com as demandas que lhe chegam. Ou seja, o sujeito toma como referências as verdades e as construções já dadas, e passa a comportar-se no modo como o mundo diz que ele deve se comportar. Tal desmedida tem se apresentado com frequência na clínica psicológica, manifestada em modos de pânico, depressão, entre outras categorizações psicopatológicas descritas pelos manuais da psiquiatria. Este trabalho, através de um discurso clínico apresentado, mostrará como o pânico e a depressão, fora de seu diagnóstico tradicional que posiciona essas categorias na interioridade, estão relacionados à dinâmica de possibilidades na relação do sujeito com o trabalho em seus determinantes atuais. Ao tomar o discurso do sucesso profissional validado pelos meios de comunicação de massa e por “especialistas” do campo do trabalho, o trabalhador se vê na iminência de se comportar como estes orientam que ele se comporte, sem se atentar à sua existência e à sua medida mais própria. Os limites do homem com o seu trabalho passam então a ser regulados por especialistas, os quais, assegurados pelo saber científico, são, supostamente, dignos de credibilidade. Assim, o sujeito trabalha exaustivamente, enche-se de competências curriculares e participa ativamente do processo produtivo. Até que, nessa desmedida, sua medida aparece e, com ela, a dor e o sofrimento.

Palavras-chave: contexto do trabalho; desmedida do processo produtivo; clínica fenomenológico-existencial.

Elina Eunice Montechiari Pietrani

Psicóloga graduada pela PUC-Goiás (1999); pós-graduação em Gestão Empresarial pela UFRJ (2009); Mestrado em Psicologia Social pela UERJ, concluído em 2014; Pós-graduação (em curso) em psicologia clínica na abordagem fenomenológico-existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro - IFEN-RJ. Docente na Universidade Veiga de Almeida d (Rio de Janeiro), lecionando as disciplinas de Psicoterapias Existenciais-humanistas e Psicologia Organizacional. Tem como foco de estudo as psicopatologias relacionadas ao trabalho na atualidade, desenvolvendo pesquisas no campo da saúde mental e a relação do homem com o contexto do trabalho, sob a perspectiva fenomenológico-existencial.

Endereço eletrônico: elina.pietrani@uva.br

3.4. A DIMENSÃO SENSÍVEL NA PRÁTICA CLÍNICA GESTÁLTICA: CONVOCAÇÕES DE UMA CIÊNCIA NO FEMININO

Laura Cristina de Toledo Quadros (UERJ)

A Gestalt-terapia traz em suas raízes uma perspectiva visionária, considerando o homem como um processo interligado aos fenômenos que constituem seu campo, sem determinismos.. Nesse sentido, uma ação nunca está concentrada num único ator e, portanto, é resultante de diversas conexões e não se fecha em si mesma. Ela pode ser retomada, revisada, desconstruída e reconstruída em qualquer ponto. Partindo de uma inspiração na Teoria Ator-rede, da crítica feminista às práticas científicas e considerando os aspectos vanguardistas da abordagem gestáltica, nosso interesse é discutir uma prática clínica que não tome o outro como um alvo passivo de nossas intervenções, mas sim como *expert* em seu próprio modo de existência, nos aproximando do Pesquisar COM proposto por Moraes. Assim, podemos dizer que a relação terapêutica é uma partilha de expertises constituindo um campo de afetações animado pela reciprocidade, nos convocando à um *fazer* peculiar, marcado pela singularidade de um fazer artesanal, um fazer *com* o outro e não *sobre* ele. Esse olhar encontra ressonâncias com a metáfora de Stengers quando distingue o pesquisador que age como *caçador de matilha*, cujo princípio é a rapidez e a busca das generalizações, do pesquisador que age como *caçador solitário*, disposto a esperar, a conhecer o tempo de seu interlocutor, a transitar com delicadeza pelo território de sua prática e a atentar para as singularidades do outro. Portanto, discutimos aqui uma prática clínica que atravessa a vida cotidiana numa articulação híbrida e sensível, no fluxo da experiência. Acompanhar processos com esse manejo, nos demanda uma percepção refinada, exigindo perseverança, paciência e humildade e pode convocar diversos sentidos. Requer, portanto uma presentificação do corpo, uma sensorialidade que nos mantenha atentos e ativos, uma atuação que se constitui num fazer contínuo, cujos mistérios não estão num manual. Portanto enfatiza-se o *fazer*, o movimento, os caminhos trilhados. A gestalt-terapia abrange também esse aspecto dinâmico, ativo, criativo e, embora existam fundamentos básicos, também somos provocados a criar saídas para questões que se apresentam no campo da psicoterapia tornando cada processo uma experiência singular. Das *invenções* desenvolvem-se formas diferenciadas de atuação, transformando espontaneamente nossa prática numa arte de intervir pela sensibilidade. Perls preconizava uma prática processual, não dogmática que pode nos surpreender em todos os aspectos, mas que mantém seu olhar para as relações acreditando que é nesse *entre* que a vida acontece.. Afastando-nos das dicotomias e depurações de uma ciência clássica e seguindo os rastros de autores vinculados a Teoria Ator-rede e das autoras feministas, afirmamos esse fazer como feminino, entendendo tal configuração como algo que vai além de uma questão de gênero. Feminino no sentido de que conhecer envolve fazer laços, derivar, devir outro na prática clínica. Nosso o interesse é articular a clínica gestáltica e o feminino na ciência, considerando que nossa prática envolve os sentidos e o sentir, resgatando um *fazer* que nos exige não só ousadia, senão também uma sensorialidade, um resgate da dimensão sensível da experiência que perpassa o silêncio, a solidão e o campo das emoções e afetos.

Palavras-Chave: Gestalt-terapia; Prática clínica; ciência no feminino; psicoterapia

LA DIMENSIÓN SENSIBLE EN LA PRÁCTICA CLÍNICA GESTÁLTICA: CONVOCACIONES DE UNA CIENCIA EN LO FEMININO

La terapia Gestalt trae en sus raíces una perspectiva visionaria, considerando al hombre como un proceso interconectado a los fenómenos que constituyen su campo, sin determinismos. En este

sentido, una acción nunca está concentrada en un único actor, sino que resultado de diversas conexiones, sin encerrarse en sí misma. Ella puede ser retomada, revisada, deconstruida y reconstruida en cualquier punto. Partiendo desde inspiraciones en la Teoría del Actor-Red, de la crítica feminista a las prácticas científicas, y considerando los aspectos vanguardistas del abordaje gestáltico, nuestro interés es discutir una práctica clínica que no tome al otro como objeto pasivo de nuestras intervenciones, sino como *expert* en su propio modo de existencia, aproximándonos al PesquisarCOM propuesto por Moraes. Así, podemos decir que la relación terapéutica es una repartición de experticias constituyendo un campo de afectaciones animado por la reciprocidad, convocándonos a un *hacer* peculiar, marcado por la singularidad de un hacer artesanal, un hacer *con* el otro y no *sobre* él. Esta mirada encuentra resonancias con la metáfora de Stengers cuando distingue al investigador que actúa como *cazador en manada*, cuyo principio es la rapidez y la búsqueda de las generalizaciones, del investigador que actúa como *cazador solitario*, dispuesto a esperar, a conocer el tiempo de su interlocutor, a transitar con delicadeza por el territorio de su práctica y a atender las singularidades del otro. Por lo tanto, discutimos aquí una práctica clínica que atraviesa la vida cotidiana a través de una articulación híbrida y sensible, en el flujo de la experiencia. Acompañar procesos con este manejo nos demanda una percepción refinada, exigiendo perseverancia, paciencia y humildad, pudiendo convocar diversos sentidos. Requiere de una presentificación del cuerpo, una sensorialidad que nos mantenga atentos y activos, una actuación que se constituye en un hacer continuo, cuyos misterios no están en un manual. Por esto, se enfatiza el hacer, el movimiento, los caminos recorridos. La terapia Gestalt abarca también este aspecto dinámico, activo, creativo y, aunque existan fundamentos básicos, también somos provocados a crear salidas a controversias que se presentan en el campo de la psicoterapia, convirtiendo cada proceso en una experiencia singular. A partir de las *invenciones* se desarrollan formas diferenciadas de actuación, transformando espontáneamente nuestra práctica en un arte de intervenir a través de la sensibilidad. Perls preconizaba una práctica procesual, no dogmática, que puede sorprendernos en todos los aspectos más que mantener su mirada en las relaciones, creyendo que es en ese *entre* que la vida sucede. Alejándonos de las dicotomías y depuraciones de una ciencia clásica, y siguiendo los rastros de los autores vinculados a la Teoría del Actor-Red y de las autoras feministas, afirmamos éste como un hacer femenino, entendiéndolo como algo que va más allá de una cuestión de género. Femenino en el sentido de que conocer envuelve hacer lazos, derivar y devenir otro en la práctica clínica. Nuestro interés es articular la clínica gestáltica y lo femenino en la ciencia, considerando que nuestra práctica envuelve los sentidos y el propio sentir, rescatando un *hacer* que nos exige no sólo osadía, sino también una sensorialidad, un rescate de la dimensión sensible de la experiencia que sobrepasa el silencio, la soledad y el campo de las emociones y afectos.

Palabras-clave: terapia Gestalt; práctica clínica; ciencia en lo femenino; psicoterapia.

Laura Cristina de Toledo Quadros

Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social UERJ ; Coordenadora do SPA-UERJ; Doutora em Psicologia Social PPGPS- UERJ; Mestre em Psicologia ISOP/FGV/UFRJ; Especialista em Psicologia Clínica CRP; coordenadora do projeto de extensão COMtextos:arte e livre expressão na abordagem gestáltica e vice coordenadora do Laboratório Gestáltico: Configurações e práticas contemporâneas; pesquisadora do Entre-redes (CNPq).

Endereço eletrônico: lauractq@gmail.com

3.5. A EXPERIÊNCIA DA ARTE E A PSICOTERAPIA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

É lugar comum na tradição do pensamento fenomenológico o movimento compreendido como *kehre* (virada) no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) a partir de meados da década de 30, fazendo com que o projeto de *Ser e Tempo* sofresse uma significativa inflexão. Sua ontologia fenomenológica pautada na analítica existencial das estruturas fundamentais do *Dasein* na basilar obra de 1927 se reveste de contornos da experiência da arte na ontologia, redefinindo a concepção de *ser-aí* e de *Abertura* na possibilidade do acontecimento do ser. Fica claro que já a partir do final da década de 20, com o texto *Introdução a filosofia* e, em seguida, *Conceitos fundamentais da metafísica* Heidegger inicia uma gradual intensificação da noção de verdade como acontecimento do ser, que vem a adquirir maior robustez em *Sobre a essência da verdade*, de 1943. Embora tal inflexão não nos habilite afirmar um corte de descontinuidade abrupta no pensamento do filósofo da floresta negra, é palpável, por exemplo, no texto *A origem da obra de arte* Heidegger não a vê como encerrada na dinâmica do utensílio e da objetividade fortemente desveladas em *Ser e Tempo*, mas sim ele a concebe como o “pôr-se em obra da verdade”, a própria produção (*poiesis*) da verdade do ser, como possibilidade de acontecimento essencial do ser. Este trabalho se propõe a vislumbrar uma relação profícua ao fenômeno da psicoterapia inspirada na possibilidade, a partir da experiência da arte, de uma outra dimensão da abertura, na qual o próprio horizonte factual existencial se viabiliza como possível. Enquanto espaço marcado fundamentalmente pelos sentidos que se anunciam enrijecidos e tolidores do existir, o âmbito da psicoterapia se constitui sob a possibilidade de um enlarguamento da liberdade de correspondência à factualidade existencial que, em última instância, trata-se da explicitação temática apropriativa da concreção daquilo que está em jogo em sua época, ancorado no modo como cada “mundo” sedimentado irá, na dimensão ontológica do ser-com, se determinar essencialmente. Finalmente, compreendemos que para além de uma ordem exclusivamente catártica da explicitação verbal tão frequente ao âmbito da psicoterapia, que não raramente se modula pela égide do “falatório” e do “impessoal”, a experiência da arte comporte em sua essencialidade instauradora de “mundo” uma auto-experienciação de uma alteridade própria vivencial que possibilite o reconhecimento de algum nível de participação pessoal na constituição de seus significados, neste caso, estruturantes de sofrimentos e restritores do existir.

Palavras-chave: Arte; fenomenologia; psicoterapia

LA EXPERIENCIA DEL ARTE Y PSICOTERAPIA: REFLEXIONES FENOMENOLOGICAS

Es un lugar común en la tradición fenomenológica del pensaba que el movimiento entendido como *Kehre* (a su vez) ante la idea de filósofo alemán Martin Heidegger (1889-1976) desde mediados de los 30, por lo que el proyecto *Ser y tiempo* sufren una inflexión significativa . Su ontología fenomenológica guiada por el análisis existencial de las estructuras fundamentales del *Dasein* en el trabajo básico de 1927 es del arte en la experiencia de la ontología contornos, redefiniendo el concepto de *ser-ahí* y abriendo la posibilidad de ser el caso. Ya está claro a partir de la década de los 20 final, con el texto *Introducción a la filosofía* y los conceptos metafísicos fundamentales Heidegger comienza una intensificación gradual de la noción de verdad como un evento de ser, que

es cada vez más robustez Sobre la esencia de la verdad, 1943. Aunque esta inflexión no nos permiten afirmar un corte de la discontinuidad brusca en el pensamiento del filósofo del bosque negro, es palpable, por ejemplo, el origen de texto de Heidegger obra no lo ve como cerrada en la dinámica utensilios y objetualidad fuertemente dio a conocer en ser y tiempo, pero él concibe como el "Ponte en la obra de la verdad", la producción propia (poiesis) la verdad del ser, como la posibilidad de hecho esencial del ser. Este estudio tiene como objetivo prever una fructífera relación con la psicoterapia fenómeno inspirado por la posibilidad, a partir de la experiencia del arte otra dimensión de la apertura, en la que el horizonte de hechos muy existencial es viable como sea posible. Mientras que el espacio marcado fundamentalmente por los sentidos que se anuncian rígido y tolidores de existencia, el alcance de la psicoterapia es en la posibilidad de una libertad alargamiento de correspondencia a la factualidad existencial que, en última instancia, es el tema explícito de apropiación de la concreción de lo lo que está en juego en su tiempo, anclado en la forma en que cada "mundo" se sedimentado, la dimensión ontológica del ser con, esencialmente a determinar. Por último, entendemos que más allá de un orden puramente catártica de carácter explícito verbal tan a menudo el ámbito de la psicoterapia, no pocas veces modula los auspicios de la "charla" y "impersonal", la experiencia del arte se comportan en su establecimiento dentro de la esencialidad del "mundo" una auto-experimentación de una alteridad propia experiencia que permite el reconocimiento de un cierto nivel de participación personal en la constitución de su significado, en este caso, la estructuración del sufrimiento y limitadores de existencia.

Palabras-clave: arte; la fenomenología; psicoterapia

Crisóstomo Lima do Nascimento

Prof. Adj. Do Departamento de psicologia da Universidade Federal Fluminense – Polo Campos dos Goytacazes. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e existencialismo (NEPPFE) da UFF.

Endereço eletrônico: crisostomolima@id.uff.br

3.6. A EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO DE ALUNOS EM INÍCIO DE GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA CLÍNICA

Cesar Dias de Oliveira (IPUSP)

Laiz Maria Silva Chohfi (IPUSP)

Este resumo trata do relato de experiência de supervisão de alunos em início de graduação – do 1º ao 3º ano – que participaram de uma iniciativa de cartografia clínica desenvolvida no CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo) a partir do LEFE-USP (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia). A cartografia clínica consiste num modo de aproximação e levantamento das queixas, pedidos e demandas a partir do relato de diversas pessoas que fazem parte de uma instituição. O início deste modo de investigação ocorre após um pedido feito pela instituição de destino. No caso do CRUSP, o pedido que veio do superintendente da SAS (Superintendência de Assistência Social da USP) ao LEFE foi para montar um serviço de atenção psicológica para os moradores do conjunto residencial, uma vez que havia muitos casos de crises que a equipe classificava como sendo da ordem da saúde mental. Partindo desta requisição o laboratório vai a campo com estagiários da graduação de psicologia e supervisor de campo, contando também com o suporte de um supervisor de projeto. Os estagiários, sempre alunos da graduação, cartografavam em duplas, algumas vezes em trio. Na supervisão de campo essas duplas ou trios discutiam, conforme necessário, com o supervisor de campo acerca do trabalho desenvolvido naquela ocasião. Para a supervisão de projeto ficava o exercício de traçar um panorama institucional, assim como revisitar as experiências e marcas até então acumuladas. A partir do desenrolar do semestre, tendo a maior parte do grupo, pela primeira vez, sido formada majoritariamente por alunos do 1º, 2º e 3º anos de Psicologia, pôde-se perceber que é absolutamente possível um trabalho de ação clínica ser desenvolvido por alunos sem experiência ou formação prévia extensa. Ao contrário das expectativas, os alunos mais novos puderam se mostrar mais sensíveis ao que se mostrava, sendo possível inclusive reconhecer diferenças na prática de alunos do 1º ano se comparados aos do 3º, que já apresentavam mais “engessados” num determinado estereótipo do que é ser psicólogo. Porém, para que tal trabalho pudesse ser desenvolvido, uma maior presença tanto do supervisor de campo quanto da supervisora de projeto se fazia necessária, a fim de proporcionar mais segurança ao lançar-se inexperiente desses alunos.

Palavras-chave: cartografia clínica; supervisão; formação; primeiras experiências

Cesar Dias de Oliveira

Graduado e mestrando pelo Instituto de Psicologia da USP. Trabalha como psicólogo clínico além de ser pesquisador do LEFE (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia) onde atua como supervisor de atendimento no serviço de Atendimento de Plantão Psicológico (APP).

Endereço eletrônico: cesar.cdo@gmail.com

Laiz Maria Silva Chohfi

Graduada, mestre e doutoranda pelo Instituto de Psicologia da USP. Atua como psicóloga na Superintendência de Assistência Social da USP (SAS) e é supervisora de atendimento nos serviços de Atendimento em Plantão Psicológico (APP) e de Rede do laboratório LEFE-USP (Laboratório de

Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia). É também docente na Universidade Paulista (UNIP), onde ministra disciplinas de Plantão Psicológico e Psicodiagnóstico Interventivo.

Endereço eletrônico: laiz.chohfi@usp.br

3.7. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO FAZER ARTESANAL EM DIÁLOGO COM O CONTEXTO DE TRABALHO HIPERMODERNO

Giovana Fagundes Luczinski (UERJ)

O mundo do trabalho sofreu modificações significativas nas últimas décadas, como atesta a vasta literatura sobre o assunto. O tema aqui proposto tem origem na pesquisa de doutoramento em Psicologia Social que buscou compreender as especificidades do fazer artesanal a partir da atividade de artesãos no contexto urbano contemporâneo. O período conhecido como hipermodernidade é marcado por aceleração, fluidez e exacerbação de valores modernos como individualismo, hedonismo e consumismo. Ao mesmo tempo, através de inúmeras práticas político-econômicas, os efeitos da globalização se fazem presentes e tendem a homogeneizar os padrões de consumo, desejos e modos de vida. Tais características da sociedade contemporânea são discutidas à luz do pensamento de Hannah Arendt, pois o trabalho dentro do capitalismo flexível constitui a condição na qual se exercem diversas atividades profissionais, com a qual, de forma reflexiva ou não, artesãos e artistas acabam por dialogar em seu fazer. Fenômenos como a diminuição da experiência de criação e da ação na sociedade podem reduzir a atividade profissional a mero labor para sobreviver e consumir. O método de investigação escolhido para adentrar este universo integra fenomenologia e etnografia, inspirado na arqueologia fenomenológica proposta por Angela Ales Bello a partir da visão de Edmund Husserl. Este enfoque busca acessar a experiência vivida, com atenção ao seu caráter sensorial e sua inserção na cultura, aspectos presentes no processo de atribuição de sentidos. Com este intuito, foram realizadas entrevistas em profundidade com 9 artesãos, que na sua maioria já haviam realizado outras atividades dentro do mercado de trabalho. A análise revelou que o desejo de desenvolver um trabalho bem feito, aliado à busca de liberdade e à redescoberta da dimensão estética foram os pilares da experiência do fazer artesanal. Destaca-se que o âmbito da experiência estética pode ser um caminho para superar o trabalho meramente instrumental e buscar a ação no mundo através da criação, dos encontros interpessoais e do uso singular dos materiais. Além disso, são discutidos desdobramentos da pesquisa aqui apresentada, avaliando as potências e tensões presentes no fazer artesanal, interrogando-o como possível caminho para questionar o ideal profissional hegemonicamente difundido, que tenta impor a lógica da produtividade e do consumo infundáveis a todas as esferas da vida. Conclui-se que é necessário aprofundar a discussão sobre a dimensão estética no trabalho, que pode levar a reflexões e posicionamentos originais diante do próprio fazer, contribuindo para modificações nos âmbitos pessoal e social.

Palavras-chave: Trabalho; Experiência estética; Fenomenologia; Hipermodernidade

Giovana Fagundes Luczinski

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e doutoranda em Psicologia Social pela UERJ. Pesquisa desenvolvida com o apoio financeiro da CAPES.

Endereço eletrônico: giovana.luczinski@gmail.com

3.8. A HISTORICIDADE NA PESQUISA EM PSICOLOGIA: DISCUTINDO O SENTIDO METAFÓRICO E ALEGÓRICO NO PESQUISAR

Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP)

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (IPUSP / FHO|Uniararas)

A presente comunicação situa-se no âmbito das metodologias de pesquisa em psicologia, mais especificamente no modo como a fenomenologia existencial abre possíveis meios de compreender, interpretar e narrar pesquisas empíricas e orienta-se pela questão: como é possível compreender o sentido de depoimentos e acontecimentos no pesquisar? Desta feita, tem-se como objetivo discutir o sentido metafórico e alegórico na pesquisa em psicologia. Como forma de dar tangibilidade emblemática e orientar as discussões metodológicas, analisa-se uma experiência de encantamento e estranhamento na construção de uma pesquisa de doutoramento em psicologia, que tematizou as possibilidades de ação do psicólogo junto a Agentes Comunitários de Saúde da Estratégia Saúde da Família. Atentando-se para o modo como a pesquisa-emblema descreve o estranhamento dos acontecimentos em campo, discute-se como esses acontecimentos carregam e operam abertura do pesquisador para outros horizontes de interpretação do real, junto aos participantes e coadjuvantes da pesquisa. Isso faz emergir no pesquisador a necessidade de elucidar os referenciais compreensivos para a interpretação desses acontecimentos a fim de desvelar seu sentido. Surge então as noções de metáfora e alegoria como um modo de elucidação metodológica para compreender, interpretar e dizer tanto do sentido do acontecimento quanto do sentido da pesquisa. A experiência vivida na construção da pesquisa-emblema sugere que uma apreensão de sentido só é possível pela inscrição do sentido de um acontecimento singular em um âmbito mais abrangente, de aprendizagem e tessitura historial de cada participante em seu modo-de-ser. Em outras palavras é uma metaforização. Uma metáfora é uma transposição de sentido, do grego *metapherein* (transferir, trocar de lugar), palavra composta por *meta-* (adiante, mas também transformar, aquilo que vem depois ou em seguida de) e *pherein* (suportar, carregar, mover de um lugar para o outro). Uma vez que os acontecimentos em campo exercem força e presença tamanhas que apontam e constituem o caminho de escrita, discussão, reflexão e ação da pesquisa, ao mesmo tempo em que se destinam a um âmbito diferente de seu lugar e sentido original, torna-se necessário extrapolar seu sentido metafórico, embora sem negá-lo. Esta superação é necessária, pois uma pesquisa pode ser lida e debatida em diversos âmbitos, ângulos e perspectivas. Em outras palavras a construção da pesquisa é também alegorização. Uma alegoria é um recurso figurativo da linguagem e da expressão que usa um objeto ou ideia para falar de outro. Enquanto numa metáfora há uma referência direta de sentido (isso quer dizer que...), numa alegoria há a abertura para um sentido outro, aberto e até indeterminado (isso pode ser... mas também pode ser...). Por fim, discute-se como a noção heideggeriana de historicidade da existência permite unir metáfora e alegoria como possibilidade de construção de conhecimento em psicologia.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa; pesquisa em psicologia; fenomenologia existencial.

Henriette Tognetti Penha Morato

Professora, livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, coordenadora do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE/IPUSP).

Endereço eletrônico: hmorato@usp.br

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, doutorando do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) e membro do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-IPUSP). Bolsista CNPq. Docente do Curso de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto – Uniararas.

Endereço eletrônico: pedro_milanesi@yahoo.com.br

3.9. A PRÁTICA DA SUPERVISÃO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DO SERTÃO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

A supervisão clínica é uma atividade obrigatória durante o estágio profissionalizante de psicólogos, podendo se estender após a conclusão do curso em situações que exijam desenvolvimento da escuta e aperfeiçoamento profissional. Trata-se de um espaço de discussão sistemática das atividades profissionais e de seus aspectos teóricos, técnicos, práticos e vivenciais. Contudo, inexistem uma padronização de procedimentos nesta prática, havendo distintos métodos empregados conforme fatores diversos (orientação teórica, formação do supervisor, ausência de avaliações). Na clínica-escola da Universidade Federal do Vale do São Francisco, esse acompanhamento ocorre semanalmente em formato de pequenos grupos de até seis estudantes. Cada grupo é supervisionado por um docente psicólogo ao longo de dois semestres até a conclusão do estágio. Diante disso e da pequena quantidade de estudos sobre o tema, optamos por construir esse trabalho baseado nos pressupostos da Fenomenologia Existencial heideggeriana. O Objetivo é relatar a experiência de um processo de supervisão que acontece há sete anos, apresentando/discutindo as contribuições dessa perspectiva para: o processo de ensino-aprendizagem na clínica; a ressignificação da experiência dos envolvidos e a compreensão e condução dos casos em atendimento. A supervisão acontece por meio da escuta clínica com uso de metodologias ativas de aprendizagem, recursos criativos, literários e artísticos baseados na experiência co-construída no e em grupo. Ou seja, partimos das narrativas dos estagiários, tendo como eixo norteador, o relato do vivido junto ao acompanhamento dos clientes e dos pares. O foco reside nos sentidos produzidos por meio da fala e da escuta, incluindo impressões, hipóteses, afetações e percepções dos atores envolvidos. Assim, a supervisão consiste em uma prática psicológica permeada pela escuta clínica em interlocução com diversos setores (saúde, educação, assistência social, instâncias jurídicas e não governamentais), cuja meta é o aperfeiçoamento de habilidades/ competências necessárias para o exercício profissional ético. Diversos pressupostos heideggerianos têm perpassado as discussões do processo de co-construção do saber-fazer clínico, elucidando as pré-compreensões de diferentes grupos de supervisão, tendo em vista o olhar fenomenológico existencial que amplia perspectivas compreensivas acerca dos fenômenos vivenciados. O contato com esses pressupostos permitiu o trânsito por entre as dimensões ônticas (da clínica psicológica) e ontológicas (do humano), favorecendo: o desenvolvimento do compromisso ético-político; o pensamento que medita/aguarda; a escuta que não se rende à busca do preenchimento do nada; a prática que não se reduz ao psicologismo e nem tampouco se restringe à aplicação de técnicas e teorizações. Concluímos que a prática da supervisão em questão consiste em um aprendizado mútuo/contínuo para os grupos envolvidos. Seu alcance ultrapassa a dimensão de mero treinamento. A ação clínica nela envolvida requer o cuidado de ser, antes mesmo, da busca pelo saber de si e do outro. No e por meio desse processo de supervisão, fomos provocados pelo inédito, desafiados a co-construir cada encontro; e convidados a acolher, ouvir, pontuar, problematizar, esclarecer, tensionar, tematizar, contrastar o narrado/vivido de diferentes modos. Por fim, essa prática suscitou tonalidades afetivas diversas, sugerindo que repensemos a supervisão de psicólogos para além de representações teóricas, sobretudo em tempos de profundas indefinições, rupturas e crises.

Palavras-chave: supervisão clínica; psicólogo; clínica-escola; Fenomenologia Existencial.

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Graduação em Psicologia (UFPE, 2002), mestrado em Psicologia (UFRN, 2004) e doutorado em Psicologia da Saúde (UFES, 2011). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), exercendo atividades de ensino, pesquisa e extensão em áreas ligadas à Psicologia da Saúde, Saúde Mental e Educação em Saúde. Coordenadora do Laboratório de Estudos, pesquisas e práticas transdisciplinares saúde e educação (LETRANS).

Endereço eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

3.10. A SAUDADE COMO REPETIÇÃO: A NOVA EXPERIÊNCIA EM REGRESSO AO PARAÍSO DE TEIXEIRA DE PASCOAES

Eduardo da Silveira Campos (UFRJ, IFEN)

A palavra saudade, como conhecemos hodiernamente, passou por termos como soedade, soidade, suidade, saúde, antes de chegar à forma atual. A raiz dessas palavras é a mesma raiz do termo espanhol soledad (solidão) e latino salutate (salvação, saúde). Em sua gênese, então, é possível perceber a imbricação da experiência singular da solidão com o sentido de uma saúde vital, i.e, a experiência de uma recordação que traz vitalidade ao homem somente quando está situado no ermo de sua solidão. A saudade é sempre uma experiência de solidão que forja a singularidade de quem recorda. O mero esforço de lembrar, que acessa o fato acontecido como dados da memória, realiza-se sob o crivo e empenho da razão. O rei filósofo Dom Duarte já havia indicado em seu Leal conselheiro que a saudade é oriunda da nossa "câmara secreta do coração"; surge da "sensualidade", do sensível, portanto, e não da "razom". O próprio étimo do termo recordação diz isso: vem do latim recordare que significa: "trazer de novo ao coração". O novo desse "de novo" da repetição é a jovialidade que vigora a vida. A saúde vital dessa "salvação" não é a procrastinação da redenção de uma vida que ocorrerá no "porvir", mas o vigor de uma saúde existencial que acontece no por vir, i.e, no vir a ser de vida que se repete diuturnamente para diante. Esta retomada para frente, para o futuro, é o que Kierkegaard, sob a verve de Constantin Constantius chamou de repetição para diante. No instante de recordação da saudade – o impulso para estar, em todo lugar, em casa, no coração – é o vir a ser de vida que, de repente, irrompe fazendo nascer o homem para o próprio homem. A saudade é o pathos da repetição, a disposição serena que abre a existência para ser retomada desde a gênese de vida que rebenta sempre tenra para ser de novo uma possibilidade. O Regresso ao paraíso de Teixeira de Pascoaes, o grande nome do chamado saudosismo português, que ocorre no início do século XX, fala dessa experiência de vida que se passa miticamente através do retorno do homem e da mulher ao "Jardim do Éden", de onde foram expulsos. A redenção do homem e da mulher no Paraíso, o retorno a uma nova experiência, a repetição de vida, a saudade vital é a conquista da boa-consciência de um novo olhar, lançado sobre o mesmo lugar de onde sofreram a "queda".

Palavras-chave: Saudade; repetição; experiência.

Eduardo da Silveira Campos

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Endereço eletrônico: campos.es@uol.com.br

3.11. A TEATRALIZAÇÃO NA VIDA E NA ARTE: DIÁLOGOS E TENSÕES EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA

Michelle Thieme de Carvalho Moura (EN/UERJ)

Partindo da concepção sartriana de existência, que acredita ser impossível compreender a subjetividade humana sob o registro de uma identidade acabada, esse trabalho enfatizará a subjetividade segundo o registro da representação. Para isso, a noção de teatralidade será pensada como uma condição inseparável de nosso existir humano inacabado – mesmo quando agimos fugindo ou ignorando essa incômoda condição. Veremos que essa fuga nos faz agir como se não fôssemos livres, mas portadores de uma essência fixa, e é justamente aí que alguns imperativos contemporâneos ganham força, já que o modo predominante com que a contemporaneidade exige o cumprimento de determinados ideais acaba fazendo com que tenhamos dificuldade de reconhecer e aceitar o inacabamento – e a teatralidade - de nossa condição. Levando em consideração essa dificuldade de assumirmos nossa própria incompletude no cenário contemporâneo, o objetivo desse trabalho consiste em usar o ofício do ator e seu trabalho de teatralização para pensarmos outro modo possível de lidarmos com nosso inacabamento. Veremos que para exercer seu ofício, o ator precisa partir do princípio de que nunca poderá ser plenamente alguma coisa, por maior que seja a verdade da cena. Desde o surgimento formal do ofício do ator, no século XVIII, e a concomitante separação entre a figura do ator e do personagem, o ator, para exercer seu ofício, precisa ter algum grau de lucidez sobre sua condição de farsante. Portanto, na medida em que não pode nunca ignorar totalmente sua condição, e ao desconstruir a fixidez das máscaras que tendemos a “colar” em nós mesmos em nosso viver cotidiano, a figura do ator pode ser encarada como um importante contraponto ao espírito de seriedade que tendemos a assumir na vida. Pode-se observar, com isso, que a arte teatral pode ser vista como um privilegiado espaço de sustentação de estranhamentos dos sentidos naturalizados sobre nós mesmos, revelando muitos pontos de contato com uma postura fenomenológica. E o ofício do ator parece ser o símbolo que melhor representa esse confronto constante com nossa dimensão transitória e não definitiva, podendo ser encarado, portanto, como uma importante metáfora para problematizarmos a fixidez de papéis ou máscaras que tendemos a colar em nós mesmos. Assim, diferentemente da vida humana real, onde nos identificamos cotidianamente com essências acabadas e completas, no trabalho de criação do ator, o reconhecimento da falsa substancialização está o tempo todo presente, em ato. Para o ator, essas essências nunca deixarão de ser apenas máscaras provisórias, portanto, nunca terão a capacidade de nos definir e nos esgotar. Constatamos, portanto, que partindo de uma perspectiva sartriana, a condição existencial do ator e a nossa condição humana mais ampla podem estar intimamente atravessadas. Na medida em que revelam a não fixidez dos papéis que desempenhamos, a figura do ator e a arte teatral criam potentes condições de possibilidades para que possamos assumir o irremediável inacabamento de nossas existências cotidianas. Essa possibilidade, no cenário contemporâneo, além de ser libertadora, mostra-se extremamente transgressora.

Palavras-chave: Inacabamento. Sartre. Teatralização. Arte teatral. Contemporaneidade.

Michelle Thieme de Carvalho Moura

Doutoranda em Psicologia Social pela UERJ, especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo IFEN, Professora Assistente da Escola Naval (EN).

Endereço eletrônico: michelle_thieme@yahoo.com.br

Lúcia Regina da Silveira Scarlati (UERJ/IFEN)

Com o intuito de introduzirmos o presente trabalho, cujo objetivo é pensar a possibilidade de articulação entre a literatura e a clínica fenomenológico-hermenêutica, trazemos, aqui, uma fala do poeta Guimarães Rosa (1967/1969), no prefácio de seu livro Tutaméia – Terceiras Estórias, onde este nos diz: “A vida é também para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas.”. Compreendemos que as palavras do referido autor expõem a nossa questão norteadora, e, ainda, possibilitam que façamos a experiência do que intencionamos pensar. Desse modo, intencionamos, aqui, apropriarmo-nos de suas palavras, tomando-as para o nosso trabalho. Vemos, então, pelas palavras de Guimarães Rosa, uma visão possível sobre a vida, sobre de que é feita e constituída a tessitura da vida. E isso nada mais é do que o imperativo de ter de ser lida. Entretanto, ele nos diz que há um modo de ler, que é próprio à vida, ou seja, que não é qualquer tipo de ler que se faz presente. A leitura há de ser feita pelo supra-senso, isto é, guiada por aquilo que está para além do determinado, do comum e mediano. Assim, a leitura não pode ser literal, regida por um desejo de exatidão e retidão. Diante dessa delimitação sobre o ler, o poeta nos faz, ainda, um outro indicativo, onde ele afirma que, por ora, essa leitura tem sido feita somente por tortas linhas. A partir dessa compreensão da fala de Guimarães Rosa, intencionamos um uso de suas palavras, de modo a deixar ver que o poeta, na simplicidade de suas palavras, mostra uma compreensão sobre a vida, em sua constituição mais originária, a saber, o ter de ler. E, ainda, nos recoloca diante da tensão entre esse imperativo originário do modo de ser do homem e o modo como usualmente compreendemos e realizamos essa leitura. Ou seja, pela fala poética podemos entrever algo próprio à nossa constituição no mundo moderno, que diz da nossa relação mais ordinária com esse imperativo de leitura. Parece-nos, então, que o poeta nos fala de um anseio por literalidade, que marca as tortas linhas por onde temos feito nossas leituras sobre a vida. E que, por conseguinte, afasta-nos da leitura que a vida requisita a si mesma, isto é, a leitura para além do senso, do comum e já dado. Desse modo, desejamos, com o desdobrar da fala de Guimarães Rosa, abrir a possibilidade que se experimente e veja aquilo que a linguagem poética pode encaminhar, a saber, o pensamento, a visão, a leitura não literal. Compreendemos, por fim, haver uma total congruência entre a linguagem poética e a linguagem da vida. Mas, afinal, surge a questão: não tínhamos, aqui, o intuito de pensar a clínica fenomenológico-hermenêutica? Pois bem, se compreendemos a vida, ou a experiência, como sendo o fundamento da clínica fenomenológico-hermenêutica, parece-nos que a literatura pode emergir como um caminho de formação para o olhar desse modo de fazer na clínica.

Palavras-chave: Psicologia clínica; Fenomenologia-hermenêutica; Literatura; Poesia.

Lúcia Regina da Silveira Scarlati

Psicóloga clínica, professora no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN, e doutoranda em psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; É mestre em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; especialista clínica em psicologia clínica pelo IFEN. Fonte financiadora: CAPES.

Endereço eletrônico: lscarlati@gmail.com

3.13. AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO: UMA PSICOLOGIA NA RUA EM ARRU(A)ÇÃO

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Suely Emilia de Barros Santos (UPE)

A intenção primordial deste trabalho é apresentar uma compreensão possível de como a ação clínica de psicólogos ocorre no viver cotidiano. A princípio, ressaltamos que a ação clínica no viver cotidiano, está sendo compreendida como um modo próprio do psicólogo intervir nas demandas que surgem a partir dos acontecimentos que rompem o dia a dia, em espaços coletivamente habitados. Tal ação será narrada desde a sua constituição até seus desdobramentos em diálogo com alguns dos pressupostos da “Analítica Existencial” de Heidegger e da “Hermenêutica Filosófica” de Gadamer, como perspectiva epistemológica. É necessário sinalizar que não temos o objetivo de aplicar as concepções de Heidegger e Gadamer acerca do humano para a construção de uma teoria da clínica psicológica, mas, sobretudo, deixarmos-nos afetar pelas ressonâncias do pensamento desses filósofos, recolhendo as possibilidades de “responder” as demandas advindas dessa clínica. Assim, trilhando a caminhada metodológica como *hódos-metá*, a experiência foi tomada como fonte originária de iluminação para uma conversa com alguns psicólogos e filósofos, demarcando a importância de uma atitude crítica e investigativa diante de premissas de um saber teórico-explicativo presente na Psicologia enquanto ciência, e fecundar um possível caminho para a clínica psicológica, a partir de pressupostos indicativos formais, presentes no pensamento de Heidegger, para compreender as demandas advindas no cotidiano de um público que se encontra vivendo o dia a dia, em espaços coletivamente habitados. Nessa direção, a experiência clínica no viver cotidiano aponta para a insuficiência de um “lugar seguro” para acompanhar aqueles que demandam um cuidado de si, um cuidado dos modos de con-viver, e um responsabilizar-se pelo mundo que habita, bem como a importância de pôr a formação do psicólogo em questão. Assim, se revelaram algumas singularidades e mistérios na ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados, em especial, no Morro Bom Jesus em Caruaru/PE: o psicólogo-caminhante acompanha o protagonista-andante, se pondo em andança por cenários tatuados por acontecimentos cotidianos; o *setting* se constitui por diversas est(a)ções que se fazem espaços de convivência; há uma escuta em ação dos apelos revelados nas demandas da população; encontra-se diante de uma porta aberta a qual desvela que para recolher as demandas reveladoras dos modos de existir e de con-viver em espaços coletivamente habitados, é preciso dispor-se a olhar para uma ação clínica que conflui com as dimensões política, ética, estética e educativa, bem como, solicita abertura para lidar com uma multiplicidade de modalidades de prática psicológica que se mostram como um devir, não tendo de antemão uma modalidade de prática determinada, já que a mesma será inaugurada nas acontecimentos do dia a dia.

Palavras-chave: Ação clínica; prática psicológica; viver cotidiano; fenomenologia existencial.,

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Psicóloga. Doutorado em Psicologia (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP. Coordenadora Geral de Pesquisa e do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE/UNICAP). Endereço eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

Suely Emilia de Barros Santos

Psicóloga. Doutorado em Psicologia Clínica (UNICAP). Professora da Universidade de Pernambuco (UPE – *Campus* Garanhuns). Membro do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE/UNICAP). Estudo Financiado pela CAPES.

Endereço eletrônico: suely.emilia@upe.br

3.14. AÇÃO PSICOLÓGICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS: HISTORICIDADE, PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E IMPLICAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS

Tatiana Benevides Magalhães Braga

(Instituto de Psicologia - UFU)

Tradicionalmente, a prática psicológica calcada em pressupostos explicativos e abstrativos em ciência, voltou-se à individualização das influências sociais e à compreensão da personalidade em bases biológicas. Tal perspectiva adaptativa co-forjou o modelo clínico liberal, focado no atendimento individual em consultório particular e na profilaxia do comportamento desviante, com técnicas de classificação, normatização e ajustamento dos indivíduos em prol da disciplina social, de marcante tendência higienista. Embora houvesse perspectivas dissidentes, foi a partir da redemocratização do país e promulgação da nova Constituição que tais questionamentos se reverteram em transformações mais efetivas das políticas públicas em campos como saúde, educação e assistência social. A preocupação com uma maior articulação entre dispositivos públicos, ampliação da abrangência de atendimento e aumento da participação popular orientava-se pela noção de cidadania e fortalecimento da democracia. Nesse contexto, o recurso à perspectiva fenomenológica, que considera conhecer a experiência pela imersão em seu campo concreto e complexo de constituição, entrelaça intervenção e pesquisa, teoria e prática e as múltiplas perspectivas de consideração da realidade. A pesquisa interventiva, ao dialogar com o cenário social na construção de modalidades de prática psicológica, reinventa-as enquanto ações voltadas para o âmbito das relações humanas e do cuidado. A reflexão que sustenta uma ação profissional comprometida com o caráter público dos serviços oferecidos pelo Estado é apresentada no relato de atendimento psicológico frente a demandas de violação de direitos em conjunto com Centros Especializados da Assistência Social do Sistema Único da Assistência Social. A cartografia da rede de assistência e das situações de violência traz como horizonte a produção de condições que superem a vulnerabilidade social para o cuidado da violação de direitos. Em rodas de conversa, os profissionais manifestaram a necessidade de formação voltada a temas como desigualdade social, preconceito, saúde e construção da cidadania. A violação de direitos apresentou-se como um fenômeno multifacetado e dialético, simultaneamente construindo e expressando a negação da cidadania enquanto o direito a ter direitos – fala e necessidades reconhecidas por outros. O aprisionamento dos agentes sociais a padrões prescritivos do pensamento técnico frequentemente restringiu possibilidades de ação na ampliação dos espaços de protagonismo dos sujeitos atendidos. A efetividade dos atendimentos implica diversificar a consideração das dimensões envolvidas, incluindo psicoterapia, atendimento domiciliar, acompanhamento terapêutico, ações de Unidades do SUS e do SUAS, Conselho Tutelar, recursos da comunidade, sistema de justiça e outros dispositivos, exigindo maior articulação da rede na discussão conjunta dos casos e no conhecimento das estruturas funcionais e possibilidades assistenciais de cada instituição.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Práticas Psicológicas, Políticas Públicas, Sistema Único de Assistência Social.

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Psicóloga, Especialista, Mestre e Doutora pelo IPUSP. Pesquisas e Intervenção em Prática Psicológica em Instituições, Clínica Psicológica e Fenomenologia, Políticas Públicas e Fenomenologia, Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica.

3.15. ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: COMPREENDENDO O CUIDADO A PARTIR DE HEIDEGGER

Marciana Gonçalves Farinha

(Instituto de Psicologia - UFU)

Falar do Acompanhamento Terapêutico (AT) nos remete à busca por novas terapêuticas para o tratamento em saúde mental. É terapêutica inovadora, por ser diferente da proposta de tratamento pelo uso de medicação psicotrópica e da internação psiquiátrica exclusivamente e, também, porque se insere no ambiente do indivíduo, favorecendo o seu resgate do enclausuramento físico ou emocional. Esta modalidade de intervenção é caracterizada pelo atendimento ao cliente *in loco*, o que pode ocorrer em sua própria casa, como também nos vários lugares que a cidade oferece, como praças, shoppings, bares, etc., sendo o setting construído pelo acompanhante terapêutico na situação. O que possibilita diversidade e criatividade nas ações. O acompanhante além de ver a pessoa em sofrimento existencial como um sujeito que tem condições de estabelecer relações, possibilita a mediação do indivíduo com o mundo, evitando a segregação e o isolamento desse indivíduo. É um recurso que favorece a circulação no espaço social. É indicado para intervenção a pessoas com diferentes dificuldades que podem ser devido a comprometimentos na área emocional, limitações físicas, sensoriais e/ou dificuldades de aprendizagens. Este trabalho objetiva refletir sobre a prática do AT a partir da perspectiva heideggeriana refletindo a partir dos atendimentos nessa modalidade. Foi atendido foi um homem de 70 anos, aposentado por invalidez, morava sozinho. Apresentava ansiedade, tristeza, dificuldades para realizar suas atividades cotidianas, foi diagnosticado com depressão grave. O trabalho focou no fortalecimento de sua capacidade reorganização de seus projetos de vida dentro de suas condições físicas, sociais e econômicas, além de adesão ao Serviço de Saúde. No início dos atendimentos, Ari vivia isolado, saindo de casa para ir ao PSF, a algumas consultas médicas sem regularidade, muitas vezes perdendo compromissos. O trabalho foi realizado por doze meses, sendo suspenso quando Ari aderiu ao Serviço de Saúde, seguindo a prescrição medicamentosa, e demonstrou capacidade de gerir sua vida adequadamente. A partir do pensamento heideggeriano o cuidado empreendido na prática do AT compreende o homem em sua estrutura de ser-aí, que se encontra em estado de abertura para sua existencialidade, não sendo, a priori, mas enquanto ser, no vindo-a-ser em suas vivências no mundo, experimentando e se constituindo, se construindo nas suas relações, de acordo com seus valores, suas crenças, e suas experiências, participando como ser-no-mundo em um constante vir-a-ser. Essa condição se restringe para a pessoa em sofrimento existencial que, muitas vezes, rompeu ou tem dificuldades em manter o contato com o outro, com o mundo.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Práticas Psicológicas, Políticas Públicas, Acompanhamento terapêutico, Ética.

Marciana Gonçalves Farinha

Psicóloga, Mestre e Doutora pela USP. Docente do Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia

Endereço eletrônico: marciana@ufu.br

3.16. ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO: UNA HERRAMIENTA DE REFORMA EN SALUD MENTAL DESDE UNA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Thaís de Sá Oliveira

(ALPE, Instituto Exsistentialis)

A lo largo de la historia, la atención en salud mental ha sufrido diversos cambios. Este trabajo se centra en el Movimiento Antipsiquiátrico, surgido en Europa y en los Estados Unidos durante la década de los 50, y su influencia en el surgimiento de distintas herramientas para el cuidado en el área. El interés por la investigación del tema se origina desde la experiencia de trabajo en el ámbito de la rehabilitación psicosocial dentro de un modelo de reforma psiquiátrica, afirmando la necesidad de reflexión sobre nuevas propuestas en la atención en esta área. Presentando al Acompañamiento Terapéutico como una posibilidad relevante para la reforma en la atención en salud mental, se busca reflexionar sobre su práctica y proponerlo como una herramienta basada en la perspectiva fenomenológico-existencial. Se inicia con la presentación del Movimiento Antipsiquiátrico a través de sus antecedentes, sus precursores incluyendo las principales ideas de George Rosen, Marguerite Séchehay, Erwin Goffman, Emil Kraepelin, Ludwig Binswanger, Thomas Szasz (Estados Unidos), el Psicoanálisis y Maxwell Jones, además de sus exponentes como Ronald D. Laing, David Cooper, Franco Basaglia, Jean Oury, Francesc Tosquelles y Thomas Szasz. Luego, se presenta el Acompañamiento Terapéutico a partir de su historial, sus indicaciones, sus procedimientos y el proyecto terapéutico propuesto. Posteriormente, se reflexiona sobre la práctica psicológica a partir de una perspectiva fenomenológico-existencial discutiendo a las prácticas de la actitud natural (técnicas) y las de la actitud fenomenológica (atención psicológica). Finalmente, se presenta una Clínica del Sujeto, que estaría influenciada por el pensamiento de Franco Basaglia, Antonio Gramsci y Jean-Paul Sartre para reflexionar sobre la reforma en la atención en salud mental.

Palabras-Clave: Acompañamiento Terapéutico; Rehabilitación Psicosocial; Salud Mental; Fenomenología-Existencial.

Thaís de Sá Oliveira

Licenciada en Psicología por la Universidad Estácio de Sá (UNESA); Especialista en Psicología Clínica en el Abordaje Fenomenológico-Existencial – Instituto Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Magíster en Rehabilitación Psicosocial en Salud Mental por la Universidad Autónoma de Barcelona (UAB); Miembro de la Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial (ALPE); Fundadora del Instituto Exsistentialis.

Correo electrónico: exsistentialis@hotmail.com

3.17. CLÍNICA E POLIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

Luis Eduardo França Jardim (USP-SP)

Maíra Mendes Clini (FMU)

O objetivo desta apresentação é analisar as noções de *implicação* e *engajamento* com base na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e pensamento de Hannah Arendt para, em seguida, discutir a relevância da prática clínica fenomenológica em suas possibilidades sociais. A apresentação está embasada em pesquisa de cunho teórico que articula fundamentos da fenomenologia hermenêutica com questões cotidianas da contemporaneidade em um contexto da prática clínica. A pesquisa discute que o que a psicologia tradicional considera *social* é, para a fenomenologia, um caráter constitutivo do próprio existir do *Dasein* enquanto ser-no-mundo-com-os-outros e, portanto, uma prática clínica fundada na fenomenologia hermenêutica deve estar, desde o princípio, atrelada às questões ditas sociais como algo pertinente ao próprio existir em sua constituição. O *Dasein* existe no mundo com os outros e isso significa, de início, estar *implicado* numa conjuntura e *engajado* em pontos de vista, que não são constituídos de modo estritamente singular ou isolado, mas com-os-outros, inserido em uma rede de significação compartilhada, em uma era histórica. A *história* de cada um se dá a partir da relação de si mesmo com o mundo, o que implica, necessariamente, que as *possibilidades* existenciais de um ou de outro também já foram abertas pelo mundo em que habita. Dizer que a existência se dá *no* mundo significa que o existir acontece com os outros e junto aos entes. O existir não se dá de modo isolado no mundo. De modo que não se pode pensar no sofrimento ou nas “glórias” de um paciente como algo encerrado em um “eu” encapsulado. Essa pesquisa revelou que o sofrimento singular de um paciente que é vítima de preconceito ou tem dificuldades de relacionamento, por exemplo, não acontece de forma isolada, mas sim, é inserido em um contexto referencial instituído em um mundo, cuja complexidade relacional é dada de forma plural. Portanto, essa visão distancia-se de qualquer resquício de subjetivismo que possa ter restado nas abordagens de cunho fenomenológico dentro da psicologia. Na década de 1930, Heidegger analisa o caráter de estranheza constitutivo do existir a partir da interpretação da *polis* como o *aí* (*Da*) no qual acontece a história. A *polis*, portanto, é entendida como o lugar do acontecimento histórico do *Dasein* e do estranhamento, conduzindo à compreensão de que, na *polis*, o *político* de fato constitui um modo de organização dos entes, um modo no qual as palavras, as coisas e as ações se articulam e, ao mesmo tempo, o lugar de questionamento dessa organização. Pretende-se apresentar desdobramentos do pensamento heideggeriano articulados com a clínica para explicitar que, em seu fundamento, toda e qualquer prática fenomenológica deveria ser *engajada* em seu mundo e *implicada* em seu contexto referencial.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica; prática clínica; engajamento; implicação; polis.

Luis Eduardo França Jardim

Psicólogo Clínico e Mestre em Psicologia Clínica Fenomenológica pela PUC-SP. Doutor pelo Instituto de Psicologia da USP-SP com tese sobre impactos da ditadura no cotidiano do brasileiro. Pesquisador em dois laboratórios na Universidade de São Paulo, estuda o pensamento de Martin Heidegger e Hannah Arendt na clínica, política e multiculturalismo. Professor e supervisor clínico em fenomenologia, tem experiência em graduação e pós-graduação em universidades pelo Brasil. Endereço eletrônico: luisfjardim@yahoo.com.br

Maíra Mendes Clini

Doutora em Psicologia Social pela USP, graduada em Psicologia pela PUC-SP. Possui especialização em psicologia clínica pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovick da PUC. Coordenou o Programa de Estágios da OSCIP Projeto Quixote. Docente da FMU, ministra disciplinas relacionadas à fenomenologia hermenêutica e supervisiona estágios clínicos e sócio-educativos na mesma área.

Endereço eletrônico: mairamc@yahoo.com

3.18. CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM ADOLESCENTE: UM ESTUDO DE CASO.

Bianca Borges de Azevedo (ISECENSA)

Edson Ribeiro de Andrade (ISECENSA)

O presente trabalho aponta para a imensa peculiaridade do trabalho terapêutico com adolescentes. A clínica Fenomenológico-Existencial, por seu posicionamento de busca da compreensão na relação terapêutica possibilita, como frisa Feijoo et al. (2015) que o terapeuta não fortaleça a automatização de um certo modo de ser que traz sofrimento ao analisando. Essa peculiar forma de compreender, que envolve questionamento com acolhimento, pode permitir ao jovem perceber a situação em que se encontra através de outros ângulos, oportunizando a ele decidir se quer transformar-se. Quando se estabelece um relacionamento analista-analisando baseado numa relação *Tu-Tu*, segundo Heidegger (2001), as possibilidades dessa troca ser efetiva são significativamente maiores do que em outras formulações clínicas mais rígidas. Cada *Dasein*, conforme Heidegger (1989) em *Ser e Tempo*, nasce inserido em um horizonte histórico e é preciso romper com os modelos tradicionais procurando entender que cada sujeito é único e que a imposição dos desejos dos outros muitas vezes não vai funcionar. O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso, baseado num atendimento a um adolescente, no qual pode-se perceber a importância do *compromisso do terapeuta com seu cliente* na clínica fenomenológico-existencial, para que este não fique *capturado* pelas demandas da família/escola em detrimento do próprio analisando. Tratou-se de um atendimento a um estudante de 15 anos, encaminhado ao Serviço de Psicologia Aplicada por uma instituição de ensino técnico. O atendimento se estruturou pelos preceitos da Psicoterapia Fenomenológica Existencial e durou cerca de dois meses e meio, já no final do período letivo. A queixa apresentada pela família/escola era o baixo rendimento escolar, dispersão e pouco comprometimento do aluno. Durante os encontros buscou-se trabalhar os projetos existenciais do analisando e foi possível constatar um grande descontentamento de sua parte pela mudança de escola que lhe implicou no afastamento de colegas próximos e principalmente numa diferença de nível de escola (anterior muito fraca, e a atual, nível muito superior). O analisando percebeu que seu interesse profissional era diverso do que a família intencionava. Ao longo dos atendimentos foi assumindo deixar a escola imposta pelos pais, e optando por uma escola com menor grau de exigência que lhe permitisse investir na profissão que de fato queria, ainda que a mesma seja desvalorizada socialmente. Nos últimos encontros o analisando assumiu ter abandonado a escola atual, firmando sua disposição de continuar no ano seguinte em outra escola, consciente de precisar repetir a mesma série. Falava sem expressar sofrimento, demonstrando certo alívio por ter se dado conta de uma nova possibilidade de ser mais feliz, que no início dos encontros parecia quase impossível. Pôde-se apreender o quanto a força de algumas verdades (como um diagnóstico de possível TDAH) pode impedir que outras verdades relevantes sejam vistas. A clínica Fenomenológica existencial privilegia o lugar do estranhamento para que não se aprisione em conceitos prévios ou expectativas de resultados. Nesta experiência pôde-se concluir que mais importante do que o rendimento escolar, o cuidado com próprio analisando tornou-se o foco do atendimento.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Psicoterapia; Adolescente; Clínica Fenomenológico-Existencial.

Bianca Borges de Azevedo

Psicóloga pelos Instituto de Ensino Superior do CENSA (ISECENSA).

Endereço eletrônico: bi_bitaborges@hotmail.com

Edson Ribeiro de Andrade

Psicólogo. Doutor em Ciências da Saúde (FIOCRUZ). Coordenador do curso de Pós Graduação em Fenomenologia (ISECENSA). Docente de Graduação e Pós-Graduação ISECENSA.

Endereço eletrônico: edsonandrade@gmail.com

3.19. CORPO E INTERSUBJETIVIDADE NA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL DO LUTO

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

O luto é um fenômeno que emerge da existência vivida no mundo com o outro. Aplicando-lhe a redução fenomenológica, deparamo-nos com a evidência da intersubjetividade. É vivido quando da supressão da corporeidade do outro em nosso mundo. Sua experiência se impõe como *pathos*, jogando o enlutado a uma experiência de suspensão de sentidos. A ausência do outro se evidencia, portanto, pela supressão de sua corporeidade no existir do enlutado e não pelo seu simples desaparecimento como sentido para uma consciência. Segundo Merleau-Ponty, a intersubjetividade é uma estrutura da vida intencional que revela eu e outrem imbrincados, em um entrelaçamento sensível, onde somos ao mesmo tempo identidade e diferença. Nos revelamos um ao outro e ao mundo na experiência de mundo, de espaço, de tempo, de alteridade. O outro é para mim uma extensão da sensibilidade do mundo, abertura e evidência do meu ser, que me permite a descoberta de meu existir. Esta mesma carne que sou, abarca um tipo de presença do outro: é pela diferença do outro que descubro a mim mesmo. A reflexão do existir é, portanto, sempre em outrem. Seu desaparecimento, precipitado pela sua morte, rompe com os sentidos habituais vividos no ser-com. Não é apenas o morto que desaparece pelo véu da morte, mas desaparecemos eu e o outro, como co-presenças, como quiasma. O enlutado perde destarte, uma certa perspectiva de mundo, uma profundidade da experiência vivida, um coexistir: não compartilhamos mais espacialidade, nem temporalidade, não envelheceremos mais conjuntamente, tornando a atualização da coexistência impossível. Com a morte, o coexistir é suspenso em seu modo de coabitar a mesma carne do mundo, o mesmo solo perceptivo. Agora, esse outro, antes vívido na paisagem, emerge como história para o enlutado, porém uma história que se revela como narrativa interrompida. Viver um luto é experimentar uma desorganização dos sentidos do mundo da vida e a suspensão de um partilhar, que não cessa de se apresentar para o enlutado cotidianamente. A vivência do enlutamento torna-se assim, uma pergunta sobre o ser-com, com uma exigência de ressignificação do mundo partilhado e, portanto, do próprio existir. Não se trata de ressignificar o outro como objeto, pois, ao estar vivo, tenho o ente querido vivente em meu mundo-vida, em meu modo de ser no mundo. Conclui-se que o luto não é uma vivência que se supera, mas se incorpora na existência do enlutado, permitindo assim a abertura a novos sentidos diante de uma história de co-pertença.

Palavras-chave: Luto; Existência; Intersubjetividade, Corporeidade

CUERPO Y INTERSUBJETIVIDAD EN LA EXPERIENCIA EXISTENCIAL DEL DUELO

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Profesora Asociada de la Universidad Federal de Paraná (UFPR). Doctora en Psicología por la Universidad de Brasilia (2005). Miembro de los Grupos de Investigación del CNPq: Laboratorio de Psicopatología Fundamental (UFPR) y Fundamentos Fenomenológico-existencial de Diferentes Practicas en Psicología (UERJ). Pesquisa los temas: duelo, corporalidad, dolor y enfermedad crónica. Coordina el proyecto de extensión: El duelo: Experiencias y posibilidades desde 2014. El duelo es un fenómeno que surge de la existencia vivida en el mundo con el otro. Aplicando a él la reducción fenomenológica, encontramos la intersubjetividad como su evidencia. El duelo es vivido cuando ocurre la supresión de la corporeidad del otro en nuestro mundo. Su experiencia es dada

como *pathos*, jugando el doliente a una experiencia de suspensión de sentidos. La ausencia del otro se torna evidente, por tanto, por la supresión de su corporeidad en el ahí del doliente y no simplemente por su desaparición como sentido para una conciencia. Según Merleau-Ponty, intersubjetividad es una estructura de la vida intencional que revela yo y tu imbricados, en un entrelazamiento sensible, donde somos identidad y diferencia. Yo y tu nos revelamos mutuamente y el mundo en la experiencia del mundo, del espacio, del tiempo, de la alteridad. El otro es para mí una extensión de la sensibilidad del mundo, la apertura y la evidencia de mi ser, que me permite descubrir mi existencia. Esta misma carne que yo soy abraza una especie de presencia del otro: es en la diferencia del otro que descubro a mí mismo. La reflexión de la existencia es por lo tanto siempre en los otros. Su desaparición, precipitada por su muerte, rompe con los sentidos habituales experimentados en el ser-con. No es sólo el muerto que desaparece por tras del manto de la muerte, pero desaparecemos yo y tu, como co-presencias, como quiasma. El doliente pierde por lo tanto, una cierta visada del mundo, una profundidad de la experiencia vivida, un co-existir: no compartimos más espacialidad ni temporalidad, no envejecemos juntos más, por lo que la actualización de la coexistencia se torna imposible. Con la muerte, el coexistir se suspende en su modo de co-habitar la misma carne del mundo, el mismo terreno perceptual. Ahora, este otro, antes vívido en el paisaje, emerge apenas como historia para el doliente, una historia narrativa que revelase interrumpida. Vivir el duelo es experimentar una desorganización de los sentidos del mundo de la vida y la suspensión del que se compartida, que no cesa de presentarse a lo doliente todos los días. La experiencia del duelo se convierte precisamente en una pregunta sobre el ser-con, con una exigencia de reformulación del mundo compartido y, por tanto, de la existencia misma. Esto no quiere decir resignificar el otro como objeto, porque, estando vivo, poseo el ente querido vivo en mi mundo-vida, en mi modo de ser en el mundo. Se concluye que el duelo no es una experiencia que se supera, pero se incorpora en la existencia, permitiendo así la apertura de nuevos sentidos en una historia de la copropiedad.

Palabras clave: Duelo; Existencia; Intersubjetividad, Corporeidad

Joanneliese de Lucas Freitas

Professora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005). Integrante dos Grupos de Pesquisa do CNPq: Laboratório de Psicopatologia Fundamental (UFPR) e Fundamentos Fenomenológicos-Existenciais de Diferentes Práticas em Psicologia (UERJ). Pesquisa os temas luto, corporeidade, dor e adoecimento crônico. Coordena o projeto de extensão Luto: Vivências e possibilidades desde 2014.

3.20. DA CRÍTICA À CLÍNICA: O PENSAMENTO DO SENTIDO E A PSICOTERAPIA

Fernando da Rocha Magliano (UERJ – IFEN)

Assentados em uma postura crítica preliminar, encontramos em Heidegger o aceno para um pensar desonerado da tradição, capaz de nos deslocar para além de nossa absorção inicial ao mundo da técnica e suscitando, por conseguinte, um esclarecimento referente às concepções prévias que norteiam as práticas psicológicas clínicas contemporaneamente. Para tanto, porém, torna-se premente esclarecer o caráter perspectivístico e atrelador dos horizontes hermenêuticos já constituídos e sedimentados, buscando acesso ao que neles se mantém inicialmente oculto ainda que os constituam fundamentalmente: a experiência acerca do sentido do ser. Assim sendo, resguardar o sentido (*besinnliches Denken*) significa poder lançar luz sobre os pressupostos filosóficos que pré-determinam nossa compreensão e relacionamento com os fenômenos com os quais lidamos clinicamente, outrossim, esmera a atenção crítica às tendências de redução técnico-científica dos fenômenos que nela se mostram. Com efeito, buscamos retroceder (*Schritt zuruck*) ante qualquer concepção histórica onde o homem já assumiu determinada configuração em favor da consideração de seu modo de ser como *Dasein*, com o intuito de salvaguardar ao espaço clínico outros modos de compreensão e atuação que não se deixem arbitrar irrestritamente pela filosofia tradicional ou ciência contemporânea. Se o traço característico da metafísica reside na pretensão de afirmar a quiddidade (*quidditas*) do ser negando a historicidade constitutiva das concepções em geral, com o *Dasein*, nada obstante, se delineia à existência contornos dinâmicos consoantes à expressão de sua indissociabilidade com relação ao mundo, à finitude e à história. Consentir com o *Dasein* significa, assim, liberar a existência humana da cristalização e enrijecimento que lhe foi atribuída pela tradição, a destituindo simultaneamente de substratos ou essências positivas desligadas de sua dinâmica existencial. Neste cenário, podemos questionar, destarte, até que ponto rubricar concepções abstratas sobre o homem serve mais para ofuscar nossa visão porquanto nos conduza a um grau de maior afastamento em relação àquela dimensão originária do *Éthos* onde habitamos, o âmbito existencial essencialmente vasto e irreduzível à objetivação e representação conceitual. Pensar o sentido nos auxilia não apenas a reconhecer as limitações inerentes ao saber científico atual, bem como apreender que o atributo fundamental da técnica moderna traduz a progressiva redução do pensamento aos critérios da apreciação científica que, quanto mais se evidencia, mais obscurece o desvelamento de outras possibilidades de sentido. Em razão disto, nos vemos sempre diante do perigo quando negamos ao pensamento compreensões diversas, nos dispensando do incessante co-responder compreensivo-interpretativo imposto por nossa própria condição existencial e igualmente reclamado pelo exercício clínico psicológico. Acenamos, assim, em última análise, a um exercício compreensivo cujo cerne se encontra na meditação temática sobre o sentido do ser, carregando na lembrança uma disponibilidade e abertura ao mistério (*Geheimnis*); o inesgotável âmbito oculto que circunda a existência humana. Da aproximação entre o pensamento do sentido e a clínica psicológica desponta um posicionamento crítico capaz de fecundar uma compreensão distinta acerca da dinâmica psicoterapêutica onde as exigências do contemporâneo possam nos solicitar apenas moderadamente.

Palavras-chave: Heidegger; Fenomenologia; Hermenêutica; Pensamento do Sentido; Psicologia Clínica.

Fernando da Rocha Magliano

Formado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2010). Possui mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2013). Doutorando em Psicologia Social (2015) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica.

Endereço eletrônico: fernandomagliano@hotmail.com

3.21. DE-PARAR: EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO DE PLANTÃO NA IMERSÃO DA CRISE NO CONTEXTO HOSPITALAR

Jailton Bezerra Melo (USP)

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (USP/Uniararas)

O Hospital Universitário (HU) é um lugar de crise, entendida como rompimento do modo de viver habitual. Neste contexto o plantão psicológico se estrutura como uma possibilidade de encontro com a crise na tentativa de tessitura de sentido, pelo cotejamento da ruptura e das possibilidades abertas e incertas. Assim, esta modalidade de prática psicológica, no hospital, se mostra como um lugar fronteiro, isto é, um lugar mestiço de encontro com o estranho e estrangeiro e de atenção para questões que nem sempre são ouvidas, olhadas e cuidadas. Neste sentido, a presente comunicação busca compreender o sentido da prática e de formação para estagiários do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-USP) no Hospital Universitário da USP. Para tanto, utiliza-se da construção de narrativas criadas a partir da experiência de supervisão de campo, sediada na própria instituição e que acontece imediatamente após os atendimentos, e da releitura de diários de bordos dos plantonistas. Essas narrativas sinalizam que o plantão psicológico é uma experiência de “de-paro”: o plantão é revelado como esta “parada” que em sua estadia pode desvelar implicação e mobilização tanto do plantonista quanto da(s) pessoa(s) atendida(s); um momento de de-paro no qual há possibilidade de a história narrada tecer um sentido, o que pode vir a desvelar outros nexos que permitem vislumbrar possibilidades de continuidade a partir da descontinuidade da crise, abrindo a perspectiva temporal e cotejando a metaforização desta; o encontro-plantão, ao se disponibilizar enquanto “sombra de recolhimento” para se de-parar com o rompimento habitual da vida cotidiana, se mostra como co-construção de voz, vez e lugar. A estranheza dessa experiência reverbera reflexões sobre o contato com a prática psicológica nos períodos iniciais de graduação, abrindo possibilidades de apropriação do sentido da formação pela construção da própria história nos encontros, ao mesmo tempo em que solicita do plantonista-estagiário uma atenção, disponibilidade e contato com a fronteira crítica que atravessa a instituição, os profissionais, os pacientes e sua própria presença singular nos corredores do hospital. Por fim, discute-se, as narrativas permitem questionar e co-construir o sentido de supervisão de campo, seus modos e sua estrutura, ao mesmo tempo em que projetam possibilidades de compreensão do sentido da formação na experiência e não sobre ela.

Palavras-chave: plantão psicológico; formação do psicólogo; supervisão de campo.

Jailton Bezerra Melo

Psicólogo (UPE) do Centro de Cidadania LGBT (Zona Norte – SP), onde desenvolve atividades junto a grupos e coletivos LGBTs, em especial a mulheres trans e travestis. É mestre em Psicologia Clínica (UNICAP) e doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Sua tese de doutoramento (bolsista CAPES) versa sobre o corpo trans nos serviços públicos de saúde, amparado pelo olhar da fenomenologia existencial.

Endereço eletrônico: melo.jailton@hotmail.com

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, doutorando do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) e membro do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em

Psicologia (LEFE-IPUSP). Bolsista CNPq. Docente do Curso de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto – Uniararas.
Endereço eletrônico: pedro_milanesi@yahoo.com.br

3.22. ENTRAVES À SUSPENSÃO DO MUNDO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA ± PROCESSOS DE AUTOENGANO

Alexander de Carvalho

O processo fundamental da fenomenologia e, conseqüentemente, da clínica que se pauta pela fenomenologia é o de suspensão do mundo percebido ou colocação dele entre parênteses. Esse processo se caracteriza por suspender tudo o que se acredita saber para, com rigor e paciência, colocar sob escrutínio um por um desses pretensos saberes de modo a invalidar ou validá-lo e, assim, construir efetivamente um conhecimento confiável sobre si mesmo e sobre o mundo. Semelhante processo é fundamental para a investigação científica em geral, porém extremamente penoso quando empreendido na própria existência particular. Isso porque esse passo inicial, que é ter força para por um momento, pelo menos, desacreditar no que se tem acreditado a vida toda, se mostra grandemente penoso. Tal dificuldade nos vem principalmente por conta de alguns modos peculiares de nos afincarmos a uma interpretação do mundo enviesada sem pô-lo em dúvida, o que, de fato, gera conforto e economia psíquica. Chamaremos esses modos de processos de autoengano, dentre os quais podemos citar o *viés de confirmação*, a *falácia do mundo justo*, o *primado*, a validação subjetiva etc. Em nosso trabalho procuraremos mostrar que sua explicitação àquele que está sob os cuidados da clínica fenomenológica cria desconfiança à formação de sua própria interpretação do mundo, o que é necessário para a efetiva suspensão dele e posterior investigação do teor psicológico dessa mesma interpretação, ou seja, para a investigação do que alimenta e sustem uma específica interpretação do que é percebido.

Palavras-chave: clínica fenomenológica, autoengano, suspensão.

BARRERAS A LA SUSPENSIÓN DEL MUNDO EN CLÍNICA - FENOMENOLÓGICA PROCESOS DE AUTO-ENGAÑO

El proceso fundamental de la fenomenología, y en consecuencia la fenomenología clínica es la suspensión del mundo percibido. Este proceso se caracteriza por la suspensión de toda que se cree conocer con precisión y paciencia, poner bajo escrutinio uno por uno estos presuntos conocimientos para invalidar o validarlo y por lo tanto efectivamente construir un conocimiento fiable sobre sí mismo y sobre el mundo. Tal proceso es fundamental para la investigación científica en general, pero muy doloroso cuando se realiza en su propia existencia particular. Esto se debe a que este primer paso, que es tener la fuerza por un momento, al menos, de no creer en lo que has creído toda mi vida, se muestra muy angustiante. Esta dificultad se debe principalmente a causa de algunas formas peculiares de retener una interpretación del mundo sesgada sin ponerlo en duda, que, de hecho, genera comodidad y economía psíquica. Vamos a llamar a estos modos de procesos de auto-engano, entre los cuales podemos mencionar *el sesgo de confirmación*, *la falacia del mundo justo*, *el primado*, *la validación subjetiva* etc. En nuestro trabajo tratamos de mostrar que su explicación a lo que está bajo el cuidado clínico fenomenológico crea desconfianza a la formación de su propia interpretación del mundo, que es necesario para la suspensión efectiva de la misma y de la investigación del contenido psicológico de esta interpretación, es decir, para la investigación de lo que alimenta y sostiene una interpretación específica de lo que se percibe.

Palabras clave: clínica fenomenológica, auto-engano, suspensión.

Alexander de Carvalho

Possui graduação em Filosofia pela UERJ (2001), mestrado em Filosofia pela UERJ (2003) e doutorado em Filosofia pela UERJ (2014).

Endereço eletrônico: carvalhoalexander@gmail.com

3.23. EXISTÊNCIA E FINITUDE: DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO

Paulo Victor Rodrigues da Costa (USS – IFEN)

Ser e Tempo, por se tratar de uma obra de alto rigor e complexidade filosófica, à primeira vista se revela como uma obra de difícil acesso. Essa é uma impressão difícil de ser desfeita muito por conta das terminologias próprias e de caráter hermético presentes na obra de 1927. O desafio acadêmico e da erudição atual, em relação ao pensamento heideggeriano como um todo, passa fundamentalmente por conseguir criar caminhos de acesso a tal pensamento, que fujam dos chavões e gestos, bem como de polêmicas pedantes. O pensamento heideggeriano surge, em toda a sua potência, a partir de uma atitude muito própria da fenomenologia husserliana, qual seja, a de despir-se de qualquer gesto teórico que se interponha entre o fenômeno e o como de sua aparição. “Teórico” aqui significa predicação *a posteriori* de qualquer elemento que não seja dado pelo fenômeno em sua intuição originária. Esse gesto de aproximação em relação à essência do fenômeno tem como caminho possível a conhecida *epoché*, isto é, a suspensão de qualquer tese ou juízo sobre aquilo que se mostra, vislumbrando o fenômeno em seu puro mostrar-se eidético. Sem esse procedimento de base, de origem husserliana, o trabalho de Heidegger de fato se torna incompreensível. Não pela sua linguagem a princípio estranha, mas pelo fato de seu trabalho ser nivelado a uma teorização comum ou por ser entendido como um “ponto de vista” particular. Portanto, acompanhar o pensamento de Heidegger envolve necessariamente ter a clareza quanto ao fato de seu labor ser um desdobramento radical da tradição fenomenológica, principalmente no que tange à inserção no âmbito de um puro ver fenomenológico. *Ser e Tempo* se mostra como uma obra que põe em curso e radicaliza a orientação descritiva do ver fenomenológico. O ponto é que o que se busca ser descrito em suas páginas são os *momentos fenomenológicos* (expressão husserliana) da existência. Se o trabalho de Husserl orientava-se pelo interesse no estabelecimento de bases sólidas para conhecimento e para as ciências em geral, Heidegger busca, por meio de *Ser e Tempo*, tornar a existência humana translúcida a si mesma. O modo engenhoso como põe em curso tal empresa é um último empecilho que poderia afastar o leitor da riqueza de suas linhas. Por fim, na economia de *Ser e Tempo* e na engenharia do “encaixe” das estruturas ontológicas da existência descortinadas ao longo do texto, o tema da finitude e do ser-para-morte desempenham papel fundamental. Ser finito e ter a morte como possibilidade mais própria da existência significa descortinar uma relação familiar com a dimensão de mistério relacionado ao todo que se mostra e se revela ao homem em seu movimento de transcendência. Em tempos sombrios, a coragem diante do incontornável inaugura caminhos possíveis, mas para tanto é preciso querer e aprender a simplicidade do “ver”. Fica indicado que ser-para-a-morte declara de forma imperdoável que ao homem é preciso presenciar-se em sua finitude, e no que se refere a sua relação de distância-proximidade com a eternidade.

Palavras-chave: Fenomenologia; Heidegger; Morte.

Paulo Victor Rodrigues da Costa

Psicólogo Clínico, Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN), mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF-UFRJ). Professor do curso de Psicologia da Universidade Severino Sombra (USS).

Endereço eletrônico: pvrcoستا@gmail.com

3.24. FENOMENOLOGIA-67(1&,\$\$/\$\$&\$6 75\$6250(1726'

Myrna Coelho (USP/ISS)

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre intervenções clínicas atualmente em desenvolvimento como pós-doutoramento. Os resultados apresentados foram colhidos durante dezesseis anos em diferentes situações de atendimentos clínicos, vinculados a instituições públicas, projetos específicos, clínicas-escola e atendimentos particulares. Os dados são apresentados a partir da seleção de achados clínicos repetidos em diferentes casos. A presente pesquisa trata de discutir esse fenômeno multifacetado abrindo caminhos para reflexões mais do que fechando proposições, trazendo para o centro da discussão a complexidade da borda. É na mundaneidade do mundo que acessamos os elos que nos vinculam a nossa história e, portanto, a nossa memória. O mundo vivido pode se constituir como território. Cada território é atravessado por um projeto de nação específico. Em nosso território paulistano, brasileiro e latino-americano, a naturalização da atribuição do dispositivo violência tem funcionado como uma desintegração estratégica. Esse fenômeno pode ser exemplificado com muitos casos do território latino-americano, cada vez mais comuns e complexos, que chamam a atenção da sociedade especialmente através da imprensa. Esses territórios estão em consonância com a sociedade capitalista não apenas como regime econômico, mas como forma de vida, que se configura na dependência do crescimento ininterrupto do capital privado. O capital não pode crescer equanimemente, ele se delinea em diferentes paisagens, significando diferentes mundaneidades. A história da colonização da América Latina traz à tona sentidos específicos da presença-ausência da naturalização de uma certa micropolítica de resistência. Essa presença-ausência também caracteriza o *dasein*, desmistificando e revelando compreensões necessárias para que se realizem intervenções comprometidas com a “clínica dos transbordamentos”. Nesse contexto entendo essa especificidade clínica que denomino como “clínica dos transbordamentos”, direcionada por aqueles que frequentam o mundo-borda, um mundo-erro que solicita ressignificação constante. São casos enigmáticos que se apresentam como o “inimigo interno” da clínica, pois revelam onde ela não é cuidado. A clínica aqui é compreendida, também, como uma disposição afetiva a um encontro que pode ler esse fenômeno do mundo-borda, revelando os dispositivos biopolíticos em jogo. Apresentarei a “clínica dos transbordamentos” a partir de suas três figuras principais: a criança, a “doida” e o “nóia”. Essas três figuras, ao mesmo tempo contemporâneas e extemporâneas, permeiam o imaginário social a partir do desejo da necessidade da compreensão e do adestramento. Nessa clínica, o psicólogo está sempre na berlinda, pois é somente para lá que pode ser convidado ao se dispor a compreender as especificidades desse mundo-vida. Encontros na borda são transversais, perpendiculares. Atravessam a existência, a cidade, o olfato de um modo único e ainda pouco discutido, exatamente por ocupar a borda das discussões acadêmicas e clínicas. Não à toa, essas figuras costumam existir nos centros das cidades. Para além dos sentidos práticos, simbolicamente elas tendem a se colocar no centro das discussões, tendem a penetrar espaços quando não convidadas. O objetivo do presente trabalho é trazer a borda para o centro da discussão.

Palavras-chave: mundaneidade; infância; saúde mental; clínica; violência.

Myrna Coelho

Psicóloga clínica, pós-doutoranda no Laboratório de Política Ambiental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, mestrado em estética e história da arte e doutorado em ciências pela USP, professora do Instituto Sedes Sapientiae na especialização “Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas” e na extensão “Introdução às práticas da psicologia fenomenológica: ações clínicas e educacionais”.

Endereço eletrônico: myrnacoelho@usp.br

3.25. FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE: REFLEXÕES DA AÇÃO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Sáshenka Meza Mosqueira (UNIP)

Este trabalho apresenta reflexões sobre a formação em Psicologia e as possibilidades de ação do psicólogo em instituições que realizam ações em Políticas Públicas (Educação, Assistência Social, Saúde, Segurança Pública). Questionamentos acerca da prática psicológica realizada por profissionais e estagiários nos diferentes equipamentos de atendimento à comunidade conduzem a problematizar o, ainda escasso, trânsito entre o entendimento das teorias e técnicas em Psicologia e o campo da *práxis* como lugar de encontro de saberes dos profissionais e das pessoas atendidas. A Ética da Responsabilidade, perspectiva trabalhada por Arendt, oferece apoio para desconstruir conceitos a respeito de saúde, adoecimento, subjetividade, cidadania, espaço público e privado. O pensamento arendtiano refere-se à condição humana plural e singular que se realiza na co-existência. Entre homens nos revelamos pela ação e pela palavra, constituímos e somos constituídos pelo mundo. A compreensão, a reflexão e o juízo a respeito da ação ocorre pelo exercício do *pensamento* que pode ou não estar pautado na Ética da Responsabilidade. A ética para Arendt refere-se à possibilidade de pensar levando em consideração os outros e o mundo como lugar de manifestação de ser do ser homem, pelo qual somos todos responsáveis. atendimentos oferecidos por alunos(7º ao 10º períodos) revelam que a formação em Psicologia privilegia, ainda, visões do adoecimento psíquico referendadas na história familiar e privada dos atendidos, baseadas em sistemas explicativos previamente construídos na teoria psicológica. Em tempos de hipervalorização da vida privada, rareiam reflexões sobre a co-existência e abandona-se a noção de mundo como âmbito de manifestação do modo humano de ser. A relativa segurança adquirida nas teorias e técnicas psicológicas conduz a uma postura que desautoriza a expressão de quem procura atendimento. A formação do estagiário/psicólogo tende a privilegiar a o lugar de conhecimento especializado sobre o outro, pouco acolhe as compreensões do paciente, afastando o profissional de quem sofre na tarefa comum de ampliar possibilidades de dar sentido ao vivido. Tal constatação implica reconhecer que há perspectivas de formação em Psicologia que condicionam as possibilidades da prática psicológica a modelos que restringem as possibilidades tanto dos profissionais em formação quanto das pessoas atendidas. Perpetuar a ideia de que existem subjetividades que adoecem devido a especificidades de sua constituição intra-psíquica ou considerar a co-existência como constituinte dos modo de ser e das relações humanas são alternativas que fazem emergir a questão da Ética da Responsabilidade na formação em Psicologia.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Formação em Psicologia, Práticas Psicológicas, Políticas Públicas, Ética.

Sáshenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Especialista, Mestre e Doutora pelo IPUSP. Pesquisas e Intervenção em Prática Psicológica em Instituições, Clínica Psicológica e Fenomenologia, Formação em Psicologia. Professora Adjunta, Supervisora Clínica, Universidade Paulista – UNIP - São Paulo.

Endereço eletrônico: sashenkameza@gmail.com.

3.26. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA, FENOMENOLOGIA E NARRATIVA: PERCURSO METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Marcus Tulio Caldas (UNICAP)

Rafael Auler de Almeida Prado (UFAC)

O presente trabalho consiste na explicitação do percurso metodológico da tese de doutorado em Psicologia Clínica *A linguagem poética na clínica fenomenológica existencial*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa interventiva, de caráter fenomenológico, como modo de narrativa e reflexão da experiência clínica. A intenção de apresentar este trabalho consiste em contribuir para a ampliação de possibilidades metodológicas para a pesquisa qualitativa e mais especificamente para a pesquisa fenomenológica a partir da Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Surgida no meio acadêmico nos anos 1970, a pesquisa qualitativa originou-se de críticas ao modelo investigativo positivista predominante à época nas Ciências Humanas, herdado das Ciências Naturais. Embora por pesquisa qualitativa se compreenda uma gama bastante abrangente de posturas epistemológicas, todas elas se caracterizam por considerarem outros modos de produção de conhecimento no campo das Ciências Humanas, que não aqueles que restringem o estabelecimento (ou a descoberta) da verdade à submissão a métodos quantitativos que buscam prever, controlar e universalizar os resultados encontrados. Ao propor sua Hermenêutica Filosófica, Gadamer tem como principal preocupação entender a natureza da compreensão humana. Ele defende que a questão da verdade não se restringe a um aspecto epistemológico, mas é antes uma questão ontológica, ou seja, que se refere à questão do sentido de ser. Assim sendo, a verdade não se limita ao que pode ser estabelecido por um método racional que tem por objetivo anular o modo de ser do pesquisador, como pretende o método das ciências naturais. Gadamer supõe que a condição para conhecermos são nossos pressupostos e preconceitos, e que, ter consciência deles possibilita que marquem uma abertura para a novidade. Quanto mais estivermos apropriados dos nossos preconceitos, ou seja, quanto mais os assumirmos, mantemos maior abertura e eles podem ser revistos, o que possibilita experienciar nova possibilidade compreensiva; há maior abertura e diálogo com o novo e, acrescentamos, maior possibilidade de construção de conhecimento nas ciências humanas. O diálogo consiste no próprio movimento do pensamento e da compreensão, e da produção de conhecimento, numa dinâmica de perguntas e respostas. Uma pesquisa pode ser compreendida e realizada como diálogo do autor a partir de uma questão que lhe interpela. O diálogo que se dá consigo mesmo, numa reflexão individual, com um texto, com outra(s) pessoa(s) ou com uma obra de arte. Tomando essa compreensão gadameriana, nossa pesquisa, a referida tese, consistiu em diálogo entre narrativa de diários de bordo sobre atendimentos clínicos do autor, pressupostos fenomenológicos existenciais da ação clínica e compreensão de linguagem poética a partir de uma aproximação entre Heidegger e Bachelard. Tais pressupostos e compreensões de linguagem consistiram nas preconcepções das quais partiram a reflexão realizada pela tese. A questão em torno da qual se dá o diálogo da pesquisa é a possibilidade da linguagem da ação clínica ser compreendida como poética. A reflexão sobre nossas possibilidades metodológicas desvela a possibilidade da utilização dos diários de bordo em que narramos nossos atendimentos clínicos como modo de dialogar com nossa própria experiência.

Palavras-chave: hermenêutica filosófica; fenomenologia; narrativa; percurso metodológico; outras possibilidades metodológicas.

Marcus Tulio Caldas

Doutorado em Psicologia pela Universidade de Deusto - Espanha (1999). Graduação em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (1979). Médico psiquiatra do Governo do Estado de Pernambuco e professor adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco (UINCAP). Experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, atuando principalmente nos temas: clínica fenomenológica existencial, alcoolismo e outras drogas, trabalho, psicopatologia e psicoterapia.

Endereço eletrônico: marcus_tulio@uol.com.br

Rafael Auler de Almeida Prado

Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2013); Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2009); Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor adjunto A nível 2 da Universidade Federal do Acre (UFAC). Tem experiências na área de psicologia clínica fenomenológica existencial.

Endereço eletrônico: rafaelpradoauler@gmail.com.br

Este trabalho consiste na seção metodológica da tese “A linguagem poética na clínica fenomenológica existencial” - defendida no programa de pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco -, que foi financiada, por meio de concessão de bolsa, pelo Fundo de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

3.27. IMPACTOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO EXISTIR COTIDIANO DO BRASILEIRO

Luis Eduardo França Jardim (USP-SP)

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados de pesquisa de doutorado realizada a partir de depoimentos sobre os impactos da ditadura civil-militar no cotidiano de brasileiros. A investigação, desenvolvida sobre bases fenomenológicas hermenêuticas do pensamento de Martin Heidegger, pretendeu identificar e discutir como ações ligadas ao regime autoritário podem ter impactado no modo de ser cotidiano de muitos brasileiros, opositores ou aderidos ao golpe. No cotidiano, o *Dasein* está, de início e no mais das vezes, esquecido de si, no entanto, correspondendo à rede de significações instituída e compartilhada no mundo com os outros e junto aos entes. O existir cotidiano diz respeito a todos. Nele, os homens coexistem em meio à pluralidade com todos os aspectos da sua singularidade, tonalidades, sentimentos, julgamentos e pensamento. Partiu-se da hipótese de que a ditadura influenciou sobre o cotidiano do trabalho, da coexistência na cidade e no âmbito familiar para sondar as tramas ônticas instituídas no cotidiano sob essa influência a partir da memória de depoentes que viveram os anos da ditadura. Na pesquisa, de cunho qualitativo, foram considerados nove depoimentos, de três mulheres e seis homens, que apresentaram elementos significativos para compreensão da experiência cotidiana nos âmbitos citados. Os entrevistados são pessoas com ligações nas áreas da educação, saúde, cultura, comunicação, militar e funcionalismo público. A investigação buscou *interrogar sobre as formas pelas quais a ditadura abriu novos espaços de relação do brasileiro com seu cotidiano, construindo novos sentidos à sua experiência singular e plural*. As análises dos depoimentos foram fundadas em uma escuta hermenêutica fenomenológica, escuta próxima à escuta clínica, atenta aos sentidos que se desvelaram nas narrativas, aos modos de ser e às articulações de experiências e pensamentos que se mostraram no discurso. As análises revelaram fortes indícios de que os ambientes de trabalho tenham sido marcados pelo traço do medo, explicitado na vigilância, desconfiança, autocensura, autopreservação, silenciamento, moderação, cuidado, precaução. A imposição do medo parece invadir o cotidiano das famílias e fragilizar relações de parentesco, trazendo a vigilância e controle para dentro do lar. Nas instituições de convívio e na coexistência cidadina, o medo imprime suas marcas no cotidiano do cidadão. Os depoimentos também trouxeram indícios de que a atmosfera instaurada nos anos da ditadura pela censura, repressão, violência tenha sido favorável a um par de elementos ligados, primeiramente, à *solidariedade*, a busca por unidade, apoio daqueles que experienciam indignação e sofrimento semelhantes; e, junto com a solidariedade, a *coragem* alcançada coletivamente, um poder constituído na reunião de um com o outro para se posicionar, se manifestar contra o regime e lutar por mudanças nos âmbitos públicos. A pesquisa não pretende generalizar suas observações para todos os brasileiros, mas apontar caminhos para continuidade e ampliação do estudo sobre os impactos existenciais e históricos da ditadura no cotidiano do brasileiro. Impactos que podem fundar e instituir novos modos de ser do *Dasein* com os outros no mundo.

Palavras-chave: cotidiano; ditadura militar; medo; coexistência; Martin Heidegger.

Luis Eduardo França Jardim

Psicólogo Clínico e Mestre em Psicologia Clínica Fenomenológica pela PUC-SP. Doutor pelo Instituto de Psicologia da USP-SP com tese sobre impactos da ditadura no cotidiano do brasileiro. Pesquisador em dois laboratórios na Universidade de São Paulo, estuda o pensamento de Martin Heidegger e Hannah Arendt na clínica, política e multiculturalismo. Professor e supervisor clínico em fenomenologia, tem experiência em graduação e pós-graduação em universidades pelo Brasil. CAPES.

Endereço eletrônico: luisfjardim@yahoo.com.br

Como en otras etapas de la vida, el anciano se enfrenta a lo que Rollo May denomina el ‘dilema existencial’, por el hecho de vivirse como sujeto y objeto simultáneamente ante dos alternativas: ser ‘completamente libres’ o ‘completamente determinados’ por un único destino expresado como ‘dilema existencial’. Sin embargo May agrega que no es exacto decir que seamos sujeto y objeto al mismo tiempo porque nuestra conciencia actúa como un proceso de oscilación entre ambos. Ella representa la relación dialéctica de experimentarnos como sujetos o como objetos por nuestra capacidad de poder vivenciar ‘ambos estados’ entre los que subyace nuestra experiencia del tiempo como una importante dimensión para la vida humana. Justamente a la distancia entre ser sujeto o ser objeto la llenamos creativamente por medio del tiempo en planes y proyectos como sujetos. Pero también podemos, como objetos, aceptar un futuro de ‘no ser’, o sea, la certeza de la muerte....aunque resulte un tema cuestionado y evitado. Más allá de posiciones antagónicas desde diversas perspectivas que intentaron describir la inseparable relación entre sujeto y objeto, diremos que es precisamente la psicología como ciencia del hombre, la que trata de superar esa relación al considerar a la experiencia humana como una combinación de naturaleza y espíritu. Según Rollo May durante toda su vida la persona enfrenta este ‘dilema’ como un sentido de polaridad o paradoja que en algunos puede llegar a producir perturbaciones negativas y, en cambio, ser para otros una fuente de creatividad que beneficia a la civilización y la cultura. En el tema de la vejez se plantean circunstancias personales y sociales que interactúan entre sí, como la soledad, la marginación social o el rechazo de la familia, la falta de motivación y, muy especialmente, la pérdida personal del sentido de la existencia que lleva, a veces, al anciano a considerar esta etapa como un sinónimo de sufrimiento, de enfermedad y de olvido. Se lamentan de no haber podido ‘hacer’ determinadas cosas en lo ya vivido y eso les impide ver qué pueden hacer para mejorar lo que aún les queda por vivir. Pasan a ser objetos de la determinación del medio y pierden la capacidad de ser sujetos con proyectos propios y posibles de realizar. A diferencia de las etapas de crecimiento el comienzo de la vejez no se determina con precisión por factores individuales con el agregado de elementos sociales y culturales, como la jubilación, que en la moderna sociedad de consumo suena descalificatorio por ser el paso obligado a pertenecer a la ‘clase pasiva’, la que no produce. Hay un ‘modo humano de envejecer’ cuando la persona es ‘huésped’ de una vejez donde se interrelacionan su pasado, su presente y su futuro. Su pasado forma parte de su presente pero no lo determina totalmente, aunque haya algunos ‘facilitadores’ como ‘causas’ de ciertos estados morbosos o conflictivos. Pero en el futuro quedan las ‘motivaciones’, los ‘proyectos’ y el ‘sentido’ que garantizan salud y bienestar. La motivación, la esperanza y el sentido son fundamentales para lograr una vejez que valga la pena de ser vivida. Pero, además, teniendo presente la frase de Ajuriaguerra: ‘se envejece como se ha vivido’, enriquecer las etapas previas de la vida desde lo físico, lo mental y lo espiritual favorecen una sana entrada a la vejez. Algunas personas vivencian la llegada de la vejez como una ‘crisis de envejecimiento’. Para superar esa ‘crisis’ se describe el ‘círculo de la vejez’ y sus etapas, del libro del Dr. Claudio García Pintos donde se juega la felicidad o la desventura de la vejez. Por fortuna hay cada vez más ‘grandes viejos’ como referentes de vivir una vejez fascinante.

María Estela Alvarez de Spano

Licenciada en Psicología Clínica y Logoterapeuta.

Correo electrónico: estelaspano93@gmail.com

3.29. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE JEAN-PAUL SARTRE: ESBOÇOS PARA UMA PSICOLOGIA NORMATIVA?

Carolina Freire de Araújo Dhein (UERJ)

Este estudo consiste em um projeto de tese de doutoramento em psicologia, e tem como proposta investigar os possíveis encaminhamentos morais, debitários da noção de liberdade constitutiva, própria da ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre, e suas implicações para uma psicologia de base fenomenológico-existencial, que se pretende crítica ao olhar determinante e normativo da existência. A ontologia fenomenológica de Sartre, por meio das críticas ao embate das teses materialistas e idealistas da filosofia, oferece elementos para o deslocamento das interpretações dicotômicas da realidade humana, especialmente por romper com uma visão encapsulada da subjetividade. A forte inspiração da fenomenologia Husserliana, expressa na radicalização da noção de intencionalidade da consciência, se converte, na referida obra, na cara noção de liberdade, tomada como fundamentação da realidade humana. Pensar o homem como liberdade, implica, então, partir do caráter de indeterminação da existência, condenada a se fazer para ser. Nesse ensejo, o homem é marcado pela angústia de ser ele o responsável pelo modo como se articula existencialmente em meio a tudo que o contorna. Em paralelo, a possibilidade de edificação de uma clínica de base fenomenológico-existencial, caracteriza-se pela tentativa de pensar os sofrimentos existenciais a partir do próprio caráter de indeterminação da existência, na medida em que procura deslocar-se de encaminhamentos moralizantes e normativos, tão presentes nos saberes teórico-práticos da clínica psicológica mais hegemônica. Essa, na medida em que apoia-se na constituição da subjetividade, seja a priori ou a posteriori, caracteriza-se pela tentativa de edificar uma verdade acerca da mesma, possibilitando que daí irrompa um arcabouço conceitual de medidas previamente definidas, que tardiamente procuram determinar seus acordos ou desacordos às mesmas. A adequação, por meio de seus métodos, a um lugar ideal a se chegar, mostra-se na maior parte das vezes, normativa e corretiva. A problemática que circunscreve o atual estudo, diz respeito ao modo como se pode fazer uma articulação dos desdobramentos da noção de liberdade, tal como desenvolvidos por Sartre, com o modo como tais noções são apropriadas pelo projeto de uma clínica psicológica que pretende deslocar-se dos modelos teóricos marcados pelo caráter normativo de suas práticas. Acreditamos que os elementos presentes no pensamento deste filósofo, ao mesmo tempo em que iluminam as condições de possibilidade para a constituição de uma clínica psicológica não prescritiva, podem favorecer a formalização de um ideal a se alcançar, se ainda amparada por uma lógica normativa, qual seja, o ideal da autenticidade ou a assunção da responsabilidade do existir. Importa-nos dizer que a apropriação da filosofia sartriana à psicologia já se encontra esboçada em expoentes expressivos, sendo estes, portanto, indispensáveis para o exercício, em contate construção, para uma clínica que resguarda a tarefa de problematizar suas bases. Por isso, acreditamos que, embora a construção de um caminho de articulação entre o pensamento de Sartre e a psicologia já esteja sendo percorrido, a problematização de seus impasses ontológicos e, conseqüentemente, existenciais, para uma psicologia crítica aos modelos normativos, parece estar ainda por se investigar.

Palavras-chave: Sartre; liberdade; Psicologia fenomenológico-existencial.

Carolina Freire de Araújo Dhein

Doutoranda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Psicologia pela mesma universidade. Especialista em Psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro. Atua como professora e supervisora clínica nessa instituição.

Endereço eletrônico: carolinadhein@hotmail.com

3.30. NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIOS SOBRE PLANTÃO PSICOLÓGICO NOS ANOS INICIAIS: FUNDAMENTOS E MODO DE REALIZAÇÃO

André Prado Nunes (LEFE-IPUSP)

Henriette Tognetti Penha Morato (LEFE-IPUSP)

Realizado em clínica-escola de uma universidade, o projeto de atendimento em plantão psicológico disponibilizou, desde 2007, estágio a estudantes a partir do segundo ano do curso. Este trabalho discute o percurso metodológico pelo qual buscou-se apresentar e discutir a experiência destes estagiários neste cenário. Nesta investigação, entrevistas individuais foram realizadas com quatro plantonistas que realizaram o seu primeiro estágio de atendimento em plantão no terceiro semestre do curso. Estas entrevistas serviram de base para a constituição de relatos sobre este momento de formação. Buscou-se inspiração na fenomenologia hermenêutica e na analítica do sentido como via para explicitação de saberes e impasses que surgiram nos relatos colhidos sobre plantão. Neste percurso, os relatos revelaram-se narrativas prenhes de sugestões, comunicando significados sobre a experiência com plantão. Elas guardavam a singularidade de cada relato, bem como destacavam a dimensão coletiva presente no atravessamento das falas. Deste modo, a narrativa foi possibilidade de singularização e construção do sentimento de pertença coletiva. Além disso, a narrativa não se mostrou somente como um modo de apresentar a experiência, mas também como de sua própria constituição, fundamentando-se na linguagem como efetivação do real. Em busca de descobrirem-se psicólogos, os estagiários disseram dos desafios e impasses encontrados neste modo de aprender, remetendo-os à crise de identidade profissional, à perspectiva fenomenológica existencial e também às limitações da própria instituição no qual este projeto de extensão ocorre. Por um lado, os relatos revelaram como o plantão se organizou para cuidar deste estudante: o atendimento era realizado com psicólogos e colegas dos últimos semestres, sendo supervisionados em grupo, além de haver aulas sobre fenomenologia existencial e aconselhamento psicológico. Por outro lado, o projeto mostrou como cada estagiário, a partir de seus questionamentos, conduziu-se de modo singular ao longo de pelo menos um ano de estágio, outro requisito para ser entrevistado. Neste sentido, evidenciou-se que o plantão contempla múltiplos dizeres e posicionamentos dos estudantes como possibilidade de propiciar um aprender pela experiência (ação). Convocados pela atenção psicológica dos supervisores, os saberes dos plantonistas mostraram-se incorporados em seu agir, sendo difícil falar sobre, mas surgindo nas reflexões sobre situações de atendimento, conversas e supervisões contadas. Neste sentido a formação surgiu como formar-ação, pela aprendizagem significativa como via privilegiada de constituição do saber de ofício do psicólogo. Assim, a investigação destacou a relevância deste estágio ocorrer nos semestres iniciais pelo modo como estagiários apresentaram uma compreensão pertinente de plantão nesta perspectiva. Por essa via, manifesta-se a urgência da clínica-escola contemplar projetos de estágio que, simultaneamente, diferenciem-se dos tradicionais treinamento, observação e aplicação de técnicas, contemplando serviços de atenção às demandas da clientela, em sua amplitude.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia existencial; currículo de ensino superior; aconselhamento psicológico.

André Prado Nunes

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Docente na Universidade Anhanguera e na Universidade

Paulista e psicólogo clínico. Colaborador do LEFE e supervisor de estágio dos alunos da graduação do IPUSP.

Endereço eletrônico: andrepn@usp.br

Henriette Tognetti Penha Morato

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor Doutor da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É membro do GT ANPEPP: Práticas Psicológicas em Instituições.

Endereço eletrônico: lefe@usp.br

3.31. O HABITAR E A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA NA CONTEMPORANEIDADE. CONSIDERAÇÕES EXISTENCIAIS E ÉTICAS

Luiz José Veríssimo (UVA)

Na relação do ser humano com a natureza, especialmente na contemporaneidade, urge voltarmos-nos para preocupações de ordem ética. A ecologia, como estudo sistemático do meio ambiente já sinalizou a interdependência dos sistemas vivos com os ecossistemas. Nós, humanos, enquadrarmos-nos nesse cenário de interrelações. Desmontá-lo é um risco assumido por um projeto ensejado na modernidade e em curso até hoje, que elege o homem como senhor da Terra e intenciona a natureza como manancial econômico ao seu dispor. Começamos a nossa pesquisa por estudar a ética a partir da sua etimologia. Ela nos indica a noção grega de *ethos*, cujo significado é morada, casa habitação. O *ethos* é o espaço comum, onde se desenvolvem as relações, as normas de conduta, as crenças, os valores, as ideias, as imagens. Podemos entender o *ethos* como um espaço onde se constitui a própria cultura e sua interação com o meio ambiente. A noção de *ethos* como morada comum nos convidou a pensar o habitar. Entendemos habitar como o modo como ocupamos, organizamos, agimos, idealizamos, enfim, o modo em que vivemos, ou melhor, *convivemos*, numa só palavra, *somos* no espaço comum. Para uma compreensão do habitar, foi-nos generosa a contribuição de Heidegger. Ele nos convidou a pensar o habitar a partir da sua articulação originária com céu e terra, deuses e homens. Heidegger nos ajudou, também, a observar a aparição da técnica em nosso tempo, sua implicação com a massificação, o consumismo, o mercado. Em nossa caminhada, recorreremos ao estudo de Leonardo Boff. Suas considerações ajudaram-nos a compor algumas peças no quebra-cabeça que envolve o colapso de um modelo de mundo que gera graves danos à natureza. Boff nos convida a escutar o grito da terra e grito dos excluídos, a participarmos da emergência de um novo paradigma. Heidegger e Boff nos ajudaram a vislumbrar a possibilidade de um *logos* que não queira regular tecnicamente o mundo, e sim, escutar, aprender, envolver-se com o embate entre terra e mundo, entre a mão e a matéria. Lendo esses autores, concluímos a urgência de uma ética do cuidado. O cuidado apresenta uma dimensão ontológica e ética. O cuidado é indispensável no dia a dia. Seu valor reside no trato como solidariedade, delicadeza, hospitalidade, sensibilidade, afinação com o outro, diálogo, paridade, respeito às diferenças. Sem os devidos cuidados o ser humano não apenas se desumaniza, como devasta a natureza, expondo uma profunda crise do habitar. O antropocentrismo, como conceito e modelo moderno, e que ainda se encontra cravado na medula da cultura atual permanece numa perigosa inconsciência, senão má-fé, por considerar-se mestre do saber, que, para ele, é poder. Por outro lado, a Terra não sucumbirá ao habitar humano, ao contrário, devemos descobrir que nós é que nela encontramos-nos hospedados. Haverá tempo para tomarmos a sério essa percepção?

Palavras-chave: Ética; ética e meio ambiente; ética e o habitar.

HABITASE Y LA RELACIÓN DEL SER HUMANO CON LA NATURALEZA EN LA CONTEMPORANEIDAD. CONSIDERACIONES ÉTICAS Y EXISTENCIALES

En la relación del ser humano con la naturaleza, especialmente en la contemporaneidad, urge volcarnos en preocupaciones de orden ético. La ecología, como estudio sistemático del medio ambiente ya ha indicado la interdependencia de los sistemas vivos con los ecosistemas. Nosotros, humanos, nos encajamos en ese escenario de interrelaciones. Desmontarlo es un riesgo asumido por un proyecto posibilitado en la modernidad y en curso hasta hoy, que elige al hombre como señor

de la Tierra y concibe la naturaleza como manantial económico a su disposición. Comenzamos nuestra investigación con el estudio de la ética a partir de su etimología. Ella nos indica la noción griega de *ethos*, cuyo significado es morada, casa vivienda. El *ethos* es el espacio común, donde se desarrollan las relaciones, las normas de conducta, las creencias, los valores, las ideas, las imágenes. Podemos entender el *ethos* como un espacio donde se constituye la propia cultura y su interacción con el medio ambiente. La noción de *ethos* como morada común nos invitó a pensar el habitar. Entendemos habitar como el modo como ocupamos, organizamos, actuamos, idealizamos, en resumen, el modo en que vivimos, mejor dicho, *convivimos*, en una sola palabra, *somos* en el espacio común. Para una comprensión del habitar, nos resulta generosa la contribución de Heidegger. Él nos invitó a pensar el habitar a partir de su articulación originaria con cielo y tierra, dioses y hombres. Heidegger nos ayudó, también, a observar el surgimiento de la técnica en nuestro tiempo, su implicación con la masificación, el consumismo, el mercado. En nuestro camino, recurrimos al estudio de Leonardo Boff. Sus consideraciones nos ayudaron a componer algunas piezas en el rompecabezas que involucra el colapso de un modelo de mundo que genera graves daños a la naturaleza. Boff nos invita a escuchar el grito de la tierra y el grito de los excluidos, a participar en la emergencia de un nuevo paradigma. Heidegger y Boff nos ayudaron a vislumbrar la posibilidad de un *logos* que no quiera regular técnicamente el mundo, sino escuchar, aprender, involucrarse en el embate entre tierra y mundo, entre la mano y la materia. Leyendo a esos autores, concluimos la urgencia de una ética del cuidado. El cuidado presenta una dimensión ontológica y ética. El cuidado es indispensable en el día a día. Su valor reside en el trato como solidaridad, suavidad, hospitalidad, sensibilidad, afinación con el otro, diálogo, paridad, respeto a las diferencias. Sin los debidos cuidados, el ser humano no solo se deshumaniza, pero devasta la naturaleza, exponiendo una profunda crisis del habitar. El antropocentrismo, como concepto y modelo moderno, y que todavía se encuentra clavado en la médula de la cultura actual, permanece en una peligrosa inconsciencia, quizás mala fe, por considerarse maestro del saber, que, para él, es poder. Por otra parte, la Tierra no sucumbirá al habitar humano, al revés, debemos reconocer que somos nosotros los que en ella nos encontramos hospedados. ¿Habrá tiempo para tomar en serio esa percepción?

Palabras-clave: Ética; ética y medio ambiente; ética y el habitar.

Luiz José Veríssimo

Psicólogo, graduado pela PUC-RJ (1991); graduação (2005), mestrado (1997) e doutorado (2002) e Pós-Doutorado (2015) em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ; graduação em Comunicação Social pela UFRJ (1983). Formação em Psicologia Clínica pelo Centro de Psicoterapia Vivencial (1991). Atualmente é professor Na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professor do Curso de Pós Graduação Lato Sensu Psicologia Junguiana, Arte e Imaginário na PUC-RJ. do curso de pós-graduação em Psicologia Fenomenológico-Existencial da UNIPAR. Membro da SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas).

Endereço eletrônico: verissimofilos@gmail.com

3.32. O PESQUISAR FENOMENOLÓGICO: CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA A PARTIR DO PRÓPRIO PESQUISAR

Henriette Tognetti Penha Morato

Vitor Sampaio

Este trabalho é um excerto da tese de doutorado do pesquisador principal, que ainda está em elaboração. Aqui se apresenta a metodologia utilizada na pesquisa e se faz uma reflexão sobre uma proposta possível de metodologia em pesquisa fenomenológica. A metodologia aqui apresentada foi o que surgiu da tese do pesquisador, na busca pelo esclarecimento do sentido de casal que surge nos atendimentos de psicólogos. Este trabalho apresenta a pesquisa fenomenológica como um caminho construído no próprio pesquisar, fundamentando esta possibilidade na Ontologia de Martin Heidegger. Deste modo, todo método empregado em uma pesquisa fenomenológica deve-se orientar pela explicitação da existência como ser-aí, ou seja, não pretende objetificar aquilo que diz respeito à existência humana. Em Seminários de Zollikon, Heidegger rejeita a transposição do método científico-natural para o estudo dos fenômenos humanos, esclarecendo que tais fenômenos não podem ser compreendidos se forem transformados em objetos. Assim, tais fenômenos só podem ser compreendidos se observados em seu ser-no-mundo. Desta maneira, este trabalho pensa a metodologia em seu sentido fundamental, como o que diz (logos) de um caminho (hodos) para além (meta), ou seja, uma indicação de caminho. Por ser indicação de caminho, a possibilidade metodológica discutida aqui apresenta o próprio trajeto percorrido pelo pesquisador, considerando seu caminhar em uma pesquisa como parte importante do próprio pesquisar, revelando o pesquisar e a pesquisa como possibilidade do horizonte existencial do ser-aí. A pesquisa fenomenológica, assim, não chancela uma verdade, mas abre compreensões de sentido. A metodologia, o caminho para pesquisar, é esclarecimento de sentido: esclarecimento de sentido do fenômeno, para o pesquisador e para o pesquisado. Para esclarecer o sentido, o caminho é um questionar constante, do pesquisador para o fenômeno, do pesquisador para si mesmo, em um retorno questionante que mantenha a pesquisa na busca do esclarecimento do sentido. Por esta razão, o caminho só pode ser traçado em seu caminhar por dizer respeito ao horizonte de realização do existir humano. Desse modo, a escolha do caminho somente pode ser feita no questionar do fenômeno pesquisado, e não de qualquer outro, e o método surge no pesquisar. Por esta razão se faz necessária a apresentação do sentido buscado na tese de onde sai este trabalho, para que se revele a proposta de método aqui apresentada: hodos meta fenomenológico existencial.

Palavras-Chave: Fenomenologia Existencial, Pesquisa em fenomenologia, Prática Psicológica.

Henriette Tognetti Penha Morato

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor Doutor da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É membro do GT ANPEPP: Práticas Psicológicas em Instituições. Endereço eletrônico: lefe@usp.br

3.33. O OLHAR FENOMENOLÓGICO NO ATENDIMENTO INFANTIL PELA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

Karla Galvão Cerávolo Suassuna Martins Costa (IS)

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa (PUC – ITGT – IS)

O organismo é um todo unificado, e não é autosuficiente, necessitando do meio para a sua sobrevivência. A organização de fatos, percepções, e não os aspectos individuais de que são compostos, que os define e lhes dá um significado particular. Considerando os sintomas como pedidos desesperados de resposta ao mundo que, necessita de um “ouvido” que traduza em uma linguagem compreensível, essa apresentação pretende focalizar que comportamentos inapropriados podem ser compreendidos como uma luta para a criança satisfazer suas necessidades. Portanto, a fenomenologia parece ser uma ferramenta metodológica importante para abordar essas vivências.

Palavras-chave: Fenomenologia; Gestalt-terapia; criança.

MIRADA FENOMENOLÓGICA EN EL CUIDADO INFANTIL POR LA PERSPECTIVA DE LA TERAPIA GESTALT

El cuerpo es un todo unificado, y no es autónomo, lo que requiere que los medios para su supervivencia. La organización de los hechos, percepciones y no los aspectos individuales que se hacen, que define y les da un significado particular. Teniendo en cuenta los síntomas que las peticiones desesperadas para la respuesta al mundo que necesita un "oído" que se traduce en un lenguaje comprensible, esta presentación tiene la intención de centrarse en que el comportamiento inadecuado puede ser entendida como una lucha por el niño a satisfacer sus necesidades. Por lo tanto, la fenomenología parece ser una importante herramienta metodológica para abordar estas experiencias.

Palabras clave: La fenomenología; La terapia Gestalt; niño.

Karla Galvão Cerávolo Suassuna Martins Costa

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2007). Psicóloga-membro da equipe médica obstétrica do doutor João Baptista Alencastro. Palestrante pela Unimed GO. Colunista do jornal "Diário da Manhã" e "Ludovica". Especialista e História da Arte e Ensino da Música. Diretora e Proprietária da Organização De Umbiguinho a Umbigão. Pós-graduanda em Psicologia e Maternidade.

E-mail: karla@institutosuassuna.com

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa

Doutora em Ciências da Saúde pela UnB/UFG, Mestre em Educação, Professora-adjunta do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC). Fundadora, professora e supervisora do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia. Membro do conselho consultivo da *Phenomenological Studies* – Revista da Abordagem Gestáltica. Cursos avançados em Gestalt-terapia pelo *Gestalt Therapy Institute of Los Angeles*, em San Diego e no

Canadá. Gestalt-terapeuta de crianças, adolescentes, adulto, casal e grupo. Autora de artigos, capítulo de livro e do verbete no Dicionário de Gestalt-terapia (Summus, 2007). Pesquisadora do CNPq.
E-mail: virginia@itgt.com.br

3.34. PENSANDO A CLÍNICA A PARTIR DO ROMANCE "A NÁUSEA": CONTIGÊNCIA, LIBERDADE E TEMPORALIDADE

Carolina Mendes Campos (IFEN-RJ)

O presente trabalho pretende estabelecer um diálogo entre a clínica e a filosofia de Sartre a partir do romance *A Náusea*, destacando temas como a contingência, a liberdade e a temporalidade. O autor inicia em 1931 a redação de um manuscrito intitulado *Melancolia* que viria a ser, por mais de uma vez, recusado para a publicação. Somente em 1938, as edições Gallimard lançam este que viria a ser o seu primeiro romance, publicado sob o título de *A Náusea*, por sugestão do editor. Na ocasião, a crítica recebeu bem a obra, possibilitando a Sartre solidificar sua fama como escritor no cenário intelectual francês, apesar de se tratar de um romance bastante peculiar que exibía de forma forte e, por vezes, enauseante, o diário que relata as estranhas experiências de Antoine Roquentin. Essa narrativa angustiante anuncia através da via literária diversas temáticas que viriam a se constituir como cernes do pensamento sartriano, exploradas em sua obra magna de 43, *O Ser e o Nada*. A nosso ver, o romance *A Náusea* proporciona uma rica leitura da perspectiva sartriana que versa a respeito de uma possível psicologia, uma vez que o romance foi elaborado ao longo da década de 30, período no qual Sartre destrinchava suas primeiras perspectivas fenomenológicas a respeito de temas como o Ego, as emoções e a imaginação. Neste momento, toda a sua produção revela essa clara ligação com a questão da psicologia, e, com *A Náusea* não é diferente. Contudo, salientamos que não existe, a nosso ver, uma ligação direta entre a filosofia sartriana, sua literatura e suas discussões a respeito da psicologia, que redundam em sua proposta de psicanálise existencial. Os caminhos percorridos por Sartre neste diálogo não são retos, nem claros, exigindo que o profissional que deseja se debruçar sobre suas possibilidades clínicas tenha que fazer um árduo esforço de recolher as pistas deixadas pelo autor. Porém, mesmo diante deste desafio, vemos a literatura como uma ferramenta preciosa nas mãos de Sartre, que o permite encarnar, em sua escrita reflexiva, diversos temas existências que servem de profundo manancial para pensarmos a respeito deste “fazer” clínico.

Palavras-chave: Sartre; náusea; clínica.

Carolina Mendes Campos

Psicóloga clínica. Possui graduação em Psicologia pela PUC-Rio. É Doutora e Mestre em Psicologia Clínica também pela PUC-Rio. É sócia colaboradora do IFEN desde 2008.

E-mail: carolinamendescampos@gmail.com

3.35. PENSANDO A ONTOLOGIA DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA NA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SUS

Alessandro Gemino (UERJ)

Este trabalho tem como objetivo contribuir para as discussões sobre as possibilidades e limites da atuação do psicólogo que trabalha a partir do exercício da atenção clínica, particularmente no que se refere a atual inserção da psicologia no Sistema Único de Saúde (SUS). Embora ainda seja identificada como uma formação que privilegia o atendimento em consultório particular, a progressiva inserção da profissão nos diversos dispositivos da rede de saúde pública ao longo dos últimos vinte anos coloca, em nosso entender, a formação do psicólogo como uma questão a ser retomada. Se, tradicionalmente, é possível interpretar historicamente a formação do psicólogo como um processo na qual a escolha epistemológica é vista como um ponto central, como pensar a formação do psicólogo de modo a prepará-lo para atuar no SUS? Seria possível, a partir da relação entre teoria e prática, pensar sobre o que é necessário aprender de modo a garantir uma boa qualificação profissional? Seria a escolha por uma teoria o mais importante? Neste sentido, a fenomenologia heideggeriana, particularmente em sua compreensão da ontologia como uma hermenêutica da facticidade, permite destacar o caráter pré-disciplinar que atravessa o processo contínuo de formação profissional. Desse modo, a fenomenologia possibilitaria uma suspensão da consideração de que as escolhas epistemológicas circunscrevem de modo privilegiado a formação. A aposta aqui se dirige, portanto, para a compreensão das relações de sentido existenciais que perpassam a facticidade e o modo como a formação é experienciada. O caráter tecnocrata da formação em saúde, as relações micropolíticas institucionais hierarquizadas e a multidisciplinaridade podem ser vistos a partir do olhar fenomenológico-hermenêutico não como traços de um determinado paradigma de formação, mas como caminhos nos quais o exercício crítico do pensamento necessita, a cada vez, ser retomado. O que se pretende, mais especificamente, é auxiliar na superação da compreensão de que a relação entre teoria e prática serviria como escopo de interpretação do processo de formação. Uma vez que os cenários que se apresentam no SUS trazem a complexidade e a multifatorialidade como características fundamentais, entendemos que a explicitação da dimensão tácita do conhecimento pode ser uma das tarefas a serem tematizadas nas discussões sobre a formação do psicólogo para o SUS.

Palavras-chave: Ontologia.Clínica.Fenomenologia.Formação.

PENSANDO EN LA ONTOLOGÍA DE LA EXPERIENCIA CLÍNICA EN LA ACTUACIÓN DE LA PSICOLOGÍA EN EL SUS

Este trabajo tiene como objetivo contribuir con los debates sobre las posibilidades y límites del trabajo del psicólogo que actúa desde el ejercicio de la atención clínica, especialmente en lo que se refiere a la creciente inclusión de la psicología en el Sistema Único de Salud (SUS). Aunque todavía se identifica como un entrenamiento que se centra su atención en la práctica privada, la integración gradual de la profesión en los distintos dispositivos del sistema de salud pública en los últimos veinte años da, en nuestra opinión, a la formación del psicólogo o status de una temática que debe ser abordada de modo crítico. Si, tradicionalmente, es posible interpretar históricamente la formación del psicólogo como un proceso en el que la elección epistemológica es vista como un punto central, como es posible pensar en la formación de lo psicólogo con el fin de prepararlo para trabajar en el SUS? Sería posible, a partir de la relación entre la teoría y la práctica, pensar en

lo que hay que aprender con el fin de garantizar una cualificación profesional adecuada? Sería la opción por una teoría lo más importante? En este sentido, la fenomenología de Heidegger, especialmente en su comprensión de la ontología como una hermenéutica de la facticidad, permite resaltar el carácter pre-disciplinar presente continuamente en todo el proceso de la formación profesional. Por lo tanto, la fenomenología permitiría una suspensión de la consideración de que las opciones epistemológicas circunscriben de una forma privilegiada a la formación. La apuesta aquí está dirigida, así pues, para entender el sentido existencial de las relaciones que impregnan la facticidad y cómo esto se experimenta en la formación. El carácter tecnócrata de la formación en salud, las relaciones institucionales micropolíticas jerárquica y la multidisciplinariedad se puede ver desde el aspecto fenomenológico-hermenéutico no como las huellas de un determinado paradigma de la formación, sino como formas en que el ejercicio crítico del pensamiento necesita, de cada en cambio, ser reanudado. Lo que se pretende, más específicamente, es ayudar en el proceso de superación del entendimiento de que la relación entre la teoría y la práctica serviría como una vía dominante de interpretación del alcance e potencialidades de lo proceso de formación. Una vez que los escenarios que aparecen en el SUS traer la complejidad y la multifactorialidad como características fundamentales, creemos que la explicación de la dimensión tácita del conocimiento puede ser una de las tareas que deben ser consideradas en las discusiones sobre la formación del psicólogo en el SNS.

Palabras-clave: Ontología. Clínica. fenomenología. Formación.

Alessandro Gemino

Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordena o NAPPRE (Núcleo de Apoio Psicopedagógico aos Residentes) do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Preceptor e Professor da Residência em Psicologia Clínico-Institucional - Cirurgia Cardíaca (IP/UERJ), supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (Psicoterapia Existencial) e chefe do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia/UERJ. Professor da Especialização em Psicopedagogia (IP/UERJ). Professor-tutor do PET-Saúde/GraduaSUS (2016-2018).

3.36. PLANTÃO PSICOLÓGICO NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIVASF (CEPPSI): CONTRIBUIÇÕES, CONQUISTAS E DESAFIOS

Barbara Eleonora Bezerra Cabral (UNIVASF)

Silvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

O Plantão Psicológico (PP) é uma modalidade de prática psicológica do serviço-escola de Psicologia (CEPPSI) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf/Campus Petrolina-PE). Destina-se a acolher pessoas em situação de sofrimento psíquico, no momento da procura. Desde sua implantação em 2013, vem se constituindo como espaço de cuidado compartilhado, voltado ao desvelamento e co-construção de sentidos das demandas apresentadas, valorizando-se as experiências narradas. Não requer inscrição prévia, acontecendo semanalmente, nas quintas-feiras (14h às 20h), articulado a propostas de Estágio Profissionalizante e de extensão. A equipe do PP é formada por quatro docentes supervisoras, duas psicólogas do serviço e estagiários/as do último ano do curso. Pretendemos contar a história de consolidação dessa modalidade de prática, destacando as principais contribuições aos/às atores/atrizes envolvidos/as (comunidade em geral, docentes, técnicos e discentes), as conquistas e os desafios. Respeitando-se a plasticidade originária do PP, com respaldo na experiência no Instituto de Psicologia/USP, atenta-se a uma despreocupação com classificações diagnósticas ou enquadramentos, apostando-se na tematização e ressignificação do vivido. Valoriza-se o encontro como método, garantindo-se a supervisão em grupo, a cada turno de PP. Ao dispensar a inscrição prévia e assumir um caráter de atenção imediata em situações de emergência, o PP democratiza o acesso da população à atenção psicológica, otimizando o fluxo dos atendimentos nas redes locais e ressaltando o caráter de articulação de rede. Tem sido possível desmistificar estereótipos ligados à atuação psicológica, expandindo a compreensão de clínica e efetivando o compromisso social da Psicologia. Tendo o CEPPSI se tornado referência na região, optou-se pela instituição recente de atendimentos emergenciais diários, dinâmica que deve ser objeto de avaliação. A necessidade de investimentos no processo formativo de plantonistas tem se evidenciado, o que vem sendo operado junto ao CEPPSI e ao Laboratório de Estudos e Práticas Transdisciplinares em Saúde e Educação (LETRANS). Em articulação com outros professores/profissionais da Psicologia e de outros núcleos disciplinares, ocorreram oficinas temáticas diversas: psicofarmacologia, registros clínicos, articulação da Rede de Cuidados, estudos de caso e problemas de aprendizagem. O PP constitui-se como cenário de práticas para os Programas Multiprofissionais de Residências em Saúde da Univasf, potencializando a formação pela articulação graduação/pós-graduação. Ao longo de quase quatro anos de existência, o PP precisou se organizar para situações de emergências locais, a exemplo do assassinato de uma residente no campus universitário e de um crime de repercussão nacional em uma escola, além de demandas institucionais em outro campus da UNIVASF. Assim, destacamos o potencial de uma atuação itinerante e transdisciplinar, considerando o número de convites/parcerias estabelecidos e a recente expansão recente a contexto escolar e hospitalar da região. Reconhece-se a importância de pesquisar e avaliar o PP, tendo dois estudos sido produzidos, com outros em andamento. Compreende-se que tem contribuído à promoção de cuidado, constituindo-se como prática contextualizada que enfatiza acolhimento, escuta qualificada e encontro. Pretende-se que siga fomentando a democratização do acesso à atenção psicológica no semiárido nordestino, aprimorando-se também como estratégia formativa de psicólogos/as.

Palavras-Chave: Plantão Psicológico; Prática Psicológica; Urgência; Cuidado.

Barbara Eleonora Bezerra Cabral

Graduada em Psicologia (UFPE, 1997), Especialista em Saúde Pública (CPqAM/FIOCRUZ, 1998), Mestra em Psicologia Clínica (UNICAP, 2004) e Doutora em Psicologia (UFES, 2011). Antes do ingresso na carreira docente do Ensino Superior, atuou como psicóloga no SUS, na área de saúde mental. Compõe o corpo docente do Colegiado de Psicologia e o Colegiado das Residências Multiprofissionais em Saúde da Univasf.

Endereço eletrônico: barbarabcabral@gmail.com

Silvia Raquel Santos de Moraes

Graduação em Psicologia (UFPE, 2002), mestrado em Psicologia (UFRN, 2004) e doutorado em Psicologia da Saúde (UFES, 2011). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do vale do São Francisco (Univasf), exercendo atividades de ensino, pesquisa e extensão em áreas ligadas à Psicologia da Saúde, Saúde Mental e Educação em Saúde. Coordenadora do Plantão Psicológico no CEPPSI/Univasf).

Endereço eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

3.37. PLANTÃO PSICOLÓGICO: AÇÃO DE CUIDADO À EDUCAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Anne Crytie da Silva Miranda (UNIVASF-CEPPSI)

Erika Hofling Epiphany (UNIVASF-LETRANS)

O presente trabalho tem por objetivo discutir a inserção do serviço de Plantão Psicológico em duas escolas públicas da região do semiárido nordestino. Sendo o plantão psicológico baseado nas teorias fenomenológico-existenciais que considera um encontro dialógico que acolhe a diversidade, a pluralidade e singularidade do sujeito em um espaço reflexivo. As duas escolas que foram trabalhadas possuem um contexto social de grande vulnerabilidade e sofrimento da população que ali estuda. No primeiro contato com a gestão da escola, pudemos explicar o funcionamento da proposta a ser implantado na escola, clareando ser um serviço de atendimento a demanda espontânea a todo o sofrimento presente na escola, seja por parte de alunos, como dos professores, pais e servidores da escola. Esta proposta causou um certo impacto, pois, em geral, a atuação do psicólogo na escola se dá exclusivamente para os alunos. O serviço de plantão foi ofertado por 4 estagiários de psicologia, dois em cada escola. Inicialmente, principalmente na Escola 1, pudemos identificar uma grande resistência por parte de todos a comparecerem na sala destinada ao Plantão Psicológico. Este fator levou-nos a pensar em outras estratégias que os estagiários circulassem na escola e desenvolvessem o que chamamos de “Escuta ampliada”. Foram criadas algumas estratégias de mobilização na escola para esclarecimento do serviço, divulgação em sala, cartazes e rodas de conversa com professores em que discutimos a necessidade do cuidado no processo educacional e a proposta do Plantão psicológico. Neste momento ficou evidente a dificuldade dos professores em reconhecer a necessidade de cuidar de si, sempre apontado à necessidade dos alunos considerados problemáticos. Outro ponto de difícil compreensão por parte dos educadores e da gestão da escola é que o Plantão acolhe as demandas espontâneas e não o que era considerado por eles como problema, pois propomos uma mudança de perspectiva em que não estávamos atendendo o problema do aluno, mas a pessoa do aluno que chegava em busca de ajuda. Na Escola 1 foi comum que adolescentes procurassem o serviço em grupos, parecendo sentir-se mais confortáveis desta maneira. Como isto propomos roda de conversa com alunos para discutir temas que emergiam dos atendimentos e que percebemos ser comum na escola. Até o momento, na Escola 1 foram atendidos principalmente alunos, alguns pais e houve servidores que abriram demandas de sofrimento particulares para os estagiários, mas não na sala destinada ao plantão. Já a Escola 2, desde o início mostrou-se mais aberta ao projeto e tivemos a participação também de professores buscando este cuidado. As demandas dos alunos foram bastante diversas, no entanto a condição de grande vulnerabilidade e violência doméstica se destaca com grande evidência, o que nos leva a pensar a importância deste serviço nas escolas como um dispositivo de cuidado a crianças e adolescentes, que muitas vezes sofrem em decorrência das relações familiares e por causa destes conflitos, em geral, não podem pedir auxílio. Embora a procura pelo atendimento por parte dos alunos e servidores ainda se mostra de maneira tímida, fica evidente a importância deste espaço de cuidado a todos.

Palavras chaves: Fenomenologia; plantão psicológico; educação.

Anne Crytie da Silva Miranda

Discente da Residência multiprofissional em Saúde Mental

Erika Hofling Epiphanio

Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco, membro do LETRANS (Laboratório de Estudos Transdisciplinares em Saúde e Educação da UNIVASF).

Endereço eletrônico: erikapsicoesporte@yahoo.com.br

3.38. POR UM SILÊNCIO DO SER

Maria Madalena Magnabosco (Faculdade Pitágoras)

A presente comunicação trabalha a relação Máscara/Rosto através da manifestação fenomenológica do velar/desvelar do homem no ex-istir humano. Tem-se por ponto de partida a concepção heideggeriana de homem como indeterminação e abertura e, por objetivo, compreender como o homem contemporâneo responde às questões ontológicas em sua relação com o mundo, principalmente, o mundo das relações virtuais. Diante as respostas possíveis sobre o ex-istir no mundo contemporâneo busca-se a compreensão do fenômeno da temporalidade que se revela na justaposição máscara/rosto na contemporaneidade.

Para tanto utiliza-se do diálogo com a Literatura como forma de expressão dos conflitos vivenciados na manifestação Máscara/Rosto na contemporaneidade.

Palavras-chave: Contemporaneidade – Rosto – Máscara – Temporalidade

Esta comunicación funciona la máscara de la relación / de la cara por la manifestación fenomenológica del reloj / revelación del hombre en la ex-istir humano. Ha sido un punto de partida la concepción del hombre como la indeterminación y la apertura de Heidegger, y tratar de comprender cómo el hombre contemporáneo responde a las cuestiones ontológicas en su relación con el mundo, especialmente el mundo de las relaciones virtuales. Frente a las posibles respuestas ex-istir en el mundo contemporáneo busca entender la temporalidad del fenómeno que se revela en la máscara yuxtaposición / enfrentará hoy en día.

Por tanto utiliza el diálogo con la literatura como expresión de conflictos en la máscara manifestación / enfrentará hoy en día.

Palabras-clave: Contemporaneidad - Cara - Máscara - Puntualidad

Maria Madalena Magnabosco

Graduação em Psicologia (Licenciatura, Bacharelado e Formação de Psicólogo) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983); Formação e Especialização em Psicologia Clínica (SID APA - BH - 1983 a 1993); Especialização em Psicopedagogia (1994 - Cepemg); Especialização em Ensino a Distância (2009 -Uniube); Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998); Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e Pós Doutorado em Estudos Culturais pelo PACC - UFRJ (2007). Atuações na área acadêmica: Cursos de graduação em Psicologia pela Faculdade de Estudos Administrativos - FEAD (BH) e pela Faculdade Pitágoras BH (Psicologia). Professora do curso de pós-graduação em Análise Existencial e Gestáltica (FEAD). Psicologia Clínica (Abordagem Fenomenológico-Existencial - desde 1983) Prática acadêmica em cursos de graduação e Pós graduação em Psicologia (desde 2000). Coordenadora do Núcleo ABRAPSO de Belo Horizonte - Gestão 2015.

Endereço eletrônico: madalena.magnabosco@gmail.com

3.39. PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: COMPREENSÃO AO LUME DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ana Maria de Santana (UPE)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

No campo da saúde pública, as práticas de atenção se voltam, frequentemente, para a promoção da saúde, nem sempre acolhendo a dimensão do existir revelada na experiência de sofrimento. Amparadas na racionalidade do pensamento científico natural, as atuações, quase sempre, de caráter técnico, não avistam o que se mostra na ordem da singularidade humana, revelada nas demandas clínicas e nos modos de habitar no mundo. Nesse modo de operar, a compreensão do sofrimento se reduz ao que nele, pela análise causal, seja passível de explicação, mesmo em situações onde a demanda do paciente se apresenta para além de uma elucidação diagnóstica. O fenômeno saúde remete ao modo de se encaminhar no viver, tem caráter singular, histórico e político (Pelizzoli, 2011). Este estudo tem a intenção de pôr em evidência a prática psicológica clínica no contexto da saúde, alinhada às ressonâncias da Fenomenologia Existencial. Diz respeito a uma pesquisa de tese de Doutorado que elegeu a Hermenêutica Filosófica como postura epistemológica na procura de compreender a dinâmica do acontecimento clínico na atenção psicológica em saúde, pondo em evidência o movimento compreensivo da existência implicada no *poder-ser* do *Dasein*. Nessa direção, interroga a objetivação do sofrimento humano decorrente do paradigma científico-natural que subordina os fenômenos da saúde à teorização, realçando a importância de ensaiar o modo de pensar fenomenológico na prática psicológica. Importa ressaltar que a atuação de psicólogos no campo sanitário, de certo, tem um compromisso ôntico, no entanto, quando mediada pela Fenomenologia Existencial, encaminha-se para outra compreensão de homem e de ação clínica, diferente das propostas pelas teorias e técnicas psicoterápicas tradicionais. Nessa vista, é possível pensar uma clínica, não mais voltada, unicamente, para a saúde mental, mas sendo um espaço que busca possibilitar ao usuário apropriar-se de sua própria vida, encaminhando-se para novas possibilidades. Clínica compromissada com a experiência de interrogar o modo que se vem habitando espaços coletivos, apropriando-se do caminhar em seu destino, como presença que acontece. Uma atenção próxima ao sentido de acompanhar algo a vigência quando se requer compreender a experiência, à procura do que fazer de si, respondendo aos acontecimentos, deixando à vista o que lhe próprio – a existência em jogo.

Palavras-chave: prática psicológica em saúde; fenomenologia existencial; epistemologia.

Ana Maria de Santana

Psicóloga; Mestre/Psicologia Clínica; Docente – Psicologia/UPE. Atua: no *Stricto Sensu*-Mestrado/UPE; Residência/UPE e Graduação de Psicologia/UPE. Doutoranda em Psicologia Clínica/UNICAP, defesa março de 2017.

Endereço eletrônico: sant_anm@hotmail.com

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Psicóloga; Doutora/Psicologia; Coordenadora Geral de Pesquisa/UNICAP; Docente do Programa *Stricto Sensu*. Coordenadora do Lab. de Psicologia Clínica Fenomenológica. Existencial/UNICAP.

Endereço eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

3.40. PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: DAS DISTINTAS APROPRIAÇÕES AO OBSCURECIMENTO DO FUNDAMENTO. AFINAL, O QUE É EXISTÊNCIA?

Bernardo Rocha de Farias (IFEN/UERJ)

O presente trabalho assumirá como esteio a discussão acerca dos fundamentos de uma psicologia de inspiração fenomenológico-existencial. Dito de outra maneira, nosso estudo tem como objetivo lançar luz sobre as bases fundamentais que sustentam qualquer possibilidade de articulação na psicologia fenomenológico-existencial. Dito isso, precisamos elucidar o que justifica a necessidade de um estudo que traça esse caminho de reaproximação e elucidação de seus fundamentos. Mostraremos que essa necessidade surgirá conjuntamente ao emergir de distintas apropriações e maneiras de articular o pensamento, em psicologia, que assumem como base comum a existência. A psicologia como campo de saber independente, como disciplina autônoma, surgirá muito recentemente diante do vasto campo de saberes seculares. Entretanto, como uma disciplina de seu tempo, pautou a sustentação de seu pensamento nos pilares da metafísica. Ou seja, a maneira hegemônica de estruturar o seu saber obedece um modelo representacional de homem. Que isso significa? Para que pudesse ser inserida como uma disciplina independente no campo das ciências, a psicologia necessitou abraçar algum objeto, claro, definível e não abarcado por outro saber. O modo que encontrou para se adequar a tais requisitos foi assumindo a compreensão de que o homem é um ser positivo, pleno de si mesmo, de tal maneira que se pode marcar e delimitar o que faz o homem um homem. Desta maneira, os contornos dados ao homem passam pela compreensão deste como um ser independente diante do mundo e fechado em si mesmo; capaz de ser totalmente consciente de si, uma vez que o intelecto e razão podem se sobrepor a todos os outros modos de apreensão da vida; e, com total autonomia diante de si e do mundo, podendo deliberar sobre qualquer ação mediante sua própria vontade. Assim, tornava-se possível responder as duas primeiras questões, o objeto por ser positivo é claro e definível, entretanto, o que há em seu objeto que não seja já estudado pela antropologia e sociologia? Nessa pergunta a psicologia carrega os seguintes argumentos: não se trata de estudar o homem apenas em sua interação com outros homens, não se posiciona na esfera de discursos políticos, culturais, sociais, econômicos e etc. O que a psicologia tem como objeto no homem é ainda anterior, ou seja, é o que faz do homem um ser constituído por discursos políticos, culturais, sociais e econômicos e etc. Esse objeto nomeou de diversas maneiras, subjetividade, consciência, ego, sujeito. Entretanto, a base metafísica, que sustenta todo o pensar a partir de um modelo representacional ideal, entra em crise e obriga a psicologia buscar respaldo em um fundamento com maior densidade. É nesse sentido que aparece existência como outra possibilidade de sustentação. A psicologia, de distintas maneiras, compreendeu que pensar o homem a partir da existência traz uma maior densidade ao que procura pensar. Todavia, de um modo ainda não muito claro e insuficientemente amadurecido e debatido. Assim, a diversidade de estudos em psicologia nessa área carregam também a necessidade de reflexão e desobscurecimento desse fundamento, para que este não se perca de vista, possibilitando uma orientação rigorosa na construção desse outro caminho para psicologia.

Palavras-chave: Existência; Fenomenologia; Fundamentos; Psicologia.

Bernardo Rocha de Farias

Psicólogo clínico, graduado pela PUC-RJ, com especialização em clínica pelo IFEN-RJ, mestrado em psicologia social pela UERJ-RJ e é doutorando em psicologia pela UERJ-RJ (CAPES). É professor-colaborador no Instituto de psicologia fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro/IFEN-RJ.

Endereço eletrônico: bernardoroch@gmail.com

3.41. PSICOLOGIA, PSIQUIATRIA E FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Milene Lucila Lamanaskas (SOBRAPHE)

Desde o início no século XX, há uma preocupação filosófica sobre o sentido das ciências e lugar do ser humano nesta situação. A mensuração, comparação, padronização, experimentação, a formulação de teorias até hoje se apresentam como o caminho para a explicação sobre o que se passa com a vida humana. Contudo quando se trata de compreender como se dá a experiência vivida nos seus mais diversos aspectos, principalmente no que tange aos transtornos existenciais, estes métodos vigentes parecem re-velar, ou seja, encobrir os fenômenos investigados. A Fenomenologia se coloca em decorrência desta busca. O presente trabalho apresentará alguns fundamentos teóricos da Fenomenologia de Husserl, a saber: consciência intencional, como ir à coisa mesma, descrição fenomenológica, alcançar a evidência e as reduções fenomenológica e eidética. Os objetivos desta discussão são primeiramente, apontar como a Fenomenologia de Husserl pode fazer interface com a Psicologia a partir dos fundamentos metodológicos expostos; como a Psiquiatria no Brasil tem se utilizado deste caminho – a Fenomenologia - na compreensão dos transtornos psicopatológicos com base na produção da Dra. Patrícia Mattos disposta na 18^o. Conferência Internacional de Filosofia, Psiquiatria e Psicologia – INPP 2016; e como podemos olhar para o caso Roberto descrito e analisado nesta mesa redonda pela Dra. Fabíola Pozuto Josgrilberg, tendo como parâmetro a atitude fenomenológica no desvelamento dos fenômenos vividos pelo cliente: estranhamento, não-familiaridade, não imediatez no encontro mundo-vida. O rigor epistemológico para a análise crítica dos fundamentos e do método de conhecimento verdadeiro conduzirá esta discussão a fim de ampliar a compreensão de seus alcances nas áreas clínicas tratadas. Por fim, são levantadas algumas implicações e questões sobre a Fenomenologia Husserl no entrelaçamento com a prática clínica que surgiram no processo de estudo, atendimentos a clientes e reflexões com colegas da área.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia; Psiquiatria; Análise Existencial

Milene Lucila Lamanaskas

Psicóloga Clínica pela PUC – SP, Especialista em Gestão de Pessoas pela FACAMP, Formação em Prática Clínica Análise Fenomenológica Hermenêutica da Existência – ARE pelo Sobraphe, Professora e membro da diretoria da SOBRAPHE - Sociedade Brasileira De Fenomenologia Hermenêutica E Análise Da Relação Existencial.

Endereço eletrônico: milenelamanaskas@live.com

3.42. QUESTÕES METODOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: COMPONDO O CAMINHO PELA VIA DO HÓDOS-METÁ

Henriette Tognetti Penha Morato (USP)

Suely Emilia de Barros Santos (UPE)

Este trabalho tem o propósito de refletir acerca da questão metodológica, a partir da tese de doutorado intitulada: “Olha!... Arru(A)ção!?!...” A Ação Clínica no Viver Cotidiano: Conversação com a Fenomenologia Existencial. Inicialmente, vale ressaltar que a Psicologia abriga uma diversidade de olhares teórico-metodológicos e de perspectivas epistemológicas, apontando para a presença da impossibilidade de uma unificação do pensamento psicológico, sendo, assim, um espaço de dispersão do pensar e do fazer psicológico. Nessa direção, é fundamental esta discussão como um modo de compreender possíveis caminhos de transitar como psicólogo/pesquisador clínico. Partindo da referida pesquisa, buscaremos dialogar em duas direções: de um lado, o construir de uma pesquisa interventiva numa perspectiva fenomenológica existencial e, de outro, a proposta de um modo de ação clínica que se faz ao caminhar. Nesse sentido, partindo da questão-bússola: como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano?, ambas as direções tomam a cartografia clínica, a narrativa e a *techné*, como possibilidade para o acontecer de uma intervenção/investigação numa perspectiva fenomenológica existencial. Recorre à Analítica do Sentido de Critelli para compreender a manifestação dos fenômenos e a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, como uma atitude epistemológica para encontrar modos de compreender a referida questão e intervenção. Este diálogo se faz possível, pois os tais filósofos partem dos pressupostos ontológicos heideggerianos para apontar possíveis modos de investigação, bem como sinalizam para a possibilidade do pesquisador encontrar-se implicado em uma análise compreensiva da ação humana. Desse modo, neste estudo apontamos que a ação clínica pode se fazer cartográfica tanto numa pesquisa clínica como numa prática psicológica, quando em conversação os coautores colocam-se à disposição para serem tocados não apenas pela paisagem, mas também pelos acontecimentos, repousando seus olhares sobre o sentido das acontecimentos no cenário mundo. A narrativa da experiência, então, é a “matéria prima” para pôr em curso uma conversação, a qual se faz possibilidade para haver uma fusão de horizontes, sendo tomada como *techné*, uma pro-dução no sentido de deixar-aparecer, de levar algo adiante. Assim, é importante assinalar que neste modo de pesquisar/intervir faz-se uma “torcedura”, tomando o método como *hódos-metá*, destacando a primazia do caminhar que vai compondo o caminho sem prescrições traçadas de antemão. Desse modo é o se pôr em andança com-outros que possibilita seguir a direção apontada pela questão-bússola e/ou demanda para prosseguir investigando e/ou intervindo.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Hermenêutica Filosófica; Analítica do Sentido; Cartografia Clínica; Narrativa.

Henriette Tognetti Penha Morato

Psicóloga. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Pós-doutorado na Universidade de Paris. Professora e pesquisadora da USP. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Fenomenológica Existencial e Prática em Psicologia (LEFE/IPUSP).
Endereço eletrônico: hmorato@usp.br

Suely Emilia de Barros Santos

Psicóloga. Doutorado em Psicologia Clínica (UNICAP). Professora da Universidade de Pernambuco (UPE – *Campus* Garanhuns). Membro do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE/UNICAP). Estudo Financiado pela CAPES.

Endereço eletrônico: suely.emilia@upe.br

3.43. RE-PENSAR O DITO HUMANO NA PSICOTERAPIA A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER

Débora Gill (PUC-RJ)

O existir humano nunca é um objeto presente num lugar qualquer e não é um objeto encerrado em si. É com esta sentença que Martin Heidegger inicia seu seminário em Zollikon em 1959 que vai até 1969 junto a psicólogos e psiquiatras. Seu intuito era mostrar a eles o quanto as teorias psicológicas da época estariam assentadas sobre bases insuficientes para a compreensão do existir humano. Insuficientes, na medida em que fecham o ser do homem em algo já dado, predicado, substancializado e muitas vezes, calculado e controlado por conexões causais. E por isso, o autor alemão nos descreve que todas as representações encapsuladas objetivantes de uma psique, um sujeito, uma pessoa, um eu, uma consciência, usadas até hoje na Psicologia e na Psicopatologia, devem desaparecer na visão Daseinsanalítica em favor de uma compreensão completamente diferente. Que compreensão seria esta para a qual Heidegger está acenando? Quais seriam os limites apontados pelo autor acerca das teorias psicológicas assentadas sobre a ciência tradicional? Segundo Heidegger, o que está em jogo no que ele chama de existência do *Dasein* humano? E por que seria de suma importância tal compreensão para a psicologia? Estas são algumas das questões que irei apresentar e tentar esclarecer a partir da leitura da obra *Seminários de Zollikon* dialogando com duas outras obras fundamentais deste autor para que possamos assim re-pensar o dito humano: Carta sobre o humanismo (1947/1973) e Ser e Tempo (1927/2009). No caminho traçado iremos abordar termos importantes para o entendimento da existência e da clínica psicológica, dentre outros falaremos de Mundo, Linguagem, Presença, Ente, Ser e Abertura. Se Heidegger é um autor que buscará alargar os limites das ciências tradicionais que sustentam o saber psicológico hoje, a partir de uma abertura do existir. O que será apresentado não terá, de forma alguma, o intuito de fechar uma conclusão e dar uma resposta definitiva para o re-pensar acerca do dito humano. O que está em jogo aqui é a própria abertura, apresentando um caminho, uma forma de envio, encaixada, ainda que brevemente, para que possamos pensar, nos pensar, e reenviar a outros caminhos, outras formas de envio.

Palavras-chave: Humano, psicoterapia, existência

Débora Gill

Psicóloga Clínica, Especialista em Psicologia Existencial Fenomenológica (IFEN), Mestre em Filosofia (PUC-RJ), Doutorando em Filosofia (PUC-RJ), Bolsista Capes.

Endereço eletrônico: debora_gill@yahoo.com.br

3.44. SERVIÇO DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CEPPSI/UNIVASF: DESAFIOS E IMPASSES FRENTE A DEMANDAS EMERGENCIAIS

Melina Pereira (UNIVASF)

Shirley Macêdo (UNIVASF)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação do psicólogo, os serviços escola de Psicologia têm dupla missão: capacitar estudantes e oferecer serviço de qualidade à comunidade. Neste sentido, o presente trabalho tem o objetivo de apresentar os desafios e impasses enfrentados pelo serviço de Plantão Psicológico do Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço escola da UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco). Inicialmente pautado na metodologia fenomenológica, o Plantão nesta instituição, diante de demandas emergenciais que começaram a surgir para além do dia destinado àquela modalidade de atendimento (quinta-feira, das 14:00 às 20:00hs), precisou ser reconfigurado. Demanda emergencial é entendida, aqui, como a que requer pronto acolhimento, podendo haver um prejuízo irreparável para o usuário, caso ele não seja atendido naquele momento. O CEPPSI, que funciona 12 horas ininterruptas, diariamente, é referência como serviço gratuito de Psicologia da região, atendendo cerca de 30 clientes por dia. Anteriormente aos atendimentos emergenciais, o usuário deveria aguardar ser chamado para uma triagem individual que, considerando o contingente de estagiários (média de 45 por semestre) e de supervisores (oito), demorava a ser efetivada devido à desproporção quantitativa estagiário x clientela. Isto favorecia o crescimento da lista de espera, que aumentava cerca de 50 clientes por ano, chegando atualmente a contabilizar 322 pessoas. Este funcionamento não absorvia emergências e, quando contatado após um longo período, um provável usuário não mais apresentava as queixas iniciais, podendo estar em um estágio mais preocupante ou já ter resolvido seus conflitos existenciais de outra maneira. Muitas das demandas são: suicídio em potencial, automutilação, depressão, violência contra a mulher e/ou doméstica, violência sexual ou abuso infantil, assédio moral no trabalho, *bullying* e sofrimentos diversos. Diante disso, construiu-se uma escala de disponibilidade de estagiários para acolher essas demandas. Participam da atividade, desde julho de 2016, 35 estagiários de diferentes abordagens teórico-práticas, a maioria com experiência como plantonistas na abordagem fenomenológica. Até o momento, foram atendidos emergencialmente 41 usuários para além do período do Plantão Psicológico. Os maiores desafios e impasses têm sido: estagiário não configurar esses atendimentos como triagem; quantidade reduzida de salas, restringindo número de clientela acolhida e tempo destinado ao atendimento; divergências paradigmáticas de como proceder diante de demandas sem o objetivo precípuo de uma psicoterapia; ausência de psiquiatra na instituição; alguns clientes serem alunos do próprio curso; e manter a metodologia do serviço de plantão psicológico, que inclui a possibilidade de *pitstop* (consulta imediata ao supervisor) e atendimento em dupla. Apesar das dificuldades encontradas, a proposta do atendimento emergencial tem contribuído para a missão do CEPPSI. Ao mesmo tempo em que se qualifica a escuta e o cuidado dos estagiários ao usuário, alcança-se, paulatinamente, um dos principais objetivos de um plantão psicológico, qual seja, constituir a porta de entrada de um serviço-escola. Portanto, vislumbra-se que, em um futuro breve, este centro seja uma instituição de portas abertas, permitindo que o usuário seja atendido no momento de sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Serviço escola; Formação do psicólogo.

Shirley Macedo

Administradora e Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Professora Adjunta do Colegiado de Psicologia da UNIVASF, Diretora do CEPPSI e Supervisora de Estágio em Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Endereço eletrônico: mvm.shirley@gmail.com

Melina Pereira

Psicóloga, Mestre em Psicologia, Servidora da UNIVASF, atuando como Técnica Psicóloga no CEPPSI.

Endereço eletrônico: melinamcp@gmail.com

3.45. SUBJETIVIDADE E LITERATURA NO PENSAMENTO SARTREANO E PIRANDELLIANO

Lucrecia Corbella (PPGF/UFSCar)

O filósofo Jean-Paul Sartre realizou, ao longo de toda sua obra, um diálogo riquíssimo entre a filosofia e a literatura. Para Sartre o ser humano é um projeto que constitui na medida em que este realiza escolhas e engendra ações a partir de um determinado mundo e de uma circunstância histórico-social-política própria. Estas ações determinarão sua vida e, ao mesmo tempo, as vidas das pessoas de sua época. Por conceber a experiência vivida de uma forma multifacetada, a obra e a vida do filósofo e dramaturgo Sartre foram marcadas pela busca da compreensão da existência através de diversos meios de expressão. Além de conceber um novo estilo de fazer filosofia, a literatura ocupará um lugar privilegiado em sua obra na compreensão das experiências vividas. A criação literária, segundo Sartre, além de ser uma via de comunicação e de encontro entre as pessoas, é uma convocação à ação. O engajamento da literatura diz respeito a que cada escritor tem a responsabilidade de escrever para todos os seres humanos, pois somente desta maneira estará realizando um trabalho crítico e autêntico. O teatro, para Sartre, é fundamental, por apresentar um ser humano em situação realizando uma escolha na sua trajetória existencial que terá consequências para toda a coletividade na qual ele está inserido. Com uma obra marcada pela relação conflituosa entre o ser humano e a sociedade, grande inspirador de Sartre, o dramaturgo italiano Luigi Pirandello, da mesma forma que Sartre, ao escrever seus livros, também parte do homem em uma situação concreta de sua vida. Um dos grandes temas existenciais que pode ser encontrado em toda a obra de Pirandello é a dualidade entre vida e forma, pois enquanto a vida é fluxo constante do movimento, a forma é uma contenção desta vida em uma única possibilidade de existir. Para Pirandello existe a impossibilidade de se conter a vida, entendida como ambígua e variável, em uma forma fixa determinada pela sociedade. Este trabalho fará a análise fenomenológica da peça de teatro *Não Se Sabe Como* (*Non si sa come*) do dramaturgo italiano Luigi Pirandello através da teoria filosófica sartreana das emoções e da problematização da questão do olhar trabalhados por Sartre nas obras *Esboço para uma Teoria das Emoções* (*Esquisse d'une théorie des émotions*) e *O ser e o nada* (*L'être et le néant*). O presente trabalho tem intuito de problematizar o processo de constituição da subjetividade a partir de um diálogo entre as reflexões do filósofo Jean-Paul Sartre e do dramaturgo Luigi Pirandello. A compreensão da subjetividade como plural e eternamente flexível, sempre aberta à transformação, pode ser encontrada tanto na obra de Sartre quanto na obra do dramaturgo Pirandello. Para Sartre, assim como para Pirandello, o ser humano é o resultado das escolhas de suas experiências vividas em um contexto histórico. Para ambos os autores, o teatro tem a força de despertar nas pessoas sua capacidade de reflexão, de perplexidade frente às questões humanas e sua capacidade de realizar ações coletivas em prol da vida.

Palavras-chave: subjetividade; literatura; Sartre; Pirandello.

Lucrecia Corbella

Pós-Doutoranda em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar/ Bolsa FAPESP.

Endereço eletrônico: lucreciacorbella@gmail.com

3.46. SUPERVISÃO DE CAMPO A ESTAGIÁRIOS NOS ANOS INICIAIS: DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO

Andrea Cristina Morganti (LEFE-IPUSP)

Joyce Cristina de Oliveira Rezende (LEFE-IPUSP)

O Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) é uma entidade que presta assistência jurídica gratuita à população de baixa renda da cidade de São Paulo, dirigida por alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). De 2001 a 2008, e a partir de 2012, alunos de Psicologia da USP vão semanalmente ao DJ e oferecem o plantão psicológico, acompanhados por uma supervisora de campo, psicóloga já formada. O plantão visa oferecer atenção e cuidado para aquele que se disponibilize ao atendimento, no momento da sua angústia. Desta forma, são atendidos pelo plantão tanto os estagiários de Direito quanto os assistidos da instituição. A supervisão de campo, por sua vez, visa oferecer suporte para os alunos de Psicologia, servindo a supervisora de campo como uma referência de cuidado a esses alunos. Todos os alunos devidamente matriculados na graduação podem participar dessa disciplina que oferece a experiência de estágio em esquema de plantão, não importa o ano da graduação em que se encontre. Isso permite que os alunos trabalhem em conjunto com colegas de diferentes anos. Supervisionar alunos nos anos iniciais (1º ao 3º ano da graduação) no DJ desperta diversos desafios, a começar por não ser uma instituição de saúde e, por isso, não apresentar claramente o lugar da Psicologia; esse lugar é construído constantemente com e na instituição. Esse não-lugar é fonte de angústia para os alunos, que muitas vezes não veem sentido no estágio. Ademais, por ser, na maioria das vezes, a primeira experiência prática de atendimento desses alunos, a supervisora de campo acaba servindo como um modelo do como fazer; por outro lado, os alunos se mostram mais abertos, não enquadrados em um modelo de atendimento, havendo a possibilidade de começarem a construir um modo de ser psicólogos. Ainda, não se pode esquecer que se trata de uma prática amparada na Fenomenologia Existencial, muitas vezes desconhecida por esses alunos, visto que o LEFE é o único laboratório do IPUSP que trabalha com essa referência. Dar condições e suporte a esses alunos é parte do trabalho de supervisão de campo, que acompanha in loco, corpo-a-corpo, tais acontecimentos. A presença da supervisora de campo revela-se importante para a postura e descoberta desses alunos como profissionais, mas também convoca, nas supervisoras, a habilidade de transitar entre as duas instituições (LEFE - DJ), sustentando um trabalho que atue na interface entre a Psicologia e o Direito. A possibilidade de experiência interdisciplinar também é enriquecedora para os alunos, em uma formação universitária e cultura clínica tradicionalmente voltada para o atendimento em consultório de longa duração. Todas essas especificidades do estágio costumam abrir inúmeros questionamentos nos alunos sobre a escolha profissional, o sentido dessa escolha e o modo como se apropriam (ou não) desse lugar de escolha, convocando as supervisoras a sustentarem, com atenção e cuidado, esse momento de angústia e permitir passagem para se meditar sob tais inquietações.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Supervisão de campo; Estágio; Formação Universitária; Fenomenologia Existencial.

Andrea Cristina Morganti

Psicóloga Clínica. Mestra em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (jun/2016). Especialista em Psicologia da Saúde (Unifesp, 2012) e em Atendimento de pessoas com transtorno de personalidade Borderline (Unifesp, 2013). Colaboradora do LEFE e supervisora de estágio dos alunos da graduação do IPUSP.

Endereço eletrônico: andreamorganti@usp.br

Joyce Cristina de Oliveira Rezende

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestra em Psicologia Social pelo IPUSP (2015). Advogada (Faculdade de Direito da USP/2005) e Psicóloga (IPUSP/2012). Mediadora de Conflitos capacitada pelo Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil (IMAB/2012). Colaboradora do LEFE e supervisora de estágio dos alunos da graduação do IPUSP.

Endereço eletrônico: jocris@gmail.com

3.47. UMA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA DOS DIREITOS HUMANOS

Alexandre Trzan Ávila (UERJ)

O objetivo desse trabalho é realizar um pensar fenomenológico-hermenêutico sobre o fenômeno dos direitos humanos. Ou seja, é buscar desvelar os elementos que estão em jogo quando se trata da emergência deste conceito, de modo a não se perder o que realmente vigora. Esta proposta de uma fenomenologia dos direitos humanos não busca estabelecer uma nova definição deste conceito e sim dar um passo atrás, permitindo assim que outras formas de se ir ao encontro deste fenômeno evidenciem as condições de possibilidade do mesmo. Este trabalho de modo algum pretende ser uma força reativa aos movimentos de direitos humanos e seus desdobramentos na sociedade. Entre as positivamente mais relevantes do campo dos direitos humanos temos a Declaração Universal dos Direitos do Homem aprovada por 48 países na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 10 de dezembro 1948. Partindo dessa declaração todo um trajeto histórico e crítico será realizado inicialmente pelo viés da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), e principalmente pelo filósofo, Martin Heidegger (1889-1976), que através da obra *Ser e tempo*, de 1927, expõe uma possibilidade de compreensão do fenômeno dos direitos humanos em uma perspectiva fenomenológica-hermenêutica o que implica na apropriação temática do horizonte histórico de sentido do qual esse fenômeno emerge. Noções como a de um “Homem” detentor de direitos naturais, ou seja, inatos e pertencentes a todos os homens em qualquer época, qualquer lugar ou qualquer situação e de direitos inatos desse homem serão objeto de análise. Portanto o viés, fenomenológico-hermenêutico sustenta um espaço crítico diante das determinações do mundo que é o nosso, ao buscar acompanhar o fenômeno em seu próprio movimento sem que se busquem explicações e conclusões últimas e definitivas. Pensar o fenômeno dos direitos humanos de modo fenomenológico-hermenêutico é buscar desvelar os sentidos encobertos que estão presentes nesta noção.

Palavras-chave: trabalho; sistema prisional; fenomenologia existencial.

Alexandre Trzan Ávila

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da graduação em Psicologia e supervisor do SPA da Universidade Santa Úrsula (USU) e professor da graduação em Psicologia e da Pós em Saúde Mental da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Em formação pelo Instituto Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Formação na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) pelo Centro de Psicologia da Pessoa (CPP).

Endereço eletrônico: atrzan@gmail.com

4. PESQUISAS

4.1. POR UM NÚCLEO DE ATENDIMENTO CLÍNICO A PESSOAS EM RISCO DE SUICÍDIO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO ATO DE PÔR FIM À VIDA

4.1.1. A (IN) DECISÃO DE PÔR FIM À VIDA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS DISCURSOS CLÍNICOS

Isabela Ferreira Lopes Xavier (UERJ)

O trabalho apresenta a proposta de uma análise fenomenológica dos discursos clínicos de pessoas que se encontram na (in)decisão de pôr fim à vida, encaminhadas pelo NACE e atendidas no SPA UERJ, no período de setembro a novembro de 2015. Inicialmente, mostra alguns dados estatísticos do Brasil e do mundo, bem como considerações acerca do suicídio, declarado como questão de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde, segundo relatório elaborado em 2015. O número de casos de suicídio no Brasil justifica a pertinência da implantação de um núcleo de atendimento a pessoas em risco de suicídio. Para isto, é fundamental a compreensão do que está em jogo para aqueles que se encontram na (in)decisão de pôr fim à vida, o que este trabalho pretende evidenciar através da análise dos discursos clínicos. A intenção é abrir espaço para que o fenômeno apareça, sem os encobrimentos de uma posição moralizante e de referenciais teóricos. Com isto, pretende-se auxiliar os psicoterapeutas e estudantes de psicologia na lida com pessoas que pensam em se matar, já que este é um assunto complexo e tratado como tabu até mesmo na área da saúde. Em seguida, faz críticas à visão moralizante e às tentativas de explicação do suicídio baseadas na prevenção tutelar e na lógica de causalidade que busca fatores determinantes e traça perfis suicidas a partir de dados estatísticos. Propõe, então, a perspectiva fenomenológica, que suspende os conceitos prévios e recorre à própria existência para compreender o fenômeno tal qual ele se dá. Apresenta conceitos importantes para o entendimento da análise fenomenológica, como o de redução fenomenológica e o de motivação, tal como explicado por Heidegger, em substituição à lógica de causalidade. Para compreender o fenômeno de pôr fim à vida a partir da própria experiência daquele que a vivencia, recorre aos discursos clínicos de duas pacientes atendidas no SPA UERJ por estagiários da perspectiva fenomenológico-existencial. Utilizando como metodologia a análise fenomenológica, destaca unidades de significado que aparecem nestes discursos e que serão apresentadas ao fim do trabalho.

Palavras-chave: fenomenologia; suicídio; psicologia clínica.

Isabela Ferreira Lopes Xavier

Estudante de Psicologia do 6º período na UERJ e bolsista de iniciação científica pelo CNPq, agência financiadora deste trabalho, no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo

Endereço eletrônico: isabelaflx@gmail.com

4.1.2. A EXPERIÊNCIA DO VER EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Flávia Moreira Protasio (IBMR)

Nosso objetivo com este trabalho é, a partir do resgate das concepções da visão propostas por Isaac Newton e Johann Goethe, buscar uma outra forma de compreender o ver a partir da perspectiva fenomenológico-existencial e de que forma esta compreensão traz contribuições para a clínica. Goethe e Newton apresentam propostas bastante diferentes sobre a questão da visão, porém, tanto um quanto o outro têm seus estudos e conclusões assentados em uma certa compreensão que estará presente também na psicologia moderna, qual seja, a pressuposição da cisão sujeito-objeto. Buscaremos, então, elucidar as hipostasias contidas nesta pressuposição e apresentar uma outra abordagem do fenômeno do ver a partir do caminho proposto pelas filosofias da existência e pela fenomenologia hermenêutica. Para tanto, primeiramente mostraremos como aparece a experiência do ver em Goethe e Newton, suas similaridades e diferenças, tal qual desenvolvida por Rômulo Ballestê Marques dos Santos. Em seguida, recorreremos a um texto de Lúcia Scarlati, que nos ajudará a mostrar, baseado no pensamento de Heidegger e em diálogo com a literatura, que, numa interpretação fenomenológico-existencial, o ver é um fenômeno que não pode nunca aparecer indissociado de homem e de mundo, pois se constituem concomitantemente e indissociavelmente. Diferentemente da compreensão baseada na cisão sujeito-objeto, não pressupomos, aqui, uma supremacia do homem sob algo que é visto, ou um mundo já dado que abrimos os olhos e podemos ver. Há uma relação de co-pertença e que é orientada por um sentido hermenêutico, ou seja, olhar já pressupõe compreensão, interpretação, sentido, onde coisa se mostra como coisa. Ver é vida. Traremos então o livro *O Olho*, texto de literatura que nos ajudará a nos aproximarmos ainda mais para apreender a experiência mesma do ver. Por fim, ao entender que ver é vida, nos voltaremos para a prática da psicologia para mostrar como a autora Ana Maria Feijoo, em diálogo com os filósofos Kierkegaard e Heidegger, aponta para a cisão sujeito-objeto como o modo de lida do homem na modernidade e das ciências pragmáticas, sob a ótica do controle, da funcionalidade e da causalidade, apresentando uma outra interpretação para a psicologia, não mais fundada nesta cisão, mas que prescinde de um objeto posicionado ao entender o homem como indeterminação e, portanto, anterior a qualquer substancialização, cisão e posicionamento de sujeito e objeto. Apontaremos, assim, elementos para um fazer na psicologia que rompe com as dicotomias causa e efeito, sujeito e objeto, homem e mundo e teoria e prática, conquistando um espaço anterior a elas, a própria existência, buscando no fenômeno o seu *saber-fazer*, tal qual desenvolvido por Feijoo. A relevância deste trabalho está em sustentar um questionamento acerca das concepções sobre a experiência do ver e evidenciar sua relação com o posicionamento assumido pelas psicologias modernas, explicitando uma outra possibilidade de fazer psicologia.

Palavras-chave: ver; visão; psicologia; fenomenológico- existencial; existência.

Flávia Moreira Protasio

Graduada em Administração pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduanda em Psicologia pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR). Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo. cursando a Formação Teórico-prática em psicoterapia fenomenológico-existencial do IFEN.
Endereço eletrônico: flaviaprotasio@gmail.com

4.1.3. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE CARTAS DE SUICÍDIO

Mariana Carneiro Silva (Uerj)

As questões às quais nos propomos estudar neste trabalho referem-se aos conteúdos das cartas e bilhetes deixados por quem decidiu dar fim à própria vida. Trata-se de uma análise fenomenológica das cartas de suicidas ainda em andamento. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, mais de 800 mil pessoas retiram a própria vida por ano no mundo e o Brasil ocupa o oitavo lugar nessa estatística, tendo sido aqui registrados quase doze mil casos em 2012 (Rádio ONU, 2015). O aumento de 10,4% no número de casos de 2000 até o ano de 2012 no país (G1, 2014) denuncia a falha na efetividade das Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, lançadas em 2006 pelo Ministério da Saúde. Através do estudo dessas diretrizes, de diversos manuais médicos e de capacitação de psicólogos e profissionais de saúde, das publicações científicas, das notícias de jornais e também da observação do senso comum percebemos que o suicídio é predominantemente trabalhado a partir de uma perspectiva de causalidade, sejam elas sociais, orgânicas ou psíquicas. Estas causas ora depositam o problema do suicídio na sociedade, ora no indivíduo que vem a se matar. Entendemos que esta perspectiva hegemônica de busca de causas para o fenômeno acaba por ofuscar o que de fato se dá na decisão de dar cabo à própria vida e anular o caráter de poder-ser do homem frente às circunstâncias que se apresentam. Objetivamos estudar o suicídio através de uma perspectiva não moralizante, entendendo-o como possibilidade existencial, buscando desencobri-lo de todas essas significações comumente atribuídas ao fenômeno através da análise fenomenológica das cartas deixadas por quem decidiu finalizar a própria vida. Utilizaremos do método fenomenológico de investigação tal qual proposto por Husserl, suspendendo todos os saberes prévios sobre o suicídio e buscando nas cartas o que se deu para que esta atitude fosse tida como possibilidade para quem a cometeu. Apoiaremos-nos na filosofia de Heidegger, tomando aquele que veio a se matar como constituído por sua historicidade, uma vez que este é indissociável das determinações do universo que se insere. Deste modo, através da investigação do lugar do suicídio em nosso horizonte histórico e da suspensão dos significados já dados às mortes autoprovocadas, buscaremos analisar as mensagens deixadas por quem tomou a decisão de matar-se.

Palavras-chave: Suicídio; Fenomenologia; Cartas de suicídio.

Mariana Carneiro Silva

Graduanda em Psicologia pela UERJ. Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo
Endereço Eletrônico: Carneiromariana8@gmail.com

4.1.4. DOR, SOFRIMENTO E PÔR FIM À VIDA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Guilherme da Silva Sant'Anna (UERJ)

A questão que nos propomos a discutir diz respeito à relação que se estabelece, tanto no senso comum, como na ciência, entre sofrimento e o ato de pôr fim à própria vida. O ato de se matar e o sofrimento são necessariamente acontecimentos que sempre se acompanham? E quais implicações que podem advir do não esclarecimento radical dessa relação por parte da Psicologia hegemônica, quando essa disciplina naturaliza a relação entre sofrimento e suicídio? Este trabalho pretende pensar o suicídio fora de uma relação determinística-causal, ou seja, deixar aparecer em sua propriedade os fenômenos suicídio, sofrimento e dor. Intentamos mostrar que o que sustenta o ato de pôr fim à vida não é de uma ordem naturalmente dada. Para tal, fizemos uso de uma revisão narrativa da literatura. Nos baseamos em estudos que versam sobre dor, sofrimento e suicídio, para poder pensar sobre o tema do pôr fim à vida. Aproximamo-nos dos conceitos de forma a poder pensa-los de maneira mais originária, estudando suas gêneses e modificações. Ao usarmos a expressão “pôr fim à vida” queremos nos distanciar dos preconceitos que a palavra “suicídio” carrega, como o de uma agressão a si mesmo, como algo relacionado a patologias, etc. O desentulhamento de preconceitos na temática do sofrimento e do suicídio se faz necessário porque vimos que, de uma forma geral no saber científico, o pôr fim à vida é tomado como algo resultante de sofrimento, sendo da ordem individual, social e/ou biológica. Ao se estabelecer uma relação direta entre sofrimento e suicídio, outros motivos que levam ao ato ficam negligenciados, impedindo, então, que se tenha mais clareza acerca do que acontece quando alguém pensa em dar fim à vida. Encontramos que, em expressões artísticas, como a literatura, o pôr fim à vida não é abordado de forma causalística, o que facilita uma outra aproximação do tema. Ressaltamos a importância de uma prática psicológica não-moralizante, retomando o caráter de possibilidade da existência humana, caráter esse que fica muitas vezes obscurecido nos estudos sobre o pôr fim à vida. Pensamos que é interessante que cada experiência singular de quem decide pôr fim à vida seja acompanhada com atenção fenomenológica, uma vez que as tentativas de dar conta da complexidade do tema se mostram insuficientes para a compreensão do mesmo.

Palavras-chave: dor; sofrimento; suicídio.

GuilherPHGD6LOYD6DQWQD

Estudante de graduação do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista do projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, orientado pela professora Ana Maria Feijoo.
Endereço Eletrônico: guilherme1995rj@gmail.com

4.1.5. ENCAMINHAMENTOS PSICOTERÁPICOS COM JOVENS QUE PENSAM EM SUICÍDIO

Elaine Lopez Feijoo (IFEN)

Algumas reportagens com o tema suicídio infantil chamam atenção pelo fato de crianças nas idades entre 10 e 14 anos apresentarem o ato de pôr fim a vida. Três diferentes situações, por motivos diferentes, quais sejam, queixa de abuso sexual, castigo do professor ou por não ganhar o presente que tanto queria, apontam para necessidade de repensarmos esse ato. Dados do Mapa da violência, do Ministério da saúde, revelam que o suicídio entre jovens está crescendo. De 2002 a 2012 houve um crescimento de 40% da taxa de suicídio entre crianças e pré-adolescentes. Davisson Vianna Dantas dos santos, embora confirme a importância da criação de projetos e núcleos de atendimento, acredita que há uma insuficiência da qualificação do pessoal envolvido na lida com a situação de suicídio. Com base nas notícias presentes em diversas reportagens é que surge a ideia de implementar um Núcleo de Atendimento em Psicologia destinado a jovens de modo que tenham oportunidade de procurar algum tipo de escuta para situações da fatoideia de pôr fim a vida. A importância desse trabalho se dá em função do número de suicídios que constitui-se como um problema de saúde pública mundial. O Brasil é o oitavo país em números absolutos em suicídio, registrando em 2012, 11.821 mortes, cerca de 30 mortes por dia. O suicídio vem aumentando entre a população jovem nas últimas décadas, sendo que os jovens representam atualmente, o grupo de maior risco. No Brasil, na década de 90, entre 26% a 30% de suicídios consumados foram cometidos por jovens entre 15 e 24 anos. (Cassorla, 1991). Entre 1998 e 2008 houve um aumento de 33,5%. De 2002 a 2012 houve um crescimento de 40% da taxa de suicídio entre crianças e pré adolescentes com idades entre 10 e 14 anos e na faixa etária de 15 a 19 anos, o aumento foi de 33,5%. No caso de crianças, são estimadas 300 tentativas para um suicídio consumado, seja porque elas usam método pouco letal, seja por dificuldade de acesso a instrumento.

Palavas-chave: Suicídio, "por fim à vida", jovens.

Elaine Lopez Feijoo

Psicóloga Clínica, Sócia mantenedora do IFEN, Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN, professora, supervisora e coordenadora de comunicação do IFEN. Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo coordenado pela professora Ana Maria Feijoo.

Endereço Eletrônico: elaine@ifen.com.br

4.1.6. MORTE VOLUNTÁRIA: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA MÍDIA VIRTUAL SOBRE SUICÍDIOS.

Loíse Lorena Silva do Nascimento (UERJ)

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 800.000 pessoas se suicidam por ano. Isso quer dizer que a cada 40 segundos alguém põe fim a própria vida em qualquer lugar do mundo. O suicídio é a segunda maior causa de morte entre as pessoas de 15 a 29 anos. Apesar de em 2012, 75% dos suicídios terem ocorrido em países de baixa renda e renda mediana, este é um fenômeno global presente em diversas regiões do mundo. Sendo assim, o suicídio é considerado um grave problema de saúde pública. Temendo o aumento acelerado que o número de suicídios por todo o mundo vem sofrendo, o Ministério da Saúde e a OMS acreditam que o suicídio possa ser evitado com uma série de medidas que podem ser tomadas junto à população, subpopulação e em níveis individuais. Uma dessas medidas é a preparação de profissionais de saúde para detectar e lidar com este fenômeno. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise das notícias que relatam casos de suicídios efetivados, com a finalidade de compreender como o suicídio é tomado socialmente. Visto que as notícias fazem parte dos meios de comunicação social, com o intuito de alcançar uma determinada sociedade, e com isso revelam em si a forma de apreensão da mesma a respeito do fenômeno suicídio. Para a realização desta pesquisa foram coletadas notícias do período de julho de 2013 a julho 2016. As notícias utilizadas neste trabalho são dos portais BBC, O globo, G1, Estadão, Terra, Uol, Portal Sapo, Correio 24horas, Ig, Jornal Nova Fronteira, Veja.abril, Alagoas 24horas, Folha Vitória, O dia, Paraná online e Portal Norte. Foram analisadas ao todo 70 notícias que relatam casos de suicídio efetivados tanto no Brasil quanto no exterior. Após uma análise fenomenológica das notícias, foram identificadas quatro unidades de significados. São elas: 1) o suicídio consequência de uma causa social; 2) o suicídio consequência de uma causa psíquica ou causa orgânica; 3) a aceitação social do fim da vida; e 4) o suicídio consequência da busca de um ideal. Em todas as notícias, nota-se um caráter preventivo onde não se relata em detalhes o método utilizado para dar fim à vida, e a busca de uma causa externa para ato de pôr fim à vida. O suicídio sempre visto como algo que deve ser identificado e prevenido de qualquer forma. Entretanto, quando isso não ocorre, surge a culpabilização do indivíduo que tirou a própria vida ou a dos familiares que não “perceberam os sinais” que a pessoa emitia de que iria se matar.

Palavras-chave: suicídio; psicologia; notícias.

Loíse Lorena Silva do Nascimento

Graduanda e aluna de iniciação científica do 6º período do curso de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ e no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo.

Endereço eletrônico: loise.lorena@gmail.com

4.1.7. O SOL POENTE: SUICÍDIO, MEMÓRIA E SAUDADE NA OBRA DE CARLOS CASARES

Thayane Gaspar Jorge (UERJ)

Para tratar do suicídio amoroso de um romance galego contemporâneo é necessário reconhecer a longa trajetória pela qual o amor e o suicídio já percorreram juntos ao longo da história da literatura. Aceitando a tragédia grega clássica como ponto de partida dessa viagem de amor e morte, podemos considerar como pontos de parada nessa grande estrada as cantigas medievais nas quais se encontram referências implícitas pelo desejo de morte diante do amor não correspondido, Tristão e Isolda e a tolerância medieval quando o assunto é a morte voluntária por amor, Romeu e Julita e o paradigma do suicídio amoroso juvenil e por último, o suicídio mais famoso e mais marcante da literatura romântica alemã, “*Os sofrimentos do jovem Werther*”. Nesse trabalho analisaremos “*O sol do verán*” de Carlos Casares, um autor de grande expressão quando se trata da narrativa em língua galega dos últimos anos e para discorrer sobre este livro faremos um breve percorrido pelo tema do suicídio na história da humanidade e como a literatura participou da evolução da discussão do tema. Werther, personagem de Goethe será a principal base comparativa dessa pesquisa. A investigação busca compreender os fatores que fazem com que esse tema se repita na literatura e na cultura galega, além de procurar detectar e observar aspectos moralizantes com respeito ao ato de pôr fim à vida para que seja possível então mapear o lugar da morte voluntária no imaginário galego. Em “*O sol do verán*”, Carlos é um dos personagens principais do livro que nunca chegamos a ser apresentado pois ele surge morto após cometer suicídio. Sua ausência suscita o uso da memória de Helena, a narradora do romance, e sua memória será agulha a costurar a história que começa pelo fim. Essa experiência transforma o livro em um mergulho profundo e sufocante nas lembranças compartilhadas pelos dois, onde o tempo presente é uma pequena ilha deserta no meio desse mar de recordações tão perigoso e enigmático no qual nadamos em busca do motivo que levou Carlos a compreender o suicídio como sua única saída. A memória é o *leitmotiv* da história e a única forma de manter Carlos vivo e também a única distância segura para se contar uma história tão passional e nebulosa. A saudade, considerada traço identitário do povo galego assolado por séculos de emigração e adeuses, emerge no livro metamorfoseada pela saudade de uma época quase idílica e perfeita na fase da infância, que acontece justamente durante o verão e que nos remete ao título da obra. O deslocamento neste romance não é físico, é temporal. A saudade está no tempo que passa, que migra para o passado e que abandona Helena sozinha com um morto nu na sua banheira. Sendo assim, o suicídio, a memória e a saudade serão os temas abordados e os pontos de vistas através dos quais debruçaremos sobre a maneira majestosa com que Casares consegue conjugar a Galícia melancólica, solitária, saudosa, mágica, misteriosa, religiosa e apaixonada em uma história tão dolorosa.

Palavras-chave: suicídio; literatura galega; Goethe.

Thayane Gaspar Jorge

Mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ, formada em Jornalismo pela UCB, é graduanda em Letras Português/Literatura na UERJ e autora dos livros “Princesa de Gelo” e “Mítral: o esconderijo do mundo”. Pesquisadora no projeto de extensão “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo.

Endereço Eletrônico: thayanegasparj@gmail.com

4.1.8. PERFIL E DEMANDAS DOS ALUNOS ATENDIDOS NO NÚCLEO DE ACOLHIDA AO ESTUDANTE ± NACE (2011-2016)

Débora Helena do Nascimento

Maria Christina Paixão Maioli

Rachel Alonso de Azevedo

O NACE foi instituído em 2010, como espaço de acolhimento, visando diminuir as condições propícias ao suicídio e a promoção da humanização na UERJ. Para o atendimento dos estudantes que buscam o acolhimento no setor, contamos com uma equipe multiprofissional formada por psicólogos, pedagogo e assistente social. São nossos objetivos: prestar assistência preliminar no campo da saúde mental; disseminar ações preventivas; oferecer um espaço para orientações sobre os riscos de suicídio; prestar atendimento psicológico às famílias enlutadas e consolidar uma linha de pesquisa acadêmica na temática do suicídio. O acolhimento no NACE está estruturado em três etapas interligadas: na recepção, o estudante é acolhido por um profissional que escuta sua queixa, colhe sua identificação e história; no encaminhamento, o estudante é encaminhado a um profissional da área de saúde, após a identificação da demanda e no monitoramento, a equipe do NACE verifica o estabelecimento de vínculo com o serviço para o qual o aluno foi encaminhado. Nessa perspectiva, a recepção dos alunos pode ser realizada por qualquer um dos profissionais da equipe, estando o atendimento pautado por um viés multiprofissional. Na presente exposição oral, apresentaremos as características detalhadas do público atendido e as principais demandas e problemas relatados pelos alunos que buscam o NACE como espaço de escuta e acolhida (gênero, idade, alunos atendidos por centro acadêmico, questões familiares, questões socioeconômicas e culturais, questões pedagógicas, problemas de saúde, violência e discriminação).

Palavras-chave: atendimento ao estudante; promoção da saúde; espaços de inclusão no ambiente universitário.

Débora Helena do Nascimento

Graduada em Serviço Social pela UERJ (2010), especialista em Serviço Social em Oncologia (2010), e Mestre em Serviço Social pela UERJ. Atualmente é assistente social do Instituto Estadual de Hematologia Arthur Siqueira Cavalcanti e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Maria Christina Paixão Maioli

Professora Adjunta da Disciplina de Hematologia e Hemoterapia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCM/UERJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ. Mestre em Ciências Biológicas (Biofísica) pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho/UFRJ. Residência médica em Hematologia no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Graduação pela Faculdade de Medicina de Petrópolis em 1977. MBA Executivo em Saúde pela COPPEAD/UFRJ. Vice-Reitora da UERJ no quadriênio 2008-2011. Vice-Diretora do Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ no período de 2004-2007. Coordenadora do Program de Extensão UERJ pela Vida, com ênfase na humanização da UERJ e na prevenção ao suicídio. Coordenadora do Núcleo de Acolhida ao Estudante (NACE/UERJ).

Rachel Alonso de Azevedo

Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Psicopedagoga formada pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Especialista em Informática Aplicada à Educação pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pedagoga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando no Núcleo de Acolhida ao Estudante (NACE). Aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Endereço Eletrônico: kelalonso@gmail.com

4.1.9. PREVENÇÃO AO ATO DE POR FIM À VIDA E A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Adriana Silva Queiroz (UERJ)

O trabalho busca pensar a prevenção do ato de por fim à vida tendo como base reflexões norteadas por uma psicologia fenomenológico-existencial. A prevenção ao suicídio tem sido objeto de crescente preocupação no Brasil e no mundo. Isso por que, segundo dados divulgados em 2015 pela Organização Mundial da Saúde, nota-se um vultoso aumento da incidência do ato em esfera global. Assim, publicações como cartilhas, manuais e artigos científicos tem sido produzidos no sentido de informar profissionais de saúde para que identifiquem situações de risco e intervenham de maneira eficaz. O trabalho em questão mostra que, ao analisarmos tais publicações, percebemos a predominância da tentativa de estabelecer relações de causalidade entre aspectos diversos e o suicídio, de modo que se acredita que, na medida em que as causas são identificadas e controladas, evitar o suicídio é possível e desejável a qualquer custo. A prevenção ao suicídio assume, em nosso contexto, a forma da tutela, sendo o ato de pôr fim à vida interdito *a priori*. Nesse sentido, o trabalho que pretendemos apresentar se faz relevante ao expor visão que busca, em consonância com as bases fenomenológico-existenciais do pensamento, estudar a prevenção do ato de por fim à vida a partir do abandono de perspectivas moralizantes e que carreguem em si a pretensão de estabelecer relações causais em torno do fenômeno e intervenções de cunho tutelar. Algumas questões se fazem, então, importantes: o que podemos entender por prevenção? Como pensar a prevenção a partir de uma perspectiva não alinhada à *era da técnica*, em que predomina o pensamento positivista e cientificista? Para discorrer sobre estes questionamentos, pretendemos apresentar estudo acerca do modo como a prevenção é predominantemente entendida em artigos científicos, cartilhas e manuais disponíveis acerca do tema, bem como trazer contribuições de autores que se alinham ao pensamento fenomenológico-existencial para investigarmos a questão de maneira crítica e nos munirmos de base teórica para dar voz a novas perspectivas sobre o tema. Além disso, buscamos apontar para a etimologia da palavra prevenção a fim de que elaboremos noção que esteja em consonância com a psicologia que propomos e que verse sobre as possíveis formas de atuação junto àquele que pensa em pôr fim à vida e procura ajuda.

Palavras-chave: suicídio; prevenção; fenomenologia.

Adriana Silva Queiroz

Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB) e graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE/UERJ no projeto “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo.

Endereço eletrônico: sq.adriana@gmail.com

4.1.10. SUICÍDIO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Jessica Melo Lima (UERJ)

O suicídio é considerado um grave problema de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde (OMS) sendo responsável por um milhão de mortes por ano e pela 3ª causa de morte mais recorrente em diversos países do mundo. A magnitude desse fenômeno tem sido tão surpreendente que suas taxas de mortalidade superam as homicídio e guerras juntos. Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria, o Brasil é o oitavo país no mundo em números absolutos de suicídio. A literatura também nos aponta que a maior parte dos suicídios ocorrem na primeira tentativa, surgindo em contextos de crise interpessoal ou social. Alertados por tal dado, a OMS e o Ministério da Saúde têm se esforçado no sentido de habilitar os profissionais de saúde a detectar e manejar os momentos crise. Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é realizar um levantamento das publicações acadêmicas no intuito de explorar como as áreas de conhecimento têm abordado o fenômeno suicídio e as diferentes temáticas que englobam o ato de pôr fim à vida, a saber: psicopatologia, prevenção, idade, gênero e psicologia. Por meio de uma revisão sistemática da literatura foram selecionadas 66 publicações, nos idiomas inglês, português e espanhol, consultadas nas bases de dados Scielo, Google Scholar, Psycic e Mendeley, referentes ao período de 2012 a 2015. Os descritores utilizados para esta busca foram: “suicídio”, “suicídio e psicopatologia”, “suicídio e prevenção”, “suicídio e jovens”, “suicídio e núcleos de atendimento”, “suicídio e esquizofrenia”, “suicídio e depressão”, “suicide” e “suicide and depression”. Após esse procedimento, foi realizada uma análise dos resumos e títulos das publicações que permitiu a divisão dos artigos e dissertações nos seguintes eixos temáticos: suicídio; suicídio e psicopatologia; suicídio e jovens; suicídio e fenomenologia; suicídio e prevenção e suicídio e núcleos de atendimento. Os resultados desta análise revelaram que as áreas de estudo que mais publicaram acerca do suicídio foram Psicologia, Saúde e Ciências Biológicas. O tema mais explorado entre as publicações foi suicídio e psicopatologia, enquanto o tema suicídio e núcleos de atendimento foi o menos abordado. Foi observado que a presença de psicopatologia, principalmente a depressão, tem sido frequentemente associada ao risco de suicídio, ideação e comportamento suicida. Além disso, o suicídio também foi apontado pelas publicações como um problema de saúde pública que merece atenção e desenvolvimento de estratégias de prevenção. As publicações que tinham como tema suicídio e fenomenologia foram as que mais se diferenciaram ao trazer outra compreensão acerca do suicídio, isto é, como uma experiência mundana cuja compreensão deve ser tomada através de seus significados existenciais.

Palavras-chave: suicídio; psicologia; revisão sistemática.

Jessica Melo Lima

Graduanda e aluna de iniciação científica do 6º período do curso de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora no projeto de extensão “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de pôr fim à vida”, coordenado pela professora Ana Maria Feijoo.

Endereço eletrônico: melo_jessi@hotmail.com

4.1.11. UM ESTUDO SOBRE A (DES)MORALIZAÇÃO DO SUICÍDIO

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN (BR)

Neste trabalho temos como proposta refletir sobre o suicídio, ato especificamente humano, deslocando-nos da perspectiva moralizante para poder pensar o ato de dar fim à vida na sua dinâmica existencial, ou seja, sem nenhuma conotação valorativa desse ato. A partir daí, pretendemos vislumbrar outras possibilidades de se pensar este fenômeno sem recair em procedimentos prescritivos, previamente determinados por manuais, tão pouco adotar uma postura indiferente que trate o ato de dar fim à vida como sendo da ordem do privado, como escolha individual. Desta forma, então, poder refletir acerca de políticas públicas e principalmente a condução de atendimentos clínicos especializados que possam se efetivar desvinculados desses engessamentos moralizantes que atravessaram a compreensão do fenômeno de dar fim a vida no decorrer da história, agregando uma roupagem pejorativa e nociva a esta decisão, constituindo-se assim, como antagônica a ideia de saúde, bem estar e qualidade de vida tão propagada na atualidade. Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa – bolsa produtividade pelo CNPq desenvolvido pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, do Laboratório de Fenomenologia e Psicoterapias Existenciais – LAFEPE, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob o título *“Por Um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio: Uma Análise Fenomenológica do ato de Decidir Por Fim à Vida”*. E está em consonância com o item 2.2.3 dos objetivos específicos que tem como proposta: realizar estudos sobre a ação de por fim à vida desde os gregos antigos, passando pelos hebreus, Idade Média até a modernidade, para, desta forma, poder verificar como em cada época histórica o suicídio ganha modulações próprias ao horizonte histórico em que cada homem se encontra.

Palavras chaves: Suicídio; moral; fenomenologia; psicologia; existência.

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial. Sócia fundadora e atual Presidente do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisado Brasil, CNPq na linha de pesquisa Psicologia Clínica e Filosofia da Existência e Pesquisadora pelo LAFEPE - Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da UERJ participando da pesquisa *“Por Um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio: Uma Análise Fenomenológica do ato de Decidir Por Fim à Vida”*. Atua na área de Psicologia Clínica em consultório particular, na perspectiva Fenomenológico-Existencial por mais de 25 anos.

Endereço Eletrônico: bernadete.lessa@gmail.com

4.2. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO

4.2.1. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 1

Johana Carolina De La Ossa Sierra (USB)

El presente estudio correlacional tiene como objetivo describir la sintomatología de la ansiedad existencial y su relación con las actividades del tiempo libre, en una muestra de 100 universitarios de una ciudad del caribe colombiano. Para la recolección de la información se aplicó un instrumento de ansiedad existencial para jóvenes universitarios (De La Ossa, De Castro, y Noreña 2014), configurado como una medida válida y confiable luego de ser sometido a análisis (consistencia interna, factorial confirmatorio, test retest y kappa de fleiss). La ansiedad existencial es una experiencia universal (Temple & Gall, 2016; Langdridge, 2013) que se origina cuando la personas sienten que un valor esencial para su existencia está amenazado (May, 2000), abarca sintomatología física, psicológica, conductual, intelectual y asertiva (Rojas, 2006), y se genera ante la conciencia de supuestos básicos de la existencia (muerte, libertad, aislamiento existencial y carencia de un sentido vital) (Yalom, 2010). Porcentajes entre el 42% y el 54% de los universitarios de la muestra, presentan variada sintomatología ansiosa en intensidad alta (P_{50}) y severa (P_{75}) cuando se encuentran frente a los supuestos básicos de la existencia. Experimentan temor intenso a perder el control, dolor de cabeza, dificultad para concentrarse, tendencia a molestarse cuando les hacen bromas y a moverse continuamente de un lado a otro. Esta variada sintomatología puede deberse a la responsabilidad ante el hecho de tomar decisiones (May, 2000); el hecho de vivir sin un propósito que oriente su existencia; y ante la posibilidad del fracaso (Yalom, 2010). Para observar la relación entre los síntomas de la ansiedad y las actividades de dedicación del tiempo libre se tuvieron en cuenta los valores de los residuos tipificados ($V > 1,96$ y $2,58$ para niveles de confianza del 95% y 99% respectivamente, el signo indica si la relación es directa o inversa). Se observa relación entre la sintomatología psicológica e intelectual severa y dormir $V=4,1$. Entre sintomatología intelectual alta y estudiar $V=2,3$. Entre sintomatología asertiva baja y la lectura $V=2,9$. Y entre sintomatología conductual baja con actividades artísticas $V=2,5$.

Palabras-Clave: sintomatología, ansiedad existencial, tiempo libre.

Johana De La Ossa

Especialista en psicología clínica, magíster en psicología. Docente universidad San Buenaventura - Cartagena.

Endereço Eletrônico: delaossasierra@gmail.com

4.2.2. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 2

Jennifer Paola Flórez Donado (CUC)

La ansiedad es la manifestación de un aspecto inherente y muy íntimo del ser que está estrechamente ligado a su talante más ontológico (De Castro, 2000). Desde el Enfoque humanista existencial, la ansiedad surge como una reacción básica ante un peligro inminente que amenaza y/o atenta con algún valor centrado que se identifica en contra de la existencia misma (May, 1969; De la Ossa & De Castro, 2011). La ansiedad puede manifestarse mediante cinco tipos de síntomas diferentes: los físicos, los intelectuales, los conductuales y los de tipo asertivo y psicológicos (Rojas, 2000). Todos estos síntomas pueden ser afrontados de manera constructiva o destructiva y esto dependerá de cómo cada ser integre esta vivencia a la totalidad de su experiencia (May, 2000). El Estudio Europeo de Epidemiología de Desordenes Mentales (ESEMED) reflejó que el 13,6% de la población igual o mayor de 18 años, había presentado alguna vez en su vida algún trastorno de ansiedad (Alonso *et al.*, 2004). Investigaciones sobre los trastornos mentales en América Latina y el Caribe encontraron que los trastornos de ansiedad puntúan altos índices de prevalencia en la población siendo ésta más frecuente en mujeres que en hombres (Kohn, *et al.* 2005); resultados que concuerdan con estudios realizados en Colombia con estudiantes universitarios y que guardan similitudes con los altos índices de prevalencia de la ansiedad encontrados en la población latinoamericana en general (Conde, Orozco, Báez & Dallos, 2009). Por su parte estudios realizados en la Costa Atlántica Colombiana, evidenciaron que el 83% de los estudiantes universitarios acuden a los Servicios de Atención Psicológica Universitaria por motivos de ansiedad (Contreras, Caraballo, Palacio & Pérez, 2008), aspecto que continua en coherencia con los índices de prevalencia de ansiedad encontrados en la población colombiana en general. Si bien es cierto que la ansiedad en estudiantes universitarios no ha obtenido tanta atención en comparación con la ansiedad y el estrés laboral (Agolla & Ongori, 2009) y que sólo unos pocos estudios se han realizado acerca de las percepciones de estrés y ansiedad y las estrategias o modos de afrontamiento en estudiantes universitarios (Sami *et al.*, 2011; Xian & Wang, 2000; Vaz, Mbajiorgu & Acuda, 1998), también es cierto que en los últimos años se ha incrementado el número de investigaciones que dirigen su principal interés a estudiar el tiempo libre de los estudiantes y los efectos e impactos de éste sobre el desarrollo social, educativo y emocional; preocupación que ha llevado a querer conocer donde están los estudiantes cuando salen de las jornadas académicas de sus instituciones educativas (Jordan & Nettles, 2000), aspecto que puede estar asociado a que otras investigaciones han encontrado que el tiempo libre fuera del horario lectivo puede resultar tanto enriquecedor como perjudicial para la vida del individuo (Coley, Morris & Hernández, 2004). En este orden de ideas y en coherencia a este interés, muchas investigaciones muestran que los modos de afrontamiento frente a la ansiedad juegan un rol central en la adaptación del individuo y en la forma como afronta los eventos que implican estrés, que según Sani *et al.* (2012), en su estudio sobre la prevalencia del estrés en estudiantes universitarios, encontró que éste está directamente asociado a la ansiedad. Al-Dubai, Al-Naggar, Alshagga & Rampal (2011) muestran como estas estrategias de afrontamiento frente a las situaciones y/o vivencias ansiógenas, que definen como los esfuerzos específicos, tanto psicológicos como comportamentales que los individuos emplean para dominar y tolerar y para reducir o minimizar el impacto de los eventos y/o vivencias ansiosas, favorecen o no la adaptación y afrontamiento frente a la experiencia de estrés y ansiedad. Complementario a estos hallazgos, un estudio en sobre las estrategias de afrontamiento que despliegan los estudiantes frente a los eventos ansiosos y/o estresores, llevado a cabo por Shaikh *et al.* (2004) en una escuela de medicina en Pakistan, revela como, el deporte, la música, dormir y aislarse de todo, son estrategias de afrontamiento que los estudiantes despliegan o ponen en marcha para hacer frente al estrés y a la

ansiedad y en similitud, otro estudio con universitarios en una universidad en Malasia (Sami *et. al.*, 2011) y otros como Redhwan, Sami, Karim, Chan & Zaleha (2009), encontraron que las estrategias de afrontamiento más comúnmente adoptadas por los estudiantes universitarios fueron: hacer ejercicio, orar, asesorar, ver caricaturas o comedias, practicar meditación incluyendo yoga, *tai chi* y escuchar música suave. Este estudio tiene como objetivo evaluar la experiencia de ansiedad existencial en estudiantes universitarios, y su posible correlación con las estrategias o modos de afrontamiento que estos despliegan para manejarla, basándose en hallazgos científicos que han reflejado que las actividades de tiempo libre y/o actividades de ocio, reducen significativamente el estrés asociado directamente con la ansiedad (Misra & Mckean, 2000; Sani *et al.* 2012) en estudiantes universitarios, al mismo tiempo que intenta generar y aportar más conocimiento sobre la prevalencia de la ansiedad en estudiantes universitarios desde el enfoque Humanista Existencial, teniendo en cuenta que son pocos los estudios realizados sobre esta variable desde esta perspectiva y bajo el diseño de la investigación cuantitativa.

Palabras-Clave: sintomatología, ansiedad existencial, tiempo libre.

Jennifer Paola Flórez Donado

Minor en psicología clínica, magíster en psicología. Docente Universidad de la Costa - Barranquilla.

Endereço Eletrônico: florezdonado@gmail.com

Johana De La Ossa

Especialista en psicología clínica, magíster en psicología. Docente universidad San Buenaventura - Cartagena.

Endereço Eletrônico: delaossasierra@gmail.com

4.2.3. ANSIEDAD EXISTENCIAL Y ACTIVIDADES DEL TIEMPO LIBRE EN UNIVERSITARIOS DE UNA CIUDAD DEL CARIBE COLOMBIANO: parte 3

Alberto Mario De Castro Correa (UN)

En promedio el 47% de los universitarios de la muestra presenta variada sintomatología ansiosa en intensidad alta (P_{50}) y severa (P_{75}) cuando están frente a la toma de decisiones; cuando se dan cuentan que aquello que piensan, hacen y sienten sólo depende de ellos; cuando algo importante para sus vidas corre peligro; y cuando no encuentran ningún plan que seguir, algo o alguien que los motive a continuar. La variada sintomatología de la ansiedad presente en los universitarios, indica que la ansiedad existencial debe abordarse como una experiencia integradora más que una suma de síntomas diversos. La ansiedad existencial lleva a los universitarios a experimentar temor intenso a perder el control, dolor de cabeza, dificultad para concentrarse, tendencia a molestarse cuando les hacen bromas y a moverse continuamente de un lado a otro. Esta variada sintomatología puede deberse a la responsabilidad ante la toma de decisiones (May, 2000); ante el hecho de vivir sin un propósito que oriente su existencia; frente la posibilidad del fracaso; y al hecho de tener que asumirse como únicos constructores de lo que hacen, piensan y sienten (Yalom, 2010). La variada sintomatología de la ansiedad en intensidad alta y severa guarda relación con los resultados de un estudio realizado por Arrieta, Díaz & González (2014) y Contreras, Caballero, Palacio & Pérez (2008), donde se evidencia alta prevalencia de la ansiedad en la mayoría de los estudiantes de varias universidades del caribe colombiano. Estos hallazgos guardan estrecha similitud con la proporción de los niveles y frecuencia con la que la ansiedad según Kohn *et al.* (2005) prevalece en América Latina y el Caribe. En cuanto a la posible relación entre los síntomas de ansiedad y las actividades de tiempo libre, se observó correlación directa entre la sintomatología psicológica e intelectual severa y dormir, es decir que los estudiantes universitarios más propensos a presentar constante intranquilidad, temor a perder el control y dificultades para concentrarse y para pensar positivamente cuando deben hacerle frente a situaciones como la toma de decisiones, las posibilidades de fracaso, al aislamiento existencial y a la carencia de sentido vital son los que más duermen o se dedican a dormir en sus tiempos libres; resultados parecidos a los de Merino e Hidalgo (2010), en donde se encontró que la ansiedad y la depresión son una de las principales causas del sueño excesivo, aspecto que confirma la ADAA (s.f.) cuando refiere que el estrés y la ansiedad pueden causar o exacerbar sueño prolongado (hipersomnia) o privación de éste (insomnio), conclusión que puede aludirse a que la vivencia de la ansiedad conlleva a la agitación frecuente, que a su vez, induce un estado de pérdida de fuerza vital que puede hacer al sujeto incurrir en la pasividad y en la apatía si ésta llegara a su máxima expresión de cronicidad. Lo anterior puede ser comprendido también como la forma de enfrentar la ansiedad que los estudiantes despliegan frente a ésta experiencia en donde el acto de dormir en sus tiempos libres, responde al modo de relacionamiento frente a la frecuente agitación y es usado, como diría De Castro & García (2011), para impedirse a voluntad sentir o entrar en contacto con la ansiedad. Lo mismo pasa en relación a la sintomatología asertiva baja y la lectura, en donde encontramos que aquellos estudiantes que en sus tiempos libres se dedican a la lectura, son aquellos que no presentan ansiedad a la hora de dirigirse a otras personas y entrar en contacto con ellas, no les cuesta responder a lo que los demás le preguntan, no se molestan si alguien les juega una broma y se dirigen a los demás de forma adecuada; aspectos que van en coherencia a los encontrados por (Martínez & Sierra, 2010; Briz, 2000; Mendoza, 2005 y Pardeck, 1994) en donde demuestran que los estudiantes que más leen, mejoran sus habilidades sociales, son más corteses, aprenden a escuchar, matizan sus sentimientos y emociones porque al leer entran en contacto con los deseos, intenciones y emociones que les suscita el texto que leen; lo que a su vez permite aumentar autoconocimiento, auto-concepto, seguridad en sí mismos, y disminuye gradualmente el aislamiento social y la timidez

(Briz, 2002). Otra correlación encontrada fue entre la sintomatología asertiva y física severas y ejercitarse, así que encontramos que aquellos estudiantes universitarios que dedican sus tiempos libres a practicar algún deporte, son más propensos a presentar dificultades para dirigirse a otras personas; evitan estar con otros, tienen dificultad para responder a lo que otras personas le preguntan, sienten vacío en el estómago, experimentan opresión en el pecho y en la cabeza, experimentan inestabilidad al caminar, sienten rigidez en la espalda, experimentan sensación desagradable en la garganta, pueden sentir ganas de vomitar, ardor en el estómago y dolor de cabeza. Diferente a lo que se encuentran en la literatura científica de estudios que analizan la ansiedad en deportistas en donde en contraste a los hallazgos que revelan esta investigación, refieren que aquellas personas que en sus tiempos libres practican deporte presentan niveles más bajos de ansiedad (Márquez, Jerome, McAuley, Snook & Canaklisiva, 2002); mejor auto-concepto (Gutiérrez, Moreno & Sicilia, 1999), mejor estado de ánimo, mejor autoestima, y menos síntomas físicos y psicológicos de ansiedad (Akandere & Tekin, 2004); son más sociables, menos retraídos y más extrovertidos en sus relaciones con los demás (Arai & Hisamichi, 1998; Bakker, Whiting & Van Der Drug, 1993; Courneya, Bobick & Schinke, 1999; Courneya & Hellsten, 1998; Cox, 2002; Eysenck, Nias & Cox, 1982; Marrero, 1989; Rhodes, Courneya & Bobick, 2001; Rhodes, Courneya & Jones, 2005; Rhodes & Smith, 2006). Frente a esta diferencia encontrada, desde los resultados hallados en esta investigación se propone ampliar la muestra de universitarios que en sus tiempos libres se dediquen a ejercitarse o a practicar algún deporte, esto para volver a analizar la posible correlación entre la ansiedad y el modo en que los estudiantes enfrentan y/o se relacionan con la totalidad de la experiencia ansiógena.

Palabras-Clave: sintomatología, ansiedad existencial, tiempo libre.

Alberto Mario De Castro Correa

Magíster y doctor en psicología. Decano de humanidades y ciencias sociales Universidad Del Norte - Barranquilla.

Endereço Eletrônico: amdecast@uninorte.edu.co

4.3. FENOMENOLOGIA DESCRITIVA E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA EM CLÍNICA PSIQUIÁTRICA E EXISTENCIAL

4.3.1. A AÇÃO CLÍNICA A PARTIR DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E ANALÍTICA DO SER-AÍ

Fabíola Pozuto Josgrilberg (Sobraphe)

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a ação clínica de cunho fenomenológico a partir da terapia existencial de um adolescente, recluso em casa há 3 anos, pelo pavor de se perder. Inicia-se por descrever a história de um garoto, que será chamado de Roberto, quando desde os 16 anos de idade não conseguia mais sair de casa porque perdia-se por entre as ruas da cidade. Assim, o trabalho guia-se por uma experiência muito inusitada pelos espaços públicos que Roberto transitava: o sentimento de nunca ter passado por um lugar ainda que já estivesse estado por lá repetidas vezes, como as próprias ruas de seu bairro, transtornando sua orientação e não reconhecimento dos espaços. Sendo assim, a falta de orientação espacial não afetava somente seus deslocamentos, mas transtornava toda sua existência. O trabalho segue com a intenção de desenvolver dois aspectos: mostrar o trabalho clínico, orientado pelo método fenomenológico e, em paralelo a isso, analisar a estrutura de modos de ser-no-mundo por intermédio da analítica heideggeriana. Um dos termos centrais da analítica heideggeriana, ser-no-mundo, indica uma das condições fundamentais do ser-aí, quando ser-aí e mundo tornam-se uma unidade indivisível. O trabalho ainda mostra a ideia de que ser-aí somente pode existir no mundo e dele criar a si mesmo e 'ser-em', que advém da expressão ser-em-o-mundo, ter sua origem no sentido de morar, habitar, familiarizar-se cuidando de algo. Assim, o termo ser-no-mundo, ao contrário da ideia de uma coisa dentro de outra, guarda o sentido de habitar familiarmente o mundo como constituição fundamental do ser-aí. O trabalho também tentará esclarecer a tarefa do clínico em termos de saber quais atitudes a serem tomadas para compreender o modo de ser na não familiaridade, como apresentava Roberto e, juntamente a isso, desvelar o modo de ser junto aos entes simplesmente dados. Ou seja, descobriu-se diante da atitude clínica, pautada no olhar fenomenológico-existencial, que não havia somente a estranheza para com os espaços por onde Roberto caminhava, mas, anterior a isso, uma estranheza para com todas as outras coisas, mais fundamental, a saber, uma estranheza de objetos, inclusive as que pertenciam ao seu cotidiano familiar. Tal fato era oculto mesmo para Roberto, ainda que revelasse sua estrutura de modo de ser, pautando a não familiaridade no mundo. Com tal clareza, a terapia existencial tentou ajudar Roberto a apreender um modo de ser no entrelaçar com as coisas não por intermédio de um modelo racional, como fazia anteriormente, mas compreender que sua mão, como um modo ôntico da manualidade, compreende o mundo por intermédio de uma intuição mais originária do conhecer. Desta maneira, uma análise sobre o 'ser junto' às coisas é fundamental para apresentação do trabalho que, finalmente, se encarregará de elucidar a estrutura do modo de ser de Roberto e acompanhará a mudança de seu modo de ser-no-mundo partindo da familiaridade, possibilitando não mais a vida infernal e exilada como descrevia, que o retirava de circulação do dia-a-dia e do compartilhamento com os outros, mas iniciando um novo modo de morada.

Palavras-chave: psicopatologia, transtorno do existir, tonalidade afetiva, ser-no-mundo.

Fabiola Pozuto Josgrilberg

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Mestre em Psicologia pela PUC-SP, Graduada em Psicologia pela UMESP, Psicóloga clínica, Professora de pós-graduação e membro SOBRAPHE.

Endereço Eletrônico: fabiola.pozuto@terra.com.br

4.3.2. PSICOPATOLOGIA E TRANSTORNO DA EXISTÊNCIA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

A equipe SOBRAPHE, há vinte anos, a partir da elaboração da Análise da Relação Existenciária auxiliada pela Fenomenologia, Hermenêutica e Analítica existencial de Martin Heidegger, tem estruturado paradigmas para investigações, compreensões e intervenções clínicas de analistas da existência, psicólogos e psiquiatras. A equipe considera o projeto consistente o suficiente para ser tornado público à comunidade desses profissionais. Considerado amplamente, este trabalho envolve: 1) explicitação de conceitos da Fenomenologia husserliana (ir à coisa mesma, alcançar evidências e reduções), da Fenomenologia Descritiva (exemplos retirados da Psiquiatria Antropológica), Fenomenologia Hermenêutica (visão, posição e conceituação prévias) e exposição da Analítica heideggeriana do *Dasein* (modo ontológico do ser-aí e modos cotidianos de ser-no-mundo (habitar mundo); 2) descrição de casos clínicos (interrogados pela psiquiatria); demonstração dos aspectos clínico, fenomenal-hermenêutico e existenciário da ação terapêutica vinculada à compreensão dos modos de ser dos pacientes e de suas possibilidades de existir “junto a entes” e “com outros *Daseins*”; 3) correlação entre tais guias e modelos diagnósticos vigentes em Psiquiatria e Psicopatologia; 4) explicitação de como a ARE pode contribuir para rever diagnósticos e com a ação clínica. Quanto a este momento particular será tratado o item 4: investigações relativas à terapêutica que denominei ARE e seus inexoráveis desdobramentos para discussões relativas às origens das psicopatologias e dos transtornos existenciais. A ARE segue ‘indicativos formais’ presentes na Analítica Existencial de Martin Heidegger e em seu método que permitem constituir conhecimentos fenomenais hermenêuticos, isto é, conhecer aquilo que se quer conhecer perguntando a ele mesmo o que ele é e, então, abrir um campo hermenêutico de sentido. Tal caminho tanto ‘deixa surgir’ a essência do analisado quanto determina formas de elaborar conceituações perfeitamente condizentes ao ser pessoa no mundo. A ARE segue essas formas quando analisa a estrutura do ‘ocupar-se de’ e ‘preocupar-se com’ das pessoas (cura). A produção da ARE portanto, gera muitas questões como: entendimento existencial da saúde e patologia da ligação homem-mundo e de guias teórico-práticos fenomenais hermenêuticos para lidar com o sermos “junto a entes intramundanos e com pessoas”. Pesquisas e práticas comandadas pelo ‘ser sempre modos afetivo-compreensivos de respondência ao que interpela o *Dasein*’ trazem métodos de investigações e intervenções condizentes com esses modos e conceituações específicas sobre saúde, doença e ação clínica. A ARE analisa as relações ‘pondo em aberto’ e falando hermeneuticamente. Dois indicativos formais de base consistem na evidência de que, somente através das modalidades de configurações cotidianas particulares da abertura originária do *Dasein*, a saúde, doença e normalidade podem se tornar presentes, constatáveis, investigáveis e avaliáveis como patológicas ou não e tratáveis desta ou daquela maneira. Outra evidência: psicopatologias e patologias existenciais/existenciárias são momentos constitutivos de uma só unidade existencial. A ARE põe às claras a estrutura do ser “junto a” e “com” que *Dasein* sempre é, elucida o campo de sentido integrado em cada relação cotidiana e ‘deixa’ aparecer a unidade: patologias psíquicas-transtornos existenciais.

Palavras-Chave: Fenomenologia hermenêutica; *Daseinsanálise*; Psicopatologia; Transtornos da Existência.

Josefina Daniel Piccino

Filosofia pela PUCSP, Psicologia Clínica pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Práticas Clínicas pela PUC/SP. Presidente da Sociedade Brasileira de Fenomenologia Hermenêutica e Análise da Relação Existencial e do Instituto Sobraphe de Ensino e Formação em Fenomenologia Hermenêutica e Analistas da Existência.

Endereço eletrônico: josefina@sobraphe.org.br

4.3.3. PSICOLOGIA, PSIQUIATRIA E FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Milene Lucila Lamanauskas (SOBRAPHE)

Desde o início no século XX, há uma preocupação filosófica sobre o sentido das ciências e lugar do ser humano nesta situação. A mensuração, comparação, padronização, experimentação, a formulação de teorias até hoje se apresentam como o caminho para a explicação sobre o que se passa com a vida humana. Contudo quando se trata de compreender como se dá a experiência vivida nos seus mais diversos aspectos, principalmente no que tange aos transtornos existenciais, estes métodos vigentes parecem re-velar, ou seja, encobrir os fenômenos investigados. A Fenomenologia se coloca em decorrência desta busca. O presente trabalho apresentará alguns fundamentos teóricos da Fenomenologia de Husserl, a saber: consciência intencional, como ir à coisa mesma, descrição fenomenológica, alcançar a evidência e as reduções fenomenológica e eidética. Os objetivos desta discussão são primeiramente, apontar como a Fenomenologia de Husserl pode fazer interface com a Psicologia a partir dos fundamentos metodológicos expostos; como a Psiquiatria no Brasil tem se utilizado deste caminho – a Fenomenologia - na compreensão dos transtornos psicopatológicos com base na produção da Dra. Patrícia Mattos disposta na 18ª. Conferência Internacional de Filosofia, Psiquiatria e Psicologia – INPP 2016; e como podemos olhar para o caso Roberto descrito e analisado nesta mesa redonda pela Dra. Fabíola Pozuto Josgrilberg, tendo como parâmetro a atitude fenomenológica no desvelamento dos fenômenos vividos pelo cliente: estranhamento, não-familiaridade, não imediatividade no encontro mundo-vida. O rigor epistemológico para a análise crítica dos fundamentos e do método de conhecimento verdadeiro conduzirá esta discussão a fim de ampliar a compreensão de seus alcances nas áreas clínicas tratadas. Por fim, são levantadas algumas implicações e questões sobre a Fenomenologia Husserl no entrelaçamento com a prática clínica que surgiram no processo de estudo, atendimentos a clientes e reflexões com colegas da área.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia; Psiquiatria; Análise Existencial

Milene Lucila Lamanauskas

Psicóloga Clínica pela PUC – SP, Especialista em Gestão de Pessoas pela FACAMP, Formação em Prática Clínica Análise Fenomenológica Hermenêutica da Existência – ARE pelo Sobraphe, Professora e membro da diretoria da SOBRAPHE - Sociedade Brasileira De Fenomenologia Hermenêutica E Análise Da Relação Existenciária.

Endereço eletrônico: _milenelamanauskas@live.com

4.4. USO DE DROGAS: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS

4.4.1. DIALÉTICA UNIVERSAL-SINGULAR E USO DE DROGAS: REFLEXÕES A PARTIR DE SARTRE

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

Sartre ao discutir o que denomina de “a neurose objetiva” de Flaubert, em seu livro “O Idiota da Família”, questiona se uma mesma psicopatologia pode valer-se de um duplo condicionamento, por um lado dar-se como solução de antinomias sociais e, por outro, como uma saída individual. Os problemas relacionados ao uso de drogas parecem responder exatamente a este entendimento paradoxal, pois são, ao mesmo tempo, uma resposta às pressões do modo de ser contemporâneo, mas também resultantes da vivência subjetiva do usuário, com seus múltiplos sentidos singulares, ao defrontar-se com as exigências de tal contexto. A pós-modernidade, como marca epocal da contemporaneidade, tem como uma de suas prerrogativas a compressão do tempo-espaço decorrente das transformações do mercado financeiro e das estruturas produtivas, cada vez mais globalizados e marcados pela volatilidade. A sociedade do consumo pauta-se na produção e consumo compulsivo de mercadorias marcadas pelos valores da instantaneidade (alimentos que já vêm prontos e refeições “fast food”, por exemplo) e descartabilidade (copos, garrafas, pratos, guardanapos descartáveis, etc.). Essas experiências acarretam mutações profundas no modo de ser contemporâneo. As diferentes substâncias psicoativas aparecem como uma das mercadorias de consumo contemporâneo mais cobiçadas, controladas por um mercado específico e muito forte, sendo que, através da vivência de seus efeitos neuroquímicos, possibilitam o mergulho na experiência singular saturada do instante, ao fixar o sujeito na intensidade das sensações de um “aqui e agora” extremamente volátil, que se encaixa perfeitamente às exigências dos tempos contemporâneos. Portanto, não é sem razão que os problemas relacionados ao abuso de drogas tornaram-se centrais na saúde pública de qualquer lugar do mundo ocidental em tempos hodiernos. Dados advindos de pesquisas e de experiências clínicas vêm demonstrando que na dependência de drogas o usuário aprisiona-se na compulsão pela substância em função do “suporte” que ela lhe fornece para lidar com seus impasses psicossociais, ao aliviar sintomas e produzir novas sensações e percepções, ainda que de forma efêmera e instantânea. No entanto, a droga acaba por lançá-lo em uma situação de passividade existencial, pois ao aprisioná-lo na espontaneidade, onde é absorvido pelo “calor” das circunstâncias e pelas fortes emoções por elas provocadas, acaba por perder sua posição de sujeito crítico, escapando-lhe cada vez mais o “mando” de seu projeto, alienando-se na compulsão do uso. Para suportar o vazio de ser advindo do fim dos efeitos precisará de mais uma dose e, com isso, instaura-se o ciclo vicioso do uso da droga. A reflexão será ilustrada com elementos de entrevista narrativa de um usuário dependente de cocaína, que não conseguia lidar com o sucesso que conquistou como bailarino, acabando por “bailar nas curvas da vida”.

Palavras-chaves: uso de drogas; contemporaneidade; projeto de ser; Jean-Paul Sartre; compreensão dialética

Daniela Ribeiro Schneider

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Pós-Doutora pela Universidade de Valencia, Professora Associada III da Universidade Federal de Santa Catarina

Endereço Eletrônico: danischneiderpsi@gmail.com

4.4.2. FENOMENOLOGIA DO USO DE DROGAS

Marcelo Sodelli (PUC-SP)

Embora exista consenso entre os estudiosos da área de “drogas” acerca da importância das pesquisas sobre o trabalho de prevenção e tratamento ao uso de risco e dependência de drogas, são reduzidos os estudos que se dedicam à temática. Especificamente na área da Fenomenologia isto é ainda mais incipiente. Não é por acaso que a área de drogas (prevenção e tratamento) seja considerada “terra de ninguém”. Quer dizer, um espaço onde se aceita tudo, se admite qualquer tipo de postura e onde existem dificuldades de se estabelecerem parâmetros mínimos. A partir disso surgem as indagações: qual é o principal objetivo do trabalho preventivo ao uso de drogas? E em relação ao tratamento, será que a única alternativa que temos é realmente trabalhar se balizando no binômio abstinência/internação? Forçoso é admitir que a área de drogas está sustentada por aquilo que é chamado de Postura Proibicionista. Esta postura tem como objetivo principal fazer com que as pessoas nunca experimentem as drogas e que se mantenham sempre na abstinência. Por certo, é um modelo que utiliza a metodologia amedrontadora, ou seja, parte-se do princípio de que o medo faça com que as pessoas não tenham coragem de experimentar as drogas. Podemos dizer que a população em geral, influenciada pelos meios de comunicação, esteja mais próxima dessa postura, já que compartilha da ideia de que o uso de drogas é uma das significativas mazelas do mundo contemporâneo. Por conseguinte, tal uso deve ser combatido sempre. Assim, para que possamos entender a complexidade do fenômeno do uso de drogas e se aproximar deste fenômeno de modo mais aberto, temos que antes de qualquer coisa desconstruir a Postura Proibicionista. Entretanto esta tarefa não deve ser realizada por meio da dimensão moral, nem por meio de um ativismo impensado. O desafio é mostrar o quanto essa postura toma o Homem de forma equivocada, destituindo a existência humana de suas bases mais fundamentais. Nesse sentido, o pensamento fenomenológico de Heidegger traz contribuições decisivas para que possamos entender a existência humana em outra perspectiva. Nesta imersão no pensamento heideggeriano, prioritariamente, apresentado na obra *Ser e tempo*, discutiremos as noções de *dasein*, *ser-no-mundo*, *cuidado*, *impessoalidade* e *temporalidade*. Por fim, retomaremos a questão do uso de drogas, agora buscando compreender este fenômeno a partir da radicalidade do pensamento fenomenológico e sua contribuição na modernidade. As noções de vulnerabilidade e de projeto de vida serão apresentadas como diretrizes que podem contribuir tanto para o trabalho preventivo quanto para a área de tratamento. Assim será apresentada uma nova postura perante o uso de drogas: o trabalho pautado nas ações redutoras de vulnerabilidade.

Palavras-chave: uso de drogas; fenomenologia; Heidegger; vulnerabilidade; Pós-modernidade

Marcelo Sodelli

Psicólogo, Doutor em Psicologia da Educação, Assistente-doutor do curso de Psicologia da PUC-SP.

Endereço Eletrônico: msodelli@pucsp.br

4.4.3. USO DE DROGAS E PÓS-MODERNIDADE

Lucas Francis e Silva Ong (PUC-SP)

Por que o abuso de drogas é tão recorrente na pós modernidade? Esta pergunta não é fácil de ser respondida, e aponta para a necessidade de investigarmos de uma forma precisa e que acesse aquilo que é mais decisivo. Talvez apenas assim possamos pensar ações que conduzam à abrangência adequada e coerente com a complexidade do problema. Por mais que o uso de drogas sempre tenha existido, na pós modernidade ele alcança uma configuração nunca antes observada, com cada vez mais situações de abuso e subsequentes prejuízos. Seja o abuso episódico ou a dependência, o uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas nunca foi tão elevado como hoje. A pergunta que ressoa é: por que? O que acontece com o mundo atual que conduz os homens ao caminho do abuso e da compulsão? A resposta para esta pergunta tem que ser direcionada e redimensionada não apenas para um recorte específico, mas para uma recondução ao horizonte histórico no qual o abuso de drogas acontece de forma originária. O método torna-se inevitavelmente hermenêutico. A hermenêutica moderna sofre grandes transformações desde seu surgimento, passando de uma exegese bíblica à arte da interpretação enquanto método compreensivo. Se em Dilthey é visualizada a possibilidade de transpor-se ao lugar do outro, possibilidade esta viabilizada pela comum-unidade de mundo, é em Heidegger e Gadamer que a hermenêutica alcança sua maior maturidade, sendo articulada com a fenomenologia husserliana. O objetivo é pensar o uso de drogas a partir desta cópula, em um método que não abstrai o fenômeno, mas o rearticula com o horizonte pós moderno em suas vicissitudes fundamentais. O método hermenêutico fenomenológico, portanto, não partirá da possibilidade de explicar metafisicamente o abuso, mas o recontextualizará ao acontecimento histórico que fornece todas as bases essenciais para sua manifestação atual. Podemos utilizar, portanto, inúmeros pensadores que nos ajudam a estabelecer um diagnóstico do presente, seja Nietzsche com a Morte de Deus e o niilismo, Weber com o desencantamento do mundo, Heidegger com a verdade técnica e até mesmo o atual Sloterdijk com uma conjuntura inevitavelmente cínica. No entanto, podemos utilizar uma unidade de comum pertencimento a todos eles: a impossibilidade de sistemas, sejam eles ontoteológicos ou dialéticos. Se o mundo sempre fora explicado a partir de uma lógica suprema, hoje qualquer tipo de sistema torna-se inevitavelmente caduco. Este estado fundamental é a nossa condição, é o que caracteriza a pós modernidade. Em um mundo desamparado por sistemas e carente de sentido, o existir entra em crise: como viver em um sem fim de imagens e construções de mundo que não apontam mais para nenhum a priori? A incontável multiplicidade desordenada e caótica do mundo contemporâneo não mais justifica qualquer carência ou indigência humana, mas a intensifica, a torna desprovida de sentido. Talvez o abuso de drogas seja um dos recursos mais efetivos para combater o irremediável vazio niilista no qual todos nós nos encontramos.

Palavras-chave: pós-modernidade; drogas; Heidegger; niilismo; técnica

Lucas Francis e Silva Ong

Psicólogo, Mestre em psicologia clínica (PUC-SP)

Endereço Eletrônico: lucasong@outlook.com

4.5. PESQUISA QUALITATIVO-FENOMENOLÓGICA: MODOS DE PROCEDER NA COMPREENSÃO DE POSSIBILIDADES CLÍNICAS

4.5.1. COMPREENDENDO AS TÉCNICAS PROJETIVAS PELA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: PODEMOS PENSAR UMA NOVA METODOLOGIA DE ANÁLISE?

Débora Candido de Azevedo (UNIP-ALPE-IFEN-SE&PQ)

Marcos Alberto Taddeo Cipullo (UNIFESP-SE&PQ)

Este trabalho nasce da necessidade de se pensar a possibilidade do uso de testes projetivos em uma abordagem fenomenológico-existencial na Psicologia, uma vez que, tais recursos foram amplamente difundidos e utilizados dentro de um referencial psicanalítico. Sendo assim, a análise dos resultados desses testes, segue um fundamento teórico com pressupostos dessa abordagem. O presente estudo se justifica pela aspiração de se buscar um método avaliativo e interpretativo para o T.A.T. que não implique necessariamente em uma vinculação teórica específica por parte do psicólogo, pois acreditamos que tal fato limite a utilização do teste. O objetivo deste trabalho é então, discutir a possibilidade, a partir de uma ótica fenomenológico-existencial, de se pensar um novo entendimento para as respostas do T.A.T. (Teste de Apercepção Temática), instrumento projetivo de avaliação psicológica desenvolvido por Henry Murray. Inicialmente, o teste será apresentado e caracterizado em sua forma de aplicação e avaliação de acordo com a proposta do autor. No aspecto teórico, conceitos como o de projeção, percepção e apercepção serão necessariamente discutidos. Em seguida, será explicitado o entendimento fenomenológico-existencial do psicodiagnóstico, prática onde se inserem os testes projetivos tradicionalmente, trazendo os questionamentos que alguns autores fazem em relação ao modelo tradicional de psicodiagnóstico, calcado no modelo de ciência natural, em grande parte oriundo da medicina e da psicometria. Será discutida também a pertinência do uso dos testes, a partir de pressupostos fenomenológicos e, neste caminho, o modelo de psicodiagnóstico interventivo coaduna melhor com a proposta deste trabalho. Ao final, será mapeado, no âmbito teórico, outro esboço de leitura dos resultados obtidos a partir da testagem. O que se propõe não é um novo manual para as respostas (esperadas com maior ou menor frequência), cuja compreensão se dê a partir de perspectivas previamente delineadas; mas, sim, o esboço de uma perspectiva metodológica alternativa que considere a experiência do sujeito como única sem preocupar-se em classificar as respostas a partir de critérios gerais. Este texto não tem como objetivo desconsiderar a maneira como o Conselho Federal de Psicologia entende e preconiza a utilização do teste, mas provocar uma discussão sobre as possibilidades de compreensão do T.A.T. e de outros testes projetivos para além de concepções teóricas específicas.

Palavras-chave: testes; TAT; análise fenomenológico-existencial.

**COMPRENDER LAS TÉCNICAS PROYECTIVAS EM LA PERSPECTIVA
EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA: SE PUEDE PENSAR EN UN NUEVO ANÁLISIS
METODOLÓGICA?**

Este trabajo surge de la necesidad de pensar la utilización de las pruebas proyectivas en un enfoque fenomenológico-existencial en psicología, ya que tales recursos fueron ampliamente difundidos y utilizados dentro de un marco psicoanalítico. Así, el análisis de los resultados de estas pruebas, es hecho con los supuestos de este enfoque y suyo fundamento teórico. Este estudio se justifica por el deseo de buscar un método de evaluación e interpretación de T.A.T. que no se basea necesariamente en una mirada teórica psicoanalítica, porque creemos que este hecho limita el uso de la prueba. El objetivo de este trabajo es entonces discutir la posibilidad, desde una perspectiva existencial-fenomenológica, a pensar en una nueva comprensión de las respuestas del T.A.T. (Temática Prueba de Apercepción), instrumento de evaluación psicológica proyectiva desarrollado por Henry Murray. En principio, se presentará la prueba en su forma de aplicación y evaluación de conformidad con la propuesta del autor. En el aspecto teórico, necesariamente se discutirán conceptos tales como proyección, percepción y la apercepción. A continuación, se explicará la comprensión existencial-fenomenológica de la evaluación psicológica, donde las pruebas proyectivas caen. Además, hay una discusión con algunos autores en relación con el modelo tradicional de diagnóstico psicológico, basado en el modelo de las ciencias naturales, derivado en su origen de la medicina y psicometría. También se discutirá la pertinencia del uso de pruebas en la práctica de la psicología de bases fenomenológicas y, de esta manera, el modelo intervencionista de psicodiagnóstico combina mejor con la propuesta de este trabajo. Al final, se mira en el ámbito teórico, otro esquema de lectura de los resultados obtenidos de las pruebas. Lo que se propone no es un nuevo manual de respuestas (con más o menos frecuencia), cuya comprensión se tome desde perspectivas descritas anteriormente; sino más bien el contorno de una perspectiva metodológica alternativa que considera la experiencia del sujeto como uno, sin clasificar las respuestas a través de criterios generales. El trabajo no está destinado a no tener en cuenta la forma en que el Consejo Federal de Psicología entiende y defiende el uso de la prueba, sino provocar una discusión acerca de las posibilidades de comprensión del T.A.T. y otras pruebas proyectivas, además de los conceptos teóricos específicos.

Palabras clave: pruebas psicológicas; TAT; análisis existencial-fenomenológico.

Débora Candido de Azevedo

Psicóloga clínica, Maestría en Educación y Formación en Psicología y análisis fenomenológico de la Existencia. Profesor de la Universidad Paulista, en las disciplinas de psicodiagnóstico y guardia psicológica. Miembro (1er. Tesorero) de la SE&PQ (Sociedad de Estudios e Investigación Cualitativa), PEM (Centro de Investigaciones y Estudios MerleauPontianos) y ALPE (Asociación de Psicoterapia Existencial de América Latina).

Endereço Eletrônico: debora@fluirpsicologia.com.br

4.5.2. PROCEDIMENTOS EM PESQUISA QUALITATIVA: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Maria Aparecida Viggiani Bicudo (UNESP-SE&PQ)

Neste artigo expõe-se a atitude fenomenológica e esclarece-se que, ao assumir o pensamento husserliano, trabalhar fenomenologicamente significa buscar pelo movimento de constituição do objeto que se afirma existir e cuja realidade (seu modo de ser) se busca compreender. Expõe-se a percepção, entendida como primado do conhecimento no âmago dessa linha filosófica e esclarece-se a importância da descrição das vivências, tomada, a descrição, como dado de análise, bem como os procedimentos assumidos. Evidencia, no movimento da análise e interpretação dos dados, a interpretação hermenêutica e o processo de redução fenomenológica, esclarecendo o caminho percorrido da análise dos dados individuais à sua transcendência, rumo a uma teorização do investigado. O movimento de constituição do objeto pelo sujeito é exposto em Husserl; Ales Bello, Bicudo. Afirmar que o objeto é constituído pelo sujeito diz que esse objeto não é dado em sua objetividade, mas que é a pessoa, enquanto ser-vivente, que em sua carnalidade e complexidade sensório, psíquica e espiritual sente o que vem ao seu encontro, distingue sensações de quente, frio, liso, áspero, etc., e percebe-se gostando ou não disso que sente, avançando em distinções expostas por meio de juízos como: mais quente do que; mais áspero do que, etc. O ato de perceber é entendido como o primado do conhecimento; ocorre no agora quando a clareza do visto se faz para aquele que percebe. Porém, dando-se no momento presente, desloca-se para o “já foi”, de modo que à pessoa resta apenas a lembrança da experiência vivenciada a qual há que ser retomada e organizada, mediante atos intencionais conscientes, na busca pela compreensão do percebido junto ao mundo. A compreensão sempre traz consigo uma interpretação e é exposta em linguagem. Sendo exposta, o dito já pertence à esfera da intersubjetividade, podendo, mediante processo de repetição de experiências bem sucedidas, estruturar-se em objetualidades. A pesquisa qualitativa fenomenológica foca a descrição das vivências da pessoa. As descrições podem ser expostas de várias formas: como texto escrito, como relato falado e gravado, como um vídeo, por exemplo. Entretanto, é importante que seja enfatizado que o depoente relata experiências vivenciadas condizentes com a interrogação investigativa formulada pelo pesquisador. Essa interrogação guia todo o trabalho de análise e interpretação hermenêutica do texto oriundo da descrição, sempre em um trabalho de busca pelo que é dito. Não parte de categorias prévias, mas, mediante reduções fenomenológicas, articula ideias nucleares que dizem do fenômeno interrogado.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; fenomenologia, hermenêutica.

LOS PROCEDIMIENTOS DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA: ENFOQUE FENOMENOLÓGICO

En este artículo se expone la actitud fenomenológica y se aclara que, para tomar el pensamiento de Husserl, trabajo fenomenológicamente significa buscar el objeto de la constitución del movimiento de lo que existe y cuya realidad (su forma de ser) está tratando de entender. Expone la percepción entendida como primacía del conocimiento en el núcleo de esta línea filosófica y explica la importancia de la descripción de las experiencias, teniendo la descripción como dato de análisis, así como los procedimientos asumidos. Se destaca, en el movimiento de análisis e interpretación de los datos, la interpretación hermenéutica y el proceso de reducción fenomenológica, aclarando el

camino recorrido a partir del análisis de los datos individuales y su trascendencia, hacia una teoría del investigado. La constitución del movimiento del objeto por el sujeto está expuesto en Husserl; Ales Bello, Bicudo. Decir que el objeto está formado por el sujeto es lo mismo que decir que este objeto no se le da en su objetividad, sino que es la persona, mientras se vive, que en su carnalidad y su complejo sensorial, mental y espiritual siente lo que viene al encuentro, y distingue sensaciones de calor, frío, lisas, rugosas, etc., y percibe si le gusta o no lo que siente, y hacia el avance de las diferencias exhibidas por estos juicios como más caliente que; más áspero que, etc. El acto de percibir se entiende como la primacía del conocimiento; se produce en ahora, cuando la claridad de visado se hace para el perceptor. Sucediendo en el momento presente, lo lleva a la "ha sido", de modo que, para la persona, sólo queda el recuerdo de lo vivido, que debe ser tomado y organizado por actos intencionales conscientes, en la búsqueda de la comprensión del percibido yunto el mundo. La comprensión siempre trae una interpretación y se expone en el lenguaje que, cuando expuesto, el dicho ya pertenece a la esfera de la intersubjetividad, y, mediante proceso de repetición de las experiencias exitosas, estructurarse en objetualidades. La investigación cualitativa fenomenológica se centra en la descripción de las experiencias de la persona. Las descripciones se pueden mostrar de varias maneras: como texto escrito, como narrativa hablada y grabada en audio, en forma de vídeo, por ejemplo. Sin embargo, es importante hacer hincapié en que el declarante dice experiencias de vida en consonancia con la pregunta de investigación formulada por el investigador. Esta pregunta guía todo el trabajo de análisis e interpretación hermenéutica del texto derivado de la descripción, siempre en la búsqueda por lo que se dice. El trabajo no se inicia con categorías predefinidas, pero con reducciones fenomenológicas, para articular las ideas nucleares que dicen de los fenómenos interrogados.

Palabras clave: investigación cualitativa; fenomenología; hermenéutica.

Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Graduada en educación y doctora en ciências. Profesor titular de la UNESP. Vice-Presidente de la Yunta de Educación, Investigación y Extensión de la Universidad - CEPE, Presidente del Comité Central de Posgrado, Miembro del Consejo de la Universidad, Coordinador del Programa de Posgrado en Educación Matemática, Jefe del Departamento de Educación, Coordinador de Proyectos de Investigación acreditado por el CNPq. Investigador del CNPq. Evaluación de Proyectos de Investigación de la FAPESP.

Endereço Eletrônico: mariabicudo@gmail.com

4.5.3. SÉCULO XXI: A MORTE DA MORTE ± POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA MÉDICA COM OS PROCESSOS DE PERDA NO CONTEXTO HOSPITALAR

Candido Jeronimo Flauzino (USP e SE&PQ)

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o tema da morte no âmbito hospitalar para a criação de espaços para expressão e ressignificação dos processos de perda a partir da vivência de médicos e criação de estratégias de manejo dos sentimentos e emoções emergidos na lida com pacientes oncológicos. Tem como objetivo principal possibilitar ao médico, a partir de suas próprias compreensões, desenvolver estratégias de expressão e ressignificação dos processos de perda. E específicos identificar, compreender e validar a lacuna existente para o manejo técnico das experiências de vida e morte na formação acadêmica a partir da fala do médico atuante em oncologia; e criar um modelo compreensivo para o processo de formação de médicos que atuam no contexto hospitalar a partir da criação de grupos focais. Estes profissionais se deparam com questões que permeiam seu cotidiano profissional: O que é a morte e o morrer? O que representa para o médico cuidar de um paciente “condenado” à morte? O que significa perder um paciente? O que é viver? As questões humanas como a morte são abordadas na formação médica? O que é ser médico oncologista diante da morte do seu paciente? Como é ter que entender que a morte não é uma doença a ser combatida? A formação médica está voltada para os aspectos técnicos ou humanos? São questões que nos levam a pensar onde residem as dificuldades do médico em lidar com a perda do seu paciente. E para isto recorreremos aos autores que se debruçaram sobre este tema, em especial, a obra: “A história da morte no ocidente” (PHILIPPE ARIÈS, 1977) e “Sobre a Morte e o Morrer” (ELIZABETH KÜBLER-ROSS, 1977/1998). O não saber o dia da sua própria morte é que coloca o “ser” como inacabado. Como diz Heidegger (1986/2005) em sua obra: “Ser e Tempo”: somos *seres-para-morte*. Mudanças precisam ser iniciadas desde a formação acadêmica como trocas de experiências entre os estudantes e outras práticas humanas possíveis dentro deste contexto. Este modelo parece contribuir para a dicotomia entre saúde e doença o que leva a desumanização dos processos de cuidado. Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador é ativo e está em foco também a sua subjetividade porque propõe a locomoção em um solo histórico construído durante o tempo vivido como pessoa e como pesquisador. Neste solo, a interrogação floresce, instala-se como intencionalidade e se estabelece como interrogação geradora da investigação. Sendo assim este estudo interroga: “O que acontece no processo de formação do médico para o seu preparo no enfrentamento da morte do outro?” Serão realizados 12 encontros para o grupo focal, diário de campo, análise documental de currículos e entrevistas individuais e posteriormente os dados serão analisados de acordo com os padrões de análise do método fenomenológico. O autor de base será Maurice Merleau-Ponty com sua obra: “Fenomenologia da Percepção”. A participação dos médicos os beneficiará oportunizando-os uma reflexão sobre suas práticas com pacientes oncológicos em fase avançada da doença e implicações no que diz respeito à perda por morte dos seus pacientes.

Palavras-chave: morte; pesquisa qualitativa; fenomenologia; médico oncologista; contexto hospitalar.

SIGLO XXI: LA VIDA DE LA MUERTE ± POSIBILIDADES DE EXPRESIÓN Y RESIGNIFICACIÓN DE LA EXPERIENCIA MEDICA CON PÉRDIDA EN EL CONTEXTO HOSPITALARIO

Se trata de una investigación cualitativa com el tema de la muerte en el medio hospitalario para creación de espacios para expresión y resignificación de los procesos de pérdida basado en la experiencia de los médicos y creación de estrategias para manejar los sentimientos, emociones emergidos en el transcurso del tratamiento oncológico. Tiene por objetivo principal posibilitar al médico, desarrollar estrategias de expresión y comprensión para reestructurar los procesos de pérdida. Por específicos identificar, entender y validar la brecha de la gestión técnica de experiencias de la vida y la muerte en la formación académica del discurso de la oncología médica activa; crear un modelo que lleve a comprensión para el proceso de formación de médicos activos en el ambiente hospitalario desde la creación de grupos de enfoque. Estos profesionales enfrentan a cuestiones que impregnan su trabajo diario: ¿Qué es la muerte y el morir? ¿Qué es para el médico tratar un paciente "condenado" a la muerte? ¿Qué significa perder a un paciente? Lo que es vivir? Cuestiones humanas como la muerte se abordan en la formación médica? ¿Qué es ser médico oncólogo antes de la muerte de su paciente? ¿Cómo entender que la muerte no es una enfermedad que debe combatirse? La formación médica se centra en los aspectos técnicos o humanos? Son preguntas que llevan a pensar donde encuentran las dificultades de aceptar la pérdida de su paciente. Para tanto, nos dirigimos a autores que han estudiado este tema, en particular la labor "Historia de la muerte en Occidente" (PHILIPPE ARIÈS, 1977); "Sobre la muerte y el morir" (ELIZABETH KÜBLER-ROSS, 1977/1998). Sin saber el día de su propia muerte, eso pone el "ser" como inacabado. De acuerdo al dicho por Heidegger (1986/2005) en su labor: "Ser y Tiempo": somos *seres-para-muerte*. Los cambios deben iniciar a partir de intercambios académicos, experiencias entre los estudiantes y otras prácticas humanas posibles dentro de este contexto. Este modelo parece contribuir a la dicotomía entre la salud y la enfermedad que conduce a la deshumanización de los procesos de atención. En la investigación fenomenológica, el investigador está activo y está en el foco también su subjetividad porque propone la locomoción en un terreno histórico construido durante el tiempo que vivió como persona y como investigador. En este ambiente, nace la interrogación, instalándose como intencionalidad y si establece como interrogación resultante de la investigación. Por lo tanto, este estudio se pregunta: "¿Lo que sucede en el proceso de formación médica para su preparación para hacer frente a la muerte del otro?" Se celebrarán 12 reuniones para el grupo de enfoque, diario de campo, análisis de currículos, entrevistas individuales. Además, los datos serán analizados com base en el método fenomenológico. Maurice Merleau-Ponty y su labor: "Fenomenología de la percepción" serán involucrados como base de esta investigación. La participación de los médicos brindará oportunidades para que puedan reflexionar sobre sus prácticas con pacientes oncológicos en fases avanzadas de la enfermedad y las implicaciones con respecto a la pérdida por la muerte de sus pacientes.

Palabras-clave: muerte; investigación cualitativa; fenomenología; médico oncólogo; contexto hospitalario.

Candido Jeronimo Flauzino

Licenciado en Psicología por la Universidad Metodista. Post graduado en psicología de la salud y psico-oncología en UNISA, maestría y doctorado en la USP (Instituto de Psicología). Opera en la clínica, hospital y la enseñanza en los cursos de psicología y de enfermería en las disciplinas de cuidados paliativos, metodología de la investigación y la fenomenología. Miembro del SE&PQ (Sociedad Brasileña de Investigación Cualitativa). Autor de artículos y capítulos de libros publicados en las áreas arriba mencionadas - CAPES Beca.

Endereço Eletrônico: candidoj.f@usp.br

5. SESSÕES COORDENADAS

5.1. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA E A SUPERAÇÃO DA INGENUIDADE HERMENÊUTICA DE HUSSERL

Lucas Francis e Silva Ong

Por que Heidegger? Quais os elementos de seu pensamento o tornam privilegiado para a construção de uma prática clínica? Por mais que ele tenha sofrido influências profundas de escolásticos como Duns Scotus e de gregos como Platão e Aristóteles, apontarei aqui dois elementos decisivos em seu pensamento, seja já presentes em *Ser e tempo*, publicado em 1927, até em seu pensamento tardio, a partir da década de 1930. Estes dois elementos decisivos são a fenomenologia de Husserl e a hermenêutica de Dilthey. Assistente de Husserl, Heidegger percebe um problema fundamental na fenomenologia de seu mestre: a impossibilidade de uma suspensão fenomenológica meramente voluntária. Se a *Epochè* husserliana procurava, a partir de uma postura antinatural do investigador, tirar o transcendental de circuito, Heidegger aponta o caráter inexorável dos significados do mundo que o ser-aí sempre já carrega consigo involuntariamente. A fenomenologia torna-se hermenêutica, a mostraçã de tudo o que existe ganha um caráter espacial-histórico. Procurarei, portanto, a partir do pensamento heideggeriano, identificar as bases ontológicas dos transtornos existenciais, não o desarticulando do horizonte histórico, mas o recontextualizando ao seu tempo. Ao mesmo tempo que a fenomenologia hermenêutica nos veda qualquer possibilidade de compreender os assim chamados transtornos mentais a partir de qualquer normatividade essencialista, ela nos convoca a refletir sobre as condições de possibilidade de seu aparecimento, ou seja, para este horizonte possibilitador mais amplo. Segundo Heidegger, técnica é mais do que um mero fim para um meio, é mais do que uma mera função humana. A técnica não se restringe a estas definições ônticas - ela é antes de tudo uma forma de verdade. A essência da técnica é antes verdade, ou seja, é uma forma de desvelamento, uma forma na qual o ser do ente na totalidade é já descerrado enquanto manipulável, em seu caráter maximamente presente. É neste contexto dessacralizador e desencantado que o homem fica mais próximo de tamponar todas as suas mazelas e, não coincidentemente, é neste mesmo contexto que ele mais adoece psiquicamente. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger é um pensamento poderoso para a clínica, pois dissolve a ingenuidade hermenêutica de Husserl: Ao mesmo tempo que impede uma superficial leitura naturalista de todos os fenômenos, impõe a necessidade de efetuar uma crítica do presente de nosso ser-aí atual e de nossa condição psicopatológico-histórica. O presente texto se propõe, por meio do método fenomenológico hermenêutico, pensar teoricamente os transtornos existenciais 1: o rearticulando com as bases do pensamento heideggeriano e 2: efetuando uma crítica do presente. É objetivo, portanto, voltar aos transtornos mesmos em sua densidade ontológica e em seu horizonte hermenêutico originário.

Palavras chave: Heidegger; fenomenologia; hermenêutica; técnica

Lucas Francis e Silva Ong

Psicólogo e mestre em psicologia clínica (PUC-SP).

Endereço Eletrônico: lucasong@outlook.com

5.2. A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE CURTA DURAÇÃO E SUA EFICÁCIA

Bianca Maturana Sala (Sobraphe)

O desenvolvimento da clínica fenomenológico-existencial, por se sustentar em modelo de ciência diferente daquele que sustenta outras psicologias (psicanálise, por exemplo), tem sido obrigada a rediscutir questões paradigmáticas (teoria, metodologia, etc.) para pensar, investigar e agir. Propomos tratar, neste texto de uma das questões: o quê, em prática clínica de curta duração surgida de exigências imediatistas próprias do mundo atual, necessita para ter qualidade e eficácia? O imediatismo tem vindo tanto como necessidade de clientes de consultórios particulares quanto como exigência da sociedade (instituições públicas, planos de saúde, etc.) A terapia é urgente! Como atender uma pessoa adequadamente e obter resultados efetivos e válidos, quando ela fará aproximadamente, dezoito sessões? É preciso pensar formas de agir clinicamente que respondam eficazmente a essa situação. Formas de agir dizem respeito à metodologia. Temos como fundamento da discussão da questão a Análise da Relação Existenciária, ARE, modelo paradigmático clínico desenvolvido pela Prof^a. MS. Josefina Daniel Piccino fundamentado no método fenomenal hermenêutico de Martin Heidegger e sua Analítica do *Dasein*. Este método e analítica têm como sustentar a clínica de curta duração. A fenomenologia, orientando-se pelo que é imposto pelas coisas mesmas, é método de visão e elucidação de essências. Assim, no atendimento clínico que pertence sempre ao âmbito ôntico (fenomenal), a fenomenologia esclarece “quem” somos. A ARE, por seguir o método fenomenológico hermenêutico cumpre exatamente a tarefa de elucidar quem somos: nossos modos cotidianos de sermos “junto a” entes intramundanos e “com” outras pessoas (ocupar-se de e preocupar-se com). Os existenciários consistem em modos de relações. Pretendemos mostrar como tanto a metodologia heideggeriana quanto sua analítica do *Dasein* podem garantir a eficiência de clínica de curta duração. Quando alguém fala ao terapeuta sobre o que se passa consigo mesmo, ele “deixa ver” suas formas de se relacionar “junto a” e “com”. Por intermédio da visão fenomenológica, por sua vez, o analista “põe em liberdade” o fenômeno: vê fenomenologicamente. O que é trazido, é elucidado fenomenalmente pelo analista de modo que o cliente entende o que suas formas de relação mostram, entende a si mesmo. Terapias breves têm sido pensadas por diversas abordagens. Mas, queremos mostrar como a ARE possibilita alcançar qualidade nessa forma de terapia. ARE de curta duração é diferente de psicoterapia breve. Discutiremos utilizando a ARE que através do método do “envolvimento” proposto por Martin Heidegger em Seminários de Zollikon realiza análises que trazem tamanha clareza de como cada pessoa é no mundo, que aprofunda de forma direta e sem rodeios a ponto de trazer certeza e qualidade para essa terapia. Ao ver como fenômeno as formas e maneiras de como a pessoa responde às interpelações que vêm ao seu encontro, o analista alcança suas estruturas de constituição e agiliza a terapia. Consideramos que essa discussão pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisa clínica porque mostra como a analítica do *Dasein*, a fenomenologia hermenêutica e o envolvimento como método podem contribuir de maneira efetiva para terapias de curta duração.

Palavras-Chave: Terapia breve; Análise da Relação Existencial; Fenomenologia; Hermenêutica; Martin Heidegger

Bianca Maturana Sala

Psicóloga Clínica pela Universidade São Marcos – SP, cursando formação em Fenomenologia Hermenêutica e Análise da Relação Existenciária pelo Sobraphe.

Endereço eletrônico: bianca_sala@hotmail.com

5.3. A CONSTRUÇÃO DE UM SERVIÇO DE ATENÇÃO EM SAÚDE PARA ALUNOS VIA CARTOGRAFIA CLÍNICA

Cesar Dias de Oliveira (IPUSP)

Laiz Maria Silva Chohfi (IPUSP)

Esta apresentação trata de um relato de experiência acerca da construção de um serviço de atenção em saúde para os alunos contemplados pelo Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE) da Universidade de São Paulo (USP), oferecido a partir da Superintendência de Assistência Social (SAS) dessa mesma universidade. No ano de 2013, foi contratada uma psicóloga para dar conta de tal trabalho. Integravam também a equipe dois estagiários de Psicologia, os quais cursavam a graduação no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Num primeiro momento, enredados pela instituição, os três profissionais perceberam-se respondendo ao pedido inicial do modo como apresentado pelos dirigentes da SAS, o que não correspondia necessariamente à demanda da população. Rememorando as marcas deixadas pela experiência de prática no Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia da USP (LEFE-USP), psicóloga e estagiários lançaram-se, então, em cartografia clínica buscando identificar, a partir do pedido da Universidade pela construção de um serviço, as queixas e demandas existentes. Sendo-com alunos, assistentes sociais e demais funcionários da SAS, pôde-se compreender que um serviço coerente para o cuidado com essa população seria um serviço-meio, no sentido de ser ele mesmo uma abertura para a construção de diversas iniciativas de cuidado. A partir dessa reflexão, puderam ser estabelecidas parcerias com iniciativas de extensão universitária, visando um cuidado adequado com os alunos participantes do PAPFE. A aproximação do trabalho da equipe com os parceiros ocorreu conforme o caminhar da cartografia clínica. A partir dela a equipe se aproximou dos serviços de Atendimento em Plantão Psicológico do IPUSP (APP), para pensar a implantação de um serviço de Plantão Psicológico no Conjunto Residencial da USP (CRUSP), de Orientação à Queixa Escolar (OQE) no IPUSP e do Projeto de Leitura e Escrita Acadêmica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH), para pensar a construção de grupos orientados para um cuidado mais voltado à educação propriamente e do Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP (SAP) e do Serviço de Psicologia da Escola de Artes de Ciências Humanas (EACH) da USP, para pensar a construção de um cadastro de psicólogos para encaminhamentos de psicoterapia.

Palavras-chave: Cartografia Clínica; Prática Psicológica; Permanência Estudantil.

Cesar Dias de Oliveira

Graduado e mestrando pelo Instituto de Psicologia da USP. Trabalha como psicólogo clínico além de ser pesquisador do LEFE (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia) onde atua como supervisor de atendimento no serviço de Atendimento de Plantão Psicológico (APP).

Endereço Eletrônico: cesar.cdo@gmail.com

Laiz Maria Silva Chohfi

Graduada, mestre e doutoranda pelo Instituto de Psicologia da USP. Atua como psicóloga na Superintendência de Assistência Social da USP (SAS) e é supervisora de atendimento nos serviços de Atendimento em Plantão Psicológico (APP) e de Rede do laboratório LEFE-USP (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia). É também docente na

Universidade Paulista (UNIP), onde ministra disciplinas de Plantão Psicológico e Psicodiagnóstico Interventivo.
Endereço Eletrônico: laiz.chohfi@usp.br

5.4. A ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA COMO DESAFIO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: EXPERIÊNCIA DE QUINTANISTAS

Ingrid Farrenkopf Wolff (FHO|Uniararas)

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (IPUSP – FHO|Uniararas)

Rosa Elisa Madeira (FHO|Uniararas)

Desde a estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), a psicologia tem sido desafiada a promover uma formação e atuação em consonância com as necessidades sociais. Diante deste desafio, estruturou-se um estágio profissionalizante que promove o contato e a ação de alunos quintanistas com o cotidiano da Atenção Básica, por meio da imersão em cinco Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF) de um município do interior do Estado de São Paulo. Partindo desta experiência, o presente trabalho tem por objetivo compreender o sentido da formação em psicologia a partir das experiências vivenciadas neste campo. Tendo como fundamento a fenomenologia existencial de Heidegger e a analítica do sentido de Critelli, foram analisados os diários e relatórios finais de quatro estudantes de psicologia que passaram pelo estágio nos últimos dois anos. Esses relatos fazem parte do registro semanal das atividades e auxiliam tanto o supervisor quanto os alunos na discussão e na compreensão dos acontecimentos e também no planejamento das ações a serem realizadas em campo. Discute-se, assim, que o cotidiano em uma Unidade Básica de Saúde coloca os alunos em contato com questões que ultrapassam as teorias e muitas das discussões de disciplinas da graduação, para além de suas próprias expectativas. Ainda, o contato com as famílias e a comunidade permitiu vislumbrar as limitações da lógica tecnicista e médico-centrada que, por muitas vezes, predomina nesses equipamentos de saúde. Essas questões abrem caminhos para refletir o modo de ser psicólogo(a) nesse contexto e de estar em contato com o outro; dão a ver possibilidades outras de práticas de cuidado e entendimento de saúde. Neste sentido, a atuação dos estagiários só foi possível, segundo eles, a partir do momento em que passaram a ver algo precioso no cotidiano da unidade e do território atendido, o que só se deu com a imersão no dia-a-dia da unidade e do território. Segundo os alunos, este conhecimento pela e na experiência (saber-fazer) foi o solo fundamental de todas as ações construídas, mesmo que pequenas, e permitiu a apreensão do sentido participativo e comunitário das ações em saúde. Esse sentido possibilitou aos quintanistas enxergar e romper, na situação e na reflexão, com a impessoalidade das práticas psicológicas pré-moldadas, atuando a partir das necessidades que se mostravam. Por fim, discute-se, amparado também na hermenêutica filosófica de Gadamer e no pensamento político de Arendt, como o aprendizado na experiência e as angústias relatadas pelos alunos a partir dos tensionamentos causados pela presença deles no dia-a-dia dos serviços geraram pequenas rupturas nos modos predominantes de ser nas unidades. Neste sentido, a conversação aberta pelo estranhamento operou como ação política dos estagiários no campo da saúde, uma vez que inaugurou coletivamente um modo novo de olhar para o cuidado à saúde. Essa discussão sustenta a importância do estágio na ESF na construção de uma formação mais crítica e comprometida ético-politicamente com as necessidades sociais.

Palavras chave: Atenção Básica à Saúde; Formação em Psicologia; Estratégia Saúde da Família; Sistema Único de Saúde.

Ingrid Farrenkopf Wolff

Psicóloga graduada na Fundação Hermínio Ometto – Uniararas.

Endereço Eletrônico: ingrid__wolff@hotmail.com

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, doutorando do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) e membro do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-IPUSP). Bolsista CNPq. Docente do Curso de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto – Uniararas.

Endereço Eletrônico: pedro_milanesi@yahoo.com.br

Rosa Elisa Madeira

Psicóloga graduada na Fundação Hermínio Ometto – Uniararas.

Endereço Eletrônico: rosa_helisa@hotmail.com

CONTRIBUIÇÕES DE MARTIN HEIDEGGER

Camila Pacheco Gomes (UNIOESTE- Pr)

Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens (UNIOESTE- Pr)

Este trabalho propõe-se a realizar a interpretação do romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos com Martin Heidegger. Temos por objetivo tornar pensável, a luz da fenomenologia existencial heideggeriana, a visão-de-mundo do personagem “Fabiano”, que toma o mundo como pronto, os homens como opressores e a si mesmo como destinado a um caminho pré-estabelecido antes mesmo de nascer. Segundo podemos adiantar de nossa interpretação do referido romance, tal personagem assume-se como o que, a partir da terminologia de Heidegger, chamaríamos de um “ente simplesmente dado”, ou seja, como se o seu ser já estivesse estabelecido, não realizando seu caráter de poder-ser de maneira própria. A partir disso, podemos afirmar que nosso propósito é o de interpretar o referido personagem e os contextos do mencionado romance, como referentes ao Ser-aí (Dasein) e os contextos de sua existência, tal como a fenomenologia existencial torna possível. Para tanto, usaremos como referência sumária, Ser e Tempo, Ontologia: Hermenêutica da faticidade e Seminário de Zollikon além, é claro, do romance de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”. Para a discussão do personagem, nos valeremos da ideia de ser-aí, que traduz a condição paradigmática do humano e que indica a impossibilidade de definir ou determinar o homem enquanto coisa. Para a filosofia de Heidegger, o Ser-aí é um ente de compreensão e isso o diferencia dos demais entes, esse ser de existência se sabe enquanto tal, sabe-se finito e, portanto, mortal, podendo, assim, afetar-se de angústia. É diante desse quadro, que questionamos: Qual seria o sentido da existência do ser-no-mundo com os outros? O sentido da existência é desafiado no resgate do caráter sensível de seu existir, escutando a si próprio e as possibilidades que esse projeta no mundo. Dessa forma, torna-se evidente que o sentido de mundo só se manifesta ao Ser-aí na compreensão, uma vez havendo abertura para experiências e as possibilidades do ente realizar seu poder ser dentro de uma vida fática. Através da fenomenologia torna-se possível um trabalho de interpretação fenomenológico-existencial, elucidando o sentido do existir do ente, pois analisando o personagem, esse encontra-se distanciado de si mesmo, sentido o mundo através de sua compreensão, onde o personagem apresenta-se como sendo alguém que vive na cotidianidade mediana e que não descobriu ainda o que seria o seu projeto singular, não compreende como responsável pela sua vida, decaindo na impropriedade do impessoal, estreitando o seu poder ser, vivendo sua vida de forma imprópria, uma vida seca de sentido. Julgamos poder adiantar, do exercício de pensar fenomenologicamente que este trabalho propõe, que “Vidas Secas” não revela apenas a aridez da terra, mas sim, a própria condição humana, vazia de sentido, tentando aproximação ao ser que vive uma angústia em explicar quem ele é, percorrendo em uma busca de sentido para sua existência, e essa interpretação de sua própria existência torna o um “Ser-aí doente” (como mais tarde designará Medard Boss).

Palavras-Chaves: Vidas Secas; Ser e Tempo; Fenomenologia, Ser-aí; Heidegger

Camila Pacheco Gomes

Psicóloga, Pós-graduada Latu Sensu- Psicologia Organizacional e do Trabalho, Aluna especial do Programa de Pós graduação do Mestrado de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PPGFIL-UNIOESTE.

Endereço Eletrônico: camilapacheco_gomes@hotmail.com

Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PPGFIL-UNIOESTE.

Endereço Eletrônico: kahlmeyermertens@gmail.com

5.6. A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E A CLÍNICA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

Myrna Coelho (USP/ISS)

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de pós-doutoramento em desenvolvimento. Para refletirmos sobre a clínica da infância e da adolescência em nossa pesquisa, levamos em consideração os achados clínicos tanto de nossos atendimentos individuais particulares e institucionais, quanto de nossas supervisões em cursos de graduação de psicologia e pós-graduação em fenomenologia e saúde mental. A clínica da infância é extremamente particular, e tem se tornado cada vez mais pautada na medida em que o mundo das crianças tem se desvinculando paulatinamente do mundo dos adultos. O mesmo ocorre, mas de modo próprio, com a clínica da adolescência. Esse afastamento impõe, entre outras questões, um distanciamento afetivo, que por vezes se traduz numa dificuldade de compreensão e encontro entre os diferentes. O mundo contemporâneo funciona como um espaço por excelência dos adultos, sua espacialidade é delimitada nessa intenção, e dispositivos arquitetônicos e eletrônicos exclusivos vão sendo construídos de modo a delinear um espaço próprio para a infância e a adolescência não se mesclarem ao mundo dos adultos. Além dessa divisão concreta, simbólica e, portanto, política, o mundo dos adultos é tomado pela eficácia, seduzindo-os ao máximo possível de envolvimento com as atividades laborais. Entendemos que, ao considerarmos a clínica da infância e a da adolescência, estamos considerando que os comumente chamados períodos do desenvolvimento têm sua temporalidade específica, sua corporeidade própria e sua existência única. Mas, ainda assim, cabe questionarmos o fenômeno da necessidade de guetos espaciais e simbólicos na maior parte do tempo e dos sentidos marcados nos espaços em que as crianças e adolescentes convivem. Em nossa pesquisa, discutimos o que esse fenômeno pode revelar sobre nossos modos de existência na atualidade. Também levantamos, a partir de estudos de casos, como as crianças sentem esse fenômeno e como os adolescentes compreendem e experimentam esse acontecimento. Outro aspecto envolvido é o modo dos pais nomearem as especificidades das singularidades de seus filhos. Na psicologia, diferentes formações tratam de diferentes possibilidades de olhar essa questão. O presente trabalho, através da fenomenologia, traz um recorte desse fenômeno abrindo compreensões diferentes e discutindo seus pontos de encontro e de distanciamento. Levantamos compreensões sobre os atravessamentos da mídia nesse campo e suas delimitações nos modos de conhecer o mundo apresentados às crianças e aos adolescentes. O fenômeno da medicalização também transpassa essa pesquisa. O brincar e a descoberta da sexualidade e suas potências trazem outros dados para compreendermos melhor a clínica fenomenológica da infância e da adolescência, seus limites e suas potências. Por último, o lugar do analista dessa população específica como sendo um lugar potencialmente violento é problematizado a partir dos achados clínicos e teóricos levantados nessa pesquisa.

Palavras-chave: infância; adolescência; atendimento à pais; clínica; violência.

Myrna Coelho

Psicóloga clínica, pós-doutoranda no Laboratório de Política Ambiental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, mestrado em estética e história da arte e doutorado em ciências pela USP, professora do Instituto Sedes Sapientiae na especialização “Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas” e na extensão “Introdução às práticas da psicologia fenomenológica: ações clínicas e educacionais”.

Endereço Eletrônico: myrnacoelho@usp.br

5.7. A INTERLOCUÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES NO ATENDIMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL À CRIANÇA IMIGRANTE EM VULNERABILIDADE

Isaac da Silva Alves (UNIP)

Sáshenka Meza Mosqueira (UNIP)

Este trabalho apresenta interlocução estabelecida com instituição escolar e educacional a partir do atendimento oferecido a J. (menina, 9 anos) em Clínica-escola da UNIP. O atendimento ancora-se no método fenomenológico existencial, compreendendo a criança como *ser-no-mundo*, constituída na rede de relações que sustentam sua existência. As queixas trazidas foram acolhidas e ressignificadas a partir da compreensão de modos de ser da criança, no intuito de clarear a demanda de cuidado. O encaminhamento da criança foi realizado por assistente social do CCA que J. frequenta, devido a “comportamentos agressivos” na convivência diária. J, órfã de mãe, reside com seu pai, e passavam por dificuldades de sobrevivência devido a sua condição de imigrantes. Nos atendimentos foi compreendido que as dificuldades de convivência eram modos de expressar desamparo e necessidade de cuidado. Atitudes consideradas agressivas, comunicavam angústias decorrentes do falecimento trágico da mãe em 2011, das condições em que J. e seu pai moravam, da dificuldade do pai acolher seus sentimentos (medo, raiva, inveja), do escasso entendimento destas condições por seus educadores. As condições de existência de J. pouco eram compreendidas pelos educadores, interpretando seus modos de ser como sintomas de categorias psicopatológicas. O tratamento oferecido a J. a rotulava como “criança problema”, ocasionando interações punitivas. Considerou-se pertinente iniciar interlocução entre as instituições responsáveis pelo atendimento em saúde e educação para J. O intuito era compreender como J. era compreendida pelos profissionais na condição de criança imigrante e em situação de vulnerabilidade. Foram agendadas entrevistas com a coordenadora pedagógica, professores da escola e com a gerente do CCA. Na visita ao CCA notou-se que havia expectativas de um diagnóstico psicopatológico que poderia ser dado à criança. J. era vista como responsável por problemas apresentados entre crianças na instituição. Disseram compreender sua historicidade, porém não relacionavam as atitudes agressivas a um modo de ser que refletia necessidade de afeto. Na escola foi possível perceber pouco acolhimento da professora, que demonstrou pouca abertura para apontamentos sobre seu modo de proceder com J., este modo expunha a paciente aos colegas, trazendo mais prejuízos do que contribuições. A coordenadora mostrou abertura para apontamentos sobre a relação educadores-aluna, restrições que eram feitas à paciente e o distanciamento criado em sala devido as suas condições socioeconômicas. Foi possível perceber em ambas as instituições o afastamento de questões existências fundamentais da criança em desamparo, que precisa ser cuidada, longe de seu país e em condições que seu pertencimento à família e às instituições que a recebem lhe parece duvidoso, instável. O diálogo entre as instituições se mostrou pertinente e fundamental no intuito de abrir possibilidades de reflexão e de interlocução entre profissionais que atendem J. em serviços que atendem direitos básicos da criança. O acolhimento e cuidado oferecido a J. e seu pai no processo de psicoterapia visam construir junto a eles compreensão dos modos como se realiza sua existência, no intuito de compartilhar o caminho trilhado entre a queixa que os trouxe e a demanda de amparo ao sofrimento pelas perdas e condição de vulnerabilidade familiar.

Palavras-chave: Psicoterapia Infantil; Clínica-escola; Fenomenologia Existencial; Criança em situação de Vulnerabilidade, Prática Psicológica em Instituições.

Isaac da Silva Alves

Licenciado em Psicologia pela Universidade Paulista.

Endereço Eletrônico: isaac.dsa@outlook.com

Sáshenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Especialista, Mestre e Doutora pelo IPUSP. Pesquisas e Intervenção em Prática Psicológica em Instituições, Clínica Psicológica e Fenomenologia, Formação em Psicologia.

Professora Adjunta, Supervisora Clínica, Universidade Paulista – UNIP - São Paulo.

Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

5.8. A LUDOTERAPIA NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS HOSPITALIZADAS SOBRE A ÓTICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Aline Cadurini Pezzin (Multivix – Nova Venécia)

Joselaine Lopes de Oliveira (Multivix – Nova Venécia)

Karolyne Fagundes de Paula (Multivix – Nova Venécia)

Kenya Fischer Belo (Multivix – Nova Venécia)

A psicologia humanista estuda o homem como um todo integrado, um ser completamente organizado em sua totalidade, podendo não somente se degradar, mas viver em um processo formativo, capaz de se reerguer nos momentos desfavoráveis. A ótica fenomenológica percebe o homem enquanto ‘ser-no-mundo’, considerando o ser humano no sentido de ser presente e ser presença. Permite-nos, desse modo, o entendimento do ser enquanto ser existencial, considerando-o em sua vivência, à sua maneira, evidenciando-o e possibilitando-o ser presença na relação com o outro. Deste modo, o objetivo da psicoterapia humanista-existencial é levar o sujeito a se aceitar de maneira autêntica, possibilitando ao mesmo condutas afetivas que lhe permitem adaptar-se ao novo frente as suas vivências. Nessa perspectiva, a psicoterapia auxilia o cliente frente ao processo de tomada de consciência dos seus sentimentos de forma genuína. Tratando-se de crianças, torna-se um pouco mais complexo a realização de tal processo por meio de expressões verbais diretas e/ou autorreflexão, desse modo, é dado seguimento a um ramo da Psicologia chamado ludoterapia, que consiste na utilização de procedimentos de psicoterapia através do ato do brincar. Nesse sentido, a ludoterapia consiste em um meio oportuno concedido à criança para exteriorizar seus sentimentos, angústias e aflições por intermédio do brinquedo, leitura, desenho, dentre outros. Assim na perspectiva fenomenológica-existencial, a ludoterapia vem com o objetivo de ajudar a criança a tomar consciência de si, bem como da sua existência no mundo, dessa forma, desde cedo ela manifesta atitudes autênticas que, mesmo que o ambiente molde sua postura aos poucos, a determinam singularmente como ser único, existente e íntegro. Neste artigo nos propusemos apresentar a vivência de discentes do curso de Psicologia em enfermarias infantis, através do relato de experiência, tendo como objetivos principais, executar atividades lúdicas, evidenciando a importância e o desenvolvimento da criança através desta. O estudo é exploratório/descritivo, com abordagem qualitativa, sendo esse realizado em enfermarias infantis nos hospitais São José – Colatina/ES e São Marcos – Nova Venécia/ES. Como principais resultados, observamos que mesmo diante de todas as impossibilidades que a hospitalização causa à criança, é possível que através do lúdico, essa possa se reinventar e se redescobrir dentro do contexto hospitalar, não impedindo que o seu desenvolvimento ocorra, reduzindo os danos e minimizando os efeitos nocivos causados pelo processo de hospitalização. Ficou perceptível também que os recursos lúdicos auxiliam para que o âmbito hospitalar - classificado como um “local de enfermidade” -, transforma-se num local alegre, contribuindo para o bem estar da criança, além de auxiliar no enfrentamento e ressignificação de sentimentos hostis motivados pelos aspectos que correspondem a hospitalização. Concernente a tal evento, observamos que os momentos de desenvoltura e relaxamento procedentes da nossa presença em conjunto com as atividades lúdicas propiciaram para que emergissem sentimentos prazerosos que edificam a qualidade de vida daquelas crianças.

Palavras-chave: Ludoterapia; Fenomenologia; Hospitalização; Vivência.

Aline Cadurini Pezzin

Graduada em Psicologia pela Universidade de Vila Velha (UVV). Especialista em Psicologia Clínica/Psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa e na Psicoterapia Existencial, pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Centrada na Pessoa. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Capixaba de Nova Venécia – Multivix.

Endereço Eletrônico: alinecadurini@hotmail.com

Joselaine Lopes de Oliveira

Graduada em Psicologia pela faculdade Multivix – Nova Venécia.

Endereço Eletrônico: jojoba_04@hotmail.com

Karolyne Fagundes de Paula

Graduada em Psicologia pela faculdade Multivix – Nova Venécia.

Endereço Eletrônico: karolynedepaula@outlook.com

Kenya Fischer Belo

Graduada em Psicologia pela faculdade Multivix – Nova Venécia. Pós-graduanda em Neuropsicologia pela Capacitar – Centro de Educação Superior.

Endereço Eletrônico: kenyafischerpsi@gmail.com

5.9. A NOÇÃO DE INCONSCIENTE NAS OBRAS PÓSTUMAS DE MERLEAU-PONTY

Juliana Ribeiro de Paiva (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

A noção de inconsciente perpassa toda a obra de Merleau-Ponty através de constantes diálogos com a psicanálise, entre críticas da noção freudiana de inconsciente como um aparelho psíquico separado da consciência e que controla as ações humanas e o reconhecimento da importância da teoria psicanalítica no campo do estudo do ser humano; e da evolução do pensamento do filósofo desde suas ideias de intercorporalidade, múltiplos contornos e ambiguidade trabalhadas em “Fenomenologia da Percepção” de 1945 até chegar à noção de carne e quiasma em seus escritos póstumos. Em sua obra de 1945, Merleau-Ponty discute o inconsciente em termos de “figura e fundo”, ou seja, como estando em uma relação ambígua com a consciência, formando com ela um fenômeno único; também nesta obra o filósofo desenvolve a noção de intercorporalidade, estando o inconsciente a nível desta relação do homem com o mundo. Porém, a noção de inconsciente propriamente dita só é trabalhada mais amplamente na última fase do pensamento de Merleau-Ponty, na qual o filósofo desenvolve o conceito de inconsciente como da ordem do *Lebenswelt* (mundo vivido), fio condutor de seu pensamento, compreendido como experiência do sujeito ao nível da carne e quiasma. O objetivo deste trabalho é, descrever a noção de inconsciente nas obras póstumas de Maurice Merleau-Ponty. Para tanto, analisamos as obras “O visível e o invisível”, publicada em 1964; e “Être et chair – du corps au désir: l’habilitation ontologique de la chair” publicada em 2015 pelo também filósofo francês, pesquisador da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty, Emmanuel de Saint-Aubert. O inconsciente é, então, compreendido em termos não-dicotômicos, quer dizer, não configurando uma parte da experiência do sujeito que está separada da “consciência”; e sim como um fenômeno humano único que ocorre a nível do pré-reflexivo, na relação de quiasma entre o homem e o mundo, que formam, segundo o pensamento merleau-pontiano, um estofo comum. O conceito de carne é uma evolução da ideia de intercorporalidade desenvolvida em um primeiro momento do pensamento de Merleau-Ponty; em seus escritos póstumos, a relação entre o homem/mundo é apresentada como uma experiência antes de qualquer reflexão acerca de suas vivências, configurando um campo (ou estofo comum) inconsciente onde tudo está entrelaçado. Outra noção desenvolvida neste último momento do pensamento merleau-pontiano é a de promiscuidade, que está ligada à intersubjetividade, ao entrelaçamento do eu com outrem e com o mundo, à intersubjetividade. O inconsciente se estrutura também através desta relação e desta coexistência, da promiscuidade ambiental e existencial.

Palavras-chave: inconsciente; fenomenologia; merleau-ponty.

Juliana Ribeiro de Paiva

Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, participante do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO). Bolsista Funcap.
Endereço Eletrônico: juliana.ribeiro.paiva@hotmail.com

Virginia Moreira

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.
Coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO).
:

5.10. A POSSIBILIDADE DE UMA DASEINANÁLISE COMO UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Katyana Martins Weyh (UNIOESTE)

O presente trabalho tem como ambiência temática a *Daseinanálise*, tal como proposta pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) e pelo psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990). Em nossa comunicação, desejamos colocar o seguinte problema: em que medida é possível uma *Daseinanálise* como uma psicologia fenomenológico-existencial que não arrole consigo a ideia de psiquismo? A fim de responder tal problema, recorreremos, especialmente, às obras *Ser e Tempo* e *Seminários de Zollikon*. Como nosso título indica, o tema é a possibilidade de uma *Daseinanálise* (*Daseinanalyse*) a partir de uma analítica existencial (*Daseinanalytik*). Com esse, temos o objetivo mais primordial de compreender como – por meio da fenomenologia existencial de Heidegger – uma “psicologia” do ser-aí se faria possível. Para que possamos, entretanto, investigar e compreender esse pensamento, precisamos, antes, estar a par de alguns conceitos-chave que permitem apresentar o que Heidegger pretende com sua “ontologia fundamental”. Este projeto filosófico, desenvolvido no âmbito da obra *Ser e Tempo*, apresenta o ser-aí (*Dasein*), como o modo de ser do ente que nós mesmos somos, caracterizando, assim, o fenômeno humano de modo totalmente diverso da tradição metafísica. Pretendemos, além disso, definir especificamente o projeto da ontologia fundamental e seu subprojeto: “analítica existencial”. Como ainda se mostrará, no domínio de *Ser e Tempo*, Heidegger propõe sua ontologia fundamental em contraposição à ontologia tradicional e, com isso, apresenta sua crítica à metafísica e às ciências positivas, principalmente a antropologia, a psicologia e a biologia. Essa crítica volta-se sobre a maneira de como a tradição olhou para o fenômeno humano, que, de modo equivocado, atribuiu-lhe a condição de um ente simplesmente dado, em uma atitude francamente determinista, que repercute tanto na abordagem antropológica (*antropos*), psicológica (*psique*) e biológica (*bios*). A partir das críticas de Heidegger, o presente trabalho tem a intenção de mostrar como é possível compreender o ser-aí, desde sua abertura de mundo, como um ente privilegiado, que compreende ser e interroga pelo seu sentido. A crítica de Heidegger nos permite perceber que o equívoco da tradição foi analisar (*Analyse*) o ser-aí de modo ôntico, como os entes simplesmente dados. Depois de feita uma desconstrução, o filósofo nos mostra que é possível “analisar” o ser-aí de modo diferenciado, sem o equiparar aos demais entes, como foi feito até então e a essa análise, Heidegger denomina *Daseinanálise* (*Daseinsanalyse*). Portanto, concluímos que, para Heidegger, a *Daseinanálise* é uma descrição de um ser-aí singular frente ao exercício da analítica existencial. Assim, para que uma *Daseinanálise* clínica seja pautada na análise ontológica do ser-aí, é necessário que se faça o exercício da análise através de uma psicologia sem psiquismo, ou seja, sem pressupostos deterministas, subjetivistas e substancialistas.

Palavras-chave: Heidegger; *Ser-aí*; Analítica Existencial; *Daseinanálise*.

Katyana Martins Weyh

Graduação em psicologia pela Faculdade Anhanguera Educacional; Graduação em licenciatura em filosofia pela UNIOESTE – PR; Mestranda em filosofia pela UNIOESTE – PR – Metafísica e conhecimento.

Endereço Eletrônico: katian.na@hotmail.com

5.11. A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite (UNIFAVIP)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Este trabalho apresenta um recorte de uma tese de doutorado que objetivou problematizar a prática psicológica com famílias encontradas em “serviços” de clínicas-escola de Pernambuco. Para tanto, foi realizada a análise de 80 prontuários e das narrativas de três professores-supervisores, uma técnica de psicologia e 16 alunos da graduação de dois cursos de Psicologia. Enquanto recurso metodológico recorreu-se a entrevista-narrativa, realizada, individualmente, com os supervisores e a técnica e, em grupo, no formato de rodas de conversa, realizadas com os alunos. Como postura epistemológica para interrogar esse fenômeno, optou-se pela hermenêutica filosófica, assim como enunciada por Gadamer, e, como pressupostos, a Analítica Existencial de Heidegger e a Hermenêutica Filosófica de Gadamer. O caminho assumido apontou para a insuficiência das premissas teórico-explicativas – prescritivas e normativas -, constitutivas das teorias psicológicas clássicas, para compreender as demandas que se revelam na situação clínica da prática psicológica com famílias. Nesse sentido, mesmo reconhecendo a impossibilidade da aplicação dos pressupostos ontológicos da Analítica da Existência para a dimensão ôntica da situação clínica, a questão de tese foi formulada da seguinte forma: quais possibilidades para a prática psicológica com famílias se revelam a partir de uma aproximação com os pressupostos extrapsicológicos de uma hermenêutica existencial, tal como pensada por Heidegger e seu discípulo Gadamer? E mais ainda: Como tais pressupostos podem fecundar a clínica psicológica, principalmente, com famílias, sem, todavia, renunciarmos aos compromissos ônticos de “resolução de problemas” que demarcam as especificidades da situação clínica? Com intuito de encaminhar tais interrogações, num primeiro momento, importa reconhecer os horizontes abertos a partir dessa aproximação, assumindo a compreensão do ser do homem enquanto indeterminação e abertura ao ser. Tal compreensão originaria do ser do homem à medida que revela as limitações das concepções substancialistas do ser do homem enquanto interioridade psíquica, “impõe” assumirmos um modo de ser que resguarda a própria dimensão do mistério constitutiva do existir humano. Nessa perspectiva, é possível indicar que a prática psicológica não se reduz a intervenções técnicas previamente definidas e descontextualizadas, mas assume a compreensão originária enquanto práxis, que implica escolhas e ações éticas entre possibilidades. Diz de um “ser-capaz-de-fazer” que se conduz por uma curiosidade originária, que acompanha o próprio movimento fenomênico, resguardando a dimensão do não dito, ou seja, o porvir do que ainda não se mostrou. A partir desse horizonte, a prática psicológica clínica com famílias não deve ser pensada a partir de modelos e técnicas, mas numa aproximação com a experiência. E, nesse sentido, jamais poderá ser “apreendida” por meios de normativas teóricas, mas apenas compreendida a partir da receptividade das singularidades-plurais que se revelam nessa situação clínica. A prática psicológica, a partir desse horizonte, revela-se enquanto um jogo compreensivo que se lança na direção da possibilidade da receptividade e da interpenetração dos diversos horizontes compreensivos dos vários membros da família que participam dessa prática. Constitui-se numa conversação (conversa-ação) que se direciona para a possibilidade de cada membro da família ponderar-se e apropriar-se dos modos como estão-sendo-uns-com-os-outros enquanto família e como estão cuidando de ser si mesmo.

Palavras-Chave: família; ação clínica; atenção psicológica; conversação

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Formação em Psicologia, Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, membro do Laboratório de Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE); Professora do Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP / DEVRV), Psicóloga Clínica. Endereço Eletrônico: daniellesiqueira_psico@hotmail.com

Carmem Lucia Brito Tavares Barreto

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo–USP e Professora adjunta e coordenadora da linha de Pesquisa “Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições” do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, Coordenadora do Laboratório de Clínica Fenomenológica Existencial-LACLIFE, e Coordenadora Geral de Pesquisa da UNICAP.

Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

5.12. A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA ESCOLA: ARTE COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA DISCUSSÃO DE TEMAS FUNDAMENTAIS

Fabíola Freire Saraiva de Melo (PUC/SP)

Raquel Saad de Avila Morales (PUC/SP)

A necessidade de renovação do contexto educacional é uma temática urgente. Esse trabalho apresenta os principais resultados de uma pesquisa intervenção realizada em uma sala de 4º ano de uma escola pública, com o intuito de contribuir com a inovação e com a construção de práticas dialógicas. A violência, as práticas autoritárias e as punições têm sido o modo predominante de resolução de conflitos, visto que estas atitudes estão naturalizadas e legitimadas como modo de enfrentamento da crise na educação. Assim, nos propusemos a inserir práticas pautadas nos princípios do diálogo e da democracia e a investigar, como questão central, de que forma a introdução de práticas dialógicas e democráticas no contexto da sala de aula repercutem nas atitudes dos alunos e da professora. As ações realizadas foram as “assembleias de classe” e atividades que denominamos por “oficinas lúdicas psicoeducativas”. As “assembleias de classe”, ou também denominadas por rodas de conversa, são espaços para discussões de conflitos do contexto escolar em que as questões são debatidas coletivamente e as “oficinas psicoeducativas lúdicas” são atividades que visam por meio de recursos expressivos artísticos possibilitar a expressão de sentimentos, favorecendo a mediação de conflitos e a construção de valores éticos. Nos propusemos a participar do cotidiano escolar por meio de atividades que favorecem a discussão de temas relevantes e que propiciam o desenvolvimento do diálogo e da democracia. Dentre os temas desenvolvidos estão a violência, o racismo ou outras formas de exclusão e preconceitos. Assim, contribuem para a transformação e renovação do contexto escolar e marcam uma atuação crítica da psicologia que busca superar uma atuação patologizante dos problemas escolares que fragmenta ou culpabiliza individualmente as crianças, professores ou pais. A questão central do trabalho refletia sobre de que forma a introdução destas práticas no contexto da sala de aula repercutem nas atitudes dos alunos e da professora. As ações realizadas visaram por meio de recursos expressivos artísticos possibilitar a expressão de sentimentos, favorecendo a mediação de conflitos e a construção de valores éticos. As atividades estavam pautadas nos princípios do método fenomenológico e buscaram ampliar e ressignificar o aprendizado no contexto escolar. Os recursos expressivos artísticos, em suas diversas linguagens, foram utilizados como modo de discutir temáticas centrais, tais como o respeito à diversidade, a cooperação, a empatia e outros temas relacionados aos direitos universais, como, por exemplo, o racismo. Os recursos artísticos utilizados para o trabalho destes temas foram variados, desde técnicas dramáticas inspiradas no teatro do oprimido, literatura e contação de histórias, músicas e ainda, jogos lúdicos e cooperativos. Ao final do trabalho, tanto os alunos, como a professora, ressaltaram diversas mudanças na relação entre as crianças, com a professora e com o espaço da escola, destacando a diminuição da violência, atividades mais cooperativas, maior empatia e mais diálogo no modo de resolver conflitos.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica; escola; assembleias de classe; oficinas lúdicas psicoeducativas; arte.

Fabíola Freire Saraiva de Melo

Psicóloga, pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Lisboa, mestrado e doutorado em Psicologia da educação pela PUC/SP, professora do curso de Psicologia da PUC/SP, coordenadora do núcleo de educação desta universidade.

Endereço Eletrônico: ffmelo@puc.sp.br.

Raquel Saad de Avila Morales

Formada em Artes Cênicas pela USP. Trabalha como arte-educadora e estuda psicologia na PUC/SP. Aluna premiada pelo 25º Encontro de Iniciação Científica da PUC/SP (financiado pelo Pibic-CEPE) e pela Fundação Aníela e Tadeusz Ginsberg (Prêmio TÉIA) com o presente projeto.

Endereço Eletrônico: raquelmorales88@hotmail.com.

5.13. A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA NO TRATAMENTO DO PACIENTE GRAVE, CONTRIBUIÇÕES DE BINSWANGER E CALLIERI

Andrés Eduardo Aguirre Antunéz (USP)

José Tomás Ossa Acharán (USP)

A obra do suíço Ludwig Binswanger (1881-1996) é fonte de inspiração para a tradição em psicopatologia fenomenológica, sendo um dos pioneiros na introdução de uma nova forma de compreender a psicopatologia, através da proposta de uma antropologia filosófica, que não visa uma análise teórica do distúrbio mental, mas o encontro com a singularidade do sofrimento humano. Binswanger considera o ser humano como uma existência em sua história de vida e não cinde a dimensão psíquica da corporal. Enfatiza as características singulares do paciente para uma compreensão dinâmica e viva da pessoa. Com esta abordagem da psicopatologia fenomenológica, o fenômeno psicopatológico jamais é visto isoladamente e sua essência está relacionada à manifestação de cada paciente em relação a alguém. A partir da psicopatologia fenomenológica de Binswanger, o italiano Bruno Callieri (1923-2012) lança nova luz sobre modalidades de fazer experiência, inclusive algumas tradicionalmente psicopatológicas. Desta forma, Callieri reforça a ideia, de que a antropologia fenomenológica constitui uma indispensável premissa para toda forma de psiquiatria que se interesse pelo ser humano em seu mundo. Revisita a psicopatologia clínica em termos da experiência inter-humana e permite aproximar-se não mais ao caso de esquizofrenia, objetivado em sintomas ou em mecanismos de defesa, descritos e tomados como fenômeno natural, mas à presença psicótica como eventualidade ou modalidade pessoal, como ameaça imanente ao ser-humano. Callieri focaliza a essência do fenômeno relacional, e não só atenta para os casos patológicos, mas chega a eles através de um processo que resguarda a constituição de mundo de cada pessoa. A orientação da psicopatologia fenomenológica procura abordar a doença mental não como uma disfunção da mente, mas como um diverso modo de manifestar-se, em determinados indivíduos, daquelas figuras universais do homem, como o espaço, o tempo, a coexistência do mundo em que todos habitamos segundo os cânones compartilhados que, em seu conjunto, constituem o fenômeno originário, que costumamos chamar de cultura. Apresentaremos uma reflexão do último escrito de Callieri, intitulado: *A antropologia do encontro interpessoal - ambiguidade e ambivalência em psicopatologia*, publicado na Itália no livro *Persona, Logos, Relazione - Una fenomenologia plurale*, Città Nuova, 2011. Assim, passar para o estudo de uma terapêutica psicológica ligada à pessoa, à relação, à reciprocidade, à solidariedade, ao nós do encontro, tão incapacitado em diversos quadros psicopatológicos é o intuito de nosso trabalho, de modo a trazer questões da pertença e reciprocidade e suas falhas ao campo da clínica.

Palavras-chave: psicopatologia fenomenológica; psicoterapia; sofrimento humano.

Andrés Eduardo Aguirre Antunéz

Professor Livre-Docente em Psicologia Clínica e Vice-Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Endereço Eletrônico: antunez@usp.br

José Tomás Ossa Acharán

Doutorando em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da USP, no programa de pós-graduação em Psicologia Clínica, bolsista CAPES e membro do grupo de pesquisas PROSOPON. Possui Mestrado em Psicologia Clínica e Graduação em Psicologia pelo ISPA – Instituto Universitário (Lisboa).

Endereço Eletrônico: joseto.ossa@gmail.com.

5.14. A PSICOTERAPIA DE GRUPO NO PROCESSO DA ADAPTAÇÃO ACADÊMICA: UM ENFOQUE EXISTENCIAL

Carla Cristine Vicente

Daiane Bocard do Couto (UFRRJ)

Esse estudo teve foco na adaptação acadêmica, buscando criar e oferecer um espaço de reflexão através da psicoterapia de grupo para jovens estudantes no primeiro ano da universidade. Ao ingressarem no ensino superior os estudantes se deparam com um ambiente social diferente dos que estavam acostumados, ao mesmo tempo em que passam pela tarefa existencial de tornar-se adulto e ter seus graus de liberdade ampliados. As novas regras, pessoas e situações como: o novo contexto acadêmico, a possível saída da casa dos pais, o aumento de responsabilidade e decisões e a administração de suas finanças são causadoras de angústia que podem gerar crises e dificuldades de adaptação ao calouro. Para que o indivíduo consiga desenvolver seu potencial no novo ambiente, se faz necessário uma fase intermediária, conhecida como “adaptação”. O processo de adaptação é construído de forma particular por cada pessoa, apesar de que o estabelecimento do grupo como recurso terapêutico pode auxiliar o estudante a fazer contato com conteúdos internos, comportamentos, papéis sociais, expectativas em relação à universidade e percepções diante das dificuldades na convivência com outros colegas e professores. Foi realizado um estudo fenomenológico participativo através da constituição de um grupo de psicoterapia orientada pela abordagem Fenomenológica Existencial Humanista. O objetivo foi promover reflexões e possibilitar mudança na autopercepção dos estudantes em relação ao próprio processo de adaptação à universidade. Participaram 12 estudantes, com idades entre 18 e 25 anos, do 1º ano do curso de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, escolhidos aleatoriamente dentre um grupo de voluntários. Os participantes frequentaram semanalmente 8 sessões um grupo de psicoterapia organizado especificamente para este fim. O projeto desse estudo foi aprovado pelo comitê de ética da UFRRJ. Após a participação na psicoterapia de grupo, os participantes relataram se perceber mais adaptados ao contexto da universidade, destacando que no âmbito do crescimento pessoal e das habilidades sociais sentiam-se com maior desenvoltura, apesar de também pontuarem êxito do que no que diz respeito a satisfação com a carreira, ao estudo e as normas da instituição. Consideramos que houve uma ampliação da consciência de si e da necessária responsabilidade pelas escolhas a serem feitas rumo ao projeto de adaptação. Estes estudantes se viram, de repente, em situação de liberdade, encarada como uma conquista que os assustou. Eles temeram correr o risco de escolher errado, pois tinham a falsa crença de que poderiam fugir ao encargo de fazer suas escolhas. No decorrer do grupo psicoterapêutico perceberam que na filosofia existencial, a norma de vida é o risco. É imperioso para o indivíduo ariscar-se o tempo todo para construir seu projeto de vida, sem a certeza de seus resultados. Afinal, o homem é o que se projeta ser e não existe antes desse projeto. A partir dessa compreensão, a própria ideia de adaptar-se se amplia, pelo reconhecimento de que se está o tempo todo se projetando no mundo, através de escolhas entre opções disponíveis.

Palavras-chaves: Adaptação; psicoterapia; existencialismo.

Daiane Bocard do Couto

Psicóloga – graduada pela UFRRJ

Endereço Eletrônico: daianebokrdy@hotmail.com

Carla Cristine Vicente

Psicóloga, Professora Doutora da UFRRJ

Endereço Eletrônico: carlavicent@gmail.com.br

5.15. A VIVÊNCIA DA PSICOTERAPIA DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS

Luís Henrique Fuck Michel(UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

O presente estudo teve por objetivo compreender a vivência de mães enlutadas da psicoterapia. O delineamento desse objetivo se deu após o pesquisador ter tido a oportunidade de acompanhar as reuniões de um grupo de ajuda mútua para enlutados que se reúne semanalmente nas dependências da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O grupo, intitulado “Amigos Solidários na Dor do Luto” (ASDL), foi criado e é coordenado pela comunidade leiga, sendo composto em sua maioria por mães que perderam seus filhos. A partir da experiência de acompanhamento do ASDL, notou-se na fala das participantes a existência de uma demanda por profissionais mais sensíveis e preparados para lidar com situações de enlutamento. Além da questão do despreparo e da insensibilidade apontada pelos membros deste grupo, existe ainda um descrédito em relação às instâncias que antes assumiam a função de amparar o indivíduo em sua reintegração à vida social após a perda de um ente querido, tais como a família e a religião. Ao mesmo tempo, a literatura aponta que enlutados recorrem frequentemente à psicoterapia após perdas significativas. A escolha por abordar especificamente a vivência de psicoterapia de mães que perderam seus filhos ocorreu devido à proeminência de mães enlutadas no grupo de apoio mútuo acompanhado pelo pesquisador. O luto materno é compreendido, nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva existencial. Nesta perspectiva, ele é compreendido como um fenômeno que emerge do rompimento de uma relação partilhada entre mãe e filho, com a supressão abrupta da corporeidade desse filho. A descrição da vivência que mães enlutadas tiveram de seus processos psicoterápicos foi alcançada por meio do método fenomenológico. Foram recrutadas quatro mães (participantes do grupo ASDL) que realizaram um processo psicoterápico após a perda de seus filhos. Elas foram entrevistadas individualmente, respondendo a mesma pergunta disparadora: “Você pode relatar a vivência de seu processo terapêutico durante o luto?”. Para a análise dos dados, foram seguidos os quatro passos metodológicos desenvolvidos por Giorgi. A análise das entrevistas permitiu que se chegasse a uma descrição da estrutura geral da experiência vivida das participantes. Essa estrutura é composta por 19 elementos constituintes que foram divididos em três eixos temáticos. O primeiro eixo (relação terapeuta-paciente) contemplou os seguintes elementos: sentir dificuldade inicial para falar, sentir-se acolhida, sentir-se escutada, sentir-se respeitada, sentir-se compreendida, raiva do psicoterapeuta. O segundo eixo (possibilidades que emergem da relação psicoterápica) abrangeu os elementos: falar sem reservas, expressar sofrimento, sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto, revelar o sentimento de culpa, poder se queixar dos familiares. Finalmente, o terceiro eixo (ressignificação) abarcou os elementos: perceber novas possibilidades, alcançar autocompreensão, aceitar a morte, deixar de culpar os outros pela morte do filho, aceitar o modo dos outros lidarem com o luto, sentir-se fortalecida, sentir-se melhor fisicamente, retomar a vida. Com este estudo, foi possível concluir que a vivência de mães enlutadas da psicoterapia é a vivência de uma relação particular que, quando contempla determinadas experiências, pode propiciar a abertura de possibilidades de novos sentidos.

Palavras-chave: Luto materno; Psicoterapia; Psicologia fenomenológico-existencial.

Luís Henrique Fuck Michel

Psicólogo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestrando em Psicologia Clínica pela mesma universidade com bolsa CAPES.

Endereço Eletrônico: luis.hfmichel@gmail.com.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB) e docente do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Endereço Eletrônico: joanneliese@gmail.com.

5.16. ACOLHIMENTO NO LUTO ANTECIPATÓRIO: UMA COMPREENSÃO DASEINSANALÍTICA DE MEDARD BOSS

Bruna Sena Gaino (IFEN-RJ)

Candido Jeronimo Flauzino (USP)

Este estudo teve por objetivo compreender o sentido do luto antecipatório de uma analisanda diante da possibilidade de perda do pai. Utilizando a daseinsanálise de Medard Boss buscou-se o sentido da experiência norteado pela pergunta: “*O que é o luto antecipatório diante da possibilidade de perda do pai?*”. Em vista da valorização atual da produtividade, beleza, limpeza e longevidade, o sofrimento pela morte ou iminência de morte de alguém parece encontrar espaço de diálogo e acolhimento somente no especialista e, diante desta falta de espaço no cotidiano para o sofrimento, buscou-se a compreensão do sentido de uma experiência de luto antecipatório. Para este estudo foram realizadas transcrições de trechos de vinte e cinco sessões gravadas mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pelas quais a analisanda verbaliza a sua vivência do luto antecipatório. Para compreensão do processo de luto antecipatório e estruturação desta experiência, realizou-se uma análise do discurso clínico pautada no método fenomenológico em articulação com problematizações das sedimentações contemporâneas diante do medo da morte, cuidado, adoecimento na família e o modo próprio de lidar da analisanda com a possibilidade de perda do pai, além de sua relação consigo mesma. Com a análise de trechos destas sessões, verificou-se que a daseinsanálise possibilitou à analisanda um espaço de acolhimento no qual foi permitido falar de sofrimento, medo e ansiedade no caminhar da compreensão dos sentidos desta experiência. A partir da descrição de suas vivências, foi possível compreender que o luto antecipatório é a experiência de angústia diante da iminência de perda do pai e uma possibilidade da presença no desvelamento de sua própria condição de ser-para-a-morte diante da finitude do outro. Este desvelamento abre a possibilidade de poder ser mais próprio atualizando significados e relações. O espaço de acolhimento de angústia é aproximação, vínculo e confiança, este amparo pela compreensão, acolhimento e amor está em falta em nosso horizonte hermenêutico que valoriza superações e resoluções para retomada da produtividade. Por fim, o estudo aponta a necessidade do resgate de encontros pessoais munidos de escuta e acolhimento diante da possibilidade de rompimento afetivo e de novas relações de cuidado a pessoas enlutadas.

Palavras-chave: Luto antecipatório; Finitude; Adoecimento familiar; Acolhimento.

Bruna Sena Gaino

Psicóloga graduada pela UMESP e Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN-RJ.

Endereço Eletrônico: brunasenagaino@gmail.com.

Candido Jeronimo Flauzino

Psicólogo graduado pela UMESP, Especialista em Psicologia Hospitalar pela UNISA e Mestre e Doutorando em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela USP.

Endereço Eletrônico: candidoj.f@bol.com.br

5.17. ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO DE GRUPO E A PSICOPATOLOGIA FENÔMENO-ESTRUTURAL: UM ESTUDO DE CASO

Demétrius Alves de França (IFB)

O acompanhamento terapêutico (AT) surgiu como prática de cuidado na saúde mental submetida a outros saberes como psiquiatria, psicologia e psicanálise. O AT evoluiu ao longo das últimas décadas como clínica e oferece hoje um cuidado alternativo das práticas convencionais de consultório e instituições (hospital, escola, etc). O manejo profissional adaptado e integrado às condições do *setting* clínico peripatético proporciona situações únicas e riquíssimas que facilitam a ocorrência do evento terapêutico por parte do paciente. O AT articulado através da psicopatologia fenômeno-estrutural apresenta-se como resposta viável às demandas do trabalho terapêutico na busca da compreensão da experiência vivida do paciente e seus sintomas, em detrimento da convencional psicopatologia meramente descritiva que limita-se a enumerar e descrever sintomas. Este estudo de caso realizado com pacientes crônicos (diagnósticos de esquizofrenia, transtorno de humor, etc) residentes em instituição psiquiátrica propõe o acompanhamento terapêutico de grupo (ATG), pouco debatido na academia, como alternativa para facilitar/gerar as condições de intensificar e/ou provocar a retomada do contato vital com a realidade por parte dos integrantes do grupo. A intervenção realizada duas vezes por semana durante quatro meses buscou identificar a evolução clínica a partir do incremento ou não da retenção do afeto/contato da experiência vivida do tempo e/ou espaço por parte dos participantes. Os dados fenomenológicos foram obtidos a partir do registro da experiência vivida do pesquisador em constante diálogo com as pessoas presentes, pacientes e acompanhantes terapêuticos do grupo, com o intuito de identificar outras perspectivas sobre o mesmo evento. Ao apresentar a experiência vivida compartilhada de um paciente com o acompanhante terapêutico, ambos inseridos no contexto do *setting* terapêutico peripatético em grupo, foi possível ilustrar a importância da transferência no processo terapêutico de facilitar o incremento do afeto/contato com a realidade. Diante da situação extrema de uma crise heteroagressiva, o manejo profissional permitiu estabelecer e fortalecer a relação transferencial, elemento dinamizador da vivência do afeto/contato com o tempo e espaço por parte do paciente que gradualmente mudou sua forma de se comunicar com o terapeuta e outros participantes (paciente e acompanhantes terapêuticos). Simultaneamente a este processo individual entre outros, o grupo também apresentou evolução desde o momento inicial representado na baixa participação das atividades para uma crescente adesão, de pacientes que não apenas passaram a propor locais para passeio, como aumentaram visivelmente as relações dentro do grupo. Para além dos resultados terapêuticos obtidos através da aplicação de um método flexível, desenvolvido para facilitar o cuidado e a compreensão de pessoas vivas, as relações desenvolvidas neste projeto geraram um interessante efeito colateral, sensibilizando profissionais da instituição que testemunharam a intervenção durante a rotina de seus trabalhos, descobrindo curiosidades sobre seus pacientes e suas possibilidades positivas a partir do estabelecimento de uma relação terapêutica.

Palavras-chave: transferência; psicopatologia fenômeno-estrutural; acompanhamento terapêutico; acompanhamento terapêutico de grupo.

Demétrius Alves de França

Psicólogo com doutorado em psicologia e atua como professor pelo Instituto Federal de Brasília.

Endereço Eletrônico: demetrius.franca@ifb.edu.br

5.18. ACONTECÊNCIA HUMANA: REFLEXÕES SOBRE O MODO DE SER-PARA-INÍCIO

Marcelo Sodelli (PUC-SP)

Priscilla Andrea Glaser (Anhanguera Educacional)

O diálogo entre a Psicologia e a Fenomenologia vem se constituindo como contraponto ao pensamento positivista, nos despertando para o exercício da reflexão meditativa. Na Psicologia, este diálogo praticamente restringe-se ao existir humano adulto. A presente comunicação está balizada na dissertação de mestrado realizada por um dos autores deste trabalho. Assim, partindo do ser-aí (adulto) e suas condições ontológicas fundamentais apresentadas por Heidegger, este trabalho desenvolve novas possibilidades compreensivas do ser bebê. O ser-bebê é compreendido como acontecente e, que, já no seu primeiro respirar tem que assumir a tarefa ontológica de cuidar do seu existir. Cuidando do existir, o bebê pode vir-a-ser um existente para si mesmo. Nesta trama existencial a relação ser-com-os-outros é fundamental; todo ser humano precisa necessariamente acontecer junto aos outros seres humanos, pois só assim poderá se tornar um *humanitas*. Sobre o modo de cuidar do bebê, cabe detalhar alguns cuidados cruciais, dos quais o bebê depende, e características de como eles têm que ser despendidos: um ambiente estável, constante e simples; atendimento às necessidades do bebê, por inúmeras vezes, no tempo dele; e um cuidador “vivo” (e se manter um mesmo cuidador ou poucos cuidadores, evitando grandes alternâncias de pessoas que assistam ao bebê). Por conseguinte, o bebê vai sendo temporalizado por meio da repetição de experiências, de modo que o mundo se mostre, numa dada maneira, previsível ao bebê, e por isso, confiável. Neste momento da trajetória existencial do bebê algum sentido de realidade (de mundo e de si mesmo) e de uma história pessoal já puderam, então, ser constituídos. O que sabemos é que esse sentido de realidade nunca chega ao estado em que se encontra totalmente acabado, justamente por conta do ser do homem se manifestar no tempo. A fenomenologia concebe o acontecer do bebê fundamentado na visão de homem como um ser temporal, e que nesse acontecer é que o homem pode vir a se ganhar como um si-mesmo, ao seu modo de ser. Então, mesmo sido falado, nesse trabalho, sobre a essencialidade do contato do bebê com outros seres humanos e, principalmente, sobre os modos como o bebê é cuidado para que ele possa se tornar um si-mesmo, é de suma importância, aqui, complementar, que todo homem é também constituído, afetado, pelo seu futuro, que é indeterminado. Os entes se manifestam no horizonte do tempo (e não do intelecto), se mostrando e se ocultando, revelando a provisoriidade do ser dos homens e das coisas. Forçoso é compreender que o ser-bebê inaugura a tarefa fundamental que atravessa toda a existência humana e que nenhum Dasein em vida pode recusar: a tarefa de ter que cuidar e dar sentido para o próprio existir no mundo que é o seu.

Palavras-chave: Acontecência humana – Bebê – Fenomenologia - Ser-para-início- Temporalidade.

Marcelo Sodelli

Doutor em Psicologia (PUC-SP), docente do curso de Psicologia da PUC-SP
Endereço Eletrônico: msodelli@pucsp.br

Priscilla Andrea Glaser

Mestre em Psicologia (PUC-SP), docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Educacional.
Endereço Eletrônico: priscillaglaser@gmail.com

5.19. AMBULATÓRIO DE OBSTETRÍCIA: ACOLHIMENTO ÀS GESTANTES ±ESPAÇO DE DIÁLOGO E REFLEXÃO

Andréa Cristina Tavelin Biselli (FPS/IMIP)

A modalidade de prática psicológica e a concepção de clínica estão sendo alvo de estudos e pesquisas, privilegiando a articulação destas com o social e o institucional. A compreensão de prática psicológica, no presente estudo, privilegia o sentido originário de prática enquanto práxis do grego *prassein* - passar através, e se constitui em uma ação voluntária com decisões éticas. Esforça-se, por manter contato estreito com a experiência do cliente e assume a atitude fenomenológica como aderência e abertura ao fenômeno na sua singularidade. A ação clínica é tomada enquanto um modo próprio do cuidado, no qual o psicólogo se disponibiliza para acompanhar o seu cliente num processo de ampliação e tematização de suas experiências, compreensões e demandas. Este estudo objetivou relatar a experiência como psicóloga realizando o acolhimento às gestantes no ambulatório de obstetrícia de um hospital de referência da cidade do Recife – PE. Os encontros de acolhimento realizados com a psicologia aconteceram todas as terças-feiras pela manhã, na sala educativa do ambulatório, após a palestra sobre aleitamento materno. O número de participantes foi variável, entre doze e quinze gestantes. Elas se apresentaram, compartilharam o tempo de gestação e foram convidadas a responder à pergunta disparadora: como vocês estão vivenciando a espera do bebê? A partir das narrativas surgiu a demanda do grupo. Como recurso para refletir sobre a demanda apresentada, utilizou-se a leitura de uma história infantil que abordava a temática desvelada. Dialogou-se sobre a história possibilitando às participantes refletir sobre tal conteúdo e a demanda trazida. Pode-se concluir que o acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa uma ação de aproximação. Como diretriz da Política Nacional de Humanização é um regime de afetabilidade construído a cada encontro e por meio dos encontros, que se produz, portanto, na construção de redes de conversações afirmadoras de relações de potência nos processos de produção de saúde. As histórias convidam a perceber particularidades do modo-de-ser humano, elas abrem os caminhos através de metáforas que desenham os modos de ver e pensar a realidade. Assim, recurso da contação de histórias possibilitou abordar temas dolorosos e de mobilização emocional com mais leveza. Convidar as ouvintes a tornarem-se interlocutoras, contribuindo com sua imaginação e elaboração do significado do que foi contado, facilitou colocar em movimento outros modos de estar e se relacionar com o mundo e com os outros mais próprios, menos gerenciados pelo público.

Palavras-chave: acolhimento; gestantes; contação de história; ação clínica; fenomenologia existencial.

Andréa Cristina Tavelin Biselli

Psicóloga graduada pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2010). Possui Mestrado em Psicologia Clínica pela mesma instituição (2013). Doutoranda em Psicologia Clínica - UNICAP (2017-2021). Tutora do quarto período e da Oficina de Trabalho: Humanização em saúde (2º. Período) do curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS. Participa do Projeto de Extensão Palavra Mágica, da FPS, como tutora e preceptora. Psicóloga do IMIP - Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (Ambulatório de Psicologia e Brinquedoteca) - Supervisora das psicólogas residentes do Programa de Residências Multiprofissionais em Saúde do Idoso e Cuidados Paliativos. Supervisora e Preceptora no ambulatório de Psicologia do IMIP de

estagiários e residentes do Programa de Residência Uniprofissional onde desenvolve trabalho com grupos terapêuticos (adolescentes, gestantes, adultos e idosos).
Endereço Eletrônico: andreabiselli@globo.com

5.20. ANGÚSTIA E PENSAMENTO: O PROBLEMA DO NADA EM HEIDEGGER E O CAMPO DO CONHECIMENTO

Matheus de Siqueira Talão (IFEN)

Considerar o domínio do irrepresentável no campo do conhecimento pode parecer em primeiro momento algo no mínimo irônico, se não um descaso com a razão e seu intento de exatidão "rigorosa". Porém, se houver um manter-se nessa possibilidade de relação entre tal domínio e o próprio pensamento enquanto tal, à saber, o pensar em vigor, há de se mostrar algo outro que não um aparente equívoco. É justamente para restituir o lugar do pensar no campo do conhecimento que Heidegger traz em sua preleção "Que é metafísica" o irrepresentável sob o signo do Nada. No entanto, trazer à tona tal elemento não consiste em inovação alguma, a novidade que o pensamento heideggeriano realmente traz é o modo ao qual o autor aborda o nada: considerando-o a partir da diferença ontológica entre ente e ser. O nada enquanto negatividade se apresenta no pensamento do autor como não-ente, diferindo do pensamento da tradição que o abarca enquanto não-ser. É na direção desse esclarecimento que esse trabalho se situa. Para tal, visa-se percorrer quatro momentos: em primeiro se buscará tornar evidente o caráter de irrepresentabilidade da negatividade; em seguida descrever o modo de lida da tradição do pensamento ocidental a respeito da negatividade culminando na apropriação humanista do negativo; por conseguinte apresentar a visada heideggeriana sobre o nada a partir de sua proposta da diferença ontológica e, por fim, demonstrar as possibilidades de reverberação da proposta heideggeriana do nada no campo do conhecimento enquanto esteio de elaboração do fazer das ciências. Em suma, esse trabalho possui como objetivo demonstrar a possibilidade de recondução originária do pensar legada por Heidegger. E demonstrar a possibilidade de recondução originária do pensar aqui significa elucidar o que antecede o "como" de tal exercício, ou seja, a condição que permite o exercício do pensar, proposta aqui como o não-ente, que nos domínios do conhecimento pode ser expresso como não-saber, que lança aquele que é conhecedor, envolto em um saber estruturado ao modo do simplesmente dado, em uma condição de ter de pensar, de manter-se no pensar. Assim sendo, ter de pensar e ter de ser não se mostram como situações tão afastadas. O nada vincula angústia e pensamento.

Palavras-chave: Nada; Diferença Ontológica; Pensamento; Heidegger.

Matheus de Siqueira Talão

Psicólogo formado pela Universidade Veiga de Almeida. Atualmente cursando formação em Psicologia fenomenológico-existencial no Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro – IFEN.

Endereço Eletrônico: siqueira.matt@gmail.com / matheusdsqr@gmail.com

5.21. A QUESTÃO DO FEMININO EM EDITH STEIN: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO

Élida Francisca Leal Guimarães (UFU)

Tommy Akira Goto (UFU)

O presente estudo refere-se à contribuição de Edith Stein (1891-1942), filósofa e discípula de Edmund Husserl (1859-1938), a respeito da discussão sobre as diferenças entre o feminino e o masculino, e mais especificamente a respeito da mulher, do feminino e suas questões na contemporaneidade. Além de suas significativas contribuições filosófico-antropológicas sobre o tema, até então pouco difundido e discutido no ambiente filosófico e psicológico brasileiro, Edith Stein por meio de sua história e trajetória de vida, também abordou a questão do feminino com profundidade. Esteve, além disso, à frente do seu tempo, tornando-se uma filósofa pioneira em atividades docentes até então majoritariamente masculinas. A partir daí foi uma defensora obstinada dos direitos humanos e da presença das mulheres em sua época, experienciando diretamente os reflexos da sociedade “machista” de seu contexto, promovendo assim ricas investigações acerca do feminino. Edith Stein, para além da filosofia, vivenciou também com grande afinco uma vida religiosa da qual relatou e descreveu experiências que discutem sobre a essência da mulher, sugeridos pela pensadora numa perspectiva de complementaridade. Com este trabalho objetiva-se explicitar as reflexões a respeito das investigações fenomenológicas de Edith Stein acerca da alma feminina, a partir do método fenomenológico desenvolvido por Edmund Husserl. Para esse estudo foram utilizados escritos fundamentais unificados na obra: “A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça”, organizado com diversas conferências em que a filósofa expôs suas reflexões sobre o ser-mulher/ser-homem. Em sua análise, Stein desenvolveu uma “antropologia dual”, tal como denominou a filósofa italiana Ângela Ales Bello (2009), procurando destacar a especificidade do feminino e do masculino, sua complexidade e unidade. Nesse sentido, constata-se que as investigações que Edith Stein realizou ao longo de sua vida acadêmica e pessoal possibilita-nos, ainda hoje, um caminho reflexivo e cuidadoso que contribui para o debate em relação ao feminino e suas diferenças, visando escapar das unilateralidades dos movimentos “machistas” e “feministas”, em prol da “harmonia”. Ela lutou pelos direitos das mulheres, de modo a enfatizar que ambos os gêneros tem suas particularidades, e que essas particularidades deveriam ser respeitadas. Mas que essas especificidades não fossem limitantes em relação, por exemplo, a profissão escolhida. Edith Stein defendia que a mulher poderia ter a profissão que desejasse. Um debate bastante presente na atualidade, onde há um contexto sócio histórico cultural que têm possibilitado um espaço consideravelmente maior que em outras épocas, ao mesmo tempo mais problemático para se discutir sobre essas questões.

Palavras-chave: fenomenologia do gênero; antropologia Dual; harmonia.

Élida Francisca Leal Guimarães:

Graduanda em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço eletrônico: elida-guima@hotmail.com

Tommy Akira Goto

Professor Adjunto III da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), Co-Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE), Membro-colaborador do Circulo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN), Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH).

Endereço eletrônico: prof-tommy@hotmail.com

5.22. ARTES E EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE: MAPEANDO DEMANDAS, PROMOVENDO SAÚDE E CAPACITANDO ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Ana Soares Teixeira Leite(UNIVASF)

Melina de Carvalho Pereira(UNIVASF)

Shirley Macêdo(UNIVASF)

Vanessa Rodrigues Lima (UNIVASF)

Em práticas clínicas para a promoção da saúde, psicólogos têm recorrido a produções artísticas como vias de expressão da subjetividade, já que estas permitem, por meio da linguagem simbólica, transmitir sentimentos, pensamentos e emoções que o discurso lógico/dialético não é capaz de exprimir. Partindo deste princípio, em março de 2016, o projeto de Extensão “Entre Olhares” foi implantado no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço escola da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com o objetivo principal de favorecer mudanças em modos de subjetivação e promoção da saúde para usuários e seus acompanhantes, viabilizando, concomitantemente, o desenvolvimento de competências em estudantes de psicologia para cuidar da clientela atendida. Tem como objetivos específicos: favorecer o autoconhecimento, desenvolvimento de potencialidades e criatividade nos usuários e acompanhantes; diagnosticar demandas emergenciais da comunidade de usuários, colaborando com a instituição na identificação de prioridades de atendimento; desobstruir a lista de espera do CEPPSI; incentivar a produção artística como veículo de comunicação e expressividade entre os diversos participantes do projeto; contribuir com a aprendizagem de técnicas artísticas desses sujeitos; facilitar o desenvolvimento da escuta, da atitude clínica e de ações de cuidado no estudante de Psicologia. O CEPPSI tem avançado em seus fazeres e se tornado uma instituição de referência em práticas psicológicas e ações da rede de atenção psicossocial da região, passando a enfrentar, dentre outros desafios, o aumento considerável de clientela em fila de espera e a grande procura pela psicoterapia individual. Neste sentido, o objetivo do presente relato de experiência é apresentar como vem sendo desenvolvido esse projeto, apontando os ganhos para a comunidade, para o CEPPSI e para os estudantes que dele participam. Estão envolvidos professores, estudantes e profissionais dos Colegiados de Psicologia e Artes Visuais da UNIVASF, além de colaboradores externos e funcionários do CEPPSI. Partindo do contato telefônico com usuários cadastrados no serviço, de acordo com a faixa etária da população a ser acompanhada, dá-se preferência a oficinas em grupos, ao longo de oito encontros semanais de duas horas cada. As atividades são praticadas e supervisionadas num contexto fenomenológico de compartilhamento de sentidos das experiências. Já participaram grupos de crianças, pré-adolescentes, adolescentes e idosos; mas também já houve três acompanhamentos individuais com diferentes faixas etárias. Ao todo, já foram efetivamente contempladas 114 pessoas, em atividades que envolvem pintura em tela, argila e massa de modelar, escultura com sucata, fotografia, produção de maquetes e vídeos e teatro de fantoches. As oficinas de artes proporcionaram novos modos de subjetivação a ponto de favorecerem o autoconhecimento e o desenvolvimento de potencialidades e da criatividade dos participantes. Até o momento, os objetivos do projeto já têm sido alcançados e as pessoas que dele participaram têm avaliado como positiva a experiência, além de que muitas das queixas trazidas pelos clientes foram consideradas amparadas, permitindo significativa desobstrução da lista de espera, sendo possível traçar

prioridades para os próximos atendimentos do serviço. O projeto também tem contribuído na qualificação da escuta e do cuidado nos estudantes e colaboradores que dele participam.

Palavras-chave: psicologia; artes; processos de subjetivação; promoção de saúde; serviço escola.

Ana Soares Leite

Graduanda em Psicologia e bolsista PIBEX 2016/2017 (UNIVASF).

Endereço Eletrônico: anastleite@yahoo.com.

Melina de Carvalho Pereira

Mestre em Psicologia e Psicóloga do CEPPSI/UNIVASF.

Endereço Eletrônico: melinamcp@gmail.com

Shirley Macêdo

Doutora em Psicologia Clínica e Professora Adjunta do Colegiado de Psicologia da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: mvm.shirley@gmail.com.

Vanessa Rodrigues Malheiros Lima

Artista Plástica graduada pela UFMG.

Endereço Eletrônico: vmalheiroslima@gmail.com

5.23. AS FLORES DE PLÁSTICO NÃO MORREM: IMPESSOALIDADE E ANGÚSTIA EM UMA SUPERVISÃO FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Aguinaldo José da Silva Gomes (UNISALESIANO-Lins; UNIP-Bauru)

No intuito de refletir sobre o ensino e aprendizagem da fenomenologia-existencial na prática psicoterápica, o objetivo desse trabalho é apresentar a experiência na supervisão de um caso clínico que, em tempo específico, trata de olhar para o *ai-compartilhado* entre terapeuta e paciente que, ocupando lugar na impessoalidade, se vale da trama forjada nessa relação para se manter. Na condição de quem escuta sem precipitações, me apóio no modo fenomenológico-hermenêutico de Heidegger, considerando que as especificidades de uma supervisão na clínica psicológica existencial podem se valer da atitude compreensiva do supervisor, que acompanha o discurso do terapeuta, a estrutura de sentido que sustenta seu modo de ser-terapeuta naquela relação, possibilitando que isso apareça para ele como compreensão-ação diante das demandas do paciente. Nesse contexto, descrita pelo terapeuta, a paciente trazia perdas importantes como a morte do filho contada por ela como num sobrevôo, o gosto pelas flores artificiais que surgia como fundamento de um discurso descrito na supervisão com ares de definição e razão. Para o terapeuta ela se mostrava certa das coisas que falava e que teria domínio diante de tudo que aconteceu, ele se perguntava por que ela estaria ali, o que procurava. Assim, a relação terapêutica abrigava um jogo em que a paciente parecia ali nutrir uma máscara como proteção diante da angústia que nos faz desabar ante a finitude, o terapeuta ainda buscando a compreensão da fenomenologia-existencial na prática, revelava-se as voltas com o desafio para alcançar um olhar antinatural ainda se defendendo da angústia do “não saber”. Nessa trama, o *ai-compartilhado* revela seu viés de aprisionamento e um pacto silencioso se mostra pela inércia do movimento, cujo habitual aparece como lugar seguro para ambos. Um olhar tardio para a questão da procura e o “não saber” do terapeuta, dar-se-ia conta de que o lugar para se olhar é esse em que ele já está ou que eles, no compartilhamento da relação, já estão, lugar de escape, em que só lhes resta agora a vertigem diante do abismo da indeterminação. Soren Kierkegaard diz que a angústia nos dá a sensação de estarmos ante ao abismo e, ao comparar a angústia com a vertigem, revela que ao nos depararmos com o abismo seria impossível não encará-lo. Fausto de Goethe, aos olhos de Jung, declara que o homem bom decide na razão e não se perde no abismo do além, mas é certo que os fantasmas lhe assombram. É nessa dimensão que um mundo artificial é construído pela paciente sob os escombros de suas perdas e acolhido pelo terapeuta quando o mesmo ainda olha a mesma paisagem, daí acabar-se-ia por tentar escapar da morte como Sísifo, mas feito ele torna-se escravo da própria trama. A propósito de uma reflexão para o espaço criativo da supervisão, considero que os “fantasmas” que são apresentados por Fausto revelem o caminho no assombro da própria escolha da razão e da superficialidade, lugar em que o “não saber” do terapeuta encontra guarida como horizonte sempre aberto para ressignificações no *ai-compartilhado* da relação terapêutica.

Palavras-chave: impessoalidade; angústia; supervisão fenomenológico-existencial.

Aguinaldo José da Silva Gomes

Psicólogo, Mestre em Psicologia/UNESP-Assis, Professor/Supervisor no UNISALESIANO de Lins e UNIP-Bauru.

Endereço Eletrônico: ajsgomes@uol.com.br.

5.24. AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS ± IAA's PARA COMPREENSSÃO DE FENÔMENOS CLÍNICOS E PSICOPATAOLÓGICOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA/DEPS/PPGPSI)

O objetivo do trabalho foi compreender as vivências de idosos institucionalizados por meio do vínculo destes com animais permitindo ao profissional de Psicologia um modo alternativo e inovador de conhecer o modo como os idosos vivenciam seus modos de ser estar no mundo, consigo mesmos e com os outros. As Intervenções Assistidas por Animais – IAA's como campo de conhecimento, estudo, pesquisa e intervenção prática que tem despertado interesse de diferentes categorias profissionais, dentre eles a Psicologia. As IAAs são compostas pela Educação Assistida por Animais – EAA, Atividades Assistidas por Animais – AA e Terapia Assistida por Animais – TAA e se constituem, respeitando o objetivo de cada uma, em um conjunto de intervenções nas quais os animais são os protagonistas da intervenção devendo o psicólogo ou qualquer outro profissional apropriar-se deste vínculo para compreender as vivências dela emergentes. A psiquiatra Nise da Silveira tem sido reconhecida pelo método da emoção de lidar que valoriza a participação de cães e gatos como coterapeutas para o resgate da experiência sensível de pacientes psiquiátricos, negando o tratamento da eletroconvulsoterapia e reconhecendo o afeto catalisador. Nise, tomada por uma atitude fenomenológica, suspendeu pré-julgamentos dos diagnósticos existentes, e reconheceu na arte terapia e no vínculo homem-animal possibilidades terapêuticas. As IAAs privilegiam o bem estar e respeito ao animal como requisito fundamental, evidenciando como o vínculo homem-animal pode contribuir para compreender os modos de existir de idosos. O caráter tecnicista e especista de alguns tipos de intervenções que utilizam fundamentos experimentais para o adestramento animal retiram deles a espontaneidade de seus comportamentos, transformando-os em “recursos” terapêuticos sob o jugo do pensamento matemático e da ética normativa. O resultado das intervenções de cunho voluntário realizadas em 2016 com duas cadelas SRD e, aproximadamente seis idosos residentes em lar de longa permanência, permitiu evidenciar que: a) os idosos participantes foram apresentados espontaneamente às cadelas que viabilizaram o resgate de vivências de alegria, de sofrimento e de memórias envolvendo ou não animais; b) o contato espontâneo com os animais permitiu ao psicólogo conhecer fenômenos clínicos e psicopatológicos, que por meio das IAAs, livre tecnicismo e diagnósticos prévios, possibilitou acessar e conhecer as vivências dos idosos sempre garantidos o respeito e bem-estar do animal. As IAAs possuem caráter pluri, multi e interdisciplinar e devem respeitar a liberdade de atuação dos diferentes profissionais tanto em atividades que busquem avaliar clinicamente o idoso, como intervir para melhoria de sua saúde existencial e física. As IAAs tomadas sob a atitude fenomenológica são uma alternativa as práticas tradicionais de avaliação e intervenção que tomam como base a definição antecipadas de sintomas e critérios de julgamento, negligenciando o caráter sensível do existir que é percebido na relação homem animal.

Palavras-chaves: Intervenções Assistidas por Animais – IAAs; Psicologia Fenomenológica; vivências; idosos institucionalizados; vínculo.

Jean Marlos Pinheiro Borba

Psicólogo, Pós-doutor em Filosofia, Doutor em Psicologia Social. Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia e Departamento de Psicologia Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Endereço Eletrônico: jean.marlos@ufma.br

5.25. AS PESQUISAS QUALITATIVAS HERMENÊUTICAS EM PSICOLOGIA

Marciana Gonçalves de Farinha (UFU)

Sashenka Meza Mosqueira (UNIP)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (UFU)

Este trabalho analisa contribuições da fenomenologia hermenêutica para pesquisas qualitativas em Psicologia, focalizando Whilhem Dilthey e Martin Heidegger. Método: Revisão crítica da literatura, inicialmente apresentando diferenças paradigmáticas entre o pensamento explicativo, que visa estabelecer relações causais e universalizáveis, e o pensamento compreensivo, que visa rearticular fenômenos à totalidade da vida. Posteriormente, analisa contribuições da fenomenologia heideggeriana na renovação do pensamento hermenêutico e suas implicações na pesquisa em psicologia. Discussão: Problematicando o projeto epistemológico do positivismo, fenomenologia e hermenêutica ressaltam o risco de reducionismo do pensamento abstrativo, sendo necessário ressignificar a noção de rigor científico. O pensamento diltheyano emerge como possibilidade de fundamentação das ciências humana, questionando a lógica exclusivamente conceitual em favor da consciência histórica: um fenômeno nunca está isolado, mas correlacionado a todos os aspectos da totalidade experiencial e seu desenrolar, que configuram o tecido mesmo sob o qual se apresenta. A principal crítica a Dilthey refere-se ao risco do relativismo, em que interpretações e reconstruções epocais têm pouca legitimidade para fundamentar o conhecimento. Nesse contexto, a articulação heideggeriana entre hermenêutica e fenomenologia na descrição interpretativa das estruturas ontológicas fundamentais do existir explicita a historicidade do sentido da existência em sua dimensão mais originária. Heidegger elabora conceito de hermenêutica da facticidade e reformula o sentido de compreensão, que deixa de designar um ato de pensamento para referir-se à abertura para o horizonte hermenêutico sedimentado no mundo. Tal proposta compreende a relação entre ser-aí e mundo como desde já tomada por um campo hermeneuticamente sedimentado. Sendo o mundo uma dimensão constitutiva do próprio Dasein em seu caráter de abertura, sempre situado diante de uma totalidade conjuntural, a realidade não se apresenta anterior ao pensamento, mas simultaneamente. Considerações conclusivas: Na hermenêutica fenomenológica, a historicidade não é obscurecimento da verdade, mas concretiza e singulariza a realidade, sendo condição positiva para seu conhecimento. Na pesquisa em psicologia, isso exige posicionar o campo a partir da articulação entre a trama historicamente sedimentada da linguagem e os processos de singularização. Não há ajuste do caso a uma lógica geral anterior, mas articulação da miríade de aspectos de um fenômeno, visando iluminar a trama de significados entre as interfaces de sua totalidade e seu desenrolar. Assim, as descrições desenvolvem-se a partir do campo de mostração das experiências, em que o fenômeno singular encontra-se correlacionado a todos os aspectos em que se apresenta no mundo, desconstruindo a noção de sujeito individual privatizado e reconhecendo diversas dimensões transdisciplinares. O processo de pesquisa coloca em questão os lugares sociais em jogo naqueles e naquilo que se conhece, atrelados ao próprio processo de conhecer, que se perfaz no plural – nas possibilidades interpretativas e nos processos de desvelamento apenas possíveis pelo entrecruzamento de olhares. A metodologia hermenêutica em psicologia implica reconhecer que o exercício interpretativo ocorre sobre as experiências continuamente reconstruídas e reinterpretadas e reconduz o olhar, compreendendo a vida psíquica não a partir de uma linguagem extrínseca, mas a partir do nexos total de sua apresentação, com suas tonalidades, caminhos de facilitação, articulações históricas e culturais... enfim, sua paisagem.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Pesquisa Qualitativa; Psicologia.

Marciana Gonçalves de Farinha

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia.
Endereço Eletrônico: mgfarinha@hotmail.com.

Sashenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Paulista.
Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia.
Endereço Eletrônico: tatibmb@gmail.com.

5.26. \$5(66211&,\$2352-(72352-29(0'1667Ç1&,\$ DO ADOLESCENTE

Gabriel Felipe Justino (USC)

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE-SP)

Marlene Marchi de Sousa (USC)

Esse estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa fenomenológica desenvolvida no Curso de Especialização em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial da Universidade Sagrado Coração, Bauru-SP, em parceria com a SOBRAPHE SP. O objetivo desse estudo consistiu em investigar as ressonâncias que o “Projeto Projovem” produz na existência dos adolescentes, mediante a compreensão das maneiras como esses jovens podem ser tocados pelas experiências vividas no projeto. Esse projeto faz parte de uma rede de proteção e promoção social do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que funciona em áreas de vulnerabilidade social em todo país, em sua maioria, mediante parcerias de instituições ou associações filantrópicas. A proposta é oferecer um espaço de ampliação cultural, artística, esportiva e lazer, de maneira a promover o desenvolvimento de potencialidades dos adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Participaram dessa pesquisa seis adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 a 17 anos de idade. A coleta dos depoimentos foi realizada em uma instituição filantrópica na cidade de Bauru-SP que, em parceria com a Secretaria do Bem-Estar, desenvolve esse projeto. A entrevista com os jovens adolescentes foi mediada pela questão norteadora: “*Como está sendo a sua experiência no Projeto Projovem?*”. A pesquisa fenomenológica seguiu os passos propostos por Amedeo Giorgi (1985), visando apreender os fenômenos com os significados e sentidos atribuídos pelos próprios adolescentes. Após a coleta dos depoimentos, foi realizada a transcrição literal, viabilizando acesso aos depoimentos na sua íntegra. Para análise dos depoimentos, o primeiro passo constitui-se na verificação da visão global do conjunto dos depoimentos, buscando captar seu sentido diante do objeto da pesquisa. Posteriormente, a divisão do relato em unidades de significado, seguido da transcrição e compreensão fenomenológica. Na sequência, foi realizada a composição das sínteses específicas e síntese geral, extraíndo-se a estrutura do vivido. Os resultados foram analisados à luz da compreensão heideggeriana da existência, no desdobramento do que implica “ser-aí” e as respondências “junto e com” do adolescente. A relevância da pesquisa justifica-se por apresentar um rico material descritivo-analítico para a prática profissional clínica, além de representar contribuições políticas e sociais da Psicologia, a partir do âmbito da compreensão fenomenológica existencial de Heidegger. Os resultados obtidos apontam para contribuições significativas do Projovem na existência dos adolescentes, rumo a horizontes existenciais mais satisfatórios em várias dimensões da vida cotidiana, considerando que, de alguma maneira, todos os participantes foram afetados positivamente pelo Projeto. Os modos de afetividade se revelaram nos participantes na maneira de ser e de se relacionar com suas realidades. Os adolescentes entrevistados foram tocados e afetados de maneira singular no desenvolvimento pessoal, na aprendizagem, na mudança de comportamento, na superação de dificuldades e fragilidades, no enriquecimento do próprio mundo e no alargamento do horizonte existencial, o que abriu possibilidades para o desenvolvimento de novos projetos de vida e novas percepções da realidade, culminando na construção de uma existência mais autêntica e construtiva.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológico-Existencial; Projeto Social; Adolescentes; Projeto Projovem; Vulnerabilidade social.

Gabriel Felipe Justino

Psicólogo clínico, graduado pela Universidade Sagrado Coração (USC) Bauru SP. , especialista em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial pela USC em parceria com a SOBRAPHE- SP. Atua como psicólogo social e clínico na cidade de Bauru-SP
Endereço Eletrônico: gabrielfelipe.j@gmail.com

Josefina Daniel Piccino

Docente e co-orientadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial, Mestre em psicologia clínica pela PUC-SP, diretora da SOBRAPHE- SP.,
Endereço Eletrônico: Josefina@sobraphe.org.br

Marlene Marchi de Sousa

Mestre em Psicologia Clínica pela PUCAMP, docente da Universidade Sagrado Coração (USC) Bauru-SP, coordenadora do curso de pós-graduação em Psicologia clínica fenomenológico-existencial.
Endereço Eletrônico: lenemarchi@yahoo.com.br

5.27. ATELIÊ DE DESENHO DE LIVRE-EXPRESSÃO COM CRIANÇAS ABRIGADAS: INTERLOCUÇÃO COM MICHEL HENRY

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (IPUSP)

Erika Rodrigues Colombo (IPUSP)

Este trabalho consiste na apresentação de um projeto criado com o intuito de proporcionar um espaço de acolhimento para que crianças abrigadas pudessem resgatar sua individualidade, expressar suas vivências de perda e estabelecer possíveis elaborações. Para tanto, foi criado em 2013 um projeto piloto de observação e intervenção em um Ateliê de Desenho de Livre-Expressão com crianças de uma Casa Abrigo de São Paulo, que funcionou por um ano e três meses. O projeto foi retomado, em 2016, dentro do programa de mestrado do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP. O objetivo deste trabalho será apresentar a experiência vivida e discutir de que forma uma compreensão fenomenológica do material produzido (desenhos e registros das sessões) no Ateliê pode ser significativa para aprofundar o conhecimento sobre essas crianças, seu sofrimento e a situação de abrigamento que experienciam. Buscamos estabelecer um diálogo com a fenomenologia da vida do filósofo Michel Henry, para compreender o Ateliê para além do âmbito psiquiátrico e, assim, estender suas contribuições ao campo da psicologia, nas práticas terapêuticas em grupo. Seguiu-se a metodologia desenvolvida pelo Dr. Michel Ternooy na França, e no Brasil pelo Departamento de Psiquiatria da UNIFESP, com pacientes psiquiátricos adultos, a partir do método fenômeno-estrutural. O projeto foi estabelecido numa parceria entre a Casa Abrigo e o Instituto de Psicologia da USP. As atividades do ateliê foram realizadas na Clínica Psicológica Durval Marcondes, no CEIP – Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP, com dez crianças e adolescentes abrigados, de idade entre 4 e 15 anos. O material produzido abriu a possibilidade de compreensão fenomenológica do mundo de cada criança a partir de sua semântica pessoal, espontânea e peculiar. Conforme a teoria de Henry, poder resgatar a individualidade em comunidade e poder repensar a dimensão política e a dimensão da cidadania não são poderes opostos, mas co-constitutivos. Se a criança não teve a experiência da família, pode ter uma experiência de familiaridade e de proximidade com o terapeuta. Nessa relação, a criança pode vivenciar de forma positiva o enredo afetivo com o outro eu. Na fenomenologia do tocar os fenômenos tocar e ser tocado se co-constituem, sendo a dialética dos afetos essa co-constituição. Não se opõe individual e comunitário, porque o primeiro é essencialmente comunitário. A técnica do Ateliê, nos moldes desenvolvidos por Ternooy, foi aplicada de forma inédita no trabalho com crianças abrigadas e esperamos, a partir do diálogo com a obra de Henry, trazer contribuições a essa importante questão de ordem social é o abrigamento infantil.

Palavras chave: crianças abrigadas; ateliê de desenho de livre-expressão; fenomenologia da vida.

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Professor Livre-Docente do Departamento de Psicologia Clínica e Vice-Diretor do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia – ANPEPP. Endereço Institucional: Av. Professor Mello Moraes, 1.721 – Cidade Universitária, São Paulo/SP – CEP: 05508-030.

Endereço Eletrônico: antunez@usp.br

Erika Rodrigues Colombo

Psicóloga, formada pelo IPUSP. Mestranda no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Membro do Núcleo de Pesquisa e Laboratório Prosoption – Linha de Pesquisa: Intervenções Clínicas e Sociais. Endereço Institucional: Av. Professor Mello Moraes, 1.721 – Cidade Universitária, São Paulo/SP – CEP: 05508-030.

Endereço Eletrônico: erika.colombo@usp.br

5.28. ATENÇÃO PSICOLÓGICA À FAMÍLIA ENLUTADA DE PACIENTES EM MORTE ENCEFÁLICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Priscila de Lima Souza (HU-UNIVASF)

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Susan Gomes Coutinho de Jesus (HU-UNIVASF)

A morte encefálica (ME) é definida como uma parada definitiva e irreversível das funções do encéfalo (cérebro e tronco cerebral). A comunicação da possibilidade do diagnóstico de ME para os familiares pode gerar sentimentos ambíguos e fantasias acerca daquele corpo, que embora esteja com batimentos cardíacos e respirando através de aparelhos, encontra-se morto. Nesses casos, a Atenção psicológica inclui a escuta clínica de familiares em todas as fases de internamento de seu ente, e principalmente, durante e após a comunicação de ME. Nessa modalidade de prática, é comum que haja uma comunicação compartilhada do evento por parte da equipe de saúde. Trata-se de um relato de experiência de caráter qualitativo ancorado na Fenomenologia Existencial heideggeriana, cujo objetivo foi descrever como a atenção psicológica é ofertada em situações de morte encefálica de um hospital público de Petrolina-PE. Nesse cenário, a atenção psicológica torna-se imprescindível, haja vista a situação de vulnerabilidade existencial com que se encontram os atores envolvidos. Cabe ao psicólogo, portanto, desenvolver intervenções por meio da escuta/acolhimento e mediação comunicacional, auxiliando os familiares em seu processo de luto. Com a morte do ente querido, os familiares são lançados para a fatídica impossibilidade das possibilidades. Diante disso, é comum a emergência das tonalidades afetivas (angústia, medo), exigindo do psicólogo uma escuta que suporta as diversas manifestações do luto sem prerrogativas de preenchimento do vazio. Trata-se de acompanhar o outro na travessia de seu sofrimento. Além disso, as intervenções junto aos familiares de pacientes em ME visam facilitar a compreensão acerca desse diagnóstico e do processo de luto, respeitando os modos singulares de lidar com situação. Conclui-se que o diagnóstico de ME faz romper as sedimentações de mundo outrora construídas pelos familiares, trazendo comoção/choque, negação, revolta, medo, desespero, desamparo. Nesse momento, alguns familiares expressam luto antecipatório, recorrendo a rituais de despedidas de seus entes. Conclui-se que a atenção psicológica em situações de ME favorece a despedida e o processo de elaboração de luto dos envolvidos, assegurando a comunicação em ambiente acolhedor, a ressignificação do sofrimento e o fortalecimento dos recursos de enfrentamento. Assim, percebe-se que atuação desse profissional constitui um diferencial significativo da assistência prestada, uma vez que garante o respeito à dignidade não só ao corpo que morre, mas, sobretudo, da pessoa que morre; haja vista as repercussões desse evento na vida do enlutados.

Palavras-chave: morte encefálica; família; luto; psicólogo.

Priscila de Lima Souza

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo Hospital Universitário da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: prisciladlm@gmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Psicóloga. Mestrado e Doutorado em Psicologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF. Tutora da Residência Multitprofissional em Saúde. Programa de Intensivismo. Hospital Universitário da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br.

Susan Gomes Coutinho de Jesus

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo Hospital Universitário da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: susang.psi@gmail.com

5.29. ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: UMA COMPREENSÃO EXISTENCIAL

Érica Andrade Rocha(PUC)

Tommy Akira Goto (UFU)

O presente trabalho constitui-se enquanto uma reflexão crítico-existencial a respeito dos atendimentos psicológicos realizados no Centro Integrado da Mulher (CIM) da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre – Minas Gerais, no período de outubro de 2015 a agosto de 2016. A violência afetivo/conjugal e, em especial contra as mulheres, não é um fenômeno contemporâneo, pelo contrário, aparece em diversas épocas e culturas, construída ao longo dos anos como reforço do “machismo” e da sociedade patriarcal em que vivemos. No enfrentamento dessa violência foi criado no Brasil a “Política da Mulher”, estabelecida pelo “Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência Contra a Mulher” (Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República) que tem promovido em diversos municípios a implantação de Centros Integrados da Mulher. Diante disso, procurou-se pensar: como é atendida ao chegar ao equipamento as mulheres que se encontram em situação de violência afetivo/conjugal no município de Pouso Alegre? A partir desse questionamento procuramos explicitar como foram realizados os atendimentos, baseados nos pressupostos da legislação vigente assim como na Lei nº 11.340/2006, na Lei Maria da Penha e na Psicologia Existencial. Os atendimentos acontecem de maneira agendada, após essas mulheres serem encaminhadas da DEAM (Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher), e de acordo com a demanda que o caso necessita, podem ser reagendadas para novo atendimento psicológico, culminando num acompanhamento terapêutico, e se necessário, contando também com encaminhamentos para a rede socioassistencial, tais como CRAS, CREAS, CTDC; e rede intersetorial como Defensoria Pública, Políticas Públicas de Saúde e Educação. Nessa situação de violência percebeu-se que muitas vezes ali se revela uma crise existencial, para além do “simples” episódio de violência. Consegue-se assim, portanto, trabalhar questões da conjugalidade tais como: a ambiguidade de seu relacionamento, relações de dependência, pouco diálogo na relação, diferenças culturais e de entendimento em relação à criação dos filhos, todas permeadas pelas diferenças ao se perceber as relações de gênero como igualitárias, ou seja, perceber a violência enquanto fenômeno socio-histórico-existencial. Ainda, procurou-se junto a essas mulheres, durante os atendimentos, refletir a vivência da angústia delas por terem sofrido diversas agressões, como também explicitar a experiência de violência que está inserida em seu relacionamento, com seus riscos e danos. A crise existencial surge como possibilidade de clarificação, de reflexão da vivência da crise, como analítica da existência, sendo oportunamente apresentado a ela, não só como experiência de ruína, mas como uma experiência de ressignificação da conjugalidade, como forma saudável de parceria conjugal e também ao redirecionar-se para novos projetos de si.

Palavras-chave: Mulher em Situação de Violência; Atendimento psicossocial; crise existencial.

Érica Andrade Rocha

Psicóloga na Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de Alfenas (2015), MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pelo SENAC (2014) e Graduada em Psicologia pela PUC Minas *Campus* Poços de Caldas (2011).

Endereço Eletrônico: ericaandraderocha@hotmail.com

Tommy Akira Goto

Professor Adjunto III da Pós-Graduação em Psicologia e da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas (2007), Mestre em Filosofia e Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos (1998).
Endereço Eletrônico: tommy@ufu.br

5.30. ATENDIMENTO CONJUNTO A ASSISTIDOS DE JUSTIÇA GRATUITA: EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Henriette Tognetti Penha Morato (LEFE-IPUSP)

Joyce Cristina de Oliveira Rezende (LEFE-IPUSP)

Desde 2001, o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) e o Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) possuem uma parceria, no intuito de oferecer atenção e cuidado à comunidade atendida pelo DJ e seus membros. Esta parceria começou devido a um pedido do próprio DJ, tendo sido interrompida somente entre 2009 e 2011. A partir de 2012, portanto, a primeira autora atua como supervisora de campo dos alunos de Psicologia na instituição e tal atuação a fez investigar em seu Doutorado, sob orientação da segunda autora, o modo como os alunos de Direito e de Psicologia compreendem a experiência de atendimento interdisciplinar para a sua formação. O plantão visa oferecer atenção e cuidado para aquele que se disponibilize ao atendimento, no momento da sua angústia. Os atendimentos conjuntos aos assistidos costumam se dar a partir de uma solicitação do estagiário de Direito, tendo o intuito de facilitar a comunicação entre os envolvidos, oferecer suporte ao estagiário e/ou ao assistido ou quando este possui algum transtorno mental. Acredita-se que a experiência de atendimento entre os estudantes configura uma prática interdisciplinar entre a Psicologia e o Direito, discutindo-se a possibilidade de formação em estágio conjunto, de forma que uma área não se põe a serviço da outra e nem se transforma na outra. A pesquisa está amparada na metodologia fenomenológica existencial. Para responder à questão de pesquisa, pretende-se acompanhar as supervisões de oito atendimentos; em um segundo momento, a dupla que fez o atendimento será entrevistada conjuntamente. A entrevista será aberta, com a pergunta disparadora; “Como foi a experiência de atendimento entre vocês?”. Trata-se, portanto, de uma pesquisa interventiva, uma vez que ao se abrir um espaço para os alunos falarem da sua experiência, a pesquisa afeta o fazer, e o fazer afeta a pesquisa. Os dados serão analisados com base na “Analítica do Sentido”, proposta por Critelli (1996), que se trata de uma orientação do olhar para a manifestação do que se busca. A pesquisa ainda está em fase inicial, mas já se pode vislumbrar alguns apontamentos a partir dos diários de campo dos alunos de Psicologia de semestres anteriores, bem como das supervisões dos atendimentos. Muito alunos relatam que se trata de uma experiência difícil, em um primeiro momento, uma vez que cada aluno acaba por enfatizar alguns aspectos no atendimento: enquanto a escuta jurídica privilegia algumas informações, havendo um “filtro” na escuta, o estudante de Psicologia está mais voltado a escutar o todo, privilegiando aspectos emocionais, negligenciados pelo estudante de Direito. No entanto, na medida em que o atendimento acontece, acaba havendo um maior entrosamento entre os estudantes e o atendimento se torna um só, o que configura a interdisciplinaridade. Ainda, conforme os alunos de Psicologia e Direito vão tendo mais contato na instituição, discutindo casos, o atendimento conjunto é facilitado.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Psicologia e Direito; Formação Universitária; Fenomenologia Existencial.

Henriette Tognetti Penha Morato

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor Doutor da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos em

Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É membro do GT ANPEPP: Práticas Psicológicas em Instituições.
Endereço eletrônico: lefe@usp.br

Joyce Cristina de Oliveira Rezende

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestra em Psicologia Social pelo IPUSP (2015). Advogada (Faculdade de Direito da USP/2005) e Psicóloga (IPUSP/2012). Mediadora de Conflitos capacitada pelo Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil (IMAB/2012).
Endereço eletrônico: jocris@gmail.com.

5.31. ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Marciana Gonçalves de Farinha (UFU)

Sashenka Meza Mosqueira (UNIP)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (UFU)

Este trabalho discute a atuação do psicólogo na atenção primária na modalidade de plantão psicológico, a partir de atendimentos orientados pela perspectiva fenomenológica existencial, realizados em Unidades Básicas de Saúde e da Estratégia de Saúde da Família. A ação dos psicólogos plantonistas ancorou-se na resignificação de sua origem no Aconselhamento Psicológico a partir dos pressupostos fenomenológico existenciais, para oferecer atendimento que considera o *Dasein* como abertura e acontecimento. A compreensão da existência em plantão psicológico dá-se pela escuta atenta à narrativa da experiência, considerando quem recorre ao atendimento como capaz de compreender e interpretar os próprios modos de ser, reconhecer elementos, possibilidades e aspectos limitantes na trama significativa de sua existência. Tendo a precariedade como condição ontológica, nos apresentamos como autores e co-autores de nossa história, retomando possibilidades de ser na abertura que somos. Assim, mesmo em condições de vulnerabilidade, nessa condição que somos se apontam encaminhamentos possíveis para o existir. Método: Pesquisa interventiva, tendo como fontes de dados os diários de bordo dos plantonistas, analisados numa perspectiva fenomenológica existencial. Discussão: O plantão psicológico acolhe no momento da procura, já que o plantonista disponibiliza-se a quem busca pelo serviço, sem necessidade de agendamento prévio; não há número ou duração predeterminada de atendimentos e podem ocorrer encaminhamentos a outros serviços. A flexibilização do modelo tradicional de atendimento permite trabalhar no momento de emergência da queixa, retomando e reorientando os sentidos da trajetória existencial na elaboração da demanda, desvelando possibilidades da condição acontecimental do *Dasein*. Por meio da escuta clínica, abre-se espaço para a interrogação pelo sentido das experiências, possibilitando desvelar na linguagem condições em que as relações humanas se constituem. Considerações conclusivas: No contexto da atenção primária em saúde, em que ações efetivas requerem o reconhecimento dos elementos contextuais do território, o plantão psicológico constituiu-se como espaço de ação clínica que contemplou ao menos três eixos importantes na atuação do psicólogo em políticas públicas: acolhimento de experiências e disposições afetivas vivenciadas no cotidiano; reorganização existencial, incluindo-se aspectos psíquicos, sociais, práticos e de relação com dispositivos institucionais; rearticulação transdisciplinar na compreensão do sujeito e das ações em saúde. Percebe-se que a escuta oferecida a crianças, adolescentes, adultos e famílias atendidas possibilitou compreensão de suas demandas, resultando na facilitação da construção de novos trajetos existenciais e na elaboração de novos modos de ser com outros. Os apontamentos e questionamentos realizados pelos plantonistas, durante os atendimentos revelaram-se importante instrumento para os indivíduos se perceberem em condições de agir e direcionar-se em seu “existi”. Tal modalidade permitiu também a discussão junto à equipe sobre os modos de escuta e compreensão da população atendida de maneira transdisciplinar, rearticulando as queixas em saúde ao contexto existencial de sua constituição. Conclui-se pela pertinência do plantão psicológico no contexto da atenção primária em saúde, seja com plantonistas integrando a equipe, seja atuando em parceria com ela, bem como pela necessidade de discussão mais ampla de modalidades de atendimento psicológico nas políticas

públicas, de modo a flexibilizar a práxis em conformidade com a demanda, como permitiu o plantão psicológico.

Palavras-chave: Fenomenologia; Plantão Psicológico; Atenção Primária, Políticas Públicas.

Marciana Gonçalves de Farinha

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia,
Endereço Eletrônico: mgfarinha@hotmail.com.

Sashenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Paulista,
Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia,
Endereço Eletrônico: tatibmb@gmail.com.

5.32. ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM UM CAPSad: TENSÕES, AMBIGUIDADES E AVANÇOS NA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Marciana Gonçalves de Farinha (UFU)

Sashenka Meza Mosqueira (UNIP)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (UFU)

Historicamente, o atendimento a pessoas em sofrimento existencial ligado ao consumo abusivo de álcool e outras drogas foi pautado na negligência ou na perspectiva predominantemente biológica articulada ao disciplinamento moral. Ao impor um modelo comportamental ou pressupor limitações das possibilidades existenciais dos sujeitos, tais concepções desfavorecem a construção da autonomia e da inserção social. Na crítica a tais abordagens, a Reforma Psiquiátrica entende a pessoa como detentora de direitos, que deve ser ouvida sobre o tratamento, e considera a internação como último recurso. O CAPSad é um dos dispositivos criados para oferecer atendimento multiprofissional favorecedor da autonomia e da integração cultural, social e relacional no contexto da reforma psiquiátrica. Pode utilizar intervenções individuais e grupais, desde a escuta de demandas da pessoa atendida e a elaboração de um projeto terapêutico singular até oficinas para desenvolvimento de habilidades, projetos de geração de renda ou ações voltadas à inserção social. Assim, o presente trabalho cartografa modalidades de atendimento oferecidas por um Centro de Assistência Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPSad) de uma cidade do interior de Minas Gerais, propondo refletir sobre sua relação com a reforma psiquiátrica e a reinserção social dos participantes. Método: Pesquisa interventiva, tendo como fontes de dados os relatos em diários de bordo de visitas institucionais e observações participantes. Os dados foram analisados na perspectiva fenomenológica existencial, considerando o fenômeno no entrecruzamento de perspectivas dos sujeitos, de dimensões disciplinares e de significações implicadas em sua constituição. Discussão: Temos no CAPSad estudado um espaço de tratamento com atividades majoritariamente alinhadas à Reforma Psiquiátrica e voltadas a grupos, como oficinas (diversas como jardinagem, tapetes, reciclagem), grupos terapêuticos com usuários do serviço e com suas famílias, atividades físicas e musicais. Utiliza-se ainda acolhimento e triagem individual, consultas psiquiátricas e com médico clínico geral. A equipe multiprofissional é composta por psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, técnico oficineiro, médicos e estagiários de psicologia, enfermagem e artes. Embora o CAPSad investigado direcione-se à reforma psiquiátrica, algumas práticas podem limitar sua efetivação, como o planejamento das atividades de maneira mais sistemática, a ausência de espaços de escuta singulares para além do atendimento médico e a excessiva centralidade no referencial diagnóstico, que criam focos na noção de doença em desfavor de uma centralidade no sujeito, correndo o risco de comprometer o favorecimento da autonomia. Como aspectos positivos, percebemos a atualização e discussão periódica dos Projetos Terapêuticos Singulares, uma liberdade de escolha dos usuários pelas atividades que iriam participar a cada dia, bem como a abertura dos técnicos para ouvir as demandas dos usuários e discutir com eles, em assembleias, problemas e decisões a serem tomadas pelo grupo, estimulando o desenvolvimento da autonomia, a corresponsabilidade e a democratização do serviço. Considerações conclusivas: Apresenta-se uma tensão entre elementos de avanço e limitação da Reforma psiquiátrica e uma necessidade de rearticulação cotidiana da rede de assistência, tanto no sentido de reestruturar o serviço e as práticas ali realizadas quanto no sentido de reinventar pressupostos para as ações terapêuticas que se contraponham à reificação de elementos manicomiais e medicalizantes.

Palavras-chave: CAPS; sofrimento existencial; saúde mental; reforma psiquiátrica; pesquisa interventiva.

Marciana Gonçalves de Farinha

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço Eletrônico: mgfarinha@hotmail.com.

Sashenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Paulista.

Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço Eletrônico: tatibmb@gmail.com.

5.33. AVANÇOS NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA DO TRABALHO NA SUPERVISÃO DE ESTÁGIOS NO CEPPSI/UNIVASF

Shirley Macêdo (UNIVASF)

As denominadas Clínicas do Trabalho surgem no contexto das práticas contemporâneas e têm em comum darem centralidade à relação trabalho x subjetividade, e serem metodologias de pesquisa e intervenção que visualizam o desenvolvimento de potencial emancipatório dos trabalhadores, no sentido de favorecer a ampliação do poder de agir destes sujeitos. Dentre essas perspectivas, a clínica humanista-fenomenológica do trabalho surgiu em 2012, propondo o método da Hermenêutica Colaborativa, que, pautada nos pressupostos filosóficos de Merleau-Ponty e Gadamer, objetiva promover compartilhamento de experiências sobre o sentido do trabalho para clientes e favorecer a construção conjunta, entre esses e o clínico, de projetos de felicidade humana. Este relato de experiência objetiva, portanto, descrever como as intervenções nesta abordagem vêm se desenvolvendo desde 2013 no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço-escola de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), e quais os resultados alcançados até o momento. As intervenções são realizadas em contexto de supervisão de estágios, pesquisa e extensão universitária, a partir de atividades como grupo interventivo; psicoterapia e/ou aconselhamento e planejamento estratégico de carreira individual; e diagnóstico institucional interventivo. Os processos individuais podem constituir entrevistas pontuais ou atendimentos semanais sequenciados oferecidos por um estagiário. Os de grupos interventivos envolvem um total máximo de 10 sujeitos por grupo, conduzidos em 8 a 10 encontros de duas horas cada, quinzenalmente, por duplas de terapeutas estagiários; e as oficinas pontuais podem ter até 20 colaboradores de uma mesma instituição ou com uma demanda em comum. Os clientes chegam ao serviço por demandas individuais ou institucionais, e as atividades são realizadas no CEPPSI, com exceção dos diagnósticos institucionais interventivos, que são ofertados nas dependências das próprias instituições. Já passaram pelo processo 31 estudantes (dentre estagiários e bolsistas) e diversos trabalhadores: 180 segurados do INSS em programa de reabilitação profissional, 80 bombeiros militares, 500 professores da rede pública, 38 assistentes sociais do INSS, 60 profissionais de saúde (dentre médicos do Programa Mais Médicos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e psicólogos); além de cerca de 90 servidores estaduais e federais de instituições diversas. O percurso ocorre em círculo hermenêutico: explora-se o sentido da experiência de trabalhar/não trabalhar; percorre-se um caminho de resgate da consciência histórica; mapeiam-se competências; e elaboram-se conjuntamente estratégias e projetos de felicidade humana. Os sujeitos têm encerrado seus processos, sejam grupais ou individuais, verbalizando mais clareza de si, do mundo e das possibilidades de manutenção e/ou reinserção no mercado de trabalho; reconhecendo o próprio potencial; desenvolvendo habilidades interpessoais e de liderança; ampliando vínculos sociais; fortalecendo vínculos afetivos; e elevando a autoestima. Enquanto os participantes apontam a importância dos encontros realizados para seus relacionamentos sociais no e fora do trabalho, as instituições demandam mais atividades e/ou renovam convênios de cooperação técnica. Conclui-se, principalmente, que os resultados vêm favorecendo: o avanço na metodologia clínica proposta; a capacitação de futuros psicólogos para atuação no mercado de trabalho nesta área de interesse; e o reconhecimento desta prática tanto pelos sujeitos trabalhadores envolvidos nos processos quanto por instituições do Vale do São Francisco.

Palavras-chave: Clínica do trabalho; Psicologia do trabalho; Fenomenologia; Psicologia clínica; Saúde mental e trabalho.

Shirley Macêdo

Administradora e Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Professora Adjunta do Colegiado de Psicologia da UNIVASF, Diretora do CEPPSI/UNIVASF e Supervisora de Estágios em Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Endereço Eletrônico: mvm.shirley@gmail.com

5.34. COMUNICAÇÃO POR CARTAS ENTRE CRIANÇAS E ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Fabíola Freire Saraiva de Melo (PUC/SP)

Esse trabalho discute uma experiência de estágio supervisionado no curso de psicologia da PUC/SP, pautado na Psicologia Fenomenológico-existencial, em que se ofereceu uma nova forma de comunicação entre crianças e estudantes de psicologia: diálogo por meio de cartas. Discute-se aqui dois desafios de extrema importância, o de ensinar e instrumentalizar alunos de psicologia para o exercício do pensamento fenomenológico, e o de se comunicar por cartas com crianças de modo a oferecer os subsídios da psicologia para o desenvolvimento e amadurecimento destas, bem como um modo de reflexão para construção de valores éticos. O projeto foi oferecido às crianças do 4º ano de uma escola pública com o intuito de implantar um espaço de “escuta” para as crianças que podiam depositar suas “questões”, dúvidas ou perguntas em uma urna. As crianças participaram trazendo temas que revelam seu interesse por entender aspectos do seu cotidiano, tais como curiosidades sobre seu dia a dia, sobre o universo ou perguntas em busca de explicações, por exemplo, sobre o céu, a lua, as estrelas ou o fogo, bem como levaram questões e temas existenciais que evidenciam conflitos e sofrimento psíquico. As cartas revelaram as diversas facetas da violência no cotidiano à que estão submetidas: questões que estavam relacionadas ao racismo, ao machismo, aos padrões estéticos femininos opressores, aos medos, à ausência de recursos econômico-sociais, às “dificuldades” de ensino-aprendizado, dentre outros aspectos, foram perguntas frequentes. O trabalho com os estagiários consistiu em ensiná-los a responderem, por meio da linguagem escrita, às perguntas recebidas, de modo a desenvolver uma linguagem descritiva, sem julgamentos e que não visasse resoluções pragmáticas ou orientações genéricas e/ou simplistas para questões complexas. Procurou-se que exercitassem o pensamento fenomenológico fundamentado em uma atitude de abertura e escuta às questões trazidas, conforme a proposta de suspensão fenomenológica, e que construíssem um modo próprio de se comunicar com o outro, aproximando-se da linguagem denominada por Merleau-Ponty de *falante*. O diálogo por meio de cartas revelou-se como uma situação privilegiada para o ensino-aprendizado do pensamento fenomenológico: observou-se que por meio das cartas, os alunos estabelecem uma experiência com o outro que os convoca e os mobiliza para a reflexão e, em sua elaboração, exercitam a atitude fenomenológica em uma ação. O processo de construção textual requisita paciência, esforço e dedicação para refletir, amadurecer e construir a carta que será enviada. Abriu-se, portanto, um espaço potencializador para o aprendizado: formação e vivência de um novo modo de olhar. O projeto também se mostrou como um espaço de diálogo importante para as crianças, pois possibilitou reflexões sobre seus sofrimentos, bem como a necessidade de espaços em que possam estabelecer diálogos sobre questões sociais complexas que permeiam a construção de seus modos de ser e pensar.

Palavras-chave: psicologia fenomenológico-existencial, educação, cartas, crianças, escola.

Fabíola Freire Saraiva de Melo

Fabíola Freire Saraiva de Melo, psicóloga, pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Lisboa, mestrado e doutorado em Psicologia da educação pela PUC/SP, professora do curso de Psicologia da PUC/SP, coordenadora do núcleo de educação desta universidade.

Endereço Eletrônico: ffmelo@puc.sp.br.

5.35. CONCEPÇÕES DE UMA EQUIPE DE SAÚDE SOBRE A PERMANÊNCIA DE FAMILIARES NA EMERGÊNCIA HOSPITALAR

Priscila de Lima Souza (HU-UNIVASF)

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Susan Gomes Coutinho de Jesus (HU-UNIVASF)

A emergência hospitalar é um espaço destinado ao cuidado de pessoas com agravos críticos, exigindo agilidade técnica dos profissionais de saúde e o correto manuseio de aparatos tecnológicos em favor da vida. As intervenções não se restringem aos cuidados médicos, podendo incluir em alguns hospitais, a atenção psicológica a pacientes e familiares, além do apoio às equipes. A internação nesse setor requer manejo de riscos e gestão de informações por parte da equipe, além de uma ampla capacidade adaptativa/ proativa dos familiares diante das tensões vividas. Assim, essa pesquisa objetivou descrever as concepções de uma equipe de saúde de um hospital universitário nordestino acerca da permanência de familiares na sala vermelha, além das repercussões desse acontecimento para os profissionais envolvidos. O método utilizado foi qualitativo de inspiração fenomenológica heideggeriana, tendo a narrativa como técnica de investigação e a analítica do sentido como proposta interpretativa. Participaram desse estudo doze profissionais, sendo dois assistentes sociais, três enfermeiros, dois médicos, quatro técnicos de enfermagem e um psicólogo (14,8 % do total da equipe). A equipe concebeu a presença dos familiares como importante, embora impactante para a rotina de cuidados; reconhecendo dificuldades para lidar com a ansiedade e as preocupações dos familiares em situações que exigiam comunicação. A permanência de familiares no setor foi percebida como ansiogênica, principalmente quando demandavam por esclarecimentos sobre o estado de saúde de seus entes. Tal acontecimento repercutiu e afetou a equipe, trazendo raiva, impaciência, estresse, angústia. Os fatores que dificultam essa relação foram: pouca comunicação equipe-familiares; espaço físico reduzido; sobrecarga de trabalho; recorrência de óbitos; superlotação. Nota-se que as especificidades/dinâmica do setor podem atrapalhar o fluxo e a sistemática de uma comunicação eficaz, mas não o impedem. Por outro lado, a equipe reconheceu a importância do psicólogo como articulador/mediador do processo de comunicação entre os atores envolvidos; sugerindo a oferta do serviço de psicologia para os profissionais da emergência, dado a inabilidade comunicacional de alguns, as lacunas dos processos formativos, a rotina estressante e o contexto público hospitalar brasileiro. Ressaltaram a importância do atendimento psicológico dos familiares em espaços fora da sala vermelha (local de chegada das ambulâncias e corredores) como forma de otimização do trabalho e ordenamento de demandas. Conclui-se que há um hiato comunicacional entre equipe de emergência-familiares e isso vem sendo dirimido pelo trabalho de psicólogos e residentes no setor. Por isso, é urgente a implementação da educação permanente em saúde para as equipes de emergência, a readequação dos espaços destinados à urgência/emergência, a gestão sistemática do processo comunicação, o acompanhamento das condições de trabalho/assistência. Há ainda um perigo em se terceirizar/centralizar a comunicação para os psicólogos desse setor, haja vista o imperativo ético e o compromisso social serem atribuições de toda a equipe. E esse processo, quando bem desenvolvido, ajuda a diluir fantasias e gerir conflitos em prol da integralidade do cuidado. Por fim, a atenção psicológica foi considerada relevante para a coexistência equipe-familiares, contribuindo para a permanência de familiares mais colaborativos e para uma equipe compromissada com a melhoria da assistência.

Palavras-Chave: Emergência; Equipe de saúde; Hospital; Família.

Priscila de Lima Souza

Psicóloga e residente em Intensivismo pela UNIVASF.

Endereço Eletrônico: prisciladlm@gmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Psicóloga. Mestrado e Doutorado em Psicologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF. Tutora da Residência Multitprofissional em Saúde. Programa de Intensivismo. Hospital Universitário da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

Susan Gomes Coutinho de Jesus

Psicóloga e residente em Intensivismo pela UNIVASF.

Endereço Eletrônico: susang.psi@gmail.com

5.36. CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A DIMENSÃO AFETIVA DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

Maitê Sartori Vieira (UFF)

Roberto Novaes de Sá (UFF)

Propomos nesta pesquisa, a partir da perspectiva fenomenológica de Heidegger, uma investigação sobre as relações entre a disposição afetiva e a atitude psicoterápica enquanto caminho para uma singularização da experiência de si-mesmo e do mundo. Heidegger designou por ser-aí (*Dasein*) o modo de ser do homem, desdobrando seu sentido como “ser-no-mundo”, abertura ao ser estruturada como compreensão, disposição afetiva e discurso. Para o filósofo alemão, não há um ente chamado “ser-aí” separado do “mundo” ou justaposto a ele. A abertura de sentido se dá sempre relacionada com tudo que vem ao encontro no mundo, sendo assim, não há a possibilidade de se existir separado das coisas e dos outros. Ser-no-mundo é estar sempre em relação com uma totalidade referencial de significância, com “pré-compreensões” que permitem que as coisas nos apareçam de determinados modos. O ser-aí sempre se mostra originariamente no mundo compreendendo e afetivamente disposto, e esta conjunção é articulada como discurso. Enquanto ser-no-mundo, não há apenas a projeção das suas possibilidades a partir de uma certa compreensão, mas também de uma certa disposição. Isto é, além das coisas surgirem sempre como significação, elas também são sempre providas de uma tonalidade afetiva. O compreender está sempre afinado em um humor e todo humor sempre possui a sua compreensão, mesmo quando ela se apresenta de forma velada. A abertura é sempre permeada por sentidos que dizem respeito à perspectiva em virtude da a situação existencial se abre. O termo “disposição” se refere à dimensão ontológica do fenômeno que designamos cotidianamente como humor. O modo como o homem entra em contato com tudo que vem ao seu encontro é sempre marcado por um afeto, humor, emoção. É o “como” de nosso ser-aí enquanto ser-no-mundo-com. O objetivo desta comunicação é esboçar algumas consequências clínicas do fato de que a dimensão afetiva é originariamente constitutiva do modo como a existência se relaciona com o mundo, com o outro e consigo mesma. Caso queiramos notar uma disposição afetiva, não basta nomeá-la ou defini-la, mas, sim, deixá-la despertar, no sentido de deixar vir a despertar o que dorme, inaugurando assim uma relação mais desencoberta e livre com aquilo que dominava o sono. Portanto, é um deixar-ser a afinação enquanto afinação, não buscando um meio arbitrário para explicar a mesma. Isto significa dizer que a apropriação clínica das disposições afetivas não se reduz apenas à tomada de consciência no sentido de formar representações sobre elas e entender racionalmente seu funcionamento. É preciso que a existência desperte e integre apropriadamente os humores tácitos que afinam a projeção de suas possibilidades, rearticulando, assim, sua abertura.

Palavras-chave: Disposição; Heidegger; Fenomenologia; Psicoterapia.

Maitê Sartori Vieira

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Discente de especialização em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ, fonte de financiamento para a realização deste estudo.

Endereço Eletrônico: maitesartori@gmail.com.

Roberto Novaes de Sá

Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação na área de concentração de Estudos da Subjetividade.

Endereço Eletrônico: roberto_novaes@terra.com.br

5.37. CONSIDERAÇÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE O TEMPO E A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Fernando da Rocha Magliano (UERJ)

Maitê Sartori Vieira (UFF)

No seio da tradição denominada Metafísica, desde Aristóteles até o período contemporâneo, vigora a concepção do tempo conforme uma sucessão contínua e unilateral de momentos "agora". Ainda hoje, no entanto, a pergunta pelo tempo não alcançou resposta suficiente. Com Heidegger, a relação entre ser e tempo é posta sob uma nova perspectiva e nos requisita uma forma particular de meditação, a saber, que mesmo que o tempo nunca nos seja absolutamente desconhecido, também dificilmente chegamos a reconhecê-lo propriamente como tal. Com efeito, para além das determinações tradicionais ou científicas, ao tentarmos originariamente torná-lo fenômeno, descortinamos simultaneamente a co-pertinência entre temporalidade e *Dasein*. Evidentemente, não buscamos resolver definitivamente a questão do tempo, mas, acima de tudo, aduzir a possibilidade de sua apreensão originária, preservando sincronicamente, o caráter enigmático que lhe é próprio. O esclarecimento de nossa relação fundamental com o tempo exige um pensar diverso da nossa relação cotidiana com o mesmo, haja vista que toda compreensão vulgar acerca do tempo pressupõe sempre uma dação (*Zeit-Gabe*) originária na qual esta se funda. A partir daquela, muito pouco podemos saber sobre o modo como temporalizamos e nos encontramos vinculados ao tempo. Assim sendo, tendo em vista que a morada do homem, o *éthos* em que habita, não é alheia ao tempo, nenhuma consideração clínica sobre o *Dasein* poderia igualmente sê-lo. O pensamento tradicional e ôntico, que Heidegger aspira ultrapassar, aventa e reifica concepções substancializadas acerca do ser do homem, outorgando-lhe contornos estáticos. Por esta razão, as objetivações das teorias psicológicas contemporâneas, se compreendidas a partir da ontologia fundamental (*fundamentalontologie*), terminam por estorvar uma compreensão originária da dinâmica existencial humana. Tendência esta que se expressa conforme uma radical desconsideração do fenômeno da temporalidade e, de modo consequente, na artificial naturalização e des-mundanização do ente humano. Nos Seminários de Zollikon (1959-1969), encontramos a indicação e o aceno concernente a nós, psicoterapeutas, da importância fundamental de re-considerarmos a relação oculta entre homem e tempo, outrossim, atentarmos uma vez mais ao contexto fáctico-historial em que nossa prática se determina e realiza. Seguindo este indicativo, objetivamos discorrer introdutoriamente a respeito da questão da temporalidade e suas possíveis implicações e desdobramentos no âmbito das práticas clínicas psicológicas de postura fenomenológico-hermenêutica.

Palavras-chave: Heidegger; Fenomenologia; Hermenêutica; Temporalidade; Psicoterapia.

Fernando da Rocha Magliano

Psicólogo formado pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em Psicologia com ênfase em Estudos da Subjetividade pela mesma instituição. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Endereço Eletrônico: fernandomagliano@hotmail.com.

Maitê Sartori Vieira

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Discente de especialização em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ. Endereço Eletrônico: maitesartori@gmail.com.

5.38. CONSOLIDAÇÃO DA ATENÇÃO PSICOLÓGICA NO SETOR DE EMERGÊNCIA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Priscila de Lima Souza (HU-UNIVASF)

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Susan Gomes Coutinho de Jesus (HU-UNIVASF)

O setor de Emergência hospitalar presta assistência às pessoas que se encontram em situações limítrofes e graves, demandando ações de recuperação da saúde em um curto período de tempo. Por se tratar de um cenário com riscos constantes e tensões inerentes ao binômio vida-morte, a atenção psicológica aos envolvidos (pacientes e familiares/cuidadores) tem sido uma prerrogativa necessária, embora ainda recente em hospitais brasileiros. A atuação do psicólogo residente nesse setor tem a finalidade de dar voz àqueles que tiveram suas atividades de vida cotidiana interrompidas pelo processo de hospitalização, sobretudo em situações de acidentes, doenças agudas e agravos diversos. Diante disso, esse relato de experiência com enfoque qualitativo objetivou: 1) identificar atribuições de residentes psicólogos em um serviço público de Emergência hospitalar do interior do Nordeste; 2) empreender uma leitura fenomenológica existencial das atribuições supracitadas e do processo de consolidação da atenção psicológica nesse serviço. Identificou-se que as atribuições das profissionais incluíram o conjunto das seguintes atividades: levantamento de demandas do setor por meio de interlocuções com a equipe, análise do fluxo de atendimentos, acompanhamento da passagem de plantões, atendimentos a pacientes e familiares, comunicação de más notícias, registros em prontuário (evoluções clínicas), participação em comissões de trabalho e elaboração de procedimento operacional padrão. Tais atribuições foram se efetivando e se consolidando por meio do acompanhamento tutorial docente, a partir do qual tematizou-se (em encontros semanais) sobre os limites e alcances dessas atribuições e sua contribuição para a consolidação de uma prática profissional. Essa situação ilustra que a atenção psicológica não pode se restringir ao modo de pensar calculante e nem ao cuidado substitutivo, sendo necessária disponibilidade afetiva e serenidade para com o inesperado/inédito que se desvela no cotidiano da Emergência. Ao esclarecer e definir essas atribuições como integrantes da atenção psicológica na Emergência em paralelo à compreensão dos pressupostos heideggerianos, foi possível co-construir um saber-fazer pautado na sustentação da angústia e no redimensionamento do cuidado para além de sua dimensão ôntica. Conclui-se que os pressupostos em questão têm subsidiado reflexões provocadoras de sentido sobre a ética e a técnica no contexto hospitalar, agregando valor ao processo formativo do psicólogo e consolidando a sua prática em setores complexos.

Palavras-chave: Emergência; Psicólogo; Hospital; Fenomenologia Existencial.

Priscila de Lima Souza

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo HU-UNIVASF.

Endereço Eletrônico: prisciladlm@gmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Psicóloga. Mestrado e Doutorado em Psicologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF. Tutora da Residência Multitprofissional em Saúde. Programa de Intensivismo. Hospital Universitário da UNIVASF.
Endereço Eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

Susan Gomes Coutinho de Jesus

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo HU-UNIVASF.
Endereço Eletrônico: susang.psi@gmail.com

5.39. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA A TUTORIA EM PSICOLOGIA INTENSIVA

Priscila de Lima Souza (HU-UNIVASF)

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Susan Gomes Coutinho de Jesus (HU-UNIVASF)

O Programa de Residência multiprofissional em saúde é uma estratégia formativa preconizada pelos Ministérios da Saúde e da Educação que visa o aperfeiçoamento da prática de diversas categorias profissionais em serviços públicos de saúde, a exemplo do psicólogo. Em Petrolina-PE, nordeste brasileiro, parte da Residência multiprofissional acontece em um hospital universitário de médio porte e inclui programas diversos, como o de Intensivismo, e mais especificamente, o de Psicologia Intensiva. Nesse grupo, a formação acontece através da atuação dos residentes em Unidades de Terapia intensiva (UTI) com o apoio de preceptores (profissionais do serviço) e de um professor tutor. Diante disso, o objetivo desse relato de experiência foi identificar as contribuições da perspectiva fenomenológica existencial (ancorada nos pressupostos de Martin Heidegger) para o exercício da tutoria. A tutoria consiste em acompanhar o residente em seu processo de ensino-aprendizagem, supervisionando suas intervenções em serviço e promovendo atividades teórico-práticas. Essa experiência tem exigido a consideração crescente pelos pressupostos heideggerianos, os quais alargam a compreensão da prática psicológica e contribuem para a discussão de temáticas do contexto hospitalar (morte, cuidado, técnica, coexistência, comunicação de más-notícias, tonalidades afetivas, trabalho em equipe). Com isso, somos interpelados frequentemente a revisitar/discutir pressupostos importantes como pensamento meditante e calculante, cuidado liberador e substitutivo, serenidade. Essa discussão agregou valores ao processo formativo não só dos residentes, mas também à prática tutorial; sensibilizando-nos para o acompanhamento do outro na travessia do seu sofrimento. Concluímos que ao balizar as atividades de tutoria por meio dessa perspectiva, ampliamos atividades previstas, sistematizamos práticas grupais e fortalecemos a autonomia dos residentes; contribuindo assim para a otimização de atividades tutoriais e para o cuidado de Ser. Ademais, o longo/intenso convívio dos envolvidos permitiu uma notável vinculação, contribuindo para a consolidação da psicologia intensiva na região, sobretudo a partir da interação dos atores envolvidos (inclusive egressos) que culminou na criação do Grupo de Trabalho em Psicologia hospitalar em parceria com o Conselho Regional de Psicologia. Contudo, ao contrastar essa realidade com o contexto nacional (até o momento), percebemos que a fenomenologia existencial ainda é pouco divulgada no contexto das instituições de saúde e dos cursos de graduação em Psicologia.

Palavras-chave: Residência; Fenomenologia Existencial; UTI; Psicologia.

Priscila de Lima Souza

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo Hospital Universitário da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: prisciladlm@gmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Psicóloga. Mestrado e Doutorado em Psicologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF. Tutora da Residência Multitprofissional em Saúde. Programa de Intensivismo. Hospital Universitário da UNIVASF.
Endereço Eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br.

Susan Gomes Coutinho de Jesus

Psicóloga e residente em Intensivismo pelo Hospital Universitário da UNIVASF.
Endereço Eletrônico: susang.psi@gmail.com

5.40. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA UMA ATUAÇÃO CRÍTICA DO PSICÓLOGO NA EDUCAÇÃO

Fabíola Freire Saraiva de Melo (PUC/SP)

O objetivo deste trabalho será discutir as contribuições da fenomenologia na atuação do psicólogo, mais especificamente, visa apresentar algumas experiências de estágio realizadas, sob minha supervisão, por alunos do curso de psicologia em instituições educacionais, e ainda, refletir sobre as contribuições do pensamento fenomenológico para uma atuação crítica do psicólogo nesses contextos. As ações realizadas têm sido, principalmente, as “oficinas lúdicas psicoeducativas” e as “assembleias de classe”. As “assembleias de classe”, ou também denominadas como “rodas de conversa”, são espaços para discussões de questões do contexto escolar em que as problemáticas são debatidas coletivamente; já as “oficinas lúdicas psicoeducativas” são atividades que visam por meio de recursos expressivos artísticos possibilitar a expressão de sentimentos, favorecendo a mediação de conflitos e a construção de valores éticos. Nos propusemos a participar do cotidiano escolar por meio de atividades que favorecem a discussão de temas relevantes e que propiciam o desenvolvimento do diálogo e da democracia. Dentre os temas desenvolvidos estão a violência, o racismo ou outras formas de exclusão e preconceitos. Assim, contribuem para a transformação e renovação do contexto escolar e marcam uma atuação crítica da psicologia que busca superar uma atuação patologizante dos problemas escolares que fragmenta ou culpabiliza individualmente as crianças, professores ou pais. Tais atividades vão ao encontro dos pedidos feitos pelas escolas e instituições de contra turno escolar que demandam por trabalhos de formação com seus professores e alunos. Essa solicitação é transformada em um modo de agir pautado na atitude fenomenológica, isto é, na proposição dessas práticas que privilegiam a troca de experiências, a multiplicidade de olhares, o diálogo como um princípio e o aprendizado de valores relacionados a um modo de ser com o outro de cooperação e respeito. Esses encontros dão voz aos alunos e professores e promovem espaços de reflexão no cotidiano escolar e contribuem para a construção de um espaço democrático inédito nas experiências das escolas em que as temos realizado. A postura dos estagiários que conduzem os grupos é de busca por manterem-se em abertura para o que está sendo dito de modo a não julgar, recriminar ou avaliar o que aparece e sim de potencializar a reflexão das narrativas trazidas. Assim, nos colocamos em acordo com a “atitude fenomenológica” e exercitamos a “suspensão fenomenológica” no modo de conduzir tais encontros. Cabe destacar o modo de subsidiar o estagiário, no momento da supervisão, que busca nessa postura ensinar o exercício do olhar fenomenológico. Esse trabalho busca também evidenciar o caráter político e social da fundamentação fenomenológica na psicologia e sua importância para o engajamento político e de um exercício da cidadania. Visa contribuir com a fundamentação de uma atuação fenomenológica crítica que atua em espaços de discussão política voltado aos interesses públicos e coletivos, e assim combater a imagem generalizada e superficial de que a fenomenologia é um pensamento individualista, privatista e subjetivista.

Palavras chave: psicologia fenomenológico-existencial, educação, escola, formação de psicólogos.

Fabíola Freire Saraiva de Melo

Psicóloga, pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Lisboa, mestrado e doutorado em Psicologia da educação pela PUC/SP, professora do curso de Psicologia da PUC/SP, coordenadora do núcleo de educação desta universidade.

Endereço Eletrônico: ffmelo@puc.sp.br

5.41. CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTREANO PARA A PRÁTICA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO

Franciele Cabral Leão (UEM/UNINGÁ)

Marina Meneguetti Vaccaro (UEM)

Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)

Com um olhar atento para a história da Psicologia no Brasil, fica evidente que o campo de atuação dos(as) psicólogos(as) vem sofrendo uma ampliação considerável. Contudo, a inserção do(a) psicólogo(a) em novos espaços e, principalmente nas instituições de saúde, tais como hospitais e UBS, ocorreu em um contexto histórico-político-econômico determinado e, desta forma, esteve voltada para atender as demandas do sistema de produção vigente. Tal contexto exigiu dos(as) psicólogos(as) a criação e utilização de outras modalidades de intervenções para atender a demanda que a ele se apresentava, bem como readequações de práticas clínicas tradicionais. Dentre as novas modalidades de intervenção destaca-se o Plantão Psicológico, mencionado como modalidade clínica pelo professor Dr. Miguel Mahfoud em 1987. O Plantão Psicológico é uma prática psicológica também oriunda de políticas que objetivam agilizar os atendimentos para atender a demanda de sofrimento de grande parte da população brasileira que não tem acesso a atendimento em consultórios particulares. Além disso, o Plantão Psicológico é um tipo de atendimento psicológico de emergência, que pode ser realizado em uma ou mais consultas; sem tempo pré-determinado de duração; sem a necessidade de agendamento prévio; que acolhe qualquer pessoa no momento exato de sua necessidade para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros serviços. Frente a essas novas demandas, mais especificamente a do Plantão Psicológico, muitos(as) psicólogos(as) acreditam na necessidade de se concluir um diagnóstico sobre o cliente para um encaminhamento ‘seguro’, apoiando sua prática na tradição do modelo médico. Essa prática nos informa sobre a problemática de limitar as possibilidades de um indivíduo, principalmente ao concluir um conhecimento sobre ele e num curto prazo. Neste trabalho, objetivamos expor as contribuições do existencialismo sartreano para a prática do Plantão Psicológico, encaminhando a discussão no sentido contrário à construção do conhecimento do indivíduo através de seus sinais e sintomas, bem como mostrar que a proposta da Psicanálise Existencial realizada por Sartre, não é restrita à prática da psicoterapia tradicional. Esta psicanálise tem como objeto de investigação as escolhas e o modo como as pessoas se escolhem (projeto original). Para construir esse conhecimento sobre a escolha que cada um faz de si, Sartre propôs o Método Progressivo-Regressivo, que acompanha o movimento dialético do indivíduo com o mundo, buscando compreender como ele o apreende e age sobre ele, assim como ele se apreende nesse movimento. A contribuição do existencialismo sartreano ao Plantão Psicológico transcende a técnica. Por não reduzir o indivíduo a um saber construído a priori, mas por construir o saber a partir das experiências que são por ele relatadas, e por não apregoar tempo de duração apropriado para essa construção, respeita a necessidade que cada pessoa apresenta, contribui com o acolhimento, reconhecimento do humano e respeito para com aquele que se encontra em um momento crítico de sua vida.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Existencialismo; Jean-Paul Sartre

Franciele Cabral Leão

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduada em Psicologia Fenomenológico-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Atua em consultório particular e como docente na Faculdade Ingá – UNINGÁ.

Endereço Eletrônico: fran_leao@hotmail.com

Marina Meneguetti Vaccaro

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduada em Psicologia Fenomenológico-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e Doutoranda em Psicologia pela mesma universidade. Atua em consultório particular e em Unidade Básica de Saúde no município de Maringá-PR.

Endereço Eletrônico: marih_menegueti@hotmail.com

Sylvia Mara Pires de Freitas

Graduada em Psicologia pela Federação das Faculdades Celso Lisboa (CEUCEL/RJ), Formação em Psicologia Clínica (NPV/RJ), Especialista em Psicologia do Trabalho (CEUCEL/RJ), Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS), Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Docente do curso de Psicologia da UEM/PR.

Endereço Eletrônico: sylviamara@gmail.com

5.42. CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO ARENDTIANO PARA O ATENDIMENTO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO ±EXISTENCIAL ÀS CRIANÇAS E PAIS

Fabíola Freire Saraiva de Melo (PUC/SP)

Tem crescido a procura por atendimento às crianças, especialmente após a indicação ou encaminhamento da escola. Contudo, os motivos têm sido cada vez mais relacionados à dificuldade dos pais de educar os filhos para a realização de tarefas cotidianas básicas, bem como de prepará-los para o mundo. O despreparo mostra-se evidente na dificuldade das crianças, e de seus responsáveis, lidarem com as frustrações inerentes à vida, mas também no modo como cuidam, ou melhor, descuidam do mundo. A concepção educacional que buscam e oferecem aos filhos visa a aquisição de habilidades técnicas ou cognitivas que se resumem a processos de aprendizado e não a um processo educacional formativo. Tal crise na educação nos remete ao pensamento de Hannah Arendt que aponta a crise na educação relacionada à crise da modernidade de perda da tradição e autoridade. Isto é, seria a atitude moderna frente ao passado que impossibilita a autoridade necessária para a tarefa de educar. Diante disso, uma das atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, a capacidade de educar, parece estar ameaçada. Tal crise nos traz sérias preocupações, visto que a sociedade só se renova com a vinda de novos seres humanos, que chegam inacabados e precisam ser educados para que possam sobreviver e cuidar do mundo. Assim, muitas questões atravessam o atendimento das crianças e muitos são os desafios do terapeuta a enfrentar nos atendimentos. Dentre eles, certamente, a necessidade dos pais reverem suas práticas educacionais, bem como a criança vivenciar um processo educacional significativo que favoreça seu crescimento. A perspectiva educacional, portanto, precisa ser trazida para a clínica como um processo de reflexão sobre crenças e práticas educacionais intergeracionais que se perpetuam de modo cristalizado e naturalizado, bem como sobre a “essência da educação como natalidade”. Isto é, modos de mediação entre o “novo” e o “velho” e, principalmente, como responsabilidade diante do mundo. Portanto, o cuidado e o manejo clínico do psicólogo fenomenólogo não se opõem à perspectiva educacional, ao contrário, são complementares e necessários no cuidado com a criança e seus pais, como diria Arendt: “por amor ao mundo” (*amor mundi*). As reflexões trazidas aqui se baseiam em minhas experiências enquanto psicoterapeuta, orientadora educacional em escola, docente e pesquisadora da infância, bem como estudiosa do pensamento de Hannah Arendt.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica; clínica; educação; crianças; Hannah Arendt.

Fabíola Freire Saraiva de Melo

Psicóloga, pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Lisboa, mestrado e doutorado em Psicologia da educação pela PUC/SP, professora do curso de Psicologia da PUC/SP, coordenadora do núcleo de educação desta universidade.

Endereço Eletrônico: ffmelo@puc.sp.br.

5.43. CORPO EM QUESTÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O CORPO AMPUTADO E AÇÃO CLÍNICA

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Jailton Bezerra Melo (USP)

Por muito, o corpo humano adentrou espaços e foi permeado pela cultura ora de mostra ora de encobrimento. A presente comunicação versa sobre um relato de experiência com a pesquisa de mestrado do autor, pela qual transitou pelo sentido de corpo para pessoas que passaram pela amputação – considerado o primeiro procedimento cirúrgico já feito na história da humanidade. A literatura e a experiência revelam que o fenômeno da amputação repercute de modo diferente nas pessoas que passam por tal procedimento, dependendo do momento histórico e da história de vida de cada uma. A pesquisa em questão teve como objetivo compreender a experiência de pessoas que passaram pelo processo de amputação. Na tentativa de compreender a questão norteadora do estudo “Como é a experiência de habitar um corpo amputado?”, adotou-se o olhar da fenomenologia existencial, ao modo de Heidegger. Participaram da pesquisa seis homens com idade entre 20 e 59 anos, que passaram pelo procedimento cirúrgico para amputação, independente da doença prévia e do fato de já terem utilizado próteses. Como modo de acesso às experiências dos participantes optou-se por narrativas colhidas em “Encontros Reflexivos”, que se mostraram como uma possível prática psicológica em instituições de saúde. Também foi utilizado o “diário de bordo” do pesquisador como registro das impressões, observações e sentimentos ao participar dos “Encontros Reflexivos”. Como método para análise das narrativas, foi utilizado a “Analítica do Sentido” de Dulce Critelli, que possibilitou o desvelamento do fenômeno estudado. Os resultados apontaram para a falta de compreensão e despreparo da equipe hospitalar que lida com a cirurgia de amputação no que tange ao cuidado e escuta da pessoa que está passando por tal experiência; revelaram que há um distanciamento das ciências modernas da natureza em questionar o corpo a partir de uma ótica que considere a própria experiência da pessoa que viveu a amputação; também revelaram que para os participantes, existir com um corpo amputado é passar por diversas dificuldades, com realce para o modo como experienciam a condição atual e o rompimento com o modo de viver habitual. Nesse sentido, o presente trabalho pretende contribuir para a compreensão da experiência vivida na amputação por parte dos participantes, além de possibilitar reflexões que ajudem nos procedimentos desenvolvidos pela equipe interdisciplinar junto a pessoas que passaram por tal experiência, indicando também a pertinência de um olhar da psicologia para tais questões.

Palavras-chave: corpo; amputação; ação clínica.

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Psicóloga, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP) e docente dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordena o Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE – UNICAP). Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

Jailton Bezerra Melo

Psicólogo (UPE) do Centro de Cidadania LGBT (Zona Norte – SP), onde desenvolve atividades junto a grupos e coletivos LGBTs, em especial a mulheres trans e travestis. É mestre em Psicologia Clínica (UNICAP) e doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Sua tese de doutoramento (bolsista CAPES) versa sobre o corpo trans nos serviços públicos de saúde, amparado pelo olhar da fenomenologia existencial. Endereço Eletrônico: melo.jailton@hotmail.com

5.44. DASEINSANÁLISE: POSSIBILIDADES INICIAIS PARA SE PENSAR UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM BASES EXISTENCIAIS

Luiz Henrique Birck (UNIOESTE)

Este trabalho tem a intenção de estudar a proposta de uma psicologia fenomenológica em bases existenciais, no caso, a daseinsanálise. Esta por sua vez, indica possibilidades de mostrar o existir humano fora da visão do sujeito empírico e fora da relação entre sujeito e objeto. Neste trabalho pretende-se realizar um resgate da trajetória da psicologia onde encontramos elementos contrastantes a psicologia fenomenológica em bases existenciais (daseinsanálise), sendo que nesta trajetória encontramos características históricas da psicologia compreendendo o quanto esta, embora seja efetivamente considerada uma ciência empírica em sua formulação moderna, ainda retém posições fundamentais debitárias da filosofia tal como metafisicamente concebida. Posterior a esta exposição, direcionaremos aos modos nos quais a daseinsanálise lida com a experiência humana, e uma nova concepção de homem. Esta investigação inicia com a importância do pensamento do filósofo Martin Heidegger no tocante a suas obras, principalmente em *Ser e tempo* (1927), obra na qual se elabora a descrição e análise do assim chamado ser-aí (*Dasein*), na chave de uma analítica existencial. O conteúdo filosófico de tal obra foi responsável por disparar discussões posteriores no seio de uma comunidade científica não apenas formada por filósofos, mas também por médicos (inclusive psiquiatras), psicólogos e psicanalistas. Um exemplo paradigmático disso se dá por meio do contato de Heidegger com psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990); juntos, eles laboraram uma série de encontros públicos intitulados *Seminários de Zollikon* (1959-1969). Nesses, Heidegger pôde levar sua analítica do ser-aí aos articulistas das ciências *Psi*; o que, por sua vez, dá ensejo ao intento de ir além das discussões filosóficas da analítica do ser-aí (ainda no âmbito da ontologia fundamental de *Ser e tempo*) em direção às ciências ônticas (= ontologias regionais). Após esta exposição evidenciaremos o que Heidegger atribui a chamada “análise fundamental do ser-aí” ou “analítica existencial” e a exigência da necessidade em compreender aquilo que Heidegger designa como o “o modo de ser do humano” ou, usando a terminologia do próprio filósofo: o *ser-aí*. Para assim buscar os primeiros passos para a fundamentação deste movimento filosófico-psicológico e lidar com os modos nos quais o *ser-aí* se mostra em sua existência e aspectos que contemplam uma clínica psicológica, ou por assim dizer, uma clínica daseinsanalítica.

Palavras-chave: Filosofia; Daseinsanálise; Psicologia; Fenomenologia;

Luiz Henrique Birck

Graduação em Psicologia pela Faculdade Assis Gurgacz. Formação em Psicoterapia Fenomenológico Existencial pelo Centro de Psicoterapia Existencial – SP. Pós-graduado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pelo Grupo UNIASSELVI – SC. Pós-graduado em Dependência Química pelo Grupo UNIASSELVI – SC. Mestrando em Filosofia pela UNIOESTE - PR - Metafísica e Conhecimento.

Endereço Eletrônico: luizhenriquebirck@gmail.com

5.45. (DES)ABRIGANDO ANGÚSTIAS: AMPLIAR CUIDADOS AO RESIDIR DA PRÁTICA PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE

Ana Maria Sá Barreto Maciel (ASCES-UNITA)

Ana Paula Gaudino de Oliveira (ASCES-UNITA)

José Leandro Aleixo (ASCES-UNITA)

A Residência Multiprofissional em Saúde prioriza uma formação que possibilite a inserção de um profissional no Sistema Único de Saúde que se distancie do modelo biomédico, reducionista, e se aproxime de um olhar humanizado e integral na atenção e cuidado com o usuário. Desenvolvendo uma prática que ocorra a percepção do indivíduo em sua complexidade territorial, a fim de qualificar os serviços de saúde com profissionais que possam estar preparados para um cuidado em saúde contextualizado socioculturalmente, numa vivência interventiva de Clínica Ampliada. Este trabalho tem por finalidade apresentar como a Psicologia pode contribuir com a prática da vivência da Clínica Ampliada na Atenção Básica de Saúde. O presente trabalho versa de um relato de experiência vivenciado com os residentes da Atenção Básica de Saúde de um Centro Universitário do interior de Pernambuco – ASCES/UNITA, e o psicólogo ingresso nessa proposta, consolidando a prática da Clínica Ampliada. As discussões viabilizadas na formação da Residência Multiprofissional têm como finalidade a problematização visando perceber os vários contextos que interferem no adoe-SER. Utilizando-se como recursos de análise os registros dos portfólios, a observação participativa, as discussões de estudos de casos nas reuniões clínicas e problematizadas nas aulas teóricas provocativas. Os momentos de discussões de estudos de casos em equipe, possibilitavam reflexões sobre a clínica tradicional, no que concerne ao reducionismo biológico e no caráter medicalizante. A presença do saber psicológico mobiliza uma ampliação de possibilidades na experiência do adoe-SER na atualidade tendo em vista que eu só posso ser com o outro, nunca sozinho. Ao conceber que o bem-estar psicológico e social tem que ser levado em consideração, novas formas de pensar o cuidado estão sendo vivenciados. Desta forma a Psicologia neste contexto, tem possibilitado, junto com os outros profissionais, pensar e atuar com a Clínica Ampliada, que além de viabilizar percepções do contexto sócio-histórico do adoe-SER do outro, permite perceber a singularidade das demandas de saúde e doença. A Psicologia ao demonstrar a importância de um cuidado integral nas discussões da Clínica Ampliada, está possibilitando ações transformadoras na escuta clínica. Visto que a Clínica neste contexto possibilita entendimentos dos vários modos de ser na intervenção junto ao outro. Sendo importante ressaltar que o contato com o outro remete à tarefa de resgatar a singularidade humana que se encontra perdida no coletivo e na inautenticidade. Essa compreensão promove um acolhimento diferenciado, onde coloca a doença em suspensão para acessar a experiência da pessoa em seus contextos familiares e sociais. Isso significa que as práticas psicológicas na interdisciplinariedade demandam permanentes questionamentos e rearticulação nos mais variados sentidos do modo de cuidar.

Palavras-chave: Residência Multiprofissional; Atenção Básica de Saúde; Cuidado; Clínica Ampliada.

Ana Maria Sá Barreto Maciel

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP e Orientadora e Professora pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida ASCES-UNITA.

Endereço Eletrônico: anabarreto@asc.es.edu.br

Ana Paula Gaudino de Oliveira

Residente em Atenção Básica e Saúde da Família pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida ASCES-UNITA e Graduados em Psicologia pela Universidade de Pernambuco.

Endereço Eletrônico: anagaldino93@gmail.com

José Leandro Aleixo

Residente em Atenção Básica e Saúde da Família pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida ASCES-UNITA e Graduados em Psicologia pela Universidade de Pernambuco.

Endereço Eletrônico: l.aleixo@live.com

5.46. DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA CLÍNICA EM ESTAGIÁRIOS DO CEPPSI/UNIVASF

Jean Carlos de Sá

Luanna Santos (UNIVASF)

Shirley Macêdo

Esta pesquisa se contextualiza numa perspectiva clínica em psicologia organizacional e do trabalho e considera que a escuta clínica é uma competência das mais significativas a ser desenvolvida no futuro psicólogo. Tem como objetivo geral compreender o processo de desenvolvimento da escuta clínica em estagiários do Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço-escola da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Especificamente, pretende-se descrever os sentidos da experiência de desenvolvimento da escuta clínica para esses estagiários; investigar como eles percebem a formação recebida para o desenvolvimento desta escuta; elencar as mudanças em modos de subjetivação dos mesmos ao longo do estágio; descrever a experiência do supervisor como *coach* neste processo; e identificar estratégias utilizadas para o desenvolvimento da escuta clínica. Os colaboradores são 24 estagiários de nono e décimo período do curso e oito supervisores do CEPPSI, independentemente da ênfase e da área de atuação, que participam de entrevistas individuais com pergunta disparadora de cerca de 50 minutos cada, narrando suas experiências de desenvolvimento da escuta (estagiários) e de *coach* nesse processo (supervisores). A análise dos dados, pautados em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica, a partir de encontros da equipe de pesquisa, se dá em cinco passos: leitura integral do todo do relato; encontro dos elementos significativos da experiência; presentificação do sentido da experiência; entrevista devolutiva para que o colaborador tenha ciência da análise do seu relato e possa contribuir com a mesma; e, por fim, encontro dos elementos em comum das experiências de todos os colaboradores investigados. Até o momento, foi possível compreender que: o desenvolvimento da escuta clínica dos estagiários é experienciado como dependente de alguns fatores, como o autoconhecimento, as trocas de experiências durante os momentos de supervisão, a disponibilidade e abertura de quem escuta para ajudar, e o encontro com o outro; aprender sobre o que seja realmente escutar depende da prática, portanto, a formação teórica anterior ao estágio não é suficiente para desenvolver a escuta; o desenvolvimento da escuta é concomitante a mudanças em modos de subjetivação, pois os estagiários mudam também em suas formas de ser diante do mundo, dos outros, e de si mesmos, passando a sentir, pensar e agir diferente nos diversos âmbitos sociais em que estão inseridos; tanto o supervisor quanto os colegas de supervisão são significativamente importantes, sendo o primeiro considerado pelo estagiário um instigador de questionamentos e reflexões, mas os supervisores se denominam facilitadores de um processo que se dá no próprio estagiário. Como estratégias para o desenvolvimento da escuta, os colaboradores referenciam participar de diferentes modalidades práticas e o estudo teórico ao longo do estágio. A partir desses dados iniciais, essa pesquisa aponta para a possibilidade da escuta ser um modo de subjetivar-se psicólogo e a prática ser uma condição *sin qua non* para o processo de desenvolvimento da escuta clínica na formação universitária em Psicologia.

Palavras-chave: Escuta; Pesquisa Qualitativa; Formação do Psicólogo.

Jean Carlos de Sá

Graduando em Psicologia na UNIVASF.

Endereço Eletrônico: carlosjean5755@gmail.com

Luanna Santos

Graduanda em Psicologia na UNIVASF.

Endereço Eletrônico: luanna.cavalcanti23@gmail.com

Shirley Macêdo

Doutora em Psicologia Clínica e Professora Adjunta do Colegiado de Psicologia da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: mvm.shirley@gmail.com

5.47. DIÁLOGOS ENTRE ARTE, TERAPIA E A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE

Cristiana Fernandes Moura (Universidade de Fortaleza – UNIFOR)

Isabel Maria de Araújo Botelho (Universidade de Fortaleza – UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (Universidade de Fortaleza – UNIFOR)

Que relações podemos tecer entre arte, psicoterapia e fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre? Este trabalho, elaborado a partir da interlocução entre experiência estética, criatividade e fenomenologia existencial, tem por objetivo discutir a arteterapia de inspiração fenomenológico-existencial. A pesquisa foi realizada nas bases de dados SciELO, PePSIC e LILACS (2000 a 2016), incluindo artigos em língua portuguesa, e também, livros de autores referenciais sobre o tema. A discussão teórica articula-se a vinhetas a partir de depoimentos de pessoas que vivenciaram processos nos quais a arte ganhou função psicoterapêutica e que foram facilitados pela pesquisadora em um presídio feminino. A arte permite que a pessoa, ao mesmo tempo que se expressa, perceba significados que ela mesma atribui à sua vida. Ela tem função simbólica, expressiva e de percepção social e de significados. A arte também pode ter função psicoterapêutica, uma vez que se configura como canal possível de expressão da subjetividade, podendo facilitar o contato da pessoa consigo mesma, com seus conteúdos emocionais, com o outro e com o meio social. A arteterapia configura uma área de convergência de saberes, como as artes, a psicologia, a filosofia e a educação. Visando a facilitar a auto-expressão do paciente, trata-se de um processo terapêutico que, a partir da experiência do fazer artístico por meio de linguagens diversas, é concebido como possibilidade de intervenção profissional em vários contextos: clínico, educacional, hospitalar, comunitário, entre outros. A experiência estética é instituída na percepção pré-reflexiva primordial. É a ação na qual a pessoa expressa o objeto estético vivido por ela mesma, procurando recriá-lo num plano de sentido para a sua própria consciência. Criatividade é um potencial natural do ser humano. A impossibilidade de uma pessoa ser criativa diante das suas necessidades e das exigências do meio pode caracterizar adoecimento ou perda da espontaneidade. É na expressão do processo criativo que cada pessoa inventa a si mesma e ao seu cotidiano. Do mesmo modo, Jean-Paul Sartre considerava que cada pessoa inventa a si mesma e aos seus valores. Desta forma, a vida não tem sentidos *a priori*, cabendo a cada um conferi-los. Para Sartre, cada pessoa é um projeto de ser. Cada uma se projeta no futuro e tem consciência do que projeta. Sendo um projeto que vive a si mesmo, cada pessoa é apenas aquilo que projetou ser, podendo transformar tal projeto a partir de suas escolhas. Na prática arteterapêutica é possível reconhecer que a expressão artística pode propiciar um maior contato da pessoa consigo mesma e com o mundo e também a invenção do seu projeto de ser. Assim, é possível inferir que arte e psicoterapia podem integrar-se num fazer através do qual, se apropriando das linguagens expressivas da arte, é possível ao paciente expressar e reconhecer a si mesmo. Desta forma, a arteterapia de inspiração fenomenológica configura um processo de mediação das experiências estéticas e criativas, cuja vivência facilita que cada pessoa seja atravessada por este processo como projeto de ser, que se constrói e se transforma na sua relação consigo mesma e com o mundo.

Palavras chave: arteterapia; fenomenologia-existencial; Sartre.

Cristiana Fernandes Moura

Psicóloga (Universidade Federal do Ceará), graduada em Artes Visuais (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE), mestranda em psicologia (UNIFOR), pesquisadora do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).
Endereço Eletrônico: cristianamoura1@gmail.com

Isabel Maria de Araújo Botelho

Graduada em educação física, especialista em arte e educação, mestranda em psicologia (UNIFOR), pesquisadora do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).
Endereço Eletrônico: bel_botelho@hotmail.com

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo (Universidade Federal do Ceará – UFC), mestre em Educação (UFC), doutor em Sociologia (UFC), pós-doutor em Filosofia (Universidade Beira Interior – Portugal), coordenador do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).
Endereço Eletrônico: geoboris@uol.com.br

5.48. EMPATIA, CORPOREIDADE E AUTENTICIDADE EM EDITH STEIN

Achilles Gonçalves Coelho Júnior (FIPMOC; FFCLRP-USP)

Cristiano Roque Antunes Barreira (EEFERP-USP)

Este estudo faz parte da pesquisa em andamento do processo de doutoramento em Psicologia, desenvolvida na FFCLRP– USP, que tem como objetivo examinar a noção de autenticidade na Fenomenologia de Edith Stein explicitando o indispensável comparecimento da corporeidade como condição de possibilidade desse tipo de fenômeno. Consiste na apresentação de resultado parcial onde a relação entre empatia, corporeidade e autenticidade são discutidas, a partir de uma pesquisa bibliográfica. A presente discussão fundamenta-se na análise das obras de Edith Stein intituladas *O problema da empatia* e *Contribuições para a fundamentação filosófica da Psicologia e Ciências do Espírito*, tomadas em sua tradução italiana, e publicadas originalmente em 1917 e 1922, respectivamente. Vários autores da contemporaneidade têm apontado que o culto da autenticidade e da corporeidade apresenta-se como aspecto marcante da cultura ocidental, geralmente à custa de uma ruptura com laços interpessoais e a tradição, podendo gerar uma atitude individualista da autenticidade que toma o próprio corpo como veículo de autoafirmação. Abstendo-nos de um posicionamento contra ou favor da modalidade em que a autenticidade vem discutida no contexto contemporâneo para examinar o que é autenticidade enquanto fenômeno, adotamos assim o método fenomenológico clássico. A pesquisa das essências dos fenômenos tem sido a grande tarefa da Fenomenologia desde seu surgimento com Edmund Husserl e seguida por muitos de seus alunos, como Edith Stein. A autenticidade não foi o tema de partida das pesquisas desta autora, mas foi um dos resultados que ela adverte de uma análise criteriosa sobre a empatia, tema de sua tese de doutorado. Identificada como um ato onde colhemos o sentido da experiência do outro, a empatia toma a corporeidade como via de acesso à experiência do outro, advertindo no corpo alheio seu caráter de animado e subjetivado, conforme suas expressões corporais e verbais revelam. As vivências do outro podem ser apreendidas de maneira intuitiva, apreendendo tanto o caráter de universalidade dos conteúdos que elas carregam, como a singularidade dos conteúdos próprios ou modalidades de vivenciar atuais. A permanência de modalidades experienciais, isto é, maneira constante tipicamente individual apreendida em como a pessoa vivencia seu conteúdo atual e expressa essa vivência, informa a presença de um tipo de caráter propriamente pessoal. Isto que é próprio da pessoa, ou autêntico, mostra-se como uma maneira singular de captar e responder aos valores objetivos e subjetivos que apreende em sua existência. Fundada na vivência empática, a experiência de comunidade potencializa o reconhecimento das características singulares, de si mesmo e dos outros, e lhe conferem um sentido na medida em que se apresentam como contexto de reconhecimento da singularidade nos relacionamentos interpessoais. Uma vez que a consciência de um permanente núcleo pessoal desperta questionamentos sobre a finitude e a infinitude, a experiência pode se articular com a dimensão religiosa. Então, como expressão de si mesmo, a corporeidade não apenas informa ao outro o que lhe é singular e próprio, mas também a si mesmo, através de vivências afetivas, o critério que permite o reconhecimento da própria autenticidade.

Palavras-chave: Fenomenologia; empatia; corporeidade; autenticidade; Edith Stein.

Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Doutorando pela Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor e coordenador do Serviço

de Atendimento Psicopedagógico das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros-MG.
Psicólogo.
Endereço Eletrônico: achillescoelho@gmail.com

Cristiano Roque Antunes Barreira

Livre Docente, Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP (2004). Atualmente é Professor Associado (RDIDP) da Universidade de São Paulo, na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto e professor orientador no Programa de Pós-graduação em Psicologia/ FFCLRP - USP.
Endereço Eletrônico: crisroba@gmail.com

5.49. ENLUTAMENTO POR SUICÍDIO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Edson Pilger Dias Sbeghen (UNOESC)

Lucia Cecilia da Silva (UEM)

No mundo, aproximadamente um milhão de pessoas comete suicídio e dez milhões fazem tentativas. Entre seis e dez pessoas são profundamente atingidas pelo suicídio de um ente querido. O suicídio provoca uma onda de choque e sofrimento que pode atravessar gerações de uma família. A dor por este tipo de morte pode ser intensificada pelo tabu e preconceito que a sociedade tem em relação ao suicídio, agravando o sofrimento psicossocial e existencial. Conforme indicação da Organização Mundial de Saúde, o enlutado por suicídio está em risco para cometer o mesmo ato, e seu acompanhamento, além de medida de prevenção é também medida de prevenção ao suicídio. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma compreensão da vivência dos enlutados do suicídio de uma perspectiva fenomenológico-existencial. O conhecimento foi buscado por meio das descrições de enlutados, daquilo que eles próprios realçavam como significativo em sua experiência. Procurou-se contornar as pré-definições ou os pré-conceitos tanto sobre o luto como sobre o campo de possibilidades que os sujeitos tinham para experienciar. Foram entrevistadas nove pessoas que tiveram entes queridos que morreram por suicídio, sendo oito mulheres e um homem, com idades entre 22 e 66 anos. A análise dos dados seguiu os seguintes procedimentos: 1º) leitura geral da entrevista transcrita para se obter familiaridade com o conteúdo trazido pelo participante do estudo; 2º) tendo-se uma compreensão geral do discurso, refêz-se tantas leituras quantas foram necessárias, para se delimitar unidades de significado que revelassem as várias faces do fenômeno investigado; e 3º) elaboração compreensiva das vivências. Os resultados mostraram que o suicídio de um ente querido é vivenciado como um fenômeno enigmático para o qual o enlutado busca inteligibilidade. A falta de sentido para morte por escolha deixa o enlutado numa abertura de possíveis motivações impossível de se fechar, o que é algo vivenciado com angústia. O sentimento de culpa permeia a vivência do enlutado, independentemente do tempo que tenha transcorrido o suicídio, questiona-se o que poderia ter sido feito para evitar a morte ou pergunta-se porque não se percebeu os sinais de sofrimento e de intenção suicida que se deveria ter dado importância. O suicídio aparece para o enlutado não só como um ato de desespero, mas também como um ato de abandono, e ao sentir-se abandonado e rejeitado, o enlutado destina raiva ao suicidado. Um recurso utilizado para superar a dor da perda é religião e a participação nos seus ritos. Contudo, isso aparece de maneira ambígua e desconfortável ao enlutado, pois os princípios religiosos ora servem para redimir o “pecado” daquele que cometeu suicídio, ora serve para condená-lo. Por fim, os enlutados se questionam se ele mesmo pode chegar ao suicídio. Se para os que optam pelo suicídio encontram nele o fim de uma existência intolerável e sem sentido, para os enlutados é o início de uma jornada em busca de ressignificação para a sua vida e para a vida do ente querido perdido.

Palavras-chave: morte; luto; suicídio; saúde mental

Edson Pilger Dias Sbeghen

Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá, especialista em docência na saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Psicologia pela Universidade

Estadual de Maringá, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina.
Endereço Eletrônico: psicologo.edsonpilger@gmail.com

Lucia Cecilia da Silva

Graduação em Psicologia e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá; doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Université Paris-Diderot (França). Docente na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PR). Membro do Comitê de Prevenção e Posvenção do Suicídio da Secretaria de Saúde do Município de Maringá.
Endereço Eletrônico: luciacecilia@hotmail.com

5.50. ENSINANDO FENOMENOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO INSITUTO SEDES SAPIENTIAE

Fabiola Freire (PUC-SP/ISS)

Myrna Coelho (USP/ISS)

A decisão de oferecer um curso de extensão comunitária no Instituto Sedes Sapientiae se baseou em nosso desejo de ampliar as possibilidades de apresentar e discutir o pensamento fenomenológico e o exercício desse método nas práticas psicológicas, educacionais e demais áreas de atuação relacionadas ao cuidado com a saúde. Muitas seriam as possibilidades de temas e atuações, mas selecionamos as áreas clínica e educacional, especialmente em suas interfaces com os campos da saúde mental e dos direitos humanos. O curso foi apresentado como um dispositivo de intervenção na ampliação dos modos de exercitar o pensamento fenomenológico no mundo e, portanto, entre as pessoas. Por isso, o curso é essencialmente dialógico, estimulando a troca e também a potencialização do saber de cada um. Num primeiro momento, optamos por apresentar os pontos fundamentais do pensamento fenomenológico e sua interface com a psicologia. Discutimos alguns princípios fundamentais do método a partir das propostas de Husserl, Heidegger e Hannah Arendt. Aproximamos a fenomenologia do campo da saúde mental, salientando os fundamentos husserlianos da reforma psiquiátrica, bem como as contribuições de Heidegger em seu diálogo com Medard Boss nos seminários de Zollikon. Essa compreensão se abre também para a clínica das crianças e dos adolescentes, tornando visíveis as especificidades dessas épocas, desses tempos e dessas espacialidades. Na intenção de compreendermos melhor a infância e a adolescência contemporâneas, decidimos problematizar as práticas da psicologia fenomenológica na educação. Nesse sentido, o curso caminha para apresentar a diversidade de atuações que vão desde a prática de orientação educacional clínica junto às famílias até as diversas intervenções em escolas e instituições educacionais, tanto as exitosas como as que apresentam práticas arcaicas e cristalizadas. Compreender a crise na educação, segundo o pensamento de Arendt, é fundamental, não apenas nesse campo específico, mas ampliando as vicissitudes desse conceito na área da saúde mental em suas intervenções para todas as idades. Apontamos ainda como contribuição do olhar fenomenológico, o relato de práticas democráticas em escolas, salientando seu aspecto dialógico, democrático e libertário. Cabe ainda ressaltar que o curso teve grande procura na instituição, já está em sua segunda turma e que a inserção desse curso em uma instituição tradicionalmente psicanalista também representa uma ampliação de possibilidades de ensino da psicologia e da fenomenologia para diversas áreas.

Palavras-chave: fenomenologia; ensino; epistemologia; educação; saúde mental.

Fabiola Freire Saraiva Melo

Psicóloga, pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Lisboa, mestrado e doutorado em Psicologia da educação pela PUC/SP, professora do curso de Psicologia da PUC/SP, coordenadora do núcleo de educação desta universidade, e professora do Instituto Sedes Sapientiae na extensão “Introdução às práticas da psicologia fenomenológica: ações clínicas e educacionais”.

Endereço Eletrônico: ffmelo@puc.sp.br.

Myrna Coelho

Psicóloga clínica, pós-doutoranda no Laboratório de Política Ambiental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, mestrado em estética e história da arte e doutorado em ciências pela USP, professora do Instituto Sedes Sapientiae na especialização “Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas” e na extensão “Introdução às práticas da psicologia fenomenológica: ações clínicas e educacionais”.

Endereço Eletrônico: myrnacoelho@usp.br

5.51. ENTRE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA: O SENTIDO DO TRABALHO PARA UM EGRESSO PENITENCIÁRIO

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (IPUSP – CNPq – FHO|Uniararas)

Rafaella Andreeta (FHO|Uniararas)

Segundo dados do IBGE e do Conselho Nacional de Justiça o Brasil possui hoje uma população carcerária de aproximadamente 650 mil presos, sendo que cerca de 68% reincidirão em crimes e retornarão para os presídios. Estudos apontam que entre os principais motivos do retorno ao cárcere estão o preconceito e a dificuldade de encontrar meios lícitos de sustento e sobrevivência em sociedade. Na tentativa de se aproximar deste fenômeno, a presente pesquisa se propõe a compreender o sentido do trabalho para um egresso do sistema carcerário a partir de sua história de vida. Por meio de uma entrevista aberta e reflexiva, analisada a partir da analítica do sentido, surge a narrativa de vida de um egresso do sistema penitenciário que ficou dezessete anos e dez meses encarcerado. A partir de sua fala, pode-se compreender que o trabalho foi uma forma de suportar a vida dentro do presídio e, também, de não enlouquecer, encarando-o como um meio de resistência ao rígido sistema prisional e à toda a complexa trama de relações e violências ali presente. Por outro lado, uma vez fora da instituição, o trabalho aparece como o primeiro meio para reestabelecer a vida que ele considera justa, reconstruindo sua dignidade e pertença social, muito apoiado na premissa de que o trabalho dá dignidade definitiva ao ser humano. Por esta razão o participante acredita que o emprego formal irá garantir a remissão social de seus crimes, restituindo-lhe a admiração e confiança que seus familiares (principalmente os filhos) tinham para consigo antes do delito, bem como o seu estar-bem-socialmente. Porém, desde a saída do cárcere ele sente as dificuldades que estão ligadas aos estigmas e preconceitos voltados aos egressos do sistema prisional. Nesta perspectiva, o participante afirma que o retorno ao cárcere está atrelado, muitas vezes, ao fato de os egressos não conseguirem ver-se parte da sociedade, isto é, livres desses estigmas. Assim, discute-se o círculo vicioso entre estigma e não-pertencimento, o que reflete na dificuldade de se conseguir emprego ou é a causa desta. Diante destas dificuldades e tendo o futuro em jogo, ao participante, a saída encontrada foi na ocupação informal e até ilegal (como trabalhos sem registro em carteira), que acaba sendo associada às precárias condições de trabalho e salário. Por fim, discute-se a importância que o participante dá ao trabalho, pois a esperança de que a boa relação de trabalho trará também a boa visão da sociedade e dos familiares para com ele, garante-lhe visibilidade e pertencimento.

Palavras-chave: trabalho; sistema prisional; fenomenologia existencial.

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, doutorando do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) e membro do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-IPUSP). Bolsista CNPq. Psicologia da Fundação Hermínio Ometto – Uniararas. Endereço Eletrônico: pedro_milanesi@yahoo.com.br

Rafaella Andreeta

Graduanda do Curso de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto – FHO|Uniararas. Endereço Eletrônico: rafaella_andreeta@hotmail.com

5.52. ESBOÇO DE UMA COMPREENSÃO DE INFÂNCIA EM MERLEAU-PONTY: POSSÍVEL FUNDAMENTO PARA A PSICOTERAPIA INFANTIL

Rosa Angela Cortez de Brito (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

No contexto clínico com crianças, verifica-se o significativo aumento do diagnóstico de transtornos psicopatológicos, a partir dos manuais classificatórios (Classificação Internacional de Doenças – 10 edição e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V). A partir deste cenário, apontamos a relevância de ir além desse modelo que entende infância a partir de modelos pré-estabelecidos, especialmente na psicoterapia infantil. O objetivo deste trabalho é pensar a noção de infância na filosofia de Merleau-Ponty como possível fundamento para a psicoterapia infantil. Para tal intento, embasamos nosso estudo na filosofia mundana de Maurice Merleau-Ponty, que buscou a compreensão do mundo vivido (*Lebenswelt*) em uma dimensão pré-reflexiva e pré-conceitual, o ser humano está fundamentalmente ligado à sua existência, em um tempo e em um espaço, existindo em mútua constituição com o mundo. A metodologia do estudo foi de natureza qualitativa-exploratória, a partir da realização de revisão de literatura de textos de Merleau-Ponty, bem como de artigos de comentadores do filósofo. Entendemos que, como o adulto, a criança também vivencia uma forma de contato experiencial pré-conceitual com o mundo. Contudo, a criança inicia esse contato via imitação e, posteriormente, como compreensão e atribuição de sentido. Como resultados desse estudo, encontramos que a relação estabelecida entre a criança e o mundo circundante promove o estabelecimento da linguagem. Este mundo, por sua vez, apresenta padrões culturais e sociais pré-estabelecidos e os padrões manifestam-se na repetição realizada pela criança. Essa repetição representa novidade pois contém nuances que convergem para a singularização do sujeito. A imitação do adulto representa uma forma de inserção da criança na cultura. No processo de entendimento da criança, no contexto psicoterápico, deve-se ultrapassar a dimensão de causalidade para a compreensão das variáveis e dos elementos com os quais a criança estabelece relação, como a família, a escola, dentre outros. Diante disso o psicoterapeuta posiciona-se em direção à compreensão de *como* a criança relaciona-se com seus diversos contextos; ou seja, de sua experiência vivida. Concluímos que a proposta fenomenológica de Merleau-Ponty representa uma possível e interessante via de acesso à experiência vivida da criança, bem como o estabelecimento de significativas intervenções contexto psicoterápico com crianças.

Palavras-chave: infância; fenomenologia; *Lebenswelt*; psicoterapia infantil.

Rosa Angela Cortez de Brito

Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica (CFP), Mestre em Psicologia (UFC), Doutoranda em Psicologia (UNIFOR). Professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Endereço Eletrônico: rosa@unifor.br

Virginia Moreira

Psicóloga, Doutora em Psicologia (PUC-SP), Pós-doutora em Antropologia Médica (Harvard Medical School). Professora titular da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

5.53. ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE OS MOTIVOS E MOTIVAÇÃO: BUSCA DE HOMENS POR PROFISSIONAIS DO SEXO

Bruna Alves Schievano (UFU)

Tommy Akira Goto (UFU)

A busca por profissionais do sexo ainda se faz presente na contemporaneidade em muitos contextos sociais, econômicos e culturais. Entendendo que a prostituição feminina tem seu lugar na história das relações humanas, essa pesquisa que ainda está em andamento, tem o intuito de analisar os motivos/motivações ou impulsos dos homens para a busca dessas profissionais do sexo. O tema da “motivação” foi um tema estudado por vários estudiosos no século XX que se interessaram pela temática, entre eles filósofos e psicólogos da escola fenomenológica, criada pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938), entre eles: o próprio Husserl, A. Pfänder, E. Stein, J. Buytendijk e outros. Uma das contribuições nessa temática foi desenvolvida pela filósofa e fenomenóloga Edith Stein (1891-1942), que no seu texto “Contribuições para uma fundamentação filosófica da Psicologia e das ciências do espírito” explicitou relação entre a causalidade e motivação, que constituem e atuam conjuntamente no indivíduo psíquico de essência sensível e espiritual. Em sua investigação com respeito à motivação, apresenta essa como fundante do ato livre, em que o eu não apenas vivencia como também se manifesta como senhor de seu vivenciar, tomando posições, sendo também o efeito da vontade, produzindo aspirações (*Streben*). Diferentemente da motivação, temos o “impulso”, isto é, uma tendência não motivada e determinada causalmente, não se tratando, dessa forma de uma ação livre, sendo caracterizado como algo que se é dado. A partir disso, entendemos que a investigação steiniana pode contribuir para essa pesquisa, sendo esta do tipo qualitativa fenomenológico-empírico. As entrevistas fenomenológicas estão sendo pautadas por uma pergunta orientadora: “Para você, o que te leva a buscar profissionais do sexo?”. Seguidamente, tais relatos percorrerão um processo gradual em concordância com o método fenomenológico hermenêutico de Amedeo Giorgi. Inicialmente, será estabelecido o sentido geral, em seguida, dividir-se-á em Unidades de Significado; o terceiro passo será transformar as Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; por fim, determinar-se-á a Estrutura Geral de Significados Psicológicos. Estamos buscando colaboradores, após a aprovação do comitê de ética, sendo as primeiras entrevistas feitas pessoalmente. No entanto, observamos a dificuldade desses de se exporem. Entendemos que para que outros colaboradores se sentissem confortáveis, deveriam responder sem contato direto com a entrevistadora. Para tanto, procuramos assim colaboradores em sites em que se recomendavam acompanhantes. O contato foi estabelecido primeiro pelo próprio site, e depois de entenderem o propósito, era enviado o termo de consentimento livre e esclarecido, por email. Totalizamos sete colaboradores, três pessoalmente e quatro via e-mail. Como resultados parciais, observamos que nos relatos dos entrevistados existem semelhanças de processos vividos ligados ao sentido de menor dispêndio afetivo e econômico das relações duais, objetivadas na busca de satisfação das necessidades sexuais, além da coerência de núcleos de significados ligados a necessidade sexual, facilidade de acesso ao sexo e a personalização da busca de resolução de seus impulsos sexual-afetivos. Assim, já podemos atentar que os “motivos” citados pelos sujeitos dizem mais acerca da esfera dos “impulsos” que da esfera da motivação, apesar de essa aparecer também nos relatos.

Palavras-chave: Edith Stein; método fenomenológico-hermenêutico; psicologia fenomenológica.

Bruna Alves Schievano

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia e bolsista de Iniciação Científica 2016/2017 (UFU/CAPES).

Endereço Eletrônico: bschievano@gmail.com

Tommy Akira Goto

Professor Adjunto III da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), Co-Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE), Membro-colaborador do Circulo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN), Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH).

Endereço Eletrônico: prof-tommy@hotmail.com

5.54. EUTANÁSIA ASSISTIDA E POLÍTICAS PÚBLICAS: QUESTÕES QUE TANGEM A POSTURA DO PSICOTERAPEUTA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL

Marcelo Fernandes Costa (FSMA)

Sane Masson Costa (FSMA)

A temática sob suicídio vem sendo cada vez mais explorada na contemporaneidade e têm afetado crianças, jovens e adultos, abordando questões polêmicas no âmbito das discussões multidisciplinares. Concomitantemente a este assunto surge a polêmica discussão sobre a Eutanásia ou Suicídio Assistido que, embora a Legislação Brasileira proíba esta intervenção, caracterizando-a como crime, para o Conselho Federal de Medicina, a Eutanásia se refere à antecipação da morte do paciente em estado terminal. Para os operadores do Direito, ela é considerada homicídio assistido, suicídio ou morte piedosa. O suicídio pode ser definido como autoeliminação consciente, voluntária e intencional, onde se observa o desejo de morrer, ideação constante, comunicação sobre a intencionalidade de morrer, a própria tentativa e o ato, sendo observado ambivalência entre o desejo de viver e morrer. E sob o ponto de vista da saúde, está entre as causas da depressão maior. O objetivo desse trabalho é diferenciar o suicídio comum, que no mais das vezes está relacionado a uma vida considerada por si mesmo como infeliz, dos casos de desejo de eutanásia por parte de pessoas que são gratas a vida que tiveram. Neste último caso não se trata de uma condenação da vida, mas é o caso de uma pessoa feliz e potente que quer um desfecho sem desespero. Pensar as políticas públicas como causa comum é não deixar que a pessoa em situação de doença grave, isolada e solitária no seu sofrimento permaneça ainda mais abandonada, mas tenha o reconhecimento e um apoio social na escolha pela morte. Neste cenário discutimos os conceitos de Saúde e Doença, o conceito de Eutanásia e Eutanásia Assistida e uma reflexão do filme “*Como eu era antes de você*”. Pensamos ser importante também refletir como as políticas públicas lidam com esse tema. Elegemos o campo da Clínica Fenomenológica Existencial como norte para a reflexão do posicionamento do Terapeuta diante dessas situações. Pensamos que a eutanásia não precisa ser um direito objetivo, automaticamente concedido, mas implica a necessidade de avaliar de que forma o paciente se relaciona com a vida, a doença e a morte. Não é necessário decidir se há direito ou não à eutanásia, mas devemos, por solidariedade àqueles que estão em situação de sofrimento, por causa de doença terminal, conceder toda a nossa atenção ao problema levantado. Do ponto de vista das abordagens fenomenológicas e existenciais, há na situação existencial do doente terminal que reclama o direito à eutanásia, tematizações que nos põem em situação privilegiada na discussão: morte, liberdade, solidão, temporalidade, decisão. Os métodos utilizados foram uma pesquisa bibliográfica através de banco de dados Scielo e BVS.

Palavras-Chave: Eutanásia; Existencialismo; Suicídio Assistido; Saúde e Doença.

Marcelo Fernandes Costa

Doutorando e mestre Universidade Federal Fluminense; Professor da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora Macaé; Psicoterapeuta.

Endereço Eletrônico: marcelofercosta@gmail.com

Sane Masson Costa

Estudante de Graduação de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Macaé/RJ.

Endereço Eletrônico: smassonc@gmail.com

5.55. EXPERIÊNCIA DE ABANDONO E ACOLHIMENTO: QUESTIONAMENTOS DE UMA CRIANÇA NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Mirella Karina Agochian

Sáshenka Meza Mosqueira (UNIP)

O trabalho visa apresentar dinâmica de abandono e acolhimento compreendida no atendimento de F. (9 anos), bem como a discussão da demanda que abrange o reposicionamento das figuras afetivas significativas no cuidado oferecido à criança. F. iniciou psicoterapia em clínica-escola, após procura da madrasta, D., preocupada com a falta de interação de F. com familiares e na escola (período integral), por brincar apenas com um pregador, ser passivo e confuso em suas tarefas. F. passou a morar, repentinamente, com D. e seu pai aos dois anos de idade. D. relata que a mãe biológica faltava com os cuidados básicos de F. e que ao morar com eles, seria melhor cuidado. O motivo da mudança não foi esclarecido a F., no entanto, D. lhe diz que isso ocorreu por solicitação dele, empregando-lhe uma responsabilidade que o deixava confuso. F. foi diagnosticado, por uma neurologista, com TDAH e recebeu prescrição medicamentosa. O atendimento, realizado sob referencial teórico-metodológico fenomenológico existencial, reconhece a criança como *ser-no-mundo* e como abertura para possibilidades, em constante desenvolvimento por meio da relação com o outro, atribuindo sentido ao vivido, criando significados de acordo com o modo como a sua existência se realiza. As sessões de psicoterapia infantil foram realizadas durante seis meses, individualmente em sala de atendimento, com caixa-lúdica, com duração de quarenta minutos, com o objetivo de compreender modos de ser e interagir do paciente. F. demonstrou agressividade durante suas brincadeiras, que consistiam em construir cuidadosamente uma cidade que, posteriormente, seria alvo de ataques, e em representar um sério conflito entre personagens mãe e filha. A figura paterna pouco apareceu nas brincadeiras. As narrativas de F. comunicavam que não tinha tempo de brincar, pois cuidava de sua irmã (10 meses) quando voltava da escola, desempenhando tarefas não condizentes com atividades de uma criança de sua idade. Na escola, F. não se concentrava, utilizando seu tempo para brincar com os objetos escolares. Nas entrevistas com D., o pai foi possível compreender que F. pedia espaço para ser criança, deixando clara a sobrecarga de responsabilidades e exigências em sua rotina. Professores e educadores da escola também notavam a falta de esforços dos cuidadores para incluí-lo na dinâmica familiar em momentos lúdicos. D. e o pai o acolheram em sua família e nos cuidados básicos, procurando inclusive atendimento psicológico. O acolhimento oferecido a F. contrastava com atitudes de abandono afetivo dos pais, negligenciando sua necessidade de espaço para expressar-se e sentir-se pertencente à família. Compreensões compartilhadas com os pais permitiram desvelar ausência de amparo e cuidados afetivos, de liberdade, de tempo para ser criança e da figura paterna em seu cotidiano. Discutir a responsabilidade do clínico na tarefa de ampliar a compreensão da queixa junto a pais e educadores, no intuito de sair de um entendimento individualizante dos motivos de sofrimento, se mostra relevante na prática psicológica. As intervenções buscaram, junto aos pais, compreender as necessidades da criança como manifestação da dinâmica familiar estabelecida, e não apenas como consequência direta da separação da mãe biológica ou do diagnóstico de TDHA.

Palavras-chave: atendimento infantil; abandono; acolhimento; fenomenologia existencial; clínica-escola.

Mirella Karina Agochian

Graduada (2016) em Psicologia pela Universidade Paulista.

Endereço Eletrônico: mkarinagochian@gmail.com

Sáshenka Meza Mosqueira

Graduada (2001) em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Licenciada (2001) em Psicologia pela Faculdade de Educação, Especialista (2010) em Prática Psicológica em Instituições pelo IPUSP, Mestre (2008) e Doutora (2013) no Programa de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do IPUSP, Professora Adjunta (2012) da Universidade Paulista.

Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

5.56. EXPERIÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS EM PLANTÃO PSICOLÓGICO EM HOSPITAIS: FORMAÇÃO E AÇÃO CLÍNICA

Carlos de Sousa Filho (PUC Minas)

Kleiton Aparecido de Oliveira (PUC Minas)

Marciana Gonçalves Farinha (IPUFU)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (IPUFU)

Este estudo aborda a inserção de estagiários de psicologia nas instituições hospitalares por meio do plantão psicológico. Enquanto prática que visa elaborar o sentido no acontecer mesmo das situações emergentes, mobilizando recursos disponíveis e questionando procedimentos automatizados, o plantão psicológico abre possibilidades de reinvenção do cuidado no âmbito hospitalar, que historicamente tem atuado sob uma perspectiva fragmentada, na qual o olhar sobre o corpo se baseia no modelo biomédico e na qual a divisão do trabalho em saúde atribui ao psicólogo a promoção do ajustamento social e institucional sob uma ótica intrapsíquica do paciente. Esta pesquisa tem enfoque qualitativo, utilizando como fontes de dados diários de bordo elaborados pelos alunos de graduação do quarto e quinto ano, participantes do estágio, relatando suas impressões, experiências e seu processo de compreensão do fazer profissional, na perspectiva de relato de experiência. O material foi analisado na perspectiva da hermenêutica fenomenológica, buscando desvelar significações correlacionadas na práxis e discutir os sentidos tomados pelo fazer psicológico. Os resultados apontam a potencialidade do plantão psicológico para o questionamento do modelo biomédico e da perspectiva de adequação do comportamento do paciente às normas institucionais em direção a uma reinvenção da práxis hospitalar. Ao promover a circulação dos psicólogos no espaço hospitalar, em solicitude a quem demandar atenção em saúde, o plantão psicológico permite testemunhar a história singular e compreender nela os múltiplos entrelaçamentos que compuseram a atual situação de saúde, consistindo também num meio dos atores sociais terem voz, promovendo o diálogo tanto entre equipe de saúde e paciente quanto entre os múltiplos saberes profissionais, lançando, assim, luz sobre as experiências dos sujeitos. A abertura de espaço para a escuta ao intenso sofrimento se contrapõe ao movimento de patologização das dimensões psicológicas no ambiente hospitalar e de reflexão sobre as limitações humanas frente a situações como a restrição física e a morte. Além disso, o plantão psicológico mostrou-se um recurso importante para viabilizar a comunicação entre a equipe e o paciente, traduzindo para o paciente informações da equipe fornecidas em caráter técnico e inversamente identificando e encaminhando demandas por assistência médica, social, de enfermagem, entre outras no relato das experiências pessoais, operando como uma abertura para novas possibilidades e construção de relações mais humanizadas para os atores sociais. A partir desses aspectos, a experiência de estágio em plantão psicológico abriu espaço para uma formação em psicologia pautada numa estreita articulação teórico-prática, reelaborando referências de atendimento, em direção a uma ampliação das concepções e dimensões envolvidas no cuidado em saúde. Já no que tange à atuação, ocorreram alguns questionamentos dos modos usuais de ação clínica, ponderando um enfoque mais integral do cuidado em contraposição à visão biomédica, e criação de espaços de fala aos atores sociais, por meio da presença disponível dos plantonistas.

Palavras-chave: Instituições de saúde; Modelo biomédico; Plantão psicológico; Formação do Psicólogo.

Carlos de Sousa Filho

Graduado em Psicologia pela PUC Minas – Campus Poços de Caldas.

Endereço Eletrônico: csfilhopsi@gmail.com.

Kleiton Aparecido de Oliveira

Graduado em Psicologia pela PUC Minas – Campus Poços de Caldas.

Endereço Eletrônico: kleiton015@hotmail.com.

Marciana Gonçalves de Farinha

Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço Eletrônico: mgfarinha@hotmail.com.

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço Eletrônico: tatibmb@gmail.com.

5.57. EXPRESSÕES DA ANGÚSTIA NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Carmem Lucia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Ellen Fernandes Gomes da Silva (UNICAP)

O objetivo do presente texto é trazer as discussões que estão sendo realizadas para subsidiar a pesquisa de doutorado da autora principal, a qual busca compreender as manifestações da angústia na clínica psicológica. Ao considerar a atualidade e a possibilidade de problematização da temática proposta, tal estudo justifica-se, inicialmente, pela experiência clínica da pesquisadora, a qual sinalizou a presença marcante da angústia em seus atendimentos clínicos e a solicitação dos pacientes para diminuir, medicar e curar a angústia. Também se mostra relevante pelos resultados encontrados a partir de pesquisas realizadas com o objetivo de fazer um levantamento do estado da arte, os quais apontaram para duas direções: a biologização, patologização da angústia e a compreensão da angústia enquanto condição humana originária – dimensão ontológica – e a manifestação dessa angústia na constituição do sofrimento psicológico. De natureza qualitativa, esta investigação está afinada à fenomenologia hermenêutica, privilegiando a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica, proposta elaborada por Gadamer. Participaram da pesquisa quatro psicólogos clínicos, de diferentes perspectivas epistemológicas. Para acesso à experiência dos colaboradores da pesquisa, utilizaram-se a entrevista narrativa e os registros feitos no “diário de bordo” da pesquisadora. Como método de análise das narrativas, foi escolhido a “Analítica do Sentido” de Dulce Critelli, o qual possibilitou a compreensão do fenômeno estudado. Os resultados da pesquisa de doutorado, a partir do material analisado, apontam para: o questionamento do poder científico que estabelece critérios e classificações diagnósticas, que diz como se deve ser e agir e ignora os paradoxos e estranhamentos da experiência; a patologização e medicalização da angústia enquanto ressonância de uma lógica que não tolera o sofrimento e busca distanciar o homem de qualquer experiência de confronto com a dor; a crítica à formação tecnicista do psicólogo, fundamentada em modelos teóricos-explicativos, cuja finalidade é, a partir dos padrões de controle, eficiência e eficácia, a resolução de conflitos mentais e o bem-estar do paciente. Por fim, cabe mencionar, que o presente trabalho almeja contribuir para a problematização do discurso que, baseado no aparato tecnocientífico, tem promovido a patologização de dimensões humanas (como a angústia) e a medicalização da vida. Bem como realça a importância de compreender a clínica enquanto um espaço de escuta e acolhimento das manifestações de angústia, resguardando aquilo que é o mistério do próprio acontecer das coisas, os sentidos que nos são mais próprios e singulares.

Palavras-chave: Angústia; Ação Clínica; Fenomenologia Hermenêutica.

Carmem Lucia Brito Tavares Barreto

Psicóloga, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora adjunta da Universidade Católica de Pernambuco e Coordenadora da Linha de Pesquisa de "Práticas Psicológicas em Instituições" do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica.

Endereço Eletrônico: carmembarreto@hotmail.com

Ellen Fernandes Gomes da Silva

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco e doutoranda pelo mesmo programa.

Endereço Eletrônico: ellenfernanda1@hotmail.com

5.58. FENOMENOLOGIA E SAÚDE MENTAL: UM APELO AO RESGATE DA EXPERIÊNCIA DO SUJEITO EM SOFRIMENTO PSÍQUICO.

André Pimenta de Melo (FCM- UNICAMP)

Bruno Bauer Saracino (FCM-UNICAMP)

O presente trabalho foi construído a partir das vivências de dois Psicólogos da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UNICAMP com o objetivo de realizar uma reflexão crítica acerca das práticas e posturas hegemônicas, tais como diagnósticos e intervenções clínicas derivadas do método das ciências naturais, observadas no cotidiano de dois CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Problematicando as experiências vivenciadas nestes equipamentos de saúde mental, foi realizada uma desconstrução de raciocínios e pensamentos clínicos derivados dessa concepção de ciência e seus desdobramentos. Para tanto se utilizou dos relatos de experiência em campo e do método fenomenológico presente nas filosofias de Edmund Husserl e Martin Heidegger, bem como a psicopatologia de autores da tradição fenomenológica como Arthur Tattossian, Eugène Minkowski e Medard Boss. Inicialmente descreveu-se as posturas frente aos usuários e as abordagens técnicas-teóricas predominantemente encontradas nos equipamentos. Identificou-se que tais compreensões derivam e são devedoras de uma fundamentação e metodologia atrelada às ciências naturais. Em seguida realizou-se uma análise, à luz da tradição fenomenológica, das posturas encontradas. Por fim apresentou-se, a partir de um exemplo clínico, como uma prática que se embasa nessa tradição e na experiência do sujeito possibilita outra forma de compreensão dos fenômenos clínicos. Discutindo esses dados argumenta-se a importância do resgate de uma postura e ética clínica que se fundamentem na experiência do sujeito em sofrimento psíquico. Justifica-se assim o potencial do método e tradição fenomenológica que permitem a compreensão da vivência do sujeito, lhe dando ênfase, antes de capturá-la e reduzi-la a discursos ou esquemas teóricos pré-concebidos.

Palavras-chave: Atenção Psicossocial; Saúde Mental; Fenomenologia; Ética.

André Pimenta de Melo

Residente de saúde mental da FCM-UNICAMP vinculado atualmente ao mesmo programa, psicólogo formado pela PUC-SP.

Endereço Eletrônico: pimentademelo@hotmail.com

Bruno Bauer Saracino

Residente de saúde mental da FCM-UNICAMP vinculado atualmente ao mesmo programa, psicólogo formado pela PUC-SP.

5.59. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL SOBRE A IDENTIDADE DA JOVEM MÃE

Aléxya Cristal Brandão de Lima(UFRR)

Halaine Cristina Pessoa Bento(UFRR)

Talitha Lúcia Macêdo da Silva(UFRR)

Um aspecto pouco questionado a respeito da gravidez na adolescência é como se dá o processo de construção da identidade da adolescente que vivencia o fenômeno. A identidade de um sujeito é formada pela conjunção de comportamentos, atitudes e crenças permanentemente em construção, sendo, portanto, fluída. Para as jovens que vivenciam a maternidade, a construção da identidade pode ocorrer de modo diferenciado, uma vez que este novo lugar social (físico e psíquico) permeia o desenvolvimento futuro do sujeito. Deste modo, esta pesquisa pretendeu investigar as repercussões da gravidez no processo de construção da identidade de adolescentes mães que residem em Boa Vista – RR. Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa e exploratória, de orientação fenomenológica. Participaram da pesquisa quatro adolescentes mães, todas com 19 anos de idade, casadas e com filhos únicos. Tal estudo se desenvolveu à luz da Analítica do Sentido, proposta fenomenológica apresentada por Dulce Critelli, que considera os fenômenos enquanto perspectivas fluídas e não como verdades imutáveis, derivando uma compreensão do ser humano enquanto vir a ser, em constante movimento e modificação. Nesse sentido, a partir da aproximação da realidade das jovens mães boa-vistenses, foi possível perceber que a maternagem serviu a elas como via de atribuição de novos sentidos, respondendo à urgência do delineamento identitário imposto pela adolescência, o que não implica no estabelecimento definitivo de uma identidade, mas na construção de novos comportamentos, vinculações e valores de acordo com o desenvolvimento dos filhos e o amadurecimento próprio. Para estas jovens, estabelecer-se como mulher é o equivalente a exercer a maternagem, reconhecendo-se enquanto mulheres de acordo com a concepção biologicamente fundamentada: aquela que é capaz de reproduzir, mas, mais que isso, reconhecem-se satisfatoriamente de acordo com os ideais construídos de maternidade, atrelada a conotações de cuidado. Em suas experiências, a maternidade é um modo de exercer poder e obter valorização social, embora certamente não deva ser o único modo, este é importante e, muitas vezes, mais acessível. Assim, no caso das participantes da pesquisa, a maternidade serviu como marco de experiência que ressignificou suas vidas. O tornar-se mãe proporcionou a essas jovens uma aproximação de figuras de referência e apoio materno, que forneceram subsídios no processo de construção de suas identidades.

Palavras-chave: Adolescência; Maternidade; Fenomenologia.

Aléxya Cristal Brandão de Lima

Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: alexyacristal@hotmail.com

Halaine Cristina Pessoa Bento

Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: halaine_cristini@hotmail.com

Talitha Lúcia Macêdo da Silva

Psicóloga Clínica; Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: macedo.talitha@yahoo.com.br

5.60. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DOS SENTIDOS DA MATERNIDADE PARA JOVENS RORAIMENSES

Aléxya Cristal Brandão de Lima(UFRR)

Halaine Cristina Pessoa Bento(UFRR)

Talitha Lúcia Macêdo da Silva(UFRR)

As singularidades existentes no Estado de Roraima indicam a necessidade de estudos que se voltem em direção à adolescência. Já que o Estado possui o maior índice de casos de gravidez na adolescência do Brasil. Tal fenômeno é um tema de interesse de pesquisas que partem do viés de preocupação populacional acerca dos riscos de saúde da gestação na adolescência, tanto para a mãe quanto para o bebê, bem como das possíveis repercussões psicoemocionais que podem vir à tona durante e após a gravidez. Entretanto, faz-se necessário estudos destinados a ouvir as próprias adolescentes e entender os sentidos que as mesmas atribuem à sua vivência. E assim, a partir dessa compreensão, possibilitar espaços de escuta que melhor orientem a elaboração de políticas públicas voltadas para a qualidade de vida dessas jovens e, conseqüentemente, de seus filhos. Contudo, estas são questões poucas discutidas no âmbito local. Nesse sentido, segundo as perspectivas de diversos autores na área, mesmo a gravidez na adolescência, na contemporaneidade, sendo socialmente indesejada, grande parte das jovens usa essa experiência na sua vida como uma possibilidade de crescimento e amadurecimento pessoal, vivenciando esse momento como um espaço de ganhos e conquistas. Desta maneira, a criança que acaba de nascer na vida dessa adolescente pode abrir espaços para novos sentidos e, assim, possibilitar condições para a jovem lutar e buscar melhores condições para si e para a vida que está agora sob sua responsabilidade. Uma vez que, teóricos que se debruçam sobre a temática declaram que os sentidos atribuídos à maternidade são singulares e constituídos por aspectos sociais, econômicos, históricos e religiosos. Deste modo, esta pesquisa tem por objetivo compreender, de modo Fenomenológico-Existencial, a partir de entrevistas semidirigidas, os sentidos da maternidade para adolescentes que engravidaram, entre doze e vinte anos incompletos, e que realizaram o acompanhamento de sua gestação no Centro de Referência em Saúde da Mulher no município de Boa Vista – RR. As respostas das adolescentes serão compreendidas à luz da Análise do Sentido proposta por Dulce Critelli, que, a partir de uma postura Fenomenológica Existencial, preocupa-se com a manifestação do fenômeno, o modo como ele aparece e realiza-se. Assim, busca-se abrir espaço de escuta e acolhimento para que venha à tona o sentido que o ser atribui às suas experiências e existência, buscando entender os diversos modos de ser-no-mundo e de ser-no-mundo-com-os-outros. Logo, o sujeito precisa ser compreendido a partir do seu contexto sociocultural, econômico e político, levando em consideração a pluralidade e singularidade dos modos de ser. Por fim, além de possibilitar acolhimento e escuta compreensiva das adolescentes em questão, as informações coletadas poderão subsidiar ações voltadas para as mesmas, tais como: políticas públicas, projetos de extensão e dentre outras. Com o intuito de criar um espaço de acolhimento da realidade que se apresenta, das suas dúvidas, inseguranças e orientações/informações sobre temáticas inerentes à sexualidade. Porém, acredita-se que a melhor maneira de proporcionar tais ações precisa partir, primeiramente, de contatos significativos com as próprias jovens.

Palavras-chave: Adolescência; Sentido; Maternidade.

Aléxya Cristal Brandão de Lima

Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: alexyacristal@hotmail.com

Halaine Cristina Pessoa Bento

Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: halaine_cristini@hotmail.com

Talitha Lúcia Macêdo da Silva

Psicóloga Clínica; Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereço Eletrônico: macedo.talitha@yahoo.com.br

5.61. INFÂNCIA E MORTE: EXPERIÊNCIA EM UBS COM CRIANÇAS QUE FALAM EM SUICÍDIO.

Livia Peretti Duarte (SOBRAPHE)

Segundo OMS os números de suicídio no Brasil vem aumentando, principalmente, entre os jovens. Atendimentos de crianças entre 7 e 10 anos em unidade básica de saúde (UBS) indicaram quanto é relevante analisar o querer morrer nessa fase da infância. Encontramos importante desejo de morte em cinco crianças, dois meninos e três meninas. Das cinco, três declararam elas próprias seu desejo. Quanto às outras, as informações vieram por intermédio das mães. Relataram que as crianças agiram no sentido de fazer tentativas de suicídio. A gravidade do desespero relatado e nossa perplexidade frente a tal situação nos impeliram a investigar com mais profundidade o que se passou com elas para querer interromper suas vidas. Passamos, então, a analisar os prontuários arquivados na UBS e, dentre eles, escolhemos os de duas crianças. O critério foi: ter havido atendimento individual e regular por, no mínimo, cinco meses na UBS. Analisamos nossas anotações registradas pós-atendimento utilizando as seguintes atitudes metodológicas: buscar o que se manteve e o que se diferenciou entre o material dos dois prontuários (desenhos e verbalizações), fazer descrições fenomenológicas sobre o que ocorreu com cada uma delas para que investissem contra própria vida e, pela Análise da Relação Existenciária (ARE), analisar os modos cotidianos de “ser junto” a entes intramundanos e “com” outros *Daseins*. A partir do que elas expressaram, vendo fenômenos, vendo, portanto, o que se mostra tal como se mostra, pudemos ter material para seguir os passos que este estudo exigirá que sejam realizados. A escolha dessas atitudes veio de nosso interesse pelo âmbito fenomenológico existencial de ação clínica e pela carência de bibliografia sobre suicídio na infância neste âmbito. Explicaremos alguns conceitos da fenomenologia e da própria ARE que funda-se na analítica do *Dasein* e fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. A analítica ontologicamente esclarece que o homem é sempre e a cada vez interpelado pelo que vem a seu encontro como forma de compreensão de ser e disposição de humor. A ARE, onticamente, como recurso de compreensão e análise da cotidianidade - ação clínica - permite mostrar a estrutura das interpelações-respondências das crianças e, com isso, a estrutura das famílias e do entorno delas (campo hermenêutico). Nosso estudo pretende mostrar como podemos, pela Análise da Relação Existenciária, alcançar o que ocorre na cotidianidade dessas crianças tal como ocorre e, com isto, ter demonstrados: os motivos geradores de infelicidade, desespero, falta de suporte que precisavam para a vida, a ponto de quererem morrer e entender e encontrar outros modos de lida que não as levassem ao suicídio.

Palavras-chave: Suicídio Infantil; Saúde Pública; Fenomenologia-Existencial; Análise da Relação Existenciária.

Livia Peretti Duarte

Psicóloga pela Universidade Guarulhos-SP; Especialista em Terapia Comunitária pela UNIFESP; Formação clínica em Fenomenologia- Existencial e participante do grupo de estudos em Martin Heidegger pelo instituto SOBRAPHE; Atuação em unidade básica de saúde há 5 anos pela SPDM. Endereço eletrônico: livia.peretti@hotmail.com

5.62. INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS DE ORIENTAÇÃO LOGOTERAPÊUTICA COM PACIENTES ONCOLÓGICOS E FAMILIARES: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Achilles Gonçalves Coelho Júnior (FIPMoc; FFCLRP-USP)

Dionete Maria Mendes Nogueira (FCMMG)

A psico-oncologia oportuniza a reflexão acerca da atenção integral ao paciente oncológico, através de intervenções terapêuticas, que visam promover elaboração da experiência acerca da doença e do adoecer, do tratamento, da recuperação, da morte e do luto. O estabelecimento do diagnóstico de câncer é um evento estressor capaz de desencadear diversas reações psicológicas em quem o recebe. Dadas as particularidades inerentes ao adoecimento por câncer e ao tratamento da doença, que podem exigir variados procedimentos invasivos, as intervenções terapêuticas do profissional psicólogo, em casa de apoio ao paciente com câncer, visam a melhoria da qualidade de vida do paciente, por meio de programa de intervenção psicossocial que ofereça, individualmente e/ou em grupo, uma oportunidade para descoberta de estratégias de enfrentamento e adaptação à nova realidade. Este trabalho é um relato sobre a experiência de práticas psicológicas realizadas no atendimento ao paciente oncológico e a seu acompanhante, na Associação Presente de apoio a pacientes com câncer Padre Tiãozinho de Montes Claros-MG, tendo como objetivo descrever os principais efeitos terapêuticos dessas intervenções. Foram realizados atendimentos em psicoterapia breve, grupo terapêutico e lúdico, passeios ao parque, cinema comentado, acompanhamento psicológico e atendimento à rede de apoio do paciente, como seus familiares, e utilização do Cantinho Lúdico. Empregou-se a análise fenomenológica para o tratamento dos dados, fundamentada em Edmund Husserl e Edith Stein, objetivando identificar e compreender os efeitos terapêuticos comuns nos pacientes e familiares participantes do programa. Identificamos que a integração de diversas intervenções psicossociais de orientação logoterapêutica contribui para a melhoria da qualidade de vida do paciente oncológico. As intervenções grupais colaboram para a expressão de sentimentos, sendo um espaço de partilha das dificuldades, expectativas e experiências vividas no adoecimento por câncer e propiciaram experiência de pertencimento, segundo relatos dos pacientes. Os passeios ao parque favoreceram o reconhecimento do belo, no contato com a natureza, permitindo desvelar o sentimento despertado pelos valores vivenciais, oportunizando a descoberta de significados e sentidos, apesar do câncer; e romperam o círculo hospital/casa de apoio, ampliando o espaço de convívio dos pacientes e familiares. O cinema comentado permitiu a reflexão de experiências vividas pelos personagens, corroborando para que os participantes elaborassem e expressassem suas experiências. Os pacientes, que são adultos e idosos, identificaram o Cantinho Lúdico como o lugar de entretenimento que favoreceu a ressignificação de lembranças, a criação da obra própria e a possibilidade de agradecimentos através das mensagens e orações escritas; permitiu, ainda, um espaço para o preenchimento do tempo de ociosidade e auxiliou o paciente a lidar com a insônia, promovendo melhora na qualidade do sono. A psicoterapia breve de orientação logoterapêutica facilitou o foco nas demandas situacionais e viabilizou o desenvolvimento de estratégias de enfrentando e adaptação às novas realidades que surgiram, visto que as necessidades do paciente oncológico sofrem constantes oscilações. O acompanhamento psicológico propiciou o olhar para si próprio e favoreceu o autoconhecimento, facilitando a compreensão sobre si mesmos e possibilitando posicionamentos autênticos. Estas intervenções inauguraram uma abertura para a reflexão sobre o sentido da vida, apesar do adoecimento por câncer.

Palavras-chave: Psico-oncologia; Intervenções psicossociais; Paciente oncológico; Logoterapia.

Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Doutorando pela Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor e Coordenador do Serviço de Atendimento Psicopedagógico das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros-MG. Psicólogo.

Endereço Eletrônico: achillescoelho@gmail.com

Dionete Maria Mendes Nogueira

Pós-graduanda em Psico-Oncologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG. Pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial pela Associação de Logoterapia Viktor Emil Frankl – Curitiba-PA. Psicóloga.

Endereço Eletrônico: dionete_mendes@yahoo.com.br

5.63. LITERATURA E INFÂNCIA: A COMPREENSÃO DO LUGAR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Alessandra Marques (PUCSP)

Cynthia Prado (PUCSP)

Debora Andrade (PUCSP)

Luciana Szymanski (PUCSP)

Nathália Machado (PUCSP)

O presente projeto pretende dar continuidade às intervenções anteriormente realizadas em um Centro de Educação Infantil (CEI) da região da Brasilândia com crianças de 0 a 4 anos, com vistas à implementação e análise, a partir da demanda local, de um espaço de leitura, contação de história e reflexão sobre temas cotidianos da instituição por meio deste instrumento. Com isso, pretende-se pesquisar as contribuições da literatura para a educação infantil e compartilhar as barreiras que se colocam na implantação de um projeto que explore a literatura infantil e seus desdobramentos no cotidiano escolar. O projeto divide-se em quatro subprojetos que se desdobram da questão mais ampla da pesquisa, que pergunta qual o lugar da contação de histórias e literatura infantil em um CEI. Decorrem desta questão mais ampla - fruto de uma inquietação institucional em relação à utilização do seu espaço - quatro outras perguntas são aqui apresentadas como subprojetos: como a gestão de um CEI compreende a implementação e discussão de um espaço de contação de história inserido no seu cotidiano e qual seu papel na implantação do projeto?; Como as (os) educadoras (es) compreendem a implementação e discussão de um espaço de contação de história inserido no seu cotidiano e qual seu papel na implantação do projeto?; Como as crianças vivenciam essa implementação?; Como as famílias entendem o lugar da contação de história no cotidiano do CEI? A pesquisa inscreve-se na abordagem fenomenológica existencial e fundamenta-se mais amplamente na noção de sentido desenvolvida por Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*. O procedimento metodológico fará uso da entrevista reflexiva, que se alinha ao método fenomenológico existencial. Tal entrevista baseia-se em uma relação pautada na horizontalidade entre entrevistador e entrevistado, implicando em uma dinâmica dialógica entre os participantes. O processo considera não apenas um movimento de simples escuta, ou coleta de dados (no sentido unilateral), mas uma contínua volta ao entrevistado, movimento este que tem como objetivo o esclarecimento daquilo que está sendo dito, bem como a criação de um espaço de interação no qual o entrevistado se sinta confortável. Pretende-se, com tal instrumento, obter uma revelação da experiência original e pessoal dos participantes e ampliar a investigação sobre a experiência dos diferentes setores de um CEI com a contação de histórias e literatura infantil de modo mais amplo. Sendo assim, até o presente momento como resultado preliminar observamos que a contação de histórias configura-se para as crianças da instituição como um espaço de reflexão e elaboração de sentido em relação às temáticas propostas através dos livros infantis que são levados, tais como: questão étnica, auto-aceitação, inclusão, desfralde e papéis de gênero. Desse modo, a contação até o momento caracteriza um lugar de compartilhamento de experiências comuns assim como um espaço de escuta. Tais desdobramentos serão ampliados e aprofundados até o término da pesquisa, previsto para Agosto de 2017.

Palavras-chave: fenomenologia-existencial; educação infantil; literatura infantil

Alessandra Marques

Graduanda do curso de Psicologia da PUCSP; bolsista PIBIC-CEPE

Endereço Eletrônico: ale_marquesw@outlook.com

Cynthia Prado

Graduanda do curso de Psicologia da PUCSP; bolsista PIBIC-CEPE

Endereço Eletrônico: cynthiaalmeidaprado@gmail.com

Debora Andrade

Graduanda do curso de Psicologia da PUCSP; bolsista CNPq.

Endereço Eletrônico: debora-andrade25@hotmail.com

Luciana Szymanski

Docente do curso de Psicologia e do Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: psicologia da educação—PUCSP.

Endereço Eletrônico: lucianaszymanski@gmail.com

Nathália Machado

Graduanda do curso de Psicologia da PUCSP; bolsista CNPq.

Endereço Eletrônico: nathalia.smr@gmail.com

5.64. MATERNIDADE COMO ESCOLHA EXISTENCIAL EM J. P. SARTRE

Deise Gabriela Bays (UFCSPA)

A decisão sobre a maternidade costuma afligir muitas mulheres próximas da idade considerada limite para as primeiras gestações, por volta dos 35 anos. Para estas mulheres a maternidade se coloca como uma escolha difícil, que se inscreve entre possibilidades de ascensão na carreira e de maior autonomia e liberdade na condução de sua própria vida. No Brasil, a “desnaturalização” da maternidade avançou sobretudo entre as décadas de 70 e 80, à medida que os métodos contraceptivos se tornaram populares e acessíveis e à medida que o movimento feminista ganhou força, na luta pela igualdade de direitos das mulheres. Embora seja uma escolha de ordem individual, ou conjugal, a maternidade torna-se questão social e econômica quando emerge a preocupação pela perpetuação da espécie e pela manutenção e propagação da população produtiva da sociedade. Há países em que a redução substantiva das taxas de natalidade e fecundidade tornou-se um problema tão preocupante que já motivou a criação de políticas públicas de incentivo a mulheres e casais para que tenham filhos. É o caso de Portugal, Japão e Alemanha, por exemplo, onde o envelhecimento e a diminuição da população ativa colocam em xeque a estabilidade de suas economias. Para além das questões socioeconômicas, há inúmeros aspectos psicológicos e emocionais que envolvem a escolha da mulher sobre ter ou não filhos, que muitas vezes encobrem a natureza ambígua de um desejo com múltiplos atravessamentos. A fim de articular o tema da maternidade com as noções de subjetividade e liberdade em uma perspectiva existencialista, neste trabalho de natureza ensaística intencionamos perscrutar as sendas conceituais da filosofia existencial de Sartre, em especial sua concepção de sujeito como projeto inacabado, cuja liberdade é o traço essencial. Veremos, que a dinâmica da maternidade pode ser pensada a partir do movimento dialético entre sujeito e objeto. O bebê que a mãe carrega é um ser outro, uma exterioridade interiorizada. A alternância entre a objetificação e a subjetivação da diáde mãe-bebê, pode explicar também a variação entre identificações fusionadas e excessivamente distintas. A responsabilidade por gerar uma nova vida que viverá a mesma angústia a que estamos submetidos em nossa condição existencial, bem como o movimento dialético presente no processo de gestar, podem estar na origem da ambiguidade de sentimentos que envolvem a maternidade e que, em casos extremos levam a mulher a grande sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Psicologia; Existencialismo; Maternidade; Subjetividade; Liberdade.

Deise Gabriela Bays

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e integrante do Núcleo de Pesquisas em Psicologia Existencial - Aletheia, possui graduação e mestrado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
Endereço Eletrônico: deisebays@gmail.com.

5.65. O CORPO VIVIDO NA ANOREXIA SOB A LENTE DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/PARIS 7)

Márcia Helena Nogueira da Silva (APHETO/UNIFOR)

Virginia Moreira (APHETO/UNIFOR)

Os transtornos alimentares são caracterizados pela psiquiatria como uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação. A atual classificação diagnóstica inclui as seguintes psicopatologias: transtorno de pica, transtorno de ruminação, transtorno alimentar restritivo/evitativo, anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar. A anorexia se caracteriza, de forma geral, pela restrição da ingestão calórica em relação às necessidades, levando, progressivamente, a um peso corporal significativamente baixo. O medo intenso de ganhar peso, além da perturbação no modo como o próprio peso ou a forma corporal são vivenciados, afeta a autoavaliação da imagem corporal e impossibilita o reconhecimento da gravidade do baixo peso corporal atual. Neste trabalho, temos como objetivo discutir a experiência vivida de anorexia a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. Considerando-a para além do diagnóstico psiquiátrico, utilizamos as discussões realizadas pelo filósofo acerca do corpo vivido como lente para compreender os significados destemodo de existência. Trata-se de um estudo teórico, de cunho bibliográfico, que evidencia a totalidade do corpo vivido e seu possível papel como condição de possibilidade para a constituição da anorexia. Compreendemos aqui a anorexia como um modo de existir no mundo que tem no corpo e nos atos alimentares a expressão de seu sofrimento e adoecimento. O corpo situa o homem em sua mundaneidade, é sujeito e objeto da própria existência em seu caráter visível e vidente – um corpo em expressão. Ao compreendermos o corpo como fenômeno, buscamos ir além do diagnóstico da anorexia, naquilo que há de comum para os pacientes e na consideração do corpo apenas como objeto, atingindo o corpo como experiência, como vivido de um sujeito que habita o próprio corpo e se encontra perdido na dinâmica de *ser* e *ter* um corpo.

Palavras-chave: anorexia nervosa; corpo vivido; fenomenologia; *Lebenswelt*; Merleau-Ponty

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo, mestre em psicologia pela UNIFOR, professor da UNIFOR, membro do APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica, doutorando em Psicopatologia na Université Paris Diderot – Paris VII, Sorbonne Paris Cité, bolsista Capes (Proc. 09998-14/1).
Endereço Eletrônico: bloclucaas@gmail.com

Márcia Helena Nogueira Da Silva

Psicóloga, mestranda em psicologia pela UNIFOR, membro do APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica.
Endereço Eletrônico: marciahelena1374@hotmail.com

Virginia Moreira

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School. Coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO). Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPQ – PQ – 02. Professora titular do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Endereço Eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

5.66. O CUIDAR NO ESPORTE: UM ESTUDO COM ATLETAS DE FUTSAL FEMININO

Matheus Vasconcelos Torres (UFAM)

Estudos em diferentes perspectivas na psicologia do esporte demonstram a importância de debruçar-se nas vivências esportivas de atletas. Esta pesquisa teve como objetivo compreender a vivência esportiva de atletas de futsal feminino, onde foi possível vislumbrar a importância do cuidar neste contexto. A preocupação com o outro é inerente ao existir humano, logo o cuidado também está presente na prática esportiva. O cuidado é uma atitude de comprometimento com o outro, é ser-além-do-mundo ou amor. Por isso este trabalho nos traz reflexões sobre o olhar e a prática da psicologia no ambiente esportivo. Assim, recorreu-se ao método fenomenológico de pesquisa para compreensão dessas vivências, onde pressupõe-se ir ao encontro destas experiências para enxergar a maneira de estar no mundo das atletas. A aproximação com as atletas iniciou nos meses antecedentes ao momento das entrevistas. Ao todo foram entrevistadas 10 atletas e foi utilizada uma questão norteadora para entrevista, onde foi questionado “Como é sua vivência da prática do futsal?”, que sofreu posteriores desdobramentos. Concomitantemente seguiu-se as seguintes instruções: Realizar leitura e re-leitura atenta das transcrições para criar a possibilidade de imaginar o ponto de vista de cada atleta, para então estabelecer as unidades de significado e efetuar sua síntese. Posteriormente buscou-se a convergência entre os fenômenos a fim de possibilitar uma visão mais profunda das experiências das atletas de futsal. Perante a realização e análise das entrevistas, surgiu entre as categorias de análise a questão do cuidado no mundo esportivo. Na vivência de mundo da atleta de futsal foi possível desvendar o autocuidado, onde o sentido da prática converge para a saúde individual e para aspectos essenciais na constituição da corporeidade da mulher-atleta; O cuidado nas relações familiares, onde a família é um grupo de apoio fundamental para a prática esportiva; O cuidado na relação com o treinador e outras atletas, pois o grupo esportivo surge como uma segunda família que volta-se atentamente para cada modo de ser dentro da equipe sob os cuidados daquele que treina; Bem como a ausência deste cuidado que muitas vezes manifesta-se por uma atitude de desinteresse e desconfiança pela carreira esportiva da atleta. Dessa forma a vivência de atletas de futsal feminino deve receber novos olhares para melhor compreensão de um modo-de-ser-no-mundo. Para tanto faz-se necessário debruçar-se sob as relações que circundam as atletas. Além disto, o cuidar nas relações do contexto esportivo pode favorecer o crescimento, assim como ocasionar o abandono precoce na modalidade. Quanto ao método fenomenológico de pesquisa cabe ressaltar que não somente me possibilitou compreender e olhar o futsal como se olhasse com os olhos dessas atletas, mas também pude ir além em cada uma das minhas próprias vivências em pesquisa.

Palavras-Chave: Cuidar; Esporte; Fenomenologia; Futsal feminino.

Matheus Vasconcelos Torres

Estudante de psicologia. Iniciei a psicologia em uma faculdade particular, então surgiu a oportunidade de continuar meus estudos na Universidade Federal do Amazonas. Durante este período pude desenvolver atividades na área clínica, institucional, escolar, jurídica, esportiva e comunitária. Há 2 anos me dedico aos estudos sobre a psicologia do esporte e a fenomenologia de Merleau-Ponty.

Endereço Eletrônico: mvt.1504@gmail.com

5.67. O ESPAÇO COMO HORIZONTE E INTERPRETAÇÃO DO SER SEGUNDO HEIDEGGER

Maria Lucivane de Oliveira Morais (UNIOESTE/*Campus* Toledo)

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE/*Campus* Toledo)

Em 1927, Martin Heidegger publicou *Ser e tempo* dedicado ao resgate da questão do ser que houvera sido obscurecida pela tradição, portanto, se fazia necessário perguntar pelo *sentido do ser*. Por meio da analítica existencial se dispôs a tornar acessível o ser no horizonte da temporalidade construindo sua ontologia fundamental. Ao longo de sua obra, encontramos o §.22 no qual estão dispostos elementos que nos permitem pensar o espaço a partir de bases fenomenológico-existenciais. Segundo a compreensão heideggeriana, o ser-aí toma consciência de si por meio de sua imersão no espaço que, por sua vez, permite a autocompreensão de sua existência marcada pelos sentidos de pertencimento e de permanência construídos em sua lida cotidiana ao executar seu projeto existencial. A cotidianidade do ser-no-mundo determinará os modos de ocupação espaço, permitirá o encontro com os entes de que se ocupa, fará emergir a determinação mundana de entes intramundanos. Será no espaço não redutível apenas a uma realidade física que o ser-aí se projeta compreensivamente, estabelece relações, põe em movimento seu existir, realiza-se fenomenológica e existencialmente tornando acessível seu ser. O objetivo geral deste artigo consiste em investigar como a fenomenologia de Heidegger contribui para pensar o espaço, entre os objetivos específicos encontram-se a necessidade de caracterizar a fenomenologia heideggeriana, compreender como o espaço configura-se como horizonte e interpretação do ser. Para seu alcance será utilizado como método a análise de *Ser e tempo* e pesquisas em literatura secundária. A relevância desse estudo pode ser ilustrada pelo fato de que obra filosófica de Heidegger torna possível pensar uma experiência fenomenológico-existencial do espaço ampliando sua compreensão de algo apenas físico (locativo), de uso e de produção comum entre as ciências humanas. Ao integrar ontologicamente o espaço no qual realiza todas as dimensões de sua vida, o ser-aí é compreendido como um ser-no-mundo, que se relaciona com outros sujeitos, compartilha sua existência e atribui sentido as possibilidades do poder-ser sobre o espaço no qual se projeta. De modo fenomenológico-existencial, o espaço é um existencial do ser-aí, composto por entrelaçamentos de significações que dão sentido a este ente que está-no-mundo e é-no-mundo descobrindo-o e se relacionando com os entes que nele se encontram, portanto, o ser-aí é espacial em sentido originário e, em conformidade com a temporalidade.

Palavras-chave: Heidegger; fenomenologia; espaço; Ser e tempo.

Maria Lucivane de Oliveira Morais

Licenciada em Geografia e Filosofia. Mestranda em Filosofia. Linha Metafísica e Conhecimento.

Professora da rede pública no Paraná.

Endereço Eletrônico: maria_lucivane@hotmail.com

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Professor Doutor Orientador do Artigo.

Endereço Eletrônico: kahlmeyermertens@gmail.com

5.68. O ESPAÇO COMO HORIZONTE E O HABITAR COMO EXPERIÊNCIA:

A FENOMENOLOGIA COMO (DES)CAMINHO

Victor Tinoco Delgado (USP)

Inspirados na perspectiva hermenêutica heideggeriana, compreendemos que habitar é o modo de ser do homem. Não é uma atividade específica humana, no sentido de que, além de ser homem, ele habita algum espaço. O espaço para o homem não é algo que surge primeiro e seu habitar nasce em decorrência dessa suposta condição. O espaço já se apresenta como plasma dessa experiência de habitação, o que nos permite afirmar que o ser-aí é espacial no sentido de sua vinculação ontológica junto ao mundo. A ontologia heideggeriana nos possibilita entrar em contato com outros significados para as noções de homem, mundo, espaço, dentre outras, diferentes dos sentidos deixados pela herança inaugurada pela tradição metafísica ocidental, que vê no mundo apenas seu caráter de objeto. O método fenomenológico e a possibilidade de suspensão das hipostasias metafísicas de compreensão dos modos de ser do homem permitem que de fato a atenção se volte para o que está acontecendo. A rigor, nos previne das seduições da universalização, ao mesmo tempo em que nos expõe a uma relação de diálogo, sem a imposição atravessadora das teorias que buscam empreender verdades essenciais sobre o homem. A compreensão dos fenômenos necessita da conquista de um espaço de relação livre com as coisas, suprimindo os vícios de origem e abrindo espaços para a diferença. Se por um lado, a metafísica representacional constitui-se por meio de sistemas estruturais e engendramentos de conceitos na busca da verdade, por outro, a fenomenologia possibilita a abertura de um caminho que se articula à existência, suspendendo postulados e constituindo-se como reflexão. Em última análise, o que pretendemos sustentar no presente trabalho poderia ser descrito sumariamente como uma tentativa de extrair do pensamento de Heidegger a possibilidade de pensar de forma hermenêutica o habitar em face às condições e determinações que os lugares imprimem sobre a existência, suas possibilidades de morada, habitação e sentidos que daí brotam. Pensar a questão do habitar a partir da fenomenologia nos termos de Heidegger exige-nos a suspensão das denominações da experiência, já condicionadas previamente por estilos de vida, região, dados geográficos e balizados por modos de compreensão representacionais que de antemão possibilitam respostas às expectativas do que seria a experiência de habitação. Percebemos que grande parte das perspectivas e considerações usuais a respeito do tema, configura-se muito mais como estruturas interpretativas do real, que não permitem a compreensão de fato dessa experiência e funcionando como simples descrições de estruturas e arremedos que possibilitam não mais que o revelar dos encurtamentos dos modos tradicionais de pensar. Em contrapartida, a fenomenologia possibilita, de fato, aproximação sem as fragmentações das teorias. Compreende o habitar como projetar-se em direção às coisas; como interpelar e ser interpelado; ser arremessado em direção ao mundo e dele extrair a possibilidade da experiência à medida que as coisas se desvelam na forma de sentidos. O homem é movimento em direção às coisas e não há oposição na relação com os objetos: é pura explosão em direção às coisas.

Palavras-chave: espaço; habitar; experiência; fenomenologia; Martin Heidegger.

Victor Tinoco Delgado

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo – PSA/IPUSP. Mestre em Psicologia pela

Universidade Federal Fluminense – PPGP/UFF. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Professor da Universidade Estácio de Sá – Campus Petrópolis
Endereço Eletrônico: victortinocodelgado@gmail.com

5.69. O ESTIGMA DO USO DE DROGAS ENQUANTO MEDIDA HISTÓRICA DO PROIBICIONISMO

André Pimenta de Melo (FCM- UNICAMP)

O presente trabalho pretende compreender o estigma nos usuários de drogas, como manifestação derivada da proibição enquanto horizonte histórico. Para tal se articulou o pensamento de autores da antropologia, como Edward MacRae história, como Henrique Carneiro, e psicologia que debatem o tema. Hoje a história do uso de drogas psicoativas se confunde com a história de seu controle e proibição, que por sua vez está conectada aos processos do imperialismo e neocolonialismo. A fim de elaborar essa reflexão, nos pautamos no método hermenêutico de W. Dilthey que considera a compreensão das determinações proibicionistas que o mundo opera. Para tal se utilizou das ideias de E. Goffman e do conceito de identidade social, no qual a pessoa estigmatizada possui um atributo depreciativo que a diferencia das demais, sendo levada à marginalidade ou exclusão em razão dessa marca. A noção de estigmatização envolve vislumbrar o todo a partir de um traço, o que implica o indivíduo ser identificado pela marca desviante. Por isso, esse trabalho não se ateve a uma abstração do estigma do usuário, mas de sua articulação com a proibição do uso de drogas. Nesse sentido se fez necessário um resgate da história do proibicionismo, conflitos político-ideológicos que erigem um dualismo moral abstinência-usuário de drogas. O fenômeno do estigma do usuário de drogas é recente, apesar de emanar uma problemática ético-social de alta relevância. É possível concluir que a história do estigma do usuário de drogas se funde na própria história da proibição.

Palavras-chave: Política de drogas; Drogas;; Hermenêutica; Proibicionismo.

André Pimenta de Melo

Residente de saúde mental da FCM-UNICAMP vinculado atualmente ao mesmo programa, psicólogo formado pela PUC-SP.

Endereço Eletrônico: pimentademelo@hotmail.com

5.70. O LUTO NA PERDA GESTACIONAL PRECOCE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Luiza Sionek (UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

A perda gestacional é o modo como corriqueiramente é denominado o óbito fetal, isto é, quando o bebê morre ainda no ventre materno, um fenômeno recorrente no Brasil e no mundo. Neste estudo será realizado o recorte para a perda gestacional precoce, ou seja, quando a perda ocorre até a 22ª semana de gestação, quando ela costuma se manifestar como um forte sangramento. Esses casos não cabem rituais fúnebres e são considerados tabu, uma vez que perpassam a temática do aborto. Sendo assim, o presente trabalho teve por objetivo compreender a vivência do luto na perda gestacional precoce, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo, de caráter exploratório fenomenológico, a fim de se aproximar desta experiência. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná. Foram realizadas duas entrevistas abertas com a pergunta disparadora “como foi para você perder o seu filho?”. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com o método proposto por Giorgi. Como resultado, emergiram 17 constituintes essenciais que descrevem a estrutura da vivência do luto na perda gestacional precoce, que foram divididas em três eixos. O primeiro, congrega as vivências relacionadas à gestação e à maternidade, contendo as constituintes: gravidez desejada e planejada, vínculo com o bebê, reafirmação do desejo de ser mãe, ser-mãe como forma de enfrentamento e tamponamento da perda. O segundo eixo, chamado ambiguidade de sentimentos, é composto pelas vivências: choque, falta de sentido, dor, raiva, inveja, medo de nova perda, angústia, laqueadura como ponto final do ciclo de dor e evitação do sofrimento. Por fim, o terceiro eixo trata das relações familiares, agregando as constituintes: ressignificação de laços, ser suporte para a família e receber suporte familiar. Ademais, emergiu neste estudo um ponto adicional que congregou as vivências que tratavam da experiência na entrevista qualitativa fenomenológica. Este trabalho possibilitou o desvelamento de algumas facetas acerca da vivência do luto na perda gestacional, sendo descrita essencialmente como uma experiência permeada pela dor, pela falta de sentido, pelos conflitos quanto à maternidade e pela ambiguidade de sentimentos. Algumas particularidades foram ressaltadas, tal qual o tamponamento da perda por meio do nascimento de um filho após o aborto. A chegada deste novo bebê foi descrita como substituição do bebê perdido, tamponamento e cura da dor. Outra especificidade é a vivência de ser-mãe antes da perda, que foi relatada como ponto de suporte para o enfrentamento deste luto e assinalou para uma preservação da identidade feminina e materna frente aos questionamentos que surgiram. Nesse sentido, mais estudos poderiam ser realizados a fim de compreender melhor as relações imbricadas entre o luto e o modo-de-ser mãe na contemporaneidade.

Palavras-chave: Perda gestacional; aborto espontâneo; luto; psicologia fenomenológica.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Atualmente é Professora adjunto IV da Universidade Federal do Paraná
Endereço Eletrônico: joanneliese@gmail.com.

Luiza Sionek

Graduanda em psicologia.
Endereço Eletrônico: luizasionek@gmail.com.

5.71. O PROJETO DOS PAIS COM O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO DE SEUS FILHOS

Lúcia Cecília da Silva (UEM)

Renata Rodrigues Penha de Souza (UEM)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as reflexões iniciais da dissertação de mestrado que pretende compreender, a partir de um olhar fenomenológico-existencial, o projeto dos pais com relação ao processo de psicoterapia de seus filhos. Na maioria das vezes, não são as crianças que identificam uma queixa para procurarem o psicólogo, são seus pais/responsáveis, ou médicos e educadores, que identificam algum problema e recomendam a psicoterapia. Sendo assim, percebe-se que não se tem na clínica psicológica infantil a demanda da criança que será atendida, tem-se, pelo contrário, a necessidade e a expectativa dos pais e/ou responsáveis ou cuidadores da mesma. Por que os pais levam seus filhos ao psicólogo? Como chegam a essa decisão? O que esperam do tratamento psicológico? Como é esta experiência de ter filhos em psicoterapia? A prática clínica tem nos mostrado que as queixas dos pais são variadas, mas é comum o discurso de que o filho não está correspondendo ao que se espera de uma criança da idade dele. Também observamos uma falta de disponibilidade para compreenderem a situação da qual se queixam, ou mesmo compreender o momento que criança e a família vivenciam; querem que o psicólogo lhes diga o que acontece e o que é necessário fazer para solucionar o problema, ao mesmo tempo em que, muitas vezes, apresentam uma dificuldade de se engajarem no processo psicoterapêutico do filho. Por sua vez, o psicólogo pode sentir que há a expectativa de que as crianças são trazidas para serem resgatas em sua funcionalidade ou que seu papel é de explicar o que há de errado com a criança, sem, contudo, problematizar a construção do mundo que os adultos estão fazendo, no qual as crianças vivem. Diante disso, entendemos que é importante e necessária uma compreensão acerca do contexto histórico e social de nosso tempo, para entendermos o que é ser criança hoje e o que se espera deles no século XXI. Nesse sentido, as contribuições de Sartre podem ser úteis para o esclarecimento e reflexão acerca do objeto de estudo, uma vez que este pensador apresenta uma compreensão de homem que tem o nada como seu fundamento. Para Sartre nada, a priori, determina o homem, é na existência e na relação com os outros homens que ele vai construir a sua essência; o homem projeta-se a si mesmo e seu mundo, na medida em que suas ações são sempre engajadas com um projeto existencial. Metodologicamente, o estudo se utilizará de entrevista com pais que têm filho em processo de psicoterapia, para que assim possa se aproximar da experiência deles. A análise dos dados será feita à luz da perspectiva existencial sartreana, mediante o método regressivo-progressivo. Com os resultados, almeja-se trazer contribuições para a psicologia fenomenológico-existencial, em especial para o estudo e prática da clínica infantil.

Palavras-chave: psicologia clínica; psicoterapia infantil; psicoterapia fenomenológico-existencial; clínica psicológica infantil.

Lúcia Cecília da Silva

Psicóloga, graduação em Psicologia e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, doutorado em Psicologia pela USP, com pós-doutorado pela Université Paris-Diderot (França). Docente na graduação e na pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Endereço Eletrônico: luciacecilia@hotmail.com

Renata Rodrigues Penha de Souza

Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual de Maringá, com formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo IFEN, mestranda em psicologia pela UEM.

Endereço Eletrônico: re-penha@hotmail.com

5.72. O QUE TEMOS A DIZER? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO PELO OLHAR DO PSICÓLOGO.

Naiana Carvalho da Cunha (UFRJ)

O fenômeno do suicídio vem se tornando uma preocupação para a Organização Mundial de Saúde que contabilizou 1 morte a cada 40 segundos em todo o mundo e também para o Conselho Regional de Psicologia, principalmente, em relação à forma como os profissionais da área vem lidado com essa questão. Dados do Portal do Ministério da Saúde indicam que 40% das pessoas que cometeram suicídio procuraram postos de saúde ou setores de urgência e emergência, porém, não encontraram profissionais habilitados para lidar com a escuta e a condução frente a essa questão. O presente trabalho foi uma pesquisa exploratória para a dissertação de mestrado realizada na cidade de Volta Redonda onde se buscou verificar como o psicólogo compreende o fenômeno do suicídio e como vivenciou a experiência de atendimento de casos de tentativas do mesmo em sua prática. Participaram inicialmente desta pesquisa 5 profissionais com atuação nos Centros de Atenção Psicossocial da cidade citada que atenderam pessoas que trouxeram como questão o desejo de suicidar-se. Pretendeu-se compreender o suicídio pelo prisma fenomenológico existencial por meio de narrativas baseadas em como foi para esse profissional lidar direta ou indiretamente com a possibilidade ou até a morte real do outro. O tipo de metodologia proposta buscou atingir aspectos relacionados à vida destes profissionais com a questão do suicídio em seus locais de trabalho o que possibilitou uma aproximação com as particularidades de sua experiência vivida. A análise realizada a partir das narrativas levantadas teve por base a percepção de como o suicídio vem se mostrando enquanto fenômeno para os profissionais pesquisados permitindo assim compreender as questões que podem estar dificultando o trabalho com essa clientela e posteriormente desenvolver estudos e propostas que cubram lacunas na literatura trazendo contribuições para a área de conhecimento.

Palavras-chave: suicídio; prática clínica; fenomenologia; narrativa.

Naiana Carvalho da Cunha

Psicóloga fenomenológica existencial, pós graduada em Gestalt-Terapia e mestranda do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ).

Endereço Eletrônico: naiccunha@hotmail.com

5.73. O RASTRO DO CORPO DOBRADO: ENSAIO TEÓRICO SOBRE CORPOREIDADE E FENOMENOLOGIA EM MERLEAU PONTY

Caroline Petersen (UFCSPA)

Lucia Marques Stenzel (UFCSPA)

O presente trabalho surge a partir do processo de construção do projeto de pesquisa desenvolvido para elaboração do trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Seu terreno é a Psicologia, suas raízes bebem da filosofia e das humanidades. Seu tema e caminho são o corpo vivido. Sua busca: aberta. A corporeidade ecoa quando explicitada e desafia lugares do saber quando percebida para além da patologia. O objetivo do trabalho foi contribuir para construção de significantes que permitam ‘dar corpo’ ao vazio emblemático que a corporeidade carrega, principalmente, através da consolidação do racionalismo científico por meio do pensamento cartesiano. Para isso, pretendeu-se estudar com profundidade a noção de corpo vivido desenvolvida por Merleau Ponty segundo a psicologia fenomenológico-existencial e posteriormente ampliou-se a pesquisa para psicologia contemporânea. Além disso, o trabalho buscou identificar áreas do conhecimento que compreendem o corpo vivido como potência para criação autêntica de si e do mundo. A imagem metafórica que dá título a este projeto é proveniente da noção de que a pergunta, nesse caso de pesquisa, pode ser percebida como uma *dobra* que acontece no espaço entre o ser e seu mundo de relação. Quando um corpo (se) questiona, incita dobras que poderão mudar ou suspender a trajetória do sentido ao provocar nova abertura na rede de significações tecida até o presente momento. Apenas um corpo dotado de intenção pode provocar esta dobra e mudar a trajetória do sentido ao abrir a rede de significações que tece seu mundo. Esse corpo é o corpo-pesquisador. Esse corpo é o corpo dobrado. No que tange ao rastro deixado por este corpo que questiona, dobra e desdobra ao ser pesquisador, estão as próprias palavras escritas e marcadas enquanto ensaiar. A escolha pelo ensaio teórico como suporte metodológico de pesquisa e construção do trabalho não se justifica por sua maior eficácia em chegar a um resultado ou a uma resposta, mas enfatiza razões éticas e estéticas que constituem o universo epistemológico do corpo-textual. Para construção de sua história, o corpo-pesquisador buscou aproximar polos categoriais entendidos como dicotômicos (sujeito-objeto; forma-conteúdo) pela normatividade científica ao ajustar o foco sobre experiência vivida enquanto rastro escrito pelo corpo-pesquisador que se dobra ao questionar. É através dos rastros deixados pelo corpo dobrado que se dará a comunicação e o compartilhamento das aberturas e transformações provocadas.

Palavras-chave: corporeidade; Merleau Ponty; corpo vivido; ensaio teórico.

Caroline Petersen

Graduanda do quinto ano de Psicologia na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Membro do ALETHEIA: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Existencial na UFCSPA.

Endereço Eletrônico: carolpetersen_@hotmail.com

Lucia Marques Stenzel

Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Coordenadora da ALETHEIA: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Existencial na

UFCSPA. Doutora em Psicologia pela PUCRS. Doutorado Sanduíche na School of Social Sciences da Australian National University (ANU). Mestre em Psicologia Social pela PUCRS e graduada em Psicologia na mesma Universidade.

Endereço Eletrônico: lstenzel@ufcspa.edu.br

5.74. O SENTIDO DO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DA PERSPECTIVA DE MÃES E PROFESSORAS

Lia Spadini da Silva (PUC-SP)

Luciana Szymanski (PUC-SP)

Dados do Resumo Técnico do Censo da Educação Básica (2013) constatarem que, entre os anos de 2007 e 2013, houve um aumento de 22% no número de matrículas de estudantes com deficiência em escolas no Brasil. Esse aumento pode estar relacionado ao exercício do direito de estar na escola destes estudantes e suas famílias. Paralelamente, há um crescimento do número de diagnósticos em crianças e uma polêmica em torno do seu sentido e da sua utilização em ambientes escolares, evidenciando o fenômeno, que se vive hoje, de medicalização da vida. No entanto, ainda é observado que os agentes envolvidos no processo de inclusão escolar de estudantes com deficiência – tais como famílias, equipe pedagógica e os próprios estudantes – precisam de espaços para tratar das dificuldades e potencialidades que são encontradas nos seus respectivos percursos. Partindo deste cenário, o presente trabalho, que é resultado de uma pesquisa de mestrado em Psicologia da Educação da PUC-SP, tem por objetivo compreender o sentido do diagnóstico de estudantes para suas famílias e professoras, partindo do método fenomenológico-existencial. A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental I (EMEF) localizada em zona periférica da cidade de São Paulo, onde foram entrevistadas duas professoras, uma de sala comum e, a outra, professora da SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão) e duas mães, de acordo com o instrumento de entrevista reflexiva. As entrevistas foram gravadas, transcritas e o conteúdo de falas foi organizado em quatro constelações: (1) relação entre professoras e estudantes com deficiência; (2) relação das mães e professoras com o diagnóstico de seus filhos e estudantes; (3) relação das mães com a escola; e (4) relação das professoras e mães com especialistas. De um modo geral, o diagnóstico tem um papel importante para auxiliar as professoras em como intervir com seus estudantes com deficiência, uma vez que tendo o conhecimento das patologias, elas se sentem mais seguras para ensiná-los; segundo uma das mães, cujo filho não foi diagnosticado, a definição do diagnóstico vai auxiliá-la para que conheça o que aconteceu com ele e para que os médicos administrem medicamentos que o tornarão uma “criança normal”; outro aspecto que surgiu foi o de que, na presença de um diagnóstico, as professoras tendem a se ater a ele para apresentar seus estudantes; em contrapartida, quando não há um diagnóstico, a criança é apresentada de maneira mais descritiva. Assim, é percebido que o diagnóstico pode desempenhar diferentes papéis na vida das participantes e que deve haver um cuidado para que ele não se sobreponha à visão que se tem da criança, de modo que as individualidades de cada um possam ser manifestadas e consideradas no ambiente escolar.

Palavras-chave: inclusão escolar; diagnósticos; medicalização; fenomenologia-existencial.

Lia Spadini da Silva

Psicóloga clínica, formada pela PUC-SP (2013) e mestra em Psicologia da Educação pela PUC-SP (2017). Sua pesquisa foi financiada pelo CNPq. Tem experiência profissional em atendimento clínico de adultos e crianças e na área de Psicologia Escolar, através de atuação em escolas. Seu interesse atual de pesquisa é voltado à inclusão escolar de crianças e adolescentes com deficiência. Endereço Eletrônico: liaspadini@hotmail.com.

Luciana Szymanski

Psicóloga clínica, formada pela PUC-SP (1993), mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (1997) e doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP (2006). Atualmente é docente da PUC-SP no curso de Psicologia e na Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação. Tem experiência na área de psicologia da educação e clínica, com ênfase no pensamento fenomenológico-existencial.

Endereço Eletrônico: lucianaszymanski@gmail.com

5.75. O TEMA DO AMOR PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA E PARA A FENOMENOLOGIA

Marcello Furst de Freitas Accetta (UNISUAM)

O presente trabalho é parte introdutória de um projeto de pesquisa que visa discutir a temática do amor a partir da fenomenologia e sua relação com a clínica psicológica. O amor como um conceito extremamente amplo e, ao longo dos anos, definido de diversas formas permitiu que diversas análises fossem feitas a cerca de sua relevância, origem e/ou efeitos no mundo. Tal conceito também está presente nas mais diversas expressões artísticas: músicas, poemas, literatura, pinturas, esculturas, fotografia. A importância e a incompreensão sobre os possíveis significados ou as formas de se vivenciar o amor não se esgotaram. Aposta-se na fenomenologia como possibilidade de abordar e contribuir para as produções a respeito do amor e na necessidade de uma fenomenologia do amor para se pensar uma clínica inspirada na fenomenologia. Longe de se propor uma definição ou interpretação final sobre tal conceito a abordagem a partir da fenomenologia nos possibilita escapar de abordagens já consagradas que remetem o amor à meras contingências históricas e/ou genéticas, evolutivas ou identitárias. Partindo da fenomenologia proposta por Heidegger e sua conceitualização de ser-no-mundo propõe-se pensar o amor nas relações estabelecidas pelo ser-aí. Diferentemente de Binswanger que propõe o amor como um existencial, interpretando-o como uma das dimensões do *sorge* proposto por Heidegger, propõe-se recuperar a dimensão do cuidado no ser-aí e pensá-la conjuntamente com outros conceitos de autores que tem a fenomenologia como herança ou metodologia, a saber: Merleau-Ponty, Hannah Arendt, Foucault, Jean-Luc Marion. Acreditando que o amor é o tema da clínica psicológica e, ao mesmo tempo, um tema de interesse social, cabe a psicologia a observação e a produção sobre esse fenômeno próprio das relações humanas sem recair em psicologismos que retratem a experiência amorosa como parte de pressupostos que afastam os sujeitos da própria experiência. Percebendo-se uma necessidade de maior produção em pesquisas psicológicas com bases fenomenológicas se propõe o acompanhamento de um grupo terapêutico destinado a discussão do tema e também a análise de entrevistas como meio de investigação desse tema. Acredita-se em poder assim apresentar e retornar a problemática do amor como uma questão ontológica e despida das tradicionais referências ônticas que permeiam as práticas e produções em psicologia.

Palavras-chave: amor; fenomenologia; psicologia clínica.

Marcello Furst de Freitas Accetta

Psicólogo clínico, mestre em Psicologia (UFRJ), especialista em Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN), Psicologia Hospitalar (UFRJ), Gênero e Sexualidade (UERJ), professor no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Endereço Eletrônico: marcelloaccetta@yahoo.com.br

5.76. O VERBO SE FEZ IMAGEM: CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA PELA COLAGEM

Ana Karoline Leite Valadão (PUC-GO)

Marta Carmo

A paráfrase “O verbo se fez imagem”, inspirada no texto bíblico (João 1:14), evidencia metaforicamente a transformação da palavra falada para a sua materialidade pela imagem, ao adquirir uma concretude física e sensorial. O presente estudo origina-se da reflexão de que o discurso vivencial proferido pelo cliente em contexto psicoterápico pode ser representado por meio da arte e da linguagem expressiva, em especial a colagem. Assim, objetivou-se delinear a proposta artística e experimento à luz das raízes epistemológicas, teóricas e metodológicas da Gestalt-terapia e Arteterapia Gestáltica. Desse modo, o presente trabalho se justifica na importância da compreensão da colagem como uma possibilidade de acesso aos sentidos da experiência da cliente, pelo convite de criar o próprio mundo pela via imagética. As sessões psicoterápicas ocorreram na clínica escola da PUC-Goiás, intitulada de CEPsi (Centro de Estudos, Pesquisa e Práticas Psicológicas), que tem por principal objetivo ofertar à comunidade atendimento psicoterapêutico gratuito. Por intermédio desse processo, a psicoterapeuta-estagiária teve acesso ao prontuário da cliente. Nomeada de Frida Kahlo (nome fictício), a participante tem 24 anos e buscou atendimento psicoterápico sob a queixa de sentir um extremo estado de angústia, além da dificuldade para dormir e bruxismo. Sua infância foi marcada por sucessivos episódios de abuso sexual, além de crises depressivas e tentativas de suicídio na adolescência. Após 17 sessões do início do processo psicoterápico, o experimento da colagem apareceu como uma possibilidade de autoconhecimento, sendo aceito voluntariamente por Frida. O processo expressivo, se totalizou em 04 encontros, estabelecidos de acordo com a necessidade e demanda da cliente, respeitando seu tempo e percurso. Por meio da descrição fenomenológica, a tomada de consciência de si e dos significados que permeiam a sua existência foi oportunizado e os relatos vivenciais narrados pela cliente ao realizar a colagem subsidiaram uma análise aprofundada e sistemática, que resultou na elaboração do presente estudo de caso. Por fim, conclui-se que a colagem apresentou-se como alternativa de acesso ao mundo subjetivo, aliada à costumeira narrativa verbal, e que oportunizou o movimento de imersão, de autoconhecimento e integração das emoções ao enredo racionalizado da cliente, num processo de se refazer, reconstruir narrativas de si e organizar a existência de modo criativo. Além disso, permitiu a psicoterapeuta-estagiária e a cliente, a compreensão do fenômeno do existir pela arte e pelo discurso, as duas vias criativas da comunicação humana.

Palavras-chave: psicoterapia; colagem; arte; Arteterapia; Fenomenologia.

Ana Karoline Leite Valadão

Artista e graduada como Bacharel e Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016).

Endereço Eletrônico: karoline.valadao@hotmail.com

Marta Carmo

Graduada em Bacharel, Licenciada e Psicóloga pela Universidade Católica de Goiás (1988), possui especialização em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestal-terapia de Goiânia (1992) e mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Católica de Goiás

(2006). Atua como professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e psicóloga na Alter Consultórios de Psicologia.
Endereço Eletrônico: martacarmo@terra.com.br

5.77. OFICINA DE DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA: PRÁTICA DE CAPACITAÇÃO E CUIDADO AO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

Gledson Wilber de Souza (UNIVASF)

Monzitti Baumann Lima (UNIVASF)

Shirley Macêdo (UNIVASF)

A hermenêutica-colaborativa é uma metodologia de pesquisa e intervenção, pautada nos pressupostos filosóficos de Merleau-Ponty e Gadamer, que dá ênfase à intersubjetividade—e à conversação. Busca promover ações intersubjetivas e criativas, nas quais os sujeitos se engajam e, encarnados que estão no mundo, compartilham experiências e produzem novos sentidos. Neste contexto metodológico, desde 2013, no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI) – serviço escola da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), são ofertadas oficinas de desenvolvimento da escuta para estudantes de psicologia. Elas são conduzidas em um mínimo de seis encontros grupais, utilizando-se recursos como músicas, contos, fábulas, poesias, argila, colagens e fotografias. A atividade já pode ser considerada uma prática clínica na instituição e tem sido fonte de diversas pesquisas. O presente resumo se refere ao estudo realizado de agosto de 2015 a julho de 2016, cujos colaboradores foram estagiários que, quando cursavam o oitavo período, participaram das ditas oficinas. Teve como objetivos: avaliar, na perspectiva destes estagiários, a operacionalidade da oficina para ser institucionalizada como prática de atenção, capacitação e cuidado ao estudante em formação; descrever como competências despertadas e desenvolvidas naquelas oficinas estariam sendo operacionalizadas no estágio; e compreender como as mudanças em modos de subjetivação desses estudantes favoreceram a inserção e a manutenção no estágio. Numa entrevista grupal, os pesquisadores utilizavam uma pergunta disparadora, provocando os colaboradores a narrarem suas experiências. Participaram 14 estagiários, subdivididos em três grupos, que puderam resgatar e analisar conjuntamente o sentido daquela vivência. Os resultados apontaram que a oficina: a) promoveu alcance terapêutico, já que proporcionou aos participantes um ambiente de compartilhamento de experiências, no qual podiam falar de si e refletir sobre questões pessoais, mudando seus modos de subjetivação; b) favoreceu autoconhecimento, mesmo que os estudantes diferenciaram-na de uma psicoterapia individual; c) teve o sentido de resignificação compartilhada da angústia em relação à futura prática do estágio; d) dirimiu ansiedade em relação às limitações pessoais que os colaboradores acreditavam possuir à época, quando perceberem que os colegas também tinham tais limitações; e) promoveu desenvolvimento de competências, como a capacidade de lidar com o silêncio nos atendimentos realizados na prática do estágio e do escutar/silenciar de si, para melhor escutar o outro; f) favoreceu organização, sistematização e foco no ato da escuta. Os colaboradores reconheceram a necessidade de institucionalizar a oficina como uma prática de atenção, capacitação e cuidado ao estudante, no entanto alertaram que ela não deve ser obrigatória, pois, para obter bons resultados, é essencial iniciativa, disposição e vontade do sujeito. Concluiu-se, portanto, que a oficina de desenvolvimento da escuta pode ser considerada uma prática de capacitação, humanização e cuidado a futuros estagiários num serviço-escola de psicologia, pelo fato dos estudantes reconhecerem-na como espaço de acolhimento, no qual podem cuidar de si, compreendendo melhor a fase que antecede o estágio profissionalizante, dirimindo as ansiedades e angústias, e desenvolvendo a autoconfiança e o autoconhecimento, tão necessários à prática psicológica.

Palavras-chave: Escuta; Pesquisa fenomenológica; Formação do Psicólogo.

Gledson Wilber de Souza

Graduando em Psicologia na UNIVASF

Endereço Eletrônico: gledson_wilber@hotmail.com

Monzitti Baumann Lima

Graduando em Psicologia na UNIVASF,

Endereço Eletrônico: monzittibaumann@yahoo.com.br.

Shirley Macêdo

Doutora em Psicologia Clínica e Professora Adjunta do Colegiado de Psicologia da UNIVASF.

Endereço Eletrônico: mvm.shirley@gmail.com.

5.78. OLHANDO PARA O AUTISMO: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES A PARTIR DE SARTRE

Camila Leão Gadelha (IFEN)

Carolina Mendes Campos (PUC - RJ)

O presente trabalho se propõe a refletir, à luz da perspectiva fenomenológica-existencial, a respeito do olhar lançado sobre o Transtorno do Espectro Autista. Disserta sobre uma situação clínica, em forma de entrevista psicológica, com a mãe de uma criança diagnosticada com autismo. É possível perceber que nos últimos anos houve um crescimento no interesse pelo autismo não só por parte dos estudiosos e cientistas, como também pela população em geral. Isso porque, o transtorno tem feito cada vez mais parte do nosso cotidiano. Os estudos acerca do autismo são relativamente recentes. A primeira descrição aconteceu em 1943, no trabalho do psiquiatra infantil Leo Kanner. O artigo apresentava estudos de caso de onze crianças que compartilhavam um conjunto de sintomas que hoje são relacionadas ao autismo. Desde então, tem havido muitas mudanças na forma como tratamos do transtorno. No começo dos estudos, o autismo era ligado ao fenômeno da esquizofrenia, um entendimento que perdurou até a década de 1970. Hoje, com o advento da medicina e da biologia nas pesquisas relacionadas ao homem, o autismo tem sido visto de outra forma: um transtorno genético que afeta o desenvolvimento. Ocorreram muitas mudanças em relação a visão que se tem do autismo, porém, independente da explicação que se tem sobre o transtorno, encontramos a categorização e o conceito de normalidade como bases para tentar explicar a forma de existir das pessoas diagnosticadas como autistas. O conceito de normalidade e determinismo, presentes na tentativa de categorização da existência, são fenômenos marcantes do nosso tempo. Essa realidade que vivemos como Era da Técnica, que absorve tudo por um viés cientificista, coloca as experiências singulares de lado, e procura normatizar a existência. Quando observamos a interpelação da técnica como determinante e crucial no nosso modo de ser, percebemos que ela substitui nossa responsabilidade por nosso próprio existir. O que buscamos, então, foi problematizar a perspectiva do olhar lançado sobre a existência da referida criança a fim de fomentar a discussão sobre a vida das pessoas diagnosticadas com o transtorno e, a partir disso, propor uma nova forma de olhar para o autismo. Através do pensamento de Jean-Paul Sartre, buscamos refletir sobre esse movimento de impor que a existência do homem seja determinada por algum agente. O homem se expressa e se mostra a cada escolha e o que a Psicologia deve fazer é buscar no significado de cada ato humano a relação que a pessoa tem com o mundo. Porém, esse não é o movimento que observamos na Psicologia em geral, o que encontramos é uma maior afinidade com o olhar médico que enclausura a existência com suas explicações baseadas em determinismos biológicos. Assim, buscamos mostrar a possibilidade de outra perspectiva de olhar, que pretende se libertar dessas amarras que o determinismo médico biológico acarretam ao homem, e mais precisamente, ao autista.

Palavras Chave: Autismo; Fenomenológico-Existencial; Normalidade; Determinismo; Sartre.

Camila Leão Gadelha

Psicóloga formada pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico- Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

Endereço Eletrônico: camilagadelha24@hotmail.com

Carolina Mendes Campos

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ). É Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ). É colaboradora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

5.79. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO POSSIBILIDADE VISLUMBRANDO POSSIBILIDADES NO CONTEXTO CLÍNICO

Cleina Roberta Biagi (UNIPAR)

Orientação profissional é uma atividade muito rica para o usuário, servindo como ferramenta de autoconhecimento que possibilita um contato mais íntimo consigo próprio numa situação de importante tomada de decisão na vida. Desta experiência o sujeito leva consigo um aprendizado para outras decisões, se torna mais consciente de quem é de quem gostaria de ser. Quando realizada no contexto clínico abre-se as portas para uma oportunidade de escuta dada a possibilidade de falar e pensar livremente, sem os julgamentos e quereres sociais, especialmente da família, que não raramente, pode vir participar do processo, através de sessões de entrevistas e devolutivas, onde os pais mais inflexíveis poderão abrir-se para as possibilidades vislumbradas pelos filhos. A maior parte do tempo de um adulto é ocupada com o trabalho. Assim, a escolha de uma ocupação ou de uma profissão torna-se muito importante. Uma pessoa satisfeita com seu trabalho, em uma ocupação que casa bem com seu modo de ser e seus anseios, é alguém que tende à realização pessoal e uma maior capacidade produtiva. Este trabalho tem o intuito de pensar nessa possibilidade rica de atuação e principalmente de legado para os sujeitos que dela usufruem, a partir da experiência clínica e dos projetos de orientação profissional que a autora supervisiona na instituição na qual é docente, apoiada na abordagem fenomenológico existencial. Torna-se mister salientar a relevância da Orientação Profissional na Psicologia Clínica e na Psicoterapia, com atendimentos de maneira individual ou grupal, em sessões agendadas, sendo possível trabalhar com jovens e adultos em busca de sua localização ocupacional, no qual se faz necessário ampliar o processo de autoconhecimento do cliente, visando identificar seu processo de escolha, que provavelmente serão mesmo observado em outras situações de sua vida. O homem se faz nas relações, se mostra, se cria e muitas vezes mantém um padrão de atitudes apoiado no seu referencial de comodidade - nem sempre cômoda, mas aquela que o sujeito se instalou - sua auto-imagem. Assim, pode-se dizer que a escolha profissional - que por vezes é um momento de conflito e difícil - é um fator importante, mas não exclusivo, na construção de um futuro. Cabe ainda ressaltar que a escolha de uma profissão não é simples, pois existem forças sociais, componentes pessoais e limites entrando nesse jogo. O importante é que, quanto mais o indivíduo compreende e conhece esses fatores, mais autonomia terá sobre sua escolha. Por tudo isso, pensar na orientação profissional é criar uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal, muito além do profissional daquele que se permite entrar em contato com esse processo tão rico.

Palavras-chave: Orientação profissional; autoconhecimento; abordagem fenomenológico existencial.

Cleina Roberta Biagi

Docente e Orientadora de Estágio Supervisionado na Universidade Paranaense – UNIPAR; Pós-graduada em Adolescência pela PUC/PR e em Psicologia Fenomenológico Existencial pela UNIPAR. Psicóloga clínica.

Endereço Eletrônico: cleina@unipar.br

5.80. PARA ALÉM DO CASO CLÍNICO - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROCESSO DE SUPERVISÃO CLÍNICA

Camila Stefan de Andrade(IFEN)

Julia Novaes Silva(IFEN)

Marcello Furst de Freitas Accetta (UNISUAM)

As psicoterapias de base fenomenológico-existencial, coerentes com seus fundamentos filosóficos, tendem, de um modo geral a uma tentativa de suspender sistematizações teóricas e técnicas. Se tal característica constitui, antes, uma de suas principais virtudes, do que alguma carência a ser superada, torna-se também difícil para os psicoterapeutas em formação, orientar-se no cotidiano de suas práticas clínicas. Para fazer frente a esta dificuldade, entendemos ser de extrema relevância a presença da supervisão clínica para acompanhar o exercício profissional dos psicoterapeutas. A supervisão, neste contexto, longe de constituir-se de um caráter normativo, dedica-se a cuidar da relação psicoterápica, atenta ao sentido das experiências narradas e vividas, de modo que este cuidar possa se aproximar ao que o filósofo Heidegger descreve como sendo cuidado antepositivo-libertador. Este trabalho trata de um relato de experiência de uma supervisão clínica em grupo, desenvolvida e experienciada por profissionais graduados e atuantes, buscando retratar e discutir as implicações e a relevância da supervisão para a prática destes profissionais. Apesar da produção sobre a clínica psicológica inspirada nas filosofias fenomenológicas e existenciais terem crescido no Brasil nos últimos anos, a discussão sobre a importância da supervisão clínica é escassa ou apresentada como parte somente da formação. Acreditando na necessidade da supervisão pós formação e a entendendo como um espaço do cuidado antepositivo-libertador como a forma de preocupação que trata do cuidado mesmo e não das ocupações, o processo de supervisão reflete uma prática clínica que não se baseia em técnicas e protocolos que tomem o sujeito a partir de pressupostos já estabelecidos, mas que o auxilia a tornar-se mais claro para si mesmo. Dessa forma a supervisão clínica possibilita ao psicólogo performar, de alguma maneira, o próprio ser e fazer psicoterápico sob o olhar de outros profissionais e, ao mesmo tempo, colocar em questão a sua prática. Ao tratar dos efeitos de um processo de supervisão clínica em grupo na prática e na construção da identidade profissional destes três psicólogos desenvolveu-se um relato de experiência analisado a partir da filosofia fenomenológica proposta por Martin Heidegger que retrata as possibilidades e implicações desse processo. Percebeu-se que o processo de supervisão em grupo desenvolvido por esses profissionais escapa ao movimento descrito em outras produções sobre o tema, onde o espaço de supervisão se limita à discussão de casos clínicos ou a busca por respostas sobre o que fazer. Conclui-se que o processo de supervisão é de extrema importância para a atuação do profissional em psicologia e que seu desenvolvimento de forma constante e assídua promove efeitos psicoterapêuticos que afetam não somente o desempenho da profissão, mas as diversas relações que o profissional submetido ao processo de supervisão experiencia. O processo de supervisão evidencia a pluralidade de processos que conectam cada ser-aí, descerrando o mundo e a diversidade de modo de ser dos entes através de uma prática de cuidado ao modo da preocupação antepositivo-libertadora que, mais do que acompanhar o caminho que se abre, e mais do que se chegar a uma conclusão, desvela sentidos e abre possibilidades.

Palavras-chave: supervisão; fenomenologia; psicologia clínica; Heidegger.

Camila Stefan de Andrade

Psicóloga Clínica, Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN), Especialista em Obesidade e Emagrecimento (AVM), Psicóloga Bariátrica (COESA).

Endereço Eletrônico: camilasa.psic@gmail.com

Julia Novaes Silva

Psicóloga clínica; especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN); Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (ENSP).

Endereço Eletrônico: julianovaes@yahoo.com.br

Marcello Furst de Freitas Accetta

Psicólogo clínico, mestre em Psicologia (UFRJ), especialista em Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN), Psicologia Hospitalar (UFRJ), Gênero e Sexualidade (UERJ), professor no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Endereço Eletrônico: marcelloaccetta@yahoo.com.br

5.81. PENSAR A CLÍNICA A PARTIR DE IDEIAS DO SEGUNDO HEIDEGGER: ARTE E ESPAÇO

Maíra Mendes Clini (FMU)

Este trabalho tem como objetivo trazer à tona reflexões sobre a prática clínica psicológica fundamentada no pensamento de Martin Heidegger, principalmente nos escritos do chamado segundo Heidegger. Abordaremos temas das obras posteriores a 1930, principalmente as considerações heideggerianas sobre a arte. Acreditamos que o pensamento do segundo Heidegger pode ser trazido à tona a partir da clínica, com desprendimento, sem pressa ou pretensão de conquistá-lo de uma vez por todas. Se não podemos retirar de Heidegger um conjunto de preceitos para designar como deve acontecer a prática clínica, o que seria, por si só, anti-fenomenológico, acreditamos que o estudo de Heidegger age em outra região. O estudo rigoroso dos textos de Heidegger toca, burila e refina a postura do profissional clínico, a cada vez. A obra de Heidegger como um todo pode ser muito inspiradora, porém, salientaremos alguns pontos nos quais essa intersecção fica mais evidente, ao nosso ver. Os escritos tardios de Heidegger sobre arte e espaço, principalmente, alicerçam a caracterização da postura do terapeuta, como aquele que mantém aberto um espaço privilegiado no qual o cuidado como estrutura existencial básica possa vir à tona. Assim, a partir de ideias como terra e mundo, espaço e fenda, discutiremos o acontecer clínico à luz da busca pela verdade do ser. Responsabilizar-se pelo modo como nos relacionamos com as coisas e com os outros, respeitando-os naquilo que são e podem ser, colocando-nos como *Daseins* e não como sujeitos reinantes, esse é o começo do caminho que pode nos levar a uma verdade diferente sobre o que nos rodeia: a verdade que se faz presente no espaço *entre* paciente e terapeuta, e não a verdade subjetivista de nós mesmos. Essa mudança na maneira de olhar pode acarretar mudança de postura e quebra da hegemonia do já-dado, e essa postura pode se tornar um convite contundente ao paciente, para que ele se experimente mais próximo do que é a responsabilidade por si próprio em meio a lida cotidiana, que ele possa se aproximar do *jogado* que ele já sempre foi, e quem sabe, com o passar do tempo, conquistar-se como *Dasein*. Essa postura nunca se constrói de uma vez por todas, nunca chega a estar pronta, ela se sustenta, a cada vez, como caminho. Para nos mantermos nesse caminho não podemos perder de vista o *Dasein* que todos somos. Essa noção não pode nunca ser deixada de lado, pois corremos risco iminente de substancializar alguém, de dar nomes fixos de sujeito e indivíduo a alguém, e assim passar a enxergá-lo como entidade metafísica, como mera subsistência, como coisa entre as coisas. Na clínica, temos que abrir espaço para o *Dasein* que eu e tu estamos a ser. Se na arte, a verdade *põe-se-em-obra* na obra de arte, na clínica a verdade *põe-se em curso* no seio do acontecimento clínico.

Palavras-chave: Heidegger; prática clínica; arte; espaço.

Maíra Mendes Clini

Doutora em psicologia social pela USP. Psicóloga clínica. Docente e supervisora da FMU.

Endereço eletrônico: mairamc@yahoo.com

5.82. 3/\$7236,&2/1&212(3\$70(172-851&23(

\$672'3266,,%6((6&87617(59(1d2

André Prado Nunes (LEFE-IPUSP)

Andrea Cristina Morganti (LEFE-IPUSP)

Carla Carminholi (LEFE-IPUSP)

Joyce Cristina de Oliveira Rezende (LEFE-IPUSP)

O projeto de Plantão Psicológico no Departamento Jurídico “XI de Agosto” surgiu do pedido feito em 2001 pela diretoria deste departamento por uma parceria com o laboratório universitário LEFE para um trabalho voltado à comunidade e aos estagiários de Direito. Ao longo dos anos, esse projeto de extensão universitária construiu a compreensão de que o atendimento jurídico é um espaço de surgimento de conflitos na formação dos estudantes de Direito. Tais dificuldades podem apresentar-se no contato entre o estagiário de Direito e o cliente, no momento em que se configura um espaço de acolhimento e resolução sócio-jurídica para a queixa apresentada. Esses conflitos pertinentes ao exercício profissional costumam não encontrar espaço de cuidado e atenção na trajetória formal da graduação. Assim, este trabalho busca apresentar e discutir as intervenções realizadas pelo projeto no ano de 2016, como possibilidade de atenção psicológica aos clientes, tanto no que se refere às suas singularidades como à dimensão coletiva presentes no cenário institucional. Tais intervenções partiram de cartografia realizada pelos supervisores de campo e estagiários de Psicologia na busca por re-conhecer as eventuais demandas dos envolvidos no Departamento. Cartografia refere-se a presença constante e semanal do estagiário na instituição, circulando pelos diversos espaços de modo a entrar em contato com a dinâmica das relações estabelecidas. No movimento de conhecer e dar-se a conhecer, propicia-se o surgimento de falas e queixas que, aos poucos, desvelam as vicissitudes da instituição e os lugares possíveis de pertença e atuação do psicólogo. Tal proposta fundamenta-se na perspectiva fenomenológica existencial como via de compreensão e intervenção psicológica em instituição, bem como de formação e estágio para estudantes de graduação e pós em Psicologia. Embora circulem saberes prévios e instituídos sobre os lugares do psicólogo e as possibilidades de atendimento em um serviço de assistência jurídica gratuita, o estágio nesta perspectiva desvelou outros significados e modos de interação mais atentos às demandas presentes. Neste sentido, não se refere a uma Psicologia Jurídica, mas à constituição de um espaço de cuidado para a comunidade atendida e para os estagiários de Direito em seus pedidos e queixas, relacionados ou não com causas legais. Tal projeto ampliou as possibilidades da prática clínica, transcendendo o modelo tradicional de consultório na construção de alternativas de atenção psicológica em instituição. Dentre as intervenções realizadas neste período, destacam-se, além do atendimento em conjunto com estagiários de Direito, a realização de oficina de criatividade e a constituição de espaços de reflexão sobre o exercício profissional da categoria.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Psicologia e Direito; Interdisciplinaridade; Fenomenologia Existencial; Aconselhamento Psicológico.

André Prado Nunes

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Docente na Universidade Anhanguera e na Universidade

Paulista e psicólogo clínico. Colaborador do LEFE e supervisor de estágio dos alunos da graduação do IPUSP.

Endereço eletrônico: andrepn@usp.br

Andrea Cristina Morganti

Psicóloga Clínica. Mestra em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (jun/2016). Especialista em Psicologia da Saúde (Unifesp, 2012) e em Atendimento de pessoas com transtorno de personalidade Borderline (Unifesp, 2013). Colaboradora do LEFE e supervisora de estágio dos alunos da graduação do IPUSP.

Endereço eletrônico: andreamorganti@usp.br

Carla Carminholi

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestre em Filosofia pela PUC-SP (2015). Psicóloga clínica e escolar. Atuação em consultório e na orientação do Ensino Médio da Escola Nossa Senhora das Graças.

Endereço eletrônico: carlacarminholi@gmail.com

Joyce Cristina de Oliveira Rezende

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestra em Psicologia Social pelo IPUSP (2015). Advogada (Faculdade de Direito da USP/2005) e Psicóloga (IPUSP/2012). Mediadora de Conflitos capacitada pelo Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil (IMAB/2012).

Endereço eletrônico: jocris@gmail.com.

5.83. PLANTÃO PSICOLÓGICO: AS AFETAÇÕES NO PLANTONISTA

Mauro Lana Vieira (CEUNSP)

Priscila dos Santos Menegatti (CEUNSP)

Vívian Bearzotti Pires (CEUNSP)

Esse trabalho apresenta as experiências de atendimentos em Plantão Psicológico realizados no Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) do CEUNSP em 2014, durante 9º e 10º semestres do curso de graduação em Psicologia. Esses atendimentos foram registrados em um diário de campo, que posteriormente foram submetidos à análise textual fundamentada na fenomenologia existencial. Foram trabalhadas nessa modalidade de análise as múltiplas afetações vividas e percebidas pelos autores enquanto plantonista e supervisores. Desta forma, a presente comunicação tem como objetivo identificar e refletir sobre essas múltiplas afetações vividas no encontro entre plantonista e o cliente e que ecoavam durante e/ou após o atendimento, no registro do diário e nas supervisões. Nos diários analisados foi possível re-conhecer que a história do cliente, na medida em que afeta a plantonista cria um espaço comum, onde ambas as histórias se dão a ver e entram em jogo. Assim, a ampliação das possibilidades de ser do cliente (objetivo do plantão) depende, em alguma medida, da ampliação da possibilidade de ser da plantonista. Diante disso, discute-se, a partir da fenomenologia existencial, o modo de ser do ser humano como a estrutura ser-no-mundo-com-outros como fundamento ontológico para o reconhecimento entre cliente e plantonista, que permite tanto a apreensão dos sentidos e significados quanto a elucidação dos modos possíveis de ser. Considera-se, nessa discussão, que cada indivíduo é singular em sua história de vida sendo seu inalienável protagonista, ao mesmo tempo em que é facticamente plural. Essa singular pluralidade é o que permite o estabelecimento do espaço comum e o contato no plantão, e permite sua efetividade. Assim, ao estar nesse contato, a plantonista se coloca à disposição para o cuidado, escutando, acolhendo as falas e histórias que se compõe de sofrimentos e emoções, e se envolvendo afetivamente a partir do modo como o outro se apresenta. Notou-se, na análise dos diários, que no momento que o outro expõe sua história o modo como a plantonista se afeta permite o desvelamento das possibilidades do encontro. Com isso os afetos e sentimentos que emergiram nesse momento provocaram uma “mistura” entre plantonista e cliente, necessária para a compreensão do cliente, mas que precisa ser também compreendida na plantonista, seja na produção dos diários, seja em supervisão. A partir disso, discute-se como a atenção da plantonista a essas afetações que ocorrem no atendimento constituem um elemento central da ação clínica no plantão. Diante disso, explicita-se que os diferentes modos como a plantonista é ou pode ser afetado, seja por aquilo que está próximo ou distante da sua realidade, seja por suas limitações e dificuldades são, em alguma medida, modos possíveis de apreensão da história do cliente. Estabelece-se assim, o entendimento de que o modo como a plantonista é afetada é um elemento norteador na definição do sentido da ação clínica em plantão. Ao final, considera-se a importância de os psicólogos atentarem para os modos de afetação a fim de ter maior clareza dos múltiplos acontecimentos que se dão num atendimento, permitindo a ampliação nas possibilidades de atenção e cuidado.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; fenomenologia existencial; prática em psicologia.

Mauro Lana Vieira

Psicólogo, Prof.º Esp. no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP)
Endereço Eletrônico: maurolv@yahoo.com.br

Priscila dos Santos Menegatti

Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP)
Endereço Eletrônico: priscilasmenegatti@gmail.com

Vívian Bearzotti Pires

Linguista, Prof.ª Ms. no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP)
Endereço Eletrônico: vibearzotti@hotmail.com

5.84. PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: COMPREENSÃO AO LUME DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ana Maria de Santana (UPE)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

No campo da saúde pública, as práticas de atenção se voltam, frequentemente, para a promoção da saúde, nem sempre acolhendo a dimensão do existir revelada na experiência de sofrimento. Amparadas na racionalidade do pensamento científico natural, as atuações, quase sempre, de caráter técnico, não avistam o que se mostra na ordem da singularidade humana, revelada nas demandas clínicas e nos modos de habitar no mundo. Nesse modo de operar, a compreensão do sofrimento se reduz ao que nele, pela análise causal, seja passível de explicação, mesmo em situações onde a demanda do paciente se apresenta para além de uma elucidação diagnóstica. O fenômeno saúde remete ao modo de se encaminhar no viver, tem caráter singular, histórico e político (Pelizzoli, 2011). Este estudo tem a intenção de pôr em evidência a prática psicológica clínica no contexto da saúde, alinhada as ressonâncias da Fenomenologia Existencial. Diz respeito a uma pesquisa de tese de Doutorado que elegeu a Hermenêutica Filosófica como postura epistemológica na procura de compreender a dinâmica do acontecimento clínico na atenção psicológica em saúde, pondo em evidência o movimento compreensivo da existência implicada no *poder-ser* do *Dasein*. Nessa direção, interroga a objetivação do sofrimento humano decorrente do paradigma científico-natural que subordina os fenômenos da saúde à teorização, realçando a importância de ensaiar o modo de pensar fenomenológico na prática psicológica. Importa ressaltar que a atuação de psicólogos no campo sanitário, de certo, tem um compromisso ôntico, no entanto, quando mediada pela Fenomenologia Existencial, encaminha-se para outra compreensão de homem e de ação clínica, diferente das propostas pelas teorias e técnicas psicoterápicas tradicionais. Nessa vista, é possível pensar uma clínica, não mais voltada, unicamente, para a saúde mental, mas sendo um espaço que busca possibilitar ao usuário apropriar-se de sua própria vida, encaminhando-se para novas possibilidades. Clínica compromissada com a experiência de interrogar o modo que se vem habitando espaços coletivos, apropriando-se do caminhar em seu destinar-se, como presença que acontece. Uma atenção próxima ao sentido de acompanhar algo a vigência quando se requer compreender a experiência, à procura do que fazer de si, respondendo aos acontecimentos, deixando à vista o que lhe próprio – a existência em jogo.

Palavras-chave: prática psicológica em saúde; fenomenologia existencial; epistemologia

Ana Maria de Santana

Psicóloga; Mestre/Psicologia Clínica; Docente – Psicologia/UPE. Atua: no *Stricto Sensu*-Mestrado/UPE; Residência/UPE e Graduação de Psicologia/UPE. Doutoranda em Psicologia Clínica/UNICAP, defesa março de 2017.

Endereço Eletrônico: sant_anm@hotmail.com

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Psicóloga; Doutora/Psicologia; Coordenadora Geral de Pesquisa/UNICAP; Docente do Programa *Stricto Sensu*. Coordenadora do Lab. de Psicologia Clínica Fenomenológica. Existencial/UNICAP.

Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

5.85. PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO EM CLÍNICA-ESCOLA: CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Michelle Ribeiro Duarte (UNIP)

Patricia Riquelme de Souza (UNIP)

Sáshenka Meza Mosqueira (UNIP)

O Psicodiagnóstico Interventivo Infantil, realizado em Clínica Escola, é uma modalidade de prática psicológica que busca compreensão ampla do motivo que levou a criança e sua família a procurar atendimento. Visa proporcionar um espaço de colaboração entre pais, criança e psicólogos; a interlocução sobre seu mundo e as experiências compartilhadas acolhem e investigam o comportamento/situação apresentados como queixa, permitindo compreender a demanda de cuidado, oferecer intervenções pertinentes e, caso necessário, encaminhamento adequado. Fundamentada na Fenomenologia Existencial, a ação clínica do Psicodiagnóstico reconhece a criança como um ser de abertura em constante relação com o mundo (pessoas, objetos, acontecimentos), que atribui sentido ao vivido e cria significados de acordo com o modo como a sua existência se realiza como *ser-no-mundo*. A proposta colaborativa contempla o saber dos participantes; nos encontros, compartilham-se entendimentos das situações trazidas e as percepções da equipe (supervisora, estagiários), construindo a compreensão da demanda e das intervenções realizadas. Ao articular as experiências, os questionamentos à problemática trazida e a ressonância dos afetos mobilizados ocasionam mudanças na configuração do cenário inicial, nos modos de ser da criança e da família, o que, por vezes, dispensa encaminhamento posterior. Apresentamos a discussão clínica de atendimento de duas crianças (5a e 10a) realizados por estagiárias e supervisora, na clínica-escola da Universidade Paulista. Realizaram-se sessões de hora lúdica, entrevistas com pais e família, uso de técnicas projetivas, visitas domiciliar e escolar, devolutivas parciais e final. Os encontros, aproximadamente 15, com frequência semanal, permitiram explicitar modos de ver o mundo da criança e família, conhecer significados que atribuem à experiência a partir do vivido cotidianamente, para colocar em questão as queixas e procurar sair da restrição que o sofrimento psíquico provoca aos modos de ser mais próprios. Contemplar e compreender a teia de relações que constituem a existência (família, escola, bairro) permitiu a apropriação da queixa como produção coletiva, e não individual e/ou resultado de conteúdos intrapsíquicos da criança, reconhecendo que a mesma se constitui como *ser-aí* na experiência vivida e compartilhada, sendo a condição de co-existência âmbito próprio de cuidado à demanda subjacente à situação de sofrimento. O atendimento em Psicodiagnóstico na clínica-escola oferece, simultaneamente, serviço de extensão à comunidade e formação aos alunos do 8º semestre em Psicologia. A quebra de paradigmas em relação ao desenvolvimento infantil, à configuração familiar, direitos e deveres como condição do exercício da cidadania, são aspectos que permeiam o desafio de formar psicólogos apropriados de uma perspectiva de trabalho ancorada na ética e na política.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo; Fenomenologia Existencial; Atendimento infantil; Clínica-escola; Formação em Psicologia.

Michelle Ribeiro Duarte

Estudante do 5º ano do curso de Psicologia pela Universidade Paulista-UNIP de São Paulo.

Endereço Eletrônico: michelle.duarte@yahoo.com.br.

Patricia Riquelme de Souza

Estudante do 5º ano do curso de Psicologia pela Universidade Paulista-UNIP de São Paulo. Endereço Eletrônico: riquelme.patricia@yahoo.com.br.

Sáshenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Doutora, Professora Adjunta, Supervisora Clínica, Universidade Paulista, UNIP de São Paulo.

Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com.

5.86. PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA

Jadhy Walkirene Santos Correa (Faculdade Pitágoras)

Este artigo propõe a valorização da atuação do psicólogo escolar como um novo campo e atuação, e vem explorar a mesma em uma visão fenomenológica, nos trazendo também, um apanhado breve sobre a história da psicologia escolar, relatando algumas dificuldades que este campo de atuação teve até se solidificar e como ela é vista atualmente. O texto fará uma rápida apresentação sobre a fenomenologia na visão de Husserl, descrevendo o que é fenomenologia, como ela funciona, em que momento surgiu e como se difere das outras abordagens, fazendo um gancho com a importância da visão dessa abordagem para o psicólogo escolar e de que forma essa “lente” pode ajudar na compreensão do desenvolvimento infantil. Falará com a ajuda de Merleau-Ponty sobre o desenvolvimento infantil, tendo como maior foco a aquisição da linguagem e o brincar, trazendo-nos a ideia de que nossas crianças não são tábuas rasas, mas que pelo contrário, o seu poder de aprendizagem pode ser comparado ao de uma esponja pela sua capacidade de absorção e da importância dos adultos nessa fase. A aquisição da linguagem se dá pela imitação, com a intenção de alcançar um objetivo, e o brincar é um importante aliado para o desenvolvimento dos papéis sociais. Trará também a atuação do psicólogo escolar com uma visão fenomenológica, e como a atuação deste profissional pode ajudar no desenvolvimento infantil, mostrando a escola como um dos principais locais que deve colaborar para que a criança tenha um bom desenvolvimento e, da importância da presença do psicólogo escolar dentro das escolas, falando assim, sobre sua atuação nos dias atuais. Este trabalho foi realizado através de pesquisas em artigos científicos e livros de estudiosos na área. Conseguimos perceber que o campo de atuação da psicologia escolar é novo, principalmente em uma perspectiva fenomenológica, e que existem poucas pesquisas e trabalhos feitos nessa área, o que dificultou um pouco a elaboração deste trabalho; mas quem mesmo com todas essas dificuldades está uma área de atuação que tende a crescer, pois a demanda está aumentando a cada dia, trazendo assim o psicólogo para dentro das escolas.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar; Fenomenologia; Infância.

Jadhy Walkirene Santos Correa

Acadêmica de Psicologia, 6º (sexto) período, Faculdade Pitágoras, situada em São Luís – MA.
Endereço Eletrônico: jadhy_walkirene@hotmail.com

5.87. PSICOTERAPIA DE GRUPO: AS PRIMEIRAS SESSÕES COM ADOLESCENTES EM VIOLAÇÃO DE DIREITO

Glenda Fernandes Nascimento Magalhães (PUCGO)

Marta Carmo (PUCGO)

Este estudo investigou elementos que favorecem o processo de inclusão de adolescentes com direitos violados em uma psicoterapia de grupo, com ênfase na Gestalt-terapia. O grupo refere-se a uma união de pessoas com um objetivo em comum e a psicoterapia de grupo é um *lócus*, uma microrrepresentação social capaz de trabalhar as interações interpessoais dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, viu-se a necessidade de estudar o desenvolvimento grupal compreendendo-o no contexto da clínica ampliada, a fim de acolher e escutar a demanda destes adolescentes violados. Assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que a violação de direitos se refere a toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão contra a criança e o adolescente. Deste modo, o atendimento psicoterápico em grupos pauta-se nas sessões iniciais em acolher o adolescente e sua família, bem como possibilitar a esse adolescente a consciência de sua forma de ser-no-mundo e de que ele é um ser-com-o-outro. Portanto, o presente estudo tem o objetivo de investigar a importância das primeiras sessões da psicoterapia de grupo para estes adolescentes, compreender aspectos que favorecem ou não a inserção de adolescentes em situação de risco e, por fim, verificar se o grupo pode ou não favorecer o desenvolvimento pessoal do adolescente. As sessões em grupo ocorreram no Centro de Pesquisa e Práticas Psicológicas (CEPSI) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e em parceria com os adolescentes do Projeto ViraVida vinculado ao SESI. Dos atendimentos realizados, utilizaram-se as três primeiras sessões para analisá-las segundo o método da análise de conteúdo de Bardin. O método desenvolveu-se em três pólos cronológicos, sendo: a primeira fase uma leitura flutuante dos discursos dos participantes; a segunda fase versou na exploração das informações levantadas, transformando-as em categorias temáticas; e a terceira fase referiu-se ao tratamento do material dos resultados e a interpretação destes, seguindo os objetivos da pesquisa. Ao final da aplicação da análise de conteúdo, obtiveram-se três categorias temáticas: a autorrevelação e a universalidade como favorecedoras do processo grupal; atitudes de inclusão no processo grupal e latência das emoções em comportamentos expressivos. Observou-se que a autorrevelação e a universalidade, o acolhimento e o respeito, e as emoções foram fundamentais, tanto no processo de inclusão destes adolescentes, quanto para o surgimento de temas que remetem à violação de direitos no grupo psicoterápico. Compreendeu-se que este trabalho possibilitou o senso de pertença dos adolescentes nas primeiras sessões do grupo, bem como a ampliação do conhecimento teórico/prático na formação da estagiária de Psicologia.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; adolescentes com direitos violados; gestalt-terapia; análise de conteúdo.

Glenda Fernandes Nascimento Magalhães

Graduanda de Psicologia pela PUCGO.

Endereço Eletrônico: dinha.fn@gmail.com

Marta Carmo

Graduada como psicóloga pela PUCGO (1988), especialização em Gestalt-terapia pelo ITGT (1992) e mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela PUCGO (2006). Professora efetiva da PUCGO.

5.88. REFLETINDO A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL E A SUPERVISÃO CLÍNICA EM PSICOLOGIA

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Celina Maria Aragão Ximenes (UNICAP)

Tematizar a formação do psicólogo na contemporaneidade, exige-nos a adoção de uma atitude que nos permita resgatar, ainda que timidamente, o que no nosso entender representa os mais expressivos fragmentos do nosso percurso histórico. Entendemos que se essa proposta de elucidação, com todos os prejuízos acarretados pelos muitos recortes epistemológicos que tentaremos fazer nessa parte, podendo, de um lado, vir a revelar um limitado olhar acerca da psicologia como ciência e profissão; de outro, acreditamos que esse empreendimento, talvez, nos permita abrir perspectivas outras de compreensão e destinação dos muitos fenômenos que compõem a nossa história. O estágio supervisionado é comumente entendido como o espaço no qual a identidade do futuro profissional é gradativamente gestada, destinando-se ao amadurecimento de uma ação reflexiva e crítica das atividades propostas e sistematizadas junto a pessoas em formação. No entanto, estudiosos revelam que as atividades de supervisão comumente restringem-se a dirimir dúvidas do aluno no processo de estágio, perdendo de vista o ato de refletir junto com ele a prática desenvolvida. A supervisão clínica em psicologia não é exceção. Parece que a maioria dos modos de supervisão nesse campo continuam regidos por uma proposta objetivante na lida com a pessoa que procura acolhimento, valendo-se, predominantemente, de um olhar asséptico, distanciado do que nos revela o humano em sua concretude e historicidade. Diante disso, pretendemos, aqui, abordar a realidade brasileira da supervisão clínica em psicologia no contexto de clínica-escola. De modo a encaminharmos a nossa proposta, faremos, inicialmente, uma breve incursão no campo da psicologia enquanto ciência e profissão no Brasil, elucidando sempre que possível, alguns fragmentos dos principais segmentos teóricos e metodológicos emergentes ao longo do percurso histórico, incluindo os aspectos sociais, políticos econômicos e culturais que têm demarcado as suas propostas. Entendendo que ciência, profissão e supervisão são fenômenos indissociáveis em qualquer área do conhecimento, ainda assim, visando a ampliarmos a discussão, num primeiro momento, abordaremos tangencialmente a psicologia como ciência, bem como o processo de regulamentação da formação do psicólogo no Brasil. Para tanto, valer-nos-emos de alguns escritos publicados pela Comissão Editorial do Conselho Federal de Psicologia (CFP), por epistemólogos que abordam o tema e das Diretrizes Curriculares que regem os cursos de graduação em psicologia no país. Num segundo momento, tomando como foco da pesquisa a supervisão clínica em psicologia no contexto de clínica-escola no Brasil, valendo-nos das contribuições de estudiosos da área, procuraremos incrementar um diálogo que nos instigue a redimensionar o fenômeno em pauta.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Formação Profissional; Supervisão de Estágio; Ação Clínica; Hermenêutica Heideggeriana.

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2006). Professora adjunta da Universidade Católica de Pernambuco e Coordenadora da Linha de Pesquisa Práticas Psicológicas em Instituições do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Vice Coordenadora do GT-Prática Psicológica em Instituições: atenção, desconstrução e invenção da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

Celina Maria Aragão Ximenes

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2016/2005). Especialista em psicoterapia fenomenológica existencial pela PUC-MG (2001). Atua na área de Psicologia Clínica e da Personalidade, com ênfase na hermenêutica heideggeriana. Psicóloga Clínica. Atua como docente e supervisora de estágio no Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo (Aracaju-SE).

Endereço Eletrônico: celximenes@uol.com.br

5.89. REFLEXÕES ACERCA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE ATRAVÉS DO ORGANIDRAMA

Deany Yukari Komesu (UFRJ)

Fernando Gastal de Castro (UFRJ)

Tayane Cristina Campista Muniz (UFRJ)

Sabe-se que diversos fatores como a evolução tecnológica, a expansão do mercado financeiro e a globalização propiciaram uma organização de trabalho em que a produção e o acúmulo de capital em menor espaço de tempo são constantemente almejados. Podemos perceber a nova concepção do tempo, no imaginário social, através da máxima de Benjamin Franklin “Tempo é dinheiro! ”. Todo esse novo contexto social e do trabalho vem provocando consequências físicas e psíquicas aos trabalhadores contemporâneos. Podemos falar do sofrimento no trabalho como um fenômeno social total, ou seja, que diz respeito à sociedade capitalista em seu conjunto. Algumas destas consequências são o estresse, o burnout, os distúrbios musculoesqueléticos, a depressão, o assédio moral e por fim, o suicídio. Temos como objetivo de nossa comunicação fazer uma análise da organização do trabalho na contemporaneidade e de suas relações com as formas de mal estar produzidas partindo, para isso, das atividades que estamos desenvolvendo em clínica do trabalho em parceria com o Ambulatório de Saúde do Trabalhador da CESTH-FIOCRUZ. Além disso, pretendemos refletir mais especificamente sobre as possibilidades da exploração fenomenológica do sofrimento vivido pelos trabalhadores, proporcionado pela utilização de uma técnica denominada de *Organidrama*. O Organidrama é um dispositivo grupal em que os participantes dramatizam situações reais, conflituosas e recorrentes, vivenciadas no ambiente de trabalho, visando evidenciar a lógica do funcionamento organizacional e compreender as relações existentes entre o sofrimento psíquico individual e a lógica social do trabalho. Durante a execução deste dispositivo grupal, notamos que os participantes sempre tinham muita dificuldade em realizar a descrição das situações de sofrimento vividas, insistindo em racionalizar aquilo que era experienciado. Notamos também que os membros do grupo não conseguiam perceber suas vivências corporais e apresentavam muitas dificuldades ao falar do que e de como as sentiam. Prendemos, portando, relatar e refletir, por uma parte, essas dificuldades e de como as buscamos superar através da *descrição fenomenológica*. Além disso, nas dramatizações colocadas em prática pela aplicação da técnica do *Organidrama* surgiram elementos sobre a lógica do sistema capitalista na contemporaneidade e das formas como esta se relaciona aos diversos tipos de mal estar. Pretendemos concluir nossa apresentação mostrando como o assédio moral, o burnout e as DORTs são, na verdade, expressão de uma lógica organizacional perversa e alienante.

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico; Clínica do Trabalho; Lógica Organizacional; Assédio.

Deany Yukari Komesu

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhando em conjunto com o professor Fernando José Gastal de Castro no projeto de extensão que tem parceria com o ambulatório do CESTH FIOCRUZ, com a temática clínica do trabalho.

Endereço Eletrônico: deany.yukari@gmail.com

Fernando Gastal de Castro

Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutor em Psicologia do trabalho (UFSC-Paris 7), Pós-doutorado na Universidad Autònoma de Barcelona, Mestre em Psicologia (UFSC), Mestre em Sociologia (Paris 7), Especialista em Fenomenologia e Existencialismo (NUCA- Fpolis) e Formação em Psicologia (UFSC) . Professor no Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ com livros publicados nas áreas de Clínica do Trabalho, Psicanálise Existencial e Fenomenologia.

Endereço eletrônico: fernandogastal@gmail.com

Tayane Cristina Campista Muniz

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhando em conjunto com o professor Fernando José Gastal de Castro no projeto de extensão que tem parceria com o ambulatório do CESTEh FIOCRUZ, com a temática clínica do trabalho.

Endereço Eletrônico: tayehmuniz@hotmail.com

5.90. REFLEXÕES ACERCA DE UMA CLÍNICA PSICOLÓGICA DE INSPIRAÇÃO HEIDEGGERIANA

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Celina Maria Aragão Ximenes (UNICAP)

Em meio às muitas adversidades que atravessam o mundo contemporâneo, o sofrimento humano tende a ganhar variadas expressões. Impossibilitado de lidar com situações do cotidiano, o homem tende a ser arrebatado por momentos de crise. Nesses momentos, algo que até então era da ordem do familiar, lança-o para fora de si, convocando-o a ser outro; ocasião em que se instalam adoecidos modos de estar em relação, no contexto da família, do trabalho, da religião, dentre outros. Muitos são os estados de adoecimento humano emergentes na clínica psicológica, provocando nas pessoas intensa sensação de desamparo; essa sensação tende a vir seguida de humores que variam desde tristeza branda e persistente sem causa aparente, a estados psicopatológicos indicativos de melancolia, depressão, fobia, síndrome do pânico, psicose, dentre tantos outros estados, como bem explicitam o “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (DMS-IV) e a “Classificação Internacional de Doenças” (CID-10). Diante dessa intrigante realidade, questionamos como a psicologia clínica poderia acolher o sofrimento contemporâneo. Desse modo, interessa-nos refletir acerca das nuances que envolvem um diferenciado modo de conceber o real no contexto de uma clínica psicológica de inspiração heideggeriana. Nessa direção, acolhemos os pressupostos existenciais hermenêuticos de Heidegger e sua ressonância para pensar uma prática psicológica desvinculada das premissas teórico-explicativas que regem a psicologia clínica. Importa ressaltar que não pretendemos aplicar tais pressupostos para pensar a clínica ou a supervisão e sim aguardar o desvelar de possíveis ressonâncias para pensar a prática clínica. De modo a tentarmos contemplar essa proposta, valer-nos-emos de escritos desenvolvidos por profissionais da área, que afinados a esse modo de pensar, desenvolvem ações clínicas preocupadas em acolher o sofrimento humano na atualidade, bem como da nossa interpretação a partir de alguns escritos extraídos de obras do próprio Heidegger, dentre as quais destacaremos “Ser e tempo” e algumas outras que consolidam a segunda fase do seu pensamento, a exemplo de “Serenidade”, “Que é metafísica?”, “Que é isto, a filosofia?: identidade e diferença”. De maneira a sistematizar as nossas ideias, num primeiro momento, apresentaremos uma ideia geral da modernidade em crise, procurando, sempre que possível, tecer articulações com algumas ideias de Heidegger. Num segundo momento, inspirados no projeto heideggeriano de desconstrução da metafísica do “sujeito” e do “conhecimento técnico científico” da modernidade, apresentaremos um outro modo de pensar a clínica psicológica. Destacamos que, não abandonando em definitivo as ideias contidas na “Analítica da presença”, apresentadas em “Ser e tempo”, interessar-nos á centrar mais detidamente o olhar no “segundo Heidegger” como horizonte que nos possibilite pensar a ação clínica em psicologia enquanto abertura do ser aos muitos modos de sofrimento e adoecimento humanos. Nessa perspectiva, a ação clínica talvez possa ser pensada como um meditar que, destinado a abrigar ser, tende a favorecer um terreno fértil para a abertura de outros modos do homem relacionar-se mais dignamente com o mundo em meio aos embates que comumente atravessam a sua história.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Ação Clínica; Hermenêutica Heideggeriana.

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2006). Professora adjunta da Universidade Católica de Pernambuco e Coordenadora da Linha de Pesquisa Práticas Psicológicas em Instituições do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Vice Coordenadora GT-Prática Psicológica em Instituições: atenção, desconstrução e invenção da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

Celina Maria Aragão Ximenes

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2016/2005). Especialista em psicoterapia fenomenológica existencial pela PUC-MG (2001). Atua na área de Psicologia Clínica e da Personalidade, com ênfase na hermenêutica heideggeriana.

Psicóloga Clínica. Atua como docente e supervisora de estágio no Curso de Psicologia da Faculdade PioDécimo (Aracaju-SE).

Endereço Eletrônico: celximenes@uol.com.br

5.91. REFLEXÕES ACERCA DO SER PSICÓLOGA EM FORMAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Allany Freitas Souza (UPE)

Suely Emilia de Barros Santos (UPE)

O objetivo principal deste trabalho é refletir acerca do ser psicóloga em formação, a partir de uma experiência de estágio em uma clínica escola. Respaldamo-nos então, numa experiência vivida no ano de 2016, no SAP – Serviço de Atenção Psicológica Profa. Lindair Ferreira de Araújo, na Universidade de Pernambuco (UPE) - Campus Garanhuns. Durante o período em que o estágio acontecia, uma das atividades constante, era a realização da triagem, momento em que o paciente procura o serviço escola, sendo escutado pela primeira vez, por uma psicóloga em formação. Utilizamos o termo “paciente” em referência à origem latina do termo, “patientem”, que significa aquele que padece, sofre e não como vemos ser atribuído normalmente, como “aquele que se encontra passivo” em determinada situação. O método utilizado é o qualitativo numa perspectiva fenomenológica existencial ao modo de Heidegger, o qual possibilita compreender a partir das afetações da psicóloga em formação, no encontro com o paciente, alguns fenômenos como o sentimento de impotência e a angústia experienciadas, quando se quer “ajudar” um paciente em suas “queixas”, apesar de saber dos impedimentos institucionais para dar andamento as suas solicitações. Lembramo-nos de uma paciente que expressou com intensidade o seu desejo e a necessidade de um atendimento imediato. Entretanto, tendo conhecimento a respeito da enorme lista de espera que a mesma teria que enfrentar, como lidar com tal pedido? Não havia como atendê-lo, pois desconhecíamos, inclusive, se a paciente seria atendida naquela semana ou meses e até anos depois. Sabemos que esta é uma realidade comum em muitos serviços escola. Entretanto, aqui, buscamos compreender não o aspecto burocrático dessas instituições, mas sim, o modo como psicólogos em formação podem ser tocados por aqueles que acompanham. Neste aspecto, é relevante ressaltar dois dos pressupostos da perspectiva fenomenológica existencial: a coexistência e o cuidado. Somos no-mundo-com outros, ou seja, coexistimos, e em co-responsabilidade, voltamo-nos para o “cuidado”, o cuidado de sermos no mundo com outros e, em especial, de sermos nós, o próprio cuidado. Diante, muitas vezes, do sentimento de desamparo algumas inquietações surgem: que atitude tomar ao depararmo-nos com a impossibilidade de atender a solicitação do paciente? Que encaminhamento fazer com todas as afetações presentes numa escuta psicológica? Uma possibilidade se faz presente: procurar supervisão. Afinal, a supervisão é um espaço de cuidado do ser psicólogo, e este foi um caminho trilhado na tentativa de sustentar as tensões advindas do encontro com o outro. Tensões que, ao serem compartilhadas, se fazem presença como um possível modo de ser psicóloga em formação. Aqui reside a escolha de tal temática, na importância de nos atermos à compreensão acerca da experiência de estágio e da supervisão para o estagiário.

Palavras-chave: Psicóloga em formação; estágio; supervisão; cuidado; fenomenologia existencial.

Allany Freitas Souza

Estudante do oitavo (8º) período do curso de Bacharelado em Psicologia – Formação de Psicólogo-na Universidade de Pernambuco *Campus Garanhuns*.

Endereço Eletrônico: allanysouza.f@gmail.com

Suely Emilia de Barros Santos

Psicóloga. Doutorado em Psicologia Clínica (UNICAP). Professora da Universidade de Pernambuco (UPE – Campus Garanhuns). Membro do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE/UNICAP). Estudo Financiado pela CAPES.

Endereço Eletrônico: suely.emilia@upe.br

5.92. REFLEXÕES NA CONSTRUÇÃO DO SER MATERNO E PATERNO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Silvileny Dayanne Poncette Neves (UNIPAR)

O presente estudo tem como objetivo refletir a construção da paternidade e maternidade no contexto familiar atual em uma perspectiva Fenomenológico-Existencial Sartriana e Beauvoiriana. Reflexões essas, apresentadas nas orientações do projeto de extensão do serviços-escola/Unipar, intitulado Roda de conversa: maternidade. O projeto teve como objetivo compreender a vivência da mulher contemporânea na sua construção do seu ser mãe, com seu ser mulher. A metodologia utilizada foi a roda de conversa, proporcionando um espaço terapêutico com intuito de exercitar o saber compartilhado e o diálogo participativo. O projeto iniciou com processo de triagem com as mães das crianças em fila de espera para atendimento psicológico, para compreender a queixa apresentada, remetemos a problemática de quem é a queixa. Uma das situações que chamaram a atenção, foi que das doze mulheres mães que passaram pela triagem, dez eram mulheres separadas, porém as doze mulheres trouxeram como queixa a dificuldade de compreensão dos pais em contribuir na educação dos filhos, falta de apoio da figura paterna, atribuindo à responsabilidade apenas materna. Nos onze encontros da Roda de conversa, as mulheres trouxeram assuntos relacionados com o seu ser mulher na vivência familiar, profissional e pessoal, falta de espaços para falarem dos seus sentimentos perante suas escolhas e vivências. No decorrer dos encontros, foram percebidas evoluções, compreendendo que a maioria das queixas eram dificuldades delas e não propriamente dos seus filhos, reflexões que permitiram aproximarem do seu projeto materno, trazendo como devolutiva a importância de um espaço para falar de si. Entretanto, a fala dessas mulheres, trouxeram reflexões, direcionando um olhar atento a esses homens/pais na relação com seus filhos e na construção do seu ser pai/paterno, percebendo nessa relação uma ausência na presença, pois reconhecem sendo pais biológicos, porém não assumem como seu, esse papel de ser pai/paterno, empoderando da responsabilidade e comprometimento com esse projeto, ter um filho, ser um pai, independente do vínculo estabelecido com a mulher/mãe. A construção, materna e paterna, passaram por significadas mudanças sociais, culturais e históricas ao longo dos anos, deixando de ser associado como uma união eterna, podendo desfazer a qualquer momento, pela liberdade conquistada da separação, resignificando seus estados civis, no caso dos pais, não, uma vez pais, pais serão, porém os vínculos materno e paterno se constroem e reconstrói cada dia na relação com o outro. Os pais tem um papel de mediadores entre os mundos, sendo referência na socialização desse ser, a forma dessas crianças comportarem em outros ambientes, são reflexos aprendidos em seus lares. A construção do ser, se dá na relação com o outro, o ser pai se constrói na relação com o seu ser filho. Desta forma, surgiu uma nova proposta de projeto, estendendo para esses homens abertura de participarem da Roda de conversa: paternidade, proporcionando para ambos, um espaço de escuta e troca de saberes em relação a esse desafio de serem pais sem deixarem sua essência em projetos inautênticos.

Palavras-chave: Pais; construção do ser; roda de conversa.

Silvileny Dayanne Poncette Neves

Formação em Psicologia (2006). Pós-Graduação em Ergonomia e Saúde do Trabalhador (2009). Pós-Graduação em Psicologia Fenomenológica-Existencial (2016), as três formações foram pela UNIPAR. Atuação como Psicóloga Institucional (2009 a 2013) e Coordenadora (2014) em abrigo de acolhimentos institucional de criança e adolescente. Em 2015, até o momento, como responsável técnica de Psicologia e orientadora de Projetos de Extensão do serviços-escola da Universidade Paranaense-Unipar.

Endereço Eletrônico: silvilenyneves@unipar.br

5.93. REFORMA PSIQUIÁTRICA E SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

Marciana Gonçalves Farinha (Instituto de Psicologia – UFU)

Sashenka Meza Mosqueira (Instituto de Ciências Humanas – Psicologia – UNIP)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (Instituto de Psicologia - UFU)

Este trabalho busca refletir sobre as transformações na trajetória de constituição do tratamento em saúde mental e, posteriormente, suas aproximações e distanciamentos com a saúde coletiva no Brasil, em especial entre os movimentos da reforma psiquiátrica e da reforma sanitária, com consequente implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) e da rede substitutiva em saúde mental, a partir de elementos conceituais da Fenomenologia Existencial. Método: Análise crítica da literatura, a partir de uma perspectiva hermenêutico-fenomenológica. Paradoxos, lacunas, impasses, desafios, caminhos de facilitação e interdição, êxitos e perspectivas são considerados na compreensão do fenômeno da construção da autonomia do sujeito em situação de sofrimento grave, discutindo como dificuldades encontradas na desinstitucionalização da loucura entrelaçam-se em campos de consonância e conflito. Discussão: Demandas da saúde mental, estrutura organizacional do Sistema Único de Saúde, influências manicomiais e antimanicomias na construção dos dispositivos institucionais e epistemológicos de saúde mental, reapropriação de elementos manicomiais em dispositivos criados no processo da reforma psiquiátrica e elementos de opressão nas relações psicossociais e econômicas criam espaço social para a produção ou permanência da lógica manicomial no interior da reforma psiquiátrica. Percebe-se um avanço nos diferentes aparatos de tratamento do SUS: Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Atenção Básica com assistência integral ao indivíduo, acompanhamento de usuários de serviços de Saúde Mental na Atenção Primária, trabalho em Rede visando a Assistência integral ao indivíduo e maior resolutividade dos atendimentos sinalizam avanços. Nesse processo de desenvolvimento de aparatos terapêuticos no tratamento e compreensão do sofrimento existencial temos contribuições da perspectiva fenomenológica. Binswanger e Jaspers, que consideram o ser humano como existência em sua história de vida e partem do princípio de que o fenômeno psicopatológico não é isolado do mundo, são fecundos na proposição de posicionamentos não determinantes do sofrimento. Para Binswanger, apresentam-se alterações nas estruturas ontológicas da existência – a experiência temporal, a espacialidade, a corporeidade. Já Basaglia ressalta a necessidade de suspender a concepção de doença mental para voltarmos aos sujeitos em sua complexidade existencial. Na efetivação da reforma psiquiátrica como um todo, desvela-se a construção de contradiscursos e perspectivas questionadoras das hierarquias socialmente sedimentadas em padrões sociais de conduta, nos quais aqueles que não correspondem a um ideal racional, produtivo, heteronormativo, disciplinar e adaptativo são considerados socialmente desviantes. Considerações conclusivas: A desconstrução de um modelo único de compreensão das singularidades necessita do questionamento das perspectivas socioculturais que compreendem questões do sofrimento psíquico em termos de doença ou marginalidade e, simultaneamente, de intervenções institucionais que permitam a reelaboração de práticas e perspectivas em direção à promoção da cidadania e da dignidade dos sujeitos. É necessária a criação de espaços em que se suscitem compreensões e sejam geradas transformações no modo como é entendida a práxis, além de novos sentidos para as vivências. Sem a articulação entre as propostas de problematização e reinvenção das relações humanas nos dispositivos substitutivos e a reconstrução das relações sociais nos espaços de socialização dos

sujeitos, corre-se o risco de, paulatinamente, haver uma miscigenação das concepções manicomiais no próprio cotidiano dos serviços de saúde mental.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica; SUS; sofrimento existencial; hermenêutica.

Marciana Gonçalves de Farinha

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia,
Endereço Eletrônico: mgfarinha@hotmail.com.

Sashenka Meza Mosqueira

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Paulista,
Endereço Eletrônico: sashenkameza@gmail.com

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela USP, Professora da Universidade Federal de Uberlândia,
Endereço Eletrônico: tatibmb@gmail.com.

5.94. RELAÇÕES FAMILIARES FRAGILIZADAS: ANÁLISE DO DISCURSO PSICOTERÁPICO DE ADOLESCENTES COM DIREITOS VIOLADOS

Andressa Tavares e Silva (PUC-GO)

Marta Carmo (PUC-GO)

Se aventurar em um processo psicoterapêutico, eleger alguém para ouvir as histórias mais íntimas e doloridas que estão guardadas há muito tempo é um ato de muita coragem. As abordagens alicerçadas na epistemologia existencial fenomenológica, por assegurar a escuta e o acolhimento das vivências do sujeito, possibilitam ao sujeito adentrar nas suas histórias, e ao falar de suas histórias, o meio social não pode ser negligenciado. É preciso praticar uma clínica para além dos consultórios, para não se tornar uma representação restrita e limitada de uma prática que se propõe a acolher e escutar o sofrimento humano. Ao se falar de social, entra em pauta a violência, que há tempos configura-se como um problema grave e presente na vida dos brasileiros. O adolescente pode ser considerado um elo frágil nessa cadeia da violência. A atuação da presente pesquisa refere-se a essa população e justifica-se pela importância da atuação da psicologia junto aos adolescentes que tiveram seus direitos violados. Desta maneira, este estudo objetiva compreender nos relatos de sessões psicoterápicas desses adolescentes a presença de temáticas relativas às formas de convívio familiar, bem como, de uma forma mais específica, elucidar como a violência aparece nos relatos das sessões de forma explícita ou implícita. Participaram deste estudo três adolescentes atendidos no Centro de Pesquisas e Prática Psicológica (CEPSI) da PUC Goiás, os quais participavam do projeto Vira Vida do Sesi. O instrumento metodológico desta pesquisa foi a análise de conteúdo categorial temática de Bardin, técnica que desmembra o texto em unidades, em categorias, de acordo com reorganizações analógicas. É um procedimento de interpretação de dados coletado que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática do conteúdo manifesto da comunicação, fornecendo indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens. Este estudo faz parte de um projeto maior que está sendo implantado na PUC Goiás, denominado Psicodiagnóstico e Psicoterapia: formação do psicólogo(a)-estagiário(a) no atendimento ao público infanto-juvenil com direitos violados, que tem como pesquisador responsável Marta Carmo. Número do comprovante: 1735214. Do conteúdo das sessões foram extraídos temas comuns presentes nos discursos das adolescentes, o que permitiu construir categorias com base nos núcleos de sentido que emergiram do texto: relações familiares fragilizadas; a violência traduzida por sentimentos; interrupção do diálogo como fuga do sofrimento e evitação de conflito; as vozes do silêncio. Com este estudo, pode-se compreender alguns dos inúmeros reflexos das violações de direitos, mas principalmente, como esses reflexos não aparecem límpidos, aparecem na latência da fala. No que tange à família, os modos de relação aparecem fragilizados. Por meio do método existencial fenomenológico somado ao acolhimento, escuta e respeito do terapeuta, as adolescentes foram lentamente tomando consciência dos sentidos que a violência tinham para si e para suas famílias, e como isso permeiam as suas existências.

Palavras-chave: violação de direitos; atendimento psicoterápico; adolescentes; relações familiares; Gestalt-terapia.

Andressa Tavares e Silva

Graduada como Bacharel e Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016).

Endereço Eletrônico: andressa.tsilva2@gmail.com

Marta Carmo

Graduada como Bacharel, Licenciada e Psicóloga pela Universidade Católica de Goiás (1988), possui especialização em Gestalt-Terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia (1992) e mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Católica de Goiás (2006). Atua como professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e como psicóloga clínica na Alter Consultórios de Psicologia.

Endereço Eletrônico: martacarmo@terra.com.br

5.95. REPERCUSSÕES SENSÍVEIS DA MÚSICA EM MUSICOTERAPIA: UMA REFLEXÃO EM DIÁLOGO COM MERLEAU-PONTY

Bárbara Penteado Cabral (UFRJ)

Mônica Botelho Alvim (UFRJ)

O presente trabalho parte de diálogos interdisciplinares em torno da arte, do corpo e do sentido para propor uma discussão acerca da música na clínica musicoterápica como um fenômeno disparador do âmbito sensível. Levamos em consideração o caráter polissêmico da música enquanto fenômeno, como possibilitador de ressignificação na experiência vivida na clínica pelo paciente. O objetivo principal é desenvolver como a noção de sensível aparece na presença da música na prática clínica a partir de um diálogo com a fenomenologia do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Trata-se de uma pesquisa teórica realizada por meio de investigação bibliográfica, que parte de bases fenomenológico-existenciais. Para compor a reflexão, elementos da obra dos músicos John Cage, no que tange suas reflexões sobre o silêncio, e Arnold Schoenberg, sobre a música atonal e de doze tons, são abordados para a delimitação da compreensão da música enquanto fenômeno. Ao construir o que queremos dizer com música em musicoterapia, nos propomos a problematizar essa clínica atravessada pela compreensão da experiência do sensível, tal como trabalhada particularmente por Maurice Merleau-Ponty. Propomos uma discussão que desenvolve a presença da música na clínica não como um estímulo audível exterior e solipsista à ser aplicado tecnicamente visando um fim pré-estabelecido. Defendemos a repercussão sensível da música como criação, no traço originário aberto pela música enquanto possibilitadora de aparição de mundo. Para tanto, o sentido originário da música como fenômeno traz a idéia de criação de sentido através do corpo como campo de experiência, numa significação gestual produzida em ato, no agora percebido. O gesto enquanto movimento expressivo originário trata da condição de estar no mundo num acontecimento que envolve o percebido enquanto sentido. Tal compreensão originária do campo de presença é investigada na obra de Merleau-Ponty quando propõe a suspensão do conhecido já pré-estabelecido para assumir a noção de *Leib* como a retomada do corpo vivo que gesticula em situação com o mundo e, assim, traz o corpo enquanto fonte legítima de conhecimento. A discussão se torna pertinente ao explicitamos que a possibilidade de elaboração explicativa racional da música, quando produzida num setting de musicoterapia, pode se caracterizar como uma adequação simplesmente dada e mecanicista, entendida aqui, portanto, enquanto encobridora da experiência sensível. Desse modo, considerar música enquanto fenômeno aponta para desdobramentos consoantes entre a compreensão de um processo clínico e a abertura para linguagem do sensível, para que possamos elucidar a pertinência da dimensão do sensível para a presente pesquisa, em uma poética da experiência clínica.

Palavras-Chave: Clínica; Merleau-Ponty; Musicoterapia; Sensível.

Bárbara Penteado Cabral

É Psicóloga e Musicoterapeuta. Tem Graduação em Psicologia pelas Faculdades Integradas Maria Thereza e em Educação Artística Licenciatura em Música. Especialista em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música. Atualmente cursa o Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Endereço eletrônico: barbcabral@gmail.com

Mônica Botelho Alvim

É Psicóloga e Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem Graduação em Psicologia, Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Endereço eletrônico: mbalvim@gmail.com

5.96. TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A CRISE EXISTENCIAL

Hinayana Leão Motta (UNIRV – Universidade de Rio Verde)

Valdir Barbosa da Silva Junior (UNIRV-Universidade de Rio Verde)

O existencialismo percebe o homem como um ser livre, porém neste caso liberdade trata-se da habilidade de fazer escolhas e responsabilizar-se por estas já que a vida é uma consequência das nossas escolhas, para viver é necessário fazer escolhas o tempo todo. A escolha é vista como a essência da existência humana, pois para existir o indivíduo é obrigado a fazer opções e se responsabilizar por elas. Sob uma ótica sobre o suicídio, percebe-se que é uma luta entre o assassino e o assassinado que se encontram no ato da morte. A ausência de mecanismos para enfrentar a dor e o sofrimento parece colocar as pessoas diante de uma perspectiva quase inevitável de querer sanar seus problemas, exterminando-os consigo mesmas: resolver os problemas com a própria morte. Nota-se então, que o homem tem estado em luta perdurável, consigo e com os outros homens, na eterna tentativa de se firmar e de ser admitido como pessoa, o humanismo reconhece o valor do homem. O existencialismo penetra nas cognições concretas do homem, em suas angústias e preocupações, suas emoções interiores, ansias e satisfações. Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo compreender a experiência de um paciente da Clínica Escola de Psicologia em relação ao suicídio. Identificando os aspectos subjacentes a este fenômeno e comparando os achados fenomenológicos com a literatura já existente. Utilizou-se neste estudo o método de pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico, buscando assim compreender a experiência do sujeito livre de qualquer a priori, buscando-se a apreensão do vivido. A partir da análise dos dados, levantaram-se as seguintes unidades temáticas de sentido ou significado: estão ligados aos pensamentos conturbados, padrões da sociedade, fantasias e um ser fracassado. Estas temáticas tem grande importância, pois determinam a experiência do sujeito, mantendo o comportamento estudado. Conclui-se que a vida do ser humano, em seu cotidiano é de tomada de decisões e escolhas, e que o mesmo ao estar no mundo é responsável pelos seus atos. Desse modo a individualidade permite compreender o suicídio como uma ação vivenciada num âmbito sociocultural preciso. Com uma visão fenomenológica, compreende-se que a vivência entre as tentativas de suicídio e a situação em que vive a pessoa que as comete é mutuamente integrada. Portanto, não se pode particularizar um ponto de vista, individual ou social, sem que se vincule a compreensão do fenômeno do suicídio. Destarte tais aspectos psicológicos não foram explorados nesta pesquisa, e podem ser posteriormente investigados.

Palavras-Chave: Existencialismo, Fenomenologia, Suicídio e Escolhas.

Hinayana Leão Motta

Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás, formação em Gestalt Terapia pelo Instituto de treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia e mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Atualmente é professora adjunta da Faculdade de Psicologia da Universidade de Rio Verde – UNIRV e Coordenadora da Clínica Escola de Psicologia da UNIRV.

Endereço eletrônico: hinayana@uol.com.br.

Valdir Barbosa da Silva Junior

Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade de Rio Verde, Coordenador do Projeto de Extensão do Grupo de Estudo sobre Hipnose Ericksoniana.

Endereço eletrônico: junior_totus@hotmail.com

PSICOLOGIA COMO MEDITAÇÃO DE PEREGRINOS

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Celina Maria Aragão Ximenes (UNICAP)

Ao longo da história, a psicologia predominantemente ancorada no modelo científico natural, parece transitar de modo descompassado frente a uma intrigante realidade que passa a exigir dela modalidades outras de intervenção, que atendam ou mesmo minimizem as muitas demandas psicológicas emergentes nos diferentes cenários sociais. Na condição de psicóloga clínica e supervisora de estágio do curso de psicologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES), sensível aos recorrentes, intensos e diferenciados modos de sofrimento humano, preocupada com a formação de psicólogos e com os desdobramentos dessa questão no que diz respeito ao seu compromisso ético profissional, sou instigada a refletir acerca de possibilidades outras de ação clínica no contexto de supervisão. Diante desse dado, esta pesquisa pretende compreender experiências em supervisão de estágio em psicologia clínica na perspectiva fenomenológica existencial ao modo de Heidegger, através de supervisores e seus ex-estagiários. A pesquisadora, valendo-se do método fenomenológico cunhado por Critelli (1996), desenvolveu uma pesquisa de campo tendo contado inicialmente com a participação indireta de 10 (dez) estagiários por ela supervisionados durante 02 (dois) períodos letivos consecutivos; seguida, noutro momento, da colaboração direta de 02 (duas) outras supervisoras de estágio, com experiência mínima de 10 (dez) anos em psicologia clínica na referida perspectiva e 03 (três) ex-estagiárias por elas supervisionadas há no máximo 02 (dois) anos, incluindo a da pesquisadora. De modo a colher a narrativa das participantes, incluindo a própria pesquisadora, esta se utilizou dos seguintes instrumentos: Diários de bordo, entrevistas individuais com as supervisoras em seus locais de trabalho, envolvendo uma questão norteadora acerca do fenômeno investigado e a formação de um grupo narrativo numa clínica escola com as ex-estagiárias indicadas por suas antigas supervisoras. As narrativas, em parte escritas e gravadas, foram analisadas à luz do texto de Critelli “Analítica do Sentido”. Entendemos que o estudo realizado favoreceu não apenas a reflexão de temáticas centrais que norteiam tradicionalmente as práticas de supervisão de estágio em clínica psicológica no horizonte da fenomenologia existencial, mas o redimensionamento dos modos de ser das supervisoras e psicólogas participantes, na lida com pessoas que delas solicitam acolhimento em seus mais intensos e angustiantes momentos de vida. Uma supervisão que privilegia a experiência de supervisores e estagiários parece encaminhar ações clínicas mais aderentes às demandas emergentes na atualidade.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Formação Profissional; Supervisão de Estágio; Ação Clínica; Hermenêutica Heideggeriana.

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2006). Professora adjunta da Universidade Católica de Pernambuco e Coordenadora da Linha de Pesquisa Práticas Psicológicas em Instituições do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Vice Coordenadora do GT-Prática Psicológica em Instituições: atenção, desconstrução e invenção da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Endereço Eletrônico: carmemluciabarreto@hotmail.com

Celina Maria Aragão Ximenes

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2016/2005). Especialista em psicoterapia fenomenológica existencial pela PUC-MG(2001). Atua na área de Psicologia Clínica e da Personalidade, com ênfase na hermenêutica heideggeriana. Psicóloga Clínica. Atua como docente e supervisora de estágio no Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo (Aracaju-SE).

Endereço Eletrônico: celximenes@uol.com.br

5.98. TOMADA DE CONSCIÊNCIA E FENOMENOLOGIA

Edson Ribeiro de Andrade. (ISECENSA)

Érica Henrique Ribeiro-Andrade. (ISECENSA)

O interesse principal nesta apresentação é apontar para importância da utilização de metodologias práticas quando da apresentação dos conceitos da fenomenologia na formação de psicoterapeutas. Mesmo enunciados firmados filosoficamente podem ser passíveis de uma experimentação por parte dos profissionais em formação. A Fenomenologia (do grego *Phainesthai*, aquilo que se apresenta, ou se mostra, e *Logos*, explicação, estudo), conforme proposta por Husserl (1859-1938) afirma a importância dos fenômenos da consciência. A tomada de consciência é um dos eventos focais das abordagens fenomenológicas e pode ser compreendida pelo conceito de *Awareness* que diz respeito aos fenômenos tais quais se apresentam na consciência humana, podendo esta, ser influenciada de várias formas pela ambiência do indivíduo. Esta experiência é fundamental para os processos psicoterapêuticos que intencionam favorecer ao indivíduo em sua maneira de perceber a realidade que o cerca. O conceito de *awareness* é definido por Frazão (2010) como a apreensão, com todas as possibilidades de nossos sentidos, da ocorrência do mundo dos fenômenos dentro e fora de nós, no presente, no aqui-e-agora. Para Kyan (2009) o termo *Awareness* indica a tomada de consciência ou conscientização. O presente trabalho descreve uma atividade desenvolvida com alunos do curso de Psicologia quando do estudo das abordagens psicoterapêuticas de influência fenomenológicas. O objetivo principal era favorecer aos alunos identificarem modulações no processo de tomada de consciência. Como método utilizou-se um recurso áudio-visual e fichas para que 33 alunos do curso de Psicologia registrassem como o percebiam. Apresentou-se um vídeo de dois grupos jogando basquetebol, solicitou-se que os alunos contassem o número de toques de bolas na partida, e depois escrevessem a resposta. As respostas foram as mais diversas, mesmo tendo todos eles assistido o mesmo vídeo, além disso, a maneira como cada um entendeu o que devia ser feito também foi diversa. Posteriormente, apresentou-se novamente o mesmo vídeo, desta vez pedindo aos alunos que procurassem no vídeo um grande urso preto que atravessou o jogo, e que registrassem por escrito suas impressões do que impediu que eles vissem o urso num primeiro momento. A reação de todos os alunos foi de surpresa ao se darem conta de que só conseguiram tomar consciência deste elemento após terem recebido esta sugestão. Conclui-se que a atividade realizada com alunos foi bem sucedida em seu objetivo de indicar o quanto os fenômenos são diferentes para cada pessoa, e o quanto nossa consciência pode ser influenciada na leitura dos fatos que nos cercam.

Palavras-Chave: Consciência; Fenômeno; Awareness; Fenomenologia.

Érica Henrique Ribeiro-Andrade

Psicóloga. Mestre em Cognição e Linguagem (UENF). Docente de Graduação e Pós-Graduação ISECENSA.

Endereço Eletrônico: ericahribeiro@yahoo.com.br

Edson Ribeiro de Andrade

Psicólogo. Doutor em Ciências da Saúde(FIOCRUZ). Coordenador do curso de Pós Graduação em Fenomenologia (ISECENSA). Docente de Graduação e Pós-Graduação ISECENSA.

Endereço Eletrônico: edsonandrade@gmail.com

5.99. UM OLHAR FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL SOBRE CORPO E AFETO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Camila Stefan de Andrade

Na atualidade há uma forte corrente que busca a compreensão dos adoecimentos corporais a partir de um olhar organicista que separa corpo e afeto. O presente trabalho traz, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, a ideia da impossibilidade de separar corpo e afeto, propondo um modo de cuidado dos adoecimentos, sob uma perspectiva contínua, fluida e totalmente inseparável das expressões corporais e afetivas. Portanto este trabalho mostra-se relevante por olhar para a experiência da corporeidade para além do corpo físico. Embasado por esta perspectiva, alguns conceitos do filósofo Martin Heidegger são fundamentais para a elaboração deste trabalho, o de maior destaque é o conceito de corporar. Sendo o corporar um modo singular de se relacionar com sua experiência e com o mundo, mesmo que seja através da restrição extrema de possibilidades; o adoecimento, ainda sim, é corporar. Busca-se, através da psicologia com base fenomenológico-existencial, compreender e desvelar as manifestações inseparáveis entre corpo e afetividade do ser-aí, desconstruindo as concepções estanques e patológicas dos adoecimentos descritos pelas ciências tradicionais. Para a elaboração deste trabalho foi utilizado uma análise do discurso clínico de um processo psicoterapêutico a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, evidenciando a indissociabilidade entre corpo e afeto como parte do caminhar para a ampliação das possibilidades de se relacionar com as restrições excessivas de liberdade atreladas aos adoecimentos, não priorizando a exclusão dos sintomas, mas sim a abertura de possibilidades de se relacionar com os sintomas, tendo a cada momento a indissociabilidade de corpo e afeto em cada sintoma apresentado. Este trabalho psicoterapêutico propõe refletir sobre os significados articulados no discurso do sujeito no qual o fenômeno é desvelado, a fim de sustentar a abertura de novas possibilidades de se relacionar com o mundo e com os outros entes. Para tal olhar ser possível, conclui-se que, esta clínica se dispõe a refletir sobre o caráter de poder-ser do ser-aí e de sua gama de possibilidades, com enfoque no relacionar-se com o modo adoecido do corporar não como algo a ser extinto o quanto antes, mas sim estimular o desvelamento dos sentidos na indissociabilidade entre expressão corporal e emoções sentidas. Tendo nesta escuta terapêutica um passo atrás de uma interpretação tradicional do discurso, verbal e corporal, primando as reflexões que se dão ao longo da tessitura da relação psicoterapêutica, da possibilidade do desvelamento de novos sentidos a cada momento e de novas formas de corporar do ser-aí. Entendendo a compreensão do modo de cuidar dos adoecimentos como uma interação corpo e afeto menos prejudicial possível encontrada pelo ser-aí naquele momento e não como uma somatização, uma consequência, uma resposta a algo mal resolvido afetivamente.

Palavra-chave: corpo; afeto; adoecimento; fenomenologia; psicologia clínica.

Camila Stefan de Andrade

Psicóloga Clínica, Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN), Especialista em Obesidade e Emagrecimento (AVM), Psicóloga Bariátrica (COESA).

Endereço Eletrônico: camilasa.psic@gmail.com

5.100. UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA E SUA INSERÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Priscila Neves Moreira (UFF)

A fenomenologia hermenêutica pensada pelo filósofo alemão Martin Heidegger será a base teórica que orientará as reflexões desta pesquisa, mais especificamente a partir daquela que veio a ser reconhecida como sua principal obra, *Ser e tempo*. A analítica do *ser-aí* pensada pelo filósofo no início de seu percurso do pensamento pode nos fornecer significativos elementos para uma compreensão de homem a partir da abertura mais originária e co-fundadora de outros aspectos essenciais da existência humana. Esta pesquisa nasce do trabalho monográfico de conclusão de curso de graduação em psicologia na Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes, RJ, e se propõe a lançar um olhar fenomenológico sobre as influências das mídias sociais no feminismo, enquanto um movimento social historicamente constituído. Entende-se que o movimento feminista tem conquistado maior visibilidade e participação na vida cotidiana de brasileiras e brasileiros das mais diversas classes sociais tornando-se, portanto, um importante campo de investigação para a Psicologia. Na referida obra, de 1927, Heidegger desenvolve o que vai chamar de uma analítica das estruturas ontológicas do *ser-aí*. Levando em consideração as noções de *ser-no-mundo*, compreensão e medianidade enquanto estruturas ontológicas do *Dasein*, esta pesquisa dedicou-se a proporcionar uma reflexão sobre os modos de ser deste ente que somos, e de que forma a historicidade tem estabelecido requisitos para o envolvimento de mulheres nas reivindicações e mobilizações de cunho feminista, construção essa cada vez mais reforçada nos espaços virtuais. A fim de garantir um caráter atual para a pesquisa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica do movimento feminista no Brasil, sua inserção nas redes sociais e as principais publicações de cunho feminista em blogs, sites e páginas do Facebook. Esta empreitada se alinha também com as tendências de vocação mais transdisciplinares de compreensão da cotidianidade humana, tão características da atualidade e, por fim, entendemos que o trabalho torna-se mais um importante meio de divulgação e reflexão sobre este fenômeno social de larga influência e manifestação, e nos fornece a possibilidade de lançar um olhar que aguace um movimento de apropriação mais intensa e rigorosa sobre a dimensão hermenêutica do existir, sob suas múltiplas formas de manifestações da facticidade humana.

Palavras-chave: feminismo; fenomenologia; mídias sociais.

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Priscila Neves Moreira

Estudante de Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense.

Endereço eletrônico: pnmoreira@id.uff.br

Danilo Paiva Pescarmona (ISS)

Myrna Coelho (USP/ISS)

A presente pesquisa, apresentada como monografia na conclusão do curso de especialização “Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas”, faz uma leitura fenomenológica da Operação “Dor e Sofrimento” empreendida pelo governo do estado de São Paulo no início de 2012, no território conhecido como “Cracolândia”. A operação consistiu no uso ostensivo da força policial visando o encaminhamento de usuários de crack para intervenções denominadas como responsáveis pelo “tratamento da dependência química”. Para além disso, analisamos um dos desdobramentos da operação, a saber, a ascensão das Comunidades Terapêuticas na região, e sua intervenção pautada pela abstinência. Percebemos que, muitas vezes, essas instituições pautam suas práticas em violação de direitos humanos. Para discorrer sobre o tema, foram utilizados conceitos do filósofo Michel Foucault, em particular o de biopoder biopolítico, a fenomenologia de Martin Heidegger e conceitos de Hannah Arendt, em especial o de ação. O pensamento de Foucault é relacionado ao de Heidegger e Arendt na obra de André Duarte, obra essa que fundamentou as reflexões da presente pesquisa. A partir das análises feitas no livro “Vidas em risco”, problematizamos fundamentos epistemológicos de práticas da saúde mental, tanto as consideradas manicomiais quanto as consideradas antimanicomiais, em relação à figura do usuário de drogas. No campo da saúde mental, levantamos e analisamos especialmente as práticas relacionadas à saúde pública, ainda que algumas instituições pudessem ser terceirizadas. Na análise fenomenológica dos dados da pesquisa, passamos a entender como o crack e seus usuários ganharam, ao longo dos anos, o status de “mal a ser combatido”. Por outro lado, esta pesquisa propõe discutir o paradigma da Redução de Danos (RD) e da Reforma Psiquiátrica Brasileira, na medida em que discute se essas políticas promovem a garantia de acesso à saúde e a inserção dos usuários numa rede de cuidados integral. Também discutimos os fundamentos filosóficos da reforma psiquiátrica tais como expostos por Basaglia, especialmente quando este explicita o caráter familiar desse acontecimento acadêmico, clínico e político internacional com a filosofia de Husserl. A pergunta que nos guia às conclusões deste estudo delineiam em que a fenomenologia se relaciona a esses campos da saúde pública.

Palavras-chave: Fenomenologia; “Cracolândia”; Biopolítica; Redução de Danos (RD); Reforma Psiquiátrica.

Danilo de Paiva Pescarmona

Psicólogo formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, aprimoramento clínico em Fenomenologia-existencial pela PUC-SP, especialista em Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica pelo Instituto Sedes Sapientiae, experiência na atuação em Políticas Públicas de Assistência Social e na Rede de Atenção Psicossocial.

Endereço Eletrônico: danilopescarmona@yahoo.com.br.

Myrna Coelho

Psicóloga clínica, pós-doutoranda no Laboratório de Política Ambiental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, mestrado em estética e história da arte e doutorado em ciências pela

USP, professora do Instituto Sedes Sapientiae na especialização “Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas” e na extensão “Introdução às práticas da psicologia fenomenológica: ações clínicas e educacionais”.
Endereço Eletrônico: myrnacoelho@usp.br.

5.102. UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO LUTO POR MORTE DE ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Sophia Porto Kalaf (PUC-SP)

A presente pesquisa trata do fenômeno do luto por morte de animal de estimação e como este tipo de perda é vivenciado. À luz da Fenomenologia-Existencial, este estudo pretende possibilitar uma compreensão acerca da experiência de luto vivida por um indivíduo que perdeu um animal de estimação, levando em consideração a singularidade e o sentido único desta vivência, além do entendimento sobre os desdobramentos desta perda na vida do indivíduo. Notou-se que existem poucos estudos que objetivaram o entendimento do luto por morte do animal de estimação, especificamente. Deste modo, este trabalho pretende ampliar os estudos acerca do tema e contribuir para um novo olhar sobre este tipo de luto, o olhar fenomenológico-existencial. Por meio da entrevista reflexiva, afinada com o pensamento fenomenológico, foi realizada uma entrevista com uma pessoa que vivenciava um luto por morte de animal de estimação. Identifica-se que a entrevistada não lidava com o animal como um mero cachorro de companhia, mas também como um membro da família e como um ser muito relevante em sua vida. Sendo esta relação importante e singular para a entrevistada, a morte deste ente e o modo como se deu esta morte, a eutanásia, trouxeram decorrências na vida dela. Destaca-se, aqui, o peso e a responsabilização diante da escolha, além da renúncia das outras possibilidades que não foram efetivadas. A hipótese de que a perda de um animal poderia ser colocada como um luto não reconhecido não cabe quando pensamos no caso abordado nesta pesquisa, pois a rede de apoio da entrevistada lhe ofereceu consideração e acolhimento diante da perda. Assim, esta pesquisa desvelou a importância da compreensão do fenômeno do luto por morte de animal de estimação como uma experiência vivenciada de maneira única e singular, não sendo passível de qualquer tipo de generalização ou desconsideração. Revelou-se como fundamental, portanto, o olhar para este fenômeno à luz da abordagem fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Luto; animais de estimação; fenomenologia.

Sophia Porto Kalaf

Psicóloga formada na PUC-SP em 2016. Esta pesquisa configurou-se como Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no Curso de Psicologia sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli.

Endereço Eletrônico: sportokalaf@gmail.com

5.103. UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE A PSICOTERAPIA NA ERA DA TÉCNICA

Julia Novaes Silva

Pedro Victor Castro Novaes de Sá

Na época moderna, o método científico natural se instituiu como modelo privilegiado de pesquisa da verdade dos entes, com impacto na medicina, cuidados à saúde e práticas psicológicas clínicas. Avanços nas técnicas de mapeamento cerebral e genético, prometem trazer explicações científicas para os diversos comportamentos humanos, principalmente aqueles considerados patológicos ou não adaptativos. Mas, pouco se discute, no âmbito científico, sobre os pressupostos filosóficos subjacentes a este horizonte histórico de compreensão do homem e suas conseqüências diretas sobre o sentido da existência humana com suas implicações éticas. Heidegger denomina esse momento histórico como Era da Técnica, marcada pela busca incessante de procedimentos que gerem o resultado esperado, caminhos que garantam resoluções. É nesse contexto que os comportamentos passam a ser entendidos como eventos causais, separados da experiência vivida, e passam a ser vistos como parte de um conjunto de determinismos naturais e sociais. Assim, quando surge um comportamento não adaptado, ele pode ser objeto de intervenção e controle. Nesta comunicação, propomos uma reflexão sobre a necessidade de uma relação mais crítica com respeito aos modelos científicos no âmbito da psicologia clínica. Podemos, a partir das contribuições de Heidegger, ir além do pragmatismo atual e das metodologias científicas. A psicologia fenomenológico existencial propõe uma nova compreensão sobre a própria natureza da existência e não apenas explicações alternativas para determinados comportamentos ou patologias. No caso da psicologia clínica, multiplicam-se as abordagens teóricas e suas técnicas supostamente eficazes para intervenção terapêutica. Mas, quando estamos sobrecarregados de informações técnico-científicas sobre a vida, necessitamos retomar a reflexão sobre o que é a técnica moderna, qual o sentido e os limites do método científico. Todo o contexto da vida e da formação acadêmica contemporâneas é dominado pelo pensamento técnico. Mesmo, quando começamos a suspeitar que o caminho para o conhecimento da existência pode não estar totalmente subordinado às metodologias científicas, nossas buscas iniciais por outros caminhos ainda se dão no interior deste horizonte. Persistem, para além das críticas meramente teóricas, pressupostos profundos e irrefletidos que determinam nosso olhar e nossos comportamentos cotidianos, acadêmicos e profissionais. A formação clínica na perspectiva fenomenológico-existencial demanda, juntamente com o estudo conceitual rigoroso, um envolvimento de transformação existencial do próprio estudante. Todos os conhecimentos teóricos e as técnicas utilizáveis no âmbito das práticas psicológicas clínicas têm como contexto último de referência e sentido nossas relações existenciais concretas, com seus sofrimentos, suas esperanças e conflitos, cujas motivações são irreduzíveis a determinações causais objetiváveis. Esta constatação não deve, entretanto, nos lançar de volta ao senso comum ou ao ceticismo. Um caminho como o da fenomenologia, que nos dá pouco saber positivo sobre a existência, mas liberta nosso olhar dos preconceitos tradicionais que a realidade histórica nos impõe, já nos dá mais do que a ciência moderna pode oferecer para a lida com os sofrimentos do mundo contemporâneo. Diminuindo nossas pretensões técnicas de saber e controle, aumenta nossa disposição de abertura, acolhimento e compreensão da precariedade e dos limites da existência, mas, também, de suas possibilidades mais próprias e singulares.

Palavras-chave: fenomenologia; técnica; Heidegger.

Julia Novaes Silva

Psicóloga clínica; Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN);
Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (ENSP).
Endereço Eletrônico: julianovaes@yahoo.com.br

Pedro Victor Castro Novaes de Sá

Graduando em Psicologia na Universidade Veiga de Almeida (UVA).
Endereço Eletrônico: Pdqruliz25@gmail.com

5.104. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA TEMPORALIDADE NA FENOMENOLOGIA FILOSÓFICA

Camila Souza (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

Dentre os temas que ressoam na história da humanidade, talvez o tempo esteja entre os mais antigos. Encontramos suas primeiras representações abstratas na mitologia grega como divindade por meio das figuras dos deuses Cronos, que representava o tempo exato e cronológico, e seu neto Kairós, personificação do tempo subjetivo. No mundo contemporâneo, Cronos impera nos estudos objetivos da temporalidade por meio da Física, Biologia e Sociologia. Entretanto, os primeiros estudos do tempo residem no campo da Filosofia, iniciados na antiguidade grega com os trabalhos de Plotino e Aristóteles. Ainda no terreno filosófico, Santo Agostinho, em sua célebre obra *Confissões*, cria os meios para pensar a subjetivação do tempo. Esse autor sinaliza que conhecemos intuitivamente o que é a temporalidade, mas dificilmente conseguimos falar a seu respeito. A partir das premissas agostinianas, Edmund Husserl no terreno da Fenomenologia Filosófica, desenvolve a análise fenomenológica da consciência do tempo, sendo esta a via de desvelamento da intencionalidade da consciência e de nossa constituição subjetiva. Em momento posterior, inspirado nos últimos anos do pensamento husserliano, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty resgata a temática da temporalidade para discutir sua implicação na constituição do mundo da vida (*Lebenswelt*). Com este trabalho, buscamos discutir a perspectiva histórica dos estudos fenomenológicos da temporalidade na filosofia. Utilizamos como método a revisão da literatura de autores que contribuíram para a construção da fenomenologia filosófica, bem como de seus comentadores. Concluímos que na abordagem do tempo vivido encontram-se críticas às ciências empíricas, que enfatizavam os traços materiais e objetivos, não ultrapassando o aspecto cronológico e quantitativo do tempo. Nossas experiências se dão no fluxo do antes e do depois, ao invés de se encontrarem exclusivamente em uma sucessão de momentos atuais. É no fluxo temporal que nossas percepções atribuem sentidos e significados aos fenômenos experienciados. Estabelecemos, então, íntima relação entre o tempo e a subjetividade. O tempo, considerado em si mesmo, nasce de nossas relações com o mundo e com as coisas ao ser constituído pela consciência intencional. Ele não é apenas um objeto do saber, passível de racionalização, mas atravessa a dimensão do ser ao fugir à linearidade simétrica das sucessões que ocorrem no momento presente. O tempo compõe uma dimensão complexa de uma rede de intencionalidades, que nos remete ao contato ambíguo com o mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia Filosófica; Temporalidade; Perspectiva Histórica;

Camila Souza

Psicóloga e Psicoterapeuta com formação clínica em Psicoterapia Humanista Fenomenológica. Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Fortaleza. Integrante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO). Membro do Instituto de Psicologia Humanista e Fenomenológica do Ceará (IPHE). Docente da Faculdade Maurício de Nassau.

Endereço Eletrônico: camila_psouza@hotmail.com

Virginia Moreira

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School. Coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO). Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPQ – PQ – 02. Professora titular do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Endereço Eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6. PÔSTERES

6.1. A CONSCIÊNCIA DE SER-NO-MUNDO ATRAVÉS DA LITERATURA

Letícia Aydos da Silva (UNISUL)

A literatura como objeto de estudo perpassa diversos constructos teóricos e críticos, principalmente os propriamente linguísticos, tais como fonética, fonologia, sociolinguística e a semântica, as quais envolvem discussões teóricas amplamente difundidas e estudadas. Versam sobre esse tema, ainda, as abordagens filosóficas, que através do estudo da Estética (parte da Filosofia voltada para a reflexão relativa à Beleza e ao fenômeno das Artes), vem agregar discussões sobre a experiência estética vinculada à criação literária. Vinculado a esse contexto aparecem as teorias psicológicas, - essas em menor especificidade e menos difundidas - buscam analisar como essas relações linguísticas e estéticas estão intrinsecamente ligadas à formação do sujeito. Esses fatores remetem-nos a uma tentativa de incorporar a esses estudos o pensamento filosófico de Jean-Paul Sartre, que embasa uma psicologia da consciência enquanto forma primeira de aparição do Ego (psique). Partindo de uma definição de homem, de consciência e o papel do imaginário e da liberdade sartreana na constituição do sujeito, será aberta uma discussão sobre os atravessamentos da Literatura na expressão humana. Tais conceitos foram buscados na filosofia da consciência teorizada por Jean-Paul Sartre, principalmente em traduções de “*La transcendance de l'égo*” (A transcendência do ego) de 1937 e nas noções de objeto literário em “*Qu'est ce que la littérature?*” (O que é a Literatura?) de 1947 - entre outras obras correlatas. Durante esse percurso, a literatura parece adquirir certa potência geradora de realidades invisíveis e entregar-nos à percepção do fantástico presente na vida mais cotidiana, que invariavelmente procuramos afastar ou negar. Está aí a força da literatura, nesse desnudamento possível de um olhar anterior que a consciência nos possibilita por condição própria de ser homem, e que nos diferencia dos animais, tendo como força propulsora a liberdade - fundamento universal do ser. A literatura, por assim dizer, constitui uma força abstrata única que nos dispara em direção a essa liberdade, através de uma fantástica viagem do ser em busca da matéria-prima de sua própria humanidade. Portanto, o estudo apresentado aqui pretende fazer um ensaio dialético sobre o que torna o homem propriamente humano em suas manifestações artísticas, especificamente através da narrativa literária, partindo de Jean-Paul Sartre, tendo como base sua forma de construção do saber.

Palavras-chave: Literatura; Consciência; Liberdade; Jean-Paul Sartre.

Letícia Aydos da Silva

Psicóloga (2012). Especialista em Psicologia Existencialista Sartreana pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2015). Assistente Editorial da Revista Cadernos Brasileiros de Saúde Mental da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Endereço eletrônico: leaydos@gmail.com

6.2. A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM E SUA IMPORTÂNCIA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

Ana Paula Queiroz Campos (Areté)

A partir de minha vivência profissional com atendimento à pessoas em situação de rua e as tentativas da superação desta condição, apresento minhas inquietações referentes à construção da auto-imagem que crianças e adolescentes em situação de rua compõem de si, sua contribuição para a ida e permanência desta condição, bem como uma alternativa de intervenção a ser percorrido pelo profissional. A criança é o ser mais vulnerável às influências do meio, sendo uma faixa etária de intenso crescimento e desenvolvimento. Tendo em vista o passado que não se pode mudar, carregado de relações afetivas fragilizadas, essas crianças e adolescentes se percebem através do modo como as pessoas reagem à elas, no entanto, sendo o homem um ser livre, é capaz de se criar e recriar a todo momento, não nos permitindo sermos seres imutáveis e determinados pelos acontecimentos da vida, embora eles nos constituam. Apesar da realidade que os cerca, a criação da auto-imagem, que se explica pelo conjunto de experiências mais estáveis que me caracterizam e influenciam o meu comportamento, que determinará os valores que atribuem a si e os guiará. Aqui, a auto-imagem, aparece como desencadeadora dos processos de mudança dessas crianças e adolescentes que estão em situação de rua e a criação do Projeto Original - a escolha e imagem que a pessoa faz de si, dará sentido a sua existência e passarão a encontrar no mundo motivos para agir de um modo ou de outro dando seguimento para outros projeto. Apesar da presença de adversidades aumentar a probabilidade de um resultado negativo, a resiliência, vem para encorajá-los e lidar positivamente com as adversidades da vida. Então, independentemente das situações ao qual essas crianças e adolescentes são expostos, elas somente tomarão suas escolhas e reagirão de acordo com o que elegeram, se isso for de acordo com o que acredita ser parte de si. Considerando esse processo, o trabalho propõe que o profissional, através de uma escuta empática, possa facilitar a autodescoberta e autoconsciência desses sujeitos reformulando assim sua auto-imagem para fomentar a possibilidade de escolha e repensar novas formas de resposta para seus problemas por meio de uma ressignificação, até de si mesmo. Assim, as crianças e adolescente conseguirão se desviar do que fatalmente poderia os moldar e aprisionar.

Palavras-chave: Liberdade; Auto-imagem; Resiliência; Empatia.

Ana Paula Queiroz Campos

Graduada em Psicologia pela FAESA em 2008. Especialista em Psicologia Clínica: Abordagem Centrada na Pessoa e Existencial-Fenomenológica - Instituto Brasileiro de Psicologia Centrada na Pessoa - Arété em 2010. Atuo como coordenadora de núcleo na Associação pela Saúde Emocional de Crianças – ASEC com Programa de Educação Emocional para Crianças. Durante 06 anos atuei como psicóloga em programa de População em Situação de Rua.

Endereço eletrônico: anapaulaqcampos@gmail.com

MELANCÓLICA: O OLHAR DE THOMAS FUCHS

Camila Souza (UNIFOR)

Victor Leite (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

Segundo estatísticas da OMS, estima-se que cerca de 350 milhões de pessoas no mundo sofram de depressão, constituindo na contemporaneidade uma importante questão de saúde pública. A utilização do olhar biomédico nos estudos da depressão prioriza a sua sintomatologia, em detrimento do vivido depressivo pelo sujeito. Faz-se necessário um novo olhar capaz de abarcar a complexidade da experiência humana. A psicopatologia fenomenológica, partindo das contribuições de autores da fenomenologia e do existencialismo, propõe o desenvolvimento de uma perspectiva compreensiva da experiência depressiva através do estudo das estruturas basais da existência humana; como a corporeidade, a temporalidade, a espacialidade e a intersubjetividade. Este trabalho tem como objetivo central compreender o transtorno depressivo na Psicopatologia Fenomenológica de Thomas Fuchs, destacando a dimensão do corpo vivido como via de acesso à experiência psicopatológica. Investigamos a depressão e a dimensão do corpo vivido através de uma pesquisa de revisão de literatura das obras publicadas pelo psiquiatra alemão Thomas Fuchs, buscando apresentar a ambiguidade existente na vivência do corpo, a experiência de culpa na depressão melancólica e as implicações deste vivido depressivo na relação homem-mundo. Segundo o olhar de Fuchs, a partir da distinção entre corpo vivido – corpo das experiências pré-reflexivas – e corpo corporal – corpo físico e anatômico –, o autor nos aponta para o corpo enquanto um mediador da experiência, a qual nos permite uma relação de entrelaçamento com o mundo. Entretanto, no contexto da depressão melancólica, observa-se no sujeito uma perturbação nesta mediania do corpo decorrente de um sentimento de culpa devastador, experienciando o que Fuchs denomina como *corporalização do corpo vivido*; uma experiência de rigidez corporal na qual o corpo é sentido enquanto um obstáculo para o mundo, e não mais como mediador. Neste contexto, o depressivo melancólico experiencia uma sensação de estar separado dos outros, substituindo sua capacidade de participação no mundo pelos sentidos e sentimentos por uma alienação e despersonalização. O paciente perde sua sintonia com o mundo, não mais vivendo o tempo presente compartilhado com os outros, mas uma culpa que o retém em seu passado e estabelece um ciclo vicioso de culpabilização e corporalização do qual não consegue se livrar. Nesta perspectiva, compreendemos a depressão melancólica para além da categorização dos manuais diagnósticos, enxergando os sintomas somáticos da patologia e sua corporalização como decorrentes da perda da performance desinibida do corpo e da participação do sujeito com o seu mundo. Assim, a psicopatologia fenomenológica de Thomas Fuchs propõe uma visão de adoecimento não restrita a uma disfunção interna do indivíduo, mas enquanto algo da ordem da relação, seja ela consigo, com o outro, ou com o mundo.

Palavras-chave: Depressão; Psicopatologia Fenomenológica; Corporeidade; Thomas Fuchs; Culpa

Camila Souza

Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Psicoterapeuta com Formação Clínica em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutoranda pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sob orientação da prof. Dra. Virginia Moreira. Integrante do Instituto de Psicologia Humanista e Fenomenológica do Ceará (IPHE-CE). Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau.

Endereço eletrônico: camila_psouza@hotmail.com

Victor Leite

Graduando em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) desde 2015.1 e Bolsista CNPq (PIBIC), desenvolvendo pesquisa sobre a Psicopatologia Fenomenológica de Thomas Fuchs sob a orientação do Profa. Dra. Virgínia Moreira.

Endereço eletrônico: victormonteiroleite@hotmail.com

Virginia Moreira

Psicóloga graduada pela Universidade de Federal do Ceará (UFC). Psicoterapeuta com formação no Enfoque Centrado na Pessoa (Center of Studies of the Person, La Jolla, U.S.A, 1985). Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School. Docente do curso de Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq –PQ2.

Endereço eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6.4. A DANÇA COMO EXPRESSÃO E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Ingrid de Souza Manhães (UFF)

A fenomenologia, enquanto movimento filosófico, nasce de forma mais expressiva na segunda metade do século XIX com o filósofo alemão Edmund Husserl. Preocupado com a crescente influência do subjetivismo e do psicologismo sobre as ciências e inspirado nas leituras de Franz Brentano, Wilhem Dilthey e dos escritos gregos, Husserl busca uma fundamentação de rigor do pensar científico a partir do resgate das coisas mesmas. O movimento iniciado por Husserl causou grande impacto sobre o pensamento filosófico do século posterior e sobre as ciências em geral, fundamentalmente as humanas. Ele se amplifica para o século XX a partir de importantes propagadores da fenomenologia que, aos poucos, imprimem suas marcas pessoais sobre esse modo de compreensão da realidade, resgatando a dimensão intuitiva do existir. O presente trabalho tem como objetivo tratar o fenômeno da dança como meio de expressão e linguagem dentro de uma perspectiva fenomenológica, e concebê-la como um eventual importante aliado terapêutico, seguindo a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Este compreende o corpo como “corpo próprio” e “ser-no-mundo”, o qual expressa seus sentidos e os que o mundo tem para ele, e justifica a percepção e a linguagem como fontes criadoras de sentidos, que vão muito além da visão mecanicista e linear de estímulo e resposta, a qual estamos acostumados. Diante disso, a dimensão corpórea da significação, pautada na imanência e na reciprocidade, evidencia o caráter sócio-histórico da percepção. Neste sentido, a ambiguidade presente em todas as formas de linguagem, dentre elas a manifestação corpórea e, por conseguinte a dança, refunda a noção de linguagem sob outras bases para além daquelas oriundas da metafísica tradicional, que se expressa na dicotomia cartesiana. Buscamos, com isso, explicitar uma reflexão sobre a dança como possibilidade de uma abertura ressignificadora da experiência espaço corporal, da apropriação corpórea, e de significativa criação autopoietica. Na medida em que vivemos imersos em uma contemporaneidade tão demandante de sucesso e resultados, imersos numa rotina cuja velocidade e multiplicidade de estímulos promovem uma relativa inertização da própria auto-experiência corpórea, a atividade da dança pode se anunciar como de significativa relevância, mediante uma linguagem genuinamente própria, para a constituição de novas possibilidades de sentidos na existência.

Palavras-chave: corpo; dança; percepção; linguagem;

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFF; Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós-graduação em Psicologia da UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia; Professor adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial).
Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Ingrid de Souza Manhães

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG); Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial).
Endereço eletrônico: manhaes.ingrid@yahoo.com.br

6.5. A DESOCUPAÇÃO EM JOVENS RECÉM GRADUADOS: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Elza Dutra (UFRN)

Malu Nunes de Oliveira (UFRN)

O presente estudo trata-se de um projeto de mestrado em andamento, partindo do problema de pesquisa que é interrogar sobre o sentido de estar destituído de um lugar que representa “estabilidade”, o trabalho, e que todos buscam alcançar, caminho este cujo trajeto pode gerar angústia, medo e insegurança. A chamada “taxa de desocupação” reúne indivíduos sem trabalho e emprego, e nesta pesquisa, o foco é a experiência dos jovens que, sem discriminação de curso, estejam dentro do período de um ano após a conclusão e sem ocupação formal. Este caracteriza-se como um momento de transição em que há uma condição privilegiada entre a abertura para muitas possibilidades, e ao mesmo tempo traz uma espécie de desalojamento. A pesquisa bibliográfica através dos acervos de bancos de dados, percebeu-se que este fenômeno é pouco estudado e, quando ocorre, associa-se recorrentemente com pesquisas dedicadas ao estudo do desemprego. Artigos que tratassem do fenômeno da desocupação em jovens recém-graduados numa perspectiva fenomenológico-existencial não foram encontrados nas bases utilizadas (LILACS, SciELO, PePSIC e Portal de Periódicos da CAPES), e a produção encontrada sobre a temática se deu em sua maioria priorizando aspectos sociais-econômicos ou a partir de outros referenciais da psicologia, como a do trabalho e das organizações. Há uma constante busca de se estudar o “não-trabalho”, assim como o desemprego, na tentativa de abarcar as causas e consequências desses fenômenos na sociedade. Todavia, vem sendo esta uma prática que não prioriza os aspectos relacionados à existência dos indivíduos que entram em contato com o fenômeno da desocupação e do ócio. A maioria dos estudos pesquisados voltam-se para a decodificação de taxas e estatísticas, que analisam o fenômeno como algo fechado e objetivado, e não enquanto um caminho de compreensão da experiência das pessoas. As discussões desses estudos, em geral, dedicam-se ao trabalho de caracterização da transição dos jovens recém-graduados para o mercado de trabalho, levando em consideração questões de cunho pessoal, como o sofrimento dos indivíduos que estão em situação de desemprego, e também análises dessas dificuldades, a partir de levantamento de causas e consequências desse fenômeno, como sentimentos de angústia, depressão e inutilidade nós?, e estratégias para lidar com esse fator. Diferente da literatura visitada, esta pesquisa tem como fundamento a experiência do humano, visando a compreendê-la e destacando um diálogo permanente entre as dimensões ônticas e ontológicas, segundo as ideias do filósofo Martin Heidegger. Compreender, para o filósofo Martin Heidegger, designa um existencial fundamental, e desenvolve-se à medida que um ser pode, em sua existência, ampliar múltiplas possibilidades do olhar. Pensando nisso, como um caminho a percorrer, pode-se questionar: como se vive a experiência de estar desocupado? A importância do indivíduo e o sentido de sua existência se encontram apenas a partir das atividades ou laborais? Partindo desses questionamentos, pretende-se refletir sobre o tema da desocupação, com o intuito de contribuir ao campo da psicologia fenomenológica, à medida em que ao nos debruçarmos sobre o tema abordado sob a ótica da existência poderemos alcançar uma visão mais próxima e pertinente aos modos de-ser-no-mundo.

Palavras-chave: Desemprego; juventude; ócio; pesquisa fenomenológica; hermenêutica heideggeriana.

Elza Dutra

PhD, Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica-UFRN.

Endereço eletrônico: elzadutra.rn@gmail.com

Malu Nunes de Oliveira

Esp., Mestranda em Psicologia-UFRN.

Endereço eletrônico: malununes03@gmail.com

6.6. A ESCOLHA PROFISSIONAL EM QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE O POP ± PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Adria de Lima Sousa (UFAM/ FAMETRO)

Emilly Lima De Sousa (UFAM)

Janaína Duarte Dos Santos Ferreira (UFAM)

Leandro Calixto Magalhaes (UFAM)

Luana Potira Aviz Da Silva (UFAM)

Renato Lima Dos Santos (UFAM)

A escolha profissional é uma questão central na vida de muitas pessoas, isto porque trabalhar é uma das características peculiar a existência humana. Ontologicamente o homem está lançado em um mundo com infinitas possibilidades que demandam escolhas, escolhas estas que pressupõe a responsabilização por suas consequências remetendo ao que conhecemos como angustia de liberdade. Existencialistas como Kiekeergard e Sartre contribuíram impecavelmente em suas obras para que compreendêssemos tal condição humana. Diante de tantas possibilidades de um fazer psicológico que muitas vezes determina o homem buscando orientar e despertar sua vocação profissional, propostas fenomenológicas existenciais apresentam a possibilidade de um fazer diferente a partir da análise da escolha profissional. Outras perspectivas teóricas consideram ainda a possibilidade de atuar a partir de uma orientação profissional. Entretanto partindo do pressuposto que ninguém orienta ninguém e que cada um pode atuar como protagonista de suas escolhas, entende-se que a melhor forma de possibilitar uma atuação comprometida com a pessoa diante da difícil tarefa de realizar uma escolha profissional ocorre mediante a facilitação da sua própria análise sobre as implicações dessa decisão. Nesse sentido embora tenha adotado a nível estratégico um termo que remete a uma perspectiva diretiva “orientação profissional”, o POP - Programa de Orientação Profissional buscou atender as demandas da formação do acadêmico de psicologia bem como a demanda da sociedade e de adolescentes diante das eventuais dificuldades de escolha profissional sob a ótica da psicologia fenomenológica existencial. De todo modo o projeto que abarca uma atividade de estágio obrigatório vinculada a uma IES buscou dialogar com a abordagem sócio histórica. Para tanto os discentes do curso de psicologia que realizam estágio passaram por supervisões acadêmicas a fim de compreender as aproximações e distinções das abordagens e das vivências nos encontros. O POP ocorreu durante o período de três meses, em oito encontros sempre com atividades com adolescentes que possibilitassem reflexões diante da questão da escolha profissional. De modo geral teve como objetivo propiciar o atendimento de demandas para a comunidade e para acadêmicos de psicologia no que se refere a carência da falta de programas de orientação profissional. A proposta de orientação profissional a partir de um olhar ancorado nessa abordagem pautando-se no possível dialogo com a psicologia sócio histórica trouxe contribuições tanto para o desenvolvimento dos discentes de psicologia como dos adolescentes participantes uma vez que são debatidas e vivenciadas historias, percepções, vidas, singularidades e diferenças que facilitam um encontro com a inevitável constatação sartreana: liberdade.

Palavras-chave: Escolha profissional; psicologia do trabalho; fenomenologia-existencial

Adria de Lima Sousa

Psicóloga, Mestra em Psicologia pela UFAM e Professora na UFAM e FAMETRO. Endereço eletrônico: adriadylima@hotmail.com

Emilly Lima de Sousa

Janaina Duarte dos Santos Ferreira

Leandro Calixto Magalhães

Luana Potira Aviz da Silva

Renato Lima dos Santos

Acadêmicos do 5º período de psicologia da UFAM.

Endereço eletrônico: estagiopsicoufam@gmail.com

6.7. A EXISTÊNCIA DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO CUIDADA PELO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT)

Ana Celeste de Araújo Pitiá_(Instituto Comviver - IC/SOBRAPHE)

Camila Góes (Associação Amigos do Autista – AMA)

Janaína Faria de Souza (Instituto Comviver - IC/SOBRAPHE)

Josefina Piccino (Instituto de Ensino e Formação em Psicologia Existencial e Análise do Existir - SOBRAPHE)

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira (Centro Universitário Barão de Mauá - CUBM)

Silmara Bastos Dias (Instituto Comviver - IC/SOBRAPHE)

Uma das tarefas fundamentais da clínica fenomenológica, consiste em ocupar-se dos sentidos que cada pessoa adquiriu e investe em sua existência cotidiana. Neste trabalho, a relação entre acompanhante terapêutico/acompanhado através do atendimento clínico no Acompanhamento Terapêutico (AT) é pautada pelo constante exercício de estranhamento e reflexão sobre os sentidos desvelados nessa relação, por intermédio das formas de ser ‘junto a’ e ‘com’ pessoas com Transtorno do Espectro Autístico (TEA). Estudos fenomenológicos sobre as psicopatologias das psicoses, ao considerar o autismo como fenômeno, tende a incluir o modo de vida da pessoa com TEA em suas manifestações singulares. Estranhamentos e reflexões dos acompanhantes terapêuticos (at) podem levar à compreensão fenomenológica das experiências e expressões daquele que e quem é acompanhado. O trabalho em AT parte da ação da escuta e do manejo dessa na vida cotidiana do acompanhado. Nessa ação, há o desalojamento do papel profissional, *per si*, considerando que é o acompanhado, em sua existência/sofrimento, quem se constitui o ‘*especialista de si*’, ou seja, ele não será determinado pela psicopatologia que nele se manifeste. As funções psíquicas da afetividade e pensamento dos autistas não podem se esgotar neles mesmos; a experiência e existência/sofrimento depende do movimento humano, como movimento histórico, ou “seu caminho da vida”. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os sentidos da experiência do sofrimento existencial da pessoa com TEA, compreendendo como a prática do cuidado sob a perspectiva da Análise da Relação Existenciária (ARE) que é fenomenal-hermenêutica se constitui veículo de ação que dá consistência a esta forma de coexistência entre o acompanhante terapêutico e a pessoa acompanhada. Metodologicamente, utilizaremos as bases da ARE aplicável ao atendimento clínico em AT, sendo esse um trabalho que pode oferecer uma compreensão concernente e efetiva sobre a pessoa com TEA, na medida em que se constitui a partir do “espaço existenciário”, ou seja em sua cotidianidade. Como discussão e considerações conclusivas, consideramos como resultado a indicação da eficácia do trabalho em AT, a partir da transformação da ação do manejo da escuta clínica-terapêutica na perspectiva do olhar fenomenológico, tanto no âmbito das possibilidades de singularização existencial-existenciária dessas pessoas, quanto no âmbito ético da relação entre acompanhante terapêutico (at) e o acompanhado.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico; Transtorno do Espectro Autístico; Psicopatologia; Análise da Relação Existenciária; Fenomenologia.

Ana Celeste de Araújo Pitiá

Psicóloga e Enfermeira Psiquiátrica. Doutora em Saúde Mental pela EERP/USP de Ribeirão Preto. Diretora Geral, Docente e Supervisora Clínica em Acompanhamento Terapêutico (AT) no Instituto Comviver (IC) parceira do SOBRAPHE. Enfermeira Psiquiátrica Escolar na Associação Amigos do Autista (AMA).

Endereço eletrônico: anaceleste@grupocomviver.com

Camila Góes do Amaral Pozzato

Pedagoga. Especialista em psicopedagogia e em educação especial pelo Centro Universitário Moura Lacerda/Ribeirão Preto/SP. Diretora escolar da Associação de Amigos do Autista de Ribeirão Preto.

Endereço eletrônico: cgap2014@gmail.com

Janáina Faria de Souza

Pedagoga e Psicóloga. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Centro Universitário Barão de Mauá e em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade São Luiz de Jaboatão. Professora de educação especial e regular na rede municipal de educação em Ribeirão Preto. Acompanhante terapêutica (at) componente da equipe do Instituto Comviver.

Endereço eletrônico: janainand@bol.com.br

Josefina Daniel Piccino

Psicóloga e Filósofa. Mestre em Práticas Clínicas pela PUC/SP. Coordenadora, docente de cursos, analista e supervisora clínica da Relação Existencial do Instituto SOBRAPHE em São Paulo.

Endereço eletrônico: josefina@sobraphe.org.br

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira

Psicóloga. Doutora em Ciências pela FFCLRP/USP de Ribeirão Preto. Professora Titular do Centro Universitário Barão de Mauá. Atua na área da prevenção e intervenção em educação. Consultora escolar.

Endereço eletrônico: marlene.trivellato@baraodemaua.br

Silmara Bastos Dias

Psicóloga. Diretora Administrativa no Instituto Comviver (IC), parceira do SOBRAPHE. Acompanhante terapêutica (at) componente da equipe do Instituto Comviver.

Endereço eletrônico: silmara@grupocomviver.com

6.8. A EXPERIÊNCIA DA TRAVESTILIDADE NA REDE DE ATENDIMENTO DO SUS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Adria de Lima Souza (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Caio César de Alcântara Bonates (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Cleison Guimarães Pimentel (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Denys de Paula Almeida (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Gabriela Medeiros Reis (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Ingrid Mariana de Holanda Pinto Sarraff (Faculdade Metropolitana de Manaus) Kennedy Ferreira da Silva (Faculdade Metropolitana de Manaus)

Atualmente, vem crescendo o interesse e olhar sobre as questões de Gênero, Sexualidade e Saúde, um dos pontos que mais chama a atenção, dentro dessa discussão, é a vivência da travestilidade dentro dos serviços de saúde. Existem lacunas na literatura científica que permitem indagar e refletir sobre as relações e interações da travestilidade e suas implicações com o setor saúde, e, sobretudo no âmbito da percepção sobre esses serviços e o acesso ao mesmo. Atitudes sociais nocivas como a discriminação, a transfobia e violências subsequentes, afetam as travestis durante suas vidas e estas experiências podem influenciar na forma como essas pessoas acessam ou não os serviços de saúde e interagem com as/os profissionais da saúde e como as mesmas se veem dentro desses serviços. O objetivo desta pesquisa foi compreender a partir de um olhar qualitativo os sentidos atribuídos por travestis a sua vivência em ambientes de saúde, a partir da perspectiva do método fenomenológico formulado por Martins e Bicudo com base no pensamento de Martin Heidegger. O objetivo é compreender a vivência de travestis na rede de atendimento do SUS na cidade de Manaus. Após a coleta de dados foram percebidos e analisados os devidos resultados que permitiram constatar as dificuldades existentes para travestis no acesso ao SUS e a necessidade de revisão deste campo de modo a buscar relações igualitárias no acesso aos serviços de saúde. Com base nos resultados obtidos, foi possível considerar a ausência de estudos, dentro da perspectiva fenomenológica e no campo da saúde, que compreendam os diferentes fatos e dimensões que envolvem as vivências das travestis dentro do contexto em saúde, assim como, estudos relacionados ao acesso aos cuidados e comportamentos em saúde e qualidade do atendimento, implicando diretamente na vivência da travestilidade na perspectiva da integralidade em saúde. Acredita-se na possibilidade de oferecer um conhecimento à população travesti, de modo a contribuir para uma melhor compreensão de suas necessidades de saúde. Com isso, esta pesquisa aponta a necessidade de dar visibilidade às diferentes experiências das pessoas travestis na busca de atenção às suas necessidades em saúde permitindo assim contribuir para a diminuição do preconceito contra essas populações na sociedade.

Palavras-chave: travestis, acesso a saúde, fenomenologia-existencial.

Adria de Lima Souza

Psicóloga e Professora universitária. Mestra em Psicologia e Processos Psicossociais e especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-existencial. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: adriapsique@gmail.com

Caio César de Alcântara Bonates

Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: caiobonates.cb@gmail.com

Cleison Guimarães Pimentel

Psicólogo e Professor universitário. Mestre em Psicologia e Processos em Saúde e especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-existencial. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: cp_dwarf@hotmail.com

Denys de Paula Almeida

Psicólogo e Professor universitário. Mestre em Psicologia e Processos em Saúde e especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-existencial. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: denysalmeida37@gmail.com

Gabriela Medeiros Reis

Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: gabymedeirosreis@gmail.com

Ingrid Mariana de Holanda Pinto Sarraff

Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: ingrid.marianna.s@gmail.com

Kennedy Ferreira da Silva

Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: kennedyferreira@outlook.com

6.9. A EXPERIÊNCIA VIVENCIAL DIANTE DA EXPECTATIVA DA APOSENTADORIA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

Keila Cristiane Maniero Peraçoli (USC)

Marlene Marchi de Sousa (USC)

Norma Regina Spiri Figueiredo (USC)

Esse estudo refere-se a uma pesquisa sobre a experiência vivencial diante da expectativa da aposentadoria, realizada durante o curso de especialização em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial da Universidade do Sagrado Coração, Bauru-SP, em parceria com a SOBRAPHE-SP. A aposentadoria representa um momento de passagem que, na maioria das vezes, emergem questionamentos, reflexões e inquietações em vários aspectos da existência. O fenômeno da aposentadoria aponta para o exercício de uma das atividades mais fundamentais do homem, o trabalho, a qual dedicamos a maior parte do tempo de nossas vidas. A maneira como se lida com a aposentadoria revela a significância que o trabalho teve e tem em nossa existência, considerando o que foi vivido, ao que estamos vivendo e o por vir. O objetivo desta pesquisa foi conhecer fenomenologicamente esse momento da existência, apreender o significado do trabalho para as pessoas que estão em fase de aposentadoria e compreender como elas experimentam e lidam, nessa fase, com as possibilidades existenciais já vividas e com as possibilidades futuras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa fenomenológica que busca apreender os fenômenos tais como se revelam com os sentidos e significados atribuídos pelos depoentes, sem nenhum pressuposto a priori. Os resultados foram analisados e lidos à luz da compreensão heideggeriana da existência. A análise dos depoimentos seguiu a perspectiva existencial que tem o cotidiano, a vida concreta do homem *no e com* o mundo como foco fundamental. Participaram dessa pesquisa duas mulheres e um homem na faixa etária de 45 e 55 anos de idade. Os depoimentos foram colhidos a partir da questão norteadora: “Como você se sente diante da proximidade da aposentadoria?”. Os resultados apontaram a importância e o significado do trabalho na vida dos depoentes, sendo ele visto como um eixo de sustentação existencial que traz sentido e valor à própria existência. A experiência da ansiedade diante da aposentadoria, foi recorrente em todos os depoimentos. Contudo, as análises existenciais fenomenológicas permitiram esclarecer tanto os modos singulares de ansiedade (modos de ser-no-mundo) de cada pessoa, diante da possibilidade da aposentadoria, quanto à vinculação dos modos ansiosos com a história particular de cada um. A experiência do “ainda não”, mas “logo sim”, relacionado com a lida com o tempo, foi um fenômeno presente em todos os depoimentos. Além da importância do trabalho na vida dos participantes, os resultados mostraram o quanto ter um projeto para o futuro, auxilia as pessoas na lida com a estrutura da existência: “agora não, mas logo sim e agora sim, mas logo não”. Os participantes se sentiram convocados à necessidade de pensar em um projeto para o futuro, escolher novos rumos e redirecionar a própria existência.

Palavras-chave: Clínica fenomenológico-existencial; Existência; Aposentadoria. Ansiedade; Trabalho.

Josefina Daniel Piccino

Docente e co-orientadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial, Mestre em psicologia clínica pela PUC-SP, diretora da SOBRAPHE- SP.

Endereço eletrônico: josefina@sobraphe.org.br

Keila Cristiane Maniero Peraçoli

Psicóloga Clínica na cidade de Bauru, especialista em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial pela Universidade do Sagrado Coração, (USC), Bauru-SP.

Endereço eletrônico: kperacoli@gmail.com

Marlene Marchi de Sousa

Mestre em Psicologia Clínica pela PUCAMP, docente da Universidade Sagrado Coração (USC) Bauru-SP, no curso de graduação e pós-graduação, coordenadora do curso de pós-graduação em Psicologia Clínica fenomenológico-existencial na mesma Universidade e orientadora das pesquisas da pós-graduação.

Endereço eletrônico: lenemarchi@yahoo.com.br

Norma Regina Spiri Figueiredo

Psicóloga Clínica na cidade de Bauru, especialista em Psicologia Clínica fenomenológica-existencial pela Universidade do Sagrado Coração (USC), Bauru-SP. Endereço eletrônico: nofig@hotmail.com

6.10. A LEITURA E A ESCRITA COLETIVAS DE HISTÓRIAS À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL SARTREANA

Cristiana Fernandes Moura (UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)

Giovanni Perruci Ribeiro (UNIFOR)

Vannessa Brasil Fernandes de Oliveira (UNIFOR)

A leitura e a escrita coletivas de histórias são propostas de prática da criatividade em grupo. São concebidas como possibilidades de intervenção psicoterapêutica que visam a facilitar a expressão do indivíduo. A bibliografia consultada destaca que pessoas que as vivenciaram, lendo e escrevendo sobre seu cotidiano e sobre suas experiências conflituosas, têm maior possibilidade de autorreflexão e de organização de suas ideias. Tais experimentos podem ser especialmente fecundos àqueles que manifestam dificuldade de expressar seus pensamentos e sentimentos de forma verbal. Como a leitura e a escrita coletivas de histórias se inserem na clínica psicológica? Este artigo tem por objetivo discutir a utilização da leitura e da escrita coletivas de histórias em contexto psicoterapêutico à luz da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre. Para tanto, desenvolvemos reflexões a partir de pesquisa nas bases de dados SciELO, LUME e EBSCOhost, em interlocução com obras referenciais sobre o tema. A concepção de criatividade é essencial a tal discussão. A criatividade provém da necessidade do ser humano de fazer o que nunca tenha sido feito, adquirindo novas experiências e, assim, realizando o seu potencial. Implica em mudança e se relaciona com a psicoterapia por conta de seu nível fundamental de metamorfose, no qual o indivíduo pode assumir as escolhas da própria vida. Quando o indivíduo escreve, ele projeta a si mesmo por meio das palavras. Ao ler, pode perceber melhor a si mesmo, suas emoções e suas características, tanto as que gosta quanto as que não gosta. É fácil e comum que as pessoas responsabilizem uma determinada situação externa pelo que as desagrada em sua existência. Sartre identifica tal atitude como má-fé, um esforço do homem de se desresponsabilizar pela sua existência, mentindo para si mesmo. A leitura e a escrita criativas, como possibilidades psicoterapêuticas, podem facilitar que a pessoa compreenda melhor a si mesma a fim de conhecer seus diversos atributos, escolhendo-se como pessoa. Então, são instrumentos de um esforço para que o paciente se reconheça como o único e radicalmente responsável por sua existência. A possibilidade de entrar em contato com a estagnação dos seus conflitos pode tornar seu potencial disponível para suas realizações particulares e coletivas. Na perspectiva sartreana, as escolhas que uma pessoa faz são individuais, no sentido de que nada além da própria pessoa escolhe por si mesma, mas assume caráter coletivo ao considerar que a pessoa escolhe, também, para toda a humanidade. Ao utilizar a leitura e a escrita coletivas de histórias como recursos psicoterapêuticos, pode-se conceber o grupo como uma comunidade de aprendizagem em que as pessoas podem se expressar juntas. Quando pessoas leem e escrevem um mesmo texto, não têm um desfecho previsto: é um projeto do grupo como um todo. Podemos concluir que tais experimentos configuram instrumentos de aprendizagem de atitudes cooperativas, pois envolvem auto-expressão, mudança psicológica e de percepção, por meio das quais cada paciente pode desenvolver sua capacidade de enfrentamento no cotidiano e se apropriar das escolhas que, inevitavelmente, são suas, tanto para si mesmo quanto para o grupo.

Palavras-chave: leitura; escrita; fenomenologia existencial; Sartre.

Cristiana Fernandes Moura

Psicóloga (Universidade Federal do Ceará), graduada em Artes Visuais (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE), mestranda em Psicologia (UNIFOR), pesquisadora do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO)
Endereço eletrônico: cristianamoura1@gmail.com

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo (Universidade Federal do Ceará – UFC), pós-doutor em Filosofia (Universidade Beira Interior – Portugal), doutor em Sociologia (UFC), mestre em Educação (UFC), professor titular da UNIFOR, coordenador do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO)
Endereço eletrônico: geoboris@uol.com.br

Giovanni Perruci Ribeiro

Graduando em psicologia (UNIFOR), pesquisador do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO), bolsista da FUNCAP
Endereço eletrônico: giovanni.ripe@hotmail.com

Vannessa Brasil Fernandes de Oliveira

Psicóloga (Universidade de Fortaleza – UNIFOR), mestranda em Psicologia (UNIFOR), pesquisadora do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO)
Endereço eletrônico: vannessabrasil@yahoo.com

6.11. A PESSOA HUMANA À LUZ DA TERAPIA DE INTEGRAÇÃO PESSOAL/ABORDAGEM DIRETA AO INCONSCIENTE

Ana Carolina Duarte Valadares

Célia Auxiliadora dos Santos Marra

Janaina Aparecida Mendonça Santos

Jocielle Alexandre Figueiredo

Laura Helena Silva

Luiza Orlandi Bonela Gomes

(Fundação de Saúde Integral Humanística – BH/ MG)

A fenomenologia de Edith Stein parte de uma antropologia filosófica que considera a pessoa humana em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual. Tal compreensão, contribui para o delineamento da psicologia enquanto ciência que estuda a estrutura do ser humano. Em relação a dimensão corpórea, esta é entendida como o ponto originário para a concepção da existência humana. Já a psique refere-se aos aspectos relacionados às vivências e aos sentimentos. Contudo, Stein evidencia que a fonte de autenticidade da pessoa se dá a partir da integração corpórea-anímico-espiritual, que se constitui como uma unidade. Dentro desta unidade, a dimensão espiritual destaca-se por sua autonomia em relação as demais dimensões, centralizando a experiência humana a partir do núcleo pessoal, de onde emana a singularidade de cada ser. Apesar de tal fundamentação antropológica, há pesquisas científicas, principalmente, aquelas relacionadas às primeiras fases da formação da vida humana que suscitam controvérsias quanto a definição do conceito de pessoa. Este aspecto intensifica o reducionismo, ao desconsiderar a integralidade da estrutura constituinte do humano, desde o início da vida. Em direção contrária ao reducionismo, se torna relevante o desenvolvimento de pesquisas que contemplem o ser humano em sua totalidade. Renate Jost de Moraes, fundadora do Método de Abordagem Direta do Inconsciente, aplicado à Terapia de Integração Pessoal (ADI/TIP) encontra ressonância nos pensamentos de Stein. Seu método baseia-se na integralidade da pessoa em sua realidade psiconossomática, coordenada por um Eu-original, sintetizador de toda a existência humana. Assim, o presente trabalho tem em vista, apresentar a concepção da formação humana à luz da teoria desenvolvida por Moraes. Para tanto, será realizado um trabalho teórico, a partir de um levantamento bibliográfico das obras publicadas pela autora sobre o tema em discussão. A análise bibliográfica explicita que, a partir da experiência clínica, Moraes identifica a presença da dimensão espiritual também definida por ela como dimensão humanística, já no momento da concepção. Esta constatação acontece por meio do acesso direto à interioridade humana, mediante o relato dos pacientes sobre o reconhecimento de si mesmo, no instante da fecundação, ao identificarmos o surgimento de seu Eu-original livre, inteiro e único. Este “Eu” é capaz de perceber-se e distinguir então a dimensão física, por meio da união dos gametas, e a dimensão psíquica, ao perceber aspectos da carga emocional e vivencial dos pais. Estas dimensões se integram, originando a unidade da pessoa. Tal achado reforça o pensamento steiniano ao conceber a pessoa como um ser integrado em sua tridimensionalidade e aponta para a existência desta estrutura antropológica desde os primeiros estágios da vida. Dessa forma, o estudo apresentado

aponta para a ciência evidências sobre a constituição humana que podem orientar as ações em que pessoa esteja implicada.

Palavras-chave: ADI/TIP, Concepção, Fenomenologia, Pessoa, Stein.

Ana Carolina Duarte Valadares

Psicóloga, Coord. Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística. Endereço eletrônico: carolina.duarte@fundasinum.org.br

Célia Auxiliadora dos Santos Marra

Doutora em Psicologia, Diretora do Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística. Endereço eletrônico: cead@uai.com.br

Janaina Aparecida Mendonça Santos

Jocielle Alexandre Figueiredo

Laura Helena Silva

Luiza Orlandi Bonela Gomes

Graduandas em Psicologia, Pesquisadora do Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística. Apoio: FUNDASINUM

Endereços eletrônicos: janaina.mendonca@fundasinum, jocielle@fundasinum.org.br, laura.helena@fundasinum.org.br e luiza.orlandi@fundasinum.org.br

6.12. A PSICOTERAPIA INFANTIL NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Rosa Angela Cortez de Brito (Universidade de Fortaleza-UNIFOR)

Sarah Montezuma Pinheiro Cabral (Universidade de Fortaleza-UNIFOR)

Virginia Moreira (Universidade de Fortaleza-UNIFOR)

A noção de infância tal como conhecemos na atualidade surgiu no século XIII, mas o seu desenvolvimento e estabelecimento se consolidam apenas a partir do século XVI e durante o século XVII. Percebemos contemporaneamente que a infância passou a ser reconhecida como um período fundamental da constituição humana, que necessita de preparo e cuidados. Instituiu-se, assim, a necessidade de a infância ser gerida por intervenções dirigidas por adultos, ocorrendo muitas vezes que elas passam a ser cada vez mais exigidas, o que propicia o desenvolvimento de adoecimento emocional, entre outras causas. Como alternativa terapêutica a Psicoterapia Infantil constitui-se como um processo interventivo que visa a atender crianças com dificuldades emocionais que interfiram em seu cotidiano. A psicoterapia facilita o desenvolvimento de habilidades e promove bem-estar, visando a superação da situação patológica ou de sofrimento. O processo psicoterapêutico da criança envolve múltiplos fatores, como a participação da família e da escola, as relações estabelecidas pela criança, bem como sua experiência vivida. Ao longo do século XX, junto ao desenvolvimento da prática psicológica, novos autores surgiram e prestaram inúmeras contribuições ao desenvolvimento da criança e à Psicoterapia. É nesta perspectiva que o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre a Psicoterapia Infantil no Brasil, como esta vem sendo exercida e conceituada nos últimos dez anos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa-exploratória a partir da realização de revisão da literatura nacional de textos e artigos sobre a Psicoterapia Infantil. Utilizamos os seguintes termos de busca: Psicoterapia Infantil, Psicologia Clínica Infantil e Ludoterapia. Como resultados iniciais percebemos o brincar como via principal para expressão de uma singularidade e expressividade daquilo trazido pela criança, que antes fora apreendido em seu meio. A relevância do processo lúdico em psicoterapia com crianças é fundamental como meio de expressão de suas questões. Consideramos que se faz necessário o entendimento da relação estabelecida entre a criança e o mundo que a cerca, pois é por meio deste que ela promove o estabelecimento da linguagem, linguagem esta que é singular a cada um considerando seus contextos e ambientes diversos. Concluímos que a psicoterapia infantil merece mais pesquisas que levem em conta o posicionamento do psicoterapeuta diante da criança a partir de um olhar amplo que considere a criança em suas diversas possibilidades de ser.

Palavras-chave: Psicoterapia Infantil; Ludoterapia; Revisão de Literatura.

Rosa Angela Cortez de Brito

Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica (CFP), Mestre em Psicologia (UFC), professora no curso de Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e na Faculdade Fanor DeVry Brasil. Membro-fundador do Instituto de Psicologia Humanista e Fenomenológica do Ceará-IPHe-CE. Doutoranda em Psicologia pela UNIFOR. Membro do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: rosa@unifor.br

Sarah Montezuma Pinheiro Cabral

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO), UNIFOR, Fortaleza, CE, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica, Financiamento Edital 05/2016 Auxílio Complementar à Pesquisa na Universidade de Fortaleza - UNIFOR, projeto nº 1965.

Endereço eletrônico: sarah-pinheiro@hotmail.com

Virginia Moreira, Psicóloga

Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPQ – PQ2. Coordenadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO), Fortaleza, CE, Brasil. Financiamento Edital 05/2016 Auxílio Complementar à Pesquisa na Universidade de Fortaleza - UNIFOR, projeto nº 1965.

Endereço eletrônico: viginiamoreira@unifor.br

6.13. ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA INTERVENÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RORAIMA

Aléxya Cristal Brandão de Lima (UFRR)

Halaine Cristina Pessoa Bento (UFRR)

Talitha Lúcia Macêdo da Silva (UFRR)

As peculiaridades da adolescência no Estado de Roraima apontam a necessidade de orientações que abordem a temática da sexualidade juntos aos adolescentes. Pois, Roraima consta entre os sete estados brasileiros em que o índice de HIV/AIDS é maior que a média nacional e dobrar o número de infecções no ano de 2015, principalmente, nas idades entre 15 e 19 anos. Além, de ser o maior Estado com casos de gravidez na adolescência do país. Em meio a esse quadro, acrescente o fato, de que nas escolas públicas locais não existem psicólogos e as campanhas preventivas realizadas com este fim são ocasionais, breves e não têm os adolescentes como público-alvo. Desse modo, o projeto teve por origem um estudo compreensivorealizado acerca dos fatores envolvidos no fenômeno da gravidez na adolescência em Boa Vista – RR. Portanto, o trabalho de extensão objetivou oferecer espaço de acolhimento e escuta das questões sobre sexualidade oriundas dos adolescentes, além de promover informações relativas à sexualidade aos jovens entre 13 e 16 anos que frequentavam o oitavo e nono ano de uma escola pública de Boa Vista - RR. Este projeto de extensão, que envolveu discentes de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e professora/orientadora do curso em questão, caracterizou-se por encontros quinzenais, inseridos no currículo escolar, e no próprio ano letivo da escola em questão. Nos grupos de trabalho, foram discutidos diferentes temáticas sobre a sexualidade, assuntos estes requisitados pelos próprios adolescentes, tais como: métodos contraceptivos, gravidez, DST's, aborto, homossexualidade e entre outros. Nesse sentido, estas foram trabalhadas, a partir de uma leitura/postura Fenomenológica Existencial, onde debates, dinâmicas e jogos possibilitaram acolhimento das dúvidas e inseguranças que surgiram; bem como, uma promoção de orientação/informação. Foi, também, possibilitada a participação de profissionais de áreas afins de conhecimento para melhor esclarecimento dos assuntos discutidos. No tocante à emergência de questões conflitivas, de ordem psicoemocional, foram oferecidos aos jovens suporte e acolhimento no SAP (Serviço de Atendimento Psicológico da UFRR). Por fim, foi possível perceber que por meio do vínculo estabelecido entre mediadores e adolescentes, principal ferramenta promotora de mudanças significativas, observadas pelos facilitadores e relatadas pelos professores e gestão da escola, os jovens apresentaram-se, não só mais informados, como também em melhores condições de prevenir possíveis DST's, uma gravidez indesejada, de respeitar melhor o próximo e acolher as suas singularidades. Os jovens demonstraram, ainda, compreensão da importância do planejamento familiar, propiciada pela abertura de um espaço de acolhimento/reflexão e questionamentos sobre as possibilidades de relacionar-se, e sobre os diversos modos de vivenciar a sexualidade e afetividade. Assim, ao final do projeto, com o contato da atividade prática, este possibilitou o desenvolvimento de novas habilidades nos acadêmicos de Psicologia, como avaliação e planejamento de intervenção em grupos, ampliação de conhecimentos de temáticas relativas à sexualidade, e ao mesmo tempo em que, nos adolescentes, potencializou reflexão sobre aspectos inerentes à sexualidade.

Palavras-chave: Escola; Adolescência; Sexualidade.

Halaine Cristina Pessoa Bento

Graduandas do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Endereços eletrônico: alexyacristal@hotmail.com e halaine_cristini@hotmail.com

Talitha Lúcia Macêdo da Silva

Psicóloga Clínica; Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco;

Professora do curso de Psicologia da UFRR.

Endereço eletrônico: macedo.talitha@yahoo.com.br

6.14. ADOLESCÊNCIA NO CONTEXTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: VIVÊNCIAS E DESDOBRAMENTOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA

Crisóstomo Lima Nascimento (UFF)

Waynne Hamony Santana Barbosa (UFF)

O presente trabalho buscou contribuir para uma maior reflexão e entendimento, ancorado no referencial fenomenológico, acerca do adolescente em conflito com lei no contexto de Instituições Socioeducativas de Internação. Para tanto, foi necessária uma compreensão genealógica a respeito do fenômeno adolescente, da evolução da legislação referente à temática ao longo dos anos, do contexto de medida socioeducativa de internação bem como das próprias instituições envolvidas neste processo. Além disso, a apresentação de alguns conceitos fundamentais da fenomenologia permitiu um imergir intenso na problematização da questão estudada. Nesse sentido, buscou-se apurar sobre as vivências de adolescentes durante o período de internação e os possíveis desdobramentos experienciados pós-medida através de entrevistas semiestruturadas, caracterizando uma metodologia analítico-descritiva de cunho qualitativo. Foram entrevistados 10 adolescentes da região norte do estado do Rio de Janeiro que cumpriram medida socioeducativa de internação. Os conteúdos obtidos foram estruturados a partir da Análise de Conteúdo Temática de Bardin e analisados fenomenologicamente. Lançar mão do olhar fenomenológico contribuiu para a construção de uma reflexão singular, as noções conceituais de intencionalidade, atitude natural, *epoché* e atitude fenomenológica, inspiradas em Edmund Husserl na obra Conferências de Paris, atravessaram toda a discussão e permitiram um profundo estranhamento frente a temática pesquisada. A partir da análise das entrevistas foi possível observar a constante presença de lógicas privatistas e extremistas, dotadas de medianidade, naturalização e conformidade - destacadas na obra Ser e Tempo de Martin Heidegger - frente a correlação existente entre adolescente e o contexto de internação. As vivências relatadas pelos jovens entrevistados tratam com frequência sobre uma visão segmentada e sectária do adolescente em conflito com a lei, principalmente, na constituição das inter-relações no espaço de internação. A instituição idealizada para potencializar a ressocialização, garantir direitos, proteção e socioeducação muitas vezes também é compreendida pelo adolescente que a vive como um ambiente de intolerância, violência, opressão e descaso. Nesse sentido, discutiu-se sobre a postura fenomenológica se mostrar como uma possibilidade de fomentar formas autênticas de experienciar o cumprimento da medida de internação, além de possibilitar a nível institucional uma nova maneira de perceber e construir práticas profissionais no Equipamento socioeducativo. Diante disso, a temática em questão anuncia um importante campo de atuação, mas também de severas e necessárias reflexões ao profissional da psicologia, por vezes envolto com as questões inerentes a instituições socioeducativas. Ademais, também nos faz reconhecer a inequívoca importância da continuidade das pesquisas e extensão acadêmica sobre os temas aqui tratados, a fim de dialogarem e fomentarem constantes reflexões para a contribuição de formulação de políticas públicas, na busca de eventuais contribuições tanto para o campo de estudos da psicologia quanto para a sociedade em geral.

Palavras-chaves: Adolescência; Medida Socioeducativa; Internações; Fenomenologia.

Crisóstomo Lima Nascimento

Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pela UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia. Professor Adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE).

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Waynne Hamony Santana Barbosa

Estudante do 10º período de Psicologia na Universidade Federal Fluminense no Polo Universitário em Campos dos Goytacazes/RJ (PUCG). Em sua caminhada acadêmica esteve ligada a pesquisas e grupos de estudos voltados a Psicologia Social e Fenomenologia, sobretudo, com temáticas sobre adolescentes em contexto de vulnerabilidade social.

Endereço eletrônico: waynne.psicologia@outlook.com

6.15. ANGÚSTIA E CONJUGALIDADE: AS RELAÇÕES CONJUGAIS CONTEMPORÂNEAS SOB A PERSPECTIVA DE JEAN-PAUL SARTRE

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)

Marcela Romero de Souza (UNIFOR)

Rafaelle Fernanda Costa Benevides (UNIFOR)

O presente trabalho possui como objetivo discorrer acerca das relações conjugais contemporâneas através da lente fenomenológica existencial do filósofo Jean-Paul Sartre. De cunho qualitativo, a pesquisa possui dentre os referenciais bibliográficos obras renomadas do filósofo francês Jean-Paul Sartre, sendo estas utilizadas para a análise e discussão dos dados. A conjugalidade na contemporaneidade é perpassada por diversos valores que permeiam o contexto no qual está inserida, como o consumismo, o imediatismo e o individualismo. Neste mundo de urgências atual, a ideia da possibilidade de resolução dos problemas de forma rápida e instantânea se mostra muito presente e exemplificada no crescimento das indústrias farmacêuticas e consumo de bens materiais de forma indiscriminada. Como consequência, visualiza-se o aumento de fatores como o número de divórcios e a priorização dos objetivos próprios em detrimentos dos coletivos. A constante tentativa de supressão da angústia, na utilização de recursos que a mascarem momentaneamente, fornecendo sensações de prazer e anestesia imediatas, resulta, por vezes, em uma falta de recursos do sujeito em lidar com a angústia existencial. Desta maneira, torna-se frequente o uso da má-fé como tentativa de esquiva frente a condição ontológica humana, juntando esforços para não se responsabilizar frente ações e escolhas no mundo, geradoras de angústia. Nas relações conjugais essa dinâmica pode aparecer de diversas formas, dentre elas pode-se citar constantes tentativas de responsabilização do outro por minhas faltas e angústias, esperando que este possa lidar e solucionar tal questão. Desta forma gera-se o que se chama de expectativas para com o cônjuge. Porém, a manobra estratégica se encontra fadada ao fracasso, uma vez que a angústia existencial se apresenta inerente ao homem, sendo este outro incapaz de salvar o amado de sua condição ontológica. Desta maneira, todo e qualquer movimento objetivando a fuga da responsabilidade por sua angústia é enquadrado como ato de má-fé, ou seja, a ação de mentir para si mesmo. Da mesma forma, as escolhas que envolvem os membros da relação também implicam além de responsabilidade, renúncia. Escolher seguir determinados caminhos implicam, necessariamente, na recusa dos demais possibilitados. Na conjugalidade, a mesma regra encontra-se presente. Ao optar em formar laços com um outro, é necessário a renúncia, ao menos em parte, de outras possibilidades de vida em questão. Porém, em um contexto no qual a individualidade e a saciação dos desejos singulares são tão exaltados, o sujeito encontra-se aberto a renunciar? Diante disso, é possível concluir que a conjugalidade atualmente tem estado imersa em um contexto contemporâneo individualista e imediatista, influenciando o modo de ser e agir na relação. Se faz necessário, assim, o processo de conscientização e responsabilização do sujeito por suas escolhas, ações e demandas na relação, assim como de sua angústia existencial, devendo ser vivida por ambos os cônjuges de maneira singular.

Palavras-chave: angústia; conjugalidade; contemporaneidade; fenomenologia existencial; Jean-Paul Sartre.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo (UFC) - Mestre em Educação (UFC) - Doutor em Sociologia (UFC) - Pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal) - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

Marcela Romero de Souza

Psicóloga e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Endereço eletrônico: marcelaromero.ds@gmail.com

Rafaelle Fernanda Costa Benevides

Psicóloga e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Endereço eletrônico: rafaellecosta@hotmail.com

6.16. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DE UMA EDUCADORA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE SEU PROJETO PEDAGÓGICO

Fernanda Marques De Souza Ingarano (PUC-SP)

A presente pesquisa buscou investigar a concepção de infância de um projeto educacional, realizado por uma professora de escola particular da cidade de São Paulo, com crianças de 4 e 5 anos, no ano de 2014. Posteriormente, foram realizadas aproximações dessa compreensão com a abordagem fenomenológica. Assim, a pesquisa foi norteadada pela seguinte pergunta: “Qual concepção de infância e de educação se revela no projeto pedagógico em questão?” Utilizou-se como referencial teórico-metodológico a fenomenologia existencial, especialmente Heidegger e Merleau-Ponty. Em afinação com o método, realizou-se uma entrevista semi-dirigida reflexiva, baseada em Manzini (2004) e Szymanski (2010), além da análise da descrição do projeto da educadora em questão. A educadora estudada nesta pesquisa mostrou compreender a criança como um ser de possibilidades, ativo e coautor de seu processo de educação escolar. Essas concepções atravessaram todo o processo de ensino-aprendizagem envolvido nesse trabalho. Das crianças emergiam temas que eram cuidadosamente contemplados pela professora, através de sua escuta atenta diariamente. Sua vida cotidiana difere-se assim, de uma conduta profissional “adultocêntrica” na educação infantil. A educadora entende o uso da linguagem poética como um bom recurso de comunicação com as crianças, além de valorizar a convivência entre diferentes faixas etárias, o contato com a natureza e as atividades variadas, que contemplem as diversas áreas do conhecimento, como oportunidades importantes na infância. Concebe uma educação infantil que considere através de atividades vivenciais e exploratórias, o que mostram as crianças através de suas falas, expressões artísticas e brincadeiras. Suas concepções de infância e de educação se aproximaram das compreensões fenomenológicas de criança e educação em noções como corporeidade, que envolve a ideia do corpo na totalidade, não dicotomizado entre físico e mental ou como uma mera organização de sistemas, linguisticidade, noção que não dicotomiza linguagem e pensamento e enxerga nesse sentido a expressão do *Dasein* de modo singular e temporalidade, ideia que expõe uma não divisão equilibrada entre passado, presente e futuro. Considera-se inclusive na infância, um presente e um imediato exacerbado, onde passado e futuro vão se consolidando na medida em que a criança consegue recordar memórias, vivências, momentos de sua história e na descoberta do ter de esperar.

Palavras-chave: fenomenologia existencial ; educação; infância.

Fernanda Marques De Souza Ingarano

Possui graduação em Educação Física pela FMU – Complexo Educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas em 2006 e em Psicologia pela PUC – SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2015.

Endereço eletrônico: fernandamsi@hotmail.com

6.17. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÁ-FÉ NA FILOSOFIA EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE

Cristiana Fernandes Moura (UNIFOR)

Georges Daniel JanjaBloc Boris (UNIFOR)

Giovanni Perruci Ribeiro (UNIFOR)

Marcela Romero de Souza (UNIFOR)

O presente trabalho tem por objetivo discutir o conceito de *má-fé* conforme a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, promovendo reflexões a partir de uma pesquisa bibliográfica em suas principais obras, bem como em obras de seus comentadores. De cunho qualitativo, esta pesquisa bibliográfica investigou tanto o conceito de *má-fé* quanto suas implicações no contexto social. Segundo Sartre, o homem é consciência e, portanto, está eternamente condenado a viver nesta dinâmica de se projetar a um ser e de se *nadificar*, isto é, se separar do ser. O homem, então, se encontra constantemente num movimento de se lançar a um vir-a-ser, sem nunca ter a possibilidade de se encerrar nele mesmo. O projeto de ser é contínuo e apenas interrompe pela morte. A angústia surge, nesta dinâmica, como o sentimento existencial derivado da responsabilidade constante que acompanha sua liberdade radical de se escolher no mundo. Durante o desenvolvimento de sua obra *O Ser e o Nada*, Sartre analisou as condutas humanas e constatou que a possibilidade de negação é instaurada pelo nada, expressão de liberdade, na existência humana. A *má-fé*, então, se configura como uma atitude exclusiva do homem que se mostra capaz de exercer atitudes negativas em relação ao mundo, aos outros e a si mesmo. Por meio dela, o homem nega sua condição de liberdade, recusando, assim, uma verdade evidente a si mesmo em busca de se fixar em uma única forma de ser, vivendo de maneira inautêntica. Sartre afirmava que a *má-fé* é uma mentira que escapa à configuração de enganador-enganado, pois é, uma mentira contada a si mesmo. Pode-se destacar, portanto, uma tríade presente na atitude de *má-fé*: a mentira, a fé e a conduta. A mentira se manifesta como um emaranhado lógico criado com o objetivo de escapar de uma evidência; a fé é a crença para além da prova, necessária para suportar a mentira; e a conduta se manifesta para consumir uma atitude de fuga da própria existência. Ao radicalizar o conceito, cria-se aí, o que aparenta ser um paradoxo, no qual o homem é o seu próprio ser, mas nunca coincide consigo mesmo, de forma que não o é, assim, o que resta ao homem é representar um papel na sua existência, pois a consciência é um eterno “estar diante de”. Desta forma, o homem nunca se coincide com o seu próprio ser e crer nesta coincidência configura a *má-fé*.

Palavras-chave: *má-fé*; filosofia existencial; Jean-Paul Sartre.

Cristiana Fernandes Moura

Psicóloga (Universidade Federal do Ceará), graduada em Artes Visuais (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE), mestranda em Psicologia (UNIFOR), pesquisadora do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).
Endereço eletrônico: cristianamoura1@gmail.com

Georges Daniel JanjaBloc Boris

Psicólogo (UFC) - mestre em Educação (UFC) - doutor em Sociologia (UFC) - pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal) - coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

Giovanni Perruci Ribeiro

Graduando em Psicologia (UNIFOR), pesquisador do laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO), bolsista da FUNCAP.

Endereço eletrônico: giovanni.ripe@hotmail.com

Marcela Romero de Souza

Psicóloga (UNIFOR), mestranda em Psicologia (UNIFOR), pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: marcelaromero.ds@gmail.com

6.18. CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE CUIDADO E ATENÇÃO À COMUNIDADE DO CRUSP

Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP)

Jade Caparroz de Almeida (IPUSP)

Morgana Vaz Dantas (IPUSP)

Terumy Reybaud de Oliveira (IPUSP)

A iniciativa de um projeto de cuidado e atenção à população do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) surgiu a partir de pedido da Superintendência de Assistência Social da Universidade de São Paulo (SAS-USP) devido a tentativas de suicídio, diagnósticos de depressão e abuso de substâncias entre os moradores. A fim de propor intervenções pertinentes, pretendeu-se conhecer e compreender a experiência de ser habitante do CRUSP através de cartografia clínica. A cartografia é um trabalho pautado na abordagem clínica enquanto método, cumprindo uma dupla função: detectar o ambiente, suas especificidades, suas mutações e, ao mesmo tempo, intervir, criando vias de passagem, isto é, uma entrada já interventiva na instituição. O processo cartográfico foi estruturado em visitas semanais; os plantonistas se organizaram em duplas, buscando circular pelo CRUSP em diferentes horários e dias da semana, numa tentativa de encontrar diferentes nuances do habitar. Ao longo do processo cartográfico houve a tentativa de articulação das múltiplas visões e experiências dos plantonistas, principalmente nos espaços de supervisão, sendo essas supervisões de campo, que aconteciam no local e nos dias de visitas, e outra de projeto, onde todos se reuniam para discutir o trabalho feito na semana, desenhando assim um mapa do cenário social que permitia avaliar, então, a pertinência das modalidades de prática psicológica, podendo ser oferecidas apropriadamente no contexto detectado na cartografia. Ao longo do semestre de trabalho foram identificadas certas demandas e delas ramificaram tanto iniciativas de serviços como intervenções diretas no próprio espaço físico e de vivência da comunidade do CRUSP. Nesse contexto identificam-se as seguintes situações como geradoras de sofrimento: isolamento, sensação de não pertencimento, problemas estruturais da habitação, dificuldades acadêmicas, questões específicas envolvendo mulheres e mulheres mães, questões envolvendo intercambistas, problemas de convivência entre os moradores, divergências entre os habitantes da comunidade, além dos já esperados problemas que podem ser diagnosticados pela medicina e que surgem como demandas. Desse mapeamento surgiram serviços que estão em andamento, assim como houve mudanças nos serviços já existentes de atendimento, como o plantão psicológico no CRUSP, o atendimento domiciliar às mães, entrevistas reflexivas com os moradores, *crafts* disparadores de intervenção e proposta de diálogo no espaço, serviço de queixa escolar e panfletos para informar os moradores sobre os serviços existentes dentro do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: cartografia clínica; fenomenologia existencial; rede de apoio e atenção.

Henriette Tognetti Penha Morato

Professora doutora na Universidade de São Paulo. Tem pós-doutorado na Universidade Paris 7. Coordena o LEFE (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia) do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). É membro do GT ANPEPP "Práticas Psicológicas em

Instituições" e líder do Grupo de Pesquisa no Diretório CNPq "Aprendizagem Significativa na formação de profissionais de saúde e educação".
Endereço eletrônico: hmorato@usp.br

Jade Caparroz de Almeida

Graduanda pelo Instituto de Psicologia da USP. Iniciação científica financiada pela USP e realizada por meio do LEFE, onde atua como estagiária no serviço de Atendimento de Plantão Psicológico no Conjunto Residencial da USP (CRUSP).
Endereço eletrônico: caparroz.jade@gmail.com

Morgana Vaz Dantas

Graduanda pelo Instituto de Psicologia da USP. Projeto de cultura e extensão financiado pela USP e realizado por meio do LEFE onde atua como estagiária no serviço de Atendimento de Plantão Psicológico no CRUSP.
Endereço eletrônico: vaz.morgana@gmail.com

Terumy Reybaud de Oliveira

Graduanda pelo Instituto de Psicologia da USP. Atua como estagiária no serviço de Atendimento de Plantão Psicológico no CRUSP pelo LEFE.
Endereço eletrônico: terumy88@gmail.com

6.19. CONTRIBUIÇÕES DO PET-SAÚDE GRADUASUS PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS NO NORDESTE BRASILEIRO

Bianca Santos Souto (UNIVASF)

Daniel Muller da Silva (UNIVASF)

Edjan Santos (Secretaria de Saúde de Lagoa Grande-PE)

Layta Sena Ribeiro (UNIVASF)

Lilian Karla Siqueira (UNIVASF)

Reginaldo Lima. (Secretaria de Saúde de Lagoa Grande-PE)

Sílvia Raquel Santos de Moraes(UNIVASF)

Willian Augusto Araújo (UNIVASF)

O Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde é uma iniciativa do Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação em prol do aprimoramento da formação de profissionais de saúde. O PET-Saúde/GraduaSUS consiste na última edição do referido programa que prevê mudanças curriculares alinhadas às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos de graduação em saúde a partir de três eixos: 1) Processos de ensino-aprendizagem alinhados às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS); 2) Investimento nas Redes de Atenção à Saúde dos municípios parceiros funcionando como rede-escola e 3) Professores e profissionais de saúde qualificados quanto ao exercício docente e pedagógico na formação voltada ao SUS. A fundamentação dessa proposta ancora-se na perspectiva metodológica freireana de problematização-ação-problematização em diálogo com o campo da saúde pública, no qual os proponentes assumem papel ativo no processo emancipatório de co-construção da saúde. Assim, percebe-se que programa em questão constitui-se instrumento político de transformação social, agregando valor ao processo formativo por meio da aproximação ensino-serviço. Cada grupo de trabalho (GT) desse programa na Universidade Federal do Vale do São Francisco é composto por tutores (docentes), preceptores (profissionais de saúde) e estudantes dos cursos de Psicologia, Medicina e Farmácia. Em Lagoa Grande-PE, o GT é formado por uma docente tutora (Psicóloga), um preceptor psicólogo do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), um preceptor enfermeiro do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e cinco estudantes. O tema de trabalho desse GT é Saúde Mental. Após um levantamento de demandas com os profissionais da Atenção Básica, foram definidos cinco eixos de ações (reordenamento da Rede de Atenção à Saúde; assistência farmacêutica; educação permanente dos profissionais de saúde; atenção aos usuários e seus familiares; dificuldades e proposições para a saúde mental). Assim, o presente relato de experiência objetiva descrever e analisar as contribuições do referido programa para a formação de profissionais de saúde, partindo das experiências desse GT em questão. Até o momento foram desenvolvidas as seguintes atividades: reuniões e atividades de formação continuada junto aos seis GTs que integram o programa na UNIVASF; estudos de caso com discussão de projeto terapêutico singular; debate de artigos científicos; construção de projeto de pesquisa sobre os determinantes de saúde mental; ações extensivas no campo com cronograma de formações voltadas para a promoção da saúde mental na

Atenção Básica e para o processo de educação permanente em saúde. Percebe-se que o PET é uma estratégia conectora de saberes e fazeres por meio da com interdisciplinaridade, convergindo para a qualificação dos profissionais envolvidos. Com isso, agrega valores ao processo formativo do GT, amplia metodologias de ensino-aprendizagem e otimiza os modos de cuidado dos usuários inseridos nos dispositivos de saúde mental, pois não se restringe à identificação de demandas. Conclui-se que a docência em campo possibilitou a efetivação de práticas contextualizadas com a realidade local e a implicação dos participantes. A sensibilidade da equipe em atentar-se para a complexidade das intervenções no campo da saúde mental e para a co-gestão do trabalho foram aspectos notáveis e fortalecedores da aproximação ensino-serviço.

Palavras-Chave: Sistema Único de Saúde; profissionais de saúde; PET-Saúde.

Bianca Santos Souto

Graduanda em Psicologia/UNIVASF

Daniel Muller da Silva

Graduando em Medicina/UNIVASF

Edjan Santos

Preceptor da Secretaria de Saúde de Lagoa Grande-PE e do PET-SAÚDE/UNIVASF. Endereço Eletrônico: petlagoagrande@gmail.com

Layta Sena Ribeiro

Graduandas em Psicologia/UNIVASF

Lilian Karla Siqueira

Graduanda em Farmácia/UNIVASF

Endereço Eletrônico: petlagoagrande@gmail.com

Reginaldo Lima

Preceptor da Secretaria de Saúde de Lagoa Grande-PE e do PET-SAÚDE/UNIVASF.

Endereço Eletrônico: petlagoagrande@gmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Doutora em Psicologia. Docente da UNIVASF e Tutora do PET-Saúde GraduaSUS/UNIVASF.

Endereço Eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

Willian Augusto Araújo

Graduandos em Medicina/UNIVASF

6.20. CONVERGÊNCIAS ENTRE CONSIDERAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL NA PSICOTERAPIA INFANTIL HUMANISTA E REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA EM MERLEAU-PONTY

Marissa Lima da Silva (FANOR)

Rosa Angela Cortez de Brito (FANOR)

Este trabalho busca investigar possíveis convergências entre a noção de redução fenomenológica, de Merleau-Ponty e a consideração positiva incondicional, atitude facilitadora da Ludoterapia Centrada na Criança (LCC), proposta de psicoterapia infantil em Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A partir da prática de estágio clínico surgiram questionamentos acerca da articulação da teoria com a prática dos conceitos e das possíveis convergências da redução fenomenológica em Merleau-Ponty. Trata-se de um estudo teórico qualitativo – exploratório que se organiza metodologicamente da seguinte forma: primeiramente abordamos a Ludoterapia Centrada na Criança, que possui em sua especificidade a autonomia conferida ao indivíduo no processo psicoterápico, com base na hipótese da capacidade do indivíduo para crescimento e autodirecionamento, assim como na posição do terapeuta como facilitador deste processo por meio do lúdico, dando ênfase no conceito de consideração positiva incondicional. Esta atitude facilitadora conceitua-se como a capacidade de apreciar o cliente, sem julgá-lo ou analisá-lo, a partir de uma teoria ou condição prévia, aceita o que a pessoa é e a valoriza altamente não importando quem ela seja ou o que ela já tenha feito. Em seguida discutiremos acerca da noção de redução fenomenológica em Merleau-Ponty. A redução fenomenológica, para Merleau-Ponty, é uma forma de aproximação do fenômeno apresentado, via tentativa de suspensão dos *aprioris*, valores, crenças, mas nunca de forma completa. Por estarmos sempre em relação com o mundo essa é uma forma de nos distanciarmos do nosso mundo para nos aproximarmos do mundo do outro. A seguir, discutiremos sobre as possíveis convergências entre a consideração positiva incondicional e a redução fenomenológica. Conceitualmente, lançamos como hipótese que o psicoterapeuta suspenderia seus conceitos prévios, promovendo uma escuta que melhor aprecie a experiência da criança, adentrando no seu mundo vivido. Concluímos que é viável pensar nessa articulação como uma possível contribuição à teoria, tendo a fenomenologia como uma filosofia que potencializa a prática de psicoterapeutas. Pensar nesse tema é pensar sobre a relevância e importância dele para os dias atuais podendo agregar conhecimento para a comunidade acadêmica e abrir novas possibilidades de pesquisa, onde os escritos ainda são bem reduzidos e fomentar novas discussões a partir desse tema.

Palavras-Chave: Consideração Positiva Incondicional; Redução Fenomenológica; Ludoterapia.

Marissa Lima da Silva

Graduanda em psicologia pela Faculdades Nordeste – Fanor DeVry, membro do Núcleo de Psicologia Clínica (NUPLIC) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço Eletrônico: marissah-lima@hotmail.com

Rosa Angela Cortez de Brito

Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica (CFP), Mestre em Psicologia (UFC), Doutoranda em Psicologia (UNIFOR). Professora de Psicologia da Fanor DeVry e da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Endereço Eletrônico: rbrito3@fanor.edu.br

6.21. DANÇA E IMPROVISACÃO COMO EXPRESSÃO DE SUBJETIVIDADES: REVISÃO DE LITERATURA E PERSPECTIVA SARTREANA

Cristiana Fernandes Moura (UNIFOR)

Ingrid Coelho Borges Pragmácio (UNIFOR)

Isabel Maria de Araujo Botelho (UNIFOR)

Georges Daniel JanjaBloc Boris (UNIFOR)

O presente trabalho apresenta uma revisão integrativa de literatura acerca de artigos que, a partir de uma perspectiva fenomenológica, abordam a dança como constituinte de subjetividades. Para a fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre, perceber o fenômeno é reaprender a perceber o mundo das experiências, voltando-se às coisas mesmas. A consciência é sempre intencional em relação ao objeto para o qual se direciona. Conhecer é ter consciência de algo e o corpo, que é a forma contingente por meio da qual o ser existe no mundo, age em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo, em um fluxo contínuo entre consciência e movimento. A investigação do movimento corporal está associada ao estudo da autoconsciência, definida como o que se vem a saber sobre o que se conhece, na perspectiva de se conhecer mais sobre como o corpo intenciona e realiza seus movimentos. O estudo da autoconsciência afina-se com a busca de novas significações, estabelecendo conexões com a dança e a improvisação de movimento, como modo compositivo da dança. O objetivo desta revisão é analisar, entre diversos artigos acadêmicos, as discussões que fazem relação entre a prática da dança e a expressão de subjetividades, além das significações que emergem da dança por parte de seus praticantes, em suas existências como seres-no-mundo, em associação com as concepções de corpo, liberdade e responsabilidade, propostas por Jean-Paul Sartre. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Pepsic, SciELO e Lilacs, as quais disponibilizaram artigos publicados no período entre 2009 e 2013, utilizando os descritores “dança” e “fenomenologia”. Foram recuperados sete artigos, indexados em português. Percebeu-se que as pesquisas sobre dança, aqui apresentadas, sugerem que os artistas, os professores e os praticantes dos diversos tipos citados de dança (dança-improvisação, dança de rua, butô e biodança) fazem referência à improvisação como metodologia empregada, buscando ampliar o repertório de movimentos ou a dimensão expressiva dos seus praticantes. Identificou-se, também, que os artigos se relacionam a estudos sobre a dança e suas possibilidades de contribuição para diferentes áreas de conhecimento, como a educação, a psicologia e a arte. Na educação, discutem a possibilidade de ressignificar a corporeidade dos participantes a partir do ato de dançar, pois, por meio dela, o ser-no-mundo se expressa, age, cria e recria o mundo. Na psicologia, os artigos destacam que, por meio da dança, o ser-no-mundo volta sua consciência para si mesmo, reconhecendo sua própria existência. Sob o ponto de vista da arte, consideram que a experiência criadora, descrita como a criação subjetiva da realidade, cria, em uma relação sintética, uma nova realidade, a partir do movimento dançado. Tratada como linguagem ou como obra de arte, a dança proporciona interação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, constituindo um meio de ressignificação, ou seja, facilitando com que o sujeito possa observar, transformar ou assumir sua própria subjetividade.

Palavras-chave: dança; improvisação; revisão de literatura; fenomenologia existencial; Sartre.

Cristiana Fernandes Moura

Psicóloga (UFC) - Graduada em Artes Visuais (IFCE) - Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: cristianamoura1@gmail.com

Ingrid Coelho Borges Pragmácio

Psicóloga (UNIFOR) – Especialista em Dependência Química (UNICHRISTUS) - Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: ingridborges@hotmail.com

Isabel Maria de Araujo Botelho

Educadora Física (UFC)- Especialista em Arte e Educação (IFCe) - Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: _bel_botelho@hotmail.com

Georges Daniel JanjaBloc Boris

Psicólogo (UFC) - Mestre em Educação (UFC) - Doutor em Sociologia (UFC) - Pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal) - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

6.22. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE TRANSCENDER A PARTIR DA PSICOTERAPIA INFANTIL

Beatriz Regina Terrão Sanches (Centro Universitário Ingá)

Franciele Cabral Leão Machado (UEM/Centro Universitário Ingá)

Este relato de experiência refere-se ao atendimento psicoterapêutico desenvolvido através do estágio supervisionado do 5º ano da graduação. Os atendimentos foram fundamentados na fenomenologia-existencial e realizados na clínica escola de psicologia do Centro Universitário Ingá, entre Abril e Novembro de 2016. Recorremos à teoria Sartriana, como fundamentação teórica a qual postula que através do olhar do outro construímo-nos e somos objetivados. Esta objetificação ocorre quando nos atribuem defeitos, qualidades, tornando-nos finitos. Porém, diante da nossa condição de liberdade, podemos transcendê-las. Os objetivos do estágio referem-se à complementação da formação profissional do psicólogo no clínico, e à ampliação do acesso aos processos psicoterapêuticos de forma gratuita à comunidade local. Dentre os métodos utilizados, destacamos, escuta fenomenológica, psicanálise existencial, método progressivo-regressivo e ludoterapia. Os atendimentos seguidos de supervisões ocorreram semanalmente. O cliente atendido foi um garoto de 14 anos, estudante da 8ª série do ensino fundamental em Maringá-Pr. R. mora com sua mãe e irmã de 18 anos. Os pais são separados desde seus oito anos, o pai o visita uma vez por semana. A queixa principal foi dificuldade de aprendizagem e suspeita de TDAH levantada pela escola. Na entrevista inicial somente a mãe compareceu, apresentando as dificuldades de aprendizagem do filho como “*lerdeza*”. Pudemos observar que a objetificação do olhar do outro e a negação da liberdade foi escolhida por R. como modo de existir, quando ele escolhe ser da forma como o rotulam. A dinâmica psicológica de cada pessoa baseia-se em vivências e situações decorrentes do meio social e se dão em um nível de consciência irrefletida. As estigmatizações objetificaram e contribuíram com a construção de sua dinâmica psicológica, produzindo cogitos, que são maneiras de existir. Percebemos que R. assumiu um cogito absoluto restringindo suas possibilidades a uma única forma de existir: incapaz de aprender, assim, a absolutização dos cogitos resulta em baixa autoestima e sentimentos de inferioridade. Cabe ressaltar que esta dinâmica é relacional, ou seja, mantida pela dinâmica psicológica das pessoas mais próximas. O processo psicoterapêutico abarcou temas como a possibilidade de escolher e de produzir por si mesmo, no qual R. mostrou-se criativo, mas com dificuldade de reconhecer seu esforço e o valor de suas produções. Através de atividades lúdicas, como a elaboração de um livro, jogos e dinâmicas, buscamos a flexibilização de suas escolhas, considerando possibilidades e afirmando novos modos de ser. Pudemos perceber que havia certo distanciamento afetivo na relação entre mãe e filho. Diante desta demanda, foram realizadas devolutivas com os pais, mas principalmente com a mãe, com o objetivo de levá-la a refletir a respeito das expectativas que tinha sobre o filho, auxiliando a reconhecer as qualidades e não apenas suas dificuldades. Destacamos a criação do livro de história “*Amizade*” e planilha de estudos que auxiliaram o desenvolvimento pessoal e aumento da autoestima de R. Concluímos que os reconhecimentos de outras possibilidades de existir contribuíram para a criança a se desprender dos estigmas e do olhar do outro, estando livre para poder existir em sua forma mais autêntica.

Palavras-Chave: Psicoterapia infantil; fenomenologia-existencial; existencialismo sartriano.

Franciele Cabral Leão Machado

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduada em Psicologia Fenomenológico-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Atua em consultório particular e como docente no Centro Universitário Ingá – UNINGÁ.

Endereço eletrônico: fran_leao@hotmail.com

Beatriz Regina Terrão Sanches

Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Ingá – PR.

Endereço eletrônico: beatrizterrão@hotmail.com

6.23. DIFICULDADES E DESAFIOS DO ATENDIMENTO INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carina Cavalcanti (UNP)

Malu Nunes de Oliveira (UFRN)

Este relato de experiência discute, sob o enfoque fenomenológico-existencial, os principais desafios e dificuldades no atendimento infantil tomando como referência o contexto do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), contemplando a demanda de atuação do psicólogo na atenção básica. Buscou-se compreender como se dá a realização do acolhimento infantil, assim como as principais queixas de encaminhamentos, e as dificuldades. O estudo foi realizado em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Norte (Brasil), onde o setor de saúde conta com um hospital, três postos de saúde e quatro unidades básicas de saúde, onde estas possuem vínculo com o NASF. O período de realização compreendeu os meses de junho a setembro, tempo em que se foi possível realizar as observações para desenvolvimento deste artigo como trabalho de conclusão de curso de especialização. As observações ocorreram semanalmente, em horário integral, e durante esse período, nove crianças foram encaminhadas ao serviço. Foi possível perceber que enxergar a criança como um ser que necessita também ser atendida e ouvida em suas necessidades é uma prática pouco existente na atenção básica, visto que a lógica de atenção aos sintomas físicos é a prioridade, momento em que o modelo médico é priorizado. É necessária uma reflexão crítica nesse aspecto, visto que a dificuldade deste setor de saúde em lidar com questões consideradas de ordem psicológica acaba por segregar o fenômeno, levando ao encaminhamento para a área da psicologia toda e qualquer demanda que necessite de um pouco mais de atenção e cuidado, tornando o psicólogo o “detentor de soluções” as quais nenhum outro profissional conseguiu solucionar quando em contato com a criança e sua história. A prática clínica do psicólogo ainda é considerada indefinida, baseada no parâmetro do modelo médico e da noção de psicopatologia. Tal representação acaba por restringir e limitar uma prática de acolhimento e escuta do sofrimento humano. Prática esta que pode ser definida como uma atitude para além da técnica, não dependente de um lugar e tipo de clientela para ocorrer. Tomando como base o pensamento fenomenológico-existencial, a escuta clínica resulta de uma atitude que expressa uma determinada concepção de homem e de mundo. Nesse sentido, torna-se também importante pensar o elo de ligação entre o profissional psicólogo e os demais profissionais de saúde, já que na prática, a multidisciplinariedade não é praticada, mas sim há uma separação de setores por onde a criança perpassa, reafirmando cada vez mais ser um “problema sem solução”. Este é, portanto, um longo caminho a percorrer, visto que tanto a atuação do psicólogo necessita ser repensada nesse setor, quanto o olhar dos demais profissionais sobre tais questões, para que os casos clínicos encaminhados possam se tornar casos de discussão em todos os campos, entendendo que o indivíduo não é apenas um sintoma segregado, mas um *ser-no-mundo*, fundado e fundador do existir, não podendo ser isolado sem considerar a influência dos outros e as formas de habitar no mundo.

Palavras-chave: criança; atenção básica; atuação do psicólogo; fenomenologia-existencial.

Carina Cavalcanti

Ms, Professora na Universidade Potiguar.

Endereço eletrônico: carinaunp@gmail.com

Malu Nunes de Oliveira

Esp., Mestranda em Psicologia-UFRN.

Endereço eletrônico: malununes03@gmail.com

848(520,18%(5'\$'2&\$2'(0\$,62%\$

PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SARTREANA

Débora de Sousa Rodrigues (UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)

Ingrid Coelho Borges Pragmácio (UNIFOR)

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma articulação entre o caso de Maria, atendida no serviço de plantão psicológico da Universidade de Fortaleza, com a concepção de liberdade, conforme desenvolvida pelo filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a análise das principais obras de Jean-Paul Sartre, bem como, também, dos seus comentadores, em especial, André Barata, Daniela Schneider e Carolina Mendes Campos. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso, discutindo os atendimentos de Maria, no qual ela manifestou, como queixa principal, medo de sair de casa. Assim, a partir dos atendimentos de Maria, realizamos uma discussão sobre o sentido de sua liberdade e de suas barreiras em relação às mudanças, haja vista que a paciente expressava a relevância da sua autonomia e de certos obstáculos que salientavam o seu medo, como o seu trabalho e o fato de morar sozinha. Contudo, Maria manifestava uma perspectiva cristalizada acerca da sua situação, sendo desconstruída no decorrer das sessões, já que ela começou a considerar sair do seu emprego e morar com seus primos, em Caucaia, antes considerados aspectos bloqueadores do seu processo de autonomia. Assim, na perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, o caso é discutido a partir da concepção de que o homem é um ser histórico e dialético, portanto, atravessado por suas questões individuais, por sua rede sociocultural, bem como, também, pela época histórica em que está inserido. Assim, a filosofia sartreana parte da ideia de que a existência precede a essência, significando que o homem, primeiramente, existe, surge no mundo e, em seguida, se define. Desta forma, a sua essência será aquilo que ele fizer de si mesmo. A partir deste pressuposto, pode-se afirmar que o homem é, antes de tudo, livre. Na verdade, Sartre afirmava que o sujeito é condenado a ser livre, haja vista que, uma vez lançado no mundo, ele é responsável por tudo o que fizer. Portanto, pode-se considerar que, para o existencialismo sartreano, a liberdade é concebida de forma diferenciada da concepção clássica, que a compreende como livre arbítrio. Assim, para Sartre, a liberdade é concebida para além do mero ato de optar fazer ou não algo, dado que ela está relacionada à noção de responsabilidade, ou seja, mais do que o homem ser liberdade, ele não pode não experimentá-la.

Palavras-chave: liberdade; estudo de caso; fenomenologia existencial; Jean-Paul Sartre.

Débora de Sousa Rodrigues

Graduanda em Psicologia (UNIFOR) – aluna de iniciação científica voluntária - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO). Endereço eletrônico: deborasousar@outlook.com

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo (UFC) - mestre em Educação (UFC) - doutor em Sociologia (UFC) - pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal) - coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

Ingrid Coelho Borges Pragmácio

Psicóloga (UNIFOR) – Especialista em Dependência Química (UNICHRISTUS) - Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: ingridborges@hotmail.com

6.25. FATORES QUE PERMEIAM O SUICÍDIO DE HOMOSSEXUAIS - ANÁLISE DE FILME

Maria Larissa Castro de Almeida (Devry Fanor)

O presente trabalho traz a análise do filme “Prayers for Bobby” (*Orações para Bobby*), mais especificamente no que se refere à questão do suicídio de homossexuais. No intuito de discutir sobre possíveis processos que podem levar os homossexuais a cometerem suicídio, tratando de temas como relações familiares, preconceito e religiosidade. E foi através de uma metodologia qualitativa e de uma análise da Psicologia Sistêmica necessária para identificar os aspectos sobre como as pessoas de orientação sexual homoafetiva sentem-se psicologicamente com relação ao seu contexto social e familiar, e com seus próprios ideais e princípios adquiridos na sua história de vida de acordo com o filme citado. Diante dos aspectos subjetivo, familiar e o religioso, foi percebido que há uma confusão dos sentimentos de Bobby, pois ao mesmo tempo em que ele sente que seu sentimento é certo, sua moral e religião, apresentada pela família, diz o oposto. Toda a confusão aumenta com a sensação de traição por parte do irmão, a rejeição especificamente da mãe e a certeza que ninguém pode ajudá-lo. A família de Bobby é uma referente de fé, fator que agrava a negação da sexualidade homoafetiva e a fé de que Deus curaria a homossexualidade, desde que ele quisesse. Por medo da rejeição familiar, ele assume um papel de ser o ideal, apenas por querer ter os vínculos fortalecidos como antes de assumir seus desejos. E toda essa forma de negação de si, e da família para com ele, afeta a relação familiar, afetando seu estado psíquico. Cabe ressaltar que Bobby foi criado dentro desse contexto religioso, tendo como verdade a moral religiosa de que a homossexualidade é condenável, assim como a prática do suicídio. Moral reforçada por Mary, mãe de Bobby, com a ideia de céu e inferno, e de querer a família junta na eternidade. Por este aspecto de sua vida não ser aceito pela família, pela religião e por si mesmo, causa um aumento da sua crise de angústia, fragilizando sua percepção e consequentemente levando-o ao suicídio. Seus atos sempre foram guiados por estas regras e conduta religiosas, do que é ou não pecado, e isto só tornaram as coisas piores para ele. Este jovem começa a sentir-se diferente, frustrado, a sentir-se angustiado, a imaginar-se só no mundo. A única solução que vê para a sua vida é a forma mais dramática e cruel que pode haver: acabar com ela, acabar com a angústia que o destrói a todo o momento, pois confiar que Deus curaria, não estava adiantando, pois o desejo é inevitável. A ocorrência da sua morte foi à resposta para as suas angústias e insegurança, seguidas pela a rejeição dos seus familiares. Diante desta análise considero que a aceitação social e principalmente a familiar é importante nesse processo de identidade e a autonegação é adoecedora, que sem apoio pode levar à depressão e por consequência ao suicídio.

Palavras-chave: Suicídio; Religião; Identidade Sexual; Homossexualidade.

Maria Larissa Castro de Almeida

Acadêmica do curso de Psicologia, do 7º Semestre vinculada à instituição DeVry Faculdade Nordeste FANOR, participação na organização da VI Semana de Psicologia da DeVry Faculdade Nordeste FANOR e membro da organização do I Encontro Cearense de Logoterapia Análise Existencial.

Endereço eletrônico: larissacastro948@gmail.com

6.26. GRUPO TERAPÊUTICO COM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NO CAPS ±AD: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Anna Karynne Melo (UNIFOR)

Célio Darlan Veras e Silva (CAPS AD Fortaleza)

A dependência química tem desafiado pesquisadores e profissionais da saúde no sentido de buscarem ampliar e apropriarem-se desse fenômeno cada vez mais presente na contemporaneidade. Embora o uso de substâncias psicoativas esteja presente desde o início da humanidade, somente no século passado adquiriu uma maior atenção como um problema de saúde pública. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), o termo droga designaria qualquer substância lícita ou ilícita que altere o funcionamento mental e corporal do indivíduo e que pode causar intoxicação ou dependência. A dependência química, portanto, seria a condição de uso frequente e abusivo da droga, provocando impactos nas dimensões afetiva, social e produtiva da pessoa. As pesquisas desenvolvidas sobre essa questão em grande parte tem focado suas investigações para o conhecimento dos mecanismos bioquímicos da dependência e, no âmbito da Psicologia, as psicoterapias de orientação Cognitivo Comportamental tem monopolizado os estudos sobre esse tema. As práticas interventivas com pessoas que fazem uso de drogas tem sido um tema gerador de muita demanda de atenção da Psicologia no campo saúde coletiva. Embora exista esta demanda, constatamos na literatura, a carência de pesquisas que apresentam e problematizam essas práticas na perspectiva das psicologias de base fenomenológico-existencial. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta interventiva de grupo terapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial com pessoas que fazem uso abusivo de drogas. Trata-se de um relato de experiência num CAPS-AD, desenvolvido ao longo de nove meses, em um grupo terapêutico aberto, semanal com frequência média de 10 participantes sob orientação teórica da Gestalt-Terapia e da abordagem em Redução de Danos. O grupo tem o intuito de promover reflexões sobre as experiências de vida dos participantes, procurando focar na construção da autonomia e do reconhecimento da singularidade de cada um como fator essencial da elaboração do seu projeto terapêutico. Nessa perspectiva, buscamos promover uma maior consciência da relação entre a pessoa, a droga e o seu contexto de uso e o que isso impacta em suas vulnerabilidades existenciais. Utilizando-se desses referenciais, realizamos intervenções no grupo que enfatizam a relação intersubjetiva entre os sujeitos que sofrem dessa problemática, visando dessa maneira, o desvelar dos sentidos da experiência vivenciada desta condição. Ante o olhar sobre esse fenômeno, entendemos que há uma convergência entre a Gestalt-Terapia e as estratégias de Redução de Danos, considerando esta estratégia como um modelo alternativo aos modelos proibicionistas de cunho moralista, criminalizador e higienista do uso de drogas. Ambas reconhecem a singularidade de cada sujeito em sua relação com a droga, o que permite o acolhimento das diversas formas de expressão da pessoa que faz uso de drogas, não se restringindo exclusivamente ao modelo de cuidado baseado na abstinência. Sob esse referencial compreendemos a dependência química não mais como um conjunto de sintomas e sinais (patologia), mas como uma expressão do ser na sua relação com o mundo, como uma condição que indica sua forma de estar exercendo seu cuidado existencial.

Palavras-chave: Saúde mental; Fenomenologia-Existencial; Grupo terapêutico; Redução de danos

Anna Karynne Melo

Doutora em Saúde Coletiva pela Associação de IES Ampla (UFC/UECE/UNIFOR). Professora titular do curso de graduação de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza. Coordenadora e Professora pesquisadora do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Financiamento do projeto Saúde Mental, Psicologia e Fenomenologia: compreendendo a interlocução entre os campos de saber, Edital 06/2016 Auxílio à pesquisa Jovens Pesquisadores, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, projeto 2028.

Endereço eletrônico: karynnemelo@unifor.br

Célio Darlan Veras e Silva

Graduado em Psicologia pela a Universidade Federal do Ceará. Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Católica de Brasília.

Endereço eletrônico: celioveras@gmail.com

6.27. LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E ENGAJAMENTO: CONTRIBUIÇÕES SARTREANAS À COMPREENSÃO DO PODER FEMININO

Georges Daniel JanjaBloc Boris (UNIFOR)

Marcela Romero de Souza (UNIFOR)

Rafaelle Fernanda Costa Benevides (UNIFOR)

O presente trabalho tem como objetivo compreender o poder feminino à luz da fenomenologia existencial sartreana. Para tanto, foi utilizada metodologia qualitativa, realizando uma revisão bibliográfica para coleta de dados, sendo estes analisados a partir de conceitos presentes em obras renomadas do filósofo francês Jean-Paul Sartre, explorando conceitos como liberdade, responsabilidade, engajamento e projeto de ser. No último século, foram observadas consideráveis mudanças sociais referentes à atuação das mulheres no Brasil, em diversos espaços da sociedade. Entretanto, apesar das mulheres, hoje, ocuparem posições de liderança e exercerem o poder em diferentes contextos (no lar, na comunidade, nas escolas, nas empresas e na política), ainda há inúmeros entraves à legitimação do poder das mulheres. Apesar dos avanços na educação, as mulheres ainda enfrentam diversos desafios sociais, quando comparadas aos homens, e as discussões que possibilitam ações voltadas à redução das desigualdades de gênero são cada vez mais atuais e necessárias. O poder das mulheres está relacionado aos lugares que elas ocupam na sociedade. Na sociedade brasileira, há uma hierarquização de gênero que coloca homens e mulheres em posições opostas, criando uma dicotomia na qual o homem é considerado um sujeito de poder, sendo descrito como forte, racional e ativo, enquanto a mulher é considerada um sujeito sem ou com um mínimo poder, sendo descrita como sensível, emotiva e passiva. Desta forma, os papéis socialmente construídos em relação ao gênero feminino contribuem para a manutenção de ideais nos quais as mulheres ocupam um suposto lugar natural de submissão e de subordinação ao gênero masculino. Assim, o poder feminino deve ser compreendido tanto em suas dimensões coletivas quanto individuais, implicando no reconhecimento das restrições sociais a que as mulheres estão submetidas e da necessidade de reversão de tal situação, por meio de mudanças em um contexto amplo, bem como, também, em contextos específicos e singulares. A fenomenologia existencial de Sartre contribui com o tema na medida em que, a partir de sua concepção de liberdade, destaca as escolhas das pessoas, considerando a situação nas quais elas se encontram. Assim, o poder feminino significa o reconhecimento do lugar ocupado pela mulher na sociedade, muitas vezes, submetida à opressão, buscando a ampliação das suas possibilidades de escolha, de modo que seu projeto de ser possa ser realizado para além da hierarquização de gênero. Desta maneira, o poder feminino não pode ser existencialmente compreendido como algo exercido de fora do ser, mas como um movimento do ser-no-mundo, por meio de seus atos. Para tanto, se faz necessário que a mulher se responsabilize por trilhar seu próprio caminho, na responsabilidade de fazer-se a si mesmo, o que coloca o ser humano numa posição de engajamento frente a toda a humanidade. Portanto, pode-se concluir que o poder feminino requer a conscientização e o engajamento das mulheres em seus projetos de ser, ou seja, em uma escolha do seu reconhecimento e da legitimação da voz feminina na sociedade em direção à igualdade entre os gêneros.

Palavras-chave: liberdade; responsabilidade; engajamento; Jean-Paul Sartre; poder feminino.

Georges Daniel JanjaBloc Boris

Psicólogo, Mestre em Educação, Doutor em Sociologia (UFC), Pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

Marcela Romero de Souza

Psicóloga e mestranda em Psicologia na UNIFOR.

Endereço eletrônico: marcelaromero.ds@gmail.com

Rafaelle Fernanda Costa Benevides

Psicóloga e mestranda em Psicologia na UNIFOR.

Endereço eletrônico: rafaellecosta@hotmail.com

6.28. LUTO ANTECIPATÓRIO: BREVE DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO SOFRIMENTO EM FAMILIARES DE PACIENTES EM UTI

Maiara de Jesus Palácios (Multivix)

O ingresso de uma pessoa em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) transforma a sua vida e a daqueles que o acompanham: a família. A morte é um fenômeno cercado por mistério e medo e falar de morte é inadmissível para o ser humano, pois este não consegue lidar com sua finitude. Por isso, a relevância deste trabalho dá-se devido ao fato de que, em toda a história, pessoas tentam entender a morte mas acabam frustrando-se e sofrendo cada vez mais. A angústia gerada por essa dificuldade é o que faz que cada ser se desenvolva e viva suas próprias experiências como elas são, tendo a sua própria visão do mundo e da vida. Em muitos casos, o paciente não corre risco de morrer, mas apenas por estar em uma UTI a família começa a passar por um processo parecido com o luto, em que percebe-se a semelhança de um tipo de morte, a morte como perda. É o que se pode definir como Luto Antecipatório, um sofrimento pela perda de alguém que ainda está vivo, tendo a ansiedade como característica marcante e devendo ser trabalhada de forma sutil e séria. Por isso, este trabalho visa apresentar e promover uma discussão acerca das experiências expressas por famílias que vivem a internação de um de seus membros em UTI, verificando se todas as famílias entrevistadas passam por luto antecipatório, apontando as características que foram identificadas nas famílias entrevistadas e, também, a visão dos participantes sobre o setor de UTI e os sentimentos envolvidos no momento da internação do paciente, buscando apresentar a necessidade de um acompanhamento psicológico para essas famílias. A pesquisa será qualitativa com enfoque fenomenológico-existencial e o instrumento utilizado será a entrevista não estruturada com famílias de pacientes da UTI de um hospital na cidade de Cachoeiro de Itapemirim –E.S. O luto pode fazer parte de uma fase difícil na vida das pessoas, mas a forma como cada uma passará por ele é única e pessoal. Cada pessoa é constituída pelo significado que dá a cada experiência vivida e é de extrema importância saber qual é este significado que a mesma exprime diante dessas experiências. O Psicólogo poderá ser a figura que contribuirá para que essas pessoas consigam distinguir o significado desse momento para cada uma delas. É fato que a vida não acaba quando o paciente entra em UTI, pelo contrário, pode existir vida e esperança mesmo dentro deste setor tão temido, fazendo com que as famílias consigam lidar com seus conflitos a partir da internação.

Palavras-chave: luto; família; humanização.

Maiara de Jesus Palácios

Estudante de Psicologia, cursando o 9º período na Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim.
Endereço eletrônico: maiaraa.palacios@gmail.com

6.29. MAPEANDO OS ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL

Anna Karynne Melo (UNIFOR)

Davi Rodrigues Barreto (UNIFOR)

João Marcos Leite (UNIFOR)

Virgínia Moreira (UNIFOR)

A Psicologia da Saúde surgiu na década de 1970, no contexto da Reforma Psiquiátrica, como uma alternativa de substituição ao modelo manicomial, buscando repensar a prática psicológica e o modelo de saúde vigente. No entanto, produções recentes apontam para uma reforma nos serviços de saúde, mas não para a superação do modelo manicomial e das práticas, mostrando que o cenário da psicologia ainda carrega nas suas ações interventivas e em seus referenciais teóricos, traços de um plano hospitalocêntrico. Este estudo consiste em uma análise bibliométrica com o objetivo de identificar a relação entre a psicologia e a saúde mental, reconhecendo, na literatura, os principais temas discutidos no diálogo desses campos e suas implicações nas políticas públicas sob o enfoque fenomenológico existencial. Para tal, analisamos produções da base de dados *Scielo*, que articulam os saberes “psicologia” e “saúde mental”, no período de 2006 a 2016. Pesquisamos artigos que atendessem aos seguintes critérios de inclusão: textos completos, com tais termos presentes no título, resumo, nas palavras-chave ou no corpo do artigo, publicados em periódicos nacionais com qualis A1, A2, B1 ou B2 e escritos no idioma português. Encontramos 304 trabalhos publicados, os quais 149 foram considerados válidos por atenderem aos critérios estabelecidos. Identificamos como temáticas discutidas nos artigos a Reforma Psiquiátrica brasileira; a desinstitucionalização; as perspectivas dos serviços de saúde mental após a luta antimanicomial; os possíveis fatores que ainda prendem o Brasil a um antigo modelo de saúde; o papel da psicologia dentro dos diversos serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS); a promoção da saúde mental, nas suas várias áreas de atuação; práticas psicológicas e o papel do psicólogo em diferentes contextos; e a psicologia do trabalho e organizacional. Constatamos uma baixa articulação dos artigos com a Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização, o que nos levou a problematizar a dificuldade da produção científica nessa área, quando comparada com a pesquisa biomédica (psiquiatria e neurociências). Além disso, foram encontradas poucas produções acadêmicas à luz da fenomenologia existencial. O que nos leva a indagar como essa perspectiva teórico-metodológica pode contribuir para a discussão e proposta de uma prática. Reconhecemos, também, que apesar da interlocução, há dificuldade em superar o binômio saúde-doença, em discutir as políticas públicas, além das práticas observadas não serem realizadas de modo multiprofissional. Entendemos que, principalmente, não discutir as políticas públicas no campo da saúde mental e sobre as práticas psicológicas pode nos levar a uma “manicomialização” dos saberes e fazeres da psicologia nessa área de atuação, comprometendo os programas e ações promovidas pelo Estado e, por conseguinte, os Direitos Humanos, bem como a atividade e formação do psicólogo. Concluímos que novos estudos sobre a interlocução entre psicologia e saúde mental como forma propulsora de um novo cenário no âmbito das políticas públicas são necessários para nos distanciar definitivamente do modelo psiquiátrico tradicional no processo de constituição dos serviços e das práticas voltados ao campo da saúde mental.

Palavras-chave: Saúde mental; Psicologia; Políticas Públicas; Análise bibliométrica

Anna Karynne Melo

Doutora em Saúde Coletiva (UFC/UECE/UNIFOR). Professora do curso de graduação de Psicologia da UNIFOR. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNIFOR. Coordenadora do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Financiamento do projeto Saúde Mental, Psicologia e Fenomenologia: compreendendo a interlocução entre os campos de saber, Edital 06/2016 Auxílio à pesquisa Jovens Pesquisadores, projeto 2028.

Endereço eletrônico: karynnemelo@unifor.br

Davi Rodrigues Barreto

Graduando em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Bolsista de iniciação científica do laboratório APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Pesquisa financiada pela FUNCAP (Chamada 13/2016). Bolsista FUNCAP.

Endereço eletrônico: davi.rodrigues.barreto@gmail.com

João Marcos Leite

Graduando em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Bolsista de iniciação científica do laboratório APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica, financiado pela Universidade de Fortaleza no projeto (2028) “Saúde Mental, Psicologia e Fenomenologia: compreendendo a interlocução entre os campos de saber”.

Endereço eletrônico: joaomarcosleite09@gmail.com

Virgínia Moreira

Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq- PQ2: Fenomenologia Clínica como Intervenção Terapêutica. Financiamento Edital 05/2016 Financiamento Complementar à Pesquisa, Universidade de Fortaleza – UNIFOR – projeto 1965. Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza coordena o APHETO.

Endereço eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6.30. O CASO FRANCISCO: AS CONTRIBUIÇÕES DE THOMAS FUCHS PARA UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA ESQUIZOFRENIA

Raone Saraiva (UNIFOR)

Valdízia Mendonça (UNIFOR)

Virgínia Moreira (UNIFOR)

A esquizofrenia é considerada uma das patologias mais devastadoras porque faz o sujeito perder o contato vital com a realidade e construir um mundo imaginário, sendo objeto de estudo nos diversos ramos da Psicologia. A partir de um estudo de caso clínico, este trabalho tem o objetivo de descrever a pluralidade das manifestações do sofrimento psíquico de Francisco (nome fictício), paciente diagnosticado com esquizofrenia. Com base, principalmente, no pensamento do psiquiatra alemão Thomas Fuchs, buscamos compreender a doença através da lente fenomenológica, discutindo conceitos apresentados em diferentes artigos científicos produzidos pelo autor. De acordo com ele, há três vertentes que ajudam a entender a esquizofrenia na contemporaneidade. A primeira é a metarepresentacionalista, em que os sintomas aparecem como experiências de controle estrangeiro destacados por uma falha do paciente em atribuir corretamente para si suas próprias experiências. A segunda é a sintomatológica, quando deficiências metacognitivas são o resultado de uma acumulação de defeitos neurológicos básicos. A terceira é a fenomenológica, que entende a esquizofrenia como um distúrbio do *self* encarnado. As ideias de Fuchs sugerem que os casos da doença vêm dando testemunho da estreita ligação dos pacientes com a temporalidade, espacialidade, corporeidade e intersubjetividade. Por estarem intimamente relacionados à existência humana, esses elementos são essenciais para a Fenomenologia, que olha para os quadros psicopatológicos a partir do mundo vivido do sujeito, o *Lebenwelt*. Na esquizofrenia, é comum haver na uma alienação que prejudica a percepção, ou seja, o contato direto do paciente com o mundo. Fuchs observa que a existência do sujeito aparece de forma fragmentada, frequentemente marcada por alienação, diferentes formas de despersonalização ou alucinações, algo que pode ser observado nas falas de Francisco. O conhecimento de quem o paciente é e o que ele quer para a sua vida, bem como qual é o seu lugar no mundo, não está à disposição. Concluímos assinalando que a investigação fenomenológica das mudanças descritas por esquizofrênicos sobre a estrutura de suas experiências pode ajudar a revelar a predominância de múltiplas camadas desconectadas com a realidade.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Thomas Fuchs; Fenomenologia; Estudo de caso.

Raone Saraiva

Jornalista graduado pela UNIFOR, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC e mestrando em Psicologia pela UNIFOR.

Endereço eletrônico: raonesaraiva@hotmail.com

Valdízia Mendonça

Psicóloga graduada, especialista em Psicopedagogia e mestranda em Psicologia pela UNIFOR.

Endereço eletrônico: valdiziaa@hotmail.com

Virgínia Moreira

Psicóloga graduada pela UFC, pós-doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR.

Endereço eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6.31. O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE NO FENÔMENO DA DEPRESSÃO POR MEIO DA ADI/TIP

Ana Carolina Duarte Valadares

Célia Auxiliadora Santos Marra

Janaina Aparecida Mendonça Santos

Jocielle Alexandre Figueiredo

Laura Helena Silva

Luiza Orlandi Bonella Gomes

(FUNDASINUM)

A depressão, fenômeno que provoca uma notável desvalorização do Eu, é uma condição na qual a pessoa experimenta a prostração, a sensação de impotência e a diminuição do cuidado de si. Dentro da perspectiva existencial-fenomenológica o ser humano está em constante interação com o meio. Tal interação estrutura a subjetividade do ser, que é afetada em sua sensibilidade de modo positivo e/ou negativo. Por meio dessa sensibilidade a pessoa tende à abertura ou ao fechamento frente aos mais diversos tipos de relações. Nesse sentido, no estado depressivo há um fechamento do sujeito perante às suas relações com os outros e com o mundo. Desse modo, torna-se necessária uma intervenção terapêutica capaz de auxiliar o paciente acometido pela depressão a reestruturar o seu caráter sensível, enquanto capacidade de abertura do ser ao mundo e a si mesmo. O Método de Abordagem Direta ao Inconsciente aplicado na Terapia de Integração Pessoal – ADI/TIP – apresenta-se como uma proposta de atendimento a essa demanda do ser humano. Assim, este trabalho objetivou verificar as contribuições do Método ADI/TIP no resgate da sensibilidade em pacientes diagnosticados com depressão. Este processo, além de focar a dimensão da interioridade humana, possibilita ainda que a pessoa se distancie da sua situação-problema, para contemplá-la em sua totalidade. Deste modo, o sujeito é capaz de tomar consciência diante dos registros negativos, causadores de sofrimento, e ressignificá-los positivamente. Quando isto ocorre, a pessoa percebe a unicidade da sua existência que é anterior aos seus conflitos, e por meio desta percepção é capaz de promover mudanças positivas em seu ser. Este estudo ora apresentado constitui um recorte de uma pesquisa denominada “Estudo das contribuições do Método da Abordagem Direta do Inconsciente, utilizado na Terapia de Integração Pessoal – ADI/TIP –, para o tratamento de episódios depressivos”. Essa pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com 12 participantes previamente diagnosticados com depressão, sendo 10 mulheres e 2 homens. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, aplicadas antes e após a terapia. A análise dos dados se deu por meio do método fenomenológico para investigação psicológica, que visa apreender o ser humano em sua integralidade. Nos relatos proferidos pelos voluntários, antes da intervenção terapêutica observou-se o fechamento afetivo nas relações intra e intersubjetivas e nas suas relações com o mundo. Após a terapia foram percebidas mudanças de perspectiva e posicionamento dos voluntários consigo mesmos, nas relações com os outros e com o ambiente, sendo esse posicionamento permeado pela abertura à sensibilidade de maneira concreta e não melancólica. Os resultados obtidos demonstraram a contribuição do Método ADI/TIP no resgate da sensibilidade dos participantes da pesquisa frente às diversas possibilidades existentes para o enfrentamento dos conflitos inicialmente apresentados.

Palavras-chaves: Depressão; Sensibilidade; ADI/TIP.

Ana Carolina Duarte Valadares

Psicóloga, Coord. Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística.

Endereço eletrônico: carolina.duarte@fundasinum.org.br

Célia Auxiliadora Santos Marra

Doutora em Psicologia, Diretora do Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística.

Endereço eletrônico: cead@uai.com.br

Janaina Aparecida Mendonça Santos

Jocielle Alexandre Figueiredo

Laura Helena Silva

Luiza Orlandi Bonella Gomes

Graduandas em Psicologia, Pesquisadora do Dep. de Pesquisa da Fundação de Saúde Integral Humanística. Apoio: FUNDASINUM

Endereços eletrônico: janaina.mendonca@fundasinum, jocielle@fundasinum.org.br, laura.helena@fundasinum.org.br e luiza.orlandi@fundasinum.org.br.

6.32. O DESVELAMENTO DAS FRAGILIDADES EMOCIONAIS POSSIBILITANDO A CONSTRUÇÃO DE NOVAS MANEIRAS DE SER-NO- MUNDO

João Antonio Gonçalves (USC)

Marlene Marchi de Sousa (USC)

Esse estudo apresenta o relato de experiência de um processo terapêutico realizado na Clínica Escola da Universidade Sagrado Coração (USC), Bauru-SP, como prática do estágio da disciplina de Processos Clínicos na abordagem humanista existencial. Essa perspectiva da Psicologia tem seus fundamentos na filosofia existencial, no existencialismo e na fenomenologia. Prioriza a subjetividade, as vivências e a existência do homem na sua concretude. O sujeito desse processo terapêutico é uma mulher de 30 anos de idade, que procurou ajuda na psicoterapia por estar sofrendo com as restrições e injustiças vividas no âmbito profissional devido às mudanças ocorridas na política da empresa onde trabalhava, o que lhe gerou reações negativas que se expressam na forma de mágoa, raiva, ressentimento, insatisfação, estresse e revolta. As emoções, sentimentos e estados de ânimo experimentados se desdobraram em um quadro de ansiedade e de rebaixamento de humor culminando num modo de ser agressivo, intolerante e crítico na relação com seus colegas de trabalho e chefias, o que trouxe comprometimento às suas relações interpessoais e seus projetos profissionais. A maneira cotidiana de ser na relação com o trabalho e com o outro, além de restringir as suas possibilidades existenciais, viabiliza um modo de existência insatisfatória, irrealizadora, destrutiva e inautêntica. Os objetivos terapêuticos foram direcionados no sentido de ampliar a consciência de suas fragilidades e potencialidades, bem como, desenvolver modos de relações, consigo e com o outro, mais construtivas e autênticas, à partir da compreensão das motivações subjacentes que compõem sua maneira de ser-no-mundo. Foram realizadas 22 sessões terapêuticas mediadas pela análise existencial e instrumentalizadas pelo método fenomenológico que visa apreender os fenômenos existenciais com os significados e sentidos atribuídos pela própria pessoa, sem nenhum pressuposto a priori. Os resultados mostraram-se satisfatórios, na medida em que foi perceptível a diminuição da ansiedade, do estresse, a minimização da agressividade, intolerâncias e postura crítica negativa na relação com os colegas do trabalho. Aos poucos foi se abrindo para novas possibilidades existenciais, com novas posturas, novas leituras e percepções da realidade. Suas atitudes e decisões tornaram-se menos impulsivas e mais pautadas pela reflexão e ponderação, o que trouxe maior harmonização para a relação consigo e para o com o outro. Conclui-se que o seu comprometimento com o processo terapêutico, em consonância com o vínculo positivo com o terapeuta estagiário foram os fatores facilitadores de seu desenvolvimento e crescimento, viabilizando a ressignificação de suas vivências e a construção de maneiras mais construtivas e autênticas de ser-no-mundo.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; Fenomenologia; Autenticidade; Ressignificação.

João Antonio Gonçalves

Discente do curso de Psicologia e estagiário da disciplina de Processos Clínicos na abordagem humanista existencial da Universidade do Sagrado Coração (USC), Bauru, SP.

Endereço eletrônico: joaoantonio_94@hotmail.com

Marlene Marchi de Sousa

Docente do curso de Psicologia, mestre em Psicologia Clínica, orientadora de estágio de Processos Clínicos na abordagem humanista existencial e coordenadora do curso Pós Graduação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial da Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP.

Endereço eletrônico: lenemarchi@yahoo.com.br

6.33. O PEQUENO PRÍNCIPE E SER E TEMPO: REFLEXÕES SOBRE ANGÚSTIA E CUIDADO DE SER

Thaís Alanna Alves Soares (Ufac)

Apontada por Martin Heidegger como a maior obra existencialista do século XX, O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, encanta crianças e adultos em todo o mundo, inclusive a mim, autora deste artigo que, instigada pela fenomenologia existencial heideggeriana, me proponho a um diálogo entre minhas próprias reflexões, O Pequeno Príncipe e Ser e Tempo, sobre a angústia e o cuidado de ser. No livro infantil, o príncipe vive em seu planeta, relacionando-se com aquilo que sempre conheceu e cativo de uma flor que, ainda enquanto semente vinda do desconhecido, brota numa manhã junto com o sol em seu planeta. Diante do novo, e da insuficiência de um modo de ser que não conseguia dar conta, o príncipezinho parte rumo ao desconhecido, rompendo um modo de ser antigo e vivendo a experiência do vazio neste momento de ruptura e transição para um novo modo de ser que ele mesmo deve construir. Aproveitando-se de uma revoada de pássaros em migração, visita outros planetas para conhecer e se instruir. Carregando consigo os sentidos que conhece, recebe vários outros dos lugares que visita, põe em questão seus conhecimentos e relaciona-se com outras pessoas. Em sua relação com a raposa, descobre o que é cativar e compreende a importância de seu planeta e tudo que nele existe para si. Para este trabalho, utilizo a metodologia da pesquisa bibliográfica, recorrendo às obras já citadas e a outros artigos que facilitam o entendimento e estudo da obra de Heidegger. Tomando o cuidado de não transpor uma obra literária para o campo filosófico e mantendo-as à distância de suas diferenças, o que possibilita o diálogo, discorro inicialmente acerca de minha relação pessoal com a obra e com a fenomenologia. O livro que numa primeira leitura desprezei, em outro momento após reler e refletir, fez total sentido naquilo que eu vivia e vivo ainda hoje. A fenomenologia existencial de Heidegger me encanta enquanto possibilidade de prática psicológica e pensamento filosófico e permite-me encontrar possibilidades que tanto condizem com o que tenho vivido, quanto colocam-me frente ao inesperado, proporcionando, assim, apropriar-me de minha própria existência. Em seguida, tendo como foco a angústia e o cuidado de ser, temas que me saltam aos olhos nas leituras, busco aproximar imagens literárias e indicações formais filosóficas sobre tais questões que, em algum momento, são permeadas por outras que serão também brevemente abordadas quando se fizer necessário.

Palavras-chave: angústia; cuidado de ser; O Pequeno Príncipe; fenomenologia existencial heideggeriana.

Thaís Alanna Alves Soares

Acadêmica do 6º período do curso de Psicologia, na Universidade Federal do Acre - Ufac.

Endereço eletrônico: thaisalanna.at@gmail.com

6.34. O SENTIDO DA VIDA NO COMBATE AO TABAGISMO

Ana Paula Pereira da Silva (HUCFF-UFRJ)

Anderson Nunes Pinto (HUCFF-UFRJ)

Muitas pesquisas que abordam o tema “sentido da vida” o relacionam a aspectos de saúde, religiosidade e aspectos envolvendo o envelhecimento. O objetivo deste relato de experiência é apresentar como a percepção do sentido da vida pode ser um fator que intervém no enfrentamento do tabagismo. Será descrito a experiência vivida como especializanda no Curso de Especialização em Psicologia Hospitalar / UFRJ, particularmente no Núcleo de Tratamento e Estudos do Tabagismo (NETT), um dos campos de prática do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ). Para tanto, será usada a Logoterapia, abordagem existencial criada por Viktor Frankl, pioneiro ao escrever e questionar sistematicamente sobre o sentido da vida. Esta busca confrontar o paciente com o sentido de sua vida ao torná-lo, a partir da percepção de valores, mais consciente de suas escolhas e prioridades. Para Frankl, o indivíduo pode encontrar sentido para sua vida por três formas: a primeira seria criando um trabalho ou praticando um ato (valores criativos). A segunda, experimentando algo ou encontrando alguém (valores experienciais) e a terceira, encontrando sentido no sofrimento inevitável (valores atitudinais). O tabagismo é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença epidêmica que causa dependência física e psicológica, responsável por elevados índices de morbimortalidade, além de comprometimento da qualidade de vida. O Núcleo de Estudos e Tratamento do Tabagismo (NETT) implementa um programa de cessação do tabagismo preconizado pelo Ministério da Saúde. Consiste em uma abordagem psicoeducativa grupal cuja dinâmica consiste em discutir aspectos relacionados ao tabagismo e as formas possíveis de superá-lo, com a participação de médicos e psicólogos. O grupo é formado por aproximadamente 10 pacientes e é coordenado por um profissional de saúde. São realizados 4 encontros mensais e um grupo de manutenção após a cessação do tabagismo. Sendo a motivação um aspecto fundamental para o êxito do tratamento, um dos procedimentos utilizados é a balança de decisão de motivos. É perguntado aos pacientes qual o motivo mais forte para ele fumar, e qual a razão para parar de fumar. Depois é pedido para fazer um balanço entre as duas opções e apontar qual é o motivo mais forte. Os pacientes que consideram a razão para parar de fumar mais importante do que as razões para continuar tinham maior probabilidade de cessar o uso do tabaco. Observa-se que os pacientes que realmente conseguem parar de fumar são os que atribuem um sentido às suas vidas como (exemplos concretos). Esta observação está de acordo com o que ensina Frankl ao afirmar que a motivação encontrada na dimensão noogênica capacita o ser humano a superar, dentre outras, as condições biopsicossociais associadas às compulsões. Entender o sentido que estes pacientes encontram em suas vidas dá subsídio para potencializar um trabalho motivacional em prol do tratamento bem-sucedido contra o tabagismo.

Palavras-chave: Sentido de vida; enfrentamento; tabagismo.

Ana Paula Pereira da Silva

Psicologia; Pós-graduação Lato Sensu: Especialização em Psicologia Hospitalar pelo Hospital Universitário Clementino Fraga Filho-UFRJ; Pós-graduação Lato Sensu: Neurociências Aplicadas a

Reabilitação pelo IPUB - Instituto De Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Endereço eletrônico: anapps2010@yahoo.com.br

Anderson Nunes Pinto

Psicólogo do HUCFF/ UFRJ; Mestre em Educação em Ciências e Saúde pelo NUTES/UFRJ; Doutorando em Educação em Ciências e Saúde pelo NUTES / UFRJ; Psicoterapeuta fenomenológico-existencial pelo Espaço Livre Existencialista; Coordenador do Curso de Especialização em Psicologia Hospitalar da UFRJ e da área de Psicologia da Residência Multiprofissional do HUCFF / UFRJ.

Endereço eletrônico: andernup@gmail.com

6.35. O SOFRIMENTO PSÍQUICO E SEUS MÚLTIPLOS CONTORNOS: TRANSTORNO BIPOLAR A PARTIR DE MERLEAU PONTY

Daniel Marcio Pereira Melo (UNIFOR)

Deborah Fernandes Vieira Lôbo (UNIFOR)

Raquel Moura da Conceição (UNIFOR)

Sarah Montezuma Pinheiro Cabral (UNIFOR)

O trabalho foi desenvolvido na disciplina de Práticas Integrativas V do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza que têm por objetivo geral caracterizar as instituições de saúde, identificando a pluralidade das manifestações do sofrimento psíquico. A pesquisa foi realizada em um hospital psiquiátrico público estadual, localizado na cidade de Fortaleza, no qual as pesquisadoras entrevistaram uma paciente internada a fim de conhecerem seu caso e proporem uma compreensão diagnóstica sobre a história da sua psicopatologia. Esta temática possui uma relevância teórica importante visto que a noção do normal e patológico no campo da Psicologia ainda traz muitos questionamentos. Foi utilizado como aporte teórico a fenomenologia mundana de MerleauPonty e o conceito de múltiplos contornos. Além disso, foi realizado um resgate histórico do conceito de patologia bem como suas características que vão de um entendimento puramente descritivo para uma visão mais compreensiva. A partir disso, o trabalho se propôs a pensar a psicopatologia de forma mundana, no qual o transtorno mental inclui tanto a dimensão orgânica, como psíquica e social de forma entrelaçada, em seus múltiplos contornos. Como método, o artigo possui o caráter da pesquisa qualitativa, que inclui a pesquisa bibliográfica, discussão de um caso clínico e análise documental, no caso, a análise de prontuário. Os dados foram coletados na ala feminina do hospital psiquiátrico, a partir da anamnese, no qual foram realizadas quatro visitas. Ao final, foi proposta uma hipótese diagnóstica a partir do Manual de Classificação de Doenças CID 10 e a literatura da psicopatologia fenomenológica. A paciente L. G. S, 61 anos, cadeirante, divorciada e com histórico de outras internações demonstrou euforia, irritabilidade e humor elevado. Com a análise de prontuário, a paciente era avaliada com isolamento social, labilidade emocional e crises de raiva. Ela tomava medicamentos como Haldol e já havia sido internada com episódios de depressão. A partir das entrevistas, utilizou-se o conceito de delírio proposto por Moreira (2012) bem como a hipótese de transtorno afetivo bipolar em episódio maníaco com sintomas psicóticos. O trabalho aponta a importância de compreender o caso clínico de forma mundana, no qual a vida da paciente não está centrada no seu diagnóstico, mas é permeada por outras esferas. Também se faz necessário uma abordagem interdisciplinar para a atuação no hospital, onde possa haver uma abordagem integral do ser humano e suas várias constituições.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; Bipolaridade; MerleauPonty.

Daniel Marcio Pereira Melo

Docente do curso de Psicologia – Possui titulação de Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza e é especialista em Psicologia Hospitalar - Universidade de Fortaleza.

Endereço eletrônico: danielmpmelo@hotmail.com

Deborah Fernandes Vieira Lôbo

Docente do curso de Psicologia – Possui titulação de Mestre em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília UnB- Universidade de Fortaleza.

Endereço eletrônico: deborahfvlobo@gmail.com

Raquel Moura da Conceição

Graduanda em Psicologia – Universidade de Fortaleza

Endereço eletrônico: raquel.moura_@hotmail.com

Sarah Montezuma Pinheiro Cabral

Graduanda em Psicologia – Universidade de Fortaleza

Endereço eletrônico: sarah-pinheiro@hotmail.com

6.36. PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA PROPOSTA DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA

(NARRATIVAS DE UMA DUPLA DE PLANTONISTAS)

Ana Flávia Pereira Souto (PUC Minas campus Poços de Caldas)

Ronny Francy Campos (PUC Minas campus Poços de Caldas)

Tainara Gomes Targino (PUC Minas campus Poços de Caldas)

Ciente de que a formação profissional para a atuação em saúde configura-se como questão atual, e atento também às novas demandas de atenção psicológica à comunidade, o curso de Psicologia da PUC Minas em Poços de Caldas vem procurando estabelecer outras possibilidades de atuação e intervenção, rompendo, de algum modo com o fazer clínico tradicional e deslocando-se em direção a outra modalidade de clínica, “clínica-ampliada”, a partir da proposta de atenção psicológica denominada Plantão Psicológico, o que nos lança a um primeiro contato de atendimento clínico. As mudanças de parâmetros na formação e na atuação do psicólogo são urgentes e vêm muito mais das exigências da população brasileira do que de reflexões de teóricos brilhantes. Sabemos que a mudança nos modelos vigentes de formação universitária, tornou-se uma etapa necessária para avançarmos e nos aproximarmos das diretrizes do SUS. Com isso, a proposta de Plantão Psicológico entendida como uma prática pontual, na qual o plantonista deve estar à disposição para atender aquele que o busca no momento de sua necessidade, com um tempo determinado, veio a ser adotada pela Clínica-Escola do Curso de Psicologia da PUC Minas em Poços de Caldas, porém sendo proposta ali como “porta de entrada” para todos os que buscam os serviços de atendimento psicológico nesta universidade, como também para nós – estudantes do curso de psicologia – que iniciamos nossos estágios de intervenção. Para este trabalho, utilizamos a Narrativa como método de compreensão de nossa experiência clínica. Recorremos à NARRATIVA – no seu formato de história oral - como proposta FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL de pesquisa em psicologia clínica. Desse modo, narraremos nossas experiências de plantonistas em psicologia, atentando ao serviço de Plantão Psicológico como uma proposta de atenção psicológica. A base teórica escolhida é a Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers. Mais precisamente, partimos do princípio rogeriano de que todo ser humano deseja, em qualquer circunstância, ser ouvido atentamente, compreendido honestamente e respeitado incondicionalmente na sua condição de sujeito. Espera-se com isso que a função básica do plantonista seja a de escutar e acolher aquilo que o cliente apresenta no momento exato da sua angústia. Concluímos então, na nossa primeira experiência, que os princípios básicos (*aceitação incondicional, congruência e empatia*) indicados por Carl Rogers em suas obras são suficientes para ajudar as pessoas a procurarem fazer alguma coisa por si mesmas e aprenderem a se posicionar mais satisfatoriamente diante dos problemas que elas mesmas experienciam. Enfim, constatamos – nos nossos atendimentos - que as atitudes facilitadoras do plantonista (estagiário de psicologia) são extremamente relevantes para essa modalidade de atendimento psicológico. Conseguimos, também, constatar que as nossas posturas de facilitadoras foram suficientes para que o cliente se sentisse encorajado a expor aquilo que ele queria no momento do atendimento.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Narrativa; Clínica-Escola; Abordagem Centrada na Pessoa; Atenção Psicológica.

Ana Flávia Pereira Souto

Graduanda do curso de Psicologia da PUC Minas-Poços de Caldas.

Endereço eletrônico: anafpereiras@gmail.com

Ronny Francy Campos

Psicólogo, Pós-Doutor bolsista CNPq, especialista em Psicologia Clínica; Professor Adjunto nível IV na PUC Minas-Poços de Caldas.

Endereço eletrônico: ronnycampos@pucpcaldas.br

Tainara Gomes Targino

Graduanda do curso de Psicologia da PUC Minas-Poços de Caldas.

Endereço eletrônico: tainara.gomes.targino@gmail.com

6.37. PROJETOS IDEAIS E PROJETOS REAIS: SENTIMENTOS DE CULPA EM ANÁLISE EXISTENCIAL

Franciele Cabral Leão Machado (UEM/Centro Universitário Ingá)

Izabella Cardoso Da Silva (Centro Universitário Ingá)

Este trabalho se refere ao relato de experiência de atendimento em psicologia clínica no estágio de formação profissional, realizado no 5º ano de graduação no Centro Universitário Ingá –PR. Tomando como referência o existencialismo sartriano para a compreensão do caso, consideramos ressaltar os conceitos de liberdade e responsabilidade. Sartre, (1970) aponta que o ser humano está condenado a liberdade, se constrói através do olhar do outro, sendo influenciado por seu meio social. Sendo livre, tem a possibilidade de transcender as questões impostas, responsabilizando-se por seu existir. O processo terapêutico visa contribuir com a compreensão das possibilidades de escolhas, auxiliando o sujeito a existir de forma mais autêntica ao responsabilizar-se pelo modo como se escolhe. Além disso, os objetivos do estágio supervisionado busca aprimorar a formação acadêmica por meio da fundamentação teórica e prática clínica, como também a ampliação do acesso à psicoterapia gratuita à comunidade local. A cliente em questão tem 20 anos, é estudante, mora com os pais e três irmãs mais novas. Sua queixa inicial se referia à ansiedade e choro compulsivo sem causa aparente. Foram realizados 20 atendimentos durante o ano de 2016, com duração de 50 minutos. Dentre os métodos utilizados, ressaltamos a escuta fenomenológica, psicanálise existencial e método progressivo-regressivo, que visa compreender o indivíduo dentro de uma contextualização social e histórica. No decorrer dos atendimentos percebeu-se que a cliente sentia-se incompreendida por familiares e amigos. Buscou-se elucidar seu projeto existencial através do método comparativo da psicanálise existencial, levantando reflexões a respeito do modo como se escolhia na relação consigo mesma e nos relacionamentos interpessoais. A cliente sentia-se muito culpada quando cometia algum erro sendo intolerante a eles, trazendo em sua fala a necessidade de ser uma boa pessoa em diversos ambientes e relações. Através do processo psicoterapêutico, a cliente percebeu que suas crises de ansiedade e choro sempre vinham acompanhadas por sentimentos de culpa. Ressalta-se que o mesmo sentimento estava presente na fala da cliente em uma situação específica de sua infância, que pode ter contribuído com a manutenção de um cogito absolutizado. A forma como a cliente se apresentava nas relações demonstrava restrições de possibilidade no modo como se escolhe, se referindo a uma síntese de sua totalidade: dificuldade em se expressar, sentimentos de culpa e ansiedade, ocasionando como projeto a busca pela perfeição e conseqüente culpa por não atingir seus ideais. Por meio da psicoterapia foi possível auxiliar a cliente na compreensão de seu projeto existencial e suas possibilidades de se escolher de diferentes modos. A cliente apresentou melhora significativa na sua queixa inicial nas últimas sessões demonstrava maior nível de reflexão sobre suas ações. Salienta-se que o vínculo terapêutico, escuta fenomenológica e empatia foram essenciais para o desenvolvimento do processo terapêutico apresentado.

Palavras Chave: Psicoterapia fenomenológico-existencial; Psicanálise existencial; existencialismo sartriano.

Franciele Cabral Leão Machado

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduada em Psicologia Fenomenológico-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Mestre em Psicologia pela

Universidade Estadual de Maringá. Atua em consultório particular e como docente no Centro Universitário Ingá – UNINGÁ.
Endereço eletrônico: fran_leao@hotmail.com

Izabella Cardoso Da Silva

Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Ingá – PR.
Endereço eletrônico: cardoso.psico@gmail.com

6.38. PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Anna Karynne Melo (UNIFOR)

João Marcos de Araújo Leite (UNIFOR)

Virgínia Moreira (UNIFOR)

A emergência da Psicologia como campo de saber e sua aplicação na saúde ocorreram na década de 1970, período de grandes mudanças sociais, culturais e econômicas. Nesta época, a Psicologia se dirigiu à problematização da noção de saúde, divergindo do que era considerada sua questão central: a doença. Assim, iniciou-se a Psicologia da Saúde enquanto área de conhecimento e prática. No campo da Saúde Mental, a Psicologia tem sido tema de grande interesse nas investigações científicas, pois é necessário problematizar, principalmente, a sua interlocução com outros campos, e a importância das intervenções do psicólogo com o objetivo de favorecer a promoção da saúde dos usuários dos serviços de Saúde. Este trabalho tem como objetivo, à luz da fenomenologia existencial, reconhecer a articulação entre os campos saúde mental e psicologia. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura que partindo de um aporte qualitativo procura compreender e interpretar questões propostas a partir de dados coletados. Realizamos buscas nas bases de dados *SciELO*, *BVS* e *Lilacs* considerando os estudos publicados nos últimos seis anos (de 2010 até 2016), e partindo dos termos Saúde mental, Psicologia e sua combinação, sendo considerados os artigos que possuísem texto completo disponível no idioma português, contendo os descritores em seu título, resumo ou palavras-chave e publicados em periódicos de qualis A1, A2 e B1. Encontramos 185 artigos e analisamos 120. A importância deste método se dá principalmente por uma quantidade e complexidade crescentes no âmbito dos estudos em saúde, resultando na necessidade do desenvolvimento de artifícios delimitem tais estudos auxiliando na síntese de conhecimento e na possível aplicação destes na prática. Assim, elencamos categorias como relações com o trabalho, questões epistemológicas, políticas, considerações acerca da Reforma Psiquiátrica Brasileira, e a atuação do psicólogo aplicada à saúde mental. Com a análise das categorias, compreendemos que a consideração acerca da saúde mental ainda encontra-se muito situada em um contexto biomédico que se centraliza no conceito de doença e não no de saúde. Entendemos, ainda, que a psicologia no campo da saúde tem de modo incipiente, se apropriado de conhecimentos teórico e de uma prática pautada na ampliação de suas ações, numa compreensão coletiva. Tal prática envolve questões éticas, relativas à produção de cuidado e a fatores considerados não tecnológicos, como a responsabilidade, o afeto e implicação nas suas ações. No entanto, verificamos que os profissionais da psicologia ainda se encontram excluídos do contexto da saúde mental e coletiva e que, pelas diminutas publicações sobre o tema, não realizam o diálogo político necessário a fim de ingressar nessa área estando, a profissão e os profissionais, ainda muito guiados por um viés clínico individual, sendo este um dos problemas teóricos e práticos da Psicologia: o centramento na psicoterapia (individual). Portanto, consideramos que apesar da psicologia da saúde estar aos poucos se aproximando do âmbito da saúde mental, existem muitos desafios tanto no que diz respeito ao entendimento do processo saúde-doença pelos profissionais de psicologia quanto nas capacidades de relação interdisciplinar como prevê as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: Psicologia; Saúde mental; Revisão sistemática de literatura

Anna Karynne Melo

Doutora em Saúde Coletiva (UFC/UECE/UNIFOR). Professora do curso de graduação de Psicologia da UNIFOR. Professora colaboradora da Pós-Graduação em Saúde Coletiva UNIFOR. Coordenadora do Financiamento do projeto Saúde Mental Psicologia e Fenomenologia: compreendendo a interlocução entre os campos de saber, Edital 06/2016 Auxílio à pesquisa Jovens Pesquisadores, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, projeto 2028.

Endereço eletrônico: karynnemelo@unifor.br

João Marcos de Araújo Leite

Graduando em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Bolsista de iniciação científica do laboratório APHETO- Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica, Financiamento do projeto Saúde Mental Psicologia e Fenomenologia: compreendendo a interlocução entre os campos de saber, Edital 06/2016 Auxílio à pesquisa Jovens Pesquisadores, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, projeto 2028.

Endereço eletrônico: joaomarcosleite09@gmail.com

Virgínia Moreira

Bolsista em Pesquisa CNPq- PQ2:Fenomenologia Clínica como Intervenção Terapêutica. Financiamento Edital 05/2016 Financiamento Complementar à Pesquisa, Universidade de Fortaleza – UNIFOR – projeto 1965. Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR coordena o APHETO.

Endereço eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6.39. PSICOLOGIA NO CRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES SOB UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Laís dos Santos Almeida (UFF)

O pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, compreendido historicamente como uma ontologia fenomenológica, nos fornece importantes elementos para uma compreensão de homem a partir da abertura mais originária e fundadora de sentido, co-originária de outros aspectos essenciais da existência humana. Em sua principal obra, *Ser e tempo*, de 1927, o filósofo da floresta negra desenvolve o que vai chamar de uma analítica das estruturas ontológicas do *ser-aí*. O presente trabalho se propõe a lançar um olhar de base fenomenológica sobre o evento “Roda de Conversa para Psicólogos que Trabalham nos Centros de Referência de Assistência Social na Cidade de Campos dos Goytacazes”, encontro este decorrente de um projeto de extensão desenvolvido no curso de psicologia na Universidade Federal Fluminense, na referida cidade. A socialização das experiências vivenciadas em suas práticas cotidianas surge aqui como um importante fenômeno possibilitador de um processo de apropriação mais rigorosa de suas formas de atuação e, por conseguinte novas possibilidades de sentidos e ações cotidianas. Inspirados na compreensão fenomenológica de Heidegger presente em *Ser e tempo* acreditamos encontrar meios possíveis de uma tematização mais vigorosa de algumas estruturas ontológicas constitutivas do ser aí enquanto abertura, e estruturante dos seus modos de pensar, agir e ser. As noções de impessoalidade e cuidado, na sua dimensão das relações de ocupação serão os focos centrais de nossas reflexões. Entendemos que tal trabalho se justifica por se propor a dar maior visibilidade e tematização sobre as ações dos profissionais da psicologia nas instituições de propostas ressocializadoras mediante uma metodologia de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo com os profissionais do campo psi nas dinâmicas aqui intituladas como Rodas de conversas. Entendemos que, numa contemporaneidade cada vez mais assujeitadas às lógicas e ditames da instrumentalização e da técnica, é de mister valor empreitarmos olhares atentos às construções da tradição metafísica que restringem os fazeres às suas dimensões puramente tecnicistas e abrimos campos de tematizações mais rigorosas sobre eventuais reducionismos planejadores de modos de pensar e agir mais restritos às dimensões representacionais do existir. Para além olhares decodificadores de ações, esta pesquisa se propõe a ser mais um viés de desvelamento de possibilidades na facticidade do existir humano na dimensão da ação e compreensão no campo profissional da psicologia.

Palavras-chave: Fenomenologia; CRAS; Martin Heidegger.

Laís dos Santos Almeida

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG)

Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial);

Endereço eletrônico: lais.almeiida@gmail.com

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFF; Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós graduação em Psicologia da UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia. Professor Adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE).

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

6.40. QUANDO A DOR CORTA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA AUTOMUTILAÇÃO NA CLÍNICA

Dalila Lopes (UNIVASF)

Fágner de Jesus Nascimento (UNIVASF)

Géssica Larissa Barbosa (UNIVASF)

Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Esse trabalho descritivo analítico busca desenvolver uma compreensão fenomenológica existencial heideggeriana de um fenômeno recorrente na clínica psicológica contemporânea: a automutilação. Trata-se de um relato de experiência cujo eixo norteador das reflexões é a própria experiência dos autores ao realizarem psicoterapia (seguidos de supervisão clínica) com adolescentes de 12 a 17 anos em uma clínica-escola do nordeste brasileiro. A automutilação consiste em um conjunto de comportamentos autolesivos/autoinfligidos com a finalidade de minimizar a dor decorrente de um sofrimento psíquico. Tal prática vem sendo disseminada entre adolescentes, sobretudo do sexo feminino, e encontra nas redes sociais a principal ferramenta de divulgação. A partir dos diversos atendimentos realizados no último ano com adolescentes, constatou-se que todas eram do sexo feminino e traziam, em seus relatos, episódios de automutilação e queixas de conflitos familiares. Além disso, apresentaram histórico de abuso sexual, dificuldades de expressão emocional, humor deprimido, ideação suicida, distorções da imagem corporal, episódios de *bullying*, autoestima rebaixada, isolamento social e insatisfação com o modo de ser/estar no mundo. Ao se mutilarem, as adolescentes relataram sentir alívio seguido de culpa, já que momentaneamente, a dor da alma fora suplantada pela dor física, servindo a automutilação como ‘válvula de escape’ para a livre expressão do vivido. Trata-se de um fenômeno complexo que demanda pesquisas para fins de maior esclarecimento e manejo. Representa um desafio para pais, educadores e profissionais de saúde, haja vista a alta incidência e precocidade do evento, o qual pode se agravar na ausência de redes de apoio e de cuidado especializado. A escuta clínica ilustra que o mal-estar dessas adolescentes aponta para modos de ser/estar no mundo da sociedade de consumo, caracterizada pela rapidez dos acontecimentos e avidez por novidade, pelo individualismo, pela superexposição pública e pela busca de padrões estéticos e moralizantes. Essa mesma sociedade exclui as possibilidades de acolhimento e reconhecimento do diferente, daquilo que se transforma para além do que foi imposto. Quando a dor literalmente corta, ela também está em busca de outras vias de expressão para as experiências que não puderam ser pensadas, nomeadas ou ditas. Em seus relatos, as adolescentes apontam o processo psicoterápico como um espaço de visibilidade e reconhecimento da sua dor, que tende a ser resignificada por meio da escuta não moralizante, do espaço dialógico de cuidado e das estratégias de enfrentamento construídas com o psicólogo. Assim, os episódios de automutilação tendem a ficar mais espaçados e até cessarem, sobretudo quando há intervenções conjuntas envolvendo família e pessoas de referência. Conclui-se que a automutilação limita as possibilidades de abertura do ser, limitando-o em tentativas mal sucedidas de preenchimento do vazio e fuga da angústia, podendo trazer complicações somáticas. Diante disso, cabe ao psicólogo ampliar a compreensão do seu saber-fazer clínico, levando em consideração a articulação com outros saberes e com a rede de cuidados. Por fim, o desafio consiste em não se limitar a uma mera leitura patologizante do fenômeno e, nem tampouco, a uma conduta negligente que banaliza, exclui e/ou não reconhece/legitima o diferente.

Palavras-chave: automutilação; adolescentes; psicólogo; Fenomenologia Existencial.

Dalila Lopes

Graduanda em psicologia UNIVASF.

Endereço eletrônico: dalilalovely@hotmail.com

Fágner de Jesus Nascimento

Graduando em psicologia UNIVASF.

Endereço eletrônico: fagnernascimento@gmail.com

Géssica Larissa Barbosa

Graduanda em psicologia UNIVASF.

Endereço eletrônico: larissa_agribahia@hotmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

Psicóloga. Doutora em Psicologia. Docente da UNIVASF e Coordenadora do Laboratório de Estudos e Práticas transdisciplinares em Saúde e Educação/LETRANS)..Tutora do PET-Saúde GraduaSUS/UNIVASF.

Endereço eletrônico: silviamorays@yahoo.com.br

6.41. REDESCOBRINDO O VIVER: SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES À EXPERIÊNCIA DO DIAGNÓSTICO DE HIV/AIDS

Cleison Guimarães Pimentel (Faculdade Metropolitana de Manaus)

A adolescência é um período caracterizado por contínuas mudanças, a nível físico e social, que geram implicações na construção da identidade, nas ações do indivíduo e na forma de ver o mundo, período também marcado pela adoção de comportamentos de risco e experiências de vulnerabilidade, tais como o contato precoce e de maneira despreparada com a sexualidade, acarretando em diversas situações o diagnóstico de DSTs/AIDS. A experiência da vivência do diagnóstico de HIV/AIDS com adolescentes é uma temática de extrema importância nos dias atuais, tendo em vista que, o Estado do Amazonas apresentou um crescimento vertiginoso nos últimos anos. Diante do diagnóstico desvendar o ser-no-mundo-sendo-adolescente com AIDS significa adentrar suas vulnerabilidades e compreender as várias dimensões aí presentes. Dessa maneira, esta pesquisa nasceu do projeto de dissertação de mestrado vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, realizado durante os anos de 2015 e 2016, e tem como objetivo compreender, à luz da Fenomenologia-Existencial, os sentidos atribuídos por adolescentes à experiência do diagnóstico de HIV/AIDS, o significado em seus discursos. Para realizar este estudo foi utilizado o viés qualitativo em pesquisa e como método o Fenomenológico de Pesquisa em Psicologia, entendendo que dessa maneira, a partir de seu mundo vivido, adviria a compreensão do modo como os participantes vivenciaram a experiência pesquisada. A partir dos discursos foram apreendidas Unidades de Significados que originaram as seguintes Categorias de Análise: 1. A vivência do diagnóstico de HIV/AIDS e suas particularidades; 2. Temporalidade e diagnóstico de HIV/AIDS; 3. Ser-com-o-outro e o adolescente convivendo com HIV/AIDS; e 4. O afeto presente na vivência do diagnóstico. As categorias serviram para compreender a existencialidade desses adolescentes diante do diagnóstico de HIV/AIDS, possibilitando a síntese compreensiva do fenômeno “ser-adolescente-convivendo-com-o-diagnóstico-de-HIV/AIDS”. O estudo revelou que a experiência do diagnóstico de HIV/AIDS é significado como um momento de grande impacto e geratriz de modificações acentuadas nos mais variados setores da vida: pessoal, familiar e social. Evidenciando aqui a vivência do diagnóstico, primeiros sintomas, efeitos colaterais da medicação, conflitos emocionais e sociais, preconceito, a dor na comunicação do diagnóstico, perspectivas e preocupação com o futuro, mas com possibilidades de superação.

Palavras-chave: Adolescência, HIV/AIDS, Diagnóstico, Psicologia Fenomenológico-Existencial, Método Fenomenológico.

Cleison Guimarães Pimentel

Psicólogo e Professor universitário. Mestre em Psicologia e Processos em Saúde e especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-existencial. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus.

Endereço eletrônico: cp_dwarf@hotmail.com

6.42. RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA: A COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA DO BRINCAR A LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Adller da Silva de Oliveira (FAMETRO)

Adria de Lima Sousa (FAMETRO)

Andreya da Silva Cabral(FAMETRO)

Ruth da Silva Oliveira(FAMETRO)

As contribuições de Merleau-Ponty evidenciam a possibilidade de compreender a relação no mundo com o corpo, a partir da experiência de um mundo da vida. A infância é um período de implicações constantes no desenvolvimento humano. Brincar é uma das possibilidades inerentes a essa fase. Os avanços tecnológicos e as novas configurações do mundo contemporâneo têm proporcionado novos modos de brincar que aproximam as crianças de telas negras (tablets, computadores, smartphones e afins) e distanciam do contato com elementos encontrados na natureza, como a grama, galhos de árvores, areia e as próprias pedras inerentes ao caminho. Acredita-se que os parques verdes urbanos apresentam um diferencial quando oferecem a possibilidade de um brincar ao ar livre em maior contato com a natureza. Compreender como ocorre essa vivência de brincar para essas crianças a partir do olhar de seus cuidadores constitui objetivo da presente pesquisa realizada pelo PAF – Grupo de Pesquisas Amazônicas em fenomenologia. A pesquisa apresentada possui caráter qualitativo, abordando o método fenomenológico-existencial e encontra-se em desenvolvimento. A natureza da pesquisa qualitativa apresenta um nível de realidade o qual não pode ser quantificado. Primeiramente será realizado um levantamento bibliográfico. Posteriormente após a realização dos procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos será realizada entrevistas semiestruturada com cuidadores de crianças que frequentam um determinado Parque Verde Urbano da Cidade de Manaus. A análise será realizada buscando unidades de significado para a compreensão do fenômeno situado. Os resultados alcançados até o momento surgem a partir da análise do referencial teórico existente que permite constatar que as crianças que brincam em contato direto com a natureza, vivenciam um saber diferenciado que não está disponível nos livros e nem internet, nem nas explicações mediadas por seus cuidadores, mas na sua transformação do mundo que a circunda. São experiências vividas com e pelo corpo. Entretanto os dados de campo levarão de fato a compreensão desse fenômeno que só pode ser entendido a partir da relação pessoa-ambiente, isto é, da relação criança-natureza de forma singular. Nesse sentido evidencia-se a relevância de pesquisas que abarquem o método fenomenológico-existencial que busca compreender o fenômeno a partir das descrições da experiência vivida.

Palavras-chave: Natureza; desenvolvimento infantil; método fenomenológico-existencial; parque verde urbano.

Adller da Silva Oliveira

Acadêmico do 7º período de Psicologia da FAMETRO.

Endereço eletrônico: adller.chames@gmail.com

Adria de Lima Sousa

Psicóloga, Mestra em Psicologia pela UFAM e Professora na FAMETRO.

Endereço eletrônico: adriadylima@hotmail.com

Andreya da Silva Cabral

Acadêmica de Psicologia do 7º período da FAMETRO.

Endereço eletrônico: andreyacabralasc@gmail.com

Ruth da Silva Oliveira

Acadêmica de Psicologia do 7º período da FAMETRO.

Endereço eletrônico: ruthbem@hotmail.com

6.43. TRANSTORNOS ALIMENTARES: POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO ATRAVÉS DO OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NA PSICOLOGIA CLÍNICA

Bruna Mota Vieira (UFF)

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Fernanda Galo Gentilin (UFF)

Este trabalho tem como principal objetivo ilustrar uma possibilidade de compreensão dos transtornos alimentares, a partir de uma compreensão fenomenológica, na psicoterapia. Neste escrito, nos propomos a discorrer sobre três destes ditos transtornos: a anorexia nervosa, a bulimia nervosa e a compulsão alimentar. A partir de leituras de Edmund Husserl e Martin Heidegger, realizadas no GEPAFE (Grupo de Estudos, Pesquisa e Produção de Artigos em Psicologia Fenomenológica e Existencial) na Universidade Federal Fluminense – UFFPUCG tornou-se concebível a realização de um apanhado bibliográfico com possíveis compreensões dos transtornos alimentares supracitados através de ideias tais como *Lebenswelt*, Intencionalidade e *Gellasseinheit*. O intuito neste escrito é fazer uma articulação entre os pensamentos de Husserl e Heidegger na tentativa de compreensão do horizonte de sentidos em que a questão alimentar se dá na vida de homens e mulheres, enquanto *dasein*. Para Husserl o conceito de *Lebenswelt* (mundo da vida) indica nossas formações de sentido e assim, tudo aquilo que tomamos como referência, incluindo os hábitos alimentares. Husserl diz que o modo de ser humano é uma correlação entre consciência e mundo, assim chegamos ao que é chamado de Intencionalidade. Consciência e objeto como um modo de ser. *Lebenswelt* significa não apenas construção humana, mas, ao mesmo tempo, uma construção constituída e carregada por história, linguagem, cultura e valores. Assim, inseridos numa sociedade que contempla o corpo magro, interroga-se aqui como *Lebenswelt*, nas palavras de Husserl e horizonte de sentidos em Heidegger podem estar diretamente articulados com o ideal de atingir um corpo perfeito a qualquer custo. Em função da pouca literatura no campo fenomenológico que aborde mais detidamente a referida temática, entendemos que a pesquisa se justifica no sentido de ampliar tais produções neste viés de reflexão, além de problematizar a noção de doença na compreensão fenomenológica a partir de um discernimento de enfermidade como algo não descontextualizado entre homem/mundo. Por último, é importante ressaltar que, no trabalho clínico, pretende-se e pode-se tornar possível uma compreensão diferenciada do significado que o ser-aí destina ao seu processo alimentar e que através do exercício da *epoché* e *Gellasseinheit* terapeuta e cliente possam criar possibilidades de ampliação de sentidos, propiciando um esforço num sentido de uma clínica mais atenta às historicidades e transversalidades ontologicamente estruturantes deste ente que somos.

Palavras-chave: Fenomenologia; Transtornos Alimentares; Psicologia Clínica.

Bruna Mota Vieira (UFF)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG); Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial).

Endereço eletrônico: brunamotavieira@hotmail.com

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFF; Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós graduação em Psicologia da UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia. Professor Adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE).

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Fernanda Galo Gentilin

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG); Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial).

Endereço eletrônico: galo.fer@hotmail.com

6.44. UMA COMPREENSÃO DO FENÔMENO DO SUICÍDIO A PARTIR DO CUIDADO-DE-SI NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Ingrid de Souza Manhães (UFF)

Laís dos Santos Almeida (UFF)

Priscila Neves Moreira (UFF)

O presente trabalho parte de uma reflexão baseada no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, que em sua fenomenologia hermenêutica edificada em sua obra de 1927 *Sein und Zeit* aborda o que chama de estruturas fundamentais do existir humano. Heidegger, questionando todas as definições de "Homem", estabelece a noção de "ser-aí" (*Dasein*), referindo-se à condição ontológica do existir humano de estar lançado no mundo. Sendo lançado em um horizonte hermenêutico que lhe proporciona algumas possibilidades, o *Dasein* se depara com a morte como sendo sua possibilidade mais própria e, ao mesmo tempo, mais angustiante. Há, porém, diversas formas de encarar a condição de ser-para-a-morte. Na referida obra, Heidegger lança mão do conceito de cuidado (*Sorge*) como constituinte fundamental da existência, pois refere-se aos modos de ser do *Dasein*, o qual entende-se como cuidado-de-si. Considerando-o, então, como uma apreensão da condição de ser-aí, lança-se uma reflexão sobre o suicídio, ou seja, um ato voluntário de se escolher colocar fim à sua própria existência, como uma possível forma de cuidado-de-si. Este *Dasein* encontra-se imerso em uma cotidianidade que superficializa sua existência, em uma tentativa de sufocar a angústia do ser-para-a-morte. Tal angústia, porém, pode levar o sujeito ao ato extremo de desespero, uma vez que não suporta sua condição existencial e decide escolher a única possibilidade que lhe é certa, a morte. Sendo assim, o *Dasein* estabelece um sentido próprio para o ato de pôr fim à própria vida, e relacionando-se com sua existência de uma forma comumente decaída no impessoal, o *Dasein* exercita o cuidado-de-si. Este trabalho busca concluir que o fenômeno do suicídio no contexto da psicoterapia deve ser analisado de forma que compreenda essa atitude como uma possibilidade de apropriação *Dasein* e de seu projeto existencial diante da totalidade de sua existência. Sendo assim, discute-se sobre a postura do terapeuta na lida com pacientes que apresentam um quadro de ideação suicida, frequentemente apresentando um campo de possibilidades com alto grau de restrição de sentidos e perspectivas de vida depreciadas. Ademais, consideramos fundamental que essa compreensão e reflexão do fenômeno do suicídio não se limite apenas ao saber psicológico, mas se estenda aos demais profissionais da saúde que também, de alguma forma, lidam com o sofrimento humano em suas atividades laborais.

Palavras-chave: fenomenologia; cuidado; suicídio; psicoterapia.

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFF; Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós graduação em Psicologia da UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia. Professor Adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial

(GEPPFE).

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Ingrid de Souza Manhães

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG);
Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-
Existencial).

Endereço eletrônico: manhaes.ingrid@yahoo.com.br

Laís dos Santos Almeida

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG);
Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-
Existencial).

Endereço eletrônico: lais.almeiida@gmail.com

Priscila Neves Moreira

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG);
Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-
Existencial).

Endereço eletrônico: pnmoreira@id.uff.br

6.45. UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO FILME MALÉVOLA RELACIONADA AOS TEMAS DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Camila Zimmer de Souza Beuter (UNIPAR)

Cleina Roberta Biagi (UNIPAR)

Débora Soares (UNIPAR)

O objetivo deste trabalho é analisar a personagem Malévola, através do conteúdo do filme de mesmo título, uma reprodução do conto de fadas A Bela Adormecida, mostrando desta vez a personagem conhecida como a vilã da história, a bruxa má, que roga uma terrível praga sobre a princesa. Através da visão fenomenológico-existencial, procura-se evidenciar seu projeto original e a construção da sua auto imagem, desconstruindo a ideia de uma mulher simplesmente malvada, bem como abordar temas centrais da Psicologia existencialista. A metodologia utilizada é uma análise de conteúdo do filme, correlacionando-o com pesquisas teóricas sobre a fenomenologia e o existencialismo. Em nenhum momento buscou-se justificar as escolhas e os comportamentos de Malévola, mas assim como diz a fenomenologia que se deve estar atento ao fenômeno e ao que ele traz sem pré-conceitos e julgamentos, buscou-se compreender a forma que ela vivenciou as situações de sua vida, os sentimentos que demonstrava possuir em algumas cenas, o que ela fez com o que fizeram dela e ainda o quanto autêntica foi em suas escolhas. Este filme foi escolhido principalmente por Malévola apresentar sentimentos e atitudes, por vezes contraditórios, compreendidos através de conceitos explorados pelo existencialismo e também identificados na prática clínica do estágio supervisionado das autoras. Sentimentos como angústia, solidão, culpa, desespero, entre outros, se fazem presentes no cotidiano das pessoas e nas clínicas de Psicologia. A escolha dessa metodologia de pesquisa foi pensar nas possibilidades que as fantasias proporcionam no sujeito que está no processo de se observar e se perceber no mundo. A fantasia dos contos instiga a auto-observação, pois esses trazem dilemas universais que podem ajudar o homem em seu processo de crescimento. Desde a infância, para sobreviver psiquicamente o sujeito cria fantasias para conseguir vencer angústias e colocar em prática seus desejos. Portanto, pode ser utilizado no processo terapêutico como um instrumento para trabalhar os canais de comunicação do sujeito, para que consiga se expressar, verbalizar conteúdos que muitas vezes não consegue externalizar, sendo possível trabalhar com crianças, adolescentes e adultos na prática a partir dos diversos sentimentos que os contos ou filmes despertam e também no sentido da identificação do cliente com personagens e cenas ou situações que podem propiciar auto-conhecimento, a partir disso pode-se viabilizar seu leque de possibilidades de ser e criar diferentes modos de agir e se relacionar com o mundo, buscando ser autêntico. Concluindo, através de um diálogo entre cinema e psicologia, este trabalho teve o intuito de mostrar uma visão diferenciada da personagem título e provocar reflexões filosóficas a partir da abordagem fenomenológico-existencial sobre a existência, tornando possível vislumbrar um outro olhar sobre a relação homem-mundo da personagem, uma visão não determinista, mas fenomenológica, relacional. Malévola não “é” vilã, ela procurou o tempo todo defender seu modo de ser: proteger seu mundo.

Palavras-chave: Análise de filme; Malévola; Psicologia Existencialista.

Camila Zimmer de Souza Beuter

Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense-UNIPAR, Campus Cascavel-PR.

Endereço eletrônico: camilinha_zds@hotmail.com

Cleina Roberta Biagi

Docente e orientadora de Estágio Supervisionado na Universidade Paranaense – UNIPAR, pós-graduada em Adolescência pela PUC/PR e em Psicologia Fenomenológico Existencial, pela UNIPAR.

Endereço eletrônico: cleina@unipar.br

Débora Soares

Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense-UNIPAR, Campus Cascavel –PR.

Endereço eletrônico: deebora_dsx@hotmail.com

6.46. UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SARTREANA ACERCA DO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA CONTEMPORANEIDADE

Débora de Sousa Rodrigues (UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)

Ingrid Coelho Borges Pragmácio (UNIFOR)

Isabel Maria de Araujo Botelho (UNIFOR)

Há registros de que o consumo de substâncias psicoativas pelo homem é uma prática milenar associada a hábitos e costumes de diversas sociedades. Atualmente, o consumo de tais substâncias continua sendo um fenômeno recorrente e frequentemente reconhecido como um problema de saúde pública, causador de desorganizações sociais, acarretando uma perspectiva negativa do seu consumo como uma patologia. A perspectiva psicopatologizante do uso de substâncias psicoativas descreve os seus usuários como detentores de desvio de caráter, de falha nos valores morais ou de outros transtornos psicopatológicos, perdendo uma perspectiva mais ampliada a respeito do seu consumo. Neste trabalho, adotaremos o termo “substâncias psicoativas”, ao invés do termo “droga”, por acreditarmos que tal expressão está impregnada de concepções que levam a crer que as “drogas” são da ordem do patológico, da marginalidade e da ilegalidade, além de remeter a uma perspectiva meramente química. Uma substância psicoativa, em si mesma, é inerte, não produzindo qualquer efeito até ser buscada por uma pessoa, que a deseja, que tem expectativas em relação ao seu uso. Também está relacionada ao contexto ou a cultura da pessoa que a consome e, conseqüentemente, aos valores morais e sociais a respeito do seu uso. O presente trabalho tem como objetivo analisar o consumo de substâncias psicoativas a partir do olhar fenomenológico existencial de Jean-Paul Sartre, discutindo os seus conceitos de liberdade, angústia e má-fé. O homem, em sua existência, devido à liberdade que o caracteriza, realiza escolhas e projeta o seu vir-a-ser a partir da sua vivência no mundo. Ele é responsável pelas suas escolhas, e, portanto, pelas conseqüências dos seus atos, o que gera angústia. Assim, ao tentar negar o peso da responsabilidade que não pretende assumir, o homem cria condutas de fugas, que Sartre denominou de atitudes de “má-fé”. A má-fé não pode ser considerada numa conotação moral, mas apenas como um erro que foi escolhido para camuflar uma condição existencial: a angústia. A consciência de sua angústia desvela a vulnerabilidade do ser humano, abrindo a possibilidade do uso de substâncias psicoativas como via de acesso a uma vida mais suportável ou agradável, num movimento realizado na tentativa de sobreviver ou de existir sem angústia. Como metodologia deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir da consulta em livros, artigos e publicações on-line. Dentre os resultados da investigação sobre o uso de substâncias psicoativas na contemporaneidade, destaca-se o contexto hipermoderno atual em que os sujeitos estão inseridos, um tempo de urgência de ser feliz e de fuga da angústia.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Sartre; Consumo; Substâncias Psicoativas; Contemporaneidade.

Débora de Sousa Rodrigues

Graduanda em Psicologia, Aluna de Iniciação Científica - Voluntária - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: deborasousar@outlook.com

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo, Mestre em Educação (UFC) - Doutor em Sociologia (UFC), Pós-doutor em Filosofia Prática (UBI – Portugal) - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: geoboris@uol.com

Ingrid Coelho Borges Pragmácio

Psicóloga, Especialista em Dependência Química (UNICHRISTUS), Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: ingridborges@hotmail.com

Isabel Maria de Araujo Botelho

Educadora Física, Especialista em Arte e Educação (IFCe), Mestranda em Psicologia (UNIFOR) - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

Endereço eletrônico: bel_botelho@hotmail.com

6.47. UMALENTE FENOMENOLÓGICA NA COMPREENSÃO DA DEPENDÊNCIA DE INTERNET

Louise Macedo (UNIFOR)

Raone Saraiva (UNIFOR)

Virgínia Moreira (UNIFOR)

Ao longo da História, diversos meios para facilitar o contato entre as pessoas foram criados. A Internet, por exemplo, surgiu a partir de transformações tecnológicas e se popularizou internacionalmente com a chamada revolução da informação e comunicação. Cada vez mais presente na sociedade atual, vem possibilitando novas formas de o sujeito se perceber e de ser percebido. Vista por alguns como imprescindível ao funcionamento contemporâneo, promete solucionar problemas que talvez tenham sido criados por ela própria. Paradoxalmente, à medida que facilita e instiga o acesso a informação e interação, o uso excessivo de Internet também é relatado por alguns autores como patológico. Por meio de uma revisão da literatura, o objetivo deste trabalho é articular conceitos das fenomenologias filosófica de Maurice Merleau-Ponty e clínica de Arthur Tatossian à compreensão do sujeito na dependência de Internet. Na concepção fenomenológica, o mundo vivido do sujeito (*Lebenswelt*) é construído através de suas experiências subjetivas e intersubjetivas, assumindo tanto um caráter singular quanto universal da realidade, o que dificultaria, a priori, a distinção entre real e virtual. Assim como homem e mundo estão entrelaçados, sujeito e cultura, exterioridade e interioridade, também são constituídos mutuamente. No âmbito da clínica, pessoas que fazem uso excessivo da Internet costumam relatar problemas físicos e emocionais que podem resultar em explicações engessadas e pragmáticas. Apesar do uso excessivo ser considerado um transtorno na atual sociedade, entendemos que esse fenômeno está intrinsecamente ligado às formas do homem se relacionar com o mundo e vivenciar sua rotina. Sua forma de pensar, de estudar, aprender e simplesmente conviver com os que estão à sua volta. Com base na lente da psicopatologia fenomenológica, podemos pensar para além do diagnóstico, para além de conceitos taxativos, rótulos tradicionais e superar as relações de causa e efeito, bem como as dicotomias, que costumam girar em torno das patologias, priorizando a descrição da experiência de adoecimento do sujeito e buscando compreender o movimento existencial humano. Por meio do pensamento ambíguo de Merleau-Ponty, apresentados em diversos trabalhos, e da psicopatologia de Tatossian, podemos compreender o fenômeno através dos múltiplos contornos que envolvem a relação entre homem e mundo.

Palavras-chave: Mundo Vivido; Contemporaneidade; Fenomenologia; Internet.

Louise Macedo

Psicóloga graduada e mestranda em Psicologia pela UNIFOR.

Endereço eletrônico: louisemacedo@hotmail.com

Raone Saraiva

Jornalista graduado pela UNIFOR, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC e mestrando em Psicologia pela UNIFOR.

Endereço eletrônico: raonesaraiva@hotmail.com

Virgínia Moreira

Psicóloga graduada pela UFC, pós-doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR.

Endereço eletrônico: virginiamoreira@unifor.br

6.48. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, COMO ISSO AINDA É POSSÍVEL? UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Gabriela Barcellos de Oliveira (PUC-SP)

O presente trabalho teórico pretendeu investigar o fenômeno da violência contra a mulher à luz da Fenomenologia Existencial, em especial a partir da discussão iniciada por Heidegger, na chamada “Era da Técnica”. Para tanto, realizou-se uma aproximação entre o histórico de violência e de luta feminina em suas mais diversas manifestações e a hermenêutica fenomenológica proposta por Martin Heidegger. A escolha da abordagem se deu pelo fato da Fenomenologia não compreender o homem como um ente que está no mundo, como algo que se encontra sobre uma coisa, mas sim como sendo *um com seu mundo*. Supera-se, desta forma, o paradigma cartesiano da separação entre sujeito-objeto que, em última instância, acaba por entender o homem e suas questões de forma fragmentada, encoberta. A fragilidade nas compreensões e reflexões mundanas sobre a violência contra a mulher traz à tona a necessidade de novas formas de se interpretar este fenômeno, inclusive na psicologia. A psicologia, inclusive, deve ter um olhar atento a esta forma de violência. A atuação do psicólogo se dá em CAPS, clínicas, hospitais, ambulatorios, escolas, empresas, abrigos, ONGs, havendo contato com o sofrimento humano em suas mais variadas expressões. Sendo a violência contra a mulher um fenômeno que deixa marcas profundas no emocional de suas vítimas, nos tornamos, enquanto profissionais, referências para a escuta das dificuldades e contradições que esta problemática pode trazer às mulheres. Buscou-se, assim, um “re-descobrir” do fenômeno da violência contra a mulher a partir de outra ótica que não a biologizante já naturalizada em nosso mundo. Foram exploradas, desta forma, quatro frentes de reflexão sobre este fenômeno de acordo com a ótica da fenomenologia existencial: O machismo como forma na qual vem se abrindo o poder-ser do homem; A violência contra a mulher enquanto uma expressão do poder-ser machista; A era da técnica e seu olhar mecanicista, que levam à previsibilidade sobre como homens e mulheres devem ser, contribuindo para o aparecimento e a perpetuação da violência; A era da técnica enquanto redutora de nossa capacidade de frustração, o que se estende para questão da violência contra a mulher graças à objetificação da mesma. Sabe-se, porém, que este estudo não foi capaz de compreender todos os aspectos relacionados a este tema. Não pretendeu-se, assim, esgotar a discussão sobre a temática proposta. Ao contrário, este é um recorte que almeja produzir um ensaio de um novo horizonte para a compreensão desta questão.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Fenomenologia; Era da técnica.

Gabriela Barcellos de Oliveira

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Endereço eletrônico: gabarcellosoliveira@gmail.com

6.49. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REFLEXÕES E DESNATURALIZAÇÕES FENOMENOLÓGICAS

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)

Herbert de Moraes Vieira (UFF)

Ingrid de Souza Manhães (UFF)

Rafaela Werneck Arenari (UFF)

O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo histórico no qual se constitui e avança o problema da violência contra a mulher, a partir de uma genealogia dos principais aspectos inerentes ao tema, frisando a opressão do feminino como um processo historicamente construído, e promovendo uma reflexão crítica a partir de um olhar fenomenológico. Para isso, faremos uma desconstrução da naturalização do fenômeno da violência, lançando mão das noções fenomenológicas de atitude natural, atitude filosófica e *epoché*, na busca de uma maior questionabilidade do que costuma ser exposto em nossa sociedade a respeito das naturalizações sobre a mulher e da violência a que ela tem sido submetida ao longo do tempo. Ademais, compreender o horizonte histórico onde o *ser-aí* se relaciona e está imerso sem determinações prévias é importante para a desconstrução dos fenômenos que muitas vezes são encarados como naturais, como por exemplo, a dominação masculina sobre o feminino e a violência. Estas noções são o foco de nossas reflexões, fruto de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e inspiração nas obras Conferências de Paris, de 1929, e Ser e Tempo, de 1927 dos filósofos alemães Edmund Husserl e Martin Heidegger. Por outro lado, através de um levantamento histórico feito a respeito de como as mulheres vêm sendo vistas pela sociedade, observa-se que este fato não é recente, sendo uma construção histórica reproduzida e padronizada por séculos a partir de uma lógica de inferiorização do feminino. Para uma melhor compreensão deste fenômeno, tomaremos por base um histórico feito de como a mulher era vista nas sociedades primitivas ocidentais, passando pela Idade média, até chegar na origem dos primeiros movimentos feministas já na revolução industrial, além de dados pesquisados no Instituto de Pesquisa Econômica, Instituto de Segurança Pública, e no mapa da violência, com o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz. Visto que a violência contra a mulher é uma das muitas formas na qual a opressão do feminino se expressa, entendemos que tal trabalho se justifica por se propor a dar maior visibilidade e tematização sobre o problema e discussão da violência contra a mulher, recorrentes em nosso contexto social. Sendo também um problema de saúde pública, consideramos importante o Estado promover debates junto à sociedade civil abordando questões relacionadas ao estudo de gênero, além de capacitar estudantes e profissionais da saúde a realizarem o devido acolhimento destas mulheres que sofrem, e muitas vezes não são acolhidas de forma apropriada. Concluímos que é dever do Estado garantir que as políticas públicas já existentes no país sejam de fato efetivadas com maior rigor, mais especificamente as políticas direcionadas à saúde, segurança e bem-estar das mulheres, as quais se apresentam como inseridas em um grupo de risco, competindo à sociedade em geral e, também, ao profissional da psicologia, estarem atentos e atuantes sobre tal tema, desvelando maiores possibilidades na dimensão da ação e compreensão do campo profissional da psicologia.

Palavras-chaves: Mulher; violência; fenomenologia; políticas públicas

Crisóstomo Lima do Nascimento

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFF; Mestre em estudos da subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de pós-graduação em Psicologia da UFF, com graduação, bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e com pós-graduação em Filosofia, na temática Existencialismo e Fenomenologia. Professor Adjunto da UFF (PUCG) e coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE).

Endereço eletrônico: crisostomoln@gmail.com

Herbert de Moraes Vieira

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG);

Endereço eletrônico: herb_vi@yahoo.com.br

Ingrid de Souza Manhães

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG). Participante do grupo GEPPFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial).

Endereço eletrônico: manhaes.ingrid@yahoo.com.br

Rafaela Werneck Arenari

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (PUCG).

Endereço eletrônico: rafaelaarenari@gmail.com